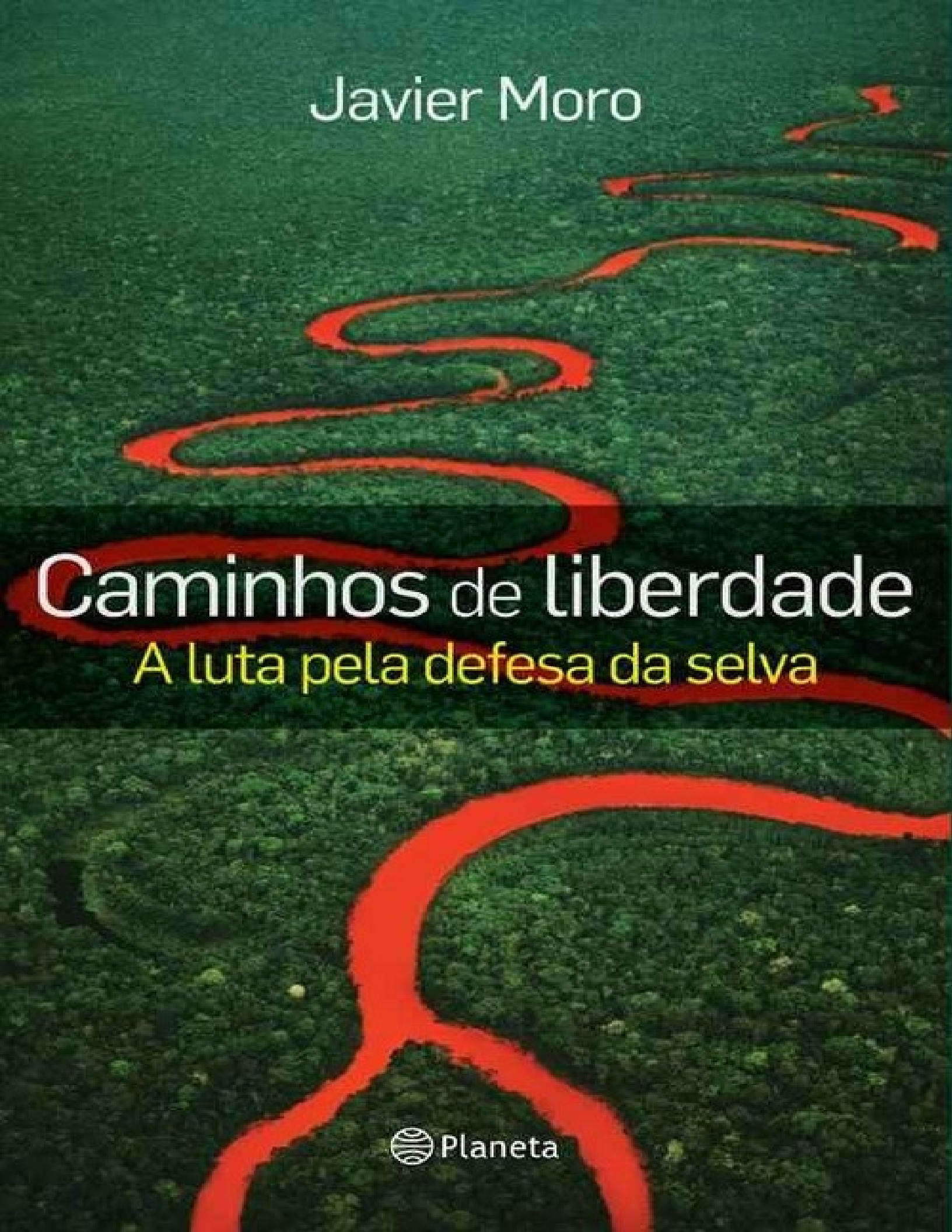

Javier Moro
Caminhos de liberdade
A luta pela defesa da selva
Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Javier Moro

Caminhos de liberdade

A luta pela defesa da selva

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

Planeta

Copyright © Javier Moro, 1992.

Título original: *Senderos de libertad*

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Moro, Javier

Caminhos de liberdade : a luta pela defesa da selva / Javier Moro ; tradução Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2011.

Título original: *Senderos de libertad.*

ISBN 978-85-7665-923-5

1. Conservacionismo – Região do Rio Amazonas 2. Conservacionistas – Brasil – Biografia 3. Desmatamento – Região do Rio Amazonas 4. Floresta tropical – Preservação – Região do Rio Amazonas 5. Mendes, Chico, 1944-1988 I. Título.

10-14011 CDD-333.75160981092

A meu pai

AGRADECIMENTOS

ESTE LIVRO NÃO TERIA EXISTIDO sem a colaboração de parentes e amigos, nem sem a paciência e a fé de meu editor. A cada um deles expresso minha mais profunda gratidão pelo empenho e pelo tempo que me concederam durante a longa pesquisa e a redação destes caminhos de liberdade. Como há pouco material escrito sobre os últimos conflitos na Amazônia, muitos dos fatos são resultado de longas conversas com cientistas, latifundiários, policiais, jagunços, camponeses, índios, garimpeiros, missionários e tecnocratas. Uns se arriscaram demais ao falar comigo; outros me pediram para permanecer no anonimato. A todos quero manifestar meu mais sincero reconhecimento pela valiosa ajuda e pela confiança que depositaram em mim.

Amamos nossos heróis [...]
Eles estão à altura dos mais belos sonhos do amanhã.

Paul Éluard

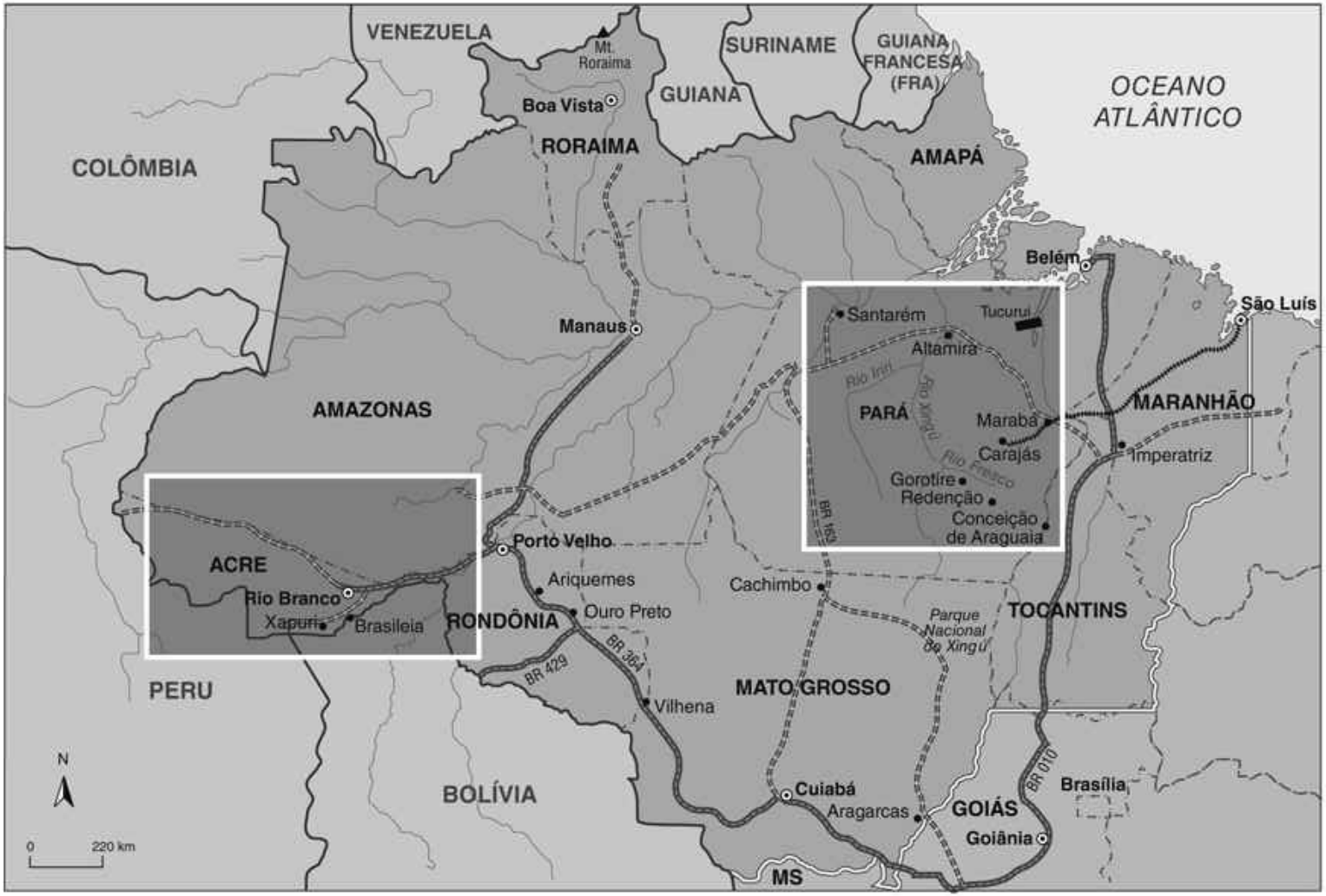
NOTA PRELIMINAR

Os fatos aqui narrados são verdadeiros. Os personagens descritos no livro existiram ou ainda existem. Porém, por questões de segurança, os nomes de alguns deles foram modificados. Também foi alterada a ordem cronológica de certos episódios para favorecer a continuidade dramática – mas observou-se total respeito aos fatos.

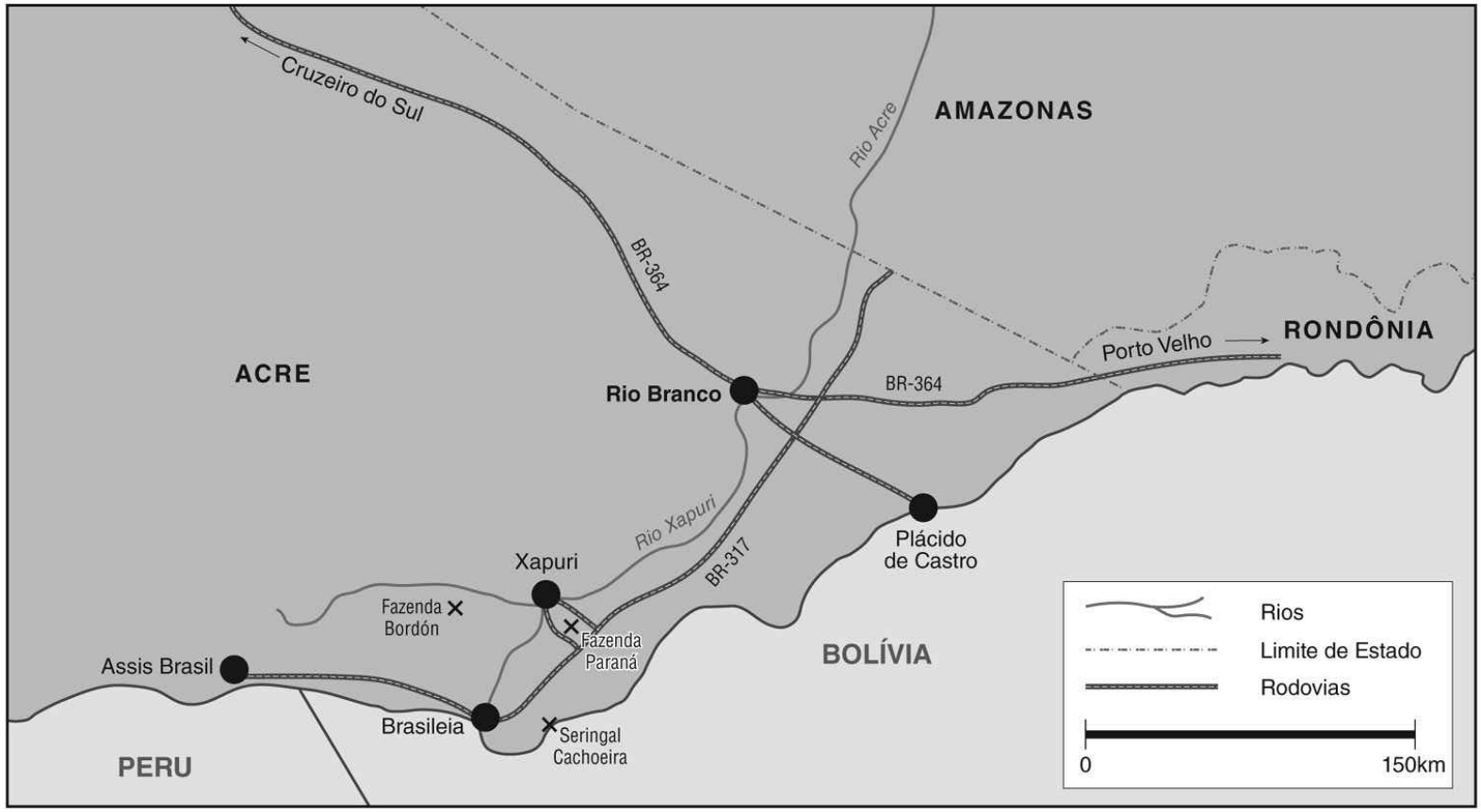
J. M.

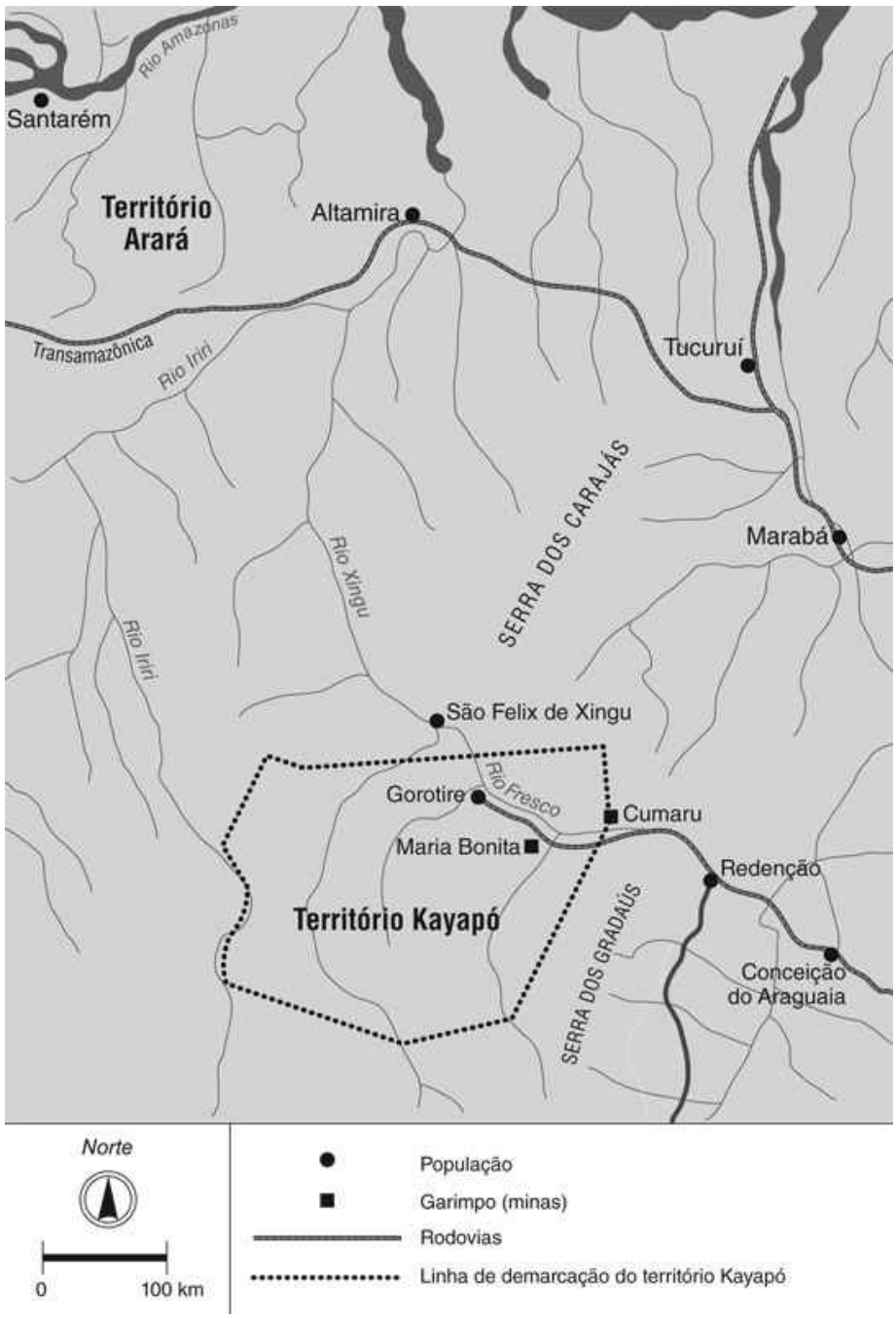

VENEZUELA
GUIANA
GUIANA FRANCESA (FRANÇA)
SURINAME
COLÔMBIA
RORAIMA
AMAPÁ
Rio Negro
EQUADOR
Manaus
Belém
Rio Solimões
Fortaleza
AMAZONAS
PARÁ
MARANHÃO
CEARÁ
RIO GRANDE DO NORTE
Rio Juruá
Rio Purus
Redenção
PARAÍBA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
Caruaru
Recife
ACRE
Porto Velho
Rio Branco
PERU
ALAGOAS
SERGIPE
TOCANTINS
RONDÔNIA
BAHIA
MATO GROSSO
GOÍAS
Brasília
BOLÍVIA
MINAS GERAIS
MATO GROSSO DO SUL
ESPÍRITO SANTO
SÃO PAULO
São Paulo
RIO DE JANEIRO
Rio de Janeiro
PARAGUAI
CHILE
PARANÁ
Curitiba
SANTA CATARINA
Turvo
OCEANO PACÍFICO
RIO GRANDE DO SUL
ARGENTINA
URUGUAI
OCEANO ATLÂNTICO

AMAZÔNIA


VENEZUELA
Mt. Roraima
SURINAME
GUIANA FRANCESA (FRA)
OCEANO ATLÂNTICO
Boa Vista
GUIANA
RORAIMA
AMAPÁ
COLÔMBIA
Belém
São Luís
Manaus
Santarém
Tucuruí
Altamira
Rio Iriri
Rio Xingu
PARÁ
MARANHÃO
AMAZONAS
Marabá
Carajás
Imperatriz
Gorotire
Redenção
Rio Fresco
Conceição do Araguaia
BR 163
Porto Velho
ACRE
Ariquemes
Cachimbo
Rio Branco
Ouro Preto
TOCANTINS
Xapuri
Brasileia
RONDÔNIA
Parque Nacional do Xingú
BR 429
BR 364
PERU
MATO GROSSO
Vilhena
N
BR 010
Brasília
BOLÍVIA
Cuiabá
Aragarcas
GOIÁS
Goiânia
0
220 km
MS

Acre Oriental




Rio Amazonas
Santarém
Território Arará
Altamira
Transamazônica
Rio Iriri
Tucuruí
SERRA DOS CARAJÁS
Marabá
Rio Xingu
Rio Iriri
São Felix de Xingu
Rio Fresco
Gorotire
Cumaru
Maria Bonita
Redenção
Território Kayapó
SERRA DOS GRADAÚS
Conceição do Araguaia
Norte
0
100 km
População
Garimpo (minas)
Rodovias
Linha de demarcação do território Kayapó

PRIMEIRA PARTE

A FERRO E FOGO

(1942-1954)

1

Desde a morte do galo, a família Eustáquio acordava com o choro das crianças. A cabana de bambu e barro, situada em um promontório que domina os campos secos do sertão, abrigava em seus dois quartos uma prole de nove filhos, mais a avó, os pais e o cachorro. Até bem pouco tempo atrás, eram dezoito os seres vivos naquele sítio do Nordeste brasileiro, contando o papagaio, a galinha, o galo e duas cabeças de gado. O galo acabava de morrer no leito seco do riacho, de fome, de sede ou talvez asfixiado pelo calor. Alfredo, o filho mais velho, soube disso quando o cachorro apareceu com penas coladas no focinho. Ritmicamente, a seca ia roubando dos Eustáquio seus bens mais preciosos. O pai, um homem baixo, de olhos azuis e olhar penetrante, assistia impotente ao aniquilamento do sonho de sua vida. Havia trabalhado como seringueiro no coração da selva Amazônica, e se orgulhava de ser um dos poucos nordestinos que tinham voltado vivos e com algumas economias daquele inferno verde. Graças a isso, pudera comprar um pequeno sítio e tornar-se um pequeno proprietário em sua terra natal. Seu desejo de melhorar de condição social era maior que o medo das cíclicas secas. Corria a lenda de que o nome do Estado do Ceará, onde moravam os Eustáquio, era uma corruptela de Saara, e que os primeiros imigrantes o haviam batizado assim em alusão ao deserto africano. Agora, todos os dias, o fazendeiro temia ter de pagar por sua ambição de emigrado. Sua mulher, de pele morena, grandes olhos negros e olhar triste, era filha de portugueses que tinham chegado àquela terra prometida sem saber que uma espécie de maldição divina a transformava caprichosamente em deserto. De aspecto frágil e miúdo, nunca saíra do Nordeste e resignara-se à avareza do céu. Aparentava uns 60 anos, mas mal chegara aos 40. O jovem Alfredo, de olhos negros e pele morena como a mãe, era pequeno e forte. Tinha cabelo castanho com algumas mechas loiras, uma sombra de bigode e um sorriso que mostrava a dentição branca e uniforme. Estava sempre de bom humor e com vontade de trabalhar, ao contrário dos irmãos menores, mais dispostos a jogar futebol na terra que a ordenhar a vaca ou plantar milho.

Como todas as manhãs, ao acordar, Alfredo se revirou na rede, numa inútil tentativa de pegar novamente no sono. Pelo vão que servia de janela viu o céu estrelado e limpo. E a lua, grande, branca e nítida. Sem halo. Nesse dia também não ia chover. Fechou os olhos. Preferia não pensar no que aconteceria se o

inverno, a estação das chuvas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, não chegasse logo. Era o quarto ano consecutivo que se atrasava. Nada havia brotado da última semeadura.

A voz da mãe oferecendo café e a tosse do pai o fizeram pular da rede. Vestiu a calça de pano de saco, a camisa de algodão remendada, calçou as sandálias de trapos e, tendo cuidado para não pisar nos que dormiam no chão, saiu na ponta dos pés. A avó, de rosto seco e enrugado como uma noz, estava sentada ao lado da chaminé, terminando de rezar:

– ... Dignai-vos a ouvir nossas súplicas, castíssimo esposo da Virgem Maria, e atendei a nossas preces. Amém.

– Para que tanta novena? – perguntou Alfredo. – Já estamos no final do mês e ainda não caiu uma gota.

– Eu tenho fé. Já se viu inverno começar em abril – respondeu a velha.

Estavam em fevereiro de 1942. Não só sua família se dirigia para uma ruína certa, como também Alfredo logo seria obrigado a se alistar no exército. A Força Expedicionária Brasileira lutava na Itália. Embora tivesse a chance de comer com regularidade, a perspectiva de ir para a guerra não lhe agradava. O rapaz não tinha ambição maior que a de ser um bom sitiante, dono da própria terra, como o pai.

Bebeu um gole de café, enrolou um cigarro e soprou o fogo. Uma nuvem de cinzas lhe cobriu o rosto e a fumaça irritou seus olhos. Com uma colher, pegou um carvão em brasa, acendeu o cigarro e aspirou-o com avidez. Fumar era seu jeito de esquecer a fome. Depois, foi para a varanda e sentou-se, apoiado no muro rachado do barraco, para esperar o amanhecer. A lua e as estrelas foram desaparecendo, e os primeiros raios do sol avermelharam o campo amarelo. As montanhas, ao longe, passavam do violeta ao cinza-escuro. Um bando de periquitos voou sobre os campos secos de milho. Pensou em pegar um, amarrar uma corda em uma das patinhas e dá-lo às crianças para brincar. Mas, assim que se levantou, os pássaros desapareceram, piando. A ideia de uma daquelas aves na panela lhe passou pela cabeça. De repente, ocorreu-lhe que o galo não havia morrido de fome nem de sede, mas devorado pelo cachorro. O pensamento de que pudessem começar a se comer uns aos outros o aterrorizava. Se não chovesse logo, os animais enlouqueceriam, e depois chegaria a vez dos homens. Levantou o olhar. Algumas nuvens se desenhavam no céu. Umas pareciam carneiros, outras bichos desconhecidos. Todas estavam carregadas de esperança.

Com a luz do dia, foi dar capim verde para o gado, enquanto o pai preparava o forno para a mandioca. As duas cabeças de gado de propriedade da família estavam esqueléticas. A pele seca parecia couro. Os animais ruminavam tranquilamente o capim que a ponta do forcado espalhava pelo chão. Alfredo teve pensamentos sombrios: o pasto verde não dava nem para um mês. Na imensa planície, a caatinga, com seus espinhos pontiagudos e raízes tentaculares que proporcionam tão excelente forragem para o gado, estava murcha. Alfredo quis levar o gado para a serra, mas o pai lhe dissera que lá o pasto também estava seco. Nas montanhas, a água dos rios havia se estreitado até se transformar em um fio transparente que gotejava ao sol.

Apoiado na porta do curral, Alfredo fez as reses saírem para beber água no lugar habitual: “Eh, boi! Meu boi manso!! Oiê!”. Seguiu-as com o mesmo ritmo lento, parando com frequência quando o velho boi fuçava no mato poeirento em busca de algo para ruminar. A vaca, mais tenaz, seguia cabisbaixa sua marcha pensativa, mexendo cadenciadamente as ancas descarnadas. Depois de uma longa caminhada, Alfredo parou. Passou os olhos pelo horizonte cinza. Ao longe, bandos de urubus sobrevoavam em círculo os animais mortos. As árvores não eram mais que tocos negros retorcidos sob um sol de chumbo.

De repente, o rapaz abriu os olhos, surpreso. Parecia não acreditar no que estava vendo: o leito da lagoa havia secado totalmente, como por encanto, em uma só noite. Restavam apenas blocos de barro rachado. Ficou imóvel por alguns instantes, sem pensar em nada, aturdido. As reses farejaram o lugar, nervosas por não encontrar o que esperavam. Elas também pareciam não acreditar. Ao cabo de um instante, Alfredo reagiu, batendo com a vara nas ancas dos animais. De cabeça baixa, voltaram para casa. Naquele momento, o rapaz teve vontade de chorar, mas seus olhos estavam secos de pó e de sol.

*

Dali em diante, seria preciso levar todos os dias as reses até o olho-d’água da fazenda mais próxima, a umas quatro horas de caminhada. Não havia como saber se os animais aguentariam esse trajeto debaixo de tanto calor. Ou morreriam ou falharia o ânimo de um dos irmãos para caminhar todo dia as oito horas necessárias. – Venda os dois antes que nos levem à falência! – disse a mãe ao marido. – Quando for tarde demais, não vão dar nem para um saco de feijão! – Mas ele não se deixava convencer facilmente. Era homem de poucas palavras, amigo da selva, do sertão, de tudo que fosse rude e silvestre. Seu rosto refletia a

aspereza da terra que o vira nascer e à qual havia sonhado em voltar: – Há anos bons e anos ruins... – limitava-se a responder em voz baixa. Era seu jeito de dizer que aguentaria e lutaria para manter as reses, nem que ele mesmo tivesse de carregar água para elas nas costas. Sabia que o preço que lhe ofereceriam pelos animais esfomeados e cobertos de carrapatos seria irrisório. Estava disposto a derrotar a seca com as próprias mãos e com sua coragem.

Outros 30 milhões de homens – quase um terço da população brasileira da época – que povoavam aquela região de 1,6 milhão de quilômetros quadrados, chamada pelos burocratas da capital de "Quadrilátero da Fome", estavam esse ano atormentados pela seca. Aquela terra sempre constituíra o maior problema do Brasil. Apesar das obras hidráulicas gigantescas, as irrigações apareciam como pequenas manchas verdes, pequenos pontos no meio da extensão cinzenta. O único recurso contra esse interior desapiedado continuava sendo, enfim, esvaziá-lo de uma população que ele já não podia alimentar.

De sua choupana, os Eustáquio começaram a ver grupos de flagelados percorrendo os caminhos em meio a nuvens de pó. Durante secas normais, de 15 mil a 20 mil famílias, obrigadas a vender todos os seus pertences, emigravam; em anos ruins, mais de 100 mil. Umas queriam chegar à costa, outras tentavam a grande aventura da Amazônia ou seguiam a rota das megalópoles industriais do Sul, como São Paulo ou Rio de Janeiro, onde a renda média por habitante era dez vezes maior que no Ceará.

Chegaram à choupana dos Eustáquio notícias de armazéns e lojas saqueados por hordas de camponeses esfomeados. O último ataque havia culminado em um violento enfrentamento com as forças da ordem, com mortos e detenções. O pai de Alfredo, angustiado porque suas economias minguavam rapidamente com a compra de comida para as reses, ainda tinha que se preocupar com a possibilidade de ser assaltado cada vez que via alguém chegar pela estrada. Habituou-se a pegar a espingarda de caça e apontá-la para os flagelados até que passassem reto.

As viagens com as reses até o olho-d'água eram extenuantes, principalmente na volta debaixo de um sol infernal e um ar abrasador. Alfredo e seu pai se alternavam para cuidar delas. Enquanto um as conduzia, o outro tentava caçar algum pássaro, tatu ou porco-espinho, o que passou a constituir a base da alimentação da família. A avó continuava rezando novenas e até prometeu uma peregrinação à cidade santa de Canindé para fazer uma oferenda a São José

quando as chuvas chegassem. A mãe, cada dia mais seca, limitava-se a cuidar das tarefas domésticas e a repreender os filhos. Embora continuasse convencida de que as reses haviam se transformado em uma perigosa carga para a família, não insistiu mais com o marido para que se desfizesse delas. O fatalismo havia tomado conta do ambiente do sítio. Em meados de março ninguém mais conversava na choupana dos Eustáquio, já por si parcos de palavras. Apenas um gemido ou um grunhido saía da boca dos adultos. Até a gritaria das crianças foi diminuindo. A água do orvalho não bastava para continuar fazendo bois de barro, que depois secavam ao sol. Era como se cada um guardasse zelosamente as poucas energias para sobreviver à canícula. A respiração, o zumbido das moscas e o crepitar do fogo acabaram sendo os únicos sons que delatavam vida naquele recanto do sertão.

Em 20 de março ocorreu o prodígio. A avó já havia dito: se chover no dia de São José, não haverá seca. Na manhã do dia 19, os Eustáquio viram gordas nuvens negras invadindo o céu. Crianças e adultos saíram em silêncio. Olhavam para cima como se estivessem tendo uma alucinação. Embora naquela manhã não houvesse comido mais que de costume, o cachorro pareceu ressuscitar. O casal de reses dava voltas no curral. A vaca levantava o focinho e dava fortes mugidos. O vento se levantou e as plantas da caatinga voavam pela planície, batendo nas rochas e nas árvores. O pó cegava a vista. O pai sorriu pela primeira vez desde o último aguaceiro, mais de um ano antes. Só a mãe manteve a habitual seriedade. Voltou para dentro da choupana, onde o vento sacudia as teias de aranha. Naquela manhã de céu enovelado, Alfredo decidiu não levar as reses ao olho-d’água, convencido de que logo a lagoa estaria cheia de novo. Abandonou-se a seus sonhos. O sertão ressuscitaria, o gado engordaria, o riacho tornaria a ser leito de vida e, acima de tudo, não seria preciso ir para a guerra para poder comer. Seus irmãos, belos e corados, brincariam alegremente com os animais da casa. Sua mãe vestiria roupas finas e o pai fumaria charutos contemplando as vacas no curral. E ele seria o capataz daquela fazenda familiar, o senhor de seu mundo. Como Alfredo, milhões de nordestinos recuperavam a esperança à medida que o céu daquela estepe calcinada se cobria de nuvens. Aqueles que fugiam se detiveram no caminho. Os famintos e os numerosos doentes que a seca havia fulminado olhavam para o céu, desconcertados. Os sinos das igrejas distantes, onde fiéis e devotos se preparavam para a Ação de Graças, repicavam alegremente. Comerciantes espertos punham à venda santinhos com a imagem de São José e de Santa Luzia, fotografias emolduradas do manancial de Canindé, onde a Virgem havia feito suas aparições, e imagens

de todos os santos a quem tantos haviam pedido socorro. Na choupana dos Eustáquio, a avó tirou o rosário que usava como colar e, apertando as contas, começou sua ladainha.

No meio da tarde, porém, os raios do sol apareceram por um vão entre as nuvens, a tempestade se dissipou, o vento se acalmou e os animais recuperaram sua habitual apatia. Alfredo sentiu medo. O pai saiu da choupana com os lábios apertados, expectante. A avó interrompeu o rosário, e os menores perguntaram quando a chuva ia começar. A mãe prosseguia com sua tarefa habitual, não dando importância aos caprichos do tempo. Ao entardecer, as nuvens cor de sangue haviam levado a esperança de milhares e milhares de camponeses angustiados. Tudo voltava a ser como antes. Como tantos outros, os Eustáquio foram se deitar com o coração apertado, temendo os pesadelos que agitariam seus sonhos. Não choveu no dia de São José.

Porém, de madrugada, o fragor dos primeiros trovões sacudiu a choupana como se fosse de papel. Pelo vão à altura da rede, Alfredo viu grandes nuvens percorrerem o céu a alta velocidade. Os raios incipientes iluminavam a planície negra a intervalos cada vez mais curtos. As crianças acordaram assustadas, em uma cacofonia de gritos e choro. Alfredo e o pai foram para o curral para se certificar de que estava bem trancado. Os animais estavam agitados, enlouquecidos. O cachorro os seguiu, latindo e refugiando-se entre as pernas dos donos após cada trovão. Uma cortina de água caiu de repente, inundando tudo. As crianças saíram nuas ao dilúvio. Alfredo e o pai não podiam esconder a emoção de sentir a água do céu, cristalina e pura, correr-lhes pelo rosto, pelo cabelo, pelo corpo dolorido de tanto sol e pó. Todos, menos a avó, tinham a sensação de um novo batismo a céu aberto. A velha teria preferido que a tempestade caísse umas horas antes, no dia de São José. Então, teria sido o início de um inverno tardio.

A visão que Alfredo teve, ao amanhecer, parecia um truque de mágica. O campo estava coberto de um tapete verde-claro. A terra cinzenta havia se transformado em barro pardo. Ouvia-se o riacho correr com nitidez. Um gigantesco arco-íris abarcava a planície até as montanhas do interior. Uma única noite havia bastado para que a terra recuperasse o aspecto de fertilidade, como se a seca fosse só a má recordação de um passado distante. Em poucas horas a vegetação havia brotado por todo lado; os insetos pululavam, e o trinado dos pássaros era mais agudo que de costume. E, principalmente, havia água na lagoa.

2

Alfredo Eustáquio estava longe de imaginar, naquele frustrado inverno de 1942, que as consequências de um conflito que se desenrolava do outro lado do mundo, na bacia do Pacífico, mudariam sua vida para sempre. Os japoneses, no início do ano, haviam invadido as colônias inglesas da Malásia e de Bornéu. Esse fato não teria especial importância para os camponeses do Nordeste brasileiro que sobreviviam à seca a duras penas, não fosse porque as colônias asiáticas abrigavam ricas plantações de seringueira, árvore cuja seiva – o látex – constituía a base da borracha. A partir do ataque a Pearl Harbor, 97 por cento das plantações caíram em mãos nipônicas, privando os mercados ocidentais do abastecimento de quase toda a sua borracha. Esse material, utilizado pelas tribos da América do Sul desde sempre, havia se transformado, no final do século XIX – depois de um veterinário de Belfast chamado John Dunlop fabricar o primeiro pneu para ajudar o filho de dez anos a ganhar uma corrida de bicicletas –, em uma matéria-prima tão necessária e cobiçada quanto o aço ou o petróleo.

Nos conflitos armados do século XX, o material básico daquele "tubo de borracha das Índias e de tecido" patenteado por John Dunlop passou a ser um "nervo de guerra". O desgaste era tamanho durante o segundo conflito mundial, que uma comissão designada pelo presidente Roosevelt determinou que a escassez de borracha, material estratégico de primeira ordem, era a maior ameaça para a segurança da nação e o sucesso da causa aliada. O informe também mencionava que os pneus dos veículos civis se desgastavam em uma proporção oito vezes maior que aquela em que eram substituídos. Se isso continuasse, a maioria dos automóveis logo deixaria de circular, e – vaticinava a comissão –, em 1944, 27 milhões de veículos teriam de ser abandonados na América do Norte.

Seguindo as recomendações do informe, o governo dos Estados Unidos racionou imediatamente o consumo de borracha. Em 1º de fevereiro de 1942, proibiu-se a fabricação de todos os artefatos de borracha, salvo alguns artigos indispensáveis para a vitória final, como os preservativos. Paralelamente, os norte-americanos intensificaram ao máximo seu programa de compra de borracha, assim como sua produção e pesquisa. Construíram um imenso complexo industrial para obter borracha sintética, mas a qualidade deixava muito

a desejar. As pesquisas precisavam de um tempo que a guerra não podia conceder. Temendo um verdadeiro colapso civil e militar, as autoridades norte-americanas voltaram os olhos para o lugar que havia dado ao mundo a preciosa substância e que constituía a maior reserva de borracha natural do planeta: a selva Amazônica, da qual sessenta por cento pertencem ao Brasil. Ali, calcularam os especialistas, existiam 300 milhões de seringueiras, capazes de produzir 800 mil toneladas anuais.

As autoridades norte-americanas e brasileiras armaram um plano para aumentar a produção de borracha e, de quebra, desenvolver a região amazônica, mergulhada na apatia mais absoluta desde que os ingleses haviam tirado do Brasil o monopólio sobre a preciosa matéria-prima. O plano recebeu o nome de "Batalha da Borracha". Como o maior obstáculo era a falta de trabalhadores, os tecnocratas do Rio de Janeiro pensaram em arranjá-los no Nordeste seco, empobrecido e superpovoado, como já havia ocorrido em meados do século XIX, quando as selvas foram invadidas pelos primeiros seringueiros. Para que cada trabalhador da borracha se sentisse como um genuíno soldado de uma nova frente, empenhado em uma batalha não menos árdua que a que se travava na Europa, organizou-se uma complexa e ambiciosa campanha de propaganda com vistas a formar as divisões de um peculiar exército conhecido como o "Exército da Borracha".

*

Nas planícies queimadas do Ceará, a tempestade não havia indicado o início do inverno, como desejavam Alfredo e todos os paupérrimos habitantes daquela terra; havia sido um fato isolado, uma espécie de brincadeira cruel. A avó, no fim, sempre tinha razão.

A ideia de se juntar às colunas cada vez mais numerosas de flagelados rondava todos os membros da família Eustáquio, mas ninguém falava disso. Pai e filho limitaram-se a fazer uma peregrinação a Canindé com os demais habitantes do povoado. Saíram à noite, levando pedras e pedaços de rochas às costas em sinal de penitência, cantando ladainhas e iluminando a desolação do sertão com suas tochas de óleo. Mas o céu se mostrava inflexível. Quando Alfredo sugeriu abandonar o sítio calcinado, o pai lhe respondeu que a terra é como uma mãe, e não se deixa de amá-la por ser velha e seca.

Passou o tórrido verão. À noite, miríades de morcegos revoavam em volta das reses magras. Onças-pintadas famintas rondavam o curral. Era preciso montar

guarda e afugentá-las com o forcado ou com uma tocha, visto que, caso atirassem e errassem o alvo, o animal atacaria. No final de setembro, o jovem Alfredo padeceu de “falsa cegueira”, uma doença resultante da exposição prolongada ao brilho cegante do sol. Durante alguns dias não pôde ver as reses que se apoiavam em troncos ressecados ou se aproximavam dele, cambaleantes, suplicando misericórdia em um coro de tristes mugidos.

Uma manhã de outubro, o boi não conseguiu se levantar. Exalava uma respiração rouca que formava uma nuvenzinha de pó no chão. O pai de família examinou-lhe a pele rachada. Sem uma palavra, foi para dentro da choupana, voltou com o facão e matou o agonizante animal na presença das crianças andrajosas e sujas que olhavam sem compreender. Alfredo ajudou a esquartejá-lo e a seguir a mãe salgou a carne e a pôs para secar pendurada no teto da choupana.

O sítio estava definhando, e todos sabiam. A avó rezava agora para morrer, a fim de evitar tornar-se mais uma carga para a família. Os dias se passavam no tédio mais absoluto. Os adultos temiam que surgisse um surto de doenças como o tifo ou a disenteria. A escassez de água havia reduzido a higiene ao mínimo; os piolhos e percevejos deixavam manchas vermelhas na pele das crianças. Alfredo, ocioso, mergulhou em uma melancolia apática. O pai, no sofrimento que sentia com aquela seca, tentava resistir. Porém, para evitar que a vaca tivesse o mesmo fim do boi, teve que tomar a decisão de vendê-la, sabendo que a partir de então seria um sitiante sem gado, cujas terras serviam apenas de abrigo às cobras. Naqueles dias, só abriu a boca para pedir ao filho que levasse a vaca ao matadouro do povoado. Com o dinheiro da venda, mandou que comprasse farinha, sal, uma garrafa de querosene, um saco de feijão e um corte de pano.

Aquela viagem ao povoado daria uma guinada definitiva na vida de Alfredo Eustáquio. Depois de várias horas andando por caminhos cheios de espinhos, pisando o barro rachado que lhe queimava os pés, foi diretamente para o matadouro e vendeu a esquálida vaca por um décimo do que lhe teriam dado um ano antes. A seguir, com o coração apertado, percorreu as lojas e armazéns, certificou-se de que o querosene não estava misturado com água e olhou vários tecidos, com medo de ser enganado. Naquele dia, a miséria à qual sua família havia se acostumado lhe parecia uma carga mais pesada que de costume, contrastada com a quantidade de mercadorias e de riqueza que existia na cidade. Talvez por isso as palavras de um homem corpulento e bem-vestido, que se dirigia a uma multidão ociosa e andrajosa na praça do povoado, lhe chamaram

tanto a atenção. Tratava-se de um funcionário de um organismo recém-criado pelo governo, o Semta (Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia), que viajava pelo Nordeste. O homem falava do esforço mundial para ganhar a guerra contra a tirania, dos heróis que se forjavam a ferro e fogo na frente de batalha, de um futuro brilhante para a pátria. Alfredo nunca ouvira alguém falar com tanta convicção e de maneira tão articulada. Ouvia com avidez, fascinado de ver as portas do mundo se abrirem diante dele.

– Hoje, a guerra do Pacífico está forçando as nações a voltar às selvas. Pedem nossa colaboração leal e decidida em prol de uma batalha que só nós, brasileiros, podemos ganhar: a batalha da borracha! Vocês ainda estão a tempo de abandonar uma vida de miséria e privações... Venham para o Amazonas, onde não há um único dia sem chuva, onde existe a certeza de que o plantado hoje crescerá amanhã, onde as bolas de borracha só esperam ser colhidas por vocês nos galhos das árvores!... Entrem valentemente nas selvas e transformem-se em heroicos soldados da borracha!... Alistem-se nesse exército glorioso!

A seguir, o homem tirou de uma sacola o uniforme daqueles soldados: calça de pano de saco, chapéu de palha de aba larga, blusa de algodão e mochila. Enumerou as condições do contrato: o transporte e o alojamento durante a viagem corriam a cargo do governo, a assistência médica seria gratuita para o seringueiro e sua família, e, além disso, teriam direito a uma pensão, graças a um fundo proporcionado pelos norte-americanos. O governo, prosseguia o homem diante daqueles esfomeados camponeses, se responsabilizava pelo contrato de trabalho, para não repetir os erros de outrora e evitar, assim, a tão criticada compra de homens do passado. Com sua voz poderosa, o recrutador terminou dizendo que aqueles que fossem produzir borracha não teriam que ir à frente de batalha nos campos da Itália. Aquela dispensa era a maneira mais eficaz que as autoridades tinham encontrado para dispor de uma grande força de trabalho.

Era mais do que Alfredo podia esperar. Aquele recrutador bem-vestido, aquela aparição divina, havia dado, em questão de segundos, uma direção a sua vida. Feliz por ter encontrado remédio para a angústia de ser jovem em um lugar sem porvir, Alfredo deu asas à imaginação e por um momento pensou que ele também poderia ser um herói. Viu-se condecorado no meio da selva por alguma ação que não conseguia discernir; viu-se naquele emaranhado de vegetação cheio de riquezas ocultas e de incríveis oportunidades que devia ser a Amazônia. Que mais podia esperar da terra calcinada do Ceará? Onde estava o porvir, se não nos gestos aveludados e na voz grave desse mensageiro de Manaus? Ao fim

do discurso, o rapaz abriu caminho por entre a multidão para ficar na fila dos que se alistavam. Era inútil consultar a família. Havia tomado sua decisão, e nada no mundo o faria mudar de ideia. Assim como seu pai, ele também tentaria a sorte nas profundezas da selva. E se livraria do campo de batalha.

*

– As febres, o chicote para aqueles que não tiram borracha suficiente, tudo isso é da sua época. A escravidão acabou – disse Alfredo ao pai quando este fez objeções à decisão do filho. O velho sabia do que estava falando. Trabalhara seis anos no rio Purus para um seringalista de Belém. Recordava os insetos, o álcool, as cobras, os maus-tratos, o beribéri, o tifo, a falta de mulheres, as expedições para caçar índios que depois acorrentavam e obrigavam a trabalhar; a malária, que dizimava os seringueiros, o endividamento e, acima de tudo, a falta de liberdade. Seu filho lhe recordou que graças a seus anos na selva pudera voltar, comprar aquela terra e casar-se. – Eu fui uma exceção – insistiu o velho, consciente de que histórias como a sua haviam animado outros infelizes a empreender a grande aventura da Amazônia.

Ele era a exceção que confirmava a regra: sair pobre e voltar vivo da Amazônia era impossível. Mas explicar isso ao filho era totalmente inútil. Embora o homem não estivesse em condições de oferecer uma alternativa melhor, pediu-lhe que esperasse até o dia de Santa Luzia. A tradição mandava pôr, na véspera do dia 13 de dezembro, seis montinhos de sal na janela. Pela manhã, se o primeiro montinho estivesse úmido, era sinal de que choveria em janeiro; se fosse o segundo, em fevereiro... e assim até o final dos seis meses de inverno. Alfredo, de caráter dócil e respeitador do parecer paterno, esperou pacientemente. Na data indicada, enquanto ele dormia na rede, o pai, inquieto e nervoso, passou a noite fumando na varanda. Já havia perdido as reses, agora estava prestes a perder o filho. Quando os primeiros raios despontaram ao amanhecer e os primeiros cantos quebraram a quietude da noite, pai e filho foram até a janela. Os seis montinhos de sal estavam secos.

Dois dias depois, quando Alfredo se despediu, o pai lhe entregou uma imagem de São Francisco de Canindé, padroeiro do Ceará, e lhe desejou felicidade. Alfredo guardou a imagem com seus documentos e, sem uma palavra, abraçou o pai. Depois foi a vez dos irmãos, um a um, até chegar à avó, que lhe deu a bênção. Alfredo aproximou-se da mãe, que se esforçava para conter as lágrimas, e a beijou. A seguir, empreendeu uma viagem que o levaria ao extremo oeste de

seu imenso país, na fronteira com o Peru e a Bolívia. Ao agitar o braço no caminho poeirento que tantas vezes havia percorrido com as reses, sentia a íntima convicção de que voltaria a vê-los em um futuro próximo e glorioso.

3

“Construir a vitória e recuperar a Amazônia, a grande tarefa do seringueiro do Brasil”, rezava um slogan na entrada de Fortaleza, capital do Ceará, uma pequena cidade construída pelos holandeses em volta de um forte no final do século XVII. A placa, a primeira que Alfredo viu da capital de seu estado no caminhão do exército que o levava ao litoral, representava um seringueiro extraindo látex de uma seringueira como se fosse uma mangueira de água. “Que sorte a minha!”, pensou ao se ver no lugar daquele trabalhador com aspecto saudável e sorridente que só tinha que espetar uma árvore para ganhar o sustento. Pouco depois, viu o mar pela primeira vez e se emocionou. Essas águas não eram apenas o sinônimo de liberdade, mas a antessala da prosperidade. Pensou na família, mas não se deixou levar pela saudade. Estava eufórico.

No final de 1942 havia em Fortaleza 30 mil afetados pela seca esperando uma oportunidade de viajar. A maioria morava nas ruas, outros se apinhavam nos pousos onde a promiscuidade de homens, mulheres e crianças era total. A promessa de uma vida melhor os impedia de ver as pedras na sopa, o arroz transformado em uma massa dura e intragável, os doentes que tremiam de frio em meio a um calor asfixiante. Como Alfredo constava das listas do Semta, ao cabo de apenas dois dias de espera foi convocado a embarcar no cargueiro Poconé. O barco zarpou para Belém ao anoitecer, para evitar os submarinos alemães que se aproximavam da costa brasileira e atiravam nos navios de cabotagem. Pouco acostumado às multidões, Alfredo estava aturdido com a multidão que circulava feito formiga pelo convés, com todos aqueles viajantes que, igualmente desamparados, buscavam um canto onde se instalar. As crianças se preparavam para dormir no chão ou nas dobras das saias das mães. Alfredo vagava pelo convés, tendo cuidado de não pisar em ninguém. Não conseguiu nem encontrar um lugar na borda para ver o barco zarpar. Depois de passar várias vezes pela proa, um rapaz lhe fez um sinal, cedendo-lhe um lugar a seu lado.

– Muito obrigado – disse Alfredo ao sentar.

– Maldito exército! Um pouco mais e vamos ter que dar uma de babás – comentou o rapaz olhando para as crianças que, em cima, corriam em volta da chaminé.

Apoiado nas correntes da âncora e com o barulho do motor de fundo, acima do qual se ouviam o pigarro, a tosse, o choro e as cuspidas daquela multidão de náufragos da seca, Alfredo contemplava o entardecer que tingia de vermelho a serra do Mucuripe. Tinha a sensação de que o mundo lhe pertencia.

– Vamos comemorar a partida – disse seu colega puxando uma garrafa de cachaça da mochila. – Meu nome é Pedro de Oliveira. – Deu-lhe a mão. – Sou de Quixeramobim – era um povoado distante uns 100 quilômetros do dos Eustáquio.

– Eu sou do Crato – disse Alfredo, alegrando-se por ter encontrado alguém com quem dividir o desconforto da viagem. Não se atrevia a dizer que nunca havia provado pinga. Fazendo das tripas coração por conta do forte cheiro do álcool, bebeu um gole e fez um grande esforço para disfarçar a vontade de tossir. Ao cabo de alguns instantes sentiu os primeiros efeitos. Levantou-se e cambaleou. – O barco está se mexendo...

– O barco não se mexe, é você que está se mexendo.

Alfredo caiu no chão, diante da risada dos outros.

– Viu como balança? – exclamou, convencido.

Pedro de Oliveira era alguns anos mais velho que Alfredo, forte e corpulento. Tinha pele morena, olhos claros e uma cabeleira negra densa e cacheada. Seu riso era franco e forte. Ao contrário de Alfredo, que vivera protegido do mundo pela figura paterna, Pedro tivera que ganhar a vida desde a infância. De seus anos de rua havia adquirido certa desenvoltura e, acima de tudo, uma profunda aversão a tudo que soasse autoritário. Por isso, não deu ouvido às advertências do marinheiro que o mandou apagar o cigarro. Era proibido fumar, pois deviam manter o navio, escoltado por um navio-varredor, na escuridão mais absoluta. Pedro acendeu-o de novo, escondendo-o nas mãos. Assim, como dois adolescentes temendo ser descobertos, Alfredo Eustáquio e Pedro de Oliveira contaram a vida um para o outro.

Todas as histórias de nordestinos se pareciam. Só mudava a intensidade da tragédia que coubera a cada um viver. No caso de Pedro, sua família havia sido dizimada oito anos antes por uma epidemia de hepatite, consequência da insalubridade de um poço que a seca havia transformado em lodo. De dezesseis, só haviam se salvado quatro irmãos, que tiveram que se dispersar pelo vasto sertão para sobreviver. Pedro acabou na cidade porque era “o lugar mais

distante” e porque um parente que morava ali lhe arranjou abrigo e trabalho. Começou como boia-fria, depois foi vaqueiro, aprendiz de mecânico e, no fim, atendente no Império do Fazendeiro, uma loja de produtos do campo que a seca daquele ano havia obrigado a fechar. Pouco depois de se ver na rua, chegou a convocação para se alistar no exército e ir para a Itália. Estava prestes a ir quando surgiu a campanha da borracha. Como tantos outros, viu a oportunidade de saciar sua sede de aventura em um novo Eldorado, algo que a lenda havia alimentado na mente de todo brasileiro: “Eu não ia desperdiçar uma oportunidade como essa. Viagem paga, comida paga, médico pago. E até uma pensão que nunca vão nos pagar!”, vaticinava rindo.

Estavam tão excitados que não dormiram até o amanhecer. O sino que anunciava a comida os acordou. O menu consistia invariavelmente de feijão, que dois marinheiros viravam em grandes panelas de água fervendo, sem lavar e sem acrescentar verdura ou tempero algum. Na manhã do segundo dia formou-se uma grande confusão quando os marinheiros divisaram com seus binóculos um ponto no horizonte, que todos pensaram ser os temíveis submarinos alemães. Mas tratava-se apenas de um avião que ia escoltar o navio-varredor “com dois torpedos debaixo das asas”, segundo a descrição dos passageiros. À tarde, o clima e a paisagem da costa mudaram em questão de uma hora, como por encanto. A cor amarelada da caatinga deu lugar a uma faixa verde-escura. O calor se tornou mais pegajoso e intenso. Grossas nuvens se ergueram na abóbada celeste como torres gigantescas que o sol do entardecer iluminava de azul, rosa e ouro. O Poconé começou a cabecear.

A água. O júbilo de ter deixado para trás anos de seca pertinaz. A chuva que fecunda a natureza luxuriante. As primeiras gotas, quentes e gordas, que receberam de olhos fechados. O céu que se escureceu. Um vento formidável. Uma onda de nuvens negras que mergulhou o mar nas trevas. O interminável fragor do trovão e as crianças que se agarravam, chorando, à saia das mães. E, de repente, o dilúvio. Uma cortina de água se abateu sobre o mar, sobre o barco, sobre aqueles camponeses sujos de pó e suor. Os raios se sucediam a intervalos cada vez mais breves e descarregavam eletricidade com tanta violência que mais de um passageiro pensou que os alemães os estavam finalmente torpedeando. À alegria sucedeu-se o medo de morrer afogado. Segurando-se firme com todas as suas forças, Alfredo e Pedro viram um homem ser arrastado por uma onda e desaparecer em meio à espuma, sem que ninguém o pudesse socorrer. Aquela vítima anônima da batalha da borracha espalhou o pânico no barco. Mas nem

sequer seus gritos se ouviam, abafados pelos rugidos do mar. As pessoas se agarravam ao que podiam, sem se preocupar com seus pertences, pisoteados entre água e vômito. Nada podia assustar mais aqueles camponeses acostumados ao silêncio e à aridez que a cólera daquele mar enfurecido. Entre trovões e vento, parecia que as grandes chuvas equatoriais iam engolir o cargueiro. Era como se Deus e a natureza houvessem declarado guerra aos homens. Certos de que o dilúvio acabaria afundando tudo, os passageiros se prepararam apressadamente para a vida eterna: relicários, rosários, cruzes... todos pegaram seus objetos de devoção. A cada estalo do barco, Alfredo se encomendava à imagem de São Francisco que seu pai lhe havia dado. Enjoados e aterrorizados, aqueles camponeses que provinham da seca nunca teriam imaginado que se podia continuar vivo no meio de tanta água. Não sabiam que o Amazonas é mais que um rio, é como uma sociedade de enseadas gigantescas que acaba em um mar de água doce sacudido por tempestades apocalípticas. O maior dos rios, em sua investida contra o oceano, levava ao paroxismo seu furor de gigante. Exatamente naquele lugar havia sido descoberto, cinco séculos antes, por Vicente Pinzón, ao perceber que estava navegando sobre água doce em alto-mar. Tudo sempre havia sido singular com o rei dos rios, até a maneira como foi descoberto antes de ser visto.

De repente, tudo parou. A chuva parou, o vento amainou, o sol voltou a sair entre as nuvens. Com a mesma rapidez com que havia desabado, a tempestade passou. Tudo voltava a ser como antes, exceto o número de passageiros. O balanço da tempestade havia sido trágico: cinco desaparecidos. Seus parentes procuravam por todo o barco sem poder acreditar. Segundo a conversa dos marinheiros, não era um número exageradamente alto. Para eles, o importante era o barco, e o Poconé não havia sofrido avaria alguma.

As chuvas, embora não parassem completamente, diminuíram de intensidade durante a manhã do terceiro dia de navegação. O Poconé entrou por fim nas águas mais tranquilas da baía do Guajará. Aquilo era um verdadeiro remanso de paz. O tráfego de embarcações era cada vez mais intenso: as típicas gaiolas, barcos de fundo chato característicos da Amazônia, cruzavam com as vigilengas, barcaças de três mastros, enquanto as ubás indígenas deslizavam sobre as águas marrons. Vista da água, a cidade de Belém parecia imensa. Alfredo divisou o campanário da Catedral de Nazaré, a praça do Relógio e o edifício da Alfândega, onde setenta anos antes o chefe da aduana havia dado permissão a um inglês chamado Wickham para que seu barco, que transportava delicados espécimes

botânicos para os jardins de Sua Majestade, a rainha, zarpasse com destino à Inglaterra. O chefe da Alfândega não podia imaginar que estava sendo vítima do roubo mais audaz e lucrativo de todos os tempos. O inglês não especificou que todas as amostras botânicas pertenciam a uma única espécie, cujo valor comercial era incalculável: 70 mil sementes de seringueira da melhor qualidade. Tão insólito carregamento destinava-se aos Jardins Botânicos de Kew, perto de Londres, de onde um especialista na adaptação de plantas a diferentes climas o mandou para a Ásia. Ali, os brotos de seringueira cresceram em plantações, provocando a queda dos preços da borracha e a ruína da Amazônia, mas estabelecendo o início de uma pujante indústria para o Império Britânico. E agora que a Segunda Guerra Mundial os havia privado de sua riqueza, a Amazônia voltava a passar por uma vitalidade desconhecida desde o boom da borracha. Humildes camponeses, negociantes e políticos, todos confiavam em que logo o ouro correria como nos bons tempos.

Ao desembarcar ao lado do mercado de Ver-O-Peso, Alfredo e Pedro permaneceram por alguns instantes perdidos entre o mar de gente que ia e vinha em todas as direções. Nunca tinham visto nada igual. Havia montanhas de pentes, de navalhas, de lanternas, pirâmides de açaí e de cupuaçu, montes de bananas de todas as cores e tamanhos; havia cadeados, roupa, barracas de comida ao lado de outras que vendiam imagens de Jesus Cristo ou de alguma divindade do candomblé. Os dois amigos entraram em uma arcada onde dezenas de barracas vendiam frascos cheios de perfume e unguentos mágicos, mais uma variedade de segredos empregados nos jogos do amor: jasmim-da-beirada, cumaru, verônica-do-igapó... Mais além entrava-se no mundo das superstições amazônicas, feito de lendas indígenas misturadas com crenças africanas e cristãs. Uma negra desdentada prometeu a Pedro saúde e prosperidade se adquirisse um olho de boto. Pedro havia passado tanto medo no barco que não estava disposto a desprezar nenhum tipo de proteção. Em troca de algumas moedas, a mulher embrulhou um olho seco de boto em uma pele de cobra, amarrou-o com uma corda, fez uns conjuros e entregou-lhe o pacotinho mágico. Depois apontou para um objeto e perguntou a Alfredo se não precisava de uma vagina de boto para garantir a fidelidade de sua mulher. Alfredo olhou e, no meio de cabeças de macacos, viu um pedaço de carne rosada e seca com uma fenda no meio, espantosamente parecido com uma vagina de mulher. “Sou solteiro”, respondeu, negando com a cabeça.

*

Eram tamanhos o caos e a desorganização da batalha da borracha que fazia vários meses que 4 mil homens estavam presos na periferia da cidade, no Pouso de Tapana, esperando algum seringalista que os contratasse e os levasse para a selva. Alfredo e Pedro haviam chegado ali em um caminhão que havia cruzado as maravilhosas avenidas da cidade, para depois encontrar-se em um lodaçal em frente a uns barracões carcomidos pela umidade. Os dois jovens tiveram de se juntar aos prisioneiros involuntários e inúteis que abarrotavam aquele lugar infestado de mosquitos. Havia cariocas, baianos de Ilhéus e de Salvador, pernambucanos; havia gente de todas as classes, de todas as raças, profissões e idades. Ferreiros, carpinteiros, caminhoneiros, pedreiros... Cansados de máquinas e seduzidos pela oportunidade de conhecer, à custa do governo, terras e paisagens distantes, pagavam com aquele inferno de confusão o preço de sua ânsia de aventura.

Para os dois amigos, a vida naquele lugar logo ficou insuportável. As frequentes chuvas, o calor sufocante e os insetos deixaram-nos prostrados em suas camas de armar. Belém sempre foi uma das cidades mais chuvosas do mundo, com uma temperatura nunca abaixo dos 27°C e uma umidade de cem por cento. Sem trabalho a desempenhar, sem um simples aparelho de rádio para lutar contra a melancolia do sertão e a saudade dos entes queridos, o Pouso de Tapana parecia um campo de concentração em vez de um local de hospedagem de migrantes. Por conta do clima de arbitrariedade e de opressão, em 5 de abril havia explodido um motim, com um saldo de vários mortos. A imprensa local não se dignou a mencionar o incidente, mas um médico o qualificou particularmente como “uma luta de metralhadoras contra homens indefesos e desarmados”.

A contratação de trabalhadores, somada ao militarismo e ao cativeiro, tornava-se ainda mais difícil por conta da quantidade de organizações, umas brasileiras e outras norte-americanas, todas falando línguas diferentes, encarregadas do esforço de guerra na Amazônia, a ponto de, dos 10 mil homens levados a Belém e Manaus, apenas novecentos terem sido encaminhados à selva no início de 1943. Decididos a seguir viagem, Alfredo e Pedro optaram por ir todas as manhãs para o centro para encontrar um gato – como se chamavam os capatazes dos seringais – que os contratasse. Passearam pelas avenidas plantadas de mangas que davam sombra aos pedestres e comida aos pobres. Devido à riqueza da borracha e ao fato de ser a porta de entrada da Amazônia, Belém tinha um ar diferente das outras cidades do Brasil. O soberbo Teatro da Paz, cercado por um

parque com canteiros de flores tropicais, lembrava o de uma cidade europeia. Belém sempre estivera mais perto de Lisboa – a apenas seis semanas de viagem – que do Sul do país, por conta das correntes e dos ventos marinhos. Havia igrejas portuguesas e magníficas mansões de estilo francês e inglês, cujas fachadas belle époque se deterioravam pouco a pouco por conta da umidade. Ainda restavam, em suas maravilhosas avenidas, em sua rede de bondes e em sua arquitetura sofisticada, restos de um próspero passado de metrópole cosmopolita.

Frequentavam as ruas da zona, atrás do porto, onde garotas de saias de cores berrantes esperavam por trás das janelas de bordéis de quinta categoria que algum cliente decidisse entrar. Por um copo de pinga, Alfredo e Pedro tiravam as moças para dançar, até que o suor os encharcava dos pés à cabeça. Foi em um desses buracos que um homem de meia-idade, de cabelo engomado, anel no dedo e uma barriga prestes a estourar os botões de sua camisa, lhes ofereceu uma cerveja. Haviam ficado se observando mutuamente nos dias anteriores, e os rapazes pensaram que se tratava de um cafetão que vigiava suas mulheres. Na realidade, era um gato disposto a caçar seus ratos.

– Vocês merecem todas essas garotas, e mais ainda – disse o homem. – Mas imagino que não devem ter nem um tostão! – Os rapazes assentiram com um gesto de cabeça. O homem prosseguiu: – Já ouviram falar do território do Acre? É onde se faz dinheiro hoje em dia. Lá é tudo seringa. Você espeta uma árvore e pronto: o leite flui aos borbotões. – Os dois amigos ouviam, maravilhados. – Aquilo é para gente como vocês, que não têm medo de trabalhar, para gente honrada que quer construir seu futuro – prosseguiu antes de enumerar as virtudes de seu patrão. – O seringalista para quem trabalho é um homem sério e bom. Ele sabe que um homem contente trabalha mais e melhor.

– E o que temos que fazer para que ele nos contrate? – Alfredo aventurou-se a perguntar.

– Assinar isto. Amanhã mesmo podem embarcar.

Os dois rapazes se olharam enquanto o outro tirava umas folhas amassadas da calça. Alfredo estava disposto a fazer um X naqueles papéis, mas Pedro o deteve. Franziu o cenho e se concentrou tanto que parecia que sua alma havia entrado naquelas linhas. “Ele sabe ler!”, pensou Alfredo, como se descobrisse um dom sobrenatural em seu amigo. O gato, acostumado a tratar com analfabetos, também estranhava. Por fim, Pedro sentenciou:

– Esse não é o contrato do Semta.

“Dane-se o contrato”, pensou o homem. Explicou a eles que o contrato era uma mera formalidade, que na selva os papéis não serviam para nada e que estava disposto a assinar um do governo, se assim desejassem. Pedro agradeceu.

– Amanhã à mesma hora estaremos aqui com os contratos – prometeu.

O gato ergueu os ombros e os viu se afastarem pela rua: “Maldito frangote”, disse rosnando, antes de entrar de novo no boteco.

– Claro, como você sabe de letras e pode fazer o trabalho que quiser – disse Alfredo –, pode se dar ao luxo de fazer exigências. Mas eu não. Eu teria assinado já.

– Está maluco! – respondeu Pedro, enquanto derretiam de calor ao caminhar apressadamente rumo ao pouso. Pedro ouvira falar das terríveis condições de exploração nos seringais da selva, algo que Alfredo, apesar das advertências do pai, se obstinava em ignorar. Pedro sabia que os únicos a ganhar dinheiro eram os intermediários comerciais de Belém e Manaus, que mandavam comida, ferramentas, querosene e armas para o patrão, o seringalista. Ele, por sua vez, vendia a mercadoria a seus empregados – os seringueiros –, em troca da borracha extraída. Aumentava os preços a seu livre arbítrio, aludindo ao custo do transporte. O seringueiro, sempre endividado, era forçado a continuar trabalhando para viver.* Era justamente isso que os norte-americanos, interessados principalmente em aumentar a produção, queriam evitar. Haviam pressionado o governo brasileiro a criar um contrato que garantisse ao seringueiro um mínimo de sessenta por cento do lucro da produção, a fim de motivá-lo.

– Este é o contrato que temos que assinar, entende? – disse Pedro. Alfredo coçou o queixo; estava envergonhado por ter duvidado da integridade do amigo. – Além disso – prosseguiu Pedro –, o contrato do governo permite cultivar até um hectare de terra no seringal. O que o gato nos mostrou proíbe.

As duas imposições haviam irritado bastante os patrões. Se sessenta por cento do lucro fossem para o trabalhador, os intermediários ficariam sem a parte do leão. Se fosse autorizado o cultivo de terra, algo secularmente proibido, o seringueiro disporia de autonomia e não manteria mais uma dependência completa em relação ao dono do seringal. Finalmente, se outorgassem liberdade ao seringueiro, o negócio dos outros acabaria. Por isso, os incontáveis

intermediários da sociedade da selva, cujos tentáculos seculares se estendiam por milhares de rios e afluentes, boicotavam as organizações encarregadas do esforço de guerra na Amazônia. Os tecnocratas se viam entre dois mundos irreconciliáveis: de um lado, um sistema feudal de exploração que havia permanecido inalterado desde o século XIX, e do outro um mecanismo de guerra moderno que exigia mudanças rápidas e profundas para ser eficaz. No meio dessa luta estavam os milhares de camponeses que aguardavam ser contratados para ir para a selva. Muitos seringalistas e comerciantes acabavam assinando o contrato do governo porque, no fundo, sabiam que era impossível implementá-lo. Eles eram os únicos que podiam controlar o que acontecia nas grandes e impenetráveis selvas. De volta ao pouso, Pedro ficou durante horas na fila e conseguiu dois exemplares dos contratos oficiais. Orgulho das autoridades, aqueles papéis na maioria assinados com um X representavam para os soldados daquela guerra singular o visto de saída do alojamento e a garantia de uma vida digna. Na realidade, não tinham mais valor que as folhas de qualquer árvore da selva.

Na manhã seguinte, encontraram o gato no mesmo lugar. Entregaram-lhe o contrato, e o homem o assinou com um floreio rebuscado. Em um ato de coragem suprema, Pedro se atreveu a lhe pedir um adiantamento. O gato não sabia se encarava aquilo como uma afronta ou como um ato de loucura. Sem sequer responder, sem o menor sinal da cordialidade da véspera, voltou-se e dirigiu-se ao balcão onde suas próximas vítimas saboreavam suas cervejas geladas. Alfredo e Pedro se olharam por uns instantes e caíram na gargalhada. Queriam fazer uma farra com as garotas antes de abandonar Belém, mas teriam que deixar para a volta. A vida era longa, e logo voltariam com dinheiro, com muito dinheiro ganho na selva. Por ora, só lhes restava preparar-se para a longa viagem até os confins do Brasil, subindo o Amazonas ao longo de 3 mil quilômetros, primeiro até Manaus, depois o sinuoso Purus e, finalmente, o rio Acre.

---

* “O seringueiro realiza na selva uma anomalia sobre a qual nunca é demais insistir: é um homem que trabalha para se escravizar”, escreveu Euclides da Cunha no final do século XIX. Setenta anos depois, nada havia mudado nas profundezas das selvas. (N. A.)

4

Alfredo e Pedro embarcaram várias horas antes de zarpar, na esperança de encontrar um pedaço de balaustrada livre para pendurar suas redes. Os seringueiros haviam batizado esse tipo de embarcação de gaiola. Tinham dois conveses e funcionavam a vapor. Bastante rápidas, graças a seu fundo chato, podiam penetrar nos rios estreitos e pouco profundos. Seus pilotos costumavam ser antigos seringueiros dedicados à navegação fluvial. A duração da viagem até Manaus era de uns dez dias. Apinhados no convés ao lado de burros, galinhas e outros animais domésticos, no limite da linha de flutuação, sem nenhuma proteção contra o pé-d'água diário, os dois amigos, em meio a uma centena de homens que mais pareciam uma multidão de vagabundos que uma força de trabalho, penetraram o Amazonas. Sua única distração era beber cachaça, e acabavam vomitando uns em cima dos outros. Ao cabo de algumas horas, a latrina estava entupida, e os excrementos espalhados pelo convés. A única fonte de higiene era um jorro de água do rio que saía por um cano. Os ocupantes dos poucos camarotes, na ponte superior, eram homens de negócios, donos de seringal ou tecnocratas. No refeitório de cima serviam pratos cozidos e vinhos finos. Os passageiros bem-vestidos cuspiam ou jogavam as cinzas dos cigarros pela janela, indiferentes ao rebanho de homens do convés inferior.

*

Fazia vários dias que a gaiola navegava rio acima, sempre margeando a beira para evitar as fortes correntes do centro. A essa altura, o rei dos rios é um lago de água doce onde é impossível divisar a margem oposta. Corre tanta água por dia em seu leito como no Tâmisa em um ano inteiro. A selva é um mar mais impenetrável que o próprio mar. Um marinheiro negro contava histórias de aviões caídos a cinco minutos de voo de Belém e cujos restos nunca haviam sido encontrados. Cientistas e exploradores que tiveram a sorte de penetrar em suas profundezas haviam voltado fascinados. Traziam gravadas na mente imagens inesquecíveis de nenúfares de 1 metro de diâmetro, escaravelhos de 19 centímetros de comprimento,** castanheiras de 40 metros de altura. Haviam visto cipós que pareciam cobras e cobras que adotam a forma de cipós; orquídeas que imitam o cheiro e os órgãos sexuais das abelhas e o contrário, plantas que exalam um fedor de carne podre para que as moscas as polinizem.

Um deles contou quatrocentas espécies de insetos e cerca de cinquenta espécies de orquídeas em uma só árvore. Outro deduziu que na selva não existe o menor vão que não esteja habitado por alguma forma de vida, e até houve um alemão, o limnologista Harald Sioli, que calculou que cada passo dado por um homem no chão amazônico esmaga 1.600 seres microscópicos. Imóvel, muda, compacta, inflexível, monótona e fascinante, a selva misteriosa deixava uma marca profunda em todos os que nela penetravam. Alfredo não se cansava de olhá-la. Nuvens de borboletas multicoloridas pousavam sobre as praias de areia branca; bandos de papagaios revoavam aquele caos vegetal, aquele enxame feroz de árvores, cipós e mato aprisionados em um corpo a corpo silencioso. De cima a baixo, as árvores mostravam sua miséria, seus parasitas, as consequências do sufoco que as levava a um esforço desenfreado para alcançar os raios de sol a partir das profundezas da floresta. O tronco de algumas árvores isoladas é de uma madeira dura como ferro, mas a maioria desses colossos não são mais que tubos envolvidos por cipós, e acabam apodrecendo.

Os botos cor-de-rosa e brancos que de vez em quando acompanhavam a embarcação pareciam sorrir para seus passageiros. Homens seminus acenavam das frágeis cabanas sobre palafitas. Índios pintados se aproximavam da margem para ver passar as embarcações lotadas de pobres-diabos.

Entretanto, o sonho do jovem Alfredo, favorecido pela brisa que aplacava o calor e afastava os mosquitos, não duraria muito. Seu colega Pedro estava mal. Cada vez que uma cãibra retorcia suas entranhas, apertava fortemente o olho de boto, o talismã que levava na mão. Embora Alfredo houvesse notado uma mudança no comportamento de seu amigo, que parou de conversar, não podia imaginar o esforço que fazia para disfarçar o sofrimento. Pedro temia que o capitão, um ex-seringueiro de uma magreza extrema, pele de pergaminho e fama de durão, o fizesse desembarcar. As doenças contagiosas provocavam pânico. Pedro ouvira dizer que outrora os doentes eram abandonados à própria sorte na margem do rio, à mercê dos urubus que voavam em círculo por sobre os agonizantes até a hora do banquete.

Alfredo lhe garantiu que se o capitão decidisse fazê-lo desembarcar, seria em um porto, e não no meio da selva. Pedro continuava negando, ciente de que seria o fim para ele. Alfredo teve de respeitar a vontade do amigo e não insistiu mais. Como único medicamento, dava-lhe de vez em quando uns tragos de cachaça. Depois de alguns dias, as cãibras cederam lugar a prolongados calafrios, depois a uma febre alta. Pedro obstinava-se em dizer que não era nada, que logo passaria.

Mas naquele universo sem intimidade, nem os calafrios nem o suor excessivo passavam inadvertidos. O rumor de que havia um doente a bordo correu o navio, e o piloto (que todos chamavam de Capitão) acabou sabendo. Fiel ao costume centenário, deu ordem de desembarcar o doente na próxima escala, que não era mais que uma clareira na margem da selva onde alguns soldados da borracha desceriam para depois seguir para os respectivos seringais.

Alfredo não era daqueles que abandonam os amigos. Aquele conterrâneo moribundo com quem havia dividido tantas vicissitudes não merecia um final assim. Se fosse obrigado a isso, Alfredo também desembarcaria. Mas, antes, estava disposto a tentar de tudo para permanecer no barco, pelo menos até chegar a um lugar onde encontrasse assistência médica. Com passo firme, subiu a escada para a ponte superior, cujo acesso era totalmente proibido aos párias de sua classe. Irrompeu na ponte de comando, onde o Capitão estava abraçado a uma garrafa de pinga. Tirado da seca do Ceará e levado para a umidade da selva, explicou Alfredo com voz entrecortada, o organismo de seu "irmão", como lhe fez acreditar, não havia resistido àquela brusca mudança de clima. O mal-estar era algo totalmente passageiro; ele mesmo o havia sofrido em Belém e agora estava bem. Antes que um marinheiro corpulento o agarrasse pelo pescoço para expulsá-lo dali, Alfredo suplicou ao Capitão que desse uma oportunidade para que "seu irmão" melhorasse. O piloto, cansado de ouvir ou simplesmente com vontade de continuar bebendo, não respondeu. Bebeu um trago da garrafa enquanto a voz do rapaz se desvanecia pela galeria.

Pedro não melhorou, ao contrário. Sua testa se umedecia sem parar, e ele suava tanto por todos os poros do corpo que parecia impossível que pudesse soltar tanta água. Tinha um aspecto cadavérico. A barba estava crescida, o que acentuava sua magreza, e profundas olheiras se desenharam em volta de seu olhar aquoso. Um dia, acordou com a pele coberta de manchas vermelhas, exceto nas palmas dos pés e das mãos, e uma febre que lhe provocava violentos tremores. A seguir, entrou em um estado de torpor alternado com momentos de depressão. Alfredo tentava animá-lo, prometendo que não o abandonaria, escondendo-o dos olhares dos tripulantes e mentindo aos outros passageiros sobre seu estado. Se o Capitão não os mantivesse a bordo pelo menos até Manaus, onde haveria a possibilidade de encontrar um médico, estava claro que Pedro não sobreviveria.

"Um golpe de sorte", pensou Alfredo, sem saber que aquilo fazia parte do desenvolvimento normal da terrível doença. De fato, no dia da escala, quando

estava previsto desembarcá-los, a erupção de Pedro empalideceu, as manchas vermelhas se tornaram lentilhas rosadas e a pele adquiriu uma aparência quase normal. Aquilo o fez se sentir melhor, o suficiente para disfarçar quando vários passageiros, ébrios de pinga, foram lhe pedir que se preparasse para desembarcar.

– É lepra! – gritou um deles ao notar a vermelhidão na pele.

– Não, é tifo – disse outro com convicção.

– Estou melhor, estou melhor... – balbuciava Pedro tentando se levantar.

– Não vê que está há muitos dias com febre? Se fosse tifo, já estaria morto – exclamou um terceiro. Cada um tentava diagnosticar a doença, olhando de soslaio para o doente e mantendo-se a uma distância prudente.

Alfredo e Pedro nunca teriam imaginado que seriam os próprios companheiros de viagem, camponeses do Nordeste como eles, que mais se empenhariam em expulsá-los. Naquelas circunstâncias não havia solidariedade, só medo. Pedro, na tentativa de se mostrar saudável, logo queimou as parcas energias e ficou contemplando com olhos de desespero a horda de miseráveis que o condenava a morrer às margens do rio. A acalorada discussão subiu de tom, até que alguém se aproximou para desamarrar a rede de Pedro. Então, Alfredo teve que recorrer à força.

– Se alguém encostar nele... – disse, e apontou para o facão que havia tirado da mochila. Houve um breve silêncio, no qual trocaram olhares de desafio.

– Ninguém quer pôr a mão nele. Só queremos lhe dar um pontapé na bunda para que contagie as piranhas – gritou um indivíduo desdentado apontando para Pedro com o dedo gordo.

Um coro de risos o seguiu, e o cerco se estreitou. Alfredo brandia a arma, disposto a tudo. Um deles também tirou a faca e o desafiou:

– Vamos ver se é tão valente quanto parece.

Mediram-se. Os outros se limitaram a incitar o combate. Alfredo levou dois cortes pouco profundos nas costelas, mas ao ver tanto sangue achou que estava mortalmente ferido. Desesperadamente, jogou-se sobre o adversário e conseguiu derrubá-lo. Enquanto o outro, em meio a ameaças e injúrias, se debatia no chão, Alfredo agarrou-o pelo pescoço e cobriu-lhe o rosto e o peito de socos.

Os outros já iam intervir quando a sombra do Capitão se recortou no convés. Queria verificar o estado do doente para decidir sua sorte. Fez-se um silêncio total, interrompido pelo arfar entrecortado dos adversários. O grupo se desfez rapidamente.

– Ele vai contagiar todo o mundo se continuar aqui. Devia tê-lo jogado na água, Capitão! – exclamou uma voz.

O capitão se aproximou do doente, ficou de cócoras, fez-lhe várias perguntas e um rápido exame. Alfredo, sujo de barro e sangue, repetia aturdido:

– Ele está melhor, Capitão. Está melhor...

O piloto se levantou e sentenciou em voz áspera:

– É tifo. Ninguém se aproxime dele.

Alfredo ficou boquiaberto. Ouvira falar desse mal transmitido por excrementos de piolho, que com certeza Pedro havia pegado em um pouso ou no Poconé. Os afetados costumavam morrer após duas ou três semanas em estado semicomatoso caso não recebessem tratamento adequado e a tempo. Em uma fração de segundo, viu-se enterrando o amigo na margem lamacenta do Amazonas. Não lhe restava nenhum argumento válido para permanecer no barco até Manaus. O diagnóstico havia sido um veredicto inapelável. Para Pedro, era o fim de tudo. Estava à mercê daquele marinheiro de água doce que se tomava por um capitão de verdade, daquele bêbado que tinha poder de vida e morte sobre os passageiros.

– Precisamos isolá-lo, tirar suas roupas e queimá-las – disse a Alfredo enquanto dava aos marinheiros a ordem de desinfetar o navio com DDT. A seguir, ficou olhando para Pedro, que parecia um pássaro agonizante. – Não vamos abandonar vocês aqui – garantiu-lhe, antes de se dirigir a um marinheiro, ordenando em voz bem alta: – Vamos desembarcá-lo em Manaus!

Fez-se um silêncio tenso, mas ninguém se atreveu a objetar às ordens do Capitão. Foi tamanha a surpresa que Alfredo, ensanguentado e sujo, quis abraçar o piloto em sinal de agradecimento, mas este o deteve secamente.

– É possível que você também esteja incubando a doença – sentenciou, impassível.

Todos os presentes, inclusive os demais marinheiros, não entendiam por que o patrão do barco quebrava o costume de se livrar dos doentes contagiosos, pondo

em perigo a vida dos outros. A compaixão não era uma qualidade pela qual se tivesse distinguido no passado. Nem a piedade, nem mesmo a generosidade. Aquele indivíduo era taciturno e acima de tudo autoritário. Por isso ninguém se atreveu a questionar sua decisão. Os homens voltaram às redes em meio a murmúrios de protesto. O Capitão se voltou para Alfredo:

– Siga-me – disse. Subiram pela escada e Alfredo entrou de novo na parte de cima, dessa vez amparado pela figura seca e protetora do piloto. Pareceu-lhe um verdadeiro paraíso. Tão próximo, porém tão inacessível. O Capitão abriu o armário de remédios e lhe entregou uma caixa de comprimidos. – Aqui está, faça-o tomar cinco ao dia. É cloranfenicol, ele vai se sentir melhor. – Alfredo se desfez em agradecimentos. – Não me agradeça. É a coisa mais normal do mundo não abandonar um conterrâneo neste inferno. Eu também sou de Quixeramobim – acrescentou.

Então, Alfredo entendeu o que havia acontecido, e ao descer para o convés com os comprimidos, Pedro lhe confirmou. Enquanto o examinava, o Capitão havia lhe perguntado de onde era. “Com tantos seringueiros do Ceará, nunca encontrei ninguém da minha cidade”, confessara o temido Capitão, comovido com aquele encontro inesperado. A saudade de um nordestino que afogava em álcool a melancolia do sertão fora mais forte que a sanha de um bando de homens assustados.

Pedro chegou a Manaus à beira do coma, sem forças para caminhar, nem sequer para ficar em pé. Também ali o Capitão os tirou de apuros, encarregando-se de pagar um táxi que os levou do cais abarrotado até o final de uma avenida no limite da selva, onde ficava a enfermaria do Sesp (Serviço de Saúde Pública), um barracão de madeira infestado de moscas, com telhado de metal que chiava a cada aguaceiro. Alguns pacientes estavam deitados em camas de armar, mas a maioria jazia em um mar de redes penduradas por todo lado. Quase sem ventilação, com poucas lâmpadas penduradas entre as teias de aranha do teto, sem mosquiteiro algum e padecendo contínuos cortes de água corrente, aquele lugar de sofrimento no meio da umidade asfixiante de Manaus parecia a antessala da morte. Os ratos passeavam por entre os sapatos e os baldes cheios de ataduras e restos de esparadrapo. Alguns subiam pelas paredes e roíam as cordas das redes, que acabavam estourando com um estalo seco, fazendo o pobre doente dar com os costados no chão. Durante o tempo que os fizeram esperar na varanda, Alfredo e Pedro viram chegar corpos ensanguentados, vítimas de brigas nas ruas pestilentas daquela cidade da selva, com tiras de carne pendurada ou as

entranhas perfuradas por alguma punhalada. Também chegavam crianças com os olhos revirados, vítimas de malária ou de uma disenteria súbita – as principais vítimas daquele caos sanitário. Seu organismo debilitado pela doença não resistia à falta de higiene, e, segundo o informe de um médico norte-americano que havia saído escandalizado do Sesp, “morriam como moscas”.

Apesar da insistência de Alfredo, preocupado ao ver o amigo se consumir como uma vela, Pedro teve de esperar várias horas até que um médico o examinasse. O pessoal não dava conta de atender a todos os pacientes que a malária, o beribéri ou a disenteria fulminavam. Quando finalmente lhe diagnosticaram um tifo virulento, um indivíduo de jaleco branco deu ordem de levá-lo a uma sala contígua onde as visitas e o acesso eram absolutamente proibidos. Pedro se opôs e começou a se agitar; naquele momento, teria preferido qualquer barraco malcheiroso àquele inferno. Mas já era tarde demais. Enquanto dois enfermeiros o levavam em uma rede, Pedro lançou um olhar de súplica ao amigo, que lhe prometeu voltar todos os dias. Antes de entrar no barracão onde os doentes altamente contagiosos eram confinados, Alfredo viu a mão do amigo se agitar em sinal de despedida, e por um momento pensou que não o veria mais.

Aquele barracão onde haviam trancado o jovem soldado da borracha estava lotado de casos de meningite que as autoridades, cuja falta de sensibilidade beirava o absurdo, ocultavam. O diretor de Saúde Pública do Estado havia dado ordem categórica de suspender uma reunião convocada pelo chefe da enfermaria com todos os médicos locais a fim de informá-los sobre a propagação de uma epidemia de meningite na cidade. O motivo aludido para o cancelamento havia sido “não divulgar informação alguma de possível uso político por parte dos inimigos do interventor do estado”. Pedro de Oliveira, na rede onde se debatia entre a vida e a morte, via dezenas de doentes morrerem sem suspeitar que a ambição de um grupo de políticos havia privado a classe médica e a população em geral da informação necessária para lutar contra a praga que caía sobre a cidade.

Alfredo, a quem foi vetado o acesso à sala de quarentena, viu-se sozinho, sem dinheiro e com medo de perder o contrato de trabalho com o seringalista do Acre por conta do atraso da viagem. Como tantos outros soldados da borracha que a ineficaz organização da campanha havia transformado em vagabundos, começou a deambular pelo asfalto das ruas de Manaus, meio derretido de calor. Com a falta de abastecimento dos pousos, Alfredo encontrou novamente sua fiel

companheira do sertão: a fome. A súbita chegada de técnicos e tecnocratas das agências governamentais brasileira e norte-americana instaladas na Amazônia para impulsionar a Batalha da Borracha, somada à imigração de pedreiros e seringueiros, havia feito a população aumentar a ponto de os produtos de primeira necessidade começarem a faltar. Por outro lado, a ameaça dos submarinos alemães havia obrigado o governo a interromper a navegação de cabotagem pouco depois de o Poconé regressar a Fortaleza. Desde os tempos do boom, em que se importava batata de Portugal e mortadela de Milão, todos os esforços do Estado para incentivar a agricultura em Manaus haviam fracassado. Os homens iam para lá atraídos pelo cheiro da borracha e por nada mais. Um século depois de sua criação, Manaus precisava importar do Sul do Brasil tudo o que consumia. No início de 1943, em seus mercados não se encontravam artigos como o açúcar, farinha de trigo, manteiga, toucinho e sal. Em dois meses, o preço de uma dúzia de ovos havia passado de 20 a 200 cruzeiros.

Como naquela cidade lotada de gente e cercada de selva não se produzia nada, os mais fracos entre os pobres morriam no meio da rua, diante da indiferença geral. Para os outros, só restava a esperança de uma esmola. Alfredo Eustáquio, que havia trocado sua terra e sua família pela promessa de uma vida digna garantida pelo governo, viu-se condenado a suportar uma das piores humilhações para um vaqueiro do Nordeste. Como tantos outros, teve que se rebaixar a fazer o que até então havia recusado com veemência. Depois da habitual visita à enfermaria, ao voltar à cidade, pôs-se a fuçar nos restos de lixo do Bar Americano para recolher alguma casca ou resto de comida.

Naqueles dias de 1943, a antiga capital mundial da borracha parecia mais um refúgio de mendigos que um centro comercial onde se planejava a gloriosa Batalha da Borracha. A situação nas lojas e nas barracas de ambulantes refletia a decadência geral. Os mosaicos dourados da Ópera haviam desaparecido, e o teatro estava havia vinte anos fechado. Homens em andrajos dormiam no chão, em meio ao lodo e aos eflúvios de álcool. As fachadas das antigas mansões estavam descascadas e os palacetes, cinzentos de pó e chuva, desmoronavam. Os americanos da Rubber Development Corporation, organismo encarregado de planejar a Batalha da Borracha, matavam as horas no Bar Americano, afogando em álcool o tédio da vida naquela cidade imunda e quente onde a água corrente era racionada, os sanitários não funcionavam e a eletricidade era cortada sem prévio aviso durante dias.

Porém, não fazia muito tempo Manaus havia sido uma das cidades mais

prósperas do mundo. A simples menção a seu nome lembrava uma insaciável mistura de curiosidade e de admiração. A “Paris das Selvas”, como era conhecida no início do século XX, essa ilha de cimento em um oceano verde, agora presa da vegetação que arrebentava os edifícios e levantava os paralelepípedos das ruas, havia encarnado o sonho do homem de dominar a natureza e moldá-la a seu bel-prazer. Os “barões da borracha”, proprietários de imensas extensões de território que controlavam de maneira absoluta, haviam-na criado um século antes para se proteger dos rigores da selva. Não só haviam criado uma metrópole sob medida para seu poder e riqueza, como também a haviam feito moderna, bela e extravagante. Mandaram construir parques com lagos artificiais onde, duas vezes por semana, a boa sociedade de Manaus assistia aos concertos da banda do governador antes de tomar um drinque no Grande Hotel Internacional. A construção do fabuloso Teatro da Ópera, em cuja cúpula azul e dourada resplandeciam os raios do crepúsculo, havia marcado seu apogeu. Dentro dele, candelabros de cristal de Veneza iluminavam uma sala para 1.600 pessoas. Colunas de mármore de Carrara decoravam a entrada principal. Todos os aspectos da vida na cidade eram marcados pelo excesso. Os idosos ainda recordavam a história daquele príncipe da borracha que dera champanhe para seu cavalo árabe depois de uma noite louca pelos cabarés da cidade. Ou a de dois holandeses que, apaixonados por uma bailarina, alugaram a Ópera durante uma noite inteira para que cantasse exclusivamente para eles. A reputação de Manaus como o maior bordel do mundo atravessou todas as fronteiras. A imprensa cotidiana anunciava “pensões de estilo francês” que abriam às 4 horas da tarde e cujos preços eram fixados de antemão. Uma noite com uma virgem polonesa de 13 anos podia custar 70 libras. Aquelas que se transformavam em celebridades locais fixavam seu próprio preço.

Mas, apesar de toda aquela sofisticação, Manaus nunca havia deixado de ser uma cidade pioneira. “Proibido o uso de armas e flechas”, rezava o artigo 52 da ordenança da cidade. Perto dos bairros de luxo haviam se espalhado favelas semeadas de tanques para colher água de chuva. Apesar de as ruas estarem pavimentadas, o cheiro de castanha-do-pará, rum, cachaça, gengibre, canela e suor sempre recordava a proximidade da selva. Para os nordestinos que iam se tornar seringueiros nas profundezas das selvas, Manaus nunca foi mais que uma aparição cintilante atrás do cais do Amazonas, onde trocavam o vapor que os havia transportado até ali por uma gaiola menor, capaz de navegar nos afluentes mais difíceis. Para todos os desfavorecidos que em 1943 compunham o patético Exército da Borracha, Manaus não representava nem passado glorioso nem

futuro promissor. Era só uma parada obrigada, mais um encontro com uma administração corrupta e ineficaz, um obstáculo a vencer naquela interminável peregrinação rumo aos remotos seringais da selva.

Alfredo Eustáquio só esperava daquela cidade decadente e suja que lhe devolvesse o amigo para seguir viagem até os confins do Brasil. Mas a espera se tornava cada vez mais insuportável. A vertigem da fome o obrigava a sentar-se com frequência para repor as forças. Nas calçadas escaldantes, os cartazes da propaganda oficial que enumeravam as vantagens de participar da gloriosa Batalha da Borracha lhe pareciam, então, de uma crueldade insultante. Um dia, Alfredo teve que se resignar a descer mais um degrau no inferno da humilhação. Lutando para conter as lágrimas de raiva que lutavam para saltar, aproximou-se de uma mulher: “Estou com fome”, limitou-se a dizer com um fio de voz. A mulher o fitou e, a seguir, tirou umas moedas da bolsa e as entregou a ele. Alfredo permaneceu imóvel vendo-a se afastar. Nesse momento, teria preferido mil vezes que a boa senhora não o tivesse ouvido. Sozinho e impotente no meio da calçada cheia de buracos nos quais era frequente tropeçar, indiferente aos olhares dos transeuntes, o filho do orgulhoso sitiante do Ceará pôs-se a chorar amargamente.

** Hércules, o maior escaravelho do mundo. (N. A.)

5

Em uma clareira da selva fechada do Estado do Acre, na Colocação Tracoá do Seringal Santa Fé, o jovem seringueiro Francisco Mendes estava acabando de colocar as bolas de borracha perto da margem do riacho. O barulho das cigarras, o coaxar das rãs e a luz dourada do entardecer sobre a densa mata fizeram-no recordar a proximidade da noite, e ele se apressou ainda mais. O capataz já estava chegando para levá-las. Aquelas bolas de borracha haviam sido fruto de seu trabalho de seringueiro durante os longos meses da estação seca. Todas as tardes, antes que as chuvas chegassem, ele as havia defumado no galpão situado a poucos metros de sua casa, respirando uma densa fumaça esbranquiçada enquanto vertia o látex em volta de um pau que girava sobre um forno onde ardiam pedaços de madeira de palma. O calor coagulava a seiva da seringueira. Quanto mais fumaça, mais qualidade, sempre lhe haviam ensinado isso. Aprendera que a melhor borracha é obtida com a cura do látex logo depois da extração, visto que a fumaça impede a formação de fungos ou de mofo.

O capataz levaria as bolas enegrecidas em troca de um dinheiro do qual nunca como nesse momento Francisco precisara tanto. Assim como ele, todos os habitantes espalhados por aquela vasta região, dividida em seringais que variavam de 10 mil a 500 mil hectares, preparavam-se para comemorar o Dia de São Sebastião, mártir da Igreja, patrono dos seringueiros e da cidade de Xapuri. Sairiam das profundezas das selvas, uns de piroga, outros de burro ou de caminhão, e a maioria a pé. Durante dias, alguns durante semanas, percorreriam veredas úmidas, navegariam por milhares de meandros de rios terrosos com o único objetivo de passar algumas horas com outros seringueiros e quebrar, assim, a monótona solidão da existência. De quebra, pediriam ao santo todo tipo de felicidade, desde “que não falte leite nas árvores” até que lhes conservasse o bem supremo da vida: a saúde, sempre ameaçada por uma infinidade de parasitas, por carências seculares e por um calor implacável, constante e opressivo.

A impaciência de Francisco Mendes, conhecido como um homem tranquilo e afável, não se devia à chegada do capataz ou à festa em si. Devia-se a algo que ele não se atrevera a confessar a ninguém, nem sequer a seu irmão Joaquim. Sua namorada, uma bela acriana chamada Iraci, dez anos mais nova que ele, também

iria ao baile, e Francisco estava decidido a pedir sua mão. Ele a conhecera poucos meses antes em uma colocação vizinha – uma dessas clareiras nos seringais da selva onde ficam as casas de madeira de palma dos seringueiros. Tinha a pele clara, grandes olhos negros um pouco puxados e uma voz doce como um sussurro. Ele ficou olhando longamente para ela, e ela lhe sorriu. Foi uma flechada fulminante. Ele quis balbuciar umas palavras, mas não saiu nada coerente, e amaldiçoou a própria timidez. A partir de então, pensou nela dia e noite e organizou seus fins de semana em função da garota. Todos os sábados, Francisco remava durante sete horas para ir visitá-la, voltando à sua colocação no domingo. Esses esforços românticos eram considerados normais na Amazônia, onde as distâncias e o isolamento são tão grandes. Os que vivem a sete horas de canoa uns dos outros são considerados vizinhos; a três dias de caminhada, moram perto.

Mas para Iraci Lopes Filho, filha e neta de seringueiros, aquela demonstração de amor, embora não desmesurada segundo os costumes do lugar, tocava sua alma. Ela era doce e carinhosa, e aquele seringueiro de olhos de um azul vivo, simpático e um pouco diferente dos outros, visto que sabia ler e escrever, a comovia. Talvez adivinhasse que Francisco mergulhava na maior angústia à medida que o Dia de São Sebastião se aproximava. Ele tinha pavor de que seu defeito físico arruinasse seus planos: tinha as pernas tortas. “Pé de papagaio”, como lhe diziam. Isso, e também a competição desenfreada que o fluxo de soldados da borracha havia levado à região, o fazia pensar que fracassaria em seu propósito. De novo, a balança demográfica da selva Amazônica havia se desequilibrado. Como nos tempos do boom, de novo havia muitos homens para poucas mulheres.

Dos seus 33 anos, Francisco havia passado 21 exercendo a profissão de seringueiro que havia aprendido com o pai. A família provinha do Ceará, de uma aldeia chamada Limoeiro, próxima à cidade portuária de Camucim. Francisco havia chegado aos 12 anos repetindo a saga de tantos e tantos nordestinos. No caso da família Mendes, foi a construção de uma estrada e suas consequências que os fez pegar os caminhos poeirentos. O pai se opusera com todas as forças a que o traçado passasse pela aldeia. Mas nem as cartas enviadas nem os protestos perante os funcionários do ministério surtiram efeito. Tal como havia previsto, quando a estrada foi aberta ao trânsito, Limoeiro perdeu a paz. A casa dos Mendes foi invadida por grupos de flagelados. Eram invasões silenciosas. Famílias de vinte pessoas entravam em uma casa, certificavam-se de que era

habitada por pouca gente, justificavam-se dizendo que estavam com fome e a seguir roubavam tudo. Os donos da casa assistiam impotentes ao espetáculo do roubo de todos os seus víveres e pertences. Enfrentá-los podia significar morrer com uma punhalada. Procurar a polícia era inútil; antes de chegar ao posto policial mais próximo, os saqueadores já teriam desaparecido. Não restava outro remédio senão resignar-se. Mas, na terceira invasão, o velho Mendes ficou farto. Fechou a casa e pegou a estrada com a família, até Camucim, onde morava seu irmão. Dali embarcaram para o norte do Estado do Pará, onde trabalharam como agricultores durante seis anos. Em 1926, decidiram ir para o Acre tentar a sorte. Não encontraram fortuna, mas sim uma vida mais tranquila. O velho Mendes sempre repetia que era mil vezes melhor cortar seringa pelos caminhos da selva que trabalhar de cócoras de sol a sol para que uma seca ou uma inundação acabasse com seus esforços. O acaso, ou talvez os fios invisíveis do destino, fariam seu neto, no final do século XX, também lutar contra a construção de uma estrada, e essa luta se transformaria no símbolo de uma tragédia que afetaria todo o mundo.

*

Francisco saiu de casa antes do amanhecer e andou pelas trilhas da selva o dia todo. O capataz lhe pagara bem, e até lhe havia adiantado alguma coisa por conta das próximas pelas de borracha. Então, ele poderia comprar uma camisa nova de um comerciante peruano, oferecer uns tragos a seus amigos e, acima de tudo, comprar um presente para a mulher que lhe tirava o sono. Embora sempre tivesse o cuidado de não se endividar demais, sentia que uma força maior que a razão o levava a esbanjar. Adquirir bens que não eram diretamente úteis para a sobrevivência era um luxo que não estava ao alcance de um seringueiro.

Como todos os seringueiros, Francisco levava sempre uma espingarda no ombro para o caso de cruzar com um porco-do-mato ou com outro animal comestível. Apesar de ter um andar peculiar, que era engraçado, segundo aqueles que o conheceram, Francisco havia desenvolvido a incrível capacidade de caminhar dos moradores da selva, que só podiam contar com as próprias pernas ou com uma canoa para vencer as distâncias. Quando Francisco chegou à margem do rio, sentou-se apoiado em uma árvore e esperou que passasse alguma embarcação que o levasse até a cidade. Ao ouvir o ronronar de um motor a diesel, ligou seu lampião de restos de látex coagulado e fez sinal com a mão. Minutos depois, navegava junto com alguns companheiros rumo à cidade.

Xapuri, uma ilhota de atividade humana em um oceano de vegetação, havia sido uma aldeia indígena antes de os primeiros brancos fazerem dela um centro comercial da borracha. No edifício da Alfândega – um dos últimos vestígios da presença boliviana, transformado provisoriamente em bar –, mandavam deter os barcos para cobrar impostos sobre as pelas de borracha que transportavam rio abaixo. Xapuri, que chegara a ter 20 mil habitantes em 1907 (contra 5 mil em 1940), conhecera dias de glória que muitos ainda recordavam com saudade. Grupos de bailarinas francesas incluíam seus cabarés famosos em suas turnês amazônicas. Mais tarde, esses cabarés foram se transformando em bares e lojas que, entre armazéns de ricos comerciantes de borracha e castanhas-do-pará, formaram a rua que acompanha a margem do rio, onde ficam amarradas gaiolas, barcas, canoas e pirogas.

Assim que desembarcou, Francisco percorreu a dezena de ruas em ângulo reto cercadas de casas baixas de madeira, construídas sobre palafitas para evitar as cheias do rio, procurando um presente para Iraci. Nessa cidade à margem do mundo, as festas anuais, além da visita de algum político local, eram a única coisa que interrompia a tranquilidade e o tédio cotidiano. A população dobrava. Vendedores ambulantes chegavam do Mato Grosso e da Bolívia e colocavam suas barracas ao longo da avenida principal e da rua dos bares, lotadas de seringueiros bêbados desde o amanhecer. Um broche feito com a pena cor de laranja de um colibri e com veios de alpaca lhe chamou a atenção. Nada melhor que esse toque colorido para iluminar a serena beleza da garota que procurava por todos os lados com o olhar. Regateou no preço, hesitou, foi embora, voltou, discutiu, tornou a hesitar e por fim comprou. Só restava encontrar a garota.

Andou a tarde toda pelas ruas abarrotadas, cumprimentando amigos e conhecidos que não via desde o ano anterior. À medida que passavam as horas sem rastro de sua amada nem de parente algum, sombrios pensamentos se apoderaram de sua imaginação exaltada. Iraci talvez não tivesse ido por estar doente, ou talvez houvesse pensado melhor e não quisesse mais se encontrar com aquele seringueiro de andar torto que a cortejava com tanta paixão. Outra possibilidade, porém, o torturava: que um soldado da borracha, um desses sem-vergonhas que iam tirar o pão dos seringueiros, a tivesse conquistado. Lutando contra a angústia que lhe oprimia o peito, juntou-se à procissão que cruzava a cidade indo da igreja até a estátua de São Sebastião, situada em um pequeno parque em frente ao rio. A estátua, pintada de cor de carne, pingando sangue das feridas de flechas, havia sido colocada em um pedestal voltado para o rio, para

que o patrono da cidade evitasse as cheias e para que desse sua bênção ao tráfego de barcos, a única via de acesso aos mercados. Aquele ano, seringueiros de rosto enrugado e suas mulheres envelhecidas pela dura vida da selva rezavam para que o abastecimento de mercadorias melhorasse nos seringais. A escassez estava chegando, de maneira alarmante, aos quatro cantos da selva.

Iraci ainda não aparecera, e Francisco estava começando a se sentir mal. Suas pernas doíam, e a expectativa havia se transformado em uma dolorosa busca. Depois da procissão, decidiu tomar um trago de pinga. Foi até um amplo recinto que um dia havia sido depósito de borracha e que agora estava lotado de uma multidão endomingada dançando ao ritmo do forró, a música do Nordeste que fazia sucesso em todo o país. Francisco entrou no local denso de fumaça e teve que esperar alguns instantes até que seus olhos se acostumassem à falta de luz. Quando os abriu de novo, achou que estava sonhando.

Ela estava ali, abanando-se no meio de um calor pegajoso, usando um vestido branco, cercada de amigas que riam e cochichavam, enquanto batia com o pé ao ritmo da música. Um prateado cintilava como uma gota de orvalho em seus cabelos negros e lustrosos. Suas faces tinham o resplandecente rubor de uma orquídea, seus olhos pareciam duas canoas escuras em um remanso de clareza. Francisco nunca a tinha visto tão bonita. Suas feições femininas, seus modos discretos e, acima de tudo, seu sorriso o faziam vibrar. À medida que se aproximava dela, sentia que as batidas do seu coração faziam mais barulho que a própria orquestra. De repente, lembrou-se do seu andar e tentou disfarçar, diminuindo o passo. A mudança não passou despercebida para Iraci e suas amigas. Francisco as viu abafar uma gargalhada enquanto ouvia, acima do burburinho geral: “Pé de papagaio!”. Sentiu uma onda de vergonha. Tantas vezes o haviam chamado assim que achava estar imunizado. Naquele momento, porém, aquelas palavras o feriram: um seringueiro de pernas tortas não conseguiria competir com tanta concorrência. Em um segundo, seus sonhos de felicidade se chocaram estrepitosamente contra a realidade de suas pernas arqueadas. Fez um esforço sobre-humano para recolher os fragmentos quebrados de sua ilusão e reunir forças para se dirigir a ela. Sem a cumprimentar, sem uma palavra de introdução, sem nada que pudesse delatar o inferno de tarde que acabava de passar, Francisco fez a proposição mais ousada de sua vida. Esquecendo o olhar debochado das amigas, perguntou timidamente:

– Você me concede a próxima dança?

Iraci pareceu não se surpreender em absoluto com o convite do coxo. Pousou nele os grandes olhos negros e, pegando em sua mão para levá-lo à pista, disse:

– Estava esperando você.

Aquilo deve ter sido a coisa mais doce que aquele seringueiro de andar claudicante jamais ouvira na vida. De repente, tudo voltava ao lugar, e ele podia deixar para trás o monstro que tanto o havia atormentado. Iraci não se importava com seu andar claudicante. Importava-se com ele, com sua maneira de ser, com sua forte personalidade, de uma honradez cristalina, com a firmeza dos seus braços ao abraçá-la. Ela lhe confessou que havia rejeitado diversos convites para dançar dos forasteiros que aquele ano haviam invadido a cidade. Não mereciam sua confiança, acrescentou. Para Francisco, aquilo soou como música celestial. Tirou do bolso o broche de colibri e o prendeu no vestido branco da garota.

Mais tarde, depois de haver bebido uns tragos e enquanto passeavam pela margem do rio, Francisco lhe falou com o coração ansioso. Tinha 33 anos e desejava constituir seu próprio lar. Era honesto e trabalhador. Suas famílias se conheciam desde que haviam chegado do Ceará. Ele sabia ler e escrever. Tinha um defeito na perna, mas era compensado por outras virtudes e, acima de tudo, pela intensidade de seus sentimentos. Ela queria se casar com ele? Iraci admirava seu jeito de falar, mais refinado que o dos outros homens que a haviam cortejado, mas estava intimidada. A jovem olhou-o diretamente nos olhos e não respondeu.

6

Alfredo Eustáquio e Pedro de Oliveira estavam com os pés inchados de tanto caminhar pelas trilhas da selva. Seguiam com dificuldade o capataz, que não parava de debochar daqueles novatos. Pedro, apesar de ter recebido alta do Sesp de Manaus havia mais de um mês, continuava se sentindo cansado. Os vinte dias de semi-inconsciência na ala dos contagiosos haviam-no deixado pele e osso. Entre as poucas recordações que se sobrepunham em sua mente como se fossem de um tempo muito distante estava a do capelão que fora lhe dar a extrema-unção. Não teve forças nem para beijar a cruz que o padre, depois de cada doente, esfregava com um algodão encharcado de álcool. Mas, afinal, a morte não quis Pedro. Poucos dias depois, começou a sair do torpor em que o tifo o havia mergulhado, mas teria preferido continuar dormindo para se poupar da visão de desolação daquele barracão de doentes meningíticos. A maioria deles estava prostrada e inconsciente; outros, porém, perdiam a razão e de repente começavam a berrar ou a fazer gestos incoerentes, ou se metamorfoseavam sob o efeito de violentos espasmos e tiques impressionantes. O cheiro de éter misturado com o de umidade e urina ficaria gravado nele para sempre. Uma manhã, pouco tempo depois de ter recuperado a consciência, entregaram-lhe uma caixa de comprimidos e lhe deram alta. Uma enfermeira com o rosto marcado de varíola aconselhou-o a sair dali o quanto antes para evitar pegar meningite.

Pedro não reconheceu Alfredo, que ia perguntar por seu amigo, como todos os dias ao entardecer. De fato, nenhum dos dois se reconheceu à primeira vista. Estavam esquálidos, com as pernas feito palitos, os pômulos salientes e profundas marcas escuras em volta dos olhos. Alfredo havia sobrevivido recolhendo migalhas nas ruas daquela cidade decadente que havia lhe ensinado o horror da solidão e da miséria. Descobrira que Manaus era uma selva mais perigosa que a própria selva circundante. Aprendera a reconhecer os animais que, sob aparência humana, a povoavam: abutres, tubarões, chacais, cães e cobras. Também havia aprendido que há sempre mais degraus para o fundo da desdita humana. Por isso, já não se envergonhava de chorar de fome. Por todo lado havia gente que desmaiava de inanição. Sua aldeia do sertão já não lhe parecia aquele lugar infernal castigado pelo calor e pela falta de chuva, e sim o doce lar onde moravam os únicos seres para quem sua vida realmente importava.

Os dois amigos quiseram sair de Manaus o mais depressa possível, mesmo que fosse só para comer na gaiola. Porque nos rios sinuosos formados pelos afluentes do Amazonas sempre era possível caçar uma queixada ou pescar um bom pirarucu, o maior peixe de água doce do mundo. Ao passo que em Manaus, com tanto soldado errante, até a esperança do lixo estava desaparecendo.

A viagem até o Acre foi longa, mas relativamente confortável, apesar das chuvas. Cheio do lodo subtraído das margens, da lama que o tingia de marrom e púrpura, o sinuoso rio Purus corria, longo e profundo, às vezes tranquilo e às vezes querendo transbordar. Era inverno na bacia do Amazonas, a estação das chuvas, quando a água afoga grande parte da selva, improvisando lagos do tamanho da Irlanda e criando outros rios, grandes como o Danúbio. Alfredo e Pedro viram a correnteza levar troncos, raízes, onças-pintadas, sucuris e até rebanhos de bois cujos mugidos se misturavam ao rumor das águas. Viram peixes no meio de copas de árvores inundadas e folhas gigantescas flutuando à deriva. Embora no inverno seja mais fácil navegar que na estação seca, na qual sempre se corre o risco de encalhar, a tripulação tinha que permanecer constantemente alerta para não se perder, por conta da variação do curso dos rios. Quando a água baixava, os marinheiros descobriam que as margens haviam mudado de forma, que o leito dos riachos onde costumavam parar para pescar havia se modificado, que ilhas inteiras haviam sido arrancadas enquanto outras surgiam do lodo arrastado. Como todos os anos, uma Amazônia morria e outra nova nascia.

Alfredo e Pedro assistiram a esse espetáculo da natureza na monótona placidez da gaiola. Três meses depois de sair do Nordeste e ao fim de cinco semanas de navegação pelo Purus e pelo Acre, finalmente chegaram a Xapuri. Entraram em contato com o capataz do seringal que os havia contratado, um homem de uns 40 anos com longas costeletas, bigode curto, uma incipiente calvície, olhos negros e barriga avantajada. Usava calças de lona, camisa xadrez e botas de couro. Deu-lhes as boas-vindas, e, ao saber das causas do atraso, franziu ainda mais o cenho que sempre mantinha enrugado. Não era um bom augúrio que um trabalhador tivesse ficado tão gravemente doente antes de chegar. Um organismo debilitado era um mau começo para se adaptar a uma natureza que se voltaria contra eles: a sarça, cujas espetadas se transformariam em inflamações; os vermes, as larvas, os carrapatos que penetravam todo o organismo para semeá-lo de doenças, as bactérias da água frequentemente pútrida; até a picada das formigas gigantes, mais dolorosa e perigosa que a dos

escorpiões, esperava por eles na selva.

O homem os conduziu ao depósito do seringal, um edifício escuro de pé-direito alto, que continha as mais variadas mercadorias. Embora estivesse meio vazio, havia prateleiras com roupa, garrafões de óleo, blocos de sabão, sacos de café, caixas de ferramentas. O capataz entregou a eles os instrumentos necessários para a extração do látex: duas facas de seringa, duas raspadeiras para raspar a casca e várias tigelinhas de latão para fincar na casca das árvores. Deu-lhes até comprimidos de quinina para malária e duas espingardas de péssima qualidade. Alfredo e Pedro não sabiam que essas armas eram fabricadas na Europa especialmente para o comércio da borracha, e que depois de meia centena de tiros o mecanismo se estragava. O seringueiro era obrigado a comprar outra, enriquecendo o seringalista, que sempre procurava a pior qualidade para repetir a venda com mais frequência.

A seguir, sem mais demora, rumaram para as profundezas da selva, guiados pelo capataz, que aproveitaria para recolher as pelas de borracha. Com os músculos doloridos pela falta de costume, sedentos, sujos, devorados pelos mosquitos, carregando a mercadoria que lhes cabia, chegaram dois dias depois ao Seringal Santa Fé, Colocação Tracoá, onde Francisco Mendes morava.

Era costume deixar os novatos com alguém experiente para que aprendessem os rudimentos do trabalho de seringueiro. Quando se achava que já eram capazes de trabalhar sozinhos, recebiam uma colocação própria na qual viviam isolados do mundo ou, na melhor das hipóteses, junto com dois ou três seringueiros. Francisco já havia formado vários, e, embora desconfiasse de qualquer estranho, era uma tarefa de que gostava. Quebrava sua solidão e dava possibilidade de fazer amizades duradouras. Enquanto o capataz lhes mostrava as estradas, trilhas que saem de cada clareira e retornam ao ponto de partida, como uma mola, onde estão espalhadas de cem a duzentas seringueiras que o seringueiro sangra diariamente, Francisco explicava aos recém-chegados a técnica de cortar seringa: fazia-se uma incisão na casca, não muito profunda para não ferir a árvore, nem muito superficial a ponto de não permitir a saída de seiva. A seguir, colocava-se uma tigelinha de latão embaixo, onde a seiva que gotejaria pela manhã se acumularia. Depois, teriam de percorrer o mesmo caminho para colher o látex, esvaziando o conteúdo da tigelinha em um balde. Uma vez no galpão, restava a penosa tarefa de defumar o látex.

TALVEZ FOSSE O CANSAÇO, talvez a raiva de se sentir enganado ou a impotência

diante daquele sistema injusto, mas aquele dia de iniciação quase acabou em matança. Tudo começou enquanto acabavam de comer um arroz que Francisco havia se esmerado em preparar. Estava anoitecendo, o céu estava estrelado. Em volta do fogo, um balé de vaga-lumes celebrava o esplendor da natureza. O capataz, que todos chamavam de patrão, depois de limpar a boca com a manga da camisa, tirou do bolso uma folha de papel que entregou a Pedro. Era a conta do que haviam gastado até então, o saldo. Pedro deu uma olhada e, estranhando, comentou que a viagem era por conta do governo.

– A viagem de Manaus foi paga pelo seringalista. Se conseguir que o governo lhe devolva o dinheiro, cancelaremos essa dívida. Mas, enquanto isso, você nos deve – respondeu o capataz.

Pedro leu atentamente o balancete, o que surpreendeu o capataz, pouco acostumado a tratar com soldados da borracha que soubessem contar além dos dedos das mãos. As ferramentas entregues estavam incluídas, a um preço exorbitante. Pedro explodiu:

– Como uma espingarda pode custar 600 cruzeiros se em Manaus ou Fortaleza custa 150 cruzeiros?

O capataz olhou-o com desdém e fez um esforço para responder:

– Eu não fixo o preço das espingardas, é o dono. Mas vou lhe dizer que os gastos de transporte até aqui são muito altos. E ninguém os obrigou a carregar uma espingarda, de modo que podem devolvê-la, se quiserem. – A seguir, acrescentou: – Nós lhes damos dinheiro adiantado, facilitamos sua vida e seu trabalho, e vocês se atrevem a discutir como se os estivéssemos roubando?

– E isso é o quê? – inquiriu Pedro, que acabava de ver o preço dos comprimidos de quinina. Todos sabiam que a quinina vendida pelos seringalistas a seus empregados havia sido doada pelo governo norte-americano para que fosse distribuída gratuitamente aos soldados da borracha. – Isso o que é senão roubo? – continuou.

O capataz negava veementemente com a cabeça:

– Essa quinina nós tivemos que comprar.

– Mentira! – interrompeu Pedro.

O capataz olhou-o com uma indiferença tão grande que parecia estar pensando em outra coisa. Por exemplo, em como se livrar desse vagabundo respondão.

Sabia que seu único erro havia sido não ter previsto que um daqueles vagabundos soubesse ler e escrever. Se soubesse, teria maquiado as contas com mais habilidade, apesar de que o balanço final ficaria parecido. Estava farto de ouvir aquele moleque andrajoso que se atrevia a questionar anos de prática durante os quais o patrão fixava arbitrariamente os preços das mercadorias. Levantou-se de supetão, o que Francisco Mendes, atento, interpretou como mau sinal. Embora odiasse o sistema de aviamento vigente nos seringais, no qual os intermediários comerciais ficavam com todo o fruto do esforço e do trabalho do seringueiro, sabia medir o perigo de uma confrontação direta com um capataz. Tentou fazer um sinal a Pedro, mas este estava indignado. Segundo as contas, a dívida que tinham com o seringalista, antes mesmo de começar a trabalhar, chegava ao equivalente a 6 mil libras de borracha, que levariam seis anos para devolver! Era impossível, inaceitável. Naquelas contas tudo era ilegal, e uma flagrante violação das condições do contrato promovido pelo governo.

Pedro, enfurecido, tirou do bolso aquelas folhas de papel que tanto lhe havia custado conseguir em Belém. Nelas constava, claramente, que a viagem, em sua totalidade, corria por conta do governo e que os trabalhadores da borracha tinham direito a sessenta por cento do benefício da produção. Em troca, o seringueiro se comprometia a entregar toda a borracha produzida ao patrão. Sem se levantar da rede, o capataz arrancou o contrato das mãos de Pedro e o rasgou em pedaços.

– Aqui não há contrato que valha! – gritou. – O único contrato, aqui, é a palavra do patrão!

Pedro, cego de raiva, partiu para cima do homem. Francisco interveio a tempo, colocando-se entre ambos, enquanto Alfredo segurava os braços do amigo. O capataz havia desembainhado a pistola e tentava fazer mira para atirar em Pedro:

– Vou fazer você virar comida de formiga – ameaçou sem perder a compostura.

– Deixe para lá, ele não sabe o que diz. Está cansado, já vai passar – repetia Francisco para o capataz, tentando acalmá-lo.

O seringueiro, desde a infância, havia se tornado mestre na arte de lidar com os patrões, algo imprescindível para sobreviver nas selvas. Havia aprendido a nunca enfrentá-los diretamente. Só quem havia passado a vida colhendo látex sabia até onde podia chegar a brutalidade desses homens. Chegava até o extremo

de mandar matar o seringueiro rebelde que questionasse as condições leoninas de trabalho. As distâncias, a falta de uma autoridade competente, a própria natureza da selva eram o cenário perfeito para todo tipo de crime. Desde os tempos da conquista, a selva havia engendrado os mais perversos tiranos, os mais abusivos latifundiários, os mais cruéis caciques que se refugiavam em suas entranhas, onde a única lei era a impunidade. A própria história da borracha havia sido uma história de violência e de sangue. Os primeiros seringalistas, cansados de correr pela selva para capturar índios e transformá-los em escravos, subornavam tribos rivais com álcool e com armas para que vendessem seus inimigos aos patrões – como provava a história de Fitzcarraldo, um negociante alemão que massacrou centenas de índios que se negavam a extrair látex para ele. E a do peruano Julio César Arana, cujos capatazes atacavam aldeias, roubavam a população e a acorrentavam, afogando na frente dos pais as crianças muito novas para trabalhar. As mulheres eram invariavelmente violentadas e entregues aos capatazes como prostitutas. Francisco também conhecia a história daquele seringalista que tinha prendido em sua fazenda, às margens do rio Mãe de Deus, seiscentas meninas com o único fim de procriar para aumentar sua força de trabalho. Sem precisar ir tão longe, quantas vezes havia descoberto, caminhando pela selva, um corpo calcinado e meio escondido na mata? De quantos como Pedro nunca mais se ouvira falar? Onde aquele nordestino orgulhoso pensava que estava? Em algum lugar civilizado da costa? Em uma empresa do governo?

A partir do momento em que decidiram se alistar na Batalha da Borracha, tanto Pedro quanto Alfredo haviam começado a dever para o patrão. Era preciso que os dois novatos soubessem que essa dívida não pararia de aumentar e que sempre seriam prisioneiros. Essa foi a verdade que Francisco lhes contou depois que o capataz foi embora. Mais valia aceitar que estavam definitivamente amarrados ao proprietário do seringal. Ali, reinava a lei do mais forte, e na selva o mais forte era o patrão.

Também não havia a quem recorrer. A justiça não existia. Diante das arbitrariedades dos seringalistas, só cabia a calada resistência passiva. Pedro de Oliveira não conseguia acreditar que havia sido vítima de uma gigantesca fraude auspiciada pelo governo de seu próprio país. Era mais uma vítima entre os 50 mil flagelados do Nordeste que haviam se alistado nesse exército sem comando nem direção. Ciente de que era tarde demais para voltar atrás, Pedro nunca deixaria de se sublevar contra aquela situação absurda, na qual formalmente era

livre, mas na prática um escravo. Logo não seria só escravo da dívida, como também do isolamento, da solidão e da rotina.

7

Nem a escassez de víveres, nem a injustiça, nem a violência para com os recém-chegados conseguiam prender a atenção de Francisco Mendes. Ele conhecia muito bem a mentalidade dos seringalistas e sabia que, no fundo, nada mudaria nas profundezas da selva. Sua mente estava em outro lugar, a sete horas de canoa, onde morava a mulher dos seus sonhos. Iraci finalmente lhe dera uma resposta: ela se casaria com ele. Havia ganhado a única batalha que lhe importava ganhar na vida, e todos os seus esforços se concentravam em formalizar a união. Não queria comprometer a sorte que tivera ao conseguir algo tão único como o amor de uma mulher bela e de família honrada.

O passo seguinte era organizar o casamento, e, para isso, era necessária a presença do padre, que passava uma ou duas vezes por ano em cada seringal para administrar os sacramentos, atuar como juiz de paz e até fazer intervenções cirúrgicas de urgência. Notícias e fofocas corriam de boca em boca entre os membros daquela comunidade dispersa, tão rapidamente que parecia que circulavam a velocidade maior que a própria gente que as transmitia. Era o que os seringueiros chamavam carinhosamente de “Rádio Cipó”. Assim Francisco soube que o vigário passaria no mês seguinte pelo rio mais próximo do Seringal Santa Fé. Essa seria, então, a data do casamento, não só para Francisco, como também para outros seringueiros que chegariam dos remotos confins da selva, uns para se casar, outros para batizar o filho recém-nascido, outros para se confessar e comungar ou simplesmente para curar um forte lumbago. Antes de a criança nascer, os pais já começavam a se preparar para a visita do vigário, que umas vezes chegava a pé, outras de canoa. Era o acontecimento mais esperado do ano. “O motor do padre!”, era o grito que acompanhava a canoa e que corria a selva como rastilho de pólvora. Na colocação todos ferviam de excitação diante da iminente chegada daquele homem que exercia tantas funções que só Deus poderia tê-lo enviado.

Iraci se sentia feliz. Ia ser uma mulher respeitada. Casar-se com alguém sério e trabalhador como Francisco significava que nunca andaria descalça, não dormiria no chão, teria um pente se quisesse se pentear, teria o que comer quando sentisse fome e, com um pouco de sorte, até uma canoa para andar sozinha. Uma mulher assim, naqueles lugares, era uma mulher rica. E Iraci sabia

disso. Com a ajuda das irmãs, começou a preparar o modesto enxoval que consistia em alguns pratos, uma panela, uns talheres, um corte de tecido e uma rede. Um vestido a mais, um verdadeiro esbanjamento nessa sociedade de desapossados, era uma grande alegria para a noiva cortejada e alvo de intensa atenção por parte das amigas. Aquele vestido era um presente de Francisco, que fazia todo o possível para estar à altura das aspirações da noiva. Queria que sua mulher se sentisse "como uma baronesa" ao chegar à nova morada, e para isso trabalhou duramente, ajeitando o barracão e construindo uma canoa com o tronco de uma árvore. Até comprou uma espingarda nova, um extra que não conseguia se perdoar.

Alfredo Eustáquio e Pedro de Oliveira aprenderam a cortar seringa em poucos dias. Francisco explicou-lhes pacientemente os diversos tipos de corte, insistindo que as árvores eram como pessoas: cada uma tinha de ser tratada de maneira particular. Até os mais céticos seringalistas acreditavam que as árvores acabam conhecendo o toque das pessoas. – Elas têm que se acostumar com o novato – dizia Francisco. – Senão, a árvore não produz como deveria. – De todos os perigos da selva, Alfredo e Pedro, depois da discussão com o capataz, inclinavam-se a pensar que o mais terrível era o próprio ser humano. Os recém-chegados haviam precisado de pouco tempo para compreender que a cobra não morde se ninguém a pisa, a onça-pintada não ataca se não estiver faminta, a piranha não morde se não vir sangue; mas o homem é capaz de atacar, ferir e matar por um punhado de cruzeiros e, às vezes, até por simples prazer. Essa havia sido sua primeira lição nos seringais da selva.

Por causa dos muitos mortos, a maioria por doença e inanição, outros por pura melancolia, o capataz tinha que encontrar substitutos o tempo todo. Alfredo Eustáquio passou a ocupar o lugar de um seringueiro esfaqueado pouco tempo antes em uma briga de bêbados. Sua nova colocação ficava em uma comunidade de seringueiros não muito distante da de Francisco Mendes, chamada Boa Esperança. Os dois amigos se despediram um dia, ao amanhecer, quando a bruma se desmanchava por entre as copas das árvores. Seu tempo juntos havia chegado ao fim, e agora os caminhos se bifurcavam. Restava-lhes a esperança de que o destino, como as veredas da selva, os reunisse de novo para empreenderem, um dia, a viagem de volta ao Ceará, prósperos e ricos. Mesmo que fosse um sonho sem fundamento, haviam feito dele seu refúgio, que os ajudava a sobreviver ao duro aprendizado da vida na selva.

Boa Esperança era como um pedaço do Ceará transplantado ao coração da

floresta equatorial. Ali falavam do sertão, cantavam canções do Nordeste, comiam farinha e feijão como na terra natal. Nas manhãs de domingo jogavam futebol na clareira e, quando havia visita, pegavam as violas e dançavam até o anoitecer. Para todos esses homens sozinhos, as filhas dos seringueiros mais velhos eram a luz que iluminava sua vida. Alfredo não tardou a se apaixonar por Neuza, uma esbelta garota de 15 anos, de olhos cor de canela, um sorriso brilhante e um corpo que, ao caminhar, balançava como uma palmeira à brisa do entardecer. Ele passava o dia sonhando com o momento em que cruzaria com ela ao voltar da estrada, com as palavras que lhe diria para chamar sua atenção. Neuza era distante e tão reservada que Alfredo nunca ouvira o som de sua voz. Via-a de longe cochichar com as primas, brincar com os irmãos pequenos e cuidar dos recém-nascidos sem que nada parecesse alterar sua índole. Por mais que Alfredo tentasse quebrar o gelo e criar uma atmosfera de confiança, sempre acabava recebendo o mesmo sorriso doce e enigmático. Neuza era indiferente a tudo o que não dizia respeito ao estrito mundo de seu círculo familiar. Apesar dos esforços do rapaz, a relação não progredia além da mera cordialidade, e isso o exasperava; mas, por outro lado, alimentava sua ilusão de viver.

Alfredo guardaria uma boa recordação de sua vida em Boa Esperança, não apenas por causa de Neuza. Foi lá que se familiarizou com a floresta, que aprendeu a ver a selva de uma maneira diferente, não como um inferno verde, e sim como fonte de vida. Entendeu que ela compensava com sua exuberância as carências do sistema de exploração que os homens haviam tramado em torno da borracha. Parecia que o seringueiro e a natureza haviam feito um pacto tácito de ajuda mútua. As convicções do seringueiro proibiam que caçasse o que não fosse estritamente necessário para a sobrevivência; ao mesmo tempo, reverenciava as seringueiras como se fossem humanas. Em troca, a selva lhe fornecia animais para se alimentar, plantas para se curar e água para se refrescar.

Pedro de Oliveira, por sua vez, foi incumbido de uma clareira na selva situada a cinco dias de distância, no ponto mais remoto do Seringal Santa Fé. Lá não havia famílias nem seringueiros soltos. Só dois cachorros sarnentos e a densa vegetação do entorno. Seu antecessor devia ter morrido na penúria mais completa, porque o barracão nem sequer tinha teto, e o galpão para defumar a borracha precisava ser reconstruído. O vizinho mais próximo era um soldado da borracha que vivia às margens do rio, a três horas de canoa. Como a maioria, passava o tempo todo bebendo, afogando em cachaça a solidão de sua vida.

– O que veio antes de você estava sempre sem comida, porque trabalhava

pouco. Nunca foi um bom seringueiro – contou a Pedro quando este foi visitá-lo. – Morreu de malária porque não tomou o remédio a tempo. Ninguém lhe deu nem vendeu o remédio. Eu fui pedir o remédio ao capataz, e ele disse que, se fosse por ele, o homem podia morrer. O patrão dele não estava interessado em seringueiros vagabundos. Quando fui vê-lo, era tarde demais. Aqui a vida não vale nada. A maioria das mortes são assassinatos encobertos. Ano passado, a selva se encheu de soldados da borracha antes de os responsáveis terem organizado o problema do abastecimento. Muitos passaram tanta fome que já nem estão aqui para contar. E cuidado se for reclamar. No Seringal Corá, rio acima, que é de um português, os compadres vivem sob a ameaça constante de ser exterminados pelos jagunços.

Aquilo não era muito animador para um recém-chegado como Pedro de Oliveira, preocupado em dominar o medo que lhe corroía as entranhas. Medo do fantasma de seu antecessor, dos ruídos da selva à noite, dos felinos de tocaia, das chuvas torrenciais que ameaçavam arrastar tudo, dos insetos com formas tão extravagantes que pareciam répteis, dos répteis tão fugidios quanto venenosos, dos porcos-do-mato capazes de esmagar tudo com um rolo compressor. Medo de toda aquela massa de vegetação que desconhecia. Mais tarde, quando já estava familiarizado com a selva, quando comprovara que a maioria dos temores que o paralisavam estava em sua mente e não na floresta equatorial, o medo se transformou em admiração e respeito por todos os seres vivos dessa natureza profusa e cambiante graças à qual se mantinha vivo. Então, teve que lutar contra outro tipo de medo, mais insidioso ainda: o de ficar doente e não ter remédios, de sofrer um acidente e ficar imobilizado, de não poder formar uma família por não conhecer ninguém: o terror de morrer sozinho e longe de tudo.

Trabalhando, Pedro de Oliveira encontrou jeito de não se deixar levar pela angústia de viver à margem do mundo. Trabalhar para não pensar, trabalhar para espantar os monstruosos fantasmas da solidão. No início trabalhava febrilmente, reconstruindo o telhado para se proteger das tempestades, consertando o defumador e limpando as trilhas com o facão. Saía às 2 horas da madrugada de seu barracão para sangrar as árvores mais suculentas, que Francisco lhe havia ensinado a reconhecer, e voltava às 2 horas da tarde para defumar o látex até noite alta. As pelas se amontoavam até que um capataz chegasse para recolhê-las. Era um trabalho fisicamente extenuante. E acima de tudo frustrante, porque, no fim, sempre dependia dos preços que o patrão cobrava pelos poucos alimentos que trocava pela borracha. Mais tarde, depois de ter arrumado o

barraco, foi relaxando o ritmo do trabalho. Começou a se dedicar a uma atividade que havia aprendido com os pais e que lhe era mais gratificante que qualquer outra. Limpara com as mãos um pedaço de terra e nele plantara mandioca, banana e milho. Cavara canais de irrigação que se encheram de água, refletindo as cores do céu. Todos os dias, ao voltar das estradas e antes do pôr do sol, ia até sua horta e passava um longo tempo contemplando o crescimento dos tenros brotos verde-claros. Tinha planos de construir um silo que lhe permitisse sempre ter alimentos. À medida que via a horta crescer, sentia estar conquistando mais uma parcela de liberdade. Sonhava em comprar uma vaca, ou pelo menos uma cabra, e, pouco a pouco, ter um curral. Pedro pensava que enquanto o capataz continuasse vendo pelas de borracha amontoando-se em frente ao barracão, não faria objeções a sua horta, transformada em um objeto de devoção quase religiosa. Além disso, lembrava que o contrato especificava o direito do seringueiro a cultivar até um hectare de terra. O que Pedro não previu é que a terra que havia desmatado e na qual colocara todas as suas esperanças não lhe pertencia. E aquele contrato que o capataz havia rasgado em mil pedaços rasgado estava.

*

Pedro abandonou o barracão depois de quatro meses para participar do acontecimento mais importante daquele imenso pedaço de selva: a visita do padre à Colocação Bom Futuro do Seringal Santa Fé. Ali se uniriam em santo matrimônio seu amigo Francisco Mendes e a namorada Iraci Lopes. Assim como Pedro, iriam a Bom Futuro dezenas de seringueiros, inclusive seu amigo Alfredo Eustáquio. Todos tinham algo a pedir ao padre José Carneiro de Lima, um jovem missionário chegado fazia pouco tempo do Sul, da cidade de Turvo, no Estado de Santa Catarina, onde ficava a sede dos Servos de Maria, congregação à qual pertencia. Como seus predecessores, aquele homem magro de olhar claro, meio perdido para dentro, tivera de se acostumar às enormes distâncias. Eram dias inteiros que aqueles missionários caminhavam pela selva, às vezes sob chuva constante e com os pés cheios de lama, às vezes sob um tórrido sol ou sob a sombra brumosa de árvores centenárias. Sempre à mercê dos borrachudos, esses mosquitos pequenos, pretos e silenciosos que picam os braços, o pescoço e o rosto, deixando na pele uma pequena mancha encarnada e um ponto vermelho no meio. Os primeiros dias do padre Carneiro haviam sido duros. Os seringueiros lembravam que, ao chegar a uma colocação, depois de cumprimentar os donos do barracão, deitava-se no chão, ficando ali feito morto,

esperando que a horrível dor nas pernas passasse. Mais de uma vez não conseguira dormir por conta do cansaço e das cãibras nas panturrilhas, e passara a noite se perguntando como seguiria viagem no dia seguinte. Mais de uma vez ficara exausto no meio do caminho e tivera de se sentar apoiado no tronco de uma árvore, sozinho e ouvindo os rugidos e o andar impaciente de alguma onça-pintada, em uma agonia interminável que durava até a madrugada. Ninguém que pretendesse ser útil aos homens da floresta podia fugir da prova de fogo das longas caminhadas. Ninguém como o padre Carneiro sabia até que ponto sua presença era esperada e necessária. Só seus predecessores, antes de os motores das canoas terem se popularizado, quando ainda não existia nem estrada nem pista de pouso, haviam chegado mais longe em sua dedicação, ausentando-se de sua base durante períodos de seis meses – e até de um ano – para visitar o povo disperso das selvas acrianas. Todos os inconvenientes e os ferimentos que incidentalmente padeciam nas viagens em missão deixavam de ter importância perante o elevado número de coxos, de manetas, de homens e mulheres com uma ou outra deformidade que encontravam ao chegar às clareiras. As feridas transformadas em cicatrizes volumosas por não haver meios para tratar delas eram as marcas indeléveis que a luta na selva deixava nos homens.

Fiéis ao costume, todos os que chegaram naquele dia a Colocação Bom Futuro levaram alguma coisa, conforme suas possibilidades. Pedro levou um saco de bananas e duas antas que havia caçado. Alfredo levava três tucunarés e dois frangos. Francisco havia pedido emprestado o burro de seus vizinhos para transportar toda a comida que conseguira comprar, incluindo garrafas de cachaça para os convidados ao casamento. Outros levavam presentes, como um punhal ou uma fita de cabelo, uma galinha, um pente ou um cadeado. Os homens e as mulheres, assim que chegavam, organizavam a coleta de lenha e a cozinha, enquanto as crianças brincavam alegres por entre as palafitas das casas. Era a grande festa, e tinham de aproveitar cada segundo em companhia dos outros antes de voltar ao isolamento de sua vida.

A alegria daquele encontro, estampada nos vestidos que as mulheres levaram meses preparando para a ocasião, nos ornamentos das casas, nas roupas impecáveis das crianças, atingiu o ápice com a chegada do padre, morrendo de cansaço, dando a bênção a torto e a direito, cumprimentando a todos, abraçando as crianças que se agarravam a sua batina suja de barro e pó. Geralmente o vigário dispunha de pouco tempo, porque em outra colocação do lugar já o esperavam com a mesma emoção. O importante não era tanto administrar os

sacramentos quanto atender aos doentes, consolar os desvalidos, conceder um pouco de tempo aos mais fracos para que não se sentissem tão esquecidos por Deus nem pelo mundo.

– Primeiro os casamentos! – anunciou o padre ao chegar.

Os noivos, mais de vinte, ao lado das noivas, logo formaram uma fila. Atrás de Francisco e Iraci estavam as testemunhas, sua cunhada e Alfredo. Sem rodeios, o padre Carneiro fez a pergunta:

– Aceitam sua noiva como esposa?

Um coro de “sim” foi a resposta. A seguir, fez a mesma pergunta às noivas, aos padrinhos, e encerrou com as madrinhas.

– O casamento acabou! – disse depois de cinco minutos.

Era a vez dos batismos, nos quais utilizava a mesma técnica. Não raro o padre, como naquele dia, encontrava-se diante de 35 crianças, cujos pais, muitas vezes, não haviam tido nem tempo de escolher um nome. O vigário dava uma bênção geral e, como nunca havia padrinhos suficientes para tanta criança, todos (vigário e ajudante inclusive) acabavam sendo padrinhos de todos. O padre Carneiro já havia perdido a conta dos afilhados que tinha nas selvas.

Em geral o padre tinha pressa de continuar sua marcha até a próxima casa ou colocação. Mas, naquele dia tão especial, Francisco lhe pediu que participasse da festa, e o padre aceitou. Nenhum dos dois sabia que aquele pedido seria um marco na história dos seringais amazônicos. Nesse dia, o padre Carneiro, num arroubo de solidariedade que lhe custaria a missão e um escândalo em nível oficial, respaldaria a tímida tentativa daqueles párias da selva de se fazer ouvir. Depois de dançarem até se saciar, de mergulharem no riacho de águas cristalinas para repor as forças e tirar o suor, de cochilarem à sombra da selva, os homens se reuniram em volta de um dos presentes, um seringueiro de extrema magreza, barba rala e um ar perdido como se houvesse chegado do fim do mundo. Tivera que viajar durante oito dias para assistir àquela celebração. Havia dois anos que não via ninguém, sozinho nas entranhas da densa floresta equatorial. Havia perdido o hábito de falar, a ponto de a mandíbula pesar ao fazê-lo. Pedro de Oliveira, que se sentia marginalizado porque morava a cinco dias de caminhada da única gente que conhecia, ouvia impressionado aquele outro rapazinho que, realmente, vinha do fim do mundo. O rapaz estava preocupado porque seu trabalho já não dava para viver. Não só faltavam os alimentos habituais, como

também a borracha extraída não lhe permitia ganhar o mínimo para viver. Queria saber o que estava acontecendo nos outros lugares, como os outros faziam para sobreviver.

Sua história causou profunda impressão, porque todos os presentes sofriam a mesma coisa. Pouco a pouco, as línguas foram se soltando: alguém disse que em um seringal vizinho não havia açúcar; outro, que era impossível conseguir farinha. Em todo lugar faltava, de maneira alarmante, sal, querosene e anzóis. Os mais velhos, com uma linguagem típica de seringueiro que anos de submissão haviam inchado de metáforas e de rodeios para fugir da confrontação direta, cercaram o padre Carneiro para expor a calamitosa situação em que a batalha da borracha os havia mergulhado. Além do problema da escassez, os alimentos custavam o dobro de antes da campanha. Para comprar toucinho, que antes valia quilo por quilo (1 quilo de borracha por 1 quilo de toucinho), já eram necessários 2 quilos de borracha. O que acontecia com a constante alta do custo de vida, que, apesar de aumentar o preço da borracha, não dava nem para sobreviver? – perguntavam-se angustiados os seringueiros.

Acontecia que os tecnocratas de Washington e do Rio de Janeiro, em seu esforço por não participar de um sistema de virtual escravidão, haviam promulgado um aumento do preço da borracha a fim de beneficiar o seringueiro e aumentar sua produtividade. O resultado não poderia ter sido mais dramático para os pobres da selva, que viram seu novo poder de compra ser arrancado pela rede de intermediários que compunha a sociedade amazônica. Aviadores de Belém e de Manaus, seringalistas e demais comerciantes aumentaram o preço dos alimentos para serem os únicos a se beneficiar do que representava o aumento dos preços da borracha. Em seus escritórios confortáveis, os tecnocratas tradicionalistas, ignorando a sociedade estabelecida, haviam sido cúmplices do sistema que pretendiam destruir. “Não existe uma visão mais negra do que aquilo que em sociedades progressistas chamamos de corrupção e exploração”, escreveu um técnico norte-americano em seu informe à embaixada depois de uma viagem pela bacia do Amazonas em 1943. Reconhecendo que “os intermediários sabotaram nossos mais sábios esforços”, seu informe concluía que não era de estranhar que, diante de tamanha exploração, “nem seringalistas nem seringueiros estejam motivados para aumentar a produção”. Diante dessa situação de opressão, era difícil amotinar-se, por conta do analfabetismo e das enormes distâncias. Porém, no dia do casamento de Francisco, havia gente suficiente para que se desse a primeira manifestação de rebelião organizada nos

seringais do Acre.

– Estão nos matando de fome! – gritou um dos soldados da borracha, indignado por ter sido enganado pela propaganda oficial.

A história do seringueiro do fim do mundo havia sido a fagulha que, como um rastilho de pólvora, desencadeara a onda de protestos. Era como se todos aqueles seringueiros começassem a acordar de um longo pesadelo. De repente, perceberam quanto haviam mentido para eles, tudo o que estavam suportando. Enquanto uns se reuniam em volta do padre, outros se envolviam em intermináveis discussões, expressando seus temores em meio a um caos de argumentos, de opiniões dissidentes, de veladas ameaças e de lamentos.

– Os seringueiros são como os cachorros que não sabem caçar a onça – dizia Pedro de Oliveira, e todos ouviam. – Em vez de atacar juntos, vão separados. Então, a onça come um a um. Só estando juntos conseguem afugentá-la e encurralá-la.

Pedro havia aprendido a falar como eles, e com grande habilidade guiou-os pelos caminhos ocultos de seu próprio medo. Foi ele quem sugeriu fazer uma lista de reivindicações com a intenção de apresentá-la ao interventor do território do Acre. Propôs descrever as brutais condições de trabalho e pedir ao interventor, como patriotas e como soldados de um exército vitorioso, que pusesse fim à escassez de alimentos e que estabelecesse um controle de preços. Quando Pedro se voltou para o padre para saber se ele apoiava sua ideia, o missionário fez um gesto afirmativo com a cabeça. Tentando ser o mais fiel possível às aspirações de seus paroquianos sem desvirtuar seu caráter de protesto, ele redigiu os termos das reivindicações. A seguir, Pedro e o padre pediram aos presentes que assinassem na parte de baixo. Houve um momento de silêncio, cheio de dúvidas e de gargantas que pigarreavam. Francisco foi o primeiro a ir até a mesa e assinar, como se naquele dia tão importante para ele se sentisse obrigado a oferecer um presente a toda a sua comunidade. Alfredo foi o seguinte, e assim como havia feito quando se alistara no Exército da Borracha, pressionou o polegar na folha de papel. A seguir, dirigiu-se ao padre:

– Ponha meu nome em letras grandes – disse. – Bem claro: Alfredo Eustáquio.

Duzentos seringueiros, desesperados e com a sobrevivência ameaçada, fizeram fila para pôr a impressão digital ou para fazer um X em cima de seus nomes. Alguns, porém, não conseguiram vencer o medo e se abstiveram. Mas a maioria havia conseguido quebrar a corrente de um sistema que resistia à

mudança e cujos elos eram a imensidão do território, a ignorância e o terror. Para os escravos brancos da selva, só restava encontrar um líder capaz de canalizar seu desejo de justiça.

Esse líder nasceria um ano depois, em um ambiente de surda violência que nunca mais cessaria nas selvas do Acre. Veio ao mundo na noite de 15 de dezembro de 1944, na Colocação Pote Seco do Seringal Porto Rico, onde Francisco Mendes e Iraci Lopes haviam começado sua vida de casados. Foi batizado com o nome de seu pai, que era também o nome do santo padroeiro do Ceará. Francisco de Canindé. Mas todos o acabariam conhecendo por Chico Mendes.

8

Se soubesse o que o esperava, o rapaz teria tentado alertar as autoridades. Mas, no fundo, sabia que era inútil, porque não interviriam. Ou teria voltado à colocação para avisar o pai. Mas Francisco Mendes pouco teria podido fazer. Naquele dia de 1953, seu filho Chico seria testemunha de uma cena que abalaria sua vida de criança e o levaria involuntariamente ao mundo dos adultos.

Chico Mendes estava havia mais de quatro horas caminhando pela selva, e sentia sede. Procurou um riacho, abaixou-se para beber água e seguiu seu caminho. Precisava pedir a Alfredo Eustáquio um pouco de farinha, porque uma cheia do rio havia arruinado a colheita do seu pai. Alfredo havia se tornado um seringueiro muito querido pelos colegas. Como era trabalhador e dócil, os capatazes o respeitavam, apesar de carregar a mácula de ter assinado aquele papel de reivindicações em 1943. Embora muita água houvesse corrido pelos rios do Acre desde então, nenhum seringalista havia esquecido o incidente.

Alfredo aprendera a conhecer os segredos da floresta. Como todos os seringueiros, vivia o ritmo harmonioso da selva. Fazia tempo que trocara os sonhos de prosperidade pela segurança de uma vida familiar estável. O acaso, ou talvez o espírito da serpente, como pensavam os seringueiros, quisera que Alfredo e um colega de barracão fossem os únicos adultos presentes no momento em que o irmãozinho de Neuza foi mordido por uma cobra. A garota entrou chorando no barracão de Alfredo para pedir socorro. – Jararaca! Jararaca! – gritava esbaforida, aludindo ao tipo de cobra que, em alguns organismos, provoca cegueira em dez minutos, em outros uma tumefação repentina, em outros a morte. Correram até o limite da selva. A criança jazia na grama, sacudida por fortes convulsões, suando e revirando os olhos. Com sua navalha, Alfredo fez uma incisão em forma de cruz, colocou os lábios como uma ventosa sobre a perninha e sugou todo o veneno que pôde, cuspindo constantemente para não engolir nada. A perna do menino ficou completamente deformada. A seguir, o ventre inchou, e o peito, os braços, o pescoço e a cabeça também, até que todo o seu corpo ficou monstruosamente volumoso, roxo, a ponto de explodir. Pequenas veias injetadas de sangue riscavam o branco dos olhos; um rouco estertor saía dos pulmões envenenados. Alfredo colocou o menino em uma rede e, com a ajuda do colega, levou-o correndo para a cidade – um dia de caminhada

– para que o médico lhe administrasse uma injeção de soro antiofídico. Chegaram a tempo; o menino não perdeu a vista e se salvou porque parte do veneno já havia sido subtraído. Menos de cinco horas depois, voltava caminhando ao lado dos seus salvadores. A partir de então, Alfredo adquiriu uma auréola de herói na família de Neuza. A garota começou a espreitá-lo quando ele voltava, à tarde, de cortar seringa. Apaixonou-se por ele, e para Alfredo a vida em Boa Esperança se transformou em algo tão doce quanto seus melhores momentos do sertão. Até se surpreendeu agradecendo ao espírito da cobra em suas orações. Pouco a pouco, acreditando em velhas lendas como a que dizia que algumas espécies de cobras são divinas, ia se tornando um seringueiro de verdade.

Com apenas 16 anos, Neuza já ia ficando solteirona. Naquela sociedade em que homens e mulheres ficavam velhos aos 30 anos, não era estranho que as jovens se casassem logo depois da primeira menstruação. Alfredo a pediu em casamento, e Neuza aceitou. Depois de um ano tiveram o primeiro filho, Paulo, um ano mais novo que Chico Mendes. A seguir nasceu a filha Rosa, que parecia saída de um dos quadros antigos das igrejas do Nordeste. Era de uma beleza deslumbrante, o que deixava Alfredo secretamente inquieto, pois sentia uma adoração especial pela filha. Estava obcecado em protegê-la dos olhares dos capatazes e dos comerciantes.

As recordações da vida no Ceará haviam se apagado com o passar do tempo. Mas não conseguia apagar da memória o calado desespero daquelas secas persistentes. Alfredo não sabia nada dos pais e dos irmãos porque não havia correio e porque a emigração, sempre portadora de notícias, havia acabado por completo depois da Batalha da Borracha. Em momentos de sonhos, acalentava a ideia de um dia levar os filhos ao Ceará para uma grande reunião familiar. Imaginava a prole vestida de domingo, com o cabelo engomado, posando para o fotógrafo em frente à igreja da vila. Não podia conceber maior felicidade. Era um desejo simples, compartilhado pela maioria dos seringueiros. Daí tiravam forças para suportar o abandono e o isolamento.

*

Chico apertou o passo. Queria chegar antes do anoitecer para jogar uma partida de futebol com seu amigo Paulo, filho de Alfredo. Mas quanto mais se apressava, mais suas pernas doíam. Como todos os dias nos últimos dois anos, acordara às 2 da madrugada. Uma tempestade o havia impedido de conciliar o

sono até noite alta. O canto do galo e depois a voz de Iraci, sua mãe, conseguiram acordá-lo. Pegou a faca de sangrar árvores, a espingarda, para o caso de um porco-do-mato ou uma anta cruzar seu caminho, pôs o facão na cinta e guardou os utensílios de cortar seringa na sacola. A seguir, pegou o balde e desceu os degraus da casa de madeira coberta de folhas de palma. Era noite fechada. O limite da selva parecia o muro de uma catedral gótica.

Respirou os perfumes da floresta. O ar fresco e úmido acabou de acordá-lo. Colocou sobre a cabeça a poronga, uma espécie de chapéu de latão com uma vela que servia de lanterna aos seringueiros, deixando as mãos livres, e penetrou na selva por uma das estradas que saíam da colocação. Fazia tempo que não ia com o pai, que tinha cada vez mais dificuldade para andar. De qualquer maneira, alguém tinha que cuidar da horta, e Chico preferia passar o dia na selva em vez de acocorado sob o sol. Seu pai o esperaria e, à tarde, o ajudaria a defumar o látex.

Aquele dia, como se fosse um presságio, encontrou uma seringueira destruída pelo temporal da noite. Podia ser um sinal fatídico, pensou. Desde criança, o pai lhe ensinara a considerar as seringueiras como pessoas. Os seringueiros costumavam falar com suas árvores, chamando cada uma pelo nome, fazendo recomendações ou pedindo que fossem bondosas: “Vamos, Seringueira do Olho, solte um pouco mais de leite, por favor. Prometo que não vou machucá-la, só um cortezinho...”, pedira na véspera, antes de raspar a casca com seu punhalzinho. O menino de 12 anos sentia a perda daquela árvore como se fosse a de um parente. Não era raro que os seringueiros passassem dias lamentando a morte de uma seringueira: “Ela não merecia morrer, aquela árvore era boa, ela nos ajudava muito. Com tantas árvores inúteis que há por aí!”, comentavam entristecidos.

Chico Mendes, como todos os seringueiros, era agradecido para com a generosidade da natureza. As plantas que produziam seivas medicinais, a luz da lua que iluminava os caminhos, as estrelas que os ajudavam a se orientar, os animais que lhes forneciam carne... tudo o que os seringueiros usavam para sua sobrevivência era objeto de veneração. Era costume, ao sair para pescar, falar com os peixes menores, desejando-lhes que crescessem rapidamente para sair daquele remanso, e que tivessem cuidado com os jacarés, para que ficassem grandes e fortes. A lenda do caboclinho da mata, um homenzinho fumante que atacava quando se caçava mais que o necessário ou quando se maltratavam árvores ou animais, resumia a consciência do seringueiro. Todos, crianças, mulheres e velhos, acreditavam naquele justiceiro da natureza que surgia das

profundezas da selva como amigo ou como censor.

Francisco Mendes, como havia feito com Alfredo, Pedro e tantos outros, ensinara o filho a conhecer e a amar esse jardim capaz de satisfazer as necessidades essenciais. O jovem Chico havia aprendido os nomes e os usos de dezenas de plantas medicinais, como a copaíba, que cura as infecções, ou como a casca do ipê, que combate os tumores. Sabia fazer uma infusão para curar pneumonia triturando os ninhos de cupins que arrancava dos troncos das árvores. Também aprendeu a distinguir os peixes e sabia qual era a melhor hora para pescar o tucunaré ou o pirarucu. Reconhecia também o ritmo e o caudal dos rios segundo as estações. Acima de tudo, havia aprendido a olhar antes de tocar, porque a selva não só abriga substâncias úteis, como também está coalhada de perigos. Ao escorregar, tomava cuidado para não se apoiar em um tucumã, uma palmeira cercada de espinhos tão finos que são impossíveis de ver. Ao tomar banho, cuidado com o candiru, peixe do tamanho de um pauzinho que entra no corpo pelos orifícios, em particular pelo ânus, e, uma vez dentro, abre os espinhos afiados, provocando dores infernais. Cuidado com a tocandira, uma formiga preta de uns 3 centímetros, cuja picada provoca choque anafilático. Cuidado com os galhos das árvores ao cair. Cuidado para não acionar os sistemas de defesa de lagartas, das aranhas, das cobras ou das plantas.

Havia aprendido a se concentrar em três objetos: o remo na piroga, o facão nas trilhas e a espingarda para a caça. Sabia desde pequeno que o tempo é um elemento crucial. Um segundo de descuido e a onça-pintada ou a cobra podem acarretar a morte. Dominar a respiração, a extensão dos passos, o peso de um galho, os rastros de uma canoa, até o gesto de um homem. A selva e o pai haviam sido seus únicos mestres. Aos 9 anos havia começado a acompanhar Francisco como aprendiz de seringueiro, o que era normal nas crianças daquela comunidade da selva, a quem os patrões proibiam de frequentar a escola.

Já saía sozinho, e era capaz de sangrar até oitenta árvores, como fez naquele dia. Voltou para casa às 2 horas da tarde, colocou o balde transbordante de látex perto do forno e mergulhou no riacho para se refrescar. Seus irmãos o seguiram com uma bola de borracha. Logo chegou a hora do almoço: arroz e farinha. Não era muito abundante, e, principalmente, era monótono. Ninguém tivera tempo de ir caçar, e o vendedor não passava fazia várias semanas. Logo não teriam nada para morder; mas não davam muita importância a isso, porque os Mendes estavam acostumados à escassez. Só Iraci, mãe de quatro filhos, esforçava-se em disfarçar a preocupação.

– Vá até a casa de Alfredo Eustáquio pedir um pouco de farinha. Devolvemos mês que vem – Francisco havia pedido ao filho depois do almoço frugal. – Eu defumo o látex – acrescentou. O rapaz assentiu, contente por ir "fazer visita". Como de costume, Raimundo, o irmão pequeno, quis acompanhá-lo. Chico lhe explicou pacientemente que era muito longe para um homenzinho que mal alcançava o tamanho de uma planta de urucum. Pela segunda vez durante aquele dia, Chico penetrou na selva.

Caminhava com o característico passo leve e rápido dos seringueiros, sempre atentos aos ruídos que pudessem delatar a presença de algum tatu, algum macaco nas alturas ou alguma anta na mata. A carne desse animal, mistura de coelho e rato grande, era a mais preciosa. Havia aprendido a atacá-la quando ela mudava o jeito de andar, sinal de sono. A anta costumava comer alguns frutos, tomar um banho, limpar-se e deitar. Esse era o momento de atirar. Mas nesse dia Chico não encontrou nenhum animal para aliviar a fome da família.

Ouviu algo, um som estranho, como um grito que não reconheceu e que o assustou. A selva tem mistérios, costumava repetir seu tio Joaquim, e nunca como naquele momento o rapaz valorizou tanto o significado daquelas palavras. "Pronto!", pensou. "O mapinguari." Esse ser, contava a lenda, era grande e forte como um ser humano, com um único olho na testa e unhas afiadas. Era importante não responder a seus gritos para evitar que o monstro se voltasse para a pessoa. O jovem seringueiro preparou a espingarda e, tremendo de medo, abaixou-se atrás de uma árvore. "Sim", pensou. "É um mapinguari." De fato, sentia um cheiro de queimado típico desse animal mítico, que, segundo a lenda, exalava um hálito fétido capaz de fulminar o mais duro dos homens.

Chico esperou um momento que lhe pareceu eterno, mas nada viu. Os gritos se tornaram mais agudos, e o terror o deixou paralisado. "Ele está me procurando", pensou. "O mapinguari sabe que estou por aqui e quer me pegar." Depois, ao ouvir vozes humanas, e até risadas, suspirou de alívio. Não era a ele que o animal procurava. Nesse momento, pensou em fugir, em correr para o mais longe possível. Sua curiosidade foi mais forte, e dirigiu-se sorrateiramente para a origem dos gritos. Quando ficou suficientemente perto, sua imaginação de criança teve que abandonar, por fim, a ideia de um mapinguari e enfrentar a realidade. Aqueles gritos que rasgavam a selva eram humanos. Chico deslizou pela mata seguindo a procedência dos gritos, rumo ao rio. Ajudado por uns cipós, subiu em uma árvore até se situar em um galho de onde podia ver sem ser visto. Um seringueiro estava amordaçado com faixas de borracha, em chamas.

Dois homens, que pelas botas de couro e pela voz pareciam capatazes, empurravam o infeliz aos pontapés para a margem do rio, proferindo insultos e soltando gargalhadas. O cheiro acre da borracha se misturava ao cheiro adocicado da carne queimada. O primeiro impulso do rapaz foi descer e intervir, mas já era tarde demais. Os gritos do homem pararam, e sua figura calcinada se consumiu nas chamas. Os dois homens empurraram os restos chamuscados do infeliz para as águas marrons do rio e abandonaram o lugar. Chico permaneceu um momento aturdido em cima do galho da árvore. A selva recuperou os sons familiares, seu cheiro de umidade e de plantas aromáticas, enquanto os raios do entardecer penetravam a densa folhagem. Tudo voltava à normalidade, mas, para o rapaz, nada mais seria como antes.

Desceu da árvore e correu até chegar, exausto e pingando de suor, à colocação de Alfredo Eustáquio. Arfante, contou o acontecido ao amigo de seu pai, falando atabalhoadamente, com os olhos muito abertos por conta do espanto. A notícia foi um duro golpe para a família, principalmente para Alfredo. Com uma expressão de dor, foi tal seu abatimento que teve de se sentar à porta do barracão. Adivinhava de quem se tratava, e as recordações e imagens se atropelavam em sua mente confusa. Com aquele homem que não era mais que cinza no leito do rio havia dividido ilusões, sonhos heroicos e decepções brutais. Havia se cansado de lhe repetir que tivesse mais cuidado, mas o amigo não era dos que aceitavam conselhos. Nada nem ninguém poderia ter mudado o destino de Pedro de Oliveira, aquele enérgico camponês do Ceará que tinha acreditado na propaganda oficial da Batalha da Borracha e acabara calcinado nas águas lamacentas de um rio amazônico.

*

A primeira discussão com o capataz, assim que chegaram ao seringal de Francisco, quando ainda se encontrava convalescente do tifo, havia desencadeado uma espiral de violência da qual Pedro nunca conseguira sair. A ideia que tivera no dia do casamento de Francisco, de entregar um documento de protesto às autoridades competentes, pôs ainda mais lenha na fogueira, fazendo-o ficar, diante de seringalistas e capatazes, com a imagem de um rebelde irrecuperável, uma maçã podre que ameaçava estragar o resto da cesta. Aquele papel não recebeu resposta alguma das autoridades. Apenas uma severa admoestação ao padre Carneiro, ameaçado pelo interventor do Acre com a corte marcial, acusado de sabotar os esforços de guerra do Brasil. Os superiores religiosos tiveram que intervir de imediato, transferindo o devotado padre ao Sul

do país, onde permaneceu até o fim do mandato do interventor.

Pouco tempo depois daquele incidente, quando a Batalha da Borracha acabou, Pedro de Oliveira recebeu a visita do mesmo capataz que os havia recebido em Xapuri, com quem havia tido uma discussão. Estava acompanhado de um ajudante armado de uma espingarda de repetição. Assim que os viu chegar, Pedro soube que teria problemas. Começaram pesando as bolas de borracha e depois foram carregando a canoa. Aquelas pelas que cheiravam a presunto pulavam como se estivessem vivas. Fizeram contas, em uma interminável sessão na qual Pedro questionou cada tópico, somando e tornando a somar. Quando Pedro achou que já iam pegar o caminho de volta, os dois capatazes começaram a rondar o barracão. Pareciam procurar alguma coisa, como se Pedro estivesse escondendo borracha para vendê-la por sua conta, o que constituía delito e era severamente castigado. Não encontraram bolas de borracha, mas sim a horta com frutas e verduras, que haviam crescido de maneira espetacular.

– Seringueiro não é camponês – disse o capataz antes de proferir a velada ameaça de deixá-lo sem colocação se não respeitasse a proibição de cultivar.

Pedro entendeu que a horta era só um pretexto, que aquele capataz estava ali para fazê-lo pagar pela antiga afronta. Dessa vez, nem sequer aludiu ao contrato do governo que permitia o cultivo de um hectare. Já sabia como era fácil desaparecer na selva. As formigas, as aves de rapina ou as piranhas se encarregavam de apagar os rastros.

– Destrua isso – ordenou o capataz enquanto colocava um cartucho na espingarda.

Pedro ficou quieto. O suor das mãos o fez tomar consciência de que estava armado com uma enxada, e pensou em esmagar a cabeça do capataz com um golpe rápido – mas logo percebeu a loucura de seu desejo. Olhou de soslaio para os brotos de feijão da horta e até pensou que devia ter pegado terra de outro lugar para misturar com aquela tão calcárea.

– Vou destruir – disse sem convicção.

– Não, agora, na nossa frente – respondeu o capataz. Houve um longo silêncio. Pedro não se mexeu. O capataz apontou a espingarda para ele. – Destrua isso – repetiu.

Pedro olhou para cima e se deixou cegar pelo sol. O calor era intenso; a temporada de chuvas estava se aproximando. A horta ficaria inundada. Um

barulho terrível o sacudiu de repente. Um trovão? “Impossível”, pensou. Baixou a cabeça. Viu uma fumacinha branca sair da espingarda do capataz. A seguir, olhou para seus pés. Jorros de sangue corriam por sua panturrilha. Começou a sentir uma dor surda, como se seu coração estivesse na perna. A seguir, foi como uma queimadura e um ardor.

– Destrua isso – tornou a dizer o capataz, carregando de novo a espingarda. Pedro sabia que dessa vez o tiro o pegaria mais para cima. Não fazia sentido morrer depois de tudo que havia sofrido. O destino estava lhe pedindo demais.

Ele queria viver. Assim, com a mesma enxada que havia plantado cuidadosamente a mandioca, a batata e o feijão, percorreu os sulcos da horta para destruir tudo, diante dos olhares inquisidores dos capatazes, cujas silhuetas, com as armas ao ombro, se recortavam contra o céu avermelhado do entardecer. Em menos de três minutos, acabou com o que havia levado dois anos para conseguir. Mantivera-se impassível, sem mostrar o menor sinal de estar afetado por isso. Mas sentia medo. Não queria confessar nem para si, mas um medo visceral se apoderou dele depois de acabar com a horta. O capataz atiraria para matar, pensava. Esteve a ponto de pedir clemência, a ponto de capitular. Nesse momento, se tivesse certeza de que salvaria a vida, teria se ajoelhado aos pés do capataz. Qualquer coisa, desde que continuasse respirando os fragores da selva ao amanhecer, que pudesse tirar um cochilo às margens de um riacho, que continuasse vivo para sonhar com um mundo melhor. Mas não foi necessário prostrar-se perante os intrusos. O capataz deu meia-volta e, seguido pelo capanga, dirigiu-se à margem para embarcar na canoa. Só queriam fazê-lo lembrar que nada lhe pertencia, nem mesmo sua própria vida. Enquanto os via afastar-se e a dor da ferida na perna se acentuava, Pedro de Oliveira pensou no absurdo que era desejar uma vida digna naquele mundo desapiedado. De nada servia continuar se chocando com a realidade; era um prisioneiro da selva, sem possibilidade de fugir. A única coisa que podia pretender era procurar outra colocação, afastar-se daquele capataz que o acabaria matando, ou a quem ele acabaria matando.

9

Teve que esperar acabar a Batalha da Borracha para encontrar outra clareira onde se assentar. Em 1945, data da capitulação japonesa, os norte-americanos foram embora da noite para o dia em uma verdadeira debandada, deixando tratores em plena selva com o motor ligado, abandonando nos cais barcos ainda sem descarregar, esquecendo estruturas de construção às margens dos rios. Os aeroportos do vale amazônico, mantidos até então por pessoal norte-americano, viram-se repentinamente à mercê de tecnocratas brasileiros estupefatos e sem nenhuma experiência. O governo brasileiro, em vez de pagar as indenizações aos soldados da borracha, tal como havia se comprometido a fazer, decidiu utilizar esses fundos para comprar todo o material que os americanos estavam abandonando. Assim, antes mesmo de a Amazônia cair no esquecimento, os sobreviventes daquele singular exército eram desapossados de sua parte da vitória.

Alguns soldados da borracha decidiram voltar ao Nordeste. Aqueles retornados eram como despojos de um exército derrotado, em vez de soldados vitoriosos que haviam dado a juventude por uma vitória que lhes fora roubada. Perdidos, desanimados, pobres, muitos deles acabariam como proletários na periferia das cidades amazônicas. Justamente graças a um dos que abandonaram a selva, Pedro conseguiu uma nova colocação longe daquele maldito capataz. Ele também havia pensado em voltar para o Nordeste, mas, ao saber que não haveria mais indenizações, optou por permanecer com os seringueiros, porque se sentia parte daquela comunidade. Os laços de amizade e a solidariedade entre eles compensavam a dureza das condições de trabalho e constituíam o maior estímulo para permanecer nas selvas. Ali ninguém se esquecia de ninguém. Todos estavam atentos aos colegas e às desgraças e alegrias dos outros, que sofriam e celebravam quase como as próprias. Sempre era melhor que ir encher de miséria as favelas abarrotadas das cidades.

Seu novo barracão ficava perto do de Alfredo, a cinco horas de canoa e três horas de caminhada. Um percurso que acabaria conhecendo como a palma de sua mão, porque na colocação de Alfredo morava uma prima de Neuza, uma jovem morena de cabelo liso e sorriso doce, com quem Pedro acabou se casando. Ali pôde se dedicar de novo a uma horta, não porque o regulamento houvesse

mudado, mas porque, no fim da guerra, com a queda dos preços da borracha (queda provocada também pelo auge do consumo de borracha sintética nos Estados Unidos), a coleta de látex não bastava para que os seringueiros conseguissem o mínimo para viver – apesar de o governo ter se comprometido a comprar toda a produção de borracha, fixando um preço e garantindo um mercado. Os patrões não tiveram outro remédio senão fazer vista grossa ao cultivo e à colheita de castanhas e outros frutos da selva. Ainda assim, jovens como Pedro de Oliveira, que um ano depois de se casar teve a primeira filha, seguida de outra no ano seguinte, mal conseguiam alimentar a família.

Para lutar contra a penúria, um número cada vez maior de seringueiros começou a vender a borracha que colhiam aos comerciantes ambulantes que percorriam os rios amazônicos e pagavam bem mais que os patrões. Isso era rigorosamente proibido porque, legalmente, as árvores pertenciam ao seringalista. Questionar o monopólio da venda era questionar todo o sistema de exploração da borracha. Era questionar toda a cultura do vale do Amazonas, que desde os tempos da Conquista havia sido construída com base em uma exploração desapiedada de seringueiros sobre índios e de brancos sobre seringueiros. Embora os comerciantes ambulantes também se aproveitassem da situação, oferecendo com frequência aos incautos seringueiros quinquilharias baratas em troca de látex, estes viam nisso uma forma de satisfazer as necessidades imediatas e, acima de tudo, uma maneira de se vingar dos patrões. Estes, firmemente dispostos a não permitir nenhuma alteração em seu monopólio, mandaram os capatazes fazer batidas noturnas pelos rios. Era difícil pegar os infratores em flagrante, visto que as distâncias, que por um lado mantinham os seringueiros isolados do mundo e sujeitos à despótica autoridade dos patrões, por outro constituíam o melhor aliado de todo tipo de transações suspeitas. Na escuridão da noite, na imensidão da selva, os seringueiros se encontravam com os ambulantes para negociar o preço do seu trabalho. Os seringalistas e seus capatazes, diante do fracasso das batidas, não sabiam como acabar com essa prática que ameaçava se estender por toda a região.

Foi uma maré de azar, ou talvez a tragédia que o havia acompanhado desde a infância como uma sombra funesta, e que de repente ressurgia com uma implacável determinação, mas o caso é que a mulher e as duas filhas de Pedro de Oliveira adoeceram uma após a outra, de disenteria. O espectro da epidemia, que já o havia deixado sem família na infância, tornava a aparecer como uma maldição da qual não conseguia se livrar. As imagens da mãe, do pai e dos

irmãos doentes de hepatite na aldeia do Ceará lhe voltaram à mente. Sobrepunham-se em sua memória com a visão da mulher dobrada ao meio por conta das cãibras, das filhas prostradas nas redes, quase mortas, meio desidratadas, sem forças para se queixar nem água para chorar suas lágrimas. Mas, se quando criança não estava em suas mãos alterar a ordem das coisas, como adulto, tinha a possibilidade de lutar contra a adversidade. De lutar e de vencer, pensava ele.

Quando as ervas medicinais não surtiram mais efeito, quando a doença ultrapassou os conhecimentos do padre e do curandeiro índio, não restou outro remédio senão ir ao médico na cidade de Xapuri. Pedro de Oliveira, ajudado por dois seringueiros, transportou a mulher e as filhas doentes em duas redes. O médico diagnosticou uma gastrenterite aguda e internou as três. Pedro voltou ao seringal. Havia parado de colher látex para cuidar da prole. Ferver a água, preparar a comida que nem sequer provavam, ralar a mandioca para fazer farinha, lavar as roupas manchadas... durante os primeiros dias da doença tivera que assumir as funções de mãe de família. Mas precisava de dinheiro para os remédios. Como não podia ganhá-lo colhendo borracha para o patrão, pediu-o emprestado aos amigos. Quando acabou, teve que voltar às estradas e vender sua produção ao ambulante. Ainda assim, não ganhava o suficiente. Aquilo que outras vezes havia feito como um ato de rebeldia individual, passou a fazer para salvar os seus, porque não tinha outra solução.

Mas ninguém podia vender a borracha do patrão impunemente. O cerco dos capatazes foi se estreitando cada vez mais em volta de Pedro, que já tinha uma fama de revolucionário. Queriam pegá-lo para dar um exemplo aos outros, para assustar de uma vez por todas os seringueiros que se atreviam a vender o fruto do seu trabalho a quem mais pagava. Se apanhassem um, sabiam que o resto se assustaria. Quando o pequeno Chico Mendes, enviado pelo pai para pedir um pouco de farinha, chegou assustado à colocação dos Eustáquio depois da terrível cena que acabava de presenciar, Alfredo soube imediatamente o que havia acontecido. Pedro havia passado por ali uma hora antes. Fora pedir-lhe dinheiro para comprar mais remédios. Alfredo estranhara vê-lo tão nervoso, tão atormentado, fumando um cigarro atrás do outro, correndo os dedos pela cabeleira negra que havia parado de cortar. Ele havia confessado que fazia mais de um mês que não trabalhava para o patrão. Estava assustado porque havia cruzado com o ajudante de um dos capatazes, que saíra correndo assim que o vira pela trilha. Temia que fosse avisar alguém. Tinha medo de estar sendo

seguido. Tinha medo de cair em uma tocaia.

Alfredo pediu-lhe que ficasse pelo menos até o dia seguinte, quando poderia acompanhá-lo à cidade. Mas Pedro não quis. Suas filhas precisavam dos remédios naquela mesma noite. A lembrança da doença que havia dizimado sua família o obrigava a seguir sempre em frente, como se parar no caminho fosse um pecado imperdoável. Só dedicando-se de corpo e alma a salvar os seus conseguiria espantar os espectros de sua maldição. Despediu-se de Alfredo e foi embora, sem saber que essa fuga para a frente o empurrava para sua própria destruição. Pobreza, fome, imundície, doença, epidemia... a roda incontrolável da miséria girava à sua volta como um moinho que naquele dia acabou por triturá-lo. Aquele homem que havia atendido ao apelo patriótico do governo para fazer algo útil da vida, aquele pai de família exemplar capaz de caminhar durante quarenta horas para comprar um remédio ou avisar um médico, aquele velho de 28 anos amigo dos seus amigos pagara com uma morte atroz o preço de sua pobre exigência: salvar os seus das garras da doença.

*

Os seringueiros nunca souberam os números do trágico resultado da Batalha da Borracha. Também não souberam que os governos da Inglaterra e dos Estados Unidos lhes haviam agradecido publicamente sua contribuição para a vitória final. Em alguns lugares do Brasil, porém, algumas vozes se ergueram contra aquela aventura desventurada. Um exemplar de A Província do Pará que chegou à colocação de Francisco calculava que, dos 50 mil soldados da borracha recenseados, 23 mil haviam morrido “sem pão, sem cuidados médicos, sem possibilidades de lutar contra a febre, a avitaminose ou os parasitas. Tombaram nessas selvas distantes, vítimas de um mau governo e de suas ilusões”. Outro jornal que caiu nas mãos dos sobreviventes foi o Jornal do Acre de 11 de setembro de 1945, que lamentava que se houvesse brincado com a vida de milhares de brasileiros, “pobres-diabos sacrificados em uma luta de vaidades e de ambições. É uma pena que no Brasil não existam castigos para esse tipo de crime. Todo mundo se queixa, mas nada muda, porque os mortos mortos estão”.

Para as autoridades que se haviam negado a intervir contra o seringalista e os capatazes que o tinham queimado vivo antes de jogá-lo no rio, Pedro de Oliveira era mais um dado estatístico, outro de tantos soldados da borracha que não voltaram mais. Para o jovem Chico Mendes e muitos outros seringueiros, o drama que acabava de acontecer no coração da floresta, tingindo de sangue e

cinza as águas lamacentas do rio, catalisou o desejo de vingança que, mais tarde, se transformaria em sede de justiça.

10

Embora os trabalhadores da floresta, afastados do mundo, não contassem com nenhum tipo de assistência nem de apoio, a raiva e a impotência não eram os sentimentos que dominavam sua vida. Em geral, os Mendes, os Eustáquio e muitas outras famílias se consideravam felizes. A razão era simples: contentavam-se com pouco. Ter o necessário para comer, um teto para se proteger das chuvas torrenciais e evitar as doenças... Que mais se podia pedir? Tudo o que viesse depois era como um presente de Deus, que se aceitava com gratidão. Francisco Mendes sabia desde pequeno que suas condições de trabalho jamais mudariam, e aprendera a se refugiar nas palavras do Evangelho quando se desesperava: “Os últimos serão os primeiros”. À medida que envelhecia, compreendia que a batalha que valia a pena ganhar não era deste mundo. Crente até os ossos, transmitiu aos filhos o respeito pelo divino e o amor ao próximo. Chico Mendes aprendeu a rezar antes mesmo de ter medo do bicho-papão, essa criatura que existe em todas as culturas para assustar as crianças. Do que mais gostava era das histórias de santos, que o pai lia para ele à luz de uma lamparina de querosene. Tinha predileção pela de São Sebastião, patrono dos seringueiros, que morreu flechado por defender sua condição de cristão. Isso o fascinava, talvez porque intuía que os mártires eram parte da história de sua terra como os animais são parte da selva, ou as seringueiras da floresta.

Certa tarde de 1958, quando Chico tinha 14 anos, sua vida, que podia ter sido como a de qualquer outro filho de seringueiro, tomou uma direção que nunca mais abandonaria. Enquanto pai e filho coagulavam o látex do dia, Chico viu um estranho se aproximar da colocação. O homem, alto, forte e com jeito de senhor, bateu palmas ao chegar, uma saudação típica de seringueiro. Usava uma barba densa e preta como seu cabelo; a voz era grave, com um sotaque muito acentuado. Apresentou-se como Euclides Pranchão, em homenagem às pranchas de borracha, largas e quadradas como seu corpo, que às vezes substituíam as pelas. Pediu um pouco de água, pois estava caminhando o dia todo. Chico nunca ouvira ninguém articular tão bem e falar com tanta desenvoltura. Logo ficou intrigado com um pacote de papéis amassados que o forasteiro levava no bolso. O homem os mostrou a ele. Chico nunca havia visto esses grossos jornais cheios de fotos coloridas e de ilustrações: eram revistas que o forasteiro havia comprado em Xapuri. Ainda mais surpreendente para o rapaz foi a incrível

fluidez com que aquele homem lia. Nunca ouvira ninguém ler tão rapidamente, sem interrupções nem hesitações. Impressionados com os amplos conhecimentos do homem, pai e filho concordaram em fazer-lhe uma visita no fim de semana seguinte. Francisco estava tão intrigado quanto seu filho com esse personagem singular. O que podia levar alguém educado e culto a ir apodrecer naqueles confins do mundo? Com certeza, devia estar fugindo de algum crime; devia ter matado alguém e ia se esconder. Desconfiados por natureza, todos os seringueiros da região levantavam as hipóteses mais escabrosas.

Nos fins de semana, as visitas entre seringueiros eram comuns. Francisco, chamado ironicamente de "doutor", porque sempre estava disposto a dar conselho ou a checar as contas, tinha o costume de ler jornais velhos de seis meses explicando as notícias, traduzindo a complexidade do mundo a um público que jamais saíra da selva. A primeira vez que Josué, um filho de seringueiro da mesma idade que Chico, ouviu falar de Stálin e Roosevelt, foi pela boca de Francisco. Quando Fernando, o velho pai de Josué, ouviu as palavras "educação e saúde", pensou que estava com problemas de ouvido. O pai de Chico se lamentava pelo fato de os seringais não disporem de escola nem de um miserável posto de saúde, algo que os outros nem sequer concebiam. O interesse dos patrões era manter sua mão de obra na ignorância e na submissão. Se os seringueiros aprendessem a contar, seria o fim das contas fraudadas.

Embora Francisco lesse mal e mal escrevesse, seu filho não tinha condições de avaliar a habilidade do pai até a chegada daquele forasteiro. Chico havia sido o único dentre os rapazes de sua idade a mostrar uma vontade tenaz de se concentrar para aprender a ler e escrever. Procurava alguma explicação para a injustiça que lhe cabia viver. A imagem daquele seringueiro ardendo aos gritos lhe voltava periodicamente à memória, como uma recordação constante de sua condição de escravo branco. Muitos amigos recordam Chico, aos 14 anos de idade, sozinho, depois de uma extenuante jornada de trabalho, esforçando-se para decifrar o emaranhado de letras e palavras que representavam sua única esperança de entender a vida.

E então, com aquele forasteiro por perto, as possibilidades de saciar a curiosidade tornavam-se infinitas. Depois de uma caminhada de três horas, Chico e o pai encontraram Euclides "limpando" sua clareira, o que nos termos dos seringueiros significa abrir trilhas e arrumar o barracão. Vivia sozinho, cercado de livros, revistas e jornais. E de um objeto de luxo que seria uma verdadeira revelação para o rapaz: um aparelho de rádio. Esse negócio de girar

uns botões e ouvir vozes do outro lado do mundo era o cúmulo do progresso. Para aqueles seres isolados nos bosques amazônicos, as rádios de ondas curtas representavam o único laço que os unia ao resto dos homens.

Chico convenceu o pai a deixá-lo passar os fins de semana com Euclides, que havia se comprometido a lhe dar aulas. O homem havia notado que o rapaz tinha um desejo de superação que o distinguia dos outros. Assim começou uma rotina que se prolongaria durante seis anos. Chico esperava impaciente o sábado para ir à colocação de Euclides, e, assim que chegava, ligava o velho rádio General Electric. Ouviam as notícias e depois as comentavam. Chico aprendeu coisas incongruentes como o fato de que o Brasil havia se tornado o segundo exportador mundial de alimentos depois dos Estados Unidos, apesar de metade de sua população padecer desnutrição severa. Ficou sabendo que a construção da primeira estrada na Amazônia havia começado, ligando a velha cidade de Belém à nova capital, Brasília, um fato cujas consequências marcariam sua vida.

Euclides lamentava tanto que um rapaz com a inteligência de Chico não pudesse estudar, que um dia propôs a Francisco levá-lo consigo por um ano e devolvê-lo instruído. “Esse seu filho vai ser alguém um dia”, previu. Aquilo provocou uma séria discussão entre pai e filho. Chico queria ir. Sentia-se sozinho, visto que seu amigo Josué acabava de ir para o Sul graças a um parente que lhe oferecera bancar seus estudos. Para Chico, havia sido um duro golpe ficar sem o amigo de infância. Percebeu que estudar, conhecer o mundo para voltar instruído um dia e com possibilidade de mudar as coisas era um sonho que não estava destinado a ele. Seu lugar era na selva, cada vez mais opressora, cada vez mais escura, salvo pela presença de Euclides. Como o pai não conhecia muito aquele homem, cuja história estava cercada de uma auréola de mistério, negou-se a deixá-lo ir. Diziam que Euclides estava fugindo da polícia por ser desertor; mas ninguém se atrevia a fazer perguntas para não incomodar aquele indivíduo que todos apreciavam e que era como uma luz na escuridão da selva. A negativa de Francisco não impediria Euclides de instruir Chico Mendes durante os fins de semana. Queria fazer do rapaz um líder que desse continuidade a sua própria vida. O destino era mais forte que as vontades individuais, e já estava urdindo os fios de uma trama que mal começava a se vislumbrar.

Durante os anos que passou perto de Xapuri, raras vezes aquele forasteiro falou de seu passado. Chico levou um ano para saber seu nome completo, Euclides Fernandes Távora. Também soube que provinha do Ceará, que era filho

de uma família abastada de Fortaleza e que havia sido tenente do exército. Era um personagem que provinha do lado oposto ao dos seringueiros no espectro social. Sua história simbolizava as contradições e os contrastes de um país que sempre estivera dividido entre uma classe de comerciantes e latifundiários de um lado e uma classe de escravos índios e africanos, de camponeses e imigrantes pobres de outro. Para Euclides Távora, como para muitos outros oficiais de sua geração, o comunismo parecia a única alternativa para acabar com o abismo que separava ricos e pobres no Brasil. – O país estava em uma situação tão difícil – contava a Chico –, que aderi ao movimento de Prestes para tentar mudar as coisas. – Aquele movimento, que havia começado como uma verdadeira epopeia – comparada às vezes com a Grande Marcha de Mao –, durara dois anos e havia feito os sediciosos percorrerem 25 mil quilômetros por terras da América do Sul, incitando à revolução. Essa lendária guerrilha criou estados dentro do Estado, aliou-se a tribos indígenas na fuga por territórios inexplorados e travou 56 batalhas contra as forças do governo. Mas, no fim, foi derrotada. Quatro anos depois, os mesmos oficiais sediciosos organizaram uma violenta tentativa de golpe de Estado, conhecida como a Intentona Comunista. Em pouco tempo, foram derrotados em lutas de rua cujo saldo foi um grande número de vítimas. Declarou-se estado de emergência no país, e centenas de suspeitos foram presos e torturados. Entre eles encontravam-se Prestes e Távora.

Távora foi mandado para a prisão da ilha de Fernando de Noronha, no Atlântico. Depois de alguns meses, fugiu, usando a influência de um tio seu que era juiz, e chegou a Belém. Ali participou de outra tentativa de revolução, e quase foi preso pela segunda vez. Fugiu para a Bolívia, entrou no Partido Comunista e durante os anos 1950 organizou as greves nas minas de estanho. Sua reputação fez dele, de novo, o alvo da repressão, e ele continuou fugindo, dessa vez para o Acre, onde não existiam estradas e onde a densidade da selva oferecia um esconderijo seguro. Lá, esse incansável idealista tornou-se seringueiro.

Mas era um mau seringueiro. Esse homem grandalhão que acumulava tanto saber não estava preparado para coisas tão simples como cozinhar ou pescar. Não era habilidoso e não gostava de trabalho físico; preferia o silêncio e a leitura ao burburinho das conversas. O estalo de um galho não o fazia levantar instintivamente a cabeça, abrir os lábios e imitar o grito de um animal para adivinhar se era um pássaro, um réptil ou uma fera. Embora Chico o ensinasse a reconhecer as árvores mais carregadas de seiva, a fazer sapatos de borracha, a ter

cuidado com o fogo que atraía a temida surucucu, Euclides continuava sendo um forasteiro, perdido na exuberância da selva.

Levou muito a sério a educação de Chico. Com o fervor propiciado pela convicção de seus ideais, iniciou o rapaz nos fundamentos do marxismo. Falava da necessidade de lutar para libertar os pobres do Brasil. Também explicava conceitos difíceis de entender para alguém que nunca havia saído da selva, como a indústria, as grandes cidades e a Guerra Fria. Com o jovem Chico Mendes a ouvi-lo, Távora encontrara a maneira de passar a tocha da revolução. Não só o alfabetizou como também lhe deu uma identidade, ensinou-o a argumentar e a ter uma visão do mundo. A chama provocada pelo encontro entre um soldado filho de boa família e um jovem seringueiro não se apagaria nunca.

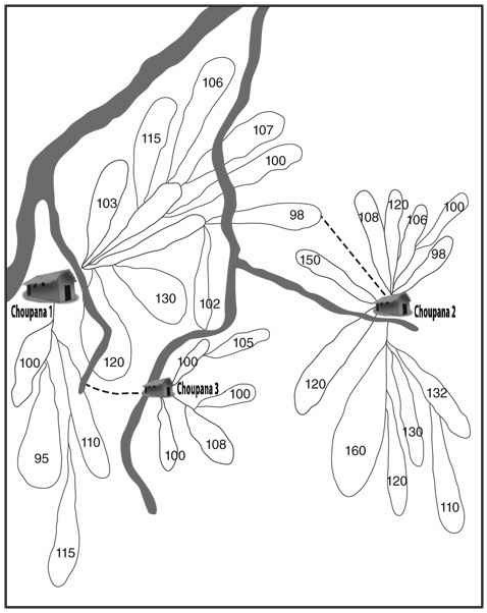
*

Um acontecimento imprevisível abalou a plácida existência dos esquecidos do mundo e marcou o início da terceira – e mais violenta – invasão que a região amazônica sofreria depois da Conquista no século XVI e do boom da borracha no século XIX. Irritados com um governo que começava a falar de reforma agrária, os militares puseram fim a duas décadas de governo civil dando um golpe de Estado em 1º de abril de 1964. Todos os dias, às 5 horas da tarde, o jovem Chico Mendes corria para manipular os botões do rádio, cercado de parentes e vizinhos que caminhavam durante horas para saber o que estava acontecendo a milhares de quilômetros dali e que afetaria profundamente sua vida. A Voz da América, em seu programa em português, falava da vitória da democracia sobre a anarquia e o comunismo. A Rádio Moscou acusava a CIA de ter orquestrado o golpe e contava como os verdadeiros patriotas eram presos, torturados, assassinados, mandados para o exílio. Chico preferia a BBC, que, segundo Távora, oferecia o noticiário mais imparcial.***

Nem sequer as selvas do Acre escapavam à repressão desencadeada pelo novo governo. Euclides ficou nervoso. Quando via alguém chegar e não o reconhecia de imediato, fugia correndo para a selva. Seu gosto pelas notícias, por se manter em contato com o mundo, tornou-se uma obsessão. Era seu jeito de lutar contra a solidão da floresta, exacerbada pelo medo de cair nas redes da Polícia Militar. Um dia de 1965, começou a ter cãibras no estômago e a emagrecer. Sua família lhe escreveu propondo que fizesse um tratamento no Sul, mas ele rejeitou a oferta. Três meses depois, passou pela colocação dos Mendes, a caminho de Rio Branco, onde seria operado. Chico tinha 21 anos e ardia de desejos de lutar

contra o regime militar. Aos 15 anos, havia escrito uma carta ao presidente da República denunciando as condições de trabalho dos seringueiros. Evidentemente, nunca obteve resposta. Então, buscava outras maneiras de agir. Mas Távora o aconselhou a esperar, vaticinando com exatidão que a ditadura duraria uns vinte anos: – Um dia, virão e o chamarão para fazer parte de alguma forma de organização – disse ao rapaz. – E quando esse dia chegar, você se juntará a eles, mesmo que sejam organizações e sindicatos criados pelo governo. Lembre-se bem do que digo: sozinho não se consegue nada. – Chico nunca esqueceria essas palavras, como também não esqueceria o presente que Euclides lhe dera antes de partir: o rádio de pilha.

Euclides foi embora como havia chegado, como uma miragem que se apaga depois de um instante. Chico recebeu carta de seu amigo de Manaus, onde finalmente faria a cirurgia: “Se sobreviver a essa operação, volto”. Chico, sentado às margens do rio com o rádio colado à orelha, esperou-o. Recordava as longas horas descobrindo o mundo por meio daquele militar derrotado que não podia parar de fugir. Aquele forasteiro que tanta falta lhe fazia lhe ensinara que é possível ser dono do próprio destino, desde que se assuma até as últimas consequências – até a morte, se necessário. Mas, aos 21 anos, Chico sentia-se perdido e desamparado na solidão da selva. Tinha a secreta esperança de que o rádio colado ao seu ouvido e que o ligava ao mundo além da selva infinita lhe desse, um dia, notícias do amigo desaparecido.



Plano de um seringal. Mostra as estradas, o número de árvores em cada uma e as choupanas dos seringueiros. A choupana 1 abriga 7 homens, que trabalham 15 estradas; a choupana 2, 6

homens para 12 estradas; a choupana 3, 2 homens para 5 estradas.

*** A revolução cubana de janeiro de 1959 fez aumentar – na administração Kennedy primeiro e Johnson depois – os temores do potencial comunista do Brasil. Robert Kennedy visitou em Brasília o presidente constitucional João Goulart em novembro de 1962, com a missão de discutir a tendência para a esquerda que, segundo a Casa Branca, o Brasil apresentava. Em março de 1964, o embaixador americano Gordon pediu ao Departamento de Estado um aumento substancial da ajuda militar às Forças Armadas Brasileiras, "uma ajuda essencial para restringir os excessos esquerdistas do governo Goulart". Em 13 de março, Goulart anunciou diante de uma multidão que havia assinado a ordem de expropriar as terras situadas a 10 quilômetros de cada lado de todas as estradas e projetos de irrigação. Nos últimos dias de março a embaixada norte-americana informou a Washington que um golpe era iminente. O Departamento de Defesa preparou carregamentos de gasolina, lubrificantes e diesel com destino às Forças Armadas Brasileiras em caso de guerra civil. O golpe culminou em 1º de abril, com o general Castelo Branco assumindo o poder. Os Estados Unidos rapidamente ofereceram ajuda econômica aos novos líderes do Brasil. Cf. Susanna Hecht & Alexander Cockburn, *The Fate of the Forest: Developers, Destroyers and Defenders of the Amazon* (Londres/Nova York: Verso, 1989). (N. A.)

SEGUNDA PARTE

SONHOS DE LIBERDADE

(1968-1980)

11

Amazônia oriental – sul do Estado do Pará

Corriam pela selva, mancando, doloridos. O homem que ia à frente tropeçava nos galhos e nos troncos espalhados pelo caminho. Estavam cansados, quase sem forças, e, mais que tudo, aterrorizados. Não levavam carga alguma, exceto os longos facões. Corriam agachados, tendo cuidado para não se espetar em um espinho ou em um pedaço de galho, trombando nos troncos e nos cipós, os pés escorregando no macio tapete de folhas secas. Podiam-se ouvir os latidos dos cachorros com nitidez, apesar da profusão de sons que os outros animais emitiam. Os cães que os perseguiam eram mais selvagens que o animal mais feroz da selva. Haviam sido treinados por homens para ser ferozes e sanguinários. Eram corpulentos, pretos, de focinho alongado e dentes brancos e afiados como os espinhos dos cactos das planícies do Nordeste. “Estão se aproximando”, disse o segundo homem com um tom de profundo terror. O que ia à frente não disse nada; continuou correndo. Chegaram até um riacho. Pularam e viram, surpresos, que a água lhes chegava até o peito. Pisavam o lodo e sentiam a corrente à altura dos tornozelos. Sentiam outras coisas também, mas preferiram pensar que se tratava de plantas ou peixes inofensivos arrastados pelo lodo. De repente, o segundo homem deu um grito: “Alguma coisa me mordeu!”, gritou ao ver, espavorido, as águas lamacentas se tingirem de vermelho. O primeiro lhe estendeu o braço para ajudá-lo a atravessar. As feições desfiguradas do colega o assustaram. De sua garganta aberta saía um grito gutural: “Tire-me daqui!”.

O pobre homem foi atacado por piranhas atraídas pelo sangue que manava de sua perna ferida. Os peixes, cuja mandíbula ao se abrir era maior que o próprio animal, arrancavam pedaços de músculo, e, em sua sanha predadora, laceravam a carne. O colega conseguiu tirá-lo do infecto riacho com um esforço sobre-humano. Haviam se passado apenas dois minutos, o suficiente para que o homem ficasse mortalmente ferido. Sua panturrilha direita não era mais que um osso sanguinolento com tiras de músculo que uma piranha retardatária teimava em não soltar. “Vixe... Pernambuco, estou acabado”, disse o homem olhando com olhos de espanto para os restos do membro destruído. Pernambuco não disse nada e olhou para ele sem poder disfarçar uma careta de nojo. Tirou a

camisa e amarrou-a com firmeza, à altura da virilha do ferido, para estancar a hemorragia. A seguir, carregou-o no ombro e retomaram a fuga. O percalço havia causado um atraso que podia ser fatal; os latidos das bestas estavam realmente perto. Mas Pernambuco era grandalhão e forte, e, como era jovem, julgava-se invencível. Aos 18 anos, media 1,90 metro, tinha uma barba espessa cor de azeviche e um corpo musculoso e ágil. Os olhos castanho-claros eram pequenos e um pouco fundos, mas o olhar altivo era realçado pelo queixo proeminente.

*

Originário da pequena cidade de Caruaru, Estado de Pernambuco, vizinho do Ceará, José Alcimar Ribeiro dos Santos – conhecido como Pernambuco – encarnava o mais impudente e o mais nobre do sertão. Obrigado a ir para a Amazônia por uma história pessoal, havia acabado prisioneiro na fazenda onde trabalhava como peão, na parte mais ocidental do Pará. Como em muitas outras fazendas da Amazônia, os contratos de boias-frias eram uma fachada para o trabalho escravo. Por isso, junto com mais onze colegas, havia decidido burlar a vigilância dos guardiões e fugir.

Pernambuco pingava suor. O outro continuava consciente, e, ao levantar a cabeça, vislumbrou um cachorro pulando na mata. Sabia que o esforço do amigo era inútil, que cedo ou tarde cairiam nas garras dos cães, e, se sobrevivessem, seriam esperados, pouco depois, pelas ainda mais afiadas garras dos pistoleiros da fazenda que vinham atrás, armados de espingardas e revólveres.

– Pernambuco, não corra, pare – rogou. O outro parou, arfando. O ferido prosseguiu: – Siga você, amigo. Que um de nós se salve, pelo menos.

Pernambuco negou-se a deixá-lo ali, à mercê daquelas bestas que o esquartejariam antes mesmo de os homens chegarem. Continuou trotando, porque estava tão cansado que já não podia correr. A mata era cada vez mais densa, sinal de que estava na direção certa, penetrando na floresta, afastando-se dos lugares habitados. Mas, com a trilha apagada, também ficava mais difícil fugir. Pernambuco teve que abrir caminho a golpe de facão, cortando a folhagem, amaldiçoando aquela vegetação que o aprisionava feito teia de aranha.

– Deixe-me aqui. Siga você – ouviu o amigo dizer com um fio de voz que os latidos dos cachorros abafaram, tão perto estavam. Pernambuco parou e deixou o camarada no chão. – Vá! Não perca mais tempo – disse o ferido. A atadura havia

se afrouxado e o sangue corria pela perna suja e coberta de moscas. Sua vida se esvaía pelas artérias e veias que pendiam como os fios partidos de uma máquina quebrada. Mas ele mantinha a lucidez e os olhos abertos de espanto. – Faça-me um favor – sussurrou. – Não quero acabar na barriga desses cães nojentos.

O outro logo soube o que aquilo significava. Pensou em usar o facão, em decapitar o amigo com um golpe certeiro, mas isso era algo que não conseguia conceber. Lamentou não estar com o revólver, que matava de maneira limpa e rápida. Descartando definitivamente o facão, só lhe restavam as mãos. Mas a ideia lhe repugnava tanto que sentiu vontade de chorar, algo que não sentia desde a mais tenra infância. Não queria matar o amigo, mesmo que fosse para lhe poupar um final atroz; todo o seu ser resistia a isso.

– Rápido, eles estão já aqui – disse o outro.

Então, Pernambuco despediu-se do ferido, abraçando-o.

– Adeus, amigo – disse enquanto o apertava nos braços robustos. A seguir, pouco a pouco, quase imperceptivelmente, pegou sua cabeça nas mãos e de uma vez só lhe quebrou o pescoço. O peão ficou com o olhar vazio. Uma expressão de relaxamento se formara no canto dos seus lábios, e nesse momento Pernambuco o invejou por ter deixado de sofrer. Apoiou a cabeça que o pescoço flácido já não sustentava em uma árvore, cruzou as mãos do amigo sobre o peito e aguçou o ouvido. Ouviu o ruído dos cães atravessando o riacho. “Tomara que as piranhas os ataquem!”, pensou antes de se levantar e retomar a louca corrida pela selva.

Era cada vez mais difícil avançar, e a ideia de que cada golpe de facão facilitava também o acesso aos perseguidores o aterrorizava. Sabia que logo chegariam até ele, mas, ainda assim, não podia pensar muito. Cada movimento lhe exigia toda a energia. Até enxergar no denso negrume da folhagem era difícil, mesmo já tendo se acostumado à escuridão.

Os latidos dos cachorros redobraram; deviam ter encontrado o corpo sem vida do peão. Ele se divertiriam até acabar o que as piranhas haviam começado. Pernambuco continuou golpeando com o facão os cipós e os galhos. Ouviu as vozes distantes dos pistoleiros que chegavam cercados de mais cachorros. Deviam estar cortando as orelhas do seu amigo para depois enrolá-las em um pedaço de jornal e mostrá-las ao capataz como prova de sua eficácia. O capataz, por sua vez, as faria circular pelo acampamento para que servisse de exemplo aos que pensassem em fugir. Já tinham duas orelhas, e não desistiriam até

conseguir mais duas: as suas.

Depois de alguns minutos, como se houvesse desenvolvido um sexto sentido, sentiu uma presença atrás de si. Voltou-se bem a tempo. Ainda assim, não pôde impedir que a besta o derrubasse. Mas conseguiu, com a mesma força com que seu braço ceifava a mata, dar-lhe uma facada que lhe arrancou o focinho. Cão e homem rolaram pelo chão em um corpo a corpo feroz. O sangue jorrava aos borbotões do animal, que proferia um estertor rouco, já incapaz de latir. As mãos laceradas do homem se fecharam em suas mandíbulas, e com todo o seu peso sufocou o animal. Mantinha o rosto apertado contra o corpo do cachorro, e sua boca estava cheia de pelos. Conseguira não soltar o facão, e fincou-o repetidas vezes nas costelas do animal. O cachorro começou a arfar, soltou um frágil uivo e pouco depois sua massa de músculos relaxou. Pernambuco permaneceu alguns instantes sobre o animal, recuperando o fôlego. A seguir se levantou, coberto de sangue. Ouvia a matilha se aproximar.

Então, fez a única coisa que pôde, pois já não havia trilhas: agarrou-se a um cipó e subiu. Pouco a pouco, foi subindo, na esperança de que os pistoleiros não o alcançassem ali em cima. Do alto, via os cachorros rasgarem a casca da árvore, tentando subir. De repente, ouviu um tiro que espantou pássaros e macacos. Sentiu uma queimação abrasar-lhe o flanco e o braço esquerdo. Um tiro o havia acertado de raspão. Escorregou, mas os galhos amorteceram sua queda. Agarrou-se a uns cipós com todas as forças e conseguiu recuperar o equilíbrio. Passou para outro tronco e continuou fugindo como um macaco, escondido no meio das folhas gigantescas das copas das árvores, protegido do solo pela trama de vegetação que o tornava invisível. Outros tiros à sua volta acertaram a árvore, esburacando folhas e levantando uma leve poeira, mistura de pólen e musgo seco. Reunindo forças das profundezas do seu ser, dali onde só existe a vontade de viver, continuou subindo e pulando de árvore em árvore até que as vozes e os latidos foram se perdendo à distância. Quando achou que estava a salvo, parou. Havia um vão no grosso tronco de uma árvore de mogno. Tirou cupins e insetos com o facão e, pisando nas samambaias e nas orquídeas que cresciam e viviam suspensas em seus longos galhos, acomodou-se ali dentro, sobre um leito de musgo. Sujo de sangue e de barro, ferido e exausto, adormeceu, indiferente ao aguaceiro que caía.

Abriu os olhos à meia-noite, ao sentir o ar fresco no rosto e ouvir um bater de asas. Alarmado, pôs a cabeça para fora e viu uma grande sombra preta ziguezaguear na escuridão. Era um morcego gigante, que, depois de ter

descoberto que seu vão habitual estava ocupado, ia em busca de outro lugar para sugar o sangue do lagarto que carregava na boca. Esse simples movimento de cabeça fez Pernambuco perceber como todo o seu corpo estava dolorido. Os músculos estavam contraídos; qualquer movimento lhe provocava cãibra. Tentou mudar de posição, mas não conseguiu. Como o cansaço era maior que a dor e o medo, tornou a adormecer profundamente.

Ao acordar, não sabia se haviam se passado algumas horas ou três dias. Não se lembrava de sonho algum. Dormira como uma pedra. Pouco a pouco, foi recompondo o quebra-cabeça mental que as imagens das unhas do cachorro, o pescoço flácido do amigo e as vorazes piranhas lhe sugeriam. Recordou os preparativos para fugir do acampamento, que haviam durado várias semanas durante as quais uma dúzia de colegas havia conseguido não levantar suspeitas. Haviam decidido fugir em massa, diante do fracasso das fugas individuais. Os guardiões sempre voltavam com os peões fugidos. No início, davam-lhes uma surra e lhes raspavam a cabeça. Depois, com o aumento das tentativas de fuga, crivavam-nos de balas. Pernambuco estava se perguntando onde estariam os outros, os onze que haviam corrido em várias direções, quando uma dor intensa, ao tentar se mexer, o devolveu à realidade. Então, lembrou que estava ferido, e toda a felicidade de ter fugido e de se sentir livre desapareceu. Rapidamente, fez um balanço do estado do seu corpo. As chagas estavam abertas; nada cicatrizava com aquela umidade. Tirou os vermes que haviam se aninhado em suas feridas e limpou-as com uma tira da camisa. Apalpou os tornozelos, pernas, ventre e braços, tirando alguns pedacinhos de chumbo. Exceto a ferida e os músculos intumescidos, o resto não havia sofrido maior dano. O importante era que ainda tinha o facão.

Permaneceu o dia todo na mesma posição, vendo os pássaros multicoloridos descansando da faina diária nos galhos, vendo as preguiças, esses primos distantes do tatu, deslocar-se em movimentos lentíssimos para se pendurar com os longos braços e as afiadas unhas em algum galho e permanecer assim o resto do dia. Deixou-se levar pelas recordações, pelo cheiro de mato queimado do sertão e da sopa de mandioca que sua mãe fazia. Parecia estar vendo-a chorar no dia de sua partida, ao lado dos seus catorze irmãos. Ninguém queria que ele fosse embora. Recordou o início de tudo, quando tinha apenas 13 anos e cometera o primeiro crime. Depois de surpreender um vizinho, um garoto mais velho que ele, roubando a ração das suas galinhas, enfiou-lhe uma faca no peito. Nunca esqueceria como era fácil e emocionante matar, nem a sensação de

impunidade, já que não recebera castigo por falta de provas. Os rapazes da sua idade que sabiam da verdade passaram a considerá-lo um herói. Pernambuco, atormentado pela fome, continuou matando escondido para ganhar dinheiro. Depois que um vizinho o contratou para resolver uma velha disputa de terras, sua fama de pistoleiro começou a crescer. Aos 17 anos era considerado em Caruaru e seus arredores “um bom profissional”. Em casa, a mãe se perguntava de onde o rapaz tirava dinheiro para comprar jeans e dar presentes para os irmãos com tanta prodigalidade. O pai acabou sabendo das atividades do filho, e como não queria que os outros seguissem o mesmo caminho nem que sua mulher soubesse, ameaçou expulsá-lo de casa. Era um homem religioso, de princípios. Um dia, falou-lhe de um trabalho na Amazônia: – Uma verdadeira oportunidade para um jovem como você – disse. – Você devia ir. Vai ter um bom salário e o futuro digno de um filho meu. – Pernambuco procurou o gato que contratava por conta de uma empresa de dois deputados federais e um deputado estadual, “uma garantia de que será bem tratado”, segundo o pai. A empresa explorava um pedaço de terra do tamanho da Bélgica na Amazônia setentrional, e contratava peões para desmatar e preparar pastos para gado bovino. O pagamento era de 500 cruzeiros por alqueire, um salário respeitável. Um bom filho do sertão respeita sempre a vontade dos pais, e o rapaz, mesmo contrariado, acabou embarcando em um velho DC-3 que o levou, junto com outros pernambucanos, até a pista da fazenda. Ali encontrou mais duzentos peões cercados de uns trinta capatazes, pistoleiros encarregados de vigiá-los dia e noite. Acordavam-nos às 3h30 da manhã para mandá-los ao trabalho. Ao anoitecer, escoltavam-nos de volta ao acampamento. Lembrou a surra que levara de um deles por se queixar dos preços, até quatro vezes superiores ao normal. Pernambuco só guardava boa recordação da comida, sempre abundante e variada, com carne todos os dias para que o trabalho dos escravos não decaísse.

Comida. A simples evocação de algo mastigável interrompeu seu sono. O cheiro da feijoada que a mãe fazia aos sábados lhe surgiu na memória nitidamente, embriagando-o. Como a fome era maior que o esgotamento, saiu do buraco. Um ruído agudo o surpreendeu. Era um macaco, que o contemplava com curiosidade. Instantaneamente lhe cruzou a mente a imagem e o sabor de um filé de macaco. Pegou o facão e tentou alcançá-lo. O macaco deu uma bufada e fugiu. “Filho da puta”, Pernambuco praguejou enquanto enfiava o facão na cintura e tentava descer da árvore. Suas articulações pareciam dobradiças enferrujadas. Cada movimento lhe dava vontade de gritar de dor, principalmente ao usar o braço ferido. Deslizou por uns cipós e, ao chegar ao chão, teve que se

deitar na terra molhada. Levou um bom tempo para ficar em pé. Recordou o conselho de um velho machadeiro que também havia fugido na véspera: “Na selva, siga a água, sempre a água, porque um riacho o levará até um rio, e pelos rios cedo ou tarde sempre passa alguém”. Olhou em volta: não havia riachos. Não se via o céu. Não havia indício do sol. Não fazia ideia de onde ficava o norte e tinha medo de voltar à fazenda por engano. Decidiu seguir em frente. Tirou o facão da cintura e foi abrindo caminho, metro a metro, às vezes tendo que se agachar até se deitar no chão para evitar raízes e cipós grossos como troncos. As pontadas de fome eram agudas como punhais que se cravavam nele a intervalos regulares. Não conseguiu fixar mais a atenção no caminho e procurou algo para comer. Havia uma grande profusão de plantas, mas não experimentou nenhuma, com medo de se envenenar. Um pânico visceral se apoderou dele quando, de repente, percebeu que, desconhecendo a selva, corria o risco de morrer de fome e sede. Com certeza, o velho machadeiro se safaria, pensou. Aquele homem sabia tirar água pura de um bambu; conhecia os costumes dos animais para espreitá-los e caçá-los no momento adequado. Pernambuco, porém, com toda a sua força bruta e a sua coragem, depois de ter se livrado dos cães e dos pistoleiros, morreria por ser ignorante.

Chupou o orvalho de algumas folhas e se deitou no chão. Observou o movimento das formigas, gordas como um dedo polegar, das lagartas, das aranhas e de outros insetos tão estranhos que nem em seus piores pesadelos os teria imaginado. Ouvira falar de um prato com formigas fritas que os índios preparavam, mas notou que não tinha fogo. Água... Precisava de um riacho para pescar alguma coisa. Com seu facão poderia pegar algum peixe. Essa era a sua esperança. Tentou se levantar, mas caiu. No início, chorou em silêncio, como se não quisesse que as plantas da selva fossem testemunhas de seu desespero. A seguir, chorou alto e desconsoladamente. Todo o seu corpo pulsava de dor. Deitou-se apoiado no tronco de uma árvore e adormeceu. Sonhou com filés de porco e peixe frito, com goiabada e queijo do sítio, com feijão e bolo de coco.

Acordou tiritando de frio. Chovia, e no meio das copas das árvores viam-se tiras esbranquiçadas. Era a água, que, sem chegar ao chão e por conta do calor, evaporava de novo. Pernambuco sentia necessidade de se mexer para se aquecer. Tinha que seguir em frente, sem saber para onde. Estava enlouquecido de fome. Levantou-se, e a duras penas seguiu caminho. Conforme avançava o dia, atravessou metros e metros de selva. Às últimas horas da tarde chegou a um riacho, e seguiu-o até desembocar em uma represa de águas esverdeadas.

Mergulhou. Bebeu até se saciar. Lavou as feridas. E continuou procurando comida. Ali havia peixes, embora pequenos. Era impossível pescá-los com o facão ou pegá-los com as mãos. Tirou a camisa e a usou como uma pequena rede. Os mosquitos e a espuma verde de liquens ficaram colados nele. Não conseguiu nenhum peixe, mas também não perdeu a esperança. Pegou uns galhinhos e construiu um bastidor, sobre o qual pôs a camisa. Assim, podia mergulhá-lo até o fundo sem precisar entrar de corpo inteiro na água. Levou três horas para pegar um peixinho, três horas de angústia nas quais temia que o rápido crepúsculo interrompesse a pesca. Devorou o peixinho como se o tivesse assado, tirando metodicamente as espinhas e a cabeça. Não era muito alimento, mas foi o suficiente para lhe aplacar a fome e levantar-lhe o ânimo. Fez um leito de folhas secas e se deitou para dormir o curto sono da fome. A chuva o acordou várias vezes, assim como o barulho do vento na folhagem.

Chegou o dia, quente e nublado. Continuava chovendo ininterruptamente. As pontadas agudas da fome haviam se transformado em uma dor surda no abdome. Quase não sofria. Havia perdido o afã desesperado de procurar comida. Qual dos fios de água que saíam da represa o levaria até um rio?, pensou. Não tinha nenhuma possibilidade de formar um pensamento racional. Continuava totalmente desorientado. Escolheu um dos fios que descia por um desnível mais íngreme. Se houvesse um vale ali, pensou, haveria água no fundo.

Desfez a rede de pescar e enfaixou o flanco dolorido, preparando-se para um dia de marcha. Sentia a língua seca, como se tivesse um pano enfiado na boca. Ao menor esforço sentia náuseas e tontura. Logo começou a ter alucinações. Tinha certeza de ouvir as águas caudalosas de um rio à direita. Ouvia muito nitidamente as cachoeiras. Mas, no fundo, sabia que eram alucinações. Lutou contra elas e continuou caminhando o dia todo, até que, de repente, mudou de rumo buscando aquilo que estava apenas em sua mente. Dirigia-se à origem do barulho, e depois de um longo tempo, desesperou-se por não encontrar nada.

Avançou penosamente e ouviu de novo o ruído da água. Era uma verdadeira tortura, a ponto de ter que tampar os ouvidos. Ainda assim, continuou ouvindo o grande rio salvador que corria à direita. A imaginação lhe destruía o cérebro e não o deixava pensar em outra coisa.

De repente, encontrou uma trilha. Começou a correr e perdeu o facão. Correu até que o esgotamento o fez cair no musgo úmido da trilha. Estava suado e tiritava. Conseguiu se acalmar e seguir em frente. Torturava-o a ideia de morrer a

poucos passos de distância de um lugar habitado, de não ter energia para percorrer os últimos metros. Seu coração bateu alvoroçado quando ele chegou a uma clareira na selva onde havia uma barraca de madeira de palma destruída. Gritou para ver se estava habitada, mas ao se acalmar viu que o mato estava muito alto: a casinha estava abandonada fazia tempo. Seguiu por outro caminho que saía da clareira. Havia árvores com estranhas cicatrizes. “Índios”, pensou Pernambuco. Só os índios poderiam fazer esses desenhos geométricos nas cascas das árvores. O medo voltou a torturá-lo. E se acabasse prisioneiro dos índios? Na Amazônia, todo mundo ouvira dizer que algumas tribos eram canibais e que outras se satisfaziam reduzindo a cabeça dos prisioneiros brancos. Seguiu pela vereda. Não sentia nada; todo o seu corpo estava intumescido, exceto a mente, na qual já não confiava. Em algum momento daquela enlouquecida corrida, chegou a pensar que o que estava vivendo não era real, que a trilha não existia, que era outro produto de sua imaginação doentia. Então parava, fechava os olhos e se deixava envolver pelos fragores e ruídos. Depois os abria para verificar que o caminho continuava ali, promissor, sugestivo.

Caminhou o dia todo sem ver ninguém nem cruzar com animal algum; antes do anoitecer, fez uma descoberta que o mergulhou na mais profunda perplexidade. No meio da trilha havia um facão. Aproximou-se e o observou atentamente. Estava em perfeito estado; parecia-se tanto com o que havia deixado cair que pensou que se tratava do mesmo. Mas era impossível. Devia pertencer a algum colega que fugira com ele e que teria acabado pelos mesmos lados. Pegou-o, colocou-o na cintura e seguiu pela trilha. De repente, chegou a uma clareira da selva onde havia uma casa caindo aos pedaços. Pernambuco esfregou os olhos com raiva, afundando os nós dos dedos nas cavidades oculares, como se quisesse afugentar a visão atroz que se apresentava à sua frente: era a mesma casa, na mesma clareira do mesmo trecho de mata pelo qual havia passado várias horas antes. Tirou o facão que havia colocado na cintura: era o seu. Não conseguia explicar aquilo. Voltara ao ponto de partida. A selva havia aprontado com ele. Gastara as últimas forças para percorrer aquele caminho que dava voltas na mata. Era a trilha abandonada de um seringueiro; os desenhos geométricos nas cascas eram velhas raspagens; e o barracão na clareira da selva havia sido uma colocação. Mas Pernambuco não sabia. Então, só lhe restava morrer. Deixou-se cair no mato macio. Estava tão desesperado que pensou que já estava morto, que a morte seria isso, um andar infinito por caminhos que não levavam a lugar nenhum. De repente, pareceu entender tudo: estava no inferno por causa do seu passado assassino, pagando por todos os

corpos esburacados pelas balas do seu 38. Tinha certeza de que havia morrido vários dias atrás, quando começara a ter alucinações, essas torturas mentais piores que a fome. A imagem do pai repetindo sem parar que estava no mau caminho lhe veio à mente. Naquele momento, entendia plenamente o significado de suas palavras. Era um caminho que girava em círculos e que durava a eternidade do inferno.

Vivo ou morto, o caso é que acordou depois de várias horas. Continuava no mesmo lugar, seu flanco doía como sempre quando tentava se mexer e podia ouvir claramente o som da própria respiração. O sol brilhava no céu sobre a clareira. Olhou seu corpo, que não era mais que uma enorme chaga. Seus movimentos eram lentos. Não sentia nem o estômago nem o paladar. Queria acabar com aquele sofrimento, mas uma força obscura o impulsionava a seguir. Não tinha coragem suficiente para fazer a si mesmo o que havia feito a seu amigo ferido pelas piranhas. Era escravo de sua energia, prisioneiro da vida.

Levantou-se e, abandonando a trilha traiçoeira, penetrou na selva, hesitando. Perdido por perdido, seguiria o chamado de sua alucinação. Encontraria o rio caudaloso. Caminhou a manhã toda com passo vacilante até que suas pernas não o sustentaram mais. Continuou se arrastando, quase desmaiando, com os joelhos em carne viva. O ruído da água ficava cada vez mais próximo, mas não podia confiar no próprio discernimento. Assim, continuou a se arrastar como uma gigantesca lagarta, contorcendo-se, retorcendo-se. De repente, achou que estava muito perto do rio. Fez um esforço sobre-humano para se levantar. Julgou ver um rio largo e preguiçoso cujos grandes meandros passavam por entre colinas cobertas de vegetação. Gritou com as poucas forças que lhe restavam, porque não tinha certeza de poder se aproximar da margem; duvidava até da existência da margem. Agarrando-se aos cipós e galhos, continuou avançando. De repente, viu seu braço se tingir de vermelho. Tirou a calça: todo o seu corpo suava sangue. Tocou o rosto, e sua mão se manchou de sangue. Do couro cabeludo, das axilas, por todos os poros do corpo perdia o líquido vital. Seus olhos se injetaram, até que não pôde ver mais nada. Era horripilante, a coisa mais atroz que pode acontecer a um ser vivo. Era pior que a morte. Desabou como uma massa sanguinolenta, enquanto os abutres se posicionavam no alto da folhagem.

12

A pequena embarcação havia parado às margens do rio Xingu para que os passageiros, cinco índios caiapós e um branco, atendessem a necessidades fisiológicas urgentes. Mas, ainda assim, não teriam ouvido o grito desesperado de Pernambuco se não houvessem penetrado na selva em busca de tartarugas, o mais apreciado manjar para os índios. Enquanto uns, por conta da mais completa ignorância do meio em que viviam, morriam de inanição, outros – os índios – contemplavam a selva como se fosse uma rua cheia de lojas bem abastecidas. Haviam identificado o lugar ideal para pegar tartarugas e disseram ao chefe da expedição, um brasileiro de uns 35 anos chamado Sydney Possuelo, que seria conveniente parar ali. A surpresa foi encontrar aquela massa de ossos e carne com forma humana jogada no chão, à mercê de insetos e répteis. Com a ajuda de uma folha, o índio que o descobriu tirou uma lagarta, verde e grossa como um charuto, que estava presa entre o facão e a calça do ferido. Era uma pararama,**** cujos longos pelos escondem delicados espinhos que exsudam uma substância química parecida com as drogas que dissolvem os coágulos de sangue nas artérias. Essa havia sido a origem de tanto sangue sobre aquele corpo disforme. Não havia índio que não tivesse sofrido várias vezes na vida o mesmo problema. Não era grave, mas impressionante.

Dos primeiros dias em que os índios o devolveram à vida, Pernambuco só recordaria as vozes ininteligíveis misturadas com o barulho do motor, o sabor dos pedaços de banana que mastigava com preguiça e a brisa provocada pela marcha da embarcação. Depois de enfaixar seu tórax, colocaram-no em uma rede no convés. Pouco a pouco foi recuperando forças, até que conseguiu balbuciar e dizer seu nome, mas absteve-se de contar o que lhe havia acontecido. Tinha medo das represálias, tinha pavor de que o devolvessem àquele campo de concentração. Várias vezes se surpreendeu cantarolando o refrão dos peões: “... O machadeiro bom/corta o pau valente,/que eu sou peão dos bons”. E a seguir, ecoava em sua cabeça o som das machadadas. Sim, havia sido peão em uma fazenda onde se cortavam árvores centenárias, confessou. Contou como primeiro faziam cortes nas menores, e depois atacavam a grande. Ao cair, o tronco arrastava as árvores mais finas antes de bater no chão com um estrondo de galhos quebrados, levantando uma nuvem de pó. Contou como as podavam e deixavam secar até agosto, temporada das grandes queimadas, cuja fumaça se

via a centenas de quilômetros ao redor. Mas, quando Possuelo lhe perguntava acerca das razões que o haviam levado até a beira do Xingu, Pernambuco desviava o olhar e se calava. O medo o paralisava. Possuelo não insistia.

Pernambuco passava o dia vendo os índios cozinharem na proa do barco. Ferviam as tartarugas em uma panela que colocavam sobre um fogareiro a gás, e depois as cortavam com o facão. Via também as manobras da pesca, o modo como descabeçavam e estripavam os peixes, e depois os embrulhavam em grandes folhas verdes antes de assá-los. Com um pirarucu pequeno podiam alimentar os sete homens da embarcação. Embora a limpeza e a higiene deixassem muito a desejar para o que estava acostumado, Pernambuco nunca rejeitava o que lhe ofereciam. Engolia tudo com avidez, como se tivesse medo de ficar sem comida. Quando conseguiu se levantar, ficava fuçando pelo barco em busca de tudo o que fosse comestível, mas não tinha fome, porque comia a cada duas ou três horas, como os índios. Eles conheciam bem essa síndrome, visto que também haviam passado períodos de fome, com a falta de caça por conta das queimadas, ou quando os colonos brancos caçavam muito em suas terras. Olhavam-se com ar divertido e riam. Escondiam restos de comida no barco e esperavam que desaparecesse. Era uma brincadeira da qual nunca se cansavam; cada vez que Pernambuco pegava algo que haviam escondido, o barco era sacudido por uma sonora gargalhada. Possuelo ria de vê-los rir.

À medida que navegavam rio abaixo, o Xingu se tornava cada vez mais largo. As ilhas eram imensas, margeadas de praias de areia branca. Estavam na estação seca, e era perigoso navegar por águas pouco profundas. Durante o dia e a noite, um índio vigiava o sinuoso traçado da corrente e fazia sinais com os braços para que evitassem os obstáculos. Pernambuco pegou confiança com todos os seus companheiros. Teria gostado que aquela viagem durasse eternamente, porque não tinha destino nem lar aonde se dirigir, e não sabia o que o esperava ao desembarcar. Temia encontrar algum pistoleiro da fazenda e seus cachorros quando pusesse os pés no cais. Era um medo infundado, mas que lhe corroía o cérebro. Enquanto os índios desenhavam o corpo com o preto azulado do jenipapo por conta da iminente chegada, Pernambuco sentiu a necessidade urgente de contar sua história a Possuelo.

– Fomos trazidos de avião... uns sessenta trabalhadores braçais – começou.

– Como se chamava a empresa que os transportou, que os contratou? – inquiriu Possuelo, que havia tirado uma caderneta do bolso da camisa e tomava

notas.

– A empresa se chama Junqueira Vilela Empreendimentos Pecuários. Pertence a dois deputados federais e a um deputado estadual chamado Almir Lando. Sei disso porque meu pai averiguou, pensando que era um bom lugar para mim. O deputado estadual foi várias vezes à fazenda quando eu estava lá, e até cheguei a falar com ele.

– O que disse a ele? – perguntou Possuelo.

– Que não aguentávamos mais. Eu me queixei dos preços e da falta de liberdade.

– E ele fez alguma coisa?

– Nada. A única coisa que consegui foi que dois capatazes me dessem uma surra. Então, jurei que isso não voltaria a acontecer e decidi fugir.

– Você recebia algum tipo de pagamento?

– Para comprar comida e mantimentos, assinávamos um recibo, que descontavam do salário. No final do mês, os pistoleiros nos obrigavam a assinar o recibo do salário, sob ameaça de morte.

Para Sydney Possuelo, aquela história não era excepcional. Sabia que a prática do trabalho escravo era comum nas fazendas da Amazônia. Com a recente campanha do governo para colonizar a selva, haviam aumentado os casos de trabalho forçado. A frente de ocupação da região chegou a provocar tantos conflitos e tantas situações aberrantes que a própria capacidade de indignação da opinião pública havia sido atingida. O agravante de ter três deputados envolvidos não era garantia de que o assunto acabasse em escândalo nos lugares que poderiam pôr fim a esses gulags tropicais: nas cidades do Sul e em Brasília. Geralmente, a atitude das autoridades era fechar os olhos para essa reiterada violação da lei. Os militares que controlavam o país, estreitamente ligados a políticos e empresários da Amazônia, tratavam de abafar a tempo qualquer escândalo que pudesse arranhar sua imagem. Mas Sydney Possuelo sentia a obrigação moral de denunciar o caso.

– Hoje são peões, amanhã podem ser índios – disse.

Desde a chegada dos europeus, as diversas e sucessivas tentativas de ocupar a bacia do Amazonas haviam provocado verdadeiros massacres e genocídios.***** Essa última tentativa de ocupação em pleno século XX,

chamada “A Conquista da Amazônia”, pelos militares que assumiram o poder após o golpe de Estado de 1964 e que lançaram um grandioso programa de desenvolvimento, ameaçava ser, se não o mais violento de todos, o mais destrutivo.

– Como vou denunciar isso? Vão me matar! – exclamou Pernambuco olhando para Possuelo como se tivesse levado uma punhalada nas costas.

– E não se importa com o que possa acontecer com os que deixou para trás? – inquiriu Possuelo.

Pernambuco não respondeu. No fundo, não se importava com a sorte dos outros. Depois do que havia sofrido, não sentia compaixão pelos que não haviam corrido o mesmo risco que ele. Sua pele era sua única preocupação.

Mas Possuelo não entendia assim. Profundo conhecedor da selva, amigo dos índios, aquele homem de nariz aquilino, olhos pretos e olhar penetrante era uma mistura de idealista, aventureiro e justiceiro. Sydney Possuelo havia sido formado pelos irmãos Vilas-Boas, precursores do movimento indianista, cujo prestígio transcendeu as fronteiras do Brasil depois que, em 1952, criaram o Parque do Xingu, a primeira área indígena protegida.****** Desde muito jovem, Possuelo decidira, como seus mestres, dedicar a vida à proteção dos índios: “Eu me imaginava subindo rios, abrindo novos caminhos, novas rotas... muito normal em um jovem. Um pouco de aventura, um pouco de romantismo e, por que não?, certo amor. Amor pela natureza virgem, pelas terras a descobrir, pelos índios que despertaram em mim uma curiosidade inesgotável. Quanto mais primitivos, mais isolados, mais bonitos me pareciam”.

Havia se tornado um sertanista, um técnico das terras do interior, do sertão, especialista na inspeção das zonas mais afastadas e agrestes. “Não ganhava dinheiro, mas tinha o que comer, onde dormir e, acima de tudo, estava onde queria”, diria anos depois aludindo aos seis anos que passou no Parque do Xingu, convivendo com os índios caiapós. A seguir, veio a construção da estrada BR-080, que, passando perto do parque, aproximou-o do mundo “civilizado”. Surgiu todo tipo de problema: cachaça, prostituição e, acima de tudo, conflitos de terra. Durante um deles, Possuelo foi feito prisioneiro por um grupo de camponeses que haviam invadido ilegalmente terras indígenas. Quebraram-no todo antes de soltá-lo.

Por pressão do próprio Orlando Vilas-Boas, o governo acabou criando a Funai (Fundação Nacional do Índio), um organismo destinado a proteger os índios do

choque com a sociedade brasileira e a ajudá-los a se adaptar. Possuelo foi aprovado no concurso para técnico indianista e começou a trabalhar nesse organismo. Tornou-se especialista em “primeiros contatos”, ou seja, em descobrir e fazer contato com índios tão isolados que nem sequer sabiam da existência dos brancos. Eles o viam, com quinhentos anos de atraso, como os primeiros índios viram chegar as naus da Conquista. Participou da aproximação aos índios suruís e cintas-largas em Rondônia, e aos ka’apor no Maranhão. Passava o tempo todo em expedições pela Amazônia que duravam meses. Pouco a pouco, foi aperfeiçoando a técnica dos primeiros contatos até se tornar um expert.

Poucos dias antes de empreender a viagem pelo Xingu com um grupo de caiapós, o presidente da Funai o convocou a seu escritório de Brasília: – Neste livro, os araras estão classificados como tribo extinta – disse a Sydney Possuelo enquanto lhe mostrava um exemplar de Os índios e a civilização, escrito pelo conhecido antropólogo e escritor Darcy Ribeiro. – Como é possível que uma tribo que não existe ataque periodicamente os trabalhadores e os colonos assentados nas margens da estrada Transamazônica? – Dois funcionários da Funai e três de uma companhia de obras públicas haviam acabado de sucumbir a um ataque de índios. Havia sido um escândalo em todo o Brasil. O governo, comprometido em colonizar a região, em atrair para as novas terras desmatadas grandes latifundiários e famélicos camponeses do Nordeste, não queria passar a imagem de uma Amazônia perigosa, de um Velho Oeste sul-americano. –- A construção da estrada começou há anos. Como é possível que ainda não tenhamos feito contato com os araras? Quem são esses guerreiros que acabaram com mais de trinta homens nossos? – Possuelo ouvira falar deles porque os caiapós os haviam encontrado várias vezes durante suas andanças pela selva. Durante anos, a Funai havia tentado, em vão, contato por meios tradicionais. Mas a única resposta daqueles “índios bravos” aos avanços dos sertanistas haviam sido flechadas.

Então, era urgente resolver o problema. A companhia de colonização Cotrijuí estava disposta a implantar um projeto agrícola de 400 mil hectares na desembocadura do Xingu, às margens da Transamazônica.

– Eu lhe dou os meios que necessitar para pacificar a região – disse a Possuelo o presidente da Funai.

– Só preciso de uma coisa: tempo – respondeu o sertanista.

– Quanto?

– O que for necessário.

Possuelo não estava disposto a repetir o fracasso dos primeiros sertanistas, que, ao precipitar o contato, acabaram adotando posturas agressivas que depois foram mal interpretadas. O plano que propôs ao presidente era simples, mas revolucionário, porque se chocava com os interesses das companhias de colonização. Até então, todas as iniciativas de contato haviam nascido sempre em função da sociedade brasileira, nunca em função do índio. Quando a Funai organizava uma frente de contato, era para defender os interesses do Estado ou das companhias concessionárias, não para socorrer uma comunidade em perigo. Possuelo queria mudar esse conceito radicalmente. Propôs deixar que o contato fluísse da parte do índio, até que ele mesmo julgasse que era benéfico provocá-lo. – Temos que esperar que o índio chegue – dizia. – Precisamos dar prioridade absoluta à paciência.

O presidente não tinha alternativa. Embora tivesse pressa, confiava naquele homem que vestia camisa cáqui e usava o cabelo sempre bagunçado, e que entregara a vida à causa indígena. Sabia que ninguém estava tão capacitado quanto Sydney Possuelo para se comunicar com aqueles homens misteriosos e agressivos. Deu-lhe carta branca para coordenar a “frente de atração”.

Uma semana depois, Possuelo descia o Xingu rumo a Altamira, uma aldeia sem lei nem ordem transformada em baluarte da conquista moderna da Amazônia. Fora buscar uns índios caiapós, pois achava que poderiam se entender com os araras caso conseguissem um primeiro contato. Aqueles caiapós eram índios dóceis, que haviam sido contatados nos anos 1930. Não falavam português, mas entendiam algumas palavras. Formavam uma equipe adequada para trabalhar na selva, da qual conheciam todos os segredos. Quando encontraram Pernambuco, estavam havia quatro dias viajando da aldeia Gorotire às margens do rio Fresco, um afluente do Xingu. Em Altamira, haviam previsto juntar-se a outros sertanistas e indianistas para penetrar no território arara.

– Quais são seus planos ao chegar a Altamira? – perguntou Possuelo a Pernambuco, que o olhava como um animal acossado.

– Não tenho planos – respondeu.

– Você tem dinheiro?

– Não.

– Conhece alguém que o possa ajudar?

– Não.

– Então, vou lhe propor um trato – prosseguiu Possuelo. – Vou acompanhá-lo à paróquia dos padres da igreja de Altamira, e você vai fazer a denúncia. – Pernambuco baixou os olhos e negou com a cabeça. – Ou prefere ir diretamente à polícia?

– Não! – exclamou Pernambuco.

Todo mundo sabia que a polícia estava mancomunada com os grandes latifundiários. Aparecer na delegacia equivalia a um suicídio, porque o devolveriam à fazenda.

– Ouça – disse o sertanista. – Você vai contar tudo aos padres, com riqueza de detalhes, tal como contou a mim. Eles não vão delatá-lo nem dirão seu nome, mas precisam de seu testemunho como prova, caso a denúncia prospere e chegue à justiça.

Houve um longo silêncio, que Pernambuco interrompeu com um fio de voz:

– É como se eu assinasse minha sentença de morte. Vão mandar um capanga atrás de mim.

– Ele não o encontrará.

– Vai me procurar até conseguir me enfiar uma bala na cabeça.

– Não, se você aceitar meu trato: você denuncia tudo aos padres. Eles, por sua vez, denunciam o caso à polícia e à imprensa. Em troca, eu lhe proponho trabalhar conosco na frente de contato. Vai ganhar um salário. Módico, mas um salário. Quando sair da selva, ninguém se lembrará de você, e será de novo um homem livre.

Pernambuco levantou o olhar. Não sabia muito bem o que pensar. Era tudo tão recente que nem as feridas nem o medo haviam cicatrizado. Mas as palavras daquele homem lhe pareciam sinceras.

– Está bem – disse a Possuelo. – Trato feito.

À SAÍDA DA PARÓQUIA DE Altamira, depois de ter contado sua história com todos os detalhes a um jovem missionário italiano, Pernambuco, escondido das pessoas que se amontoavam em volta dos caiapós, escoltado por Sydney Possuelo e seus dois indianistas, entrou no Land Rover da Funai e partiu em direção à

Transamazônica. Mal pôde dar uma olhada naquela cidade construída sobre um pântano, com casas de madeira e ruelas cheias de lodo. O trânsito era desorganizado e barulhento, as lojas vendiam de tudo, desde peixe salgado, borboletas gigantes, macacos vivos e plantas alucinógenas até motosserras e motores a diesel. Fazia um ano que Pernambuco não via um lugar civilizado, e teve vontade de pular do jipe e perder-se entre a multidão. Mas foi uma tentação de curta duração, porque logo voltou a pensar nos capatazes da fazenda, que também deviam estar por aquelas ruelas em busca de alguma prostituta para matar o tempo ou de algum infeliz para contratar e levar para o inferno de onde Pernambuco havia fugido.

O aspecto tosco e mal-acabado da Transamazônica contrastava com a grandiosidade das obras. A parte inaugurada era um caminho reto de 7,60 metros de largura (que nunca seria asfaltado), cheio de buracos. De longe, parecia uma cicatriz na pele da selva. Nas obras, porém, havia tratores de lagarta e uma enorme quantidade de maquinaria sofisticada; aquilo parecia o campo de construção de uma nave espacial. A Transamazônica havia se transformado em algo mais que a imagem do desenvolvimento do Brasil, o quinto maior país do mundo, desejoso de ocupar no concerto das nações um lugar em consonância com suas dimensões e seus ilimitados recursos. Havia se transformado no símbolo do domínio do homem moderno sobre a natureza. À sua margem nasciam cidades inteiras, e a selva era arrancada para oferecer terra e madeira aos pioneiros que o governo pretendia instalar em uma faixa de 70 metros de mata podada de cada lado do leito da estrada.

O projeto havia nascido uma semana depois de uma visita rotineira efetuada pelo presidente Emílio Garrastazu Médici ao Ceará. A seca e a fome causaram-lhe uma forte impressão: “Vi os sertões áridos, as plantações perdidas, os lugares mortos. Vi o pó, o calor, a inclemência dos homens e do tempo, a desolação”, disse em um discurso na cidade de Recife, em junho de 1970. “Vi toda essa miséria com meus próprios olhos. Nunca, nada, em toda a minha vida, me comoveu tanto.”

Era necessária uma solução urgente para aliviar o sofrimento que as periódicas secas continuavam provocando e que ameaçavam a estabilidade política. Propôs um plano, o PIN (Plano de Integração Nacional), para oferecer “uma terra sem homens a homens sem terra”. A rápida construção de uma estrada transamazônica, um enorme trecho de 5 mil quilômetros que atravessaria o coração da selva, parecia ser a resposta adequada ao problema de instalar 1

milhão de famílias na Amazônia. Imediatamente após a visita, instou o ministro dos Transportes a construir o primeiro trecho da Transamazônica seguindo um eixo leste-oeste, enquanto se decidia a expropriação de 10 quilômetros de selva de ambos os lados. Seus detratores questionavam a utilidade de ligar a miséria seca do Nordeste à miséria úmida da Amazônia, e vaticinaram um fracasso. Duas semanas depois da visita de Médici, começaram os trabalhos. Não houve tempo de avaliar o problema das chuvas, que, por transformar terras desmatadas em lodaçais impraticáveis, seria um verdadeiro pesadelo para engenheiros, técnicos e operários. A isso se somaria a paulatina descoberta de que o terreno não era plano, como se pensava. A "planície" amazônica é, na realidade, uma região ondulada, com serras e montanhas, o que dificultou e encareceu enormemente os trabalhos. A terra também não era fértil, e, vinte anos depois do início da "Conquista da Amazônia", muitos brasileiros continuam se perguntando como o governo pôde embarcar em tamanha aventura sem ter feito os mais elementares estudos preliminares.

Um fato que ninguém havia previsto acabaria sendo o fator essencial do caos e das convulsões sociais e ambientais que acompanhariam essa última tentativa de conquistar a selva. As estradas que pretendiam quadriculá-la eram concebidas para cruzar imensos espaços vazios, mas, na verdade, a selva não estava vazia. Havia gente lá: seringueiros, ribeirinhos, coletores de frutas, índios, caboclos. Gente que vivia na floresta – e da floresta – e que, portanto, cuidava dela. Povos inteiros formados por várias comunidades indígenas que havia milhares de anos habitavam a mata viram-se, da noite para o dia, obrigados a ir embora. Em suas terras espoliadas eram criadas agrovilas (cidades agrícolas) promovidas por empresas agropecuárias subvencionadas pelo governo, e nelas se estabeleciam colonos ávidos de novas terras, mas desconhecedores das características do clima e do solo amazônico. Sem apoio técnico nem financeiro, sem formação prévia, sem assistência de nenhum tipo, eram perfeitos candidatos ao fracasso.

Mais além das obras da estrada, em plena selva, encontrava-se a "frente de atração", como se denominava a frente de contato criada para apoiar as equipes de topografia que precediam as escavadeiras. Ali ocorrera o último ataque dos índios, e foi lá que Possuelo, Pernambuco e o resto da equipe chegaram para se instalar. Era um acampamento provisório feito de barracas de lona e uma ou outra estrutura de madeira no meio da densa floresta. Entre as diversas comunidades com que a frente de atração havia topado, dois grupos de índios araras haviam mostrado formidável resistência à ocupação do branco. O traçado

da estrada havia dividido seu território ao meio, separando a tribo em dois grupos, um ao norte e outro ao sul. “Atacavam para se defender, porque seu território estava sendo violado. Esses índios precisavam de tranquilidade, e a única maneira de dá-la a eles era protegendo-os”, explicaria Possuelo. “Era preciso tirar de seu território ocupantes ilegais e demarcar a terra indígena. Tive a sorte de o comandante militar do quartel que abrigava o 51º Batalhão de Infantaria naquela época ser meu amigo, e ele pôs dois homens à minha disposição. Eu, com minha equipe e aqueles dois soldados, me propus a limpar o território de invasores. Mas, antes de proteger os índios, tínhamos que proteger a nós mesmos da eventualidade de um ataque.”

Possuelo e sua equipe construíram, em vez do acampamento, uma estrutura sólida capaz de resistir a um ataque. Pernambuco cortou a madeira necessária, e junto com índios e sertanistas, levantaram os muros e colocaram o teto de uralita. Possuelo insistiu em limpar uma área de 50 metros ao redor da casa, para que ninguém pudesse se aproximar sem ser visto. Também instalou postes com luzes alimentadas por um pequeno gerador. Era um sistema de emergência que, em caso de ataque, iluminaria o terreno desmatado e deixaria o posto às escuras. O que haviam construído era, na realidade, um forte. A uns 100 metros, no limite da selva, fizeram o tapiri, uma choupana de folhas de palma onde penduraram presentes para atrair os araras. Facões, facas e quinquilharias resplandeciam ao sol e tilintavam com o vento. Eram o convite ao mundo dos brancos. Dois milhões de anos separavam esses objetos inanimados das sombras tocaiadas na mata.

Saindo do forte, que ficava na periferia, Possuelo e seus soldados penetravam na selva para localizar os colonos, em sua maioria pobres camponeses do Nordeste. Explicavam a eles que estavam em terra protegida, que pertencia aos índios e a ninguém mais. Que precisavam ir embora. Uns obedeciam de imediato; outros resistiam. Muitos iam embora e reapareciam depois de algum tempo. Possuelo tornava a expulsá-los.

No forte sempre ficava alguém de sentinela, tanto durante o dia quanto à noite. Os caiapós, ao descobrir pegadas em volta do tapiri, confirmaram a presença dos araras. Mas não viram ninguém correndo na mata. Os araras ficavam escondidos, rodeando-os, invisíveis. Como precisavam penetrar frequentemente na selva, a tensão dos ocupantes do forte foi aumentando. Todos sabiam que, de uma hora para outra, podia ocorrer um ataque.

**** *Lonomia achelous*. Em 1989, bioquímicos norte-americanos de Nova York, pesquisando novas drogas para lutar contra as doenças do coração, começaram a estudar a lonomia, por seu poder vasodilatador. (N. A.)

***** Segundo Boelitz VidaI, professora de antropologia na Universidade de São Paulo, mais de 10 milhões de índios povoavam o Brasil no início do século XVI. Cinco séculos depois, os sobreviventes não chegam a 240 mil, metade deles na Amazônia. (N. A.)

****** O Parque do Xingu foi criado em 1952, mas seu território legal foi aprovado pelo Congresso em 1961. (N. A.)

13

O galpão com os presentes servia como termômetro das relações entre os ocupantes do forte e os índios não contatados. Quando era sistematicamente saqueado, a mensagem era clara: a presença dos sertanistas era indesejável. Quando o visitavam, mas deixavam-no intacto, significava receio sem hostilidade. Quando os presentes eram substituídos por outros deixados pelos índios, o contato estava praticamente garantido.

Durante os primeiros quatro meses não faltou nenhum objeto no tapiri. Mas os araras também não acrescentaram presente algum. Foi um período de observação e expectativa. A vida no posto era de uma calma tensa. Graças aos caiapós e a seu conhecimento detalhado da floresta, Pernambuco aprendia o que deveria ter sabido antes de se perder na selva. Familiarizou-se com o nome das árvores e dos animais, grandes e pequenos, e até dos enxames de insetos. Além da horta do acampamento, onde cultivavam bananas, ervilha, mandioca e amendoim, ele aprendeu a plantar coisas indígenas, como o urucum, o caju, o pequi e a cana-do-rio. Ficava fascinado de ver os índios juntando plumas e penas, selecionadas pela forma e pela cor, para fazer cocares flexíveis como as asas de um pássaro. Mas a recordação daquela época que ficaria gravada em sua memória com mais força seria a da solidariedade, a espontânea e mansa alegria com que tratavam uns aos outros, apesar – ou talvez por causa – do medo, do isolamento e da angústia de saber que havia índios observando-os nas profundezas da mata. Se um caiapó caçasse um pássaro pequeno, dividia-o com o resto do grupo, mesmo que a porção que coubesse a cada pessoa fosse mínima. Dividir era tão importante quanto aplacar a fome ou saciar a sede. Era uma virtude dos índios que nunca haviam conhecido as misérias de uma sociedade hierarquizada.

Pernambuco não via relação entre os índios que estavam dentro do forte e os que estavam na selva. Gostava dos caiapós porque eram dóceis e podiam se comunicar. Mas, para ele, os araras eram piores que os animais da floresta, porque nem sequer eram comestíveis. Não entendia por que tanta atenção para com aqueles selvagens. “Um bom corretivo, isso é o que eles precisam”, pensava cada vez que Possuelo o mandava ao galpão colocar mais presentes.

QUATRO MESES DEPOIS DE CONCLUIR o forte, umas escavadeiras invadiram a área circundante e chegaram a apenas 2 quilômetros do posto. Tratores Caterpillar

derrubaram árvores e tudo o que os impedia de pegar a madeira. Possuelo estava indignado. Foi falar com os trabalhadores e disse claramente onde ficavam os limites que não deviam ultrapassar. “Mas eles devem ter notado que eu não tinha reforço algum, e não me levaram a sério.” Uma semana depois, os temores de Possuelo se confirmaram: os índios haviam ficado nervosos. Enquanto ele e sua equipe jantavam uns restos de porco-do-mato, ouviram vozes do lado de fora. Não tiveram tempo de reagir, e uma chuva de flechas se abateu sobre o forte, ferindo três homens. Um deles foi atingido na boca, outro no braço e no flanco, e um terceiro, um caiapó, no ombro. Pernambuco saiu ileso.

Tal como estava previsto, as luzes da esplanada em volta do forte se acenderam e as do posto se apagaram, o que assustou os atacantes, que deviam ter se julgado vítimas de uma bruxaria. Os araras estavam acostumados a ver as pessoas fugirem apavoradas pela selva, abandonando tudo, enquanto eles destruíam e saqueavam o acampamento. Mas, dessa vez, a espantosa novidade os deixou desconcertados, e foram eles que fugiram, deixando cair os arcos e flechas. A mensagem que Possuelo quisera transmitir era clara: podem atacar; nós não vamos sair daqui.

Ao tentar deter o trabalho das escavadeiras, Possuelo encontrou alguns colonos que o desafiaram abertamente: “Disseram que o Incra (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) os havia mandado, que as máquinas escavadeiras pertenciam àquele organismo estatal e que não iriam embora”.

Então, ele decidiu ir a Brasília falar com o presidente da Funai, que, por sua vez, estava cada vez mais incomodado e impaciente. A foto de um sertanista ferido, caminhando como se nada fosse rumo ao hospital de Altamira com uma flecha atravessada no braço e outra cravada no flanco, acompanhado por Possuelo e os demais integrantes da frente, havia saído na primeira página de todos os jornais do Brasil. O que a Funai estava fazendo para resolver o problema?, perguntava a imprensa.

Proteger os índios com um organismo oficial como a Funai não era tarefa simples. Seu presidente estava submetido às pressões de latifundiários, garimpeiros, empresas de colonização e de exploração de madeira que usurpavam cada vez mais território indígena. Possuelo, que vivia in loco a mesma encruzilhada que seu presidente na capital, estava pedindo apoio para declarar guerra ao Incra. “Dois organismos do mesmo Estado lutando entre si”, diria mais tarde. “Que loucura!” Eram as duas faces de uma mesma moeda, o

símbolo das contradições do desenvolvimento brasileiro. No meio, jogava-se com a sorte dos índios: – Um arara não consegue entender por que alguém abre uma vala na selva e como aquilo não é mais seu – disse Possuelo ao presidente, ao se referir às escavadeiras do Incra. – É impossível que aceitem. – Possuelo estava disposto a se demitir caso não obtivesse o respaldo incondicional de seu superior. Pouco tempo antes, um colega seu, um dos mais respeitados sertanistas da Funai, chamado Antônio Contrim, farto de ver as tribos recém-contatadas sofrendo todo tipo de doenças, havia declarado, ao apresentar sua demissão: "Estou cansado de ser coveiro. Não é minha intenção ajudar grupos poderosos a se tornar cada vez mais ricos às expensas do extermínio de sociedades primitivas". O presidente não queria outro escândalo. Prometeu a Possuelo consultar o poderoso Conselho de Segurança Nacional, órgão integrado por militares detentores do poder, para retirar da companhia Cotrijuí a autorização de colonizar uma área de 400 mil hectares. Isso permitiria delimitar uma área de uns 250 mil hectares para transformá-los em reserva para os araras.

"Os oficiais brasileiros ainda não haviam perdido a tradição humanista do marechal Rondon", contaria Possuelo. O Conselho de Segurança Nacional autorizou a Funai a cortar drasticamente os 400 mil hectares do projeto Cotrijuí para reservar uma área para os araras. "Embora pareça estranho", diria Possuelo, "durante o tempo do regime militar não me faltou apoio do exército. Só depois, quando os ministros militares deixaram de estar à altura das instituições que representavam." Gerações inteiras de militares brasileiros haviam sido influenciadas pela filosofia do marechal Rondon, que, na segunda metade do século XIX, havia passado 25 anos de sua vida traçando mapas de 50 mil quilômetros quadrados de território desconhecido. Contrariamente à mentalidade da época, não considerava os povos indígenas que contatava nem selvagens nem bárbaros, mas simplesmente seres em um estágio diferente de desenvolvimento. Foi tornando público seu afeto por eles e pressionou o governo a criar um organismo dedicado a lhes proporcionar as condições necessárias para a sobrevivência: o SPI (Serviço de Proteção aos Índios), precursor da Funai, fundado em 1910. Seu lema era uma frase do marechal referindo-se aos índios: "Morrer se preciso. Matar, nunca".*******

A amizade pessoal de Possuelo com o comandante do quartel de infantaria da região foi também peça-chave para ganhar a batalha contra o Incra. Assim que voltou à "frente de atração", o sertanista isolou a área que demarcaria para impedir a entrada de novos colonos. Ao mesmo tempo, redobrou os esforços

para expulsar os já instalados. “Na primeira vez, não me davam ouvidos. Na segunda, também não. Na terceira, eu expulsava a família, confiscava suas motosserras, incendiava seus barracões e ameaçava prendê-los se voltassem. Era um trabalho ingrato e desagradável, mas eu não tinha opção.”

O Incra reagiu denunciando Possuelo à justiça. “Como se eu fosse um homem com força, com poder! Eu fazia meu trabalho, nada mais”, defendia-se Possuelo. Enquanto isso, a companhia Cotrijuí, tentando recuperar a concessão arrebatada, chegou a dizer que não havia nenhum índio no território, que Possuelo os havia levado de outras áreas, que os araras eram uma invenção dele. Nem as calúnias nem a denúncia, que acabou se perdendo nos meandros do sistema judicial, inquietavam Possuelo. Mas as cada vez mais frequentes ameaças que ele e sua equipe recebiam, sim. Estavam interferindo no processo de ocupação daquelas terras, e muitos não os queriam ali, como também não queriam os índios. Várias vezes, foi interceptado nas ruas de Altamira, aonde ia escoltado por Pernambuco. Em menos de um ano, os papéis haviam mudado. Agora era o sobrevivente da selva quem escoltava seu protetor. “Que importa um bando de selvagens se há hordas de miseráveis camponeses que não têm onde viver?”, perguntavam a ele. Pernambuco estava secretamente de acordo com aquele argumento; mas a lealdade era um valor muito acima das ideias, e, se fosse o caso, estava disposto a arriscar a vida para defender seu acompanhante.

Possuelo não respondia. Seu trabalho era proteger os índios, e fazia isso com toda a força de sua convicção. “Como explicar que os selvagens eram aqueles enxames de ‘civilizados’ que destruíam árvores centenárias, milhões de animais e de plantas desconhecidas com uma determinação e uma sanha que beiravam a inconsciência?”, diria anos depois ante a evidência do fracasso da Transamazônica e de seu plano de colonização. Entre mensagens de intimidação e ameaças diretas dos colonos de fazê-lo “desaparecer” na selva, entre o assédio dos araras e as denúncias do Incra, Possuelo vivia em um delicado equilíbrio suscetível de se romper a cada momento. Conquistar a confiança dessas sombras que se moviam na selva era de crucial importância para impedir que as tensões fizessem explodir a bomba-relógio que a Transamazônica havia ativado. Só assim conseguiria sair vitorioso daquela situação que ameaçava destruí-lo como mais uma das árvores da selva.

O GALPÃO HAVIA SIDO TOTALMENTE saqueado durante o ataque, mas Possuelo não modificou em absoluto sua linha de conduta. Colocou mais presentes e multiplicou o número de galpões. Tanto ele quanto Pernambuco sempre

recordariam o medo de construí-los sabendo que atrás de qualquer moita podia haver araras esperando um descuido para matá-los. Depois do ataque, o ambiente no forte havia ficado mais tenso. Os sertanistas multiplicavam as precauções; não se aproximavam da janela nem saíam à noite com lanternas. Três caiapós haviam decidido voltar a sua aldeia no Xingu.

Os que ficaram se tornaram mais nervosos e irritadiços. Os dias eram intermináveis. Trabalhar na horta implicava risco de morte. Pernambuco temia o momento de sair para fazer suas necessidades. “Morrer com uma flechada enquanto mijava, depois de tudo que eu havia passado, me parecia indigno”, recordaria mais tarde. Na realidade, a vida no acampamento era um reflexo do ambiente na selva circundante. Quando os araras estavam nervosos, rondavam constantemente o forte, transmitindo sua inquietude aos que estavam dentro dele. Quando não apareciam durante semanas, a atmosfera se descontraía, mas então era Possuelo quem ficava nervoso porque não entendia essa súbita falta de curiosidade. As coisas melhoraram a partir do momento em que Possuelo obteve a proibição oficial de entrar na área que havia demarcado. Foi a confirmação de sua vitória contra o Incra, cujos planos de estabelecer novos núcleos de colonização viram-se definitivamente impedidos. Os araras começaram a perceber que, desde a chegada de Possuelo, nenhum branco se arriscava mais a penetrar em suas terras, e muito menos a se instalar ali. A expulsão dos colonos começava a dar frutos. Os araras começaram a pegar presentes do tapiri. Mas ainda não se deixavam ver.

Os dias foram se transformando em semanas, as semanas em meses, até que, um dia, os araras, depois de pegar os facões, deixaram no lugar tartarugas, penas de ave e carne salgada de veado. Era um sinal inequívoco de que começava uma relação de confiança. Possuelo estava exultante. O intercâmbio prosseguiu por várias semanas, para alegria dos caiapós, que se deleitavam com as tartarugas assadas e se enfeitavam com penachos que se abriam e fechavam como a cauda de uma ave, presente daqueles índios desconhecidos.

“Depois, tornaram-se exigentes”, recordaria Possuelo. “Um dia, encontrei no chão ao lado do tapiri uma casca de castanha-do-pará vazia com uma espécie de cabo feito com um pedaço de cipó. Como sabia que os índios tinham costume de simbolizar ou de representar os objetos que desejavam adquirir, entendi a mensagem: eles queriam panelas.” Coube a Pernambuco pendurar esses novos presentes que os índios conheciam porque tinham anos de pilhagem em granjas e assentamentos de colonos.

*

Dez meses depois do ataque, durante uma tarde sem brisa na qual o zumbido de milhões de insetos parecia mais forte que de costume, apareceu um arara no limite da clareira onde ficava o tapiri. Estava completamente nu, à exceção de um cordãozinho em volta da cintura no qual amarrava o prepúcio. Encantado com o brilho dos objetos, aproximou-se de um dos galpões. Tocou um espelhinho. Os raios de luz se refletiram em seu rosto. Metade do seu rosto estava pintado de preto, e ele usava um cocar de penas azuis e vermelhas em volta da testa. Olhou para os membros de sua tribo escondidos na mata e depois dirigiu o olhar para os demais objetos, como se durante esse curto instante estivesse preso entre dois mundos. Pegou o espelho. O reflexo das imagens o fascinou. Era um túnel para o futuro. A seguir, viu seu próprio rosto. Inicialmente parecia incrédulo, mas depois esboçou um sorriso de entendimento. Chamou os outros. Apareceram mais cinco, de idades diferentes, todos homens.

Possuelo saiu do forte acompanhado por dois caiapós. Os demais sertanistas e Pernambuco o seguiam a uma distância razoável. Todos tinham algum presente nas mãos, que estendiam para que os índios não tivessem dúvidas quanto a suas intenções. Avançavam muito lentamente, de músculos tensos. Os índios os observavam. Os brancos, depois de alguns metros, pararam: “Houve um intervalo, um momento de intensa expectativa, uma emoção delicada e difícil de definir para quem acabava de passar um ano inteiro tentando domesticar umas sombras que nem sempre eram inofensivas”, diria Possuelo sobre aquele momento. Os índios fizeram sinais com os braços, convidando-os a se aproximar: “Guardaram a iniciativa até o final desse último ato”. De repente, um índio de uns 8 anos saiu do grupo e se aproximou deles. Não parecia inquieto em absoluto. Os mais velhos o haviam enviado para sondar o ambiente. Possuelo o pegou no colo, e a primeira reação da criança foi passar a mão em sua barba, feliz ao descobrir que havia homens com cabelo no rosto. “Estávamos muito contentes. Demos mais presentes a ele, e depois ele voltou com os mais velhos. Todos eram homens, não havia mulheres. Jogaram as armas e se aproximaram de nós. Nós também abandonamos as armas.” “Bem-vindo ao mundo dos brancos”, Possuelo gostaria de ter dito àquele que usava o cocar de penas de tucano. Mas o diálogo era impossível. Embora os araras reconhecessem nos caiapós traços raciais similares, não puderam se comunicar. Seus idiomas não tinham nem palavras parecidas. Limitaram-se a trocar mais presentes.

No fim daquele primeiro contato, Possuelo tinha sentimentos contraditórios.

Por um lado, estava orgulhoso de tê-lo conseguido, depois de anos de infrutíferas tentativas por parte de colegas seus. Aquilo justificava todos os esforços anteriores de esvaziar a área e obter o apoio das autoridades. Por outro lado, sabia das terríveis consequências que os araras teriam que suportar a curto e médio prazo. Nunca havia percebido isso com tanta clareza como quando ofereceu sua lanterna ao cacique, que ficou fascinado com aquele objeto mágico capaz de iluminar a escuridão da noite. Possuelo sabia que, ao aceitar esse presente, aquele índio começava a fazer parte do mundo dos brancos. A partir desse momento, precisaria de pilhas para a lanterna, depois seriam cartuchos para a espingarda. Precisaria de dinheiro. E então, esse índio livre e combativo iniciaria sua rápida descida às margens da sociedade. Isso provocava em Possuelo um agudo mal-estar. Consolava-se pensando que o que fazia era um mal menor. Tentar protegê-los era melhor que deixá-los atacar colonos e equipes de trabalhadores da estrada sempre dispostos a se vingar. No fundo, estava impedindo o pior: a caça ao índio, uma prática ininterrupta na Amazônia desde os tempos da Conquista. Restava o mais difícil: amortizar o choque da confrontação brutal com o universo dos brancos. Na realidade, seu trabalho estava só começando.

*

Com a consolidação, o contato se complicava. Possuelo conhecia bem o problema porque sempre fora assim com as tribos recém-contatadas. A partir do momento em que travavam relações amistosas com os brancos, toda a agressividade anterior e a desconfiança se transformavam em fascinação pelo mundo dos novos amigos. Os índios queriam ver tudo, experimentar tudo, tocar tudo, ficar com tudo o que lhes agradava. Era preciso saciar sua curiosidade, saber negar-lhes objetos que cobiçavam, explicar-lhes coisas inexplicáveis.

O que mais desejavam era conhecer a “aldeia” dos brancos, algo muito justo e normal, visto que tudo o que se falava no acampamento tinha como referência Altamira. Possuelo queria esperar algum tempo antes de levá-los à cidade. Pediu-lhes paciência. Queria evitar o que havia acontecido com os suruís cintas-largas. Lá, os índios costumavam ir em grupo até a estrada, onde paravam caminhões para pedir carona até a cidade – totalmente nus –, o que causava uma imensa confusão. A espera e a paciência eram conceitos totalmente estranhos para os índios, e um deles se aventurou a percorrer andando os mais de 20 quilômetros que separavam o posto da cidade de Altamira. Um caiapó percebeu e avisou Possuelo a tempo de pegar seu Land Rover e ir buscar o índio. Outra

vez foi Pernambuco quem correu para avisar o sertanista que um grupo de araras se dirigia à estrada. Dessa vez foram os dois, mas os índios se negaram a entrar no carro. “Não iam atirar flechas em nós porque éramos amigos”, diria Possuelo. “Então, jogaram pedras.” Para que não se repetisse a mesma coisa que acontecera com os suruís, Possuelo decidiu levá-los de maneira organizada. Limparam, desinfetaram e prepararam seis cômodos grandes nos escritórios da Funai de Altamira para acolhê-los. Abasteceram-nos de comida e depois levantaram muros em volta do edifício.

“Foi um acontecimento extraordinário”, recorda um habitante de Altamira acerca do dia em que chegaram uns trinta índios em caminhonetes. “A reação da população beirava a histeria coletiva. Todo o mundo queria ver os araras, o terror da Transamazônica.” Tanta gente os cercou que os índios mal puderam ver a cidade. Possuelo os manteve no quartel-general da Funai, mas as pessoas subiam pelos muros para vê-los de perto. Pernambuco temeu que acontecesse uma desgraça, mas não houve nada. Ao contrário; as pessoas não mostravam nenhuma agressividade. Só uma ávida e insaciável curiosidade. Um homem idoso, antigo colono que havia sido vítima de um ataque dos araras, aproximou-se deles. Possuelo conhecia sua história e temeu o pior. Mas, para sua surpresa, o homem abraçou um dos índios: “Vocês mataram meu filho, mas eu não guardo rancor”, disse, enquanto o arara o olhava desconcertado. Houve gente que jogou notas de mil cruzeiros por cima do muro. Os araras não sabiam o que era; faziam uma bola e a jogavam de volta, como uma brincadeira daqueles seres tão estranhos. A imensa curiosidade dos índios foi ultrapassada pela ainda mais intensa curiosidade dos colonos de Altamira. Era tal o delírio que Possuelo teve que chamar um destacamento do Exército para controlar a situação. Assim, puderam ficar dois dias e duas noites em Altamira. O desastre tardaria alguns dias a acontecer.

Alguns araras, ao voltar da cidade, permaneceram no forte em vez de voltar a suas aldeias. Depois de pouco tempo, começaram a tossir. Estavam com gripe. O pessoal do posto administrou-lhes os medicamentos necessários. Possuelo não estava muito preocupado com eles. Mas, e os outros, os que haviam voltado para suas aldeias? Deviam estar contagiados, com toda a certeza, e corriam risco de vida, porque em índios recém-contatados a gripe se transforma em pneumonia. Possuelo rapidamente formou uma equipe e saíram em sua busca. Tinha pessoal da área da saúde e medicamentos suficientes. Pernambuco juntou-se à missão de salvamento. Depois de dois dias de caminhada, encontraram as primeiras

famílias, todas doentes: crianças prostradas, homens e mulheres fungando com olhares vazios. Penetraram ainda mais na selva para reagrupar os outros doentes e ministrar-lhes tratamento. Quando os contabilizaram, faltavam onze índios. Possuelo mandou três equipes em direções diferentes para encontrá-los. Também chamou um helicóptero, mas em uma selva tão densa teria sido necessário um milagre para localizá-los. Mandou até chamar uma equipe de cineastas do Museu do Índio do Rio de Janeiro para filmar as clínicas improvisadas na selva.

Pernambuco passou uma mensagem por rádio. A equipe da qual fazia parte havia encontrado uma sepultura recente. Bem-feita, com uma casinha em cima, o corpo amarrado com paus e sem enterrar, como é a tradição. Possuelo foi se juntar a eles, e depois de outro dia de caminhada, encontraram um corpo próximo a uma sepultura inacabada. Possuelo deduziu que os índios deviam estar com a saúde pior, porque não tinham forças para sepultar os mortos. Um pouco mais longe, fizeram outra descoberta macabra: uma menina ainda viva agarrada ao cadáver da mãe, que começava a apodrecer. Uma imagem que Possuelo nunca esqueceria e que ficaria registrada no filme dos cineastas do Rio. Pernambuco também não foi insensível a isso. A vulnerabilidade dos índios o comovia e lhe provocava compaixão. Já não eram sombras hostis como antes do contato, e sim seres humanos, um pouco infantis, segundo ele, mas afetuosos.

No fim, dos onze araras perdidos na selva, sete haviam morrido. Encontraram os quatro sobreviventes um dia depois. Estavam em péssimo estado. Abriram uma clareira na selva para que o helicóptero pudesse aterrissar e levá-los. Salvaram-se os quatro.

“Aquilo talvez tenha sido o resultado da visita a Altamira, ou simplesmente o resultado de eu ter abraçado essa criança arara quando estabelecemos o contato. O abraço da morte. Todos nós somos verdadeiros poços de bactérias e vírus”, comentaria Possuelo. “E o índio não está imunizado. Não existe comunidade indígena que não tenha tido problemas de saúde. Com os cararaôs ocorreu algo pior. Cento e sessenta morreram por conta de um surto de sarampo, duas semanas depois do contato. A diferença está em ter remédios à mão ou não ter. O índio não morre por causa de uma gripe, morre por falta de tratamento. Morre porque, ao adoecer, não pode mais entrar na selva em busca de alimentos, e ninguém vai levá-los para eles. Morre porque não volta para pedir socorro; porque os que ficam não dizem que os outros estão mal. É assim. Além disso, mesmo que quisessem se expressar, existe a barreira do idioma.”

POSSUELO SE MANTEVE À FRENTE do posto até conseguir fazer dele um ponto de transição, um filtro entre as duas comunidades, um local de encontro. Mas essa experiência só reforçou sua opinião de que os contatos são sempre prejudiciais para os índios e necessários exclusivamente em caso de força maior. “Para eles, melhor seria que não existíssemos. Mas estamos ali. Somos 140 milhões de brasileiros querendo cada vez mais terra, ocupando cada vez mais espaço. E o que oferecemos a eles? Respeitamos suas terras? Damos assistência, saúde? A educação especial que merecem? Não, não lhes damos nada disso. Basta ver o que ocorre com os índios contatados para entender a relação de dependência que nós impomos a eles. ‘Se vocês quisessem, poderiam ter nos esmagado como formigas’, disse um chefe indígena muitos anos depois de ter sido contatado, depois de sua tribo passar pelo estado de desintegração quase total e se recuperar. Há uma profunda perplexidade contida nessa confissão de impotência.”

Para passar do Neolítico à era espacial, o homem moderno precisou de 7 mil anos. Os índios araras deram o salto em menos de um ano.

“Tempo. Eles precisam de tempo”, repetia Possuelo. “Tempo para integrar-se sem traumas.”

Em seu esforço de localizar comunidades de índios isolados, Possuelo encontrou, um dia, no Estado de Minas Gerais, um índio de idade avançada que vivia sozinho. Era o último sobrevivente de sua tribo. Não podia falar com ninguém; sua comunidade havia desaparecido completamente. Era o depositário de uma forma de vida extinta. Aquele ancião era, em si mesmo, uma tribo inteira. Quando morreu, levou para o túmulo os segredos e os conhecimentos de uma cultura – a sua – que havia precisado de milhões de anos para evoluir e se adaptar ao meio em que vivia. Do seu jeito, Sydney Possuelo, protegendo grupos de 10, 30, 400 ou 5 mil pessoas, defendia uma grande diversidade de formas de vida, diferenças genéticas, um imenso depósito de conhecimentos que nunca, desde as últimas glaciações, se vira tão ameaçado como nas três últimas décadas da história humana. A novidade desse século XX consistia em que o perigo não tinha origem em causas naturais – meteoritos, geleiras, deslizamentos de terras –, e sim no próprio desenvolvimento da espécie humana.

******* O trabalho de Rondon não só alcançou fama no Brasil como também no exterior. Em 1956, o território de Guaporé foi rebatizado Rondônia em sua homenagem. (N. A.)

14

Por toda a Amazônia brasileira multiplicavam-se os dramas das comunidades indígenas. Os índios paracanãs perderam 45 por cento de sua população durante a construção da Transamazônica. No total, 96 tribos seriam afetadas pelas estradas construídas sob o Plano de Integração Nacional. Os nhambiquaras, tão admirados pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, passaram de 20 mil em meados do século a 650 um ano depois da construção da BR-364. Em território ianomâmi, os primeiros encontros com as equipes de construção das estradas reduziram a população das aldeias contatadas em 25 por cento. E isso era só o começo. O desmatamento maciço ocorreria nas duas décadas seguintes, quando milhões de animais seriam obrigados a fugir diante do avanço de lenhadores e garimpeiros, quando bosques milenares seriam substituídos por fazendas e ranchos de duvidosa rentabilidade.

Sydney Possuelo prosseguiu em seus esforços de proteger os araras. Penetrou ainda mais na selva para localizar outras comunidades isoladas. Havia criado um posto no rio Iriri e mais um em outro sítio. O raio de ação do seu trabalho abarcava uma área do tamanho de metade de Portugal. Possuelo ofereceu a Pernambuco a possibilidade de continuar fazendo parte de sua equipe, mas ele a rejeitou. A denúncia do trabalho escravo na Fazenda Junqueira feita pelos missionários de Altamira não encontrou eco algum nos meios de comunicação do Sul ou do estrangeiro. Apenas duas linhas foram publicadas no jornal O Liberal, de Belém, referentes a sua fuga e à situação na fazenda. Por pressão dos padres, a polícia desmantelou o acampamento e encerrou o caso. Junqueira era apenas um intermediário que usava os nomes dos donos da fazenda (os deputados federais) para obter a mão de obra necessária. Dessa maneira, os legítimos proprietários se livravam de qualquer responsabilidade legal, que recaía na empresa intermediária, a qual desaparecia tão rapidamente quanto havia sido criada. Pelo fato de a ação judicial não prosperar e de seu nome não ter sido revelado, Pernambuco perdeu o medo das represálias.

Além do mais, estava cansado da selva. Desde que saíra do Nordeste, não houve dia em que Pernambuco não se vira cercado pela densa floresta equatorial. Sentia saudade da sua cidade, dos irmãos e da mãe, do ar seco e empoeirado do sertão. O pessoal de primeira linha chamava esse sentimento indefinido de

melancolia e solidão, que afetava por igual homens e mulheres: a “altamirite”. Até os prazeres mais corriqueiros da vida perdiam a graça: a carne tinha gosto de peixe, o arroz, de batata, e o café, de água. A razão apontada pelos médicos era que havia uma média de 276,4 homens por mulher disponível, um número que logo mudaria com a chegada à cidade de centenas de “mulheres da vida”, que transformariam o lugar em um dos maiores bordéis da Amazônia.

Pernambuco precisava mergulhar no universo familiar das cidades e aldeias. Não queria passar mais tempo vivendo na tensão constante de uma “frente de contato”, afastado do mundo. Também não queria voltar para o Nordeste de mãos vazias. Indo com mais frequência à cidade de Altamira, Pernambuco havia se contagiado com o ambiente de euforia otimista que reinava em toda a frente de colonização da Amazônia e que era alimentado pelos meios de comunicação e pelas autoridades encarregadas da ocupação da selva. Pouco a pouco, insidiosamente, um poderoso sonho havia se apropriado de sua vontade: o desejo de conquistar uma parcela própria dessa selva cheia de riquezas, de lavrar um futuro e, por que não, fazer fortuna – como tantos outros, segundo a propaganda oficial –, buscando sua oportunidade entre os tesouros escondidos da Amazônia. Então, quando tivesse reunido dinheiro suficiente, voltaria a Caruaru ao volante de seu próprio automóvel, construiria uma mansão e viveria como um rei, cercado pelo respeito e o afeto dos seus. Naqueles tempos em que o Estado fornecia os meios necessários para domesticar o inferno verde, todos os sonhos eram possíveis. Além disso, Pernambuco tinha sede de aventura; aquilo não se apagava com o tempo. Ao contrário, o apelo do desconhecido ficava ainda mais atraente depois de se recuperar as forças para responder a ele.

A POPULAÇÃO DE ALTAMIRA – uma cidade calma e sonolenta às margens do Xingu, cujo único motivo de orgulho eram seus 182 quilômetros quadrados de município (o que constituía um recorde mundial) – havia aumentado em dois anos de 5 mil para 20 mil pessoas. Como quase todas as cidades amazônicas, havia nascido com a febre da borracha. Em 1929, por conta da queda dos preços, passou sem transição do esplendor à miséria. Os habitantes mais velhos ainda lembravam que “os homens não ganhavam nem para comprar pólvora. Caçávamos com arcos e flechas ou matando animais a paulada. Éramos como índios”. Depois veio a época da Batalha da Borracha, e Altamira viveu um breve período de ressurreição. Terminada a guerra, a população se dedicou à colheita da castanha-do-pará e à caça de felinos, uma indústria pujante. A cidade chegou a exportar 30 mil peles ao ano, mas, para efeitos oficiais, não passavam de

2.500. No final dos anos 1960, Altamira contava com quatro automóveis, uma barbearia, um cinema (dos missionários), três escolas e duas pensões. Foi quando o governo proibiu a caça de animais selvagens. Altamira se preparou para entrar de novo na letargia. Mas acordou assustada com a Transamazônica. Em 1969, sobreveio de novo a loucura, pior que durante a guerra. Pessoas de todos os lugares chegavam como formigas. O aeroporto, vestígio da presença norte-americana durante a guerra, duplicou de tamanho. Aviões de todo tipo descarregavam homens e material, em particular umas máquinas de barulho ensurdecedor que derrubavam árvores como se fossem palitos de fósforo. O custo de vida subiu na mesma medida em que aumentavam a população e o número de estabelecimentos comerciais. Onde havia uma farmácia, quinze meses depois havia seis. Doze barbearias. Quinhentos automóveis. Quarenta pensões, sem contar os bordéis. E uma discoteca banhada de luz negra, chamada Aquarium, que reunia a nata dos jagunços, comerciantes e funcionários do Incra e da Funai. As previsões davam a Altamira, “berço do novo Brasil”, o privilégio de ser a cidade de mais rápido crescimento de todo o país durante os anos vindouros.

Mas a notoriedade de Altamira provinha principalmente do clima de Velho Oeste que reinava em suas ruas enlameadas. Os conflitos de terra entre colonos e caboclos, entre índios e camponeses, entre grandes latifundiários e posseiros que se instalavam desordenadamente em terras de duvidosa propriedade legal haviam atraído uma multidão de forasteiros dispostos a apertar o gatilho para ganhar alguns cruzeiros ou um pedaço de terra. O sangue corria quase tanto quanto a cerveja ou a cachaça. Maria Helena Lima, juíza da comarca, em 1970 teve que assumir as funções de xerife para pacificar a cidade. Um dos seus primeiros éditos dizia: “Quem atirar no perímetro urbano terá confiscada sua arma e será detido por 24 horas, sem mais tramitação”. A norma foi eficaz para os tiroteios no centro, mas não nos arredores. Não era raro encontrar corpos crivados de balas no acostamento da Transamazônica ou em suas estradas anexas. Os ataúdes eram feitos com madeiras nobres da Amazônia. Uns eram colocados em fila nas calçadas e resplandeciam ao sol; outros se amontoavam dentro das numerosas funerárias. Havia de todas as cores e tamanhos, e, a julgar pelo número, esse era um dos melhores negócios da região.

Pernambuco chegou um dia a essa cidade, depois de se despedir dos amigos sertanistas, que iam para o Iriri, um afluente do Xingu. Ainda guardava um pouco do velho medo de encontrar os capatazes da Fazenda Junqueira, embora

um ano na “fronteira” equivalesse a dez em uma cidade normal. Na Amazônia daquela época, o tempo tinha um valor diferente; tudo andava muito depressa. Nada durava, exceto os desejos de vingança. Por isso, Pernambuco andava com cuidado; essa terra de vendetas lhe recordava o Nordeste natal. Havia economizado um pouco de dinheiro trabalhando para a Funai, e podia escolher entre voltar a sua terra, montar uma loja de refrescos e licores em Altamira, comprar uma espingarda ou um pedaço de terra na selva. Não fez nada disso. Gastou tudo em mulheres. Uma pequena rua do centro havia se transformado em zona de prostituição. Barracos de madeira pintados de cores berrantes e choupanas de barro com calendários pornográficos nas paredes rugosas abrigavam bares e bordéis onde, por alguns cruzeiros, era possível passar algum tempo em companhia de uma garota. Com o tempo, nem era preciso ter dinheiro; bastava levar a garota para jantar em um dos restaurantes japoneses à margem do rio ou para dançar no Aquarium. Aquelas garotas provinham, na maioria, do Maranhão, e buscavam um marido que as pudesse sustentar. Até encontrá-lo, trabalhavam como empregadas domésticas ou prostitutas. Pernambuco, que durante um ano havia vivido uma dura abstinência sexual, dedicou-se à má vida com toda a força da juventude. Havia alugado um quartinho na pensão Alta Palace, a um preço exorbitante, porque a especulação imobiliária havia feito de Altamira um dos lugares mais caros do Brasil. Em alguns setores da cidade, apesar de ter ruas cheias de buracos e poças do tamanho de banheiras, o preço do metro quadrado alcançava o de bairros luxuosos como Copacabana ou Leblon, no Rio de Janeiro. Embora as casas fossem velhas, baixas, sujas, com tetos de lata ou de palha, embora por toda a cidade flutuasse o fedor dos esgotos a céu aberto, os aluguéis de residências, quartos de hotel e pensões seguiam a mesma pauta. Um quarto minúsculo com mosquiteiro custava por dia o equivalente ao salário semanal de um boia-fria. Pernambuco acabava as noites no Aquarium, bebendo uísque brasileiro Royal Label e ouvindo Roberto Carlos até meia-noite, hora de fechar, quando se desligava o gerador a diesel e seu ronronar dava lugar ao zumbido dos mosquitos. Então, voltava a sua pensão, bêbado e acompanhado de alguma garota, e não era raro que adormecesse antes mesmo de despi-la.

Grande, forte e com dinheiro, Pernambuco parecia um sonho para aquelas mulheres da vida. Mas pobre e sem trabalho, era mais um entre tantos aventureiros. Quando as garotas começaram a perceber que aquele gigante de barba e olhos fundos tinha pés de barro, começaram a tratá-lo como aos outros, ou seja, só lhe davam bola depois de se certificarem de que tinha cruzeiros no bolso.

Quando Pernambuco notou que sua popularidade decaía ainda mais rapidamente que seu dinheiro, começou a levar a vida a sério. Deitado na cama debaixo do mosquiteiro remendado, encharcado de suor, pensou nas possibilidades de ganhar a vida honradamente: trabalhar como boia-fria ou encontrar emprego em uma loja. No Aquarium havia conhecido um dos açougueiros da cidade, que ficara impressionado com o tamanho gigantesco de suas mãos. O homem o convidara a passar pelo açougue para conversar. Era um bom sinal. Também havia a possibilidade de prestar alguns serviços esporádicos no escritório da Funai, mas aquilo não representava uma maneira consistente de ganhar dinheiro, e poderia atrapalhar suas relações com outros setores dessa sociedade de colonos que não viam a Funai com bons olhos. A necessidade imperiosa de ganhar dinheiro o fez vagar pelos meandros da memória. Recordando o passado em seu Nordeste natal, outra possibilidade lhe surgiu na mente. Quanto mais a repudiava, com mais força ela voltava. Embora não quisesse confessar, sentia uma pulsação nas profundezas do seu ser que o devolvia às emoções da adolescência. Pernambuco tinha sede. De sangue.

Não que odiasse alguém particularmente, nem que sentisse um cego impulso que o levasse a matar. Também não tinha pensamentos macabros. Pernambuco não se regozijava com a morte de suas vítimas. Nem pensava na morte; era muito novo para isso. Simplesmente sentia falta de empunhar uma arma. Sentia reverência por aquele objeto tão perfeito que conferia respeito a quem o portava. Queria voltar a se sentir como em sua cidade, admirado e temido. No fundo, sabia que a maneira mais rápida de ser alguém passava pelo cano de um 38, não pela faca de um açougueiro. O dinheiro fácil e a sensação de poder constituíam uma combinação viciante. Sentia um frio na barriga, uma indefinida sensação excitante, a mesma que leva um caçador a esperar a presa.

Unir o útil ao agradável e, de quebra, livrar o mundo de parasitas, vagabundos ou ladrões. O que de melhor podia esperar um pobre-diabo como ele? Poucos pistoleiros matavam por puro vício. Em geral, encontravam uma justificativa de tipo moral para o trabalho que desempenhavam, do contrário, inventavam uma. Quando a questão era abater a tiros uma família de posseiros, era porque se tratava de usurpadores que não queriam abandonar terras que não eram suas; então, havia que fazer justiça em nome do mandante – o proprietário. A maioria dos matadores, inclusive Pernambuco, vinha do Nordeste, berço de grandes bandidos, mas também de bandoleiros e justiceiros. Não havia jagunço que não se julgasse herdeiro direto de Lampião.

Pistoleiro entre os pistoleiros, Lampião havia dominado e aterrorizado o sertão desde 1920 até sua morte, em 1938. Baixo de estatura, forte, vesgo, era um arsenal humano: nunca carregava menos de 30 quilos de cartuchos, facas e adagas pendurados na cintura, além da pistola. Aumentava o peso acrescentando uma dupla faixa de moedas de ouro na testa, um imenso rubi na mão esquerda e um colar de diamantes na garganta. Tinha o corpo coberto de papéis – orações que supostamente o protegiam das balas dos inimigos. Formado nos bandos de jagunços de vários políticos, sua audácia não conhecia limites. Em 1926, atacava cidades do interior, falava com os prefeitos e dava entrevistas à imprensa, anunciando que logo disporia de um exército capaz de tomar qualquer cidade que "fosse governada por políticos corruptos"; às vezes atacava sem avisar; outras, mandava um cabo, e então as famílias fugiam, deixando as casas e propriedades para que fossem saqueadas. Com o produto dos roubos e o tributo exigido aos comerciantes, sustentava suas tropas e distribuía o resto entre os mais pobres. Sua morte a tiros havia marcado o final de uma época, mas seu exemplo e sua vida se tornariam uma lenda que nutriria a imaginação de gerações de paupérrimos nordestinos como Pernambuco.

*

No dia em que se levantou sóbrio o suficiente para contar seu dinheiro, Pernambuco percebeu que ainda estava em tempo de fazer um investimento mais rentável para seu futuro. Vinte mil cruzeiros era o necessário para comprar um 38, requisito imprescindível para treinar e aperfeiçoar a pontaria, que temia estar enferrujada. Dispunha de 25 mil no total. Sobrariam 5 mil para a munição e para viver até que surgisse uma "oportunidade" que lhe permitisse iniciar a carreira.

Vendiam-se armas em todos os lugares, mas Pernambuco conhecia o dono de um dos bares encardidos da margem do rio que tinha algumas de segunda mão e em bom estado. Foi vê-lo pela manhã, antes que o implacável calor mergulhasse a cidade em uma taciturna apatia. Além do dono, que cochilava no balcão em cima do jornal, havia ali um senhor robusto, de barba de vários dias, que bebia uns tragos de pinga esparramado em uma cadeira metálica. Dirigiu-se a Pernambuco enquanto este chacoalhava o dono.

– Eu conheço você – disse o homem. Pernambuco se sobressaltou. Logo pensou na Fazenda Junqueira.

– Acho que não – replicou seco.

– Vi você várias vezes com aquele sujeito da Funai. Você é guarda-costas dele? – perguntou o homem, arrastando um forte sotaque italiano que não conseguira perder apesar de ter morado quase a vida toda na América do Sul.

– Era – respondeu Pernambuco.

– Meu nome é Bruno Bossato Marni, mas todos me chamam de Tarzan. Preciso de um guarda-costas – disse o italiano.

– Quanto você paga?

– Muito.

– Não estou interessado – cortou Pernambuco.

Havia aprendido o suficiente para saber que não se podia levar a sério uma oferta de trabalho na qual não se regateasse até o último centavo. Além disso, aquele sujeito rude e mal barbeado não lhe inspirava respeito.

– Ouça – continuou Tarzan –, comigo você poderá ganhar muito dinheiro, mais do que imagina.

Pernambuco girou o tambor de um revólver que o dono do bar estava lhe mostrando. Olhou pelo cano, abriu o tambor, checou a mola do gatilho. Pediu para ver outros. O homem pegou uma dúzia de armas usadas e as colocou alinhadas sobre o balcão. Pernambuco as examinou atentamente. Tarzan, enquanto isso, insistia:

– Preciso de alguém como você. Se aquele sujeito da Funai o mantinha ao seu lado, é porque você deve merecer. Além disso, eu sou baixo, e você é alto; é uma boa combinação. Eu lhe dou metade do que conseguir.

– Metade de quê? – perguntou Pernambuco, que com a simples oferta havia aguçado o ouvido.

– Veja – disse o homem tirando da mochila uma sacola de plástico.

Pernambuco voltou a cabeça:

– O que é isso?

– Farinha – respondeu o homem enquanto tirava da sacola uma areinha escura que lhe escorria por entre os dedos. Pôs um montinho no balcão. A areia, muito compacta e pesada, era composta de grãos de metal, dentre os quais se destacava o brilho de uns resíduos prateados e dourados. – Ouro – murmurou Tarzan, como

se a simples pronúncia daquela palavra fosse um sacrilégio.

– Diga onde encontrou isso, Tarzan, e nós lhe daremos metade do que encontrarmos! – disse o dono do bar às gargalhadas.

Tarzan colocou a mão na mochila. Não gostara da rude intromissão do taberneiro.

– Trouxe uma pepita para você. Tome.

O dono do bar se aproximou, e nesse momento Tarzan lançou sobre ele um mico que dava uns guinchos estridentes. Pernambuco deu uma forte gargalhada enquanto o animal se agarrava às barbas do dono do bar, arranhando seu rosto.

– Filho da puta, italiano de merda, não vai mudar nunca!

– Nem você! – respondeu Tarzan.

Pernambuco deixou umas notas em cima do balcão e foi embora, escondendo na cintura sua nova aquisição e enchendo os bolsos de balas. Tarzan o seguiu pelas ruas, pulando para evitar as poças e alcançá-lo.

– Pense bem, estou lhe oferecendo uma oportunidade única. Há muito ouro na serra dos Gradaús, ouro e diamantes por todo lado. Se não acredita em mim, pergunte em todo lugar quem é Tarzan. Vou lhe mostrar uma coisa.

Parecia um mágico tirando os mais díspares objetos de sua sacola. Tirou um livro sem capa e com metade das páginas. Pernambuco não sabia ler, mas disfarçou, desnecessariamente, porque o outro sabia disso. Mostrou-lhe uma foto onde se via jovem, sorrindo. Tarzan tinha um pedregulho na mão.

– Um bambúrrio – disse. – Encontramos uma pedra de meio quilo de ouro na Venezuela. – A seguir, leu um parágrafo no qual o autor, um engenheiro de minas italiano, falava em termos elogiosos do profissionalismo de Tarzan. – Não estou falando de palha. Estou oferecendo uma oportunidade de verdade. Já sou velho. Acabo de completar 60 anos e não tenho forças para andar sozinho pela mata. Além do mais, pelos lados onde descobri a farinha, mamma mia, está cheio de malandros soltos esperando eu bamburrar para me roubar. Mas você me inspira confiança.

– O que mais odeio no mundo é ladrão – disse Pernambuco, impressionado com o livro. O simples fato de ver a foto impressa de seu interlocutor o havia feito mudar de opinião acerca de Tarzan. Já não o via como um vagabundo

descabelado, e sim como o que era na realidade: um velho e experiente garimpeiro.

– Eu poderia lhe ensinar o ofício. Sempre é bom saber algo na vida, além de atirar. – Pernambuco se sentiu tentado, mas não respondeu. O homem prosseguiu: – Encontrei essa farinha a dez dias de barco daqui, em um lugar de fácil acesso. Isso quer dizer que há ouro em mil metros ao redor. Tenho todo o material necessário, e vim atrás de uma chupadeira. Pense nisso. Se aceitar meu trato e quiser vir comigo, pode me encontrar no Hotel Londres. Até mais!

Tarzan dobrou a esquina e desapareceu. Pernambuco ficou perplexo. Aquele homem havia conseguido instigar uma profunda curiosidade no rapaz. Ouro... Nunca havia pensado nisso. Talvez aquela fosse a oportunidade de sua vida. Pensaria no assunto.

*

Dois dias e quatro bebedeiras depois, Pernambuco havia se esquecido completamente de seu encontro com o garimpeiro. A ideia de passar longas temporadas na selva bastou para acabar com sua vontade de sonhar com pepitas de ouro. Havia conseguido que a dona da pensão lhe fiasse a diária. Passava horas nos bares e nos lugares frequentados por pistoleiros em busca de algum contato que lhe abrisse as portas da corja local. Mas todos pareciam desconfiar desse gigante que haviam visto com um sertanista da Funai.

Então, pensou em seu amigo açougueiro. Não era a solução ideal, mas podia ser um bom começo. Não se enganou. Na primeira conversa, o açougueiro lhe ofereceu um emprego em seu incipiente negócio. Faltava carne em Altamira, porque o transporte era caro e o que se caçava nos arredores não satisfazia a forte demanda. Embora a cada dia fossem criados mais pastos na selva desmatada, o gado se adaptava mal às peculiaridades desse solo. Muitas reses morriam por mordidas de cobra ou por comer uma planta venenosa que faz as tripas das vacas incharem até explodir. Os criadores de gado, quase todos grandes latifundiários, estavam mais preocupados em garantir a propriedade de suas terras que com a saúde do gado. Para eles, desmatar a selva e plantar capim era a condição que tinham que cumprir para obter do governo gordas subvenções e isenções fiscais. Assim demonstravam que “aproveitavam a terra”, o que lhes outorgava legitimidade para reclamar terras que não pertenciam a ninguém e que estavam à mercê de ser ocupadas por pequenos camponeses expulsos de outras regiões. Essa era a prioridade; mais tarde teriam tempo de cuidar dos rebanhos.

Pernambuco aceitou imediatamente a proposta do amigo. O trabalho era mais duro do que inicialmente imaginara. Mas era real, não uma fantasia como o que Tarzan lhe havia proposto. Todos os dias tinha de ir ao matadouro, uma casinha na periferia onde se abatiam as reses, em meio a nuvens de moscas e água suja correndo. O calor tornava o fedor de sangue e carne morta ainda mais penetrante. Pernambuco carregava os quartos de gado nos ombros, e no açougue aprendeu a esquartejá-los. Quem cuidava da venda era seu amigo, o dono, enquanto a mulher dele escrevia poemas que acabaria publicando em um livro intitulado Coração feminino. Pernambuco ficava muito nervoso quando ela ia ler suas estrofes lânguidas e românticas no ambiente fétido do açougue: “Quem é você/que me beija com o olhar/que me abraça com o pensamento/que me ama sem retorno?”. A insinuação era para ele, e isso o exasperava, pois não sentia nenhuma atração pela mulher do amigo, que, além de poetisa, era especialista em magia branca e fazia macumba por qualquer motivo.

– Vou lhe fazer uma macumba para encontrar mulher séria, Pernambuco.

– Não quero mulher séria, estou muito bem assim – respondia o rapaz enquanto torcia o pescoço de uma galinha porque não podia torcer o dela.

Mas, afora isso, o açougue era um bom lugar para alguém como Pernambuco, desejoso de ocupar um lugar naquela sociedade. Toda a cidade ia, cedo ou tarde, procurar carne. E o açougueiro desfrutava de excelentes relações com os fazendeiros da região, que eram seus provedores e com quem planejava se associar para construir matadouros dignos de uma cidade como Altamira, com câmaras frigoríficas e empregados de avental branco. Aos sábados e domingos, aquele mundinho se reunia em uma das fazendas para um churrasco. O açougueiro convidava Pernambuco para que o ajudasse a levar a carne e preparar a churrasqueira. Também levava a mulher, desejosa de ler seus poemas diante das esposas dos outros, que se derretiam de languidez ou de tédio. Pernambuco, para não a ouvir, concentrava-se no que melhor sabia fazer na vida além de atirar: cortar a carne e pilotar a churrasqueira. Gostava de fazer parte desse grupo de pessoas, verdadeiros pioneiros capazes de gerar riqueza e dar emprego aos outros – segundo pensava. Embora estivesse no degrau mais baixo, estava onde estava o poder. Os que mandavam bebiam uísque, e Pernambuco frequentava uma fazenda onde conhecera o cúmulo do luxo: uísque escocês em vez de Royal Label! Odiava o sabor do uísque, que nem sequer matava a sede como a cerveja, mas por nada neste mundo teria bebido outra coisa na frente de todos aqueles latifundiários. O uísque era mais que uma bebida; era sinal de status social.

Como também as calças jeans, as botas de cano alto e os chapéus de vaqueiro. Sobre a cultura do nordestino, que era a dos pobres, impunha-se a cultura dos fazendeiros, a maioria do Sul, e que não passava de um tosco reflexo da cultura norte-americana da “fronteira”, com seus rebanhos imensos, seus caubóis e suas cidades sem lei. Havia, porém, uma diferença sutil. As terras das grandes planícies do Meio Oeste norte-americano eram férteis. O solo amazônico era pobre, e com o tempo e o desmatamento, a terra erodia e acabava ficando improdutiva. Mas, no início dos anos 1970, poucos sabiam disso. E havia os que não queriam acreditar.

Naqueles churrascos se falava de tudo, mas, invariavelmente, depois de esvaziarem caixas inteiras de garrafas de uísque, a conversa versava sobre a ocupação de terras por camponeses pobres. Entre o cheiro de carne queimada e o perfume das mulheres tramavam-se execuções, planejavam-se assassinatos, ofereciam-se recompensas. Era preciso expulsar os camponeses que se instalavam espontaneamente, ignorando a situação legal das terras que ocupavam. Chegavam atraídos pela propaganda oficial, mas sem nenhuma assistência governamental e sem dinheiro. Encontravam um reduzido número de latifundiários, respaldados pela ajuda financeira, econômica e política do governo, que havia se apropriado de quase toda a terra disponível. Os camponeses enfrentavam uma difícil escolha: ou iam embora dali ou lutavam para ficar e sobreviver.

Um domingo, o dentista de Altamira, que também era proprietário de uma fazenda de gado e amigo do açougueiro, propôs a Pernambuco estrear na região. “Você pode confiar nele”, dissera o açougueiro, que treinava junto com o rapaz duas vezes por semana para aperfeiçoar a pontaria. O dentista estava procurando alguém que não pudesse ser relacionado a ele, porque o caso era um pouco especial. Não queria que o serviço fosse feito por um dos seus numerosos fiscais, como chamavam os capangas que trabalhavam de guarda nas fazendas. Precisava de alguém de fora, um verdadeiro profissional, discreto e sério. Pernambuco parecia adequado.

– É um trabalho fácil – disse o dentista. – Se você se sair bem, vou lhe dar mais trabalhos e o recomendarei aos meus amigos. – Tirou um papel do bolso. Era uma foto um pouco apagada de três homens com jeito de camponeses. Um deles era magro, de cabelo cacheado, e parecia o líder. – Eu os expulsei três vezes das minhas terras, e três vezes voltaram. Da última vez, paguei 50 mil cruzeiros para cada um de indenização, um gesto de boa vontade para não ter

que ir mais longe. Mas esses filhos da puta nos levam sempre ao limite. Pegaram o dinheiro, foram embora e na semana passada um dos meus homens me avisou que haviam voltado.

– Provavelmente andam armados – disse Pernambuco, que começava, assim, a negociar seus serviços.

– Nem sempre. Na mata, é provável que sim, mas em Altamira passam o tempo visitando os padres, contando mentiras sobre mim e agitando os posseiros. Na cidade, andam limpos; já os denunciei, e a polícia confiscou as armas deles. Além disso, os safados dos padres não lhes permitiriam.

– Entendo – disse Pernambuco, reflexivo. – O trabalho tem que ser feito na cidade; é perigoso.

– Se fosse para fazer na fazenda, não precisaria dos seus serviços – respondeu o dentista aludindo a seus capangas.

– Os três? – perguntou Pernambuco. O dentista assentiu com a cabeça.

– Precisamos planejar, preparar tudo muito bem. Isso não pode ser feito na pressa.

– Eu lhe dou uma Winchester nova e 20 mil cruzeiros por cabeça.

Houve um silêncio. Pernambuco continuava impassível.

– Eles devem ter muitos amigos – disse.

– A Winchester e 30 mil – o dentista subiu a oferta.

Pernambuco olhou a foto.

– Estou começando a não ir com a cara deles – disse Pernambuco. A seguir, voltou o olhar para o homem. – Alguma garrafa de uísque? – Embora não gostasse, o simples fato de pedir uma garrafa o fazia sentir-se à altura de seu interlocutor.

– Está bem – disse o dentista. – Royal Label. Quando o contratarmos para acabar com o padre lhe daremos um Chivas – acrescentou com uma gargalhada. Pernambuco entendeu que havia alcançado o teto da negociação. Devolveu-lhe a foto.

– Esse filhos da puta têm cara de ladrão. E eu odeio ladrão – disse ele, como era seu costume.

O dentista sorriu. Tirou um bolo de notas do bolso:

– Tome, um adiantamento. E não quero serviço malfeito.

– Muito obrigado, senhor – disse Pernambuco apertando-lhe a mão.

Imediatamente, sentiu-se tonificado como em seus melhores tempos. Em pouco mais de um ano, desde sua fuga da Fazenda Junqueira, havia passado para o outro lado da barreira após ter conquistado a confiança dos que mandavam. Estava muito agradecido ao dentista por aquela oportunidade, tendo em conta que mal se conheciam. Sabia que seus capangas o vigiariam de perto e o matariam caso o negócio desse errado, mas aquilo fazia parte do código secreto dos pistoleiros. Além disso, estava disposto a mostrar o que era um trabalho de profissional. Tinha plena consciência de que sua carreira dependia desse primeiro sucesso. Por isso, dedicou-se a isso com todo o seu talento e energia.

Primeiro, localizou os camponeses ao sair da paróquia. Lembrou-se daquele missionário italiano que havia feito tantas anotações quando ouvira sua história, e que agora devia estar fazendo a mesma coisa com aqueles posseiros. “Talvez houvesse um pistoleiro me espiando na saída como eu os estou espiando hoje”, pensou. “Quantas voltas a vida dá!”

Andavam os três juntos, mas não tinha certeza de que não estavam armados, porque dois deles carregavam mochilas. Logo descartou a ideia de matá-los na cidade. Muita gente. O dinheiro que ganharia dava para pagar os serviços de um ajudante, mas não tinha ninguém de confiança nem queria dividir o lucro. O melhor era fazer o serviço no caminho que separava a Transamazônica da fazenda do dentista, onde suas vítimas moravam. Durante um mês ficou a espiá-los, observando seus movimentos, estudando seus hábitos, coisa que poucos pistoleiros faziam. Era tal o clima de impunidade que ninguém se preocupava em apagar rastros ou em ser visto. O trabalho bem-feito não era exatamente objeto de devoção para os jagunços.

Mas Pernambuco não queria falhar. Os três camponeses iam todas as quartas-feiras à igreja para participar de reuniões sindicais ou políticas. Escolheu esse dia para se emboscar na selva, à altura do desvio para a fazenda do dentista. Levava uma espingarda de canos cortados que o açougueiro lhe havia emprestado. Esperou ali a tarde toda, lutando contra os mosquitos, até que a noite caiu. Sabia que as reuniões nunca se prolongavam além das seis. Depois, precisava calcular uma hora de caminho até o cruzamento. Mas, às sete, ainda não aparecera ninguém, e Pernambuco se impacientou. Estava encharcado de

umidade e suor. Por fim, às oito e meia viu-os sair de uma caminhonete que seguiu caminho pela Transamazônica. Aproximaram-se de onde ele estava, caminhando pelo acostamento. De repente, começou a chover. Pernambuco pensou que se abrigariam embaixo de uma árvore ou em algum galpão, mas isso não aconteceu. Os três camponeses pareciam ter pressa de chegar a sua casa. Foram se aproximando, até que dois tiros os derrubaram. Pernambuco carregou de novo a arma, saiu da mata e atirou até que os corpos caíram inertes no barro. Concluiu o trabalho com um tiro de misericórdia, algo que um velho pistoleiro de sua terra lhe aconselhara fazer sempre. Era uma medida de segurança para evitar que a vítima falasse, e também uma medida humanitária para evitar sofrimentos desnecessários. No total, a matança não durou mais de vinte segundos.

PERNAMBUCO PASSOU A FAZER PARTE do Olimpo dos pistoleiros de Altamira. A limpeza e a precisão de seu trabalho logo lhe deram fama de bom profissional. O dentista o cumprimentou ao lhe pagar. Não só havia resolvido seu problema, como também havia livrado o mundo de três "ladrões". – É de gente como você que precisamos aqui na Amazônia – disse ao se despedir. A notícia do assassinato abalou os setores próximos à Igreja (advogados trabalhistas, sindicalistas, etc.), porque tratava-se de três líderes das comunidades de posseiros; mas o resto da população não se surpreendeu. A violência fazia parte do cotidiano, e a vida humana valia menos que a de uma vaca, e muito menos que a de um touro da raça nelore, última descoberta dos latifundiários em termos de um gado que se adaptasse às condições da Amazônia.

Os meios de comunicação destacaram o profissionalismo dos executores (achavam que um trabalho assim devia ter sido realizado por mais de um jagunço). Ninguém duvidava em Altamira da responsabilidade do dentista, mas, como era impossível de provar, nada aconteceu. Ele conseguira limpar aquela parte da sua fazenda da mesma maneira que outros haviam limpado a sua no passado, e assim como outros fariam no futuro.

UMA SEMANA DEPOIS DO SERVIÇO, Pernambuco estava trabalhando no açougue quando chegaram três clientes habituais. Eram mulheres de meia-idade que iam toda semana. Pernambuco sempre as tratara muito bem. Sabia que não tinham muito dinheiro pelo tipo de carne que compravam, mas eram simpáticas. Mais de uma vez havia colocado em seus pacotes, sem dizer nada, um pedaço de carne vermelha para as crianças. Elas lhe agradeciam levando-lhe uma fruta ou verdura da horta delas.

Mas, nesse dia, as mulheres não queriam comprar nada. Estavam de preto, com os olhos fundos e profundas olheiras.

– Seu Pernambuco – disse uma delas –, estou com muita vergonha de ter que falar com o senhor sobre isso, mas é que não temos a quem recorrer.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Pernambuco, sempre disposto a fazer um favor a alguém necessitado.

– Mataram nossos maridos na quarta-feira passada – disse uma delas.

Pernambuco fingiu indiferença, mas a notícia lhe caiu como um soco no estômago.

– A emboscada da estrada – suspirou. – Não sabia que eram os maridos de vocês. Sinto muito – disse enquanto afundava a faca em uma costela de boi.

– Sabemos que nada vai trazê-los de volta, mas pelo menos queremos que vão embora desta vida com dignidade – continuou a mulher. – Queremos fazer um enterro com caixão de mogno e lápide de pedra. É que vem muita gente, até de Belém.

– Se eu puder ajudar em alguma coisa – ofereceu-se Pernambuco.

– Agradeceríamos muito... – disse uma delas. – É pouco o que precisamos. O vigário nos deu a maior parte, é só para completar.

– Podem contar comigo.

– Deus lhe pague! – acrescentou a mais nova.

Só em um lugar tão grande e tão despovoado quanto a Amazônia podiam acontecer coincidências como essa, pensou Pernambuco, que se sentia satisfeito com sua generosidade. Aquilo lhe custou os olhos da cara, mas as mulheres o haviam comovido de verdade, e ele teria feito todo o possível para aliviar seu sofrimento, embora não sentisse nem uma ponta de remorso por ter transformado os maridos em comida de vermes. Trabalho era trabalho. Não só completou a soma que o vigário lhes havia dado para fazer o enterro como também pediu à mulher do açougueiro que escrevesse um poema em memória dos falecidos para ser lido na manhã do enterro. Fez isso pelo sincero desejo de consolar aquelas almas sofredoras. Foi outro gesto de magnanimidade da parte daquele cavalheiro pistoleiro que se preparava, depois de receber o dinheiro do “serviço”, a reinar de novo nos bordéis de Altamira.

15

Amazônia ocidental – Acre

Aos 25 anos, Chico Mendes era a imagem de seu pai na mesma idade, quando cortejava a bela Iraci e ajudava os seringueiros analfabetos a fazer as contas do patrão. Não coxeava, mas havia herdado seu jeito de andar, abrindo muito os pés, cambaleando levemente e pondo a barriga para fora. Também havia herdado seu senso de humor e sua aversão ao sistema de exploração da borracha.

Com a chegada da ditadura, a atmosfera havia mudado entre os seringueiros. O medo corria solto. Francisco Mendes e seu filho Zuza, irmão mais novo de Chico, encontraram um corpo escondido na mata do seringal onde trabalhavam. – Venha, vamos tirar esse cristão daqui – disse Francisco. O corpo estava em tão avançado estado de decomposição que não conseguiram nem tirá-lo nem identificá-lo, e tiveram de enterrá-lo ali mesmo. Era um dos tantos casos de desaparecidos depois da promulgação de uma lei de exceção que lançou uma sombra sobre todo o país, eliminando as garantias dos cidadãos perante um poder obcecado pela psicose anticomunista. Corria o ano de 1968, e o Brasil também estava sendo sacudido pela onda de protestos revolucionários que se vivia em todo o mundo.

Chico não se resignava ao destino que a selva lhe havia reservado. Escrevia inocentemente cartas ao presidente da República. Mandava missiva após missiva, às vezes uma por semana, descrevendo que era proibido aos seringueiros ter escolas, e que seu analfabetismo permitia aos patrões roubá-los todos os meses. Anexava os preços reais dos alimentos e os preços que apareciam no saldo das contas dos seringueiros. Mas nunca recebeu resposta. Sua primeira ação em defesa dos seringueiros foi quando enfrentou o capataz do Seringal Cachoeira. A estrada BR-317 que ligava Rio Branco a Xapuri e Brasília acabava de ser inaugurada, permitindo a muitos seringueiros vender diretamente a borracha sem passar pelo patrão. Isso lhes deu certa capacidade de negociação, que Chico utilizou habilmente.

– As pelas estão muito limpas, não têm nenhum tipo de impureza – disse ao capataz. – Por que temos que pagar dez por cento do valor para ter direito a usar as estradas? Nenhum seringalista limpa as trilhas. Então, por que temos que pagar?

– Têm que pagar porque o patrão manda.

– Pois, aqui, não vamos pagar nada – sentenciou Chico Mendes.

E, de fato, os seringueiros de Cachoeira, dentre os quais estavam seus parentes, pararam de pagar, o que equivalia a questionar a propriedade dos caminhos de seringueiras. Ninguém foi expulsá-los, porque o sistema tradicional estava em bancarrota. O Banco da Amazônia anunciara o fim do financiamento da produção de borracha, e muitos patrões inflacionavam os preços cada vez mais para repassar para o seringueiro a dívida que eles mesmos tinham com o banco. Então, os patrões pressionaram o governo para que mantivesse o preço da borracha. Em 1967, o governo criou um imposto onerando a importação de borracha da Ásia para proteger o preço da borracha amazônica. Essa medida permitiu manter vigente o sistema de exploração, apesar de minguarem as facilidades financeiras e os benefícios.

Na realidade, estava ocorrendo uma profunda transformação em toda a região, ditada pelos escritórios de Brasília e de São Paulo. Com a construção das novas estradas amazônicas, o valor da terra passava das árvores ao solo. A produção de látex dava lugar à especulação. Muitos seringalistas optaram por vender suas propriedades aos especuladores e homens de negócios paulistas (embora esse fosse um termo genérico para todos os que provinham do sul do Brasil), em vez de manter vigente o férreo sistema de exploração da borracha.

Outros persistiram com a fraude crônica, privando os seringueiros dos benefícios da fixação do preço da borracha. Os seringueiros continuaram com sua atividade, na pobreza de sempre. Permaneciam totalmente alheios ao que acontecia no outro Brasil, o país que queria se tornar uma potência mundial antes do fim do século e que acabava de embarcar na “Conquista da Amazônia”. Sua realidade cotidiana continuava nas contas do chefe. Quando fechavam o balanço anual endividados com o patrão, sendo que, em tese, deveriam ter ganhado uma soma pelo menos igual à borracha vendida, só restavam duas possibilidades: aguentar ou se rebelar. Desde o desaparecimento de Euclides Távora, aquele militar derrotado que lhe havia dado uma visão política do mundo e que morrera no centro cirúrgico do Hospital de Manaus, o jovem Chico não descansara em seu empenho de obter o apoio dos colegas para organizar um protesto geral. Junto com outros amigos de sua idade, vendiam a borracha para os comerciantes ambulantes, que pagavam preços reais e lhes propiciavam certo grau de autonomia. Não faziam isso só para ganhar mais dinheiro, mas também porque,

desde os tempos em que Pedro de Oliveira fora queimado vivo, essa era a única maneira de combater o sistema.

O núcleo de rebeldes foi muito ativo durante os anos de 1968 e 1969. Enquanto os estudantes franceses faziam barricadas na Sorbonne, e nas ruas do Rio de Janeiro e da nova capital, Brasília, desfilavam manifestações de mais de 100 mil pessoas, no Seringal Santa Fé, Chico Mendes convenceu um grupo de companheiros a desobedecer aos patrões e vender o produto de seu trabalho aos comerciantes ambulantes. De madrugada, sob chuvas torrenciais ou perdidos na névoa, Chico organizava encontros clandestinos entre ambulantes e seringueiros às margens dos rios. Tinha confiança nos comerciantes, interessados em ser discretos. Mas não confiava nos seringueiros. E não estava enganado.

Os mesmos que admiravam sua eloquência e sua coragem foram correndo denunciar suas atividades subversivas. Aquela comunidade de escravos espalhados pela selva não tinha verdadeira consciência das razões que os acorrentavam à pobreza, e uma denúncia sempre lhes granjeava uma posição melhor, talvez um favor dos capatazes. Chico descobriu com amargura que o medo os assolava a ponto de fazê-los perder a dignidade. Nessa situação, era impossível provocar uma revolta organizada, porque a mobilização inicial não existia. Chico Mendes e os jovens de sua idade tentaram provocá-la, mas sem sucesso.

Apesar das delações, a polícia não conseguia pegá-los. Os patrões mandaram várias vezes seus encarregados intimidarem as famílias. Francisco Mendes foi ameaçado de expulsão. Como era difícil provar a existência das transações noturnas e Francisco negava obstinadamente as acusações feitas contra o filho, capatazes e policiais voltavam de mãos vazias.

Um dia, Chico deu de cara com uns pistoleiros fortemente armados e pensou que havia chegado sua hora. Quis correr, mas seu pai o impediu. Era melhor encarar o problema ali mesmo a perder-se na mata, à mercê dos capangas do seringalista. Mas, dessa vez, os capatazes não estavam atrás de Chico Mendes; estavam escoltando o dono do seringal, um homem chamado Gastão Mota, cuja reputação de autoritário não era menor que a dos seus métodos violentos. Em sua propriedade, um seringal de 20 mil hectares chamado Filipinas, Francisco e seu filho Zuza haviam encontrado o corpo do desconhecido. Gastão Mota estava em turnê por suas terras. Fazia campanha eleitoral para a Arena, o partido de extrema direita que apoiava o regime militar e concorria às eleições municipais.

Era a primeira vez que Chico via o patrão de perto, e aquilo lhe causou certa inquietude. Talvez porque a imagem daquele homem gordo, bonachão, não correspondesse ao que se sabia dele. Ou talvez fosse o pressentimento de que esse amante de churrasco e de charutos acabaria conspirando contra os seringueiros.

Gastão Mota reuniu todos os membros da colocação. Seus esbirros se mantinham atrás dele, armados com fuzis para que ninguém esquecesse onde estava o poder. Um crucifixo de ouro brilhava sobre o peito peludo que a camisa aberta deixava entrever. Começou falando dos preços da borracha, que não haviam parado de cair, e da iminente supressão do financiamento do Banco da Amazônia. Por um momento, os seringueiros temeram que anunciasse um forte aumento dos preços dos alimentos. Mas não foi isso. Gastão Mota não fora dar uma mensagem pessimista, ao contrário. Fora falar do progresso, que estava prestes a chegar ao Acre por meio da estrada BR-364. Acabava de ser inaugurado o trecho que ligava Porto Velho, capital do Território de Rondônia, ao resto do país. Logo o trecho de Porto Velho a Rio Branco, capital do Estado do Acre, estaria terminado. Significaria o final do isolamento e a entrada do estado no mundo moderno. A era da borracha havia chegado ao fim. Os tempos mudavam. Parafraseando o ministro do Interior, alegou que o boi era o grande pioneiro da década que se avizinhava. “Primeiro o boi, depois o homem”, disse aos seringueiros, que não entenderam de que homem se tratava, porque eles viviam havia mais de cem anos naqueles bosques.

O Acre, disse o homem, não repetiria os erros de Rondônia, que havia se transformado em um caos de violência e destruição por conta do fluxo de camponeses e de especuladores que se precipitavam em tropel para as terras virgens que se abriam no Oeste. Todo mundo no Brasil já ouvira falar desses colonos que viajavam apinhados em caminhões e ônibus abarrotados, percorrendo os milhares de quilômetros dessa estrada poeirenta que se transformava em um lodaçal intransitável depois de cada aguaceiro. Caravanas de mais de 20 quilômetros de veículos enlameados tinham que esperar semanas para poder seguir viagem. Mulheres grávidas que saíam do Sul do país no sétimo mês de gestação davam à luz no acostamento da BR-364 sem entender por que não haviam chegado ainda a seu destino. As pessoas viviam e morriam nos ônibus. Era uma viagem infernal, e só a promessa de uma vida melhor a tornava suportável. Ao chegar, as famílias, ansiosas por um pedaço de terra, instalavam-se no primeiro pedaço que viam livre, esperando que fosse terra devoluta, de

domínio público. Mais tarde, a terra era reclamada por um proprietário ausente ou por tecnocratas do governo que iam demarcar o terreno. Os conflitos entre famílias de camponeses, especuladores e companhias de gado haviam feito de Rondônia o paradigma do caos, só superado pelo Estado de Mato Grosso, onde os governos federal e estadual venderam por sua conta os mesmos lotes de terra a diferentes colonos.

A colonização do Acre seria diferente, disse Gastão Mota. O plano de seu amigo, o governador do Estado, não contemplava receber milhares de famílias de pobres camponeses, mas a instalação de grandes companhias, grupos financeiros e industriais do Sul, a fim de criar fazendas pecuárias. Por conta da proximidade do Acre ao oceano Pacífico (menos de 500 quilômetros), a exportação de carne para os mercados da Ásia era um objetivo de longo prazo do governo, que se dedicava a uma campanha de publicidade na imprensa para atrair investidores. “Um novo Canaã, sem as secas do Nordeste nem as geadas do Paraná”, rezava um dos slogans que o homem leu para os perplexos seringueiros. Diante das mudanças que se avizinhavam, disse, não havia partido em melhores condições de defender os direitos dos seringueiros que a Arena. Sua proximidade com o poder facilitaria qualquer reivindicação que quisessem fazer. Finalmente, disse, a Arena e ele mesmo “levariam muito em conta suas cédulas”, o que equivalia a uma promessa de pagar por seus votos.

A seguir, falou um pouco com cada empregado seu, fazendo campanha daquele jeito peculiar e comum nos confins da selva acriana.

– Francisco – disse ao passar o braço por seu ombro –, quero saber se podemos contar com você na Arena, se você é um dos nossos. É muito importante ganharmos essas eleições.

– Seu Mota – respondeu Francisco Mendes. – Francamente, não. Não vou dar comida a um lobo devorador, para que depois me devore.

– E como a Arena é um lobo devorador?

– É o partido dos patrões, seu Mota, entenda...

Francisco Mendes não pretendia mudar sua intenção de votar no MDB (Movimento Democrático Brasileiro), o partido de oposição tolerado pelo governo militar. Não suportava as intimidações e não estava disposto a deixar que arrebatassem a última parcela de liberdade que lhe restava. Mas Mota tomou aquilo como uma afronta pessoal.

Dois dias depois, um encarregado do Seringal Filipinas espalhou que Chico Mendes era um comunista violento, disposto a levar os seringueiros ao descalabro. Francisco e Chico reconheceram nesse rumor uma ameaça direta de Gastão Mota. Como sabiam que a partir de então Chico poderia desaparecer na selva a qualquer momento, pai e filho decidiram abandonar o Seringal Filipinas. Não foi difícil encontrar outro trabalho. Um dos comerciantes ambulantes com quem Chico havia feito amizade lhe ofereceu emprego como seu ajudante. Chamavam-no de José Azul, porque era tão preto que sua pele adquiria reflexos azulados. Por sua vez, Francisco recorreu a um seringalista que o apreciava porque era um dos poucos homens com quem podia dividir sua paixão: falar de política. Chamava-se Aristó, tinha fama de ser um bom patrão e era realmente um homem de coração. Lamentava ver Francisco tão agoniado. "Aristó era legal", diria Zuza Mendes. "Queria realmente ajudar papai, e lhe arranjou uma casa e um emprego em uma colônia agrícola perto de Rio Branco."

Mas os males de Francisco pouco tinham a ver com as ameaças de Gastão Mota. Desde a morte da mulher, a bela Iraci, lutava para manter a família unida, e de novo teriam que se dispersar. Foi um golpe do qual não mais se recuperou. Apesar de ter arranjado um emprego que lhe permitia viver com certa folga, a vida para o velho seringueiro já não tinha estímulo. A única coisa que um homem pobre como ele havia conseguido em sua mísera existência – criar uma família – estava desmoronando. E, com ela, sua vontade de continuar vivendo.

TUDO COMEÇARA DOIS ANOS ANTES, em maio de 1969. Chico estava na varanda construindo um berço para o irmão que estava para nascer quando surpreendeu a mãe chorando. Iraci, que apesar da idade continuava a apresentar uma beleza rara, disse simplesmente que estava muito cansada e triste porque não conseguia parar de se lembrar da própria mãe, morta pouco tempo antes. Chico acreditou. Seus irmãos também. Só Francisco havia notado que a mulher, prestes a dar à luz, não havia seguido os ritos habituais nessas circunstâncias. Não estava preparando a chegada de um novo filho; nem sequer havia pedido a Francisco que lhe comprasse tecido para fraldas e roupa de bebê. O berço havia sido uma iniciativa de Chico, que precisava estar sempre ocupado para não mergulhar na melancolia.

Na noite de 16 de julho de 1969, Iraci começou a sentir dores tão fortes que mal podia respirar. Às 4 horas da manhã, chamou Chico e Francisco. Disse a eles que fazia algum tempo que sabia que não sobreviveria ao próximo parto. Por que não havia dito nada antes?, perguntou o filho. Era uma pergunta impossível de

responder, porque Iraci se guiava por uma espécie de fatalismo, um misto de pressentimento e de saber ancestral, que lhe havia dado a certeza do que ia acontecer. Carregava a morte nas entranhas e esperava o parto como uma execução. Francisco ficou ao lado dela enquanto Chico se preparava para buscar ajuda e levá-la até Xapuri em uma rede. Antes de sair, a mãe pegou sua mão: – Quando voltar, não estarei mais aqui – disse. – Prometa-me que não abandonará seu pai nem seus irmãos. – Chico assentiu. Abraçou a mãe. Zuza viu Chico sair do barracão com lágrimas nos olhos.

Quando voltou com alguns colegas, a mãe estava morta. O bebê também não sobreviveu ao parto.

Um pequeno cortejo de vizinhos e amigos se reuniu no dia seguinte para acompanhar o corpo de Iraci Mendes e seu filho morto até a última morada. Caminharam por trilhas margeadas de grandes seringueiras de casca branca até o cemitério de seringueiros do Seringal Cachoeira, onde 25 anos antes havia dado à luz seu primogênito, Chico. Seguindo a tradição, o amigo ou parente que dali em diante passasse pelos arredores arrancaria uma folha de alguma árvore e a depositaria sobre o túmulo, para honrar, assim, a memória de uma mulher de seringueiro morta de esgotamento aos 42 anos de idade.

"Foi um ano muito duro. Nunca havia visto meu pai tão aflito", confessaria Zuza anos depois. "Quanto mais desgraças se abatiam sobre ele, mais se refugiava em suas recordações da infância, da vida no Ceará. Começou a sonhar em voltar para Fortaleza, ver novamente os parentes, fazer uma peregrinação a Canindé. Rezava cada vez mais; até o surpreendi, um dia, falando com os santos. À medida que meu pai se fechava em si mesmo, Chico assumia as funções de chefe de família. Por nada do mundo faltaria à promessa que fez a nossa mãe antes de morrer. Ele se transformou em um segundo pai." Para Chico Mendes, a morte prematura da mãe não era a vontade de Deus, e sim o resultado de um sistema injusto. Sem possibilidade de sair do Acre para estudar, que era o que realmente queria ter feito, sem poder se afastar da família dispersa, Chico Mendes só tinha uma alternativa: permanecer nas profundezas da selva e encontrar novos meios de continuar lutando contra a injustiça que lhe coubera viver.

16

Alfredo Eustáquio, o nordestino afável que havia encontrado a felicidade depois do casamento com Neuza, deixou de ser seringueiro sem saber. Seu patrão, o doutor Andrade, não lhe comunicou a venda do seringal, e nem também aos outros. Como a maioria dos seringalistas, o doutor Andrade havia se arruinado por conta da suspensão dos créditos à produção de borracha. Não podia continuar pagando os empréstimos. Mas Alfredo não entendia como o patrão, a quem conhecia pessoalmente e que sempre o tratara bem, não lhe havia dito nada. Logo compreenderia.

As comunidades mais isoladas, proibidas de cultivar e de criar animais, continuavam em total dependência do patrão, a ponto de muitos seringueiros terem esquecido como se cuidava de uma horta ou de um porco. Com um vocabulário muito limitado, sem contato com o mundo, aquelas comunidades eram um raro exemplo de regressão humana e cultural. Um missionário da diocese do Rio Branco, o padre Turrini, em sua longa relação feita em viagem pelo interior do Acre, voltou com estatísticas impressionantes: de cada mil crianças nascidas vivas, 838 morriam antes de completar o primeiro ano; no rio Caeté, calculou que a média de vida da população era de 20 anos. Apesar dos esforços dos missionários, muitos seringueiros permaneceram isolados nas selvas até que, pouco a pouco, nos anos 1980, foram descobertos, como achados arqueológicos ou restos de alguma civilização desaparecida. Na realidade, eram as duas coisas. Relegados à escuridão da selva, eram os esquecidos do mundo.

Em outras áreas mais próximas aos centros de população, onde moravam os Eustáquio, a crise do sistema de exploração da borracha os obrigou a se dedicar quase inteiramente à agricultura. Tornaram-se camponeses autossuficientes, e a horta de Alfredo transformou-se na admiração dos colegas. Quando seu patrão vendeu o seringal, Alfredo se transformou, da noite para o dia, em posseiro, ocupante de uma terra que não seria sua enquanto não a exigisse judicialmente.********* O posseiro que permanece em um pedaço de terra que ninguém reclama por um ano e um dia e faz dela uso produtivo ganha o direito de ocupar até 100 hectares (ou 2.800 hectares, quando a terra não está sob controle do Estado). Isso dava à maioria de seringueiros direito de ser proprietários, embora ninguém soubesse disso. O patrão de Alfredo, por via das

dúvidas, preferira não anunciar a venda a seus empregados com medo de que o comprador paulista desse para trás. Era importante que pensasse que estava adquirindo uma terra “limpa”, sem habitantes, sem problemas.

A maioria dos seringalistas só tinha direito a vender a autorização para explorar as seringueiras, o que não significava um título de propriedade. As escrituras de propriedade dos seringais, algumas com um século de idade, não delimitavam a área em função da superfície, e sim do número de seringueiras, que é o que realmente tinha valor nos tempos da borracha. Como o valor estava na terra, os compradores, de maneira totalmente ilegal, transcreviam as autorizações no Livro 3********* como se fossem títulos de propriedade. Até prova em contrário, essas terras lhes pertenciam. Era uma fraude que lhes permitia apoderar-se de grandes extensões. Como o doutor Andrade devia dinheiro ao banco, vendeu seus seringais ao comprador do Sul pelo pagamento das dívidas e mais uma soma ridícula. Na realidade, teria dado na mesma que seus empregados tivessem sabido da transação. Poucos seringueiros conheciam seus direitos. Além de alguns especialistas da região amazônica, o resto do Brasil não sabia nem que existiam. E os que conheciam sua existência pensavam que eram um anacronismo e que deviam desaparecer para deixar lugar ao progresso. Ninguém pensava neles como seres humanos, e sim como bichos do mato.

A CAMPANHA PUBLICITÁRIA QUE O governador do Acre havia mobilizado para atrair investidores teve um sucesso sem precedentes. A combinação de terra barata, de seringalistas arruinados, de novas estradas, de subvenções à criação de gado e de isenções fiscais às empresas investidoras havia feito do Acre o paraíso dos especuladores. Muitas grandes empresas, dentre as quais estava a companhia de produtos de carne Bordon (que se instalou perto de Xapuri), compraram terrenos no Acre com intenção de produzir lá. Mas predominava a especulação pura e simples: um indivíduo se comprometia a comprar uma fazenda, pagava um sinal, corria para São Paulo para arranjar compradores para uma terra que ainda não era sua e da qual não sabia se a escritura de propriedade estava regularizada, e tornava a vendê-la. No início da avalanche, o hectare era vendido a 2 cruzeiros, o preço de um quilo de bananas. Cinco anos depois, a terra havia se valorizado 2.000 por cento.

Entre 1972 e 1976, mais de um terço do estado, quase 5 milhões de hectares, passaram de terra devoluta a propriedades privadas. Dessa quantidade, apenas 7.700 hectares dispunham de escritura de propriedade legal. O resto havia sido

adquirido por meio da falsificação de títulos, registros irregulares e do que se chamava esticamento, que consistia na anexação das áreas vizinhas de um seringal. A Polícia Federal descobriu alguns casos de fraude tão atrevidos que só poderiam ter sido concebidos em um lugar como o Acre, onde reinava uma impunidade total. O Seringal Sobral, cuja área primitiva era de 16 mil hectares, foi ampliado para 175 mil hectares. Como se não bastasse, a escritura de compra e venda havia sido assinada por um indivíduo falecido um ano antes da outorga do documento.

O caso do sr. Jons foi dos mais conhecidos. Ele comprou 3 mil hectares perto de uma aldeia chamada Boca do Acre. A seguir, subornou o juiz para que acrescentasse dois zeros no Livro 3, tornando-se, assim, proprietário de 300 mil hectares. O fato de aquilo ser uma reserva indígena não o fez alterar seus planos; voltou ao Sul e vendeu lotes de 10 a 15 hectares a pequenos colonos. Entregou-lhes escrituras falsas, e quando os colonos apareceram na selva, foram recebidos por índios indignados e depois expulsos pelos indianistas da Funai. Jons jamais foi processado. Vinte anos depois, continuava vivendo entre Acre e São Paulo.

Para aumentar o caos, também chegavam camponeses que ocupavam terras aparentemente sem proprietário, mas que, na realidade, já haviam sido vendidas a companhias ou homens de negócios do Sul. Eles raras vezes iam ao Acre para conhecer o que haviam adquirido. Esperavam que os meios de transporte melhorassem; a maioria confiava na alta dos preços da terra para tornar a vendê-la. Os emigrantes do Sul do Brasil, atraídos pelo sonho de novas terras, viam-se envolvidos em conflitos alheios enquanto tentavam se apoderar de um lote pelo único meio que conheciam: queimando a selva para mostrar que a “punham para trabalhar”, e assim poderem reclamar a propriedade e participar dos incentivos e subvenções governamentais. Muito rapidamente a selva começou a arder por todo lado. No início eram incêndios esporádicos, depois foram maciços. No auge da destruição, os aeroportos tiveram que fechar por falta de visibilidade decorrente da fumaceira.

*

Alfredo soube que seu seringal havia sido vendido quando sua filha Rosa chegou um dia dizendo que o caminho estava fechado. Reuniu seus outros filhos e colegas da colocação e foram abrir o caminho. Não havia sido a queda de um galho ou um tronco podre a causa do obstáculo. Os troncos haviam sido postos ali intencionalmente. Era estranho, mas não deram muita importância ao fato.

Dois dias depois, ao dirigir-se ao rio com a mula para encontrar o ambulante, Alfredo topou de novo com o caminho fechado. Teve que deixar a mula amarrada em um tronco e seguir a pé até a margem do rio. Isso era um problema, porque sozinho não podia carregar todos os alimentos de que necessitava. Teria que voltar outro dia, e isso era complicado, porque o vendedor só passaria de novo no verão. Dessa vez, o fato de o caminho para o rio, o mais transitado pelos seringueiros, estar interceptado o inquietou seriamente.

Duas semanas depois recebeu a visita de dois indivíduos que se apresentaram como os novos donos. Usavam calças jeans, botas de montaria e chapéus de aba larga. Com bons modos, e depois de lhe oferecer um cigarro, os dois indivíduos informaram que todo o seringal seria desmatado e que seus serviços não seriam necessários no futuro. Por enquanto, podia permanecer na colocação, mas tinha que pensar em se mudar a médio prazo.

Alfredo recebeu a notícia como um soco no estômago. Havia se acostumado a esse lugar que habitava fazia vinte anos e que, de alguma maneira, considerava seu. Trabalhara com as próprias mãos cada centímetro quadrado da terra que cercava seu barracão. Ensinara a seus sete filhos e a sua mulher os segredos da horticultura, que recordava de sua vida no sertão. Diariamente, a família podava os arbustos, cortava as folhas podres das hortaliças, transplantava bulbos, fazia sulcos para canalizar as águas do riacho. Seu campo era tão fértil que dava para vender a produção que sobrava, o que lhes permitia viver uma vida tranquila. Alfredo, com o tempo, havia realizado tudo o que seu amigo Pedro de Oliveira não conseguira fazer em seus anseios de preencher sua vida solitária. Era como se um tivesse arcado com todas as desgraças, enquanto o outro colhia todas as vantagens. Mas a roda da fortuna girava inexoravelmente, e agora havia parado apontando para Alfredo. Contrariamente a Francisco Mendes, seu amigo e iniciador no trabalho de cortar seringa, Alfredo tivera a sorte de encontrar um patrão indulgente e nunca precisara mudar de seringal. Jamais havia se chocado com o doutor Andrade nem com seus encarregados, que reconheciam nele um trabalhador competente e um empregado dócil. Sempre produzira o suficiente, e embora nunca houvesse questionado as contas do patrão, porque não sabia ler nem contar, nunca lhe faltou mercadoria.

Após a partida dos novos donos, sua primeira reação foi de incredulidade. Inconscientemente, repudiava a ideia de ter que abandonar seu lar. Entendia que a terra não era sua e nunca havia sido, mas algo nas profundezas de seu ser o fazia rebelar-se contra a evidência. Não era possível que isso acontecesse com

ele e com sua família. Não era possível que num abrir e fechar de olhos os Eustáquio ficassem sem nada, nem sequer um teto para se proteger das chuvas. Com a enormidade da selva, por que tinham que expulsá-lo de sua pequena clareira? Tinham intenção de arrasá-la toda? Sem saber a quem recorrer, pôs-se a rezar. Pediu a São Sebastião proteção contra a adversidade, como havia obtido até então. Prometeu a São Francisco do Canindé rezar um rosário todas as noites e fazer uma peregrinação se conseguisse ficar ali.

Ele não era o único nessa situação. Pelos seringais só se falava da invasão dos paulistas, e os seringueiros não conseguiam entender por que tanta sanha em expulsá-los. Sentiam-se parte integrante daquelas selvas, orgulhosos de sua história. Afinal de contas, os seringueiros do Acre haviam lutado e morrido por essa selva, arrebatando-a da Bolívia no início de século, façanha heroica cuja memória permanecia latente em sua adormecida consciência.

*

Os seringueiros brasileiros haviam sido os primeiros povoadores do Acre porque ali se encontrava a maior quantidade de seringueiras, e da melhor qualidade. O problema é que a área pertencia à Bolívia. Os seringueiros eram obrigados a pagar impostos e direitos de alfândega às autoridades do país vizinho, e alguns se rebelaram contra o que chamavam de “dominação boliviana”. Curiosamente, o primeiro líder da “revolução acriana” foi um jornalista de Cádis chamado Luis Gálvez. Incentivado pelo governador do Amazonas, o aventureiro espanhol, à frente de um grupo de seringueiros, empreendeu viagem rumo à fronteira da Bolívia, onde fundou o Estado Independente do Acre, também conhecido como a República dos Poetas. Em 14 de julho de 1899, 110 anos depois da Queda da Bastilha, Gálvez mandou telegramas ao mundo inteiro proclamando a fundação de sua república sobre os princípios da Revolução Francesa. A capital era Xapuri. Gálvez, “espanhol de nascimento, cosmopolita por natureza, aventureiro por ação”, como o definiu o historiador Leandro Tocantins, foi proclamado presidente. Durante seu breve governo, o Imperador do Amazonas, como alguns o chamavam, assinou decretos, nomeou ministros, sofreu golpes de Estado e esboçou o plano urbanístico de cidades que não existiam.

Mas a riqueza do Acre não podia permanecer nas mãos de um espanhol que havia chegado à Amazônia fugindo de uma frustrada história de amor. Depois de um golpe de Estado, Gálvez foi substituído por um seringalista e expulso do

território. Não havia enriquecido em seu mandato, mas alcançou boa fama. O barco em que voltava foi literalmente assediado em Manaus por uma multidão ávida por conhecer esse Quixote das selvas, que, doente e sem dinheiro, partia para o exílio. Deixava atrás de si a recordação de um homem honrado, comprometido com os mais altos ideais de justiça social. Até o governo que o sucedeu tornou pública sua admiração pela eficaz administração e pela transparência das contas que havia deixado ao partir. A ação de Gálvez preparou o terreno para o verdadeiro herói da "Revolução Acriana", um gaúcho chamado Plácido de Castro, que havia chegado ao Acre para fazer fortuna como seringalista. Castro não era um poeta: era um guerreiro que havia participado de várias ações militares. Conseguiu reunir um exército de seringueiros que se mostrou muito eficaz na guerrilha. Depois de alguns meses, os bolivianos bateram em retirada. Prometeram aos seringueiros escrituras de propriedade de lotes de terra, mas foi uma promessa que nunca se cumpriu, apesar de os veteranos nunca perderem a esperança. Quinze milhões de hectares de território boliviano – Acre –, a terra mais rica do mundo em borracha, passaram a pertencer ao Brasil, o que constituiu motivo de orgulho para os seringueiros que haviam lutado por ela. Em troca, o Brasil se comprometeu a construir uma via férrea para dar à Bolívia uma saída para o mar.

A famosa linha Madeira-Mamoré (em alusão aos rios que atravessava) tornar-se-ia um titânico empreendimento, fazendo um número enorme de vítimas por conta da febre amarela, do beribéri, da pólio e, acima de tudo, da malária. Quinze mil trabalhadores tiveram que ser contratados no decorrer de um ano para manter uma força de trabalho de mil. No total, entre 4 mil e 6 mil morreram durante a construção, e o custo foi superior à mais cara estrada de ferro jamais construída, a Transandina, no Peru. De pouco serviu à Bolívia o trem da selva: sua inauguração coincidiu com a primeira queda dos preços da borracha. A empresa concessionária faliu, e embora o trem tenha continuado em atividade durante sessenta anos, já não transportava nada que pudesse levar riqueza à região.

Em 1972, um século depois do início do boom da borracha, a estrada de ferro Madeira-Mamoré foi definitivamente fechada. A BR-364 havia sido inaugurada um ano antes, e já não fazia sentido manter aquela estrada de ferro deficitária e antiquada. Com a abertura do Acre à colonização, muitos seringueiros pensaram que vinham tempos melhores, que sairiam do esquecimento, que a sociedade brasileira saldaria sua dívida para com eles, ou pelo menos a reconheceria e,

portanto, os ajudaria a se adaptar aos novos tempos. Mas isso não aconteceu. Se o caos da ocupação de Rondônia parecia ter provocado uma violência desconhecida até então, o Acre se preparava para superar as previsões mais pessimistas.

*

Alfredo e o resto da família chegaram a esquecer a visita dos donos. Só as notícias que chegavam por meio de visitantes ou amigos que iam passar o domingo os devolviam à realidade do que estava acontecendo na selva circundante. Uma semana era: “Alfredo, ficou sabendo que queimaram a horta de Raimundo?”. Outra: “Intimaram Antonio a ir embora em uma semana”. Alfredo Eustáquio preferia pensar que estava sob a proteção dos santos, e continuava rezando seu rosário. As coisas sempre tinham corrido bem para ele, e não havia razão para que mudassem tão drasticamente. No fundo, estava agindo como um doente desenganado que se nega a aceitar a gravidade de seu estado.

Tinha planos ambiciosos para os filhos mais velhos. Sua primogênita Rosa, que tinha então 15 anos e cuja beleza havia transformado na atração da região, estava aprendendo a ler e escrever. Nos fins de semana ia, com outros filhos de seringueiros, a uma colocação vizinha onde o filho de um amigo de seu pai dava aula para as crianças. Em uma clareira no meio da floresta, Chico Mendes lhes ensinava o alfabeto como um dia seu mestre Euclides Távora lhe havia ensinado. Ensinava-os a ler, a escrever e principalmente a contar, para que um dia pudessem contestar as contas do patrão. Uma de suas alunas era uma menina de 7 anos, cabelo preto e sorriso resplandecente. Chamava-se Ilzamar e era filha de um seringueiro amigo seu. Dez anos depois, ele se casaria com ela.

Alfredo havia ensinado seus outros filhos a trabalhar a terra com a intenção de que um dia decidissem estabelecer-se por conta própria como colonos. Para um seringueiro sujeito às regras do patrão, o fato de seus filhos poderem ser independentes e donos do próprio destino representava uma melhora notável. Além disso, terra era sempre terra, e era possível viver do que se produzia. A borracha, porém, estava sujeita às flutuações do mercado.

Todos esses sonhos e planos de futuro chegaram a um abrupto final no dia em que os encarregados voltaram ao seringal. Sempre com modos requintados, convocaram Alfredo ao escritório do dono na casa do antigo seringalista. Alfredo fora lá uma vez para pedir ao doutor Andrade um adiantamento para enfrentar uma epidemia de febre tifoide. Andrade lhe havia adiantado a soma

necessária para os remédios.

Dez anos depois, voltava ao mesmo barracão, mas com o coração apertado, porque temia que a visita não fosse tão boa como da vez anterior. Todos aqueles jagunços na entrada da casa e nos caminhos não pressagiavam nada de bom. O dono, ou melhor, seu representante (porque o verdadeiro dono, segundo soube Alfredo, encontrava-se em São Paulo), estava sentado em seu escritório na varanda. Um homem de terno e bigode fino estava a seu lado; era o advogado. Nenhum dos dois se preocupava em disfarçar o volume das armas sobressaindo nos flancos. Apesar de todo esse ambiente de violência sub-reptícia, Alfredo foi recebido com uma cordialidade que o confundiu. A mistura de intimidação e simpatia era infalível para obter qualquer concessão por parte dos seringueiros. Os proprietários sabiam que eram muito ingênuos e inocentes, que estavam muito embrutecidos pelo medo e o isolamento para oferecer algum tipo de resistência tenaz.

Por um momento, Alfredo pensou que iam lhe oferecer trabalho, que lhe dariam um burro ou algum tipo de recompensa. Quase acertou. Ofereceram-lhe abandonar sua colocação em troca de 15 mil cruzeiros, o que ao câmbio de 1992 equivalia a 150 dólares. Alfredo nunca vira essa quantidade de dinheiro junta, e se impressionou. Sabia que não tinha noção de dinheiro além das contas mais elementares, e embora tivesse vontade de aceitar porque detestava dizer não, conteve-se. Quando o advogado lhe entregou uns documentos pelos quais o seringueiro se comprometia a renunciar a qualquer reclamação sobre sua colocação, Alfredo Eustáquio, apesar de sua inocência, negou-se a assinar. O mesmo sentimento surgia cada vez que enfrentava a possibilidade de se afastar de sua terra. Era algo irracional que não conseguia dominar. Era mais forte que o medo. Sabia que estava correndo um dos maiores riscos de sua vida negando-se a fazer um X naquelas folhas de papel. Mas nem sequer pensou nisso. Aqueles cruzeiros podiam ser muito dinheiro, mas sua colocação era toda a sua vida. Em um segundo, passaram-lhe pela mente as recordações de todas as privações que tivera que passar para chegar até ali: a fome no sertão, a fome nas ruas de Manaus, a fome durante a Batalha da Borracha, quando os alimentos faltavam. Sabia muito sobre a pobreza para não adivinhar que no fim desses 15 mil cruzeiros o esperariam mais privações ainda. Fome, malária, miséria. Conseguira romper esse círculo ao obter a colocação de Andrade. Ali sempre fizera o que os patrões exigiam. Mais ainda: transformara seu pedaço de selva em uma horta que beneficiava toda a comunidade. Se não lhe restasse outro remédio a não ser

enfrentar os patrões, estava disposto a isso, apesar de ser algo inconciliável com sua natureza pacífica.

Os dois homens tentaram argumentar com Alfredo, mostraram-lhe um monte de documentos assinados pelos outros seringueiros que povoavam a região e que haviam aceitado o trato, contaram-lhe que logo a selva não existiria mais e que em seu lugar viveriam e cresceriam imensos rebanhos de bois. “No dia em que chegarmos com as escavadeiras ao limite da sua colocação, não venha chorando pedir os 15 mil cruzeiros. Vai ser tarde demais”, disseram, irritados com aquele homem que se agarrava a seu pedaço de selva como um carrapato à pele de um cachorro. Alfredo se limitou a responder que primeiro consultaria sua família. Os homens não podiam acreditar. Estavam acostumados àqueles que abandonavam o barracão com um suspiro de alívio por terem saído vivos e com dinheiro da conversa com o patrão. Mas esse estava criando caso. Era o cúmulo. Prosseguiram por um tempo aplicando o método da cenoura e do burro, e lhe ofereceram até uma permuta de terras. Alfredo limitou-se a se comportar o mais corretamente possível para sair vivo daquele lugar. Deixou abertas as opções de permuta de terras, bem como a oferta de dinheiro, porque um seringueiro não podia negar categoricamente os pedidos do patrão, mas, no fundo, estava ganhando tempo para sair dali. O medo o fazia sentir as batidas de seu coração, que pareciam dizer: “Não, não, não”, cada vez que seus interlocutores voltavam ao assunto da colocação.

No fim, os dois homens lhe deram um prazo de quatro semanas para aceitar qualquer uma das ofertas. Acrescentaram que dali em diante estaria proibido de plantar em sua horta. Ameaçaram destruir suas plantações se persistisse. Explicaram que um pobre seringueiro não seria obstáculo para os planos da fazenda. Na linguagem da Amazônia, aquilo equivalia a uma ameaça direta contra sua vida caso persistisse em sua atitude negativa.

*

– Não assinem nada – dizia Chico aos seringueiros que se congregavam à sua volta. – Não cedam seu direito de posse por 15 mil cruzeiros, com os quais não vão poder comprar nem um barraco em Rio Branco. Esta terra é de vocês. É uma questão de vida ou morte para vocês. Para todos nós! Quando a transformarem em dinheiro, vão perder a possibilidade de sobreviver. Terra é vida!

Chico se desesperava. A agressividade dos novos compradores havia provocado um verdadeiro êxodo de seringueiros aterrorizados para os subúrbios

de Rio Branco. Outros fugiam para a Bolívia, onde eram vítimas dos abusos dos seringalistas locais, que se aproveitavam de sua situação de ilegalidade. Aqueles que desafiavam as ordens dos novos donos ou que não aceitavam suas ofertas, como Alfredo Eustáquio, viviam no terror de ser aniquilados a qualquer momento.

Os seringueiros estavam perplexos diante daquela inesperada invasão que estava destruindo tudo. As laterais da BR-317, que ligava Rio Branco a Xapuri, estavam se transformando em uma paisagem apocalíptica: troncos de árvores negras cobriam uma superfície que parecia ter sido bombardeada. Em sua ânsia de transformar a selva em pasto, os paulistas não haviam hesitado em usar napalm. Era a maneira mais rápida de desmatar, e embora a terra ficasse inutilizada pelos próximos anos, isso lhes permitia receber antes as subvenções e podar pela via tradicional outro lote de sua propriedade. O solo, sem manto de vegetação que o protegesse das chuvas, ficava inundado, e em suas poças nauseabundas flutuavam animais mortos, galhos calcinados e todo tipo de detrito. Exalava um cheiro fétido, misto de fumaça, umidade e morte. As águas estancadas transformavam-se em caldo de cultura para o Anopheles, mosquito transmissor da malária. O aumento dos casos dessa doença foi um dos primeiros sinais do “progresso” que se supunha que chegaria ao Acre.

Chico Mendes e seus colegas pouco podiam fazer para resistir à invasão. Sozinhos e sem ajuda externa, o que estava acontecendo com os seringueiros do Acre parecia mais um genocídio que uma reconversão econômica. A única esperança estava onde sempre os pobres da Amazônia a haviam buscado: na Igreja. Mas seus membros também estavam perplexos e com dúvidas sobre o caminho a seguir. Os padres Paulino e Pacífico lutavam para que os seringueiros ficassem em suas terras. Outros, como o padre Carneiro, outrora tão militante, haviam se colocado do lado dos novos proprietários. Nada mudou até a chegada de um homem que se tornaria símbolo de justiça e em quem todos os desapossados do Acre depositariam suas esperanças.

******** O direito de posse é reconhecido pela lei brasileira desde 1850. (N. A.)

********* O registro de propriedade no Acre é chamado Livro 3. (N. A.)

17

Aparentemente, não havia pessoa menos indicada para o cargo que aquele brasileiro que em São Paulo havia sido superior provincial da Congregação dos Servos de Maria. Alto, levemente encurvado, de olhos verdes e pele clara, tinha um sorriso de criança e um olhar que inspirava bondade. Usava calças de algodão, camisa de manga curta e sapatos de pano, e sua única bagagem era uma pequena mala para realizar a missão mais importante de sua vida: Moacyr Grechi acabava de ser nomeado bispo da Diocese do Acre e Purus, um território de 106 mil quilômetros quadrados, maior que Portugal. Ia tomar posse da paróquia de Rio Branco, passo anterior à sua promoção a bispo.

Ele nascera em 19 de janeiro de 1936, no seio de uma família descendente de italianos assentada no Sul do Brasil desde início do século. Haviam transformado a cidade de Turvo, cercada de terras ricas e férteis, na capital sul-americana da agricultura mecanizada. Seu pai era um comerciante próspero, e um dos seus irmãos havia herdado dos tios o maior supermercado da cidade, ao passo que o outro trabalhava no banco. A família era também proprietária da emissora de rádio local, bem como da companhia de ônibus, e gozava de grande prestígio entre a população desde os tempos em que o avô doara um terreno para erguer a igreja.

Mais velho de três irmãos, Moacyr nunca quisera dedicar a vida a perpetuar a prosperidade familiar. Desde a mais tenra infância sentia uma forte vocação religiosa, e jamais quisera fazer algo diferente na vida. Sentia uma profunda necessidade de ser útil aos outros, talvez porque desde criança ouvira as histórias dos missionários que iam e vinham de Turvo, sede da Congregação dos Servos de Maria. Um deles lhe causaria uma forte impressão: o padre José Carneiro de Lima, que voltava das distantes selvas do Acre cada vez que adoecia de malária. Levava fotos da selva impenetrável, dos seringueiros e dos índios que a povoavam. Nenhuma criança da cidade escapava à fascinação que suscitavam essas histórias de terras virgens, de animais selvagens e epopeias sobre-humanas. Naqueles dias, Moacyr começou a sonhar em ser um missionário como o venerado padre Carneiro. Todo mundo na cidade sabia que o padre Carneiro havia sido expulso do território por ter apoiado as reivindicações de um grupo de seringueiros. Alguns não hesitavam em tratá-lo como comunista. Moacyr o

considerava um herói, e sempre que podia era coroinha em suas missas.

Embora tivesse frequentado a escola pública porque seu pai era profundamente anticlerical, em 1949, quando concluiu os estudos primários, pediu para entrar no seminário. O pai teria preferido que ele trabalhasse em uma das empresas da família, ou que seguisse a carreira militar, mas o pequeno Moacyr, com a ajuda da mãe, conseguiu entrar no Colégio de Santa Catarina, que pertencia à Congregação dos Servos de Maria, uma ordem italiana fundada no século XIII, quando sete aristocratas tinham renunciado à fortuna para se dedicar aos pobres. Aos 13 anos, o pequeno Moacyr entrava no mundo da congregação que sempre sentira como seu, porque a cidade inteira estava impregnada de sua presença. O estudo profundo do Evangelho confirmou sua vontade de dividir a sorte dos desfavorecidos. Mas, em 1961, quando terminou o seminário, sofreu uma grande decepção por não poder iniciar a vida de missionário. Os problemas de saúde que arrastava desde a infância – tinha asma – fizeram que seus superiores reconsiderassem a ideia de mandá-lo a uma das missões amazônicas da ordem, e, em vez de mandá-lo ao Acre, remoto e subdesenvolvido, mandaram-no a São Paulo, a cidade mais moderna do Brasil, sua capital industrial. Milhões de italianos haviam se estabelecido ali no final do século XIX. Milhões de japoneses também, ao longo do século XX. Milhões de brasileiros do Nordeste continuavam lotando suas periferias gigantescas. A população passara de 1 milhão em 1940 a 5,2 milhões em 1970, e São Paulo acabaria sendo a maior cidade do continente sul-americano no final dos anos 1980, com mais de 10 milhões de habitantes. Naquela época, as companhias multinacionais estavam se estabelecendo, criando uma selva de asfalto com arranha-céus que rivalizavam, se não em beleza, pelo menos em altura, com os de Nova York.

PARA AJUDAR ESSA POPULAÇÃO RURAL a sobreviver no caos urbano, um religioso da Congregação dos Servos de Maria, o padre Domingos Barbé, que acabaria tendo uma influência decisiva sobre o jovem Moacyr, havia empreendido a titânica tarefa de organizar as comunidades eclesiais de base (CEB).********* Como os primeiros cristãos que trabalhavam em comunidade, as CEBs se reuniam periodicamente para ler o Evangelho e assumir conjuntamente as lutas essenciais para a sobrevivência ou a simples melhora das condições de vida: a luta para conseguir água potável, para o ambulatório médico, para o esgoto, a luta para se opor à violência policial do regime militar. Todas as gerações estavam representadas nesses grupos em que existia um mínimo de estrutura comunitária:

uma caixa comunitária, um programa anual e mensal, assembleias gerais regulares, várias reuniões semanais. As tarefas religiosas (sacramentos, celebrações) eram assumidas por laicos, encarregados também das chamadas tarefas de promoção humana. A prática acabava revelando quais eram os dons de cada um. A leitura do Evangelho, em grupo, fazia as vezes de verdadeiro psicodrama. Homens e mulheres muito humildes, com tendência a se subestimar, reconheciam-se no aduaneiro, no doente, no ladrão crucificado com Jesus Cristo, na mulher adúltera, e isso lhes devolvia a esperança porque compreendiam que os pobres das Escrituras eram gente como eles. Das CEBs, pilar do que passou a se chamar a Teologia da Libertação, surgiram milhares de líderes populares que viam na Igreja a única organização com autoridade suficiente para se fazer ouvir nos meandros do poder. Dom Moacyr acabaria sua formação religiosa na época em que a Igreja do Brasil se transformava no único espaço que os pobres tinham para se expressar.

Essa brusca mudança do papel da Igreja, tradicionalmente aliada ao poder, fora promovida por um grupo de católicos que queriam deter a perda de influência, constante desde o final da Segunda Guerra Mundial, a ponto de pôr em risco sua existência como instituição poderosa. De alguma maneira a Igreja havia perdido contato com o povo, que encontrava nos grupos políticos de esquerda e nas seitas protestantes uma resposta mais adequada a sua imediata necessidade de salvação.

À questão de como continuar sendo cristão em um mundo capaz de engendrar tais horrores, originada depois da Segunda Guerra Mundial, os religiosos de América Latina responderam: “Ser cristão significa lutar por um mundo melhor”. Sentidos e escandalizados pelo sofrimento e pela injustiça, os teólogos se voltavam para Ele, que havia assumido o sofrimento e que havia se comprometido a aliviar a dor dos outros. Em meados do século XX, teólogos latino-americanos como Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff lançaram a ideia de que a Igreja devia quebrar seu tradicional vínculo com a classe dirigente e adotar um papel mais progressivo na sociedade, aproximando-se da Igreja primitiva. Só assim poderia recuperar a voz diante do povo. Recordou publicamente que os Apóstolos haviam sido apenas modestos pescadores da Galileia, e que Jesus Cristo escolhera viver na pobreza.

Esses esforços dos religiosos latino-americanos, que corriam o risco de ser vítimas da repressão por suas ideias (como dom Hélder Câmara, arcebispo do Recife, importante figura pioneira que se rebelou contra as ações do

governo),******** obtiveram um forte respaldo em 1962 durante o Concílio Vaticano II. Mas foram principalmente os 130 bispos reunidos em Medellín (Colômbia) em 1968 que mudaram a história da Igreja latino-americana. Incentivados pela presença do papa Paulo VI, que havia denunciado em sua encíclica *Populōrum progressio* a concentração de riqueza nas mãos de alguns privilegiados às expensas da grande massa de seus concidadãos, bispos de todo o continente assumiram uma "opção preferencial pelo pobre", e se comprometeram a fazer os esforços necessários para fomentar a educação como meio de chegar a uma verdadeira libertação do indivíduo. Retornava-se, assim, à tradição de religiosos como o padre alemão Fritz, que no século XVI caminhou por toda a Amazônia para socorrer os índios e protegê-los dos abusos dos colonizadores, pagando sua devoção com a prisão. Ou o frei dominicano Bartolomeu de las Casas, a personalidade mais relevante e influente na defesa da causa dos índios, que denunciou perante o rei os horrores da Conquista e escreveu que Jesus Cristo não viera ao mundo para morrer pelo ouro.

*

Ao acompanhar o padre Barbé nos fins de semana pelos arredores de São Paulo, o jovem Moacyr pôde ver de perto a outra face da industrialização: a escassez e a desesperança. Mas, em vez de transformar sua indignação em militância ("Era tanta a necessidade e tão poucos os meios para aliviá-la!", diria), refugiou-se cada vez mais na oração, juntando-se às preces dos ocupantes daquelas favelas. "Era minha maneira de compartilhar o sofrimento dos favelados, que eu comparava ao de Jesus Cristo crucificado." Bem quando acalentava a ideia de entrar em um mosteiro, a congregação, não podendo se dar ao luxo de prescindir de um dos seus mais valiosos elementos,******** nomeou-o superior provincial com sede em São Paulo. Moacyr achava que era uma responsabilidade muito grande, mas teve que aceitar o cargo. O bom andamento dos assuntos internos da congregação passava a recair em suas costas.

Como superior provincial, começou a viajar para o Acre com frequência. A Congregação dos Servos de Maria gozava de muito prestígio e respeito entre a população. Sua presença no Brasil remontava a 1920; chegou para acompanhar os imigrantes italianos que iam à Amazônia. As primeiras pistas de pouso, as primeiras estradas, as primeiras enfermarias, o primeiro e único leprosário******** foram construídos pela congregação, única força

civilizadora naquele território, muito à frente do governo. Em tempos em que não havia estradas nem táxis aéreos, o DC-3 da Igreja cortava os céus para o transporte de urgência. O atrito da congregação com os poderes públicos foi uma constante na história do Acre, e pressagiava o que em décadas sucessivas se transformaria em aberto enfrentamento. Na época em que Moacyr Grechi era superior provincial, dom Giocondo, bispo do Acre, havia sido ameaçado várias vezes por defender os seringueiros. Crítico para com os especuladores paulistas, aquele homem querido pelo povo morreu aos 43 anos em um acidente aéreo. Os seringueiros acharam que seu bispo havia sofrido um atentado, mas nunca puderam prová-lo.

Moacyr Grechi estava em São Paulo quando ouviu pela primeira vez o rumor de que pensavam nele como sucessor de dom Giocondo. Achou que não podia ser. Era muito jovem e, acima de tudo, nunca havia mostrado interesse nisso. Mas o rumor continuou circulando. Cada vez que encontrava alguém que chegava de Turvo ou de Roma, confirmava o rumor. Agoniado com seu trabalho de superior da ordem, só pensava em se retirar para um mosteiro. A possibilidade de enfrentar uma responsabilidade ainda maior mergulhava-o na angústia: “Não me sentia chamado para esse tipo de ministério. Eu tinha vocação de frade, não de bispo”, contaria anos depois. “Eu me sentia chamado para a vida de mosteiro, exclusivamente para isso”. Mas nem seus superiores na ordem nem a hierarquia de Roma pensavam como ele.

Tirou alguns dias para refletir e pensar no assunto. Sabia o que estava acontecendo no Acre e não se considerava um combatente de primeira linha. Por que eu?, perguntava sem parar. Seu trabalho como superior provincial, tão eficaz, havia convencido a direção de que ele poderia assumir o bispado. Seu caráter bonachão lhe havia granjeado o apreço dos padres e irmãs da congregação. Eram eles que o queriam como bispo. Saber de antemão que os missionários o aceitariam e que o ambiente seria bom era um argumento de peso que minorava muitas das dificuldades a enfrentar. Tinha realmente direito de ignorar isso?

Moacyr consultou seu amigo Domingos Barbé: “Eu o considerava um santo, um homem que não ia mentir para mim”. O padre Barbé o aconselhou a aceitar: “Ele achou que era importante que eu aceitasse porque sabia que eu tinha sensibilidade para com os pobres e porque isso podia ajudar a Igreja”. Aquele aval lhe deu confiança em si, o suficiente para que o peso de sua angústia diminuísse. Mas, no fundo, ainda acalentava a esperança de que nomeassem

outro.

Durante uma viagem a Roma, recebeu uma carta secreta pedindo que se apresentasse ao cardeal da congregação.

Moacyr tentou um último argumento para evitar ser nomeado bispo. Confessou ao cardeal que se sentia muito novo para assumir uma responsabilidade de tamanha envergadura: “O cardeal me respondeu que Jesus Cristo havia concluído sua missão aos 33 anos. Eu tinha 36”.

Moacyr voltou a Turvo, sua cidade natal, para concluir os preparativos da nova instalação. As modernas plantações de arroz, feijão e café, as estradas em perfeito estado e até a própria cidade, limpa e bem urbanizada, fizeram-no recordar a imensidão do Brasil. Essa região estava desenvolvida e o clima era suave. O Norte e o extremo Oeste eram selvagens, atrasados, úmidos e quentes. Era estranho pensar que Santa Catarina e o Acre pertenciam ao mesmo país. Eram dois mundos em uma mesma nação. E a ele caberia ficar no meio, atraído por direções opostas.

No dia de sua partida para o Acre recebeu a visita de seu primo, dez anos mais novo, que acabava de concluir o seminário. Juntos, recordaram um incidente ocorrido alguns anos antes e que havia estreitado seus laços de afeto. Uma noite, Moacyr voltava para sua casa caminhando quando ouviu os gritos de uma criança atrás do muro de um curral. Era seu primo; havia caído do telhado enquanto brincava e ninguém o ouvia chorar. Estava com o punho quebrado e gemia havia várias horas. Moacyr o pegou no colo e o levou para o hospital. A partir de então, o menino lhe mostrou uma gratidão e uma admiração sem limites. Sentindo uma precoce vocação religiosa, seguiu os passos do primo. Como Moacyr, também ele quis se tornar missionário. Assim como o primo, havia feito o seminário no Colégio de Santa Catarina e se preparava para estudar teologia no Rio de Janeiro. Seu nome tinha ressonâncias bíblicas que combinavam muito bem com sua vocação: Gílson Pescador. Alguns anos depois, ambos se encontrariam no Acre e se veriam arrastados pela força dos acontecimentos. Tornar-se-iam atores de um drama que não poderiam evitar e que mudaria profundamente suas vidas.

*

Quando já parecia que Chico Mendes podia cuidar da própria vida porque o sistema dos seringais estava desmoronando, permitindo a muitos seringueiros

tornar-se independentes do domínio dos patrões, a invasão dos paulistas e sua encarniçada perseguição de seringueiros o obrigou a dedicar-se de novo à missão que parecia ser seu destino: tirar sua comunidade da situação de injustiça em que se encontrava. Não era tarefa simples para um homem praticamente sozinho, que sonhava sair da selva e estudar, assim como alguns dos seus colegas haviam feito.

O vínculo que o unia a sua comunidade era o eixo em torno do qual girava sua vida. Sempre havia sido assim, e continuaria sendo no futuro. Essa dedicação de corpo e alma a sua causa o absorvia demais e não lhe permitia ter uma vida privada estável. Seu primeiro casamento, com Maria Eunice Feitosa, filha de uns camponeses que moravam perto de Xapuri, ressentiu-se disso. Sua mulher não entendia que Chico preferisse perder tempo todos os fins de semana na selva em vez de ficar com ela e com sua filhinha, Angela. Nem as histórias de seringueiros expulsos a comoviam, nem as tentativas de resistir às expulsões lhe interessavam. Teria preferido mil vezes que seu marido fosse motivado pela vontade de prosperar que pela de defender os outros. Por mais que Chico lhe explicasse que estava comprometido com uma luta que logo daria frutos, que para um seringueiro como ele era a única maneira de ter uma vida melhor, Eunice não o ouvia. Estava farta de esperar na colocação a volta de um marido que desaparecia durante dias, às vezes sem avisar. Ainda se voltasse com dinheiro, entenderia. Mas Chico voltava com o estômago tão vazio quanto os bolsos, cansado de caminhar pela selva tentando organizar os colegas. Segundo seu irmão Zuza, Chico percebeu logo que nunca poderia dar-lhe a vida que ela desejava. Eunice, por sua vez, chegou à conclusão de que seu marido era um sonhador empedernido, que jamais conseguiria nada. Portanto, deixou de se preocupar com ele. Um ano depois do casamento, Chico achou que seria melhor se separar. Como nenhum dos dois dispunha de meios para criar a filha, deixaram-na na casa de uma tia em Xapuri. Todos os fins de semana Chico iria visitá-la, deixaria dinheiro e passaria umas horas com ela.

Pouco depois da separação, Chico recebeu a notícia de que toda a sua família havia contraído malária, até os irmãos menores, que tiveram de ser internados no hospital. Francisco, seu pai, descuidando da saúde, continuou trabalhando. Conseguiu fazer baixar a febre, mas pouco depois começou a sentir falta de ar, e sua respiração se transformou em um estertor contínuo. Chico o levou ao hospital de Rio Branco. A capital do estado do Acre refletia as profundas transformações que estavam ocorrendo em todo o estado. A cidade estava

invadida por seringueiros que se amontoavam em favelas ao longo do rio. Chico ficou surpreso com a amplitude do êxodo. Havia muitos edifícios em construção, e um ambiente caótico que contrastava com a aprazível apatia que caracterizava a cidade no passado. No hospital, depois de esperar horas antes de serem atendidos, o diagnóstico foi fatal. A velha maquinaria de Francisco Mendes não tinha conserto. Chico decidiu levá-lo ao pequeno hospital de Xapuri, onde ficaria cercado do afeto de todos os que o conheciam.

Logo teve que voltar a sua clareira para continuar trabalhando e arranjando dinheiro. As distâncias eram tão grandes que, para quebrar o isolamento, os seringueiros utilizavam os aparelhos de rádio, não só para ouvir notícias do mundo como também para ouvir a Rádio Seringueiro, um serviço de notícias locais e de mensagens que havia se tornado indispensável. Pelas ondas de rádio, os missionários que partiam em turnê pela selva anunciavam suas visitas, o que permitia aos seringueiros espalhados reunir-se para a ocasião. A Rádio Seringueiro também transmitia mensagens pessoais: “Chico Mendes, esteja perto da Colocação Paraíso na manhã do dia 12 de junho, porque seu primo Raimundo vai passar para lhe entregar o dinheiro”. Chico foi pontual. Era obrigado a pedir dinheiro aos amigos e parentes para bancar os gastos da doença do pai. Conversou um pouco com Raimundo e depois seguiu seu caminho para Xapuri, onde esperava passar um fim de semana com o pai. Outra mensagem, porém, frustraria sua corrida contra o tempo: “A Rádio Seringueiro anuncia a morte de Francisco Mendes no hospital de Xapuri. Tinha 62 anos de idade. Era de Viçosa, no Ceará, e trabalhava na colônia agrícola de Rio Branco. Pede-se a sua família que compareça ao hospital o mais breve possível”.

Chico se sentou um instante em um tronco úmido para se recompor de um golpe que não esperava tão cedo. Tinha 28 anos, e suas melhores recordações provinham do pai. No fundo, esperava que o velho durasse um pouco mais, só o necessário para chegar até ele e pegar sua mão. Mas o velho Francisco não pudera esperar. Devia ter pressa de se juntar à mulher a quem tanto havia amado. Sempre dizia que a encontraria no céu, porque “todos os pobres vão para o céu”, segundo o Evangelho no qual acreditava piamente.

Chico Mendes ficou sozinho, sem pais, sem mulher, sem futuro. Sozinho no meio de uma terra que ardia como o inferno. Naquele momento, queria estar no lugar dos pais, para se poupar dos sofrimentos da vida de sacrifício e de luta que o esperava. Mas era muito jovem para desistir. A luta estava apenas começando. Ao recordar as histórias de santos e de mártires que o pai lhe contava quando

pequeno, sentiu com mais intensidade que nunca que seu lugar era ali mesmo, junto aos seringueiros perseguidos. Junto aos que precisavam dele.

******** Em 1981, havia 80 mil CEBs em todo o Brasil. (N. A.)

******** Hércules, o maior escaravelho do mundo. (N. A.)

******** Em 1988, no Brasil havia 11 mil padres para 120 milhões de habitantes. Metade deles era estrangeiros. (N. A.)

******** Em 1960, o Acre apresentava um dos maiores índices de leprosos do mundo. De cada mil habitantes, dezesseis eram leprosos. Hoje em dia, continua sendo o lugar com maior número de leprosos do Brasil. A palavra “leproso” é considerada uma ofensa, de modo que se usa “hanseniano”, do bacilo de Hansen, causador da doença. (N. A.)

18

Enquanto o avião perdia altitude, Moacyr Grechi pôde ver que, desde sua última visita, a selva em volta de Rio Branco havia sido cortada, assim como a beira das estradas de acesso à cidade. O padre Pacífico, da paróquia de Rio Branco, recebeu-o no aeroporto e o conduziu à diocese. Era um dia de janeiro de 1972. Deram uma volta pela cidade, passando primeiro pela parte baixa, onde ficava o mercado, junto ao rio. Passaram pela praça Plácido de Castro, onde ficava o Hotel Chuí, o mais solicitado pelos compradores e homens de negócios do Sul. No bar do Chuí encontrava-se, ao entardecer, a sociedade de Rio Branco. Latifundiários, pistoleiros, cientistas de passagem, trabalhadores de entidades de ajuda humanitária olhavam-se de soslaio enquanto bebiam um copo de cerveja Antarctica.

A seguir, pegaram uma ruazinha estreita onde lhe mostraram o Tribunal de Justiça e a Corte Suprema do Estado, um pequeno e capenga edifício cuja localização refletia fielmente o papel dessas instituições na sociedade amazônica. Os demais edifícios também simbolizavam a distribuição do poder na região. Dominando a cidade, a imponente Catedral de Nossa Senhora de Nazaré, grande e luminosa, inspirada na Igreja de Santa Sabina, de Roma. Não muito longe erguia-se o Palácio do Governo, um edifício branco do início do século, com colunas gregas que davam para uma praça cercada de árvores tropicais e que rivalizava em tamanho com a catedral. Entre os dois, estrategicamente situada, encontrava-se a diocese, um casarão branco de dois andares, cercado de um pequeno jardim. Ali se instalou dom Moacyr, como começaram a chamá-lo, e imediatamente assumiu a paróquia.

Os padres Pacífico e Paulino, bons conhecedores da selva, foram os primeiros a lhe relatar o que estava acontecendo no interior do território. Dom Moacyr ouvia com certo ceticismo: “Eu era bastante insensível aos problemas sociais, embora, naquele momento, achasse o contrário. Era mais fácil eu dar uma esmola que questionar as causas reais da pobreza e como acabar com ela. Faltava-me a visão da injustiça. Isso foi algo que aprendi aqui. O povo tinha confiança em mim, talvez por conta da tradição dos bispos precedentes, e pediam que se fizesse alguma coisa; mas eu não queria tomar partido, não queria me comprometer”.

Certo dia, um grupo de pessoas bateu à sua porta para dizer que tinha amigos e parentes presos no Seringal Iracema, que estavam sendo ameaçados de morte e que sofriam maus-tratos. “Não acreditei totalmente”, contaria o religioso. “Eu tinha um preconceito fortemente ancorado contra os nordestinos. Sustentava a ideia, infelizmente muito difundida no Brasil, de que o nordestino é vagabundo e não gosta de trabalhar. Mas, diante da insistência das esposas, dos religiosos e das religiosas que me rogaram intervir, concordei.”

Dom Moacyr falou com o secretário de Segurança, que lhe sugeriu que fosse até a propriedade para verificar o que estava ocorrendo. O secretário compartilhava a mesma opinião sobre os nordestinos: “Uns vagabundos que só pensam em reclamar”. Aquele convite feito de maneira tão natural tranquilizou Moacyr Grechi. Esperou algum tempo; depois insistiu de novo, uma vez, duas vezes, até que o secretário lhe comunicou que podia fazer a visita prometida.

A primeira surpresa de dom Moacyr foi saber que fariam a viagem no barco do patrão. A segunda foi que o doutor Vilela, o proprietário, os esperava à chegada a sua fazenda. “Ele me chamou de Eminência, que é o tratamento que se dá aos cardeais, e eu ainda não havia sido designado bispo. Ofereceu café, biscoitos, levou-nos a cavalo por suas terras antes de nos levar a sua casa. Ali, vi uns peões jogando futebol. Fui até eles: ‘Vocês mandaram me chamar?’. ‘Não’, responderam. ‘Achei que vocês eram prisioneiros aqui’, disse a um dos peões, que se limitou a dar de ombros antes de dar um pontapé na bola. Voltei-me para o secretário, que sussurrou: ‘Viu só? Não gostam de trabalhar!’.

“Na fazenda, estavam assando um porco-do-maro para o jantar. O doutor Vilela me garantiu que seus empregados não precisavam de nada, e disse para eu verificar por mim mesmo: ‘O senhor é pastor, é bom que conheça seu rebanho a fundo’, disse. ‘Vá dar uma volta por aí e pergunte.’ Foi o que fiz, mas não imediatamente; esperei o anoitecer. Fui aonde moravam as famílias. Na metade do caminho, ouvi alguém me chamar entre as árvores. Aproximei-me. Havia uns trinta homens escondidos e assustados. Contaram-me que a partida de futebol havia sido uma farsa. Contaram-me que ficavam trancados, mostraram-me sinais de tortura, enormes cicatrizes nas costas e nas coxas. Eram verdadeiros escravos. Estávamos em 1971.”

Moacyr Grechi chamou o secretário de Segurança e obrigou os peões a contar tudo de novo. Nunca soube se o tecnocrata era conivente com o doutor Vilela ou se realmente estava indignado por ter sido enganado pelo fazendeiro. O assunto

saiu na imprensa local, e a fazenda de Vilela foi “libertada”.

“Eu estava diante de uma escolha clara: ou assumia a causa dos pobres ou negava minha missão e minha própria fé”, confessaria mais tarde. “Durante meus passeios pelos bairros mais miseráveis de Rio Branco, comecei a perceber coisas que nunca havia visto. Um dia, descendo por um barranco cheio de barracos e de barro, vi uma choupana cercada de flores no meio de um quadro de miséria deprimente. O fato de aqueles pobres cultivarem flores sem ter nem o que comer me emocionou.”

Um ano depois de sua chegada a Rio Branco, celebrou-se na Catedral de Nossa Senhora de Nazaré uma missa solene de ordenação episcopal. Três bispos leram a bula oficial do papa, pousaram as mãos nos ombros de Moacyr Grechi para lhe transmitir o poder apostólico e lhe entregaram a mitra, símbolo de que a Igreja o consideraria, dali em diante, um sucessor dos apóstolos. No mundo antigo, recordaram em seu sermão, o respeito pela transmissão da palavra de Deus era tanto que só o bispo podia pregar ao povo cristão. Aquela imensa responsabilidade cabia agora ao monsenhor Grechi perante o povo oprimido do Acre.

*

Um número cada vez maior de gente batia à porta da diocese. Já não se tratava de denunciar injustiças, mas de mães de família que iam pedir um pouco de arroz ou de feijão porque os filhos passavam fome. Logo foram chegando camponeses e principalmente seringueiros andrajosos, desgrenhados e famintos, com o olhar vazio e a pele colada aos ossos. Iam mendigar um trabalho, um pouco de comida, um lugar onde se alojar. Dom Moacyr não sabia como conter o êxodo do campo que em três anos faria a cidade passar de 31 mil habitantes a 150 mil. Concordava com os padres Pacífico e Paulino: era preciso ajudar os seringueiros a ficar em suas terras. A lei brasileira não lhes outorgava o direito de posse? Então, os três religiosos tiveram uma ideia tão simples quanto brilhante: publicar um livreto explicativo dos direitos fundamentais dos seringueiros. Intitularam-no Catecismo da terra, e a obra se transformou em uma verdadeira arma de paz à disposição de todos os que estavam ameaçados de expulsão.

Esse livreto, que explicava claramente cinco questões sobre o direito de propriedade, foi recebido como o maná por todos os seringueiros e os que viviam ligados à sua sorte. Não só dispunham de uma mínima orientação sobre

seus direitos, como também sentiam-se apoiados pela Igreja, o que constituía um importante aval moral. Até os analfabetos como Alfredo Eustáquio fixaram o livreto na parede da choupana e o mostravam aos proprietários ou a seus representantes, dizendo que não sairiam dali porque a lei os protegia.

OUTRA MEDIDA DO MONSENHOR GRECHI foi pedir à direção da ordem mais missionários para organizar comunidades eclesiais na selva, base do trabalho de evangelização. Pedir padres era sempre problemático, por conta da escassez de vocações, que contrastava com a imensa necessidade de sacerdotes que havia em todo o Brasil, mas, ainda assim, conseguiu que seu amigo Otávio Destro, vice-provincial de São Paulo, fosse para lá. Pouco depois, chegaria um italiano de uns 30 anos chamado Claudio Avelline. Os dois padres pegaram os caminhos da selva e navegaram por seus rios para conhecer os problemas de perto. Chegaram a lugares onde fazia mais de dez anos que ninguém passava. Encontraram seringueiros cativos, cujo nível mental era tão baixo que beirava a subnormalidade. Descobriram que a área mais conflituosa do Acre eram os arredores de Xapuri, lugar preferido pelos novos proprietários. Ali encontraram um jovem seringueiro que se dedicava a alfabetizar os filhos dos colegas e que estava tentando organizar algum tipo de resistência. Chico Mendes, junto com um reduzido grupo de seringueiros, havia começado um movimento contra as expulsões. Algumas das terras abandonadas eram ocupadas por uma comunidade que, pouco a pouco, atraía outras famílias para ocupar o resto. Quando a polícia chegava para desocupar a fazenda, a comunidade se reagrupava e ocupava outro terreno. Essa estratégia havia dado um resultado precário, porque eram ações isoladas. Faltava mais alguma coisa para assentar os alicerces da luta.

Quando Chico viu pela primeira vez a silhueta miúda e magra do padre Claudio Avelline, que, como os profetas da Antiguidade, usava uma barba longa e uma batina branca, sentiu que algo estava prestes a mudar nas selvas do Acre. O italiano Claudio Avelline era o protótipo do intelectual europeu. Havia estudado música no Conservatório de Roma, até que compreendeu que a música não o preenchia. Sentia a necessidade de entregar a vida aos pobres, em particular aos que estivessem comprometidos com alguma luta de libertação. Tornou-se missionário. Com sua grande capacidade oratória, impressionava os fiéis dizendo que tudo o que estavam vivendo também Jesus Cristo havia vivido. E era capaz de prová-lo com a Bíblia na mão. Dizia que Jesus sabia como os patrões fazem as contas com seus empregados (Mateus 25:14),. como estes podiam ser açoitados (Lucas 12:47), como os desempregados passam o tempo

sentados na praça esperando ser contratados (Mateus 20:1), como Jesus Cristo também foi vítima de tentações (Mateus 4:1-11), como conheceu a fome, o cansaço, o calor e o frio, a vida sem segurança, as lágrimas, a tristeza e o medo (Mateus 26:37). Embora nunca tivesse perdido a fé, Chico Mendes havia se afastado da religião depois de sua relação com Euclides Távora. A iniciação ao marxismo lhe havia fornecido a maioria das respostas que explicavam o destino dos seringueiros. Uma pequena minoria oprimia uma grande maioria, e a economia do mundo se baseava nesse princípio de opressão. Mas eis que, no coração da selva, um padre o reconfortava falando de um personagem que havia sacrificado a vida em favor da comunidade à qual pertencia. “Seguir Jesus”, dizia o padre Claudio, “é estar disposto a assumir sua causa, estar disposto a suportar as perseguições que derivam disso, estar disposto a suportar a difamação e a desmoralização.” Chico Mendes não podia permanecer insensível diante dessas palavras. Havia nelas algo familiar, certo paralelismo entre aquela vida distante no tempo, mas tão próxima na essência.

O padre Otávio Destro, de São Paulo, era mais prático, mais ativo e menos dado a discussões teóricas. Filho de colonos, era uma pessoa forte e muito agradável. Havia sido vice-provincial da ordem, e uma grande amizade o unia a dom Moacyr. “Destro aceitava a posição da Igreja com entusiasmo”, contaria dom Moacyr. “Tinha uma grande capacidade de organização e uma ainda maior capacidade de suportar a hostilidade. Para não ofender ninguém, arcava com tudo.”

Claudio e Destro mudaram em pouco tempo a fisionomia da paróquia. Passavam dez, quinze, vinte dias na selva para constituir uma rede de grupos. “Subíamos pelo rio Xapuri”, recorda Destro. “Fazia seis ou sete anos que ninguém subia por ali. Meu Deus, em que solidão imensa vivia essa gente! Eu pensava: e se ficarem doentes, o que vai acontecer com eles? Estava impressionado. Eu estava de passagem, mas e os que ainda ficavam ali?”

Assim que chegavam, convocavam uma reunião e depois propunham a ideia do grupo, que geralmente era bem recebida. A seguir, perguntavam quem poderia ficar encarregado de ler o Evangelho e comentá-lo. Assim surgia, de maneira totalmente natural, o líder da comunidade. Os religiosos lhe entregavam um material muito simples: o *Catecismo da terra*, uma Bíblia e um boletim da Igreja versando sobre a maneira de organizar as reuniões. Um ano depois voltavam. Nesse intervalo, organizavam reuniões dos líderes em Rio Branco para informá-los sobre as diversas maneiras de manter as comunidades vivas e

animadas. As irmãs Carmen e Neuce, também de Turvo, os acompanhavam às vezes. A irmã Carmen se esforçava para ensinar as famílias a plantar mandioca, a criar uma cabra, um porco ou o que fosse, a fim de que permanecessem em suas terras.

Apesar da oposição de Carneiro, Claudio e Destro criaram noventa comunidades nos arredores de Xapuri. O ensinamento central era que a ordem social existente – poucos ricos e muitos pobres – não era vontade de Deus, e que, agindo juntos, os pobres poderiam mudar o sistema mediante a reforma agrária e a justiça.

*

Um ano depois de o monsenhor Grechi ser investido bispo, chegava ao Acre a última peça necessária para engendrar um movimento popular. Depois de uma viagem extenuante de ônibus proveniente de Brasília, um homem de 35 anos chamado João Maia, alto, de olhos azuis, cabelo preto e bigode, com um sorriso sempre nos lábios, desembarcou na estação de ônibus de Rio Branco. Era brasileiro, havia sido seminarista no Canadá e em Washington, e chegava com a missão de fundar sindicatos nas cidades do Acre. Era delegado de campo da Contag (Confederação de Trabalhadores da Agricultura), uma organização nascida em 1968 para erguer sindicatos rurais ou fortalecer os já existentes, sempre dentro de uma via institucional permitida pelo regime militar: “Era preciso ater-se à lei existente para que se aplicassem os aspectos sociais”, diria João Maia. “Era a única possibilidade de avançar.”

Maia se estabeleceu em Rio Branco em um pequeno edifício amarelo perto do centro: “Escolhi o Acre porque era uma região onde nunca havia existido um trabalho de sindicalização. A situação que encontrei era terrível. Eliminando a selva, destruíam-se as fontes de recursos dos seringueiros”.

“Quem realmente nos ofereceu apoio foi dom Moacyr. Emprestou-nos locais da igreja, salas paroquiais, às vezes a própria igreja para fazer as reuniões, deu todo o apoio moral que pôde e, acima de tudo, pôs à nossa disposição a estrutura das comunidades de base para que pudéssemos divulgar a ideia do sindicato”, contaria Maia.

Em comunidades onde queria se apresentar, o bispo anunciava a visita do sindicalista, dizendo aos seringueiros que seu objetivo era bom e que a Contag era de confiança. Recrutar gente era difícil; a maioria dos seringueiros tinha

medo. A ideia de que o patrão era o patrão era inamovível. E o patrão sempre tinha a polícia e o governo do seu lado. “Era preciso encontrar líderes que não tivessem medo de falar. Existe a teoria de que não se faz um líder; é preciso descobri-lo e aperfeiçoá-lo. Mas a única maneira de arranjar um líder era convivendo o máximo possível com as comunidades. Os grupos escolhem seus representantes. No fundo, as pessoas conhecem as qualidades de cada um.”

Durante três meses João Maia caminhou pelos seringais e pelas pequenas plantações levando em sua mochila o mínimo imprescindível. Sempre oferecia o mesmo discurso, dando especial ênfase aos pontos referentes ao direito de propriedade e de indenização. “Não paguem renda!”, dizia. “Como posseiros, vocês são os legítimos donos da terra! Se pagarem renda pelas estradas, estarão reconhecendo que a terra é de outro.” Chico não podia deixar de pensar em Euclides Távora, que havia previsto que os sindicatos chegariam, que seriam “amarelos” no início, ou seja, não independentes e manipulados e controlados pelo governo, mas que, ainda assim, era melhor unir-se a eles para fomentar suas ideias e fortalecer o movimento. Chico entendeu que essa era a sua missão, e que nunca mais se afastaria dela. Abandonou Xapuri para se mudar para o Km 35, um seringal junto à estrada para a Bolívia, perto da pequena cidade fronteiriça de Brasileia. Trabalhando ali, podia comparecer às aulas de formação sindical dadas por João Maia, que havia notado em Mendes qualidades únicas, como o fato de saber ler e escrever, ter conhecimentos teóricos e um especial talento para se comunicar com os outros.

Nessas aulas, que foram o núcleo de um amplo movimento que se espalharia por toda a região, Chico conheceu um seringueiro que se tornaria seu grande amigo, além de companheiro de luta. Era um gigante de 1,95 m, magro e ossudo, endurecido pelas privações, impressionante em suas convicções, uma pessoa sensata e moderada, com uma excelente disposição para o diálogo. Seu nome era Wilson Pinheiro. Originário do Estado do Piauí, quando pequeno havia emigrado para o alto Amazonas, onde se tornara seringueiro. Em 1970 liderou um protesto no seringal onde trabalhava, mas naquela região sem estradas nem planos de desenvolvimento imediatos como os do Acre, qualquer tentativa de rebelião era facilmente sufocada. Wilson foi expulso. Com sua mulher Teresa e seus oito filhos, empreendeu viagem a pé até Brasileia, onde ouvira dizer que era possível comprar colocações de seringa. A viagem foi uma odisseia que durou dois meses, com a mulher grávida e carregando os menores pelos caminhos da selva. Estabeleceu-se perto da cidade, e quando ouviu que um delegado da Contag ia

dar uma palestra na igreja, foi pontualmente. Lá estavam João Maia e Chico Mendes, que media apenas 1,60 m. Logo as silhuetas do alto e do baixo se tornaram populares nas ruas de Brasileia e nas selvas dos arredores. Juntos mobilizaram os seringueiros da região, ensinando-lhes que eles eram os responsáveis pela própria miséria. “Alguns não queriam ouvir isso, e continuavam confiando nos patrões”, declarou Wilson em uma ocasião, “mas, no fim, voltavam-se para nós, quando os patrões os abandonavam totalmente.”

*

O primeiro sindicato foi criado na cidade de Sena Madureira, no início de 1975. Em 21 de dezembro desse mesmo ano, fundou-se outro em Rio Branco, em uma cerimônia na catedral, abarrotada de seringueiros e cercada pelo exército. “De manhã, eu estive com o governador, que me disse que o acriano não estava preparado para o sindicato”, recorda dom Moacyr. “Eu pensei que, se o governador dizia isso, o contrário devia ser verdade. À tarde, durante a cerimônia, ele estava ao meu lado, elogiando tudo.”

Mas seria na pequena cidade de Brasileia que a rebelião fermentaria. No final de 1975, Maia convocou uma assembleia para fundar o sindicato local. O anúncio percorreu os caminhos da selva pedindo aos seringueiros que no dia 12 de dezembro fossem à cidade. Maia, Wilson Pinheiro e Chico Mendes não esperavam muita gente: era a estação das chuvas, e a selva havia se transformado em um lodaçal intransitável. Mas eles começaram a chegar às dezenas, depois às centenas, e no fim mais de mil seringueiros encharcados e cobertos de barro se apinharam na igreja. Iam pedir justiça, protestar contra um plano de desenvolvimento que os ignorava por completo, que os arrancava de suas terras como se fossem simples árvores da selva. A hora de dizer basta havia chegado. Na igreja abarrotada e na esplanada estavam reunidos os herdeiros de Plácido de Castro e de todos aqueles seringueiros que um dia haviam tido forças para lutar e para vencer. Na época, tinham as armas que os seringalistas lhes haviam entregado; agora só lhes restavam as facas de seringa para enfrentar as escavadeiras. Discutiram muito, falando todos ao mesmo tempo, até que João Maia pôs fim à confusão. Anunciou que passariam à votação para escolher a junta do novo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia. Wilson Pinheiro foi escolhido presidente. Chico Mendes foi escolhido secretário-geral. “Naquela noite aconteceu algo fantástico”, contaria um seringueiro. “Pela primeira vez, percebemos que todos juntos éramos muitos. Nenhum latifundiário teria se atrevido a se aproximar daquela concentração de seringueiros. O fato de os

escravos da selva premeditarem fazer alguma coisa por iniciativa própria era algo nunca visto! Era sinal de que alguma coisa estava mudando.” A partir de então, os seringueiros estavam dispostos a mostrar que não eram mais uma espécie disposta a se deixar extinguir.

19

Em 9 de maio de 1976 aconteceu aquilo que se tornaria a modalidade de luta dos seringueiros. Wilson Pinheiro e Chico Mendes estavam na sede do sindicato quando um seringueiro chamado Emiliano e mais dois chegaram desesperados. A colocação onde moravam, no Seringal Carmem, havia sido ameaçada de destruição pelo novo patrão, um paulista conhecido como “Coronel Chicão”. Era uma figura, um trabalhador incansável que nunca dormia mais de três horas por noite. Foi o pioneiro do gado nelore no Acre, uma raça importada da Índia e mais bem adaptada às particularidades do clima amazônico. Fazia parte da cúpula dos latifundiários mais ricos, o grupo dos homens que não hesitavam em utilizar as táticas mais violentas para ampliar suas propriedades e espalhar seu controle por toda a região. As festas que organizava para comemorar suas vendas de gado (às vezes mais de 2 mil cabeças em um só dia) eram lendárias. Convidava de duzentas a trezentas pessoas, muitas das quais chegavam em aviões particulares; algumas dessas festas duravam cinco dias, e em uma delas foram assados dezoito bois. Costumava pedir a seus convidados solteiros que fossem acompanhados de duas ou três “gatas”, geralmente garotas de 15, 16 anos. Às jovens que seduzia, permitia que ficassem dez dias ou duas semanas na fazenda, e depois as mandava para casa com presentes e um envelope. Sua fazenda era tão grande que o vizinho mais próximo, a fazenda da Companhia Bordon, ficava a 90 quilômetros de distância.

Naquela manhã, Emiliano havia acordado com o barulho de uns peões que marcavam árvores de sua clareira para começar a derrubá-las. Quando lhes pediu uma explicação, disseram que o Coronel Chicão tinha a intenção de transformar essa terra em pasto. Imediatamente, o seringueiro correu com dois vizinhos ao sindicato, mas Wilson e Chico pouco podiam fazer. “Se começaram a cortar as árvores, vão perder os direitos sobre a terra”, disseram. Era improvável que um seringueiro sem escritura de propriedade ganhasse um pleito contra um latifundiário que, ao desmatar, estaria provando que sua terra estava sendo preparada para uso “produtivo”, segundo a lei brasileira. Mas Wilson e Chico Mendes estavam fartos de tanta impotência, de tanta frustração. Tinham que fazer alguma coisa dentro da legalidade, mas, ao mesmo tempo, suficientemente rápido para impedir a expulsão de Emiliano e dos demais ocupantes do Seringal Carmem. Então, ocorreu-lhes invadir a área pacificamente. Para um

latifundiário, era fácil expulsar três ou quatro famílias, mas não uma multidão. Os pistoleiros não se atreveriam a atirar. Aquela ideia era a prolongação lógica das poucas vitórias anteriores. Mas Wilson, como todos, sabia que a vida humana no Acre valia menos que a de um boi.

– E se acabar em um massacre? – perguntou.

– Não se atreverão – respondeu Emiliano.

– Não se conseguirmos mobilizar muitos – acrescentou Chico.

Wilson hesitou por um instante. Evocou imagens da reunião de seringueiros em frente à igreja de Brasileia, recordou aquele sentimento de invencibilidade que emanava dessa multidão apinhada.

– Acho que chegou a hora de mobilizar os companheiros – disse.

Saíram da sede do sindicato e, a caminho do Seringal Carmem, bateram à porta de todas as casas que puderam. “Companheiro, venha conosco até o Seringal Carmem.” A maioria reagia com entusiasmo. Pulavam da rede e pegavam a espingarda de caça ou uma enxada. Aqueles que tinham medo davam qualquer pretexto para não ir: tinham ouvido dizer que alguns pistoleiros tinham automáticas leves que podiam atirar até cinquenta balas. Alguns de repente ficavam doentes, e havia até os que desapareciam num passe de mágica. Mas o rumor de que alguma coisa aconteceria no Seringal Carmem havia se espalhado pela imensa selva, e aqueles homens embrutecidos por uma eternidade de humilhações se uniram ao cortejo cada vez mais numeroso que se dispunha a proteger a floresta da rapacidade dos latifundiários. Emiliano percorreu todas as colocações do seringal: “Companheiro, acorde. Se perder essa terra, vai ter que se mudar para a cidade, e aí, nada mais será seu”.

Antes do amanhecer, haviam reunido um número apreciável de seguidores. Quando os pistoleiros, sentados sobre o capô dos seus Toyotas, de chapéu, botas de couro e revólver na cintura, viram aquele grupo de gente chegar, pegaram os fuzis e abriram uma caixa de munições.

– Não estamos aqui para criar problemas – foi a primeira frase de Wilson Pinheiro. – Estamos aqui para garantir a sobrevivência dos nossos companheiros que sangram as árvores.

Os seringueiros estavam mais acostumados a apontar as armas para animais selvagens que para seres humanos. Deram-se as mãos para formar uma corrente

humana e pararam na frente dos peões, armados de motosserras e de foices: “Venham, rapazes, cortem-nos em pedacinhos”, diziam os seringueiros. “Porque, se quiserem continuar cortando árvores, vão ter de usar essas serras contra nós.”

– Cadê o gato? – perguntou Chico, referindo-se ao que contrata os jagunços.

Um dos peões apontou para uma choupana do outro lado da clareira. Foram até ali, e assim que se aproximaram, Emiliano se dirigiu ao gato:

– Tonhão, saia daí. Você está cercado e estamos todos armados – gritou.

Tonhão, um capataz corpulento, saiu da choupana. Nunca tinha visto nada igual: a revolução. Ao ver seus homens cercados de seringueiros, optou sensatamente por não opor resistência. Mandou os peões recolherem as motosserras e as ferramentas e sair dali.

Nesse momento, ouviram-se os cânticos de uma multidão que avançava para o local da concentração. Era o padre Claudio, que chegava de Xapuri acompanhado de um grupo de seringueiros, dentre os quais se encontrava Zuza, o irmão de Chico, que havia recebido o aviso de ir com o maior número possível de gente. “Estávamos muito preocupados, porque não sabíamos o que íamos encontrar na chegada”, recordaria Zuza. “Mas, para nossa surpresa, encontramos os peões conversando e trocando cigarros com os seringueiros.”

Uma nova forma de resistência pacífica nascia nesse dia. Insistindo no fato de que não se tratava de ganhar ou perder, mas simplesmente de fazer valer os direitos dos seringueiros desapossados, Chico e Wilson encontraram uma palavra para nomear essas ações coletivas. Chamaram-nas de empates, e durante a estação seca de todos os anos vindouros grupos de homens, depois acompanhados de mulheres e crianças, se plantariam diante de pistoleiros armados até os dentes para impedir a destruição da selva. “A gente”, dizia Chico Mendes, “chegou à conclusão de que a luta devia ser feita por esse caminho.”

Depois de comemorar a vitória, os seringueiros do Carmem começaram a se preocupar com uma possível vingança do Coronel Chicão. Durante oito dias acamparam na selva, às margens dos caminhos que chegavam até o seringal. Mas os únicos a chegar foram uns tecnocratas do governo, desejosos de selar um compromisso entre as duas facções. O Coronel Chicão tinha, aparentemente, um título quente, ou seja, uma escritura de propriedade com certa validez. As escrituras descaradamente fraudulentas eram consideradas títulos frios.

Apesar da efêmera vitória no Seringal Carmem, os resultados, depois de uma

maratona de reuniões entre o capataz da fazenda e os tecnocratas do governo, deixaram muito a desejar. Quarenta famílias perderam suas clareiras, cuja superfície tinha uma média de 270 hectares; em troca, receberam terrenos de 28 hectares parcialmente podados. Essas famílias, que haviam passado a vida à sombra da selva, viam-se forçadas a se adaptar a uma atividade que desconheciam, cultivando a terra sob o tórrido sol equatorial. A colocação de Emiliano também não se salvou. Um ano depois do empate, foi transformada em pasto.

Mas o empate do Seringal Carmem teve o efeito de desconcertar os latifundiários, a polícia e até o exército, que viu nisso uma tentativa de um "bando de subversivos" de deter o desflorestamento. Embora alguns tenham acreditado em uma vendeta pessoal e não lhe tenham dado maior importância, houve outros que se preocuparam seriamente com essa primeira ação coletiva. Além de descobrir que a selva estava habitada, a surpresa era que um número nada desprezível de seringueiros vivia ali. E caso se obstinassem em impedir o progresso, os paulistas estavam decididos a impô-lo. A qualquer preço.

20

Entre os recém-chegados a Xapuri no início dos anos 1970 houve um personagem chamado Sebastião Alves da Silva. Dizia-se pastor de uma Igreja que ele mesmo havia fundado: a Igreja da Recordação do Cristo Jesus. Segundo ele, fora obrigado a fundar sua própria Igreja porque não havia encontrado nenhuma confissão cristã que acreditasse na reencarnação, algo de que Sebastião estava firmemente convencido. Aos 68 anos, dispunha-se a refazer a vida nas remotas terras do Acre. Havia acabado de passar quatro anos em uma prisão do Sul do país: "Atrás das grades, tive a oportunidade de pensar muito", confessaria anos depois. "Percebi que estava vivendo em adultério com minha mulher porque ela era casada em primeiras núpcias, e a ideia de ofender a Deus me perturbava profundamente." Nunca confessou que achava sua mulher muito velha. A primeira coisa que fez quando saiu da prisão foi repudiá-la e casar-se com a filha que ela havia tido com o primeiro marido. Chegado a Xapuri com a nova esposa, instalaram-se nos arredores da cidade. Ele colocou dois alto-falantes no jardim, e da manhã à noite passou a pregar as virtudes divinas. Alguns o tinham como uma pessoa respeitável; outros, como um iluminado. "Eu não reencarnarei mais porque já ultrapassei esse estado. Tornei-me uma entidade totalmente espiritual", repetia aos poucos fiéis que o ouviam, pasmos.

Para Sebastião, não existia só a vida espiritual. Em 1972, um ano depois de sua chegada ao Acre, com suas economias comprou uma parte do Seringal Perseverança, com acesso direto à estrada BR-317, que ligava Xapuri a Rio Branco. Não era grande, mas um bom começo. Sebastião havia levado mais de sessenta anos para se tornar fazendeiro. O nome de seu seringal parecia a confirmação de que seus esforços haviam dado resultado.

Ele nascera em 1903 em uma cidade do Estado de Minas Gerais, uma região pobre, agrícola e mineradora. Era filho de mineradores e neto de índia com português. Vivera toda a infância na miséria mais absoluta, e na adolescência decidira enriquecer pela via rápida: tornara-se ladrão, e depois bandido. Alto, magro, de olhos pretos penetrantes e um sorriso entre gentil e glacial, Sebastião era um homem que os vizinhos preferiam evitar. Sabiam que qualquer pretexto era bom para fazê-lo desembainhar a arma.

Aquela região do país era, então, território pioneiro, a "fronteira" entre o

Brasil civilizado e o Brasil desconhecido. Como seria a Amazônia anos depois, esses territórios eram colonizados desordenada e anarquicamente. Os conflitos de terra empobreciam uns e enriqueciam outros. A ausência de representantes da lei era substituída pela lei do mais forte. Sebastião aprendeu desde muito jovem a tirar proveito do caos geral. Liderou um bando dedicado à extorsão, à falsificação de documentos, ao roubo e ao assassinato. Sua virilidade adquiriu uma reputação que fazia jus ao número de filhos que sua mulher trazia ao mundo. Com a primeira mulher teve dezenove filhos, e para manter essa prole tinha que "trabalhar" muito; ou seja, semeou o pânico por toda a região. No total, teve mais de trinta filhos e se vangloriava de fornicar quatro ou cinco vezes ao dia aos 50 anos de idade.

Seus filhos Alvarino, nascido em 1933, e Darly, nascido em 1936, mostraram desde a infância uma excelente aptidão para seguir a vocação paterna. Assim que se familiarizaram com as armas, juntaram-se à atividade familiar. Como o pai, os jovens Alves estavam dispostos a usar a violência para conquistar uma vida melhor. Logo ficaram conhecidos como um clã sanguinário. Mas ninguém podia imaginar que sua reputação de bandidos daria a volta ao mundo.

Apesar da impunidade geral, no início dos anos 1960 Sebastião foi condenado a treze anos de prisão por seus crimes. "Um dia, tive uma visão", contaria mais tarde, referindo-se às razões que o levaram a se entregar às autoridades. "Estava em minha casa, sentado em uma poltrona. De repente, vi uma luz entrar pela janela, depois pela porta. Era uma luz branca, que brilhava. Ficou tão intensa que tive medo, e instintivamente peguei a espingarda. Pouco a pouco, a porta foi se abrindo, e vi Jesus Cristo entrar cercado por um halo de luz. Ainda bem que não atirei! Ele olhou diretamente em meus olhos e disse: 'Sebastião, você precisa pagar sua dívida para com os homens, tem que cumprir sua pena'. Obedeci, e nunca mais apertei o gatilho de uma arma. A partir de então, proibi as armas em minha casa. No dia seguinte, despedi-me de minha família e me entreguei à justiça."

Mas seus filhos continuaram matando. Em seu delírio criminoso, emboscaram um vendedor de cavalos e seu filho de 15 anos na cidade de Pocrane e os crivaram de balas. Também atiraram no cavalo que o adolescente montava. Qual foi a razão desses crimes? Em geral, os Alves matavam por qualquer motivo, porém, na maioria das vezes, era por problemas de terra ou por encomenda. Mas a diferença entre esse delito e os outros é que cinco anos depois um promotor acusou a família de ter "assassinado suas vítimas com extrema crueldade, em um

dos crimes mais bárbaros da história dessa região". Não era comum que um promotor reabrisse um caso, mas os Alves eram tão reincidentes que a justiça acabou por acossá-los. A fuga que empreenderam então durou trinta anos, e mobilizou a maior perseguição já acontecida no Brasil.

Houve um julgamento pelo crime do vendedor de cavalos. Sebastião não compareceu porque estava na prisão, segundo os conselhos de Jesus Cristo. Darly também não compareceu, pois preferira se esconder, sem saber que cometia um dos maiores erros de sua vida; porque, ao não se apresentar, deu base à decretação de uma ordem de busca e captura contra si. Alvarino se apresentou. No julgamento, um tal de Cardoso declarou que Alvarino lhe havia revelado que ele e seu irmão Darly haviam cometido tantos assassinatos que levariam um dia inteiro para enumerá-los. Segundo as testemunhas, os irmãos Alves gostavam de contar seus crimes como se fossem façanhas heroicas. Mas, apesar dos testemunhos agoniantes, nem o velho Sebastião nem Alvarino foram condenados. A razão foi "falta de provas".

*

Aos 52 anos, idade em que chegou ao Acre seguindo os passos do velho Sebastião, que acabava de se estabelecer em Xapuri, Darly Alves era magro como o pai e emanava a mesma autoridade quando apertava os lábios. Raras vezes erguia a voz; a firmeza de seu tom bastava para que ele se fizesse ouvir. Os óculos grossos aumentavam seus olhinhos pretos. Toda a sua pessoa emanava um ar de severa austeridade e de fragilidade, o que contrastava com as proezas sexuais que lhe atribuíam. Seu irmão Alvarino era mais forte e alto que Darly e usava um bigode grosso com as pontas caídas. Sempre usava camisas apertadas, calças estreitas e botas pretas, e nunca esquecia o chapéu de caubói, que não tirava nem para comer. Era mais rude que o irmão, menos preocupado com as aparências e menos falante. Darly queria ser um cidadão respeitável. Alvarino era rude e solitário como um lobo da estepe.

Depois do crime do vendedor de cavalos, os dois irmãos tiveram que abandonar Minas Gerais. Estabeleceram-se na cidade de Umuarama, no Paraná, Sul do Brasil, uma região agrícola e pioneira. Seu estilo de vida era modesto, provavelmente para não chamar a atenção. Moravam nas mesmas casas de madeira que os demais agricultores, que ignoravam seu tumultuoso passado.

Sua permanência na região pôde ser rastreada pelas inúmeras denúncias que os acusavam de delitos e crimes. O corpo de um camponês, vizinho dos Alves,

um dia apareceu empalado. Embora a razão do crime nunca fosse esclarecida, o promotor o descreveu como “uma perversidade”. A imagem de homens perversos que resolviam conflitos a espingarda permaneceu na região. Uma das amantes de Sebastião confessaria, anos depois, a um grupo de jornalistas: “Matavam porque achavam que não havia nada de errado em matar”. Sebastião corroboraria essa afirmação dizendo a seus fiéis em Xapuri: “Os assassinatos também são obras de Deus”.

Por conta do crime que o promotor descrevera como “uma perversidade”, foi expedida uma ordem de prisão contra os irmãos. Darly, como sempre, preferiu fugir. Alvarino não quis sair dali: “Diga a eles que vou recebê-los a tiros”, ordenou ao irmão mais novo, que fora avisá-lo. Oitenta soldados chegaram a sua casa. Alvarino disse ao comandante que dirigia o cerco que não se renderia. O militar deu ordem de atirar, e começou um impressionante tiroteio. Alvarino, cercado pelos dez filhos, entrincheirou-se dentro de casa. Um dos seus tiros feriu um soldado no ombro, e a intensidade do tiroteio redobrou. Os vidros, o telhado, os estábulos, tudo foi crivado de balas. Finalmente, uma das balas roçou o pescoço de Alvarino, e isso o fez decidir-se a dialogar com o comandante. Ofereceu render-se em troca de não ser maltratado. O comandante aceitou, e Alvarino entregou as armas de má vontade. O militar cumpriu sua palavra e não o maltratou; fez coisa pior: entregou-o à polícia do Paraná. Alvarino foi trancafiado na prisão de Curitiba, onde o torturaram. Quebraram sua clavícula e o pé esquerdo, e as cicatrizes causadas pelas bitucas de cigarro que apagaram em sua pele permaneceriam para sempre.

Ele jurou que nunca mais cairia nas garras da polícia. E cumpriu sua palavra. Dezesseis anos depois, enquanto toda a polícia do Brasil estava atrás dele, declararia que preferia se suicidar a se render, porque, “quando estive na prisão de Curitiba, me arrancaram as unhas e até o bigode”.

Darly pensou ter acertado ao fugir, mas foi um erro por que acabaria pagando muito caro. Não imaginava as consequências de ter se safado da justiça nesse caso. Como não podia voltar para casa, acabou aceitando que havia perdido tudo e que mais valia começar uma nova vida longe do Paraná. Todo mundo falava de um novo território que se abria para a colonização, o Acre, suficientemente afastado do mundo para permitir-lhe passar incógnito. Seu pai, o velho Sebastião, dizia-lhe que perto de Xapuri era possível comprar velhos seringais a 5 cruzeiros por hectare. Ele mesmo havia adquirido uma propriedade pequena, o Seringal Perseverança. Para pequenos agricultores como os Alves, era a

oportunidade de mudar de status social e tornar-se fazendeiros. Com a experiência acumulada em todos os territórios onde haviam vivido, matado e roubado alimentos e bens, tinham certeza de triunfar no extremo oeste do Brasil. Ali não era necessário nem comprar; bastava expulsar os seringueiros, já abandonados pelos próprios patrões, e apropriar-se da terra.

Alvarino fugiu da prisão para evitar a ação da justiça por crimes anteriores, e, junto com o irmão Darly, foi para o Acre, escondido em um caminhão frigorífico. Durante a longa viagem, os dois só saíram do caminhão para comer ou fazer suas necessidades, porque sabiam que a polícia de todos os estados do Centro e do Sul do país estava atrás deles. Darly tivera que abandonar seus 200 hectares de terra, o que era considerado uma propriedade ínfima,******** e os dois irmãos chegaram ao Acre de mãos vazias. Nos primeiros tempos, moraram na casa de Sebastião, até que arranjaram uma própria e puderam mandar buscar as mulheres. Assim como o pai, os irmãos Alves eram polígamos. Darly havia decidido abandonar a primeira esposa no Paraná, mas mandou buscar os filhos Tarci e Oloci, bem como a mãe deste último, chamada Natalina. Mais tarde, mandaria buscar a outra, chamada Maria Zilde, e tomaria duas mulheres in situ. Alvarino, sempre mais modesto que o irmão, se contentaria apenas com duas.

Como se uma corrente magnética os houvesse atraído, Darly Alves e Gastão Mota, o seringalista que obrigava seus empregados a votar na Arena e que havia ameaçado Chico Mendes, simpatizaram um com o outro assim que se conheceram. Encontravam-se em crise na mesma idade. Mota tivera que vender quase todas as suas terras depois que o Basa (Banco da Amazônia) suspendera o financiamento para a produção de borracha. Isso havia lhe provocado até um princípio de infarto. Temera ter que se tornar vendedor de borracha, e tinha um depósito grande em Xapuri. Mantinha excelentes relações com os poderes locais, e havia trabalhado para a polícia, o que era conveniente para Darly Alves. Juntos, reuniam importantes vantagens para lavrar um futuro na sociedade do Acre. Para um ex-seringalista gordo e cardíaco como Mota, poder contar com indivíduos fisicamente bem preparados, ambiciosos e dispostos a tudo para enriquecer representava uma oportunidade importante. Mota sabia que os Alves eram instrumentos muito úteis para os cada vez mais numerosos latifundiários que queriam “limpar” suas terras para regularizar a situação jurídica das propriedades que haviam adquirido. Pediam conselho a Mota, que, assim, começou sua nova corrida como intermediário nos negócios, uma atividade que o levaria a ser o arquiteto do “pistoleirismo” no Acre e que mais tarde o

conduziria, supostamente, ao tráfico de drogas.

Graças a Mota, Darly foi introduzido no círculo dos latifundiários locais. Homens como o Coronel Chicão, Nilo Sérgio, Alberto Aragão, Tezza e Benedito Rosas se tornariam a elite dessa sociedade às margens do mundo. Camponeses e seringueiros tremeriam de medo diante da simples menção de um desses nomes, mas, para Darly Alves, essa gente representava tudo o que sempre desejara na vida: respeitabilidade, poder e riqueza. Quando o convidavam, aos domingos, a algum churrasco e ele se distraía olhando a paisagem da varanda da casa principal, não entendia como os homens não arrasavam mais depressa aquela floresta incômoda e inútil para lhe permitir também participar do progresso do Brasil, e, de quebra, desfrutar dos prazeres da vida.

******** A título de comparação, Manuel Meirelles de Queiroz, o maior latifundiário do Acre, possuía uma propriedade de 975 mil hectares. (N. A.)

21

“Estávamos todos dormindo no barracão, meus cinco irmãos e meus pais”, recordaria Rosa, a filha mais velha de Alfredo Eustáquio. “Tinha chovido a noite inteira, e tivemos que pôr baldes para recolher a água das goteiras. Lembro do tic-tic-tic. Um mês antes, eu estivera em uma reunião da comunidade com a irmã Carmen, que havia dito que aguentássemos o máximo que pudéssemos, que o procedimento para legalizar nossa posse já estava em andamento. Eu contei ao meu pai, que estava muito nervoso, e ele ficou de bom humor. Mas naquele dia, antes do amanhecer, os latidos dos cachorros nos acordaram. Alguém estava chegando.” Só viram as silhuetas alongadas de dois homens com chapéu de caubói que se aproximavam da casa de pistola em punho. Alfredo poderia jurar que se tratava dos irmãos Alves, mas o caos reinante e a falta de luz impediram uma identificação precisa. Foram os outros seringueiros que, ao ouvir o que havia acontecido, inclinaram-se a pensar que se tratava da dupla sanguinária; ao que parece, sempre utilizavam o mesmo método. Fazia pouco tempo, haviam sido chamados para prestar depoimento sobre o massacre de uma família de posseiros. Não foram presos porque, como sempre, faltavam provas, mas aquilo não havia impedido que sua fama de exterminadores transcendesse toda a região.

“Começaram os tiros”, diria Rosa. “Ecoavam como trovões na selva. A seguir, os uivos dos cachorros. Pulei da rede e olhei por uma fresta da parede: dois homens estavam atirando em nossos animais.” Alfredo acordou assustado, e sua primeira reação foi passar a mão na espingarda de caça. Neuza, sua mulher, o impediu: “Vamos embora, Alfredo. Vão matar todo mundo!”, gritou.

“Meu pai juntou meus irmãos e saímos do barraco sem tempo de pegar nada. Só minha mãe levou algumas coisas: uma panela, que encheu de facas e de mandioca, e uma imagem de Jesus Cristo com a coroa de espinhos. O barulho era terrível. Os pistoleiros atiravam nas galinhas, que morriam cacarejando em poças de sangue. Um cachorro com o olho estourado girava feito louco em volta da casa enquanto atiravam nele como se fosse um alvo de parque de diversões. Também atiraram nos porcos, que berravam como se fossem homens degolados.” No meio dessa cacofonia, os Eustáquio fizeram a única coisa sensata que podiam fazer: fugir. Alfredo estava tão cego de raiva e impotência que, se estivesse sozinho, sem família, teria enfrentado os dois pistoleiros

mesmo sabendo que perderia a vida na tentativa. Mas com filhos e mulher, não teve outro remédio a não ser refugiar-se na selva. Durante todo o ataque não ouviu os pistoleiros pronunciarem palavra alguma. Tranquilamente, como se estivessem fazendo um trabalho rotineiro, atiravam em tudo que se mexia.

No limite da selva onde pararam para despedir-se do que havia sido seu lar durante os últimos vinte anos, a família Eustáquio viu os dois homens jogarem gasolina na horta. As hortaliças, frutas e verduras tão cuidadosamente cultivadas foram comidas pelas chamas. Subia um cheiro de queimado e de carne morta. “Vamos embora daqui, vamos embora daqui!”, suplicava Neuza, que sabia que a família seria a próxima vítima dos jagunços. “Meu pai não queria sair dali”, diria Rosa. “Estava hipnotizado pelo fogo que consumia o barracão. Minha mãe e eu o pegamos pelo braço e o arrastamos conosco. Uma hora depois, enquanto caminhávamos pela selva, meu pai viu uma coluna de fumaça negra se erguer no céu.”

Naquela noite, quando pararam, depois de ter caminhado o dia todo, os Eustáquio mal tinham forças para falar. Enquanto Alfredo e dois filhos seus improvisavam um galpão com folhas gigantes de fícus, Rosa surpreendeu a mãe enxugando as lágrimas. Neuza sabia que dali em diante os aguardava um calvário de pobreza. Alfredo, porém, evitava aceitar a evidência. Pusera todas as suas esperanças no advogado do sindicato, que lhe explicara as possibilidades reais que tinha de ficar com a terra. De modo que, pela primeira vez na vida, decidira enfrentar os patrões e rejeitara uma oferta de 20 hectares às margens do rio, junto com outros seringueiros que haviam recebido lotes similares. Agora, custava-lhe admitir que o sonho de ganhar seu direito de posse, de ter uma escritura de propriedade legal, havia desaparecido, assim como o resto da colocação.

Três dias depois, a família Eustáquio, sem mais bagagem que a roupa do corpo e a panela de Neuza, chegou ao Seringal Nova Olinda, onde encontrou outros refugiados. Um deles, um velho chamado Raimundo, havia sido expulso do Seringal Iracema, propriedade do doutor Vilela, o mesmo que escravizava seus peões e que dom Moacyr acabou denunciando.

“Puseram fogo em quase todas as casas”, contou o velho a Alfredo. “Até ameaçaram queimar uma das choupanas com uma criança dentro. Das oitenta colocações, só ficaram cinco famílias. Cinco famílias que veem a cada dia a derrubada se aproximar. Qualquer dia, vão chegar aqui como os outros.”

Ao ouvir tantas histórias de expulsões, Alfredo foi tomando consciência de que havia perdido tudo para sempre, de que nunca mais seria um camponês, nem provavelmente um seringueiro. Sentia que havia perdido o controle da vida. Quando teve que se rebaixar e pedir comida aos companheiros, surgiram em sua memória recordações de sua estadia em Manaus, do momento em que tivera que mendigar enquanto esperava que seu amigo Oliveira saísse daquele hospital nojento. Mas, naquela época, era jovem e havia chorado por conta da raiva de se sentir enganado pelas falsas promessas do governo. Agora já não lhe restavam lágrimas. Estava em um túnel cada vez mais estreito, mais comprido e mais negro. Até pensou em se suicidar, mas isso equivalia a deixar a família com o problema, e Alfredo Eustáquio não era homem de fugir.

Aventou todas as possibilidades: fugir para a Bolívia, arranjar um pedaço de terra em uma colônia do Incra ou trabalhar meio a meio na colocação de algum remoto seringal. Mas todas essas opções exigiam dinheiro, mesmo que fosse só para se deslocar e se informar. Também não representavam uma garantia de sair da indigência. A única esperança estava naquele advogado do sindicato que pretendia conseguir o direito de posse para eles. Era a única pessoa que podia ajudá-los. Afinal de contas, os religiosos não diziam que era preciso confiar na justiça?

Poucos dias depois, a família Eustáquio, em meio a abraços e lágrimas, despediu-se dos colegas e tomou o rumo que milhares e milhares de famílias de seringueiros haviam seguido. Foram a pé até Xapuri, e com um pouco de dinheiro dado pelo padre Destro, puderam pagar a viagem de ônibus até Rio Branco. Durante o trajeto, Alfredo olhava o tempo todo para os lados da estrada, virando a cabeça cada vez que a selva densa desfilava diante dos seus olhos de animal ferido. Quando o ônibus parou na estação rodoviária, foi como se tivessem aberto a gaiola de um pássaro selvagem que batia as asas para fugir. Dentro do ônibus, os passageiros mostravam expressões de espanto enquanto aquele homenzinho descalço, com um olhar de insegurança e medo, batia nas janelas e bancos procurando a saída, enquanto Rosa tentava acalmá-lo e sua mulher pegava a sacola. Se Xapuri já lhes parecia grande e tumultuada, Rio Branco os impressionou. Caminhando por suas ruas, a maioria ainda sem asfaltar, Alfredo tornou a recordar Manaus e seu amigo Pedro de Oliveira. Desde essa data, não havia posto os pés em uma cidade grande, e tornava a ter a mesma sensação de não pertencer a esse mundo. Trinta anos de selva haviam feito dele um verdadeiro bicho do mato.

Chegaram à periferia de Rio Branco. A visão dessas ruelas sujas, malcheirosas, tristes e pobres, com seu fragor de vozes, gritos e choro, provocou-lhes um aperto no coração. Nesse amontoado de barracos que mais parecia um campo de concentração que um bairro, moravam os seringueiros da selva. Ali também existia uma réplica da Rádio Cipó, informações passadas boca a boca pelos vizinhos. Já não tratavam da visita do padre, de um casamento próximo ou de alguém que vendia o motor de um barco; tratavam de uma família que acabava de chegar e não tinha onde se alojar, de uma adolescente que não aparecia em casa fazia vários dias ou de uma batida policial. Os Eustáquio entraram em contato com várias famílias de conhecidos que lhes ofereceram hospitalidade, mas tiveram que se ajeitar em vários barracos, porque não cabiam todos em um.

No sindicato explicaram claramente a Alfredo que nunca recuperaria a terra, mas que podiam tentar obter uma indenização, mesmo que ele tivesse rejeitado uma vez os 15 mil cruzeiros. A primeira coisa a fazer era denunciar os donos. Recordaram-lhe que aquilo abrigava o risco de morrer baleado em qualquer esquina da cidade ou no fundo da selva. Por um momento, com medo, hesitou. Porém, quando o advogado do sindicato se ofereceu para acompanhá-lo à Polícia Civil e Militar para fazer a devida denúncia, aceitou.

A partir desse momento, os Eustáquio esperaram dias e dias que os capatazes de seu seringal fossem convocados pela justiça. Os filhos menores pareciam ser os únicos felizes com a mudança. A favela era o reino das crianças. Por todos os lados corriam despreocupadas e sorridentes, fazendo desse refúgio dos sem-terra um lugar relativamente alegre. Sua brincadeira favorita era a mesma que nas favelas das demais cidades do Brasil: empinar pipa. Ao entardecer, quando o calor sufocante baixava e uma suave brisa varria a cidade, Alfredo acompanhava o filho menor a brincar na rua.

Era seu momento preferido do dia. O céu estava cheio de pipas que revoavam sobre os telhados de zinco e uralita. Para os seringueiros desarraigados, eram o símbolo da liberdade e o contato perdido com a natureza; eram como flores que cresciam no esterco. Porque as ruas pestilentas daqueles lugares sem saneamento exalavam um fedor de podridão que provocava náuseas nos mais aguerridos. A falta de árvores e de vegetação fazia que o calor úmido acelerasse a putrefação de comida e de restos orgânicos.

Mas o que os seringueiros transformados em favelados mais padeciam era a

promiscuidade e o desemprego. Acostumados à imensidão, à solidão e ao silêncio das selvas, encontravam-se de repente trancados em um gueto, participando das brigas dos vizinhos, sem nada para fazer, sem espaço, sem contato com os espíritos da floresta. Para combater o desarraigamento, muitos se voltavam para a bebida. Outros preferiam maltratar as mulheres, e outros caíam na delinquência. Era incrível a metamorfose de alguns seringueiros tolerantes e tranquilos, que se transformavam em violentos e déspotas. Os Eustáquio encontraram mães de família de seringais vizinhos desesperadas após ter sido abandonadas pelos maridos, homens que até então haviam tido um comportamento exemplar de pais de família. Famílias inteiras que tinham permanecido unidas durante anos – mesmo nas adversas condições dos seringais – desintegravam-se em questão de meses. Sua razão de ser desaparecia em um entorno drasticamente diferente, onde as regras do jogo eram outras. Os seringueiros reagiam ao desarraigamento como as grandes seringueiras da selva, que morriam ao serem transplantadas.

AO MEDO DE POSSÍVEIS REPRESÁLIAS pela denúncia somou-se a angústia de não arranjar emprego. Em uma cidade repleta de seringueiros expulsos, a demanda de emprego excedia muito a oferta. Apesar de caminhar quilômetros todos os dias pelas ruelas do centro, Alfredo voltava de mãos vazias, faminto e cansado. Foi sua filha Rosa quem os levou ao convento das freiras, a última solução para os dias de máxima penúria. Ali havia distribuição diária de comida.

Era mais fácil uma criança conseguir trabalho que um adulto. Dois dos pequenos acabaram arranjando emprego amassando barro em uma fábrica de telhas, um negócio pujante em uma cidade em expansão. Substituíam-se as velhas casas de madeira e tetos de zinco por casas de alvenaria. Parte desse novo sinal de *status* social era feito à custa de crianças de 9, 10, 12 anos, que eram submetidas a um trabalho semiescravo, considerado pesado até para os adultos. Cobertos de barro da cabeça aos pés, voltavam para casa depois de dez horas de trabalho. No chão da fábrica, sobre as telhas cruas enfileiradas, restavam as marcas de seus dedos pequenos e frágeis.

O salário das crianças era tão mísero que não dava para se alimentar. Como o fantasma da fome ameaçava constantemente os Eustáquio, a mãe instou Rosa a aceitar o único emprego que uma garota como ela podia desempenhar: empregada doméstica. Rosa, que na infância havia acalentado a ideia de ser freira, não havia conseguido uma vaga na Casa Mãe Elisa, das Servas Reparadoras de Maria, onde queria estudar. Nem sequer puderam lhe dar

emprego, porque naqueles tempos as freiras não davam conta de tantos pedidos, e todos eram urgentes, porque de cada emprego dependia a sobrevivência de famílias inteiras. A garota imaginara que bastava estar na cidade para poder estudar, mas logo teve que se resignar e se ater à realidade. A única coisa que as freiras puderam fazer foi recomendá-la para uma “boa casa”. Mas já na primeira entrevista ela foi rejeitada sem explicação alguma. Provavelmente a dona da casa a considerava muito atraente e temia que uma empregada assim excitasse a libido do marido. Rosa esperou uma próxima oportunidade, que surgiu em pouco tempo. Dessa vez foi na casa de um engenheiro de São Paulo. Era uma família com três filhos, e a mulher não fez objeções. Assim Rosa começou sua nova vida na cidade, longe dos sonhos que havia acalentado na remota selva de sua infância. Com seu mísero salário, mais os dos irmãos, mais os trabalhos de lavar e passar que a mãe fazia, a família conseguiu sobreviver.

Alfredo ia ao sindicato todos os dias para ver se chegavam notícias da denúncia, ou se surgia alguma oportunidade de emprego. A única coisa que conseguiu foi uma entrevista no Varadouro, o Jornal das Selvas, um jornal alternativo empenhado em cobrir o impacto destrutivo da venda de terras no Acre e que se transformou na voz dos seringueiros e dos índios.********* Era dirigido por Elson Martins, um jornalista nascido em um seringal e educado em Belém. O financiamento do jornal corria a cargo da Igreja, assim como os locais da redação, aos quais Chico Mendes se dirigia cada vez que ia à cidade para informar os últimos conflitos de terra. Ao denunciar publicamente aqueles que o haviam expulsado, Alfredo aumentou o risco de ser eliminado. Mas não se importava. Tendo perdido a pouca fé que tinha na justiça, chegou a desejar morrer baleado pelas mãos de algum pistoleiro pago pelos patrões. Pelo menos assim seus filhos se sentiriam orgulhosos dele e não teriam que continuar vivendo com a dor e a vergonha de ter perdido tudo. Mas sua denúncia e o artigo eram bem pouca coisa para provocar a ira dos latifundiários que o haviam expulsado. Na realidade, Alfredo Eustáquio não valia nem o preço da bala para matá-lo.

Até que, um dia, chamaram-no à sede do sindicato. O advogado o estava esperando, e assim que o viu, Alfredo soube que as notícias eram boas. Não havia conseguido a restituição da colocação, mas obtivera uma indenização de 10 mil cruzeiros. Alfredo sentiu o sangue voltar a correr nas veias. Desmanchou-se em agradecimentos, pegou o envelope com o dinheiro e deu graças ao Senhor por socorrê-lo. “Ele chegou sorridente”, recordaria a mulher, “mostrando o

envelope que apertava fortemente na mão, como se tivesse medo de que alguém o roubasse. Eu fiquei muito feliz, mas logo comecei a pensar na vida depois desse envelope.” Ele reuniu a família, compraram garrafas de pinga e naquela noite houve festa na favela. A soma obtida não dava para comprar uma colocação, nem mesmo um pedaço de terra em uma colônia, mas lhes permitia o mais importante: manter a família unida. Com essa soma podiam comprar um barraco próprio. No ponto a que haviam chegado, era um luxo ao alcance de poucos. Na mesma favela, e graças à ajuda dos vizinhos, encontraram um barracão de madeira com um teto de latão meio desconjuntado. A cada chuva as goteiras faziam poças no chão; mas, mesmo esburacado, era um teto próprio, e ali não haveria latifundiário que os expulsasse.

*

“Acreditamos que os conflitos cada vez mais acirrados que o país vive não podem ser resolvidos em um sistema em que o dinheiro compra a justiça e a consciência dos homens, e no qual os pobres não são ouvidos nem levados em consideração.”

Quem fazia essa declaração em 1977 era um porta-voz da Comissão Pastoral da Terra (CPT), uma organização criada pelos bispos do Brasil para pôr todas as comunidades eclesiais de base em contato e reforçar, assim, suas reivindicações comuns com vistas a favorecer uma reforma agrária. Dom Moacyr Grechi havia sido eleito presidente, e permaneceria no cargo durante os oito anos seguintes. Pela primeira vez, os bispos iam além de uma simples denúncia das injustiças sociais e começavam a desenvolver uma teoria para explicar sua causa. Reagiam assim ao aumento da violência e da repressão exercidas pelas autoridades militares. Em dezembro de 1978, a Igreja publicou um documento******** no qual denunciava todos os casos de violência contra seus membros desde 1968. Cinco padres, um frade dominicano e um seminarista haviam sido assassinados. Trinta e quatro casos de missionários torturados foram denunciados; 273 religiosos haviam sido presos.

O fato que provocou a indignação geral dos bispos, ocorrido dois anos antes da publicação desse documento, em outubro de 1976, foi o assassinato do jesuíta Juan Penido Bosco Brunier, pelas mãos de um policial, quando acompanhava o bispo espanhol Pedro Casaldáliga. Ambos os religiosos foram à delegacia de polícia perguntar sobre duas mulheres que haviam sido detidas e torturadas. O delegado não respondeu a suas perguntas e, em certo momento, perdeu as

estribeiras. Bateu com a arma no padre Brunier e depois o matou com um tiro na cabeça, diante do olhar atônito de Casaldáliga. O escândalo no país inteiro levou os bispos a analisar as causas da violência, que relacionaram com a injustiça e a miséria. Chegaram à conclusão de que a miséria era o resultado do desenvolvimento industrial e que a "Conquista da Amazônia" só beneficiava uma minoria rica e muito reduzida. Fizeram um apelo para que se aplicasse um modelo diferente de desenvolvimento nacional, cujos benefícios seriam distribuídos por toda a população. Explicavam que a extrema desigualdade se devia à natureza fechada do sistema político, baseado em uma aliança entre a elite civil e as forças armadas.

Essas declarações da Igreja não agradaram ao poder militar. O ministro da Justiça declarou que eram falsas. O presidente do Supremo Tribunal Militar disse publicamente: "Minha Igreja não é essa Igreja comunista que temos agora. Minha Igreja é aquela aonde meus pais me levavam. Não é essa doutrina pretensamente avançada que tira a hóstia da sua mão".

No Acre, as tensões cada vez mais acirradas entre a Igreja e o poder político repercutiam com especial virulência em dom Moacyr Grechi. "É muito difícil romper relações com o poder político quando a Igreja está estruturada e você tem sob sua responsabilidade um hospital, uma escola, um leprosário, e deve tratar com as autoridades quando precisa de favores para tocar seu trabalho", confessaria o prelado. "Romper acarreta consequências. Cada vez que eu tomava uma posição clara, o poder se vingava, e eu acabava perdendo alguma coisa. Assim, perdi uns 10 hectares de terra no centro de Rio Branco. Foram tempos muito duros para mim. Na encruzilhada em que me encontrava, eu me refugiava em Jesus, uma pessoa comprometida que tomou posição do lado dos pobres. Isso me fazia ver que minha verdadeira identidade estava ali. A leitura do Evangelho me dava uma grande segurança interna. O apoio dos bispos e de toda a Igreja do Brasil, ostensivo e próximo, também era fundamental. Eu recebia visitas, cartas... Eles saíam em minha defesa quando eu era caluniado."

Em Xapuri, o prefeito proibiu o acesso dos padres Destro e Claudio à rádio local. Dezenas de cartas enviadas por toda a comunidade chegaram à prefeitura para pedir que lhes permitissem rezar missa na rádio. Claudio e Destro se reuniram com o prefeito. Claudio observou que ele carregava uma sacola de aspecto pouco familiar e disse: "Aposto que tem aí um gravador da Polícia Federal". Surpreso, o prefeito admitiu que era verdade. Também admitiu que estava sendo manipulado e pressionado. Mas nem por isso lhes concedeu a rádio

de novo.

Na mesma época, a polícia prendeu Chico Mendes à saída de uma reunião em Xapuri. Ele foi levado diretamente ao delegado da Polícia Civil, um indivíduo de duvidosa reputação chamado Enoch Pessoa, claramente preocupado com tudo o que pudesse prejudicar os interesses de seus amigos paulistas. Enoch encheu-o de perguntas sobre suas atividades "subversivas", querendo saber se estava preparando algum empate. Chico só contou a verdade: ele e uns colegas estavam trabalhando na organização de um sindicato local. O policial ameaçou jogá-lo na prisão se o visse rondar pela cidade. Chico não teve outro remédio senão ir para a selva e viver algum tempo na clandestinidade, antes de voltar a Brasileia.

Os vigários de Xapuri também não se salvaram do recrudescimento da repressão. Durante uma sessão de formação de monitores de comunidades de base em Xapuri, meia dúzia de homens fortemente armados pertencentes à polícia militar irromperam na sala de reunião da paróquia. Disseram que aquilo era uma reunião subversiva, quiseram saber quem eram os líderes e os monitores responderam em uníssono: "Todos nós!". Quando os policiais perguntaram seus nomes, negaram-se a responder. Então, levaram o projetor de slides e prenderam os dois padres na delegacia depois de submetê-los a um exaustivo interrogatório.

Uns dias depois – era época de eleições –, o padre Claudio foi interceptado na rua por um candidato do partido de direita Arena, que lhe deu um soco no rosto, acusando-o de fazer campanha pela oposição. O eco daquela agressão chegou até as profundezas da selva, levantando uma onda de indignação. Nunca ninguém havia pensado que algo assim pudesse ocorrer. Os seringueiros, furiosos como poucas vezes, quiseram "vingar a honra do padre". Alguns saíram das entranhas da selva portando suas espingardas. Claudio e Destro os acalmaram. Aludiram ao exemplo que Jesus Cristo havia dado: ofereçam a outra face.

À medida que a luta se tornava cada vez mais encarniçada, todos se viam forçados a assumir posições claras e definidas. Ou se estava a favor dos latifundiários, ou se estava contra; ou se estava a favor do povo, ou se estava contra. O desequilíbrio de forças dava pouco espaço para o compromisso e a negociação. No início dos anos 1980, a polarização das diversas facções tomava ares de guerra civil. As vítimas, como sempre, acabariam sendo os mais desprotegidos, ou seja, todos os habitantes da floresta: índios e seringueiros, mas também os animais, as árvores e milhões de espécies cuja evolução seria dramaticamente interrompida pela loucura de uma delas.

******** Cada número era publicado em um lugar diferente (Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo), por causa das autoridades militares, que ameaçavam as gráficas que o imprimiam. Dali, eram enviados ao Acre e depois distribuídos pelos seringais. Chegou a alcançar uma tiragem de 7 mil exemplares, o que para o Acre era um sucesso, visto que os jornais oficiais não conseguiam vender mais de 3 mil. (N. A.)

******** *Repressão na Igreja no Brasil: reflexo de uma situação de opressão* (1968-1978) (São Paulo: Cedi/ Comissão Arquidiocesana da Pastoral dos Direitos Humanos e Marginalizados da Arquidiocese de São Paulo, 1978). (N. A.)

22

Depois de cinco anos de “milagre econômico” (1968-1973), a crise do petróleo fez a economia brasileira balançar. O regime militar, sob o mandato do presidente Geisel, iniciou em 1977 uma tímida liberalização da vida política, chamada abertura. Sua meta era impedir a formação de um poderoso movimento político que favorecesse a volta de um regime civil. Concordando com reformas políticas menores, o governo pretendia ganhar o apoio de parte da oposição e contrapor as diversas facções. Os poderes do Congresso continuavam muito limitados, e não havia nenhum controle democrático. Mas houve um relaxamento da censura, alguns exilados políticos foram autorizados a voltar e permitiu-se a criação de quatro novos partidos políticos de oposição.

Uma série de greves convocadas pelos trabalhadores metalúrgicos de São Paulo em 1978 levou à criação do Partido dos Trabalhadores (PT), cujo líder era o carismático e barbudo Luiz Inácio Lula da Silva, que nas primeiras eleições democráticas, onze anos depois, disputaria a Presidência da República e, em 2003, chegaria a presidente do Brasil. Lula percorreu os quatro cantos do Brasil para organizar as delegações rurais do PT. No Acre, graças a João Maia, conheceu Chico Mendes, que mantinha relações com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), então na clandestinidade. Sentira-se atraído pelo sonho de uma sociedade nova, mas também percebia como era difícil avançar na ilegalidade. Porém, Chico viu no PT, amálgama de tendências de esquerda, a possibilidade de desenvolver certo espírito revolucionário dentro da legalidade. A pedido de Lula, ajudou a fundar a delegação do Acre. Nas cidades, o PT advogava pelo aumento dos salários. No campo, pela reforma agrária.

As recentes liberdades políticas animaram os seringueiros a aumentar a intensidade da luta. Wilson Pinheiro, presidente do sindicato de Brasileia, havia se transformado no Robin Hood dos desfavorecidos da Amazônia. Segundo o sindicato, os novos proprietários haviam expulsado, de 1970 a 1975, 15 mil famílias e haviam destruído 180 mil seringueiras, 80 mil castanheiras e 1,2 milhão de árvores de madeira nobre. Todas as discussões no seio do sindicato chegavam à mesma conclusão: a maneira mais eficaz de resistir à invasão era a mobilização. Portanto, os empates se multiplicaram, mas nem todos acabavam bem. Segundo Chico Mendes, menos da metade podia ser considerada vitoriosa.

Um deles, no Seringal Equador, acabou com uma violenta intervenção da polícia, que agrediu brutalmente os seringueiros antes de colocá-los em um caminhão e levá-los à delegacia. Chegaram apinhados, cantando hinos que membros da Igreja haviam composto em homenagem aos seringueiros resistentes. Eram tão numerosos que não cabiam nas celas. O comandante liberou alguns, dentre os quais se encontravam os líderes, Chico e Wilson, ao passo que os quarenta restantes foram amontoados nos corredores. Chico mandou seu irmão Zuza a Rio Branco para avisar Arquilau de Castro, advogado da Comissão Pastoral da Terra.

Durante os três dias que o advogado levou para chegar, os quarenta detidos, dentre os quais se encontravam Raimundo de Barros, primo de Chico, e Luis Tarjino, um militante conhecido por sua coragem, foram torturados. Tarjino recordaria mais tarde que um policial colocara uma espingarda em sua boca e ameaçara atirar se ele não se confessasse comunista. Ele fora obrigado a confessar uma mentira, o que lhe valera uma chuva de pancadas que o deixara inconsciente. Arrancaram os cabelos de Raimundo de Barros e o submeteram, como a todos os outros, a surras que ele não esqueceria em toda a sua vida. Quando o advogado chegou, ameaçou um escândalo na imprensa se não soltassem imediatamente os detidos. O comandante os liberou. Tivera tempo suficiente para intimidá-los e dissuadi-los de continuar com seus empates. Os seringueiros saíram humilhados e desmoralizados, mas mais decididos que nunca a prosseguir com a luta, mais indignados que nunca contra a injustiça que deixava livres os irmãos Darly e Alvarino Alves por assassinar uma família inteira, mas prendia camponeses pelo simples fato de se atreverem a reclamar seus direitos.

Os empates fizeram que os fazendeiros buscassem outras táticas. Tentaram provar que o movimento sindical era financiado por Moscou. Um agente da CIA passou algum tempo em Xapuri em 1978, depois de os fazendeiros alertarem a Embaixada dos Estados Unidos em Brasília dizendo que havia um movimento subversivo no Acre financiado pelos países do Leste. Mas o agente não viu nenhum indício do complô que se supunha destinado a subverter a ordem estabelecida. Só viu uma casinha de madeira ao lado da igreja, que era a sede do sindicato. Deduziu que os seringueiros pouco podiam fazer contra os latifundiários. Estes decidiram, então, combater o movimento intensificando a violência. A partir de 1975, o número de assassinatos de camponeses, pequenos proprietários, seus conselheiros e sindicalistas subiu até alcançar três dígitos em

1980. Mais da metade acontecia na região Amazônica, que contava com menos de dez por cento da população brasileira. No Acre, a direção dos sindicatos começou a viver em um medo constante.

*

Quando ia a Rio Branco, Chico Mendes se hospedava na casa da tia, a mesma que havia criado seus irmãos depois da morte da mãe. Uma noite, por volta das 9h30, saiu para comprar um maço de cigarros Hollywood, sua marca preferida. À altura do hospital, percebeu que um carro o seguia e acelerou o passo. Mas o carro o alcançou; quatro homens mascarados se jogaram sobre ele e, pondo um revólver em sua garganta, vendaram seus olhos. Levaram-no até algum lugar na periferia. Quando retiraram a venda, ele se viu amarrado a uma cadeira na sala de uma casa. Os homens o submeteram a um exaustivo interrogatório. Queriam saber de suas relações com o Partido Comunista, de onde provinham os fundos do sindicato, quais eram suas relações com outras organizações consideradas subversivas, como os montoneros argentinos ou os guerrilheiros do Paraguai. Mas, na realidade, o objetivo era intimidá-lo e convencê-lo a abandonar suas atividades: "É melhor você parar definitivamente. Está prejudicando muita gente, incitando uns contra os outros, contando aos pobres posseiros essas histórias de opressão e de luta. Você enfia ideias falsas na cabeça deles, e isso não está certo", diziam, enquanto lhe socavam o estômago e o ameaçavam. "Se não se calar, se continuar contando lixo no jornal e incitando as pessoas, um dia vão encontrá-lo jogado em uma esquina com a boca cheia de formiga." Aquelas últimas palavras aliviaram Chico, porque significavam que não o matariam ali mesmo, como pensara a princípio. Foi um alívio de curta duração, porque os homens, quando pararam de lhe bater, puseram eletrodos em seus genitais, o que o fez pensar que eram policiais. Tornaram a perguntar sobre o Partido Comunista; queriam nomes e endereços. Chico repetiu diversas vezes que não sabia de nada, que havia se desvinculado fazia tempo. Um suor gelado saía de todos os seus poros. A recordação fugaz do padre Claudio lhe passou pela mente antes que ele desmaiasse com a dor dos choques. "Jesus conheceu a perseguição e a ameaça de morte." Essas palavras ainda ecoavam em sua cabeça quando recuperou a consciência, na calçada em frente ao hospital. Mal podendo caminhar, chegou à casa da tia cambaleando. "Achei que estava bêbado", contou mais tarde a tia, "mas ele se jogou na cama, e então vi seu rosto machucado. Estava chorando. Eram lágrimas de raiva, não de tristeza."

Pouco tempo depois, em 21 de julho de 1980, Wilson Pinheiro estava vendo seu

programa preferido, um seriado policial chamado João da Silva, quando três indivíduos com sotaque peruano se aproximaram de sua varanda de madeira perguntando pelo presidente do sindicato. Wilson se apresentou. Os dois homens pediram um lugar para passar a noite. Em uma cidade fronteiriça como Brasileia, isso era coisa normal. Mas Wilson logo desconfiou dos forasteiros. Havia acabado de receber um aviso de um colega para que se afastasse durante algum tempo dos assuntos do sindicato, coisa a que ele se opôs: – Se tiver que morrer, vai ser na sede do sindicato e defendendo os direitos dos meus companheiros – respondera. Pouco depois, recebera um anúncio, como chamavam as ameaças de morte. Avisar sobre a iminência de um atentado faz parte do ritual de morte anunciada.

Wilson havia recebido um bilhete de um fazendeiro: “Fique fora do movimento ou vai conseguir ser morto. Assinado: Mão Branca”.

– Não posso hospedar alguém que não conheço – respondeu Wilson aos forasteiros depois de tê-los observado atentamente. Os homens lhe pediram permissão para deixar as mochilas ali enquanto iam à Polícia Federal carimbar seus passaportes. Wilson concordou, e foi se sentar em frente à tevê para ver o final do seriado.

Não fazia muito tempo que havia ocorrido um empate espetacular que fizera dele um personagem de lenda. Um latifundiário da Boca do Acre, um município do Estado do Amazonas, queria expulsar 36 famílias de seringueiros com a ajuda de um pequeno exército de jagunços quando Wilson chegou à frente de trezentos homens armados de facões e foices. Achando que iam ser exterminados no ato, os pistoleiros saíram correndo, abandonando as armas na fuga. Os seringueiros tiraram fotos com as armas apreendidas, que em muitas choupanas da selva ainda podiam ser vistas penduradas em lugar de honra. Além dos revólveres e das espingardas de caça, os sindicalistas confiscaram vinte rifles automáticos. Para se manter sempre na mais estrita legalidade, Wilson decidiu então depositar as armas no quartel do exército de Rio Branco. Para sua surpresa, o comandante recriminou-o por ter invadido aquela fazenda. Perguntou a Wilson se queria fazer do Acre uma nova Cuba. – É justamente o que queremos evitar – respondeu Wilson.– Os homens que você vê aqui só têm seus facões para se defender dessas armas automáticas – acrescentou enquanto deixava os fuzis. O Varadouro publicou as fotos daquele empate, e, ao ver aqueles caminhões lotados de seringueiros exaltados que cantavam seus hinos sentados em um monte de armas, os latifundiários se alarmaram.

A preocupação fez que o governo do estado convocasse uma reunião pública entre seringueiros e latifundiários, transmitida pela rádio local, para abordar suas diferenças. Durante o encontro, o secretário municipal de Xapuri perdeu o controle: – A única maneira de resolver os conflitos da terra é matando o presidente do sindicato, o delegado da Contag e os padres que incitam os seringueiros! Logo vai haver muitas viúvas no Acre. – Muitos tomaram isso como uma explosão irracional de cólera. Mas, na realidade, essas declarações respondiam à mudança de tática dos latifundiários diante dos empates. Como as intimidações não haviam funcionado, haviam decidido mirar os cabeças do movimento, para decapitá-lo. Wilson Pinheiro e Chico Mendes eram os primeiros da lista. Seu mais acérrimo inimigo era o capataz de uma fazenda de 200 mil hectares, um indivíduo chamado Nilo Sérgio, cujos trabalhos de desflorestamento haviam sido interrompidos por uma centena de seringueiros. Quando não conseguiu uma ordem judicial para expulsar os seringueiros, jurou que Wilson Pinheiro pagaria caro, apesar de o líder sindical estar tentando negociar uma troca de terras para os seringueiros da fazenda.

O BARULHO DA TEVÊ ABAFAVA o zunir das cigarras e dos insetos da selva. Wilson esperava com impaciência o desenlace da trama que se desenrolava na pequena tela. Estava muito concentrado nisso para notar as duas sombras que deslizavam por trás da varanda da casa. Eram os dois visitantes, que voltavam sigilosamente. Eles também estavam esperando o fim do seriado, mas por outras razões. Sabiam que todos os episódios da série acabavam com um tiroteio, do qual esperavam, à sua maneira, participar. Pensaram em seus companheiros que, a 70 quilômetros dali, em Xapuri, estariam vivendo a mesma tensão, o mesmo esforço de concentração antes de abater a presa: nesse caso, o outro líder do movimento sindical, um tal de Chico Mendes. Haviam sido contratados pela “gente do Paraná”,********* e o pagamento era bom. Insistiram que o trabalho fosse limpo, e tinham levado tempo demais para planejar aquele duplo serviço.

Chegava o momento da cena final. Wilson estava tão concentrado que aproximou a poltrona do aparelho. Um dos pistoleiros puxou um revólver e apontou para a nuca do seringueiro. Prendeu a respiração. Na tevê, ouviu-se um tiro, seguido pelo tiroteio de praxe do seriado das segundas-feiras. Nesse momento, o homem apertou o gatilho até esvaziar o pente. As detonações de sua arma se confundiram com as do filme. As primeiras balas se incrustaram na parede. Wilson pulou da poltrona, mas não com rapidez suficiente. Uma bala acertou sua coxa esquerda, outra o rim e outra lhe atravessou o pulmão. Caiu. Os

assassinos desapareceram no ar quente da noite, enquanto os cachorros da vizinhança latiam sem parar.

Foi uma de suas filhas que encontrou o corpo inerte de Wilson. Ficou parada no limiar da porta, atônita, e depois foi chamar a mãe. Quando a mulher viu o corpo ensanguentado do marido, soltou um grito que, dizem os seringueiros, ainda pode ser ouvido nas noites que marcam o aniversário do atentado. Talvez os jagunços o tivessem ouvido também, mas já haviam desaparecido na mata, antes que os vizinhos percebessem o que havia acontecido.

A 70 quilômetros dali, Chico se salvara da mesma sorte porque de última hora havia decidido comparecer a uma reunião sindical no vale do Juruá. Quando os jagunços chegaram à praça da Igreja de Xapuri e não viram luzes no casarão que servia de quartel-general do sindicato, compreenderam que haviam perdido o dinheiro do "serviço" e foram embora. Esses imprevistos faziam parte do ofício. Não se preocuparam muito; afinal de contas, trabalho é que não faltava.

POUCAS HORAS DEPOIS DO ASSASSINATO do carismático líder, um grupo de seringueiros assaltou a rádio de Brasileia e transmitiu uma convocação para que todos os seringueiros fossem ao funeral.

"A primeira coisa que fiz", contaria João Maia, "foi pagar (com um cheque sem fundos, porque nem o sindicato nem eu tínhamos dinheiro) as pompas fúnebres para que pusessem o corpo de Wilson em formol. Era importante que durasse pelo menos três dias, para dar tempo a todos de chegar para o enterro." No dia seguinte, João Maia foi até Rio Branco na caminhonete do sindicato para se encontrar com o governador e o secretário de Segurança Pública, a fim de estudar a situação e evitar mais violência. Os ânimos de vingança dos seringueiros eram um rio prestes a transbordar.

O corpo de Wilson ficou exposto durante vários dias. Centenas de seringueiros, colonos e camponeses atravessaram a selva e caminharam durante horas, alguns durante dias, até a BR-317, que os levaria a Brasileia para dar o último adeus ao líder assassinado. Ao passar pelos restos mortais, os seringueiros tiravam o chapéu: "Companheiro, é a última vez que nos vemos, mas garanto que vamos vingá-lo", diziam sem conseguir conter as lágrimas.

Mas o mais insólito foi ver Nilo Sérgio, o capataz que havia jurado se vingar de Wilson, subir os degraus da sede do sindicato e parar em frente ao cadáver. Todo mundo sabia que Nilo Sérgio tinha vários peruanos trabalhando para ele. Quando se aproximou do féretro, alguns notaram que, pela primeira vez desde

sua morte, o corpo de Wilson estava sangrando. Segundo uma crença amazônica, quando o assassino se aproxima do corpo da vítima, o sangue brota, clamando vingança.

Os seringueiros responderam ao assassinato exigindo que as autoridades prendessem os culpados em um prazo máximo de sete dias. Ao cabo desse tempo, uma manifestação foi convocada em Brasileia. Chico Mendes estava aturdido; havia voltado da reunião no vale do Juruá e encontrara o amigo no féretro. Embargava-o um sentimento familiar, misto de tristeza infinita e impotência. Das intimidações, passara-se no Acre a um nível maior de violência: o assassinato puro e simples. Chico pedia calma. Recordava aos seringueiros enfurecidos as prisões arbitrárias, as surras nos calabouços da Polícia Civil, as torturas e, principalmente, o enorme desequilíbrio de forças. – Chico – diziam –, desta vez temos que nos vingar. Os fazendeiros precisam entender que eles também correm risco se continuarem com isso. – Chico Mendes negava com a cabeça e repetia sua frase habitual: – Não acredito em cadáveres. Não servem para nada. – Mas sua voz solitária se perdia na multidão colérica. O sangue pedia sangue.

Lula, como presidente do PT, voou de São Paulo para comparecer à manifestação. O presidente da Contag também foi de Brasília. Membros da Polícia Federal, de binóculos e gravadores, observavam tudo. Os discursos, diante da multidão amontoada na praça de Brasileia, tinham uma forte carga emotiva. Lula disse que havia chegado a hora de a onça beber água, o que foi interpretado pelas autoridades como incitação à violência. “Wilson Pinheiro vive!” ou “Morte aos fazendeiros!” eram os gritos que interrompiam os discursos. Nesse mesmo dia, o comitê de seringueiros que havia feito um ultimato à justiça recebeu a primeira resposta das autoridades, que não visava apaziguar os ânimos: o único delegado de polícia que havia mostrado interesse em esclarecer os fatos acabava de ser afastado da investigação.

Depois do ato público, um grupo de seringueiros se dirigiu à fazenda onde morava Nilo Sérgio. Encontraram-no ao volante de uma caminhonete Chevrolet. Ia à frente de um comboio de dois caminhões levando cabeças de gado para o matadouro.

– Veja – apontou um deles. – Vai vender gado para pagar os pistoleiros que mataram Wilson!

Os seringueiros pararam o comboio e obrigaram Nilo a sair de sua

caminhonete. Nilo era um homem forte e alto, e tentou manter a pose enquanto o tiravam à força.

– Viemos lhe perguntar quem mandou matar Wilson.

– Eu não sei de nada – respondeu Nilo Sergio, impassível. – Wilson era amigo meu, não tenho nada a ver com isso.

– O senhor não era amigo de Wilson, está falando isso porque está com medo. Sabemos que há alguns meses mandou comprar um 38 e o entregou a um peão seu dizendo que era para matar Wilson Pinheiro. O senhor o ameaçou em outra ocasião dizendo que ele ia pagar caro por ter empatado seu seringal.

Nilo Sérgio, sem perder a compostura, repetiu que não sabia de nada. A seguir, livrou-se da multidão e seguiu para seus caminhões, escoltado pelos seringueiros. Nesse momento, devia estar se sentindo em território mais seguro, e tentou sair da situação intimidando os seringueiros no mais puro estilo amazônico, feito da arrogância dos fortes:

– Rapazes, vou lhes dizer uma coisa: apesar de tudo que está acontecendo, vocês não vão encontrar o criminoso que matou seu presidente. E vou lhes dizer mais. Se não me deixarem em paz e não deixarem o caminho livre para os meus caminhões, isso não vai ficar assim.

Não havia terminado a frase quando um seringueiro atirou nele à queima-roupa. O capataz caiu no chão em uma poça de sangue. Como se uma represa houvesse explodido, liberando anos e anos de humilhações contidas, mais quarenta tiros esburacaram seu corpo. Dessa maneira, os seringueiros deixavam claro que responderiam às mortes com mais mortes.

Se com o assassinato de Wilson Pinheiro a justiça não se mobilizou, nesse momento suas rodas giraram com uma celeridade impressionante. A repressão foi feroz. “Eu estava em Assis Brasil quando mataram Nilo”, contaria o padre Destro. “A polícia cortou todas as estradas, e chegou o exército. Parecia um golpe de Estado. Penetraram na selva durante umas seis horas procurando os suspeitos. Confiscaram todo tipo de armas, desde facas de cozinha até as espingardas que os seringueiros usavam para caçar. Prenderam muitos. Eu falei com gente que morava perto das prisões e que não conseguia dormir por conta dos gritos daqueles que estavam sendo torturados.” Depois, soube-se que arrancaram as unhas de muitos sindicalistas com pinças. Outros se familiarizaram com o instrumento de tortura de todas as delegacias do Brasil: o

pau de arara.

Apesar das torturas, os investigadores não conseguiram nada. Houve 28 denúncias por assassinato, mas o caso nunca chegou a julgamento. Depois de um mês, os últimos seringueiros foram libertados. Mas a justiça militar abriu um processo contra os que pronunciaram discursos no dia do funeral. Lula, João Maia, Chico Mendes e mais dois oradores foram acusados de ter atentado contra a Lei de Segurança Nacional por ter incitado os seringueiros à violência que acabou no assassinato do capataz. Chico Mendes foi submetido a duros interrogatórios no Hotel Xapuri por um homem que cruzaria seu caminho anos depois, e com quem manteria uma encarniçada luta: o superintendente da Polícia Federal, Mauro Sposito, conhecido por suas excelentes relações com os latifundiários da região. Às vezes cordial e conciliador, às vezes frio e ameaçador, interrogou Chico durante horas e não lhe permitiu sair do hotel durante dias. Queria saber tudo sobre o sindicato, seus membros, os contatos com as guerrilhas de outros países sul-americanos, etc. Chico lhe disse que esperava que os assassinos de Wilson fossem submetidos ao mesmo tipo de interrogatório que utilizavam com os seringueiros. Os pistoleiros que haviam atirado em Wilson haviam acabado de ser identificados pela polícia. Chegou-se a saber até quanto haviam ganhado (400 mil cruzeiros), mas nunca foram detidos nem julgados.

As duas mortes e a brutalidade da repressão foram como uma bomba que, ao explodir, desintegrou o movimento de resistência dos seringueiros. Chico Mendes, fustigado pela polícia, perseguido pela justiça e acossado pelos latifundiários, foi obrigado a tomar estritas medidas de segurança. Como podia morrer a qualquer momento e em qualquer lugar, teve que se habituar a mudar de itinerário, a não dormir todas as noites no mesmo lugar e a ficar à espreita 24 horas por dia. Acostumou-se a não avisar aonde ia e a sair de um lugar fechado por uma porta diferente pela qual havia entrado. Seu primo Raimundo de Barros e ele se tornaram inseparáveis. Durante três meses, viveram indo de um lado para outro como vagabundos, sempre temendo que a polícia ou algum jagunço lhes armasse uma emboscada.

Um dia, cansados de andar pela selva, sentaram-se à beira de um riacho:

– Raimundo, a partir de hoje vamos nos separar – disse Chico. – Vamos dividir as tarefas. É melhor para sua segurança, e é a melhor maneira de ajudar o movimento. Você vai escolher uma região para formar líderes, e eu escolho

outra. Se ficarmos juntos, haverá muitas probabilidades de o inimigo matar os dois, e vai acontecer o que aconteceu em Brasileia. Se você cair primeiro, prosseguirei a luta com os companheiros. Se eu cair, você prosseguirá.

Raimundo quis objetar, mas a decisão do primo era lógica e razoável. O adversário os havia acertado na cabeça. Não restava outra saída senão multiplicar as cabeças. Chico diria mais tarde, relembrando essa época de sua vida: “Hoje pelo menos não sinto esse frio, não tenho medo de morrer e de que o movimento desapareça. Hoje em dia, qualquer um de nós pode ser assassinado, mas o perigo não existe; o movimento, ao contrário, sairá fortalecido”.*********

********* Hércules, o maior escaravelho do mundo. (N. A.)

********* Entrevista concedida por Chico Mendes ao professor Cândido Grzybowski em 1988. (N. A.)

TERCEIRA PARTE

A GUERRA VERDE

(1979-1985)

23

Amazônia oriental – sul do Estado do Pará

"Não quero entrar nessa lata de sardinha", pensou Pernambuco. Seu amigo, o dentista fazendeiro, acabava de lhe oferecer trabalhar e viver em sua fazenda para cuidar da "ordem interna", organizando os pistoleiros. Parecia uma solução para a segurança de Pernambuco, cada vez mais ameaçada. Também para o dentista, que havia prosperado muito nos últimos cinco anos. Já era dono de mais de 15 mil cabeças de gado. Conforme lhe prometera ao contratá-lo pela primeira vez para eliminar os três posseiros, o dentista havia lhe dado trabalho com regularidade. Todos os casos de camponeses recalcitrantes haviam sido passados a Pernambuco. Além disso, colocara-o em contato com os capatazes de outras fazendas de propriedade de amigos seus, felizes por poder contar com alguém sério e competente para limpar suas terras. Pernambuco havia ganhado dinheiro – o suficiente para manter duas ou três mulheres na cidade e para beber todo o Chivas que seu fígado permitisse (finalmente, havia pegado gosto pelo uísque) –, mas não era capaz de conservá-lo. Precisava ganhar muito mais para realizar o sonho de se aposentar em seu Nordeste natal; por isso, a ideia de trabalhar fixo em uma fazenda, dependendo totalmente de um único patrão, não lhe agradava, apesar da amizade que o unia ao dentista. Sabia que não lhe faltaria nada, mas que também não ficaria rico.

A vida de Pernambuco estava perigando na cidade. A fachada do açougue só servia para a Justiça. Todos em Altamira sabiam que o açougueiro de longas mãos era um temido pistoleiro. Era tal o terror que inspirava nos posseiros que a simples menção a seu nome os fazia tremer ou enfurecer. Embora nunca ninguém tivesse conseguido provar nada contra ele – "Muitas suspeitas, nenhuma prova", costumavam dizer –, Pernambuco havia se tornado perigosamente popular. Na realidade, o fenômeno pelo qual passava era parte do círculo vital dos pistoleiros: queimavam-se se permanecessem muito tempo no mesmo lugar. O desejo de vingança dos parentes das vítimas não desaparecia com o tempo. E como cada vez havia mais vítimas, também havia mais parentes querendo vingança. Até pouco tempo atrás, Pernambuco havia se sentido protegido, graças às excelentes relações que mantinha com o efetivo policial. Antes de cada "serviço", avisava o comandante do posto policial para que não

destinasse nenhum agente à área do atentado. Nunca tivera problema algum por esse lado. Mas, recentemente, por conta do aumento das pressões sobre a Polícia Civil do Estado do Pará para controlar a violência, o comandante amigo seu havia sido transferido para Belém. O substituto havia se mostrado menos propenso a indulgências. Tinha instruções de prender alguns pistoleiros para mostrar à opinião pública que a lei imperava em Altamira. Pernambuco não queria ser um deles.

O aumento da violência se devia principalmente ao fracasso da Transamazônica. O governo, dois anos depois de terminar a construção, teve que cancelar o programa de colonização. De 1970 a 1974, apenas 4.900 famílias haviam se estabelecido, em vez das 100 mil inicialmente previstas. Dezessete por cento haviam abandonado o local nos primeiros três anos. A informação transmitida por quem tentara refletia o desgaste dos colonos, abatidos por epidemias de uma malária resistente ao tratamento habitual, cheios de fungos e demais doenças. A disenteria havia feito aumentar a mortalidade infantil, e surgiam várias doenças misteriosas, uma delas conhecida como “síndrome de Altamira”, transmitida por moscas pretas, que provocava hemorragias nasais espontâneas e, em alguns casos, até a morte. A imprensa começou a chamar a outrora estrada para o progresso de “estrada que vai do nada a lugar nenhum”. Os colonos a apelidaram de “Transmiseriana”. Dez anos depois da inauguração, só era praticável em 1.100 dos seus 3.500 quilômetros, da costa atlântica até Itaituba, no Pará. Daí em diante estava interrompida, e a selva havia recuperado o terreno que um dia tivera que ceder às escavadeiras.

Altamira conheceu a plena decadência. O Aquarium estava meio vazio. O preço da terra caía, restaurantes e lojas fechavam, pequenos e médios agricultores abandonavam a cidade. Mas continuava chegando um fluxo caótico e descontrolado de camponeses pobres que ocupavam as terras, abandonadas ou não. Desmatavam, queimavam, plantavam, colhiam e depois, quando a terra não dava mais nada, repetiam o ciclo um pouco além. E tornavam a desmatar e a queimar. Essa invasão de posseiros, que cedo ou tarde se viam envolvidos em conflitos de terra, garantia a Pernambuco um trabalho constante. Mas também havia a outra face da moeda: “trabalhar” muito era perigoso em um lugar onde todo mundo se conhecia. O recente assassinato de seu amigo açougueiro, por quem sentia um sincero afeto, o fez recordar esse fato de maneira trágica.

Os tiros, que haviam ocorrido no trajeto entre o matadouro e o carro, na realidade se dirigiam a Pernambuco. Ele se safou por conta de um movimento

brusco e inesperado do amigo, que se interpôs entre ele e a espingarda de dois camponeses escondidos no limite da floresta. “Os posseiros me tocaiaram muito, mas nunca me acertaram”, contaria Pernambuco anos depois com lágrimas nos olhos, por conta da recordação do açougueiro que lhe abrira as portas da cidade e cuja morte lhe havia salvado a vida. Embora já não trabalhassem juntos, porque Pernambuco havia aberto seu próprio açougue (por questões de segurança), o açougueiro gostava dele como de um irmão. Era eternamente agradecido por sua lealdade, amplamente demonstrada no caso de sua mulher, a poetisa. Não fazia muito tempo que a mulher havia chamado Pernambuco para lhe encomendar um serviço: liquidar o marido em troca de 200 mil cruzeiros e do Volkswagen do casal. “Não acho que estava louca. Simplesmente queria mudar de vida. Tentou me sugerir que eu fosse com ela, mas não lhe dei nem oportunidade de me pedir. Aquela mulher sofria de um caso grave de ‘altamirite’; era maluquinha.”A questão é que Pernambuco foi logo contar o caso ao amigo açougueiro. Este teve vontade de matar a mulher, mas conteve-se: “Por que matá-la, se não havia interesse financeiro?”, perguntaria Pernambuco. “Os jagunços ou os agenciadores de pistoleiros, como o açougueiro, não cometem crimes passionais. O que ele fez foi se separar da esposa. Houve uma briga muito grande, e ele a mandou embora de casa.”

O MEDO DE MORRER PELAS balas dos posseiros não era a única razão pela qual Pernambuco havia rejeitado a proposta do dentista. A verdadeira razão era que não queria matar índios. “Nem religiosos nem índios”, repetia sempre, evocando uma frase que ouvira dos grandes pistoleiros. Em seu infinito desejo de posse, os latifundiários da região usurpavam cada vez mais terreno, sem se importar com o status jurídico. O dentista invadiu terras indígenas e começou a desmatar. Os índios, surpresos, não reagiram, até que um sórdido incidente os fez entender a gravidade do que estava acontecendo. Um dia, quando estavam quebrando castanha em uma clareira, foram atacados com tiros de espingarda pelos capatazes da fazenda do dentista. A maioria conseguiu escapar, mas um foi atingido e caiu. No dia seguinte, quando os índios voltaram ao local do tiroteio, encontraram o corpo do companheiro com o bíceps cortado e amarrado pelo antebraço. Então, entenderam a mensagem que os brancos queriam transmitir: não roubem nossas coisas. Dois dias antes, aqueles índios haviam tido o infortúnio de encontrar no acampamento dos peões uma coisa extraordinária, algo que lhes seria muito útil: uma enxada e dois facões. Como não havia ninguém porque era hora do banho, pegaram-nos. “Isso ocorreu no início dos anos 1980”, contaria Sydney Possuelo, a quem a notícia chegou um ano depois

de ter acontecido, “não no início do século ou no passado remoto, quando a moral vigente permitia agredir povos, saquear, espoliar.”

Pernambuco logo soube daquela selvageria, porque os capatazes, satisfeitos por terem dado uma lição aos índios, contavam a história como caçadores vangloriando-se de suas proezas. Pernambuco não gostou nada de ouvir aquilo. Pensou em Sydney Possuelo, e até lhe passou pela cabeça denunciar o caso, mas sentia-se preso entre duas lealdades: uma para com o amigo dentista, e outra para com o amigo Possuelo. De modo que não fez nada.

O negócio piorou quando os índios se vingaram atacando um dos acampamentos da fazenda do dentista. Mataram um peão e depois desapareceram na selva. Então, os capatazes se prepararam para contra-atacar. Pediram ajuda a Pernambuco para acabar com os índios. Pernambuco não só se negou, como também os aconselhou a não se vingar. O dentista, que tinha pressa de fazer a “limpeza”, antes que a Funai se metesse no assunto, não gostou nem um pouco da reiterada negativa de Pernambuco. No mundo dos mercenários não se rejeitava uma oferta de trabalho vinda de alguém poderoso e de confiança, porque pressupunha um desacordo que poderia, em última instância, ser usado contra o próprio mandante. O dentista estava irritado, mas não chegara ao ponto de desconfiar, porque sabia que Pernambuco era um verdadeiro profissional e não falaria nunca. Outro pistoleiro teria pago com a vida a negativa de fazer o serviço. É o que se chama “queima de arquivo”.

Pernambuco tinha vontade de abandonar essa vida, pelo menos durante algum tempo, e irritava-se ao ver como era difícil. Além de seu nível de vida ser afetado, o problema é que estava muito envolvido. Ele sabia demais. “Não tenho sossego, quero entrar na lei dos crentes”, confessou a um amigo. Esse tipo de confissão era perigoso, porque alguém que quisesse abandonar o “trabalho” podia dar com a língua nos dentes. Em muitos casos, os próprios pistoleiros matavam os colegas para evitar qualquer risco de delação. O simples fato de querer se afastar era perigoso; continuar era perigoso também. Pernambuco não encontrava uma solução clara para seu futuro. Mas uma ideia lhe rondava a cabeça.

Todo mundo na Amazônia vivia sob o impacto de um acontecimento ocorrido simultaneamente a milhares de quilômetros dali, nas praças mercantis de Londres, Nova York e Tóquio, que repercutiu na vida da selva – com consequências fatais. Em 1979, por causas que ainda se discutem, o preço do

ouro subiu como nunca antes na história. No início de 1980, a onça de ouro atingiu o preço de 850 dólares no London Metal Exchange, provocando no Equador, no Peru, na Colômbia, Guiana, Venezuela, Bolívia, Guiana Francesa e principalmente no Brasil uma febre pelo precioso metal, só comparável ao boom da borracha do século XIX.

A uns 200 quilômetros de Altamira, na Fazenda Três Barras, certa manhã um lavrador chamado Aristeu levou a seu patrão, o criador de gado Genésio Ferreira da Silva, uma estranha pedra, que se descobriu ser uma enorme pepita de ouro. Genésio tentou manter a descoberta em segredo, mas não conseguiu. A fofoca foi incontrolável. Era dezembro de 1979, Genésio construiu uma pista de pouso e começou a receber garimpeiros, e atribuía uma pequena parcela a cada um, chamada barranco, para que a explorassem em troca de uma porcentagem da produção. Logo encontraram mais pepitas gigantescas: uma delas pesava 26,339 quilos e era do tamanho de uma bola de rúgbi. Em março de 1980, já havia 5 mil pessoas trabalhando em várias centenas de barrancos naquilo que se chamou garimpo de Serra Pelada. Em maio eram 30 mil. Três anos depois seriam 100 mil. Fotógrafos e repórteres de televisão mostraram ao mundo imagens de milhares de garimpeiros, sujos de barro e fuligem, carregando sacos de pedra e, como formigas, cavando um imenso buraco na montanha com as picaretas, as pás e as mãos. O rosto desses homens enlouquecidos pela cor da fortuna e as intermináveis filas humanas sugeriam o inferno. Era impressionante, porque não combinava com a era de alta tecnologia dos anos 1980; pareciam imagens tiradas da Bíblia, o castigo que Deus impunha aos homens por sua cobiça. Mas essas imagens, que faziam de Serra Pelada o símbolo da febre do ouro na Amazônia, provocavam em muitos brasileiros sem porvir uma vontade irreprimível de participar da bonança. Atraídos pela ilusão do ouro, hordas de camponeses pobres pegavam a rota rumo ao coração da selva. Pernambuco, no beco sem saída a que sua vida de matador havia chegado, também não era indiferente a esse vento de prosperidade.

Ele não havia perdido contato com Tarzan, aquele garimpeiro italiano que em Altamira lhe havia proposto sociedade quando estava abandonando a frente de contato de Possuelo. A intuição do velho italiano havia sido correta: Serra Pelada ficava perto da região onde ele fazia suas prospecções. Havia adquirido os direitos de exploração de três barrancos e vira muitos bamburrarem, mas ele não tivera a mesma sorte. Não encontrou nenhuma pepita enorme, mas conseguia quantidades regulares de ouro de aluvião, uma areinha que depois se

amalgamava. Quando Tarzan chegava à cidade, geralmente com dinheiro, passava pelo Aquarium, onde Pernambuco costumava se encontrar cercado de garotas. Imediatamente a atenção se centrava em Tarzan. Todos queriam ouvir suas histórias fabulosas de gente que havia enriquecido de repente, de outros que haviam perdido tudo em uma noite e do ambiente febril de Serra Pelada. A Amazônia inteira pulsava ao ritmo daquela mina a céu aberto. Tarzan contava que os monomotores faziam fila para decolar do aeroporto de Marabá, a cidade mais próxima; que chegavam, em jatos particulares, homens com maletas cheias de dinheiro para comprar ouro na cidade, onde era impossível conseguir um quarto vago. Desde a madrugada as pessoas faziam fila na porta das pensões onde os garimpeiros, dentre os quais se encontrava Tarzan, vendiam seu ouro. Nos corredores era possível ver os compradores pesando o metal e puxando bolos de dinheiro como se fossem banqueiros. À tarde, as crianças que varriam os quartos recolhiam o pó de ouro que caía ao longo do dia e o guardavam em potes de vidro. Na farmácia de Marabá se podia pagar com ouro. O farmacêutico usava sua balança de precisão e devolvia o troco em dinheiro. O mesmo acontecia em todas as lojas da cidade.

A loucura de Serra Pelada chegou ao ponto de provocar um verdadeiro deslocamento social em toda a região. Coletores de castanhas, camponeses, tecnocratas, vendedores, etc., abandonavam seus empregos para ir ao garimpo. Os bancos se viram sem funcionários da noite para o dia, e o exemplo mais espetacular da súbita falta de mão de obra aconteceu em abril de 1980 com o fechamento da agência dos Correios e Telégrafos de Marabá, porque todos os funcionários haviam partido para Serra Pelada. A tal ponto chegou a febre do ouro que até a Câmara do Comércio pediu ao prefeito que fechasse a mina.

*

– Quero falar com você – disse Pernambuco livrando-se das garotas. O Aquarium estava quase fechando. Cheirava a uísque barato e a suor. – Preciso sair daqui.

– Eu estou sempre procurando gente forte como você – disse Tarzan.

– Aquela oferta que me fez aquele dia continua de pé?

– Há muito ladrão no garimpo, mas agora não posso lhe dar metade.

– Quanto?

Tarzan ficou pensativo. A seguir, ergueu os olhos para Pernambuco e disse:

– Cinco por cento – Pernambuco caiu na risada. – É a comissão que se paga – replicou Tarzan com firmeza. – Se não acreditar, pergunte por aí – acrescentou.

– Vamos, velho, faça um esforço – insistiu Pernambuco. – Você sabe que sou trabalhador e de confiança.

– Nem me respondeu quando lhe ofereci garimpar comigo perto de Serra Pelada. Naquela época, eu era o único que andava por aquelas bandas. Agora que arranjei um barranco, você vem e... acha que vou lhe oferecer a mesma coisa? Não mesmo!

– Um pouco mais de cinco por cento.

– Cinco ou nada. Pense bem – concluiu Tarzan enquanto esvaziava o copo e, acompanhado de uma moreninha, saía do local.

Pernambuco não precisava pensar muito. Era uma necessidade vital abandonar Altamira por algum tempo. Além disso, tinha consciência de que não sabia nada de garimpagem, e se conseguisse se tornar realmente útil, convenceria o velho a lhe dar uma parte maior. No dia seguinte, chegou cedo ao Aquarium para dizer ao velho italiano que aceitava o trato. Mas Tarzan não apareceu naquela noite. A moreninha disse que o velho tivera que ir precipitadamente para Serra Pelada. As autoridades federais haviam acabado de invadir o garimpo e o haviam fechado. Pernambuco parecia condenado a continuar vivendo à espreita.

PARA O GOVERNO, A FEBRE do ouro naquela região era uma gravíssima ameaça a seus planos faraônicos. Havia investido 62 bilhões de dólares em um projeto de exploração siderúrgica conhecido como Grande Carajás, considerado o mais caro e importante da Amazônia. Dez anos antes, militares brasileiros, junto com a força aérea norte-americana, haviam feito uma avaliação das riquezas da bacia do Amazonas. As fotos tomadas do espaço haviam mostrado vários dados interessantes: um novo rio de 400 milhas a oeste da Amazônia, que não havia sido descoberto porque estava totalmente escondido pela vegetação, e duzentas estruturas circulares no norte do Pará, que julgavam ser vulcões extintos. Em uma fase posterior, foram enviadas equipes de geólogos, agrônomos, engenheiros florestais, geógrafos e cartógrafos. Subiram rios que nunca haviam sido explorados e pousaram seus helicópteros em lugares onde o homem branco jamais havia pisado. Os informes que as equipes foram elaborando eram impressionantes: 5 bilhões de dólares em madeira, principalmente mogno e

cedro; estanho, cassiterita e manganês em Rondônia, Pará e Roraima; caulim no Pará; ouro no rio Tapajós; e, acima de tudo, cerca de 18 bilhões de toneladas de ferro na serra de Carajás, entre os rios Xingu e Tocantins, a maior reserva do mundo de ferro, níquel, bauxita e cobre. O governo militar, desesperadamente necessitado de grandes somas de divisas para pagar a crescente dívida externa do país (que havia passado de 5 bilhões de dólares em 1964, ano do golpe de Estado, a 85 bilhões de dólares em 1985), decidiu dispor de todos os meios imagináveis para explorar essa riqueza metalúrgica. O governo reagia como um jogador que aposta todo o seu dinheiro em uma única jogada para recuperar o resto das apostas. Quanto maior a dívida, mais grandiosos ficavam os projetos. Grande Carajás incluía um trem financiado pelos Estados Unidos, pelo Japão e pelo governo brasileiro, que transportava cem vagões com 70 toneladas de minério cada um até o porto de São Luís, no oceano Atlântico. Quando surgiu a febre do ouro, três siderúrgicas já estavam em funcionamento, de um total de dez previstas.

O garimpo de Serra Pelada atraía enormes quantidades de mão de obra, e como o Estado não cobrava impostos pela exploração não regulada do ouro, o Conselho de Segurança Nacional, pedra angular do regime militar, recomendou ao presidente Figueiredo a intervenção federal. Serra Pelada, com sua concentração de milhares e milhares de garimpeiros, estava em uma área de conflitos rurais que em meados dos anos 1960 havia conhecido uma sublevação de guerrilhas. Com o pretexto de que era uma ameaça para a segurança nacional, os militares decidiram, pela primeira vez na história, invadir um garimpo.

Em 1º de maio de 1980, um helicóptero que levava a bordo o lendário major Curió no comando de um grupo de policiais federais pousou em Serra Pelada. Curió reuniu os garimpeiros, pegou sua pistola Magnum e atirou para o ar, dizendo: “Podem ficar com suas armas por enquanto, mas não esqueçam que só quem atira aqui sou eu”. Isolou a área, proibiu provisoriamente a entrada e a saída do garimpo, mandou embora todas as prostitutas, confiscou todas as armas e proibiu a venda e o consumo de bebidas alcoólicas. Foi criado um corpo administrativo, e todos os garimpeiros foram obrigados a portar uma carteirinha de trabalho, condição indispensável para residir em Serra Pelada. O contrabando de ouro ficou impossível, e a hemorragia de gente de Marabá a Serra Pelada estancou de repente. Foi instalada uma clínica médica, um posto de controle da malária e uma sucursal da Caixa Econômica Federal, onde era obrigatório vender todo o ouro extraído. Habilitaram-se linhas telefônicas, abriu-se uma

agência dos Correios e um supermercado do governo, que vendia alimentos a preço de custo. Cada novo dia de trabalho começava com uma reunião de massa em frente ao escritório de onde o major Curió fazia um discurso depois de cantar o hino nacional. Homem de grande carisma, Curió tinha a habilidade de falar com os garimpeiros em termos familiares, e logo se tornou muito popular: “Deus no céu e Curió na Terra”, diziam os garimpeiros.

Mas nem todos estavam satisfeitos com a intervenção do governo, que, embora garantisse certa ordem, também impunha regras que às vezes não combinavam com as exigências da realidade. Uma das novas leis seria especialmente prejudicial para os garimpeiros mais experientes: não era permitido ao mesmo indivíduo obter lucros de mais de um barranco (parcela de terra que cabe trabalhar a cada garimpeiro). Era como se um jogador de roleta fosse proibido de apostar em vários números ao mesmo tempo. Aqueles que tinham vários barrancos – e esse era o caso de Tarzan – foram obrigados a escolher um e a entregar os outros ao gabinete central sem receber compensação financeira alguma. Desiludido e com a sensação de ter sido roubado pelas autoridades, Tarzan decidiu vender sua última mina e abandonar Serra Pelada. Aos quase 70 anos, desfez-se da maquinaria e se preparou para prosseguir com sua especialidade: a prospecção. Dessa vez iria mais para o sul, em pleno território indígena pertencente à tribo dos caiapós, na serra dos Gradaús, onde dez anos antes havia descoberto “a farinha”. Continuaria exercendo sua verdadeira vocação, de desbravador. Mas como nem os mais solitários garimpeiros podem trabalhar sem ajuda, o velho precisava pelo menos de um companheiro. Agora que Pernambuco estava disponível, Tarzan viu a oportunidade de viver, talvez, sua última grande aventura garimpeira.

24

A única pessoa de quem Pernambuco se despediu foi o dentista, que havia insistido para que ele fosse tomar um Chivas na fazenda antes de partir com Tarzan. – Tinha muito interesse em que viesse. Quero lhe mostrar uma coisa – disse ao recebê-lo. Passando o braço pelo ombro dele, caminharam pela varanda e saíram ao jardim. Mal se via a selva da mansão que ele mandara construir no meio daquilo que agora eram seus pastos. Não fosse por uma ou outra palmeira e pelo calor, a paisagem se parecia com a das grandes fazendas do Meio Oeste norte-americano. Até o dentista se vestia como um personagem da série Dallas. Por toda a Amazônia havia se desenvolvido uma cultura da criação de gado imitativa do Velho Oeste; nos fins de semana, fazendeiros e peões assistiam aos boiadeiros, espécie de rodeio nos quais alguns vaqueiros montavam touros e vacas. Mas, diferentemente dos ranchos norte-americanos, cuja terra era rica e cujo pasto podia alimentar mais de dez cabeças de gado por hectare, as fazendas da Amazônia alimentavam uma cabeça de gado por hectare, na melhor das hipóteses. Para a maioria dos latifundiários, essa baixa produtividade era indiferente; para eles, a criação de gado continuava sendo o melhor pretexto para se apossar da terra. Outros, como o dentista, cuidavam muito de perto de seus animais, pesquisavam e procuravam novas espécies de gado.

– Vou lhe apresentar... é a coisa mais maravilhosa que já vi. É meu orgulho, é a alegria da minha vida – disse a Pernambuco, que esperava encontrar uma mulher imponente. Passaram ao lado da imensa antena parabólica, e atrás de um dos monomotores parados na pista de pouso havia o que parecia uma estátua de pedra. Era uma touro imenso, da raça nelore, recém-importado da Índia. “Tragam o Fiat!”, ordenou a um empregado seu, que rapidamente executou a ordem. O homem se aproximou puxando o gigantesco animal, que resistia ao avanço. Suas botas de couro afundavam no barro. “Eu lhe apresento Fiat”, disse o dentista, retumbante. Pernambuco nunca vira um touro tão grande e majestoso, além de tão incrivelmente dócil e tranquilo. O dentista o acariciou com indizível ternura e falou em sua orelha, do tamanho de uma toalha de mão. O animal se levantou com uma parcimônia oriental. Sua pele lustrosa, a corcova, a papada e os longos chifres lhe conferiam um ar de grande senhor. Era um quadro heteróclito: um dentista-fazendeiro apaixonado por um animal da Índia que se protegia do sol deitando embaixo da asa de um dos monomotores. A imagem da

nova Amazônia.

Fiat era o símbolo do poder e da riqueza do dentista. Ele havia posto todas as suas esperanças – e muito dinheiro – naquele touro semental. Os problemas do gado – mordidas de cobra e ervas venenosas – haviam se agravado com a febre aftosa, uma afecção endêmica que impedia a venda de carne amazônica aos mercados internacionais. Apesar dos 3 bilhões de dólares******** que haviam custado ao Brasil os incentivos para implantar a pecuária, a Amazônia continuava sendo uma região importadora de carne. Os latifundiários achavam que o problema estava nos animais, e se obstinavam em ignorar a razão de fundo: a degradação irremediável dos pastos.

Essa esterilidade da terra era um mistério que intrigara gerações de cientistas, exploradores, conquistadores e planejadores, perplexos diante do contraste entre os medíocres campos cultivados e a profusão de cipós e árvores da selva circundante. A origem dessa ilusão de fertilidade que havia atraído para a Amazônia milhões de pioneiros só se revelou em meados dos anos 1980, quando os cientistas descobriram que a selva só extrai oito por cento dos seus alimentos do solo que a sustenta. O resto é obtido na biomassa, ou seja, em todo o seu material vivo; as árvores tiram elementos nutritivos de outras plantas e da decomposição das próprias folhas, e muito pouco por meio das raízes. O galho que cai, o inseto ou o animal que morre é imediatamente devorado por formigas, fungos, cupins ou parasitas. Nenhum organismo permanece tranquilo em seu canto, tudo está em perpétuo estado de regeneração, nascendo ou morrendo, crescendo ou apodrecendo, atacando ou defendendo. Os cientistas deduziram que justamente a singularidade de ser um solo pobre é que faz da floresta equatorial um organismo quase autossuficiente. A maior parte da água da chuva evapora antes de chegar ao solo, mas ao cortar as árvores, quando já não resta nada da camada protetora da mata, a água arrasta os elementos nutritivos da terra, empobrecendo-a. No início dos anos 1980, a maioria dos fazendeiros continuava querendo sua parte de subvenções e de dinheiro fácil. Questionar a qualidade da terra, ou a rentabilidade de suas fazendas agropecuárias, equivalia a atirar pedras no próprio telhado.

Quando acabaram de beber o uísque, Pernambuco se despediu do dentista.

– Você pode ser o encarregado de tudo isso – disse a Pernambuco apontando o horizonte de suas terras. – Aqui você tem um futuro garantido.

– Muito obrigado, senhor.

– Tem certeza de que não quer ficar? Ainda está em tempo.

– Não, senhor – respondeu Pernambuco.

– Se é uma questão de dinheiro, podemos conversar.

– Não é uma questão de dinheiro. Altamira está muito quente para mim.

O dentista pareceu entender. Os dois homens se abraçaram e Pernambuco entrou na caminhonete.

– Obrigado pela visita, Pernambuco – disse o dentista. – Se mudar de ideia, aqui você tem casa e emprego.

– Adeus – disse Pernambuco, emocionado pelo afeto que o dentista mais rico da Amazônia sempre lhe havia dispensado.

*

À medida que a canoa carregada de combustível e alimentos se afastava de Altamira rio acima, Pernambuco sentiu que todos os músculos do seu corpo relaxavam. Também achou que seu cérebro estava amolecendo. Já não precisava ficar à espreita 24 horas por dia, nem olhar constantemente para trás, nem ter cuidado ao se sentar ao lado de alguém, nem se preocupar quando a porta se abrisse. Precisava voltar a se acostumar a dormir tranquilo, a não se sobressaltar com qualquer barulho, a não achar que todas as sombras eram inimigas, a usufruir de um sossego que os mortos que carregava nos ombros não lhe haviam permitido desfrutar. Pior do que se estivessem vivos, aqueles mortos haviam infernizado sua vida. Embora a selva quase o houvesse engolido vivo quando fugira do trabalho escravo, estava feliz de voltar a ela, de voltar a se esconder em seu emaranhado de vegetação, deixando para trás a selva dos homens.

Tarzan não perguntara muito sobre o passado de Pernambuco porque se deixava guiar pelo instinto. Além disso, preferia se ligar a gente que não fosse da profissão. Estavam menos viciados e, como sabiam pouco, dependiam mais dele. Haviam chegado a um acordo quanto à distribuição dos lucros: setenta por cento para Tarzan e trinta por cento para Pernambuco, o que representava um avanço considerável desde os cinco por cento oferecidos antes da intervenção e do confisco dos seus barrancos em Serra Pelada. Tarzan havia lhe prometido igualar a oferta inicial de cinquenta por cento, feita uns anos atrás, se demonstrasse eficácia e lealdade. Para um desbravador de 70 anos, associar-se ao corpulento Pernambuco era a solução para se dedicar à paixão de sua vida: a busca e a

investigação na selva. Tarzan fazia parte da elite dos garimpeiros, os mais especializados. Capazes de passar longas temporadas na selva, esses homens se dedicavam à prospecção mais por puro prazer que pelo mero desejo de enriquecer. São os que correm riscos maiores e os primeiros a subir ao lendário pódio dos garimpeiros quando descobrem uma nova mina. A vida no garimpo, com sua complexa trama de relações e um sem-fim de problemas – salários, porcentagens, absentismo, etc. –, não era com ele. Por isso, não havia lamentado vender seu barranco de Serra Pelada.

Era um navegante habilidoso, bom conhecedor dos rios e da selva. Falava muito, como fazem as pessoas solitárias quando estão em companhia. Contava histórias da Itália e era obcecado pela mãe. Ao acordar, na primeira manhã, na margem do rio, depois de ter passado uma noite terrível lutando contra os mosquitos e sem pregar o olho, Tarzan contou que a mãe lhe aparecera vestida de branco com um buquê de rosas na mão e o havia chamado a seu lado. – Ela quer me dizer alguma coisa, sei que quer me dizer alguma coisa. Não passa desse verão sem que eu vá para a Itália – repetia chorando. O velho italiano vivia atormentado pela ideia de que a mãe teria morrido. Não havia dia em que não a mencionasse, como também não havia dia em que não falasse de sua infância e de como conseguia se comunicar com o além. Isso inquietava Pernambuco, que coçava a cabeça pensando que havia se associado a um maluco. “Agora entendo por que estava procurando alguém desesperadamente. Para contar suas loucuras!”, chegou a pensar.

Tarzan se irritava quando questionavam sua sensatez. O velho era um homem de fé, tinha visões e falava com os mortos, mas isso não queria dizer que estivesse maluco. Pernambuco se arrependeu de ter lhe perguntado se algum parente seu havia acabado em um manicômio. O velho deixou claro que não permitia comentários desse tipo. Quando às vezes sua memória falhava, era por causa de todos os anos que havia inalado mercúrio amalgamando ouro. Não porque estivesse louco.

Nas noites seguintes dormiram nas choupanas de barro dos ribeirinhos, às margens do Xingu, habitadas por famílias numerosas de ex-seringueiros que viviam da criação de animais de curral, da caça e pesca, que ofereciam hospitalidade em troca de um pouco de sabão, café, massa ou açúcar, provisões das quais Tarzan havia se abastecido de sobra. Podia ser que estivesse louco, mas Pernambuco jamais teria pensado em prever tudo o que seria necessário com tanta exatidão. Também não lhe teria ocorrido fazer tantas perguntas sobre o

tráfego no rio; pouco a pouco, foi entendendo que Tarzan reunia toda a informação possível sobre a situação dos demais garimpeiros, e também o fazia para evitar que o seguissem. Um velho especializado como ele podia economizar muita mão de obra a algum ambicioso, desses garimpeiros sem escrúpulos que pululavam pelos rios. Tarzan os temia mais que aos animais da selva. Acreditava que tinham olho grande, muita inveja. Evitar aquela praga havia sido uma das causas pelas quais se associara a Pernambuco.

O velho era também um pouco poeta. Antes de adormecer na rede, cantava canções de ninar para, segundo dizia às inúmeras crianças que dormiam nas redes penduradas nas paredes e no teto, afastar os maus espíritos da selva. Depois, rezava em voz alta, o que deixava Pernambuco exasperado. Ao amanhecer, acordavam com o aroma do café, o cacarejar das galinhas, os latidos dos cachorros e o choro e risos das crianças que pulavam das redes para mergulhar no rio. Pouco depois, Tarzan e Pernambuco começavam sua viagem.

Mais adiante, o rio se estreita, e os encontros com seres humanos rareiam. Algumas frestas no muro florestal interrompiam a monotonia da selva: eram as trilhas abandonadas dos plantadores de mandioca ou os caminhos dos seringueiros, aqueles que Pernambuco não soubera reconhecer em sua fuga anos antes. Os dois navegantes se alimentavam de imensos pirarucus, muito comuns nas águas do Xingu. Com seus traçados sobre a pele e sua forma de animal pré-histórico, o pirarucu parece não ter evoluído desde o Plistoceno. Tem brânquias, mas também um pulmão, e é fácil pescá-lo porque sobe à superfície para respirar a cada três ou quatro minutos. Tarzan era um mestre da vida no rio. Reconhecia o tralhoto, peixe voador que tem dois pares de olhos, um para a visão aérea e outro para observar a superfície da água. Havia também o acará, cuja fêmea, ao pressentir o perigo, abre a imensa boca para que seus filhotes se refugiem nela; depois a fecha de uma vez e triunfalmente enfrenta o inimigo. Tarzan gargalhava, surpreso como uma criança quando vê as maravilhas da natureza pela primeira vez.

Quando se acostumou às excentricidades do companheiro, Pernambuco começou a aproveitar a nova vida, na qual tinha que se dedicar às tarefas mais essenciais, como acender o fogo ou preparar uma isca. Uma novidade para um indivíduo que durante os últimos anos havia se dedicado exclusivamente a planejar mortes e evitar ser assassinado.

No décimo dia de navegação entraram em território indígena. “Terra de índios

é terra de madeira e ouro”, dizia Tarzan. De vez em quando, algum caiapó, rosto pintado de jenipapo e flechas na mão, acenava da margem. Tarzan não quis parar até que deixaram o Xingu para subir o rio Fresco. Não queria se distrair com os caciques; queria passar o mais inadvertido possível. Revezavam-se ao timão, queimando ao sol durante o dia e tiritando de frio durante a noite. Assim chegaram à desembocadura de um riacho por onde se enfiaram, evitando troncos e galhos caídos, até que não conseguiram mais navegar. O lugar era escuro, fracamente iluminado por algum raio de sol que lutava para atravessar a densa folhagem. Tarzan pegou um punhado de areia do leito do riacho. Estudou-o atentamente e sorriu. “Estamos indo bem”, disse a Pernambuco, que lutava contra um enxame de insetos. Para o velho garimpeiro, a selva não era monótona como para Pernambuco; além da fascinação pelos animais e plantas, digna de um naturalista, Tarzan via nela uma diversidade de microuniversos dos quais se podia extrair ouro.

Constantemente utilizava a bateia, uma espécie de prato cônico de uns 40 centímetros de raio, e sua versão menor, a cuia, usada tanto para a busca do ouro quanto para comer. A cada 50 metros, Tarzan colocava um punhado de areia do riacho na bateia, acrescentava água e a misturava em ambas as direções. O material mais leve tende a subir para a beira do prato e sair, ao passo que o mais pesado tende a se depositar no fundo. Quando achava que já havia bastante material concentrado no fundo, acrescentava gotas de água com os dedos enquanto mantinha a bateia inclinada, a fim de lavar as impurezas mais pesadas que se infiltrassem. Chamava Pernambuco e lhe mostrava o brilho de uma ou duas partículas douradas contra o escuro fundo metálico. Então, o rosto de Pernambuco se iluminava e ele esquecia por um momento as misérias que os insetos e o cansaço o faziam passar.

– Quando se encontra uma pista como essa de agora – explicava Tarzan –, é preciso segui-la até ver em que direção o ouro se desvia. Olhe sempre para o chão, e quando mudar de cor é porque há um mineral diferente. Então, use a bateia para saber se é ouro, ferro, cassiterita ou o que for. Veja, aqui o solo é como giz – disse, indicando um lodo amarelado. – Lá é arenoso. É preciso olhar de perto e buscar as veias, lá onde a terra muda de cor. Às vezes avermelhada, ou esbranquiçada, ou escura.

– Quem lhe ensinou tudo isso? – perguntou Pernambuco, ajoelhado no chão.

– Ninguém, meu filho. Aprendi rezando muito e pedindo a Deus que me

abrisse a mente – respondeu Tarzan.

– Deus também lhe disse que havia ouro aqui?

– Não, isso eu imaginei. Se você houvesse prestado atenção, teria visto que entramos por um riacho ao pé de uns montes. Há dez anos, fiz prospecções do outro lado desses montes e encontrei farinha, aquela que lhe mostrei. Então, pensei que deste lado também tinha de haver, e parece que não me enganei. Mas temos de chegar até a rocha. Não esqueça que o ouro desce. Vem de cima, da rocha, que solta pó e pepitas.

À medida que subiam, a selva ficava menos densa; abundavam as moitas e as árvores eram mais baixas, mas o avanço continuava difícil. Em frente a eles erguiam-se maciços de grandes rochas negras. À altura do chão adivinhavam-se covas cuja entrada estava obstruída por um caos de pedras recobertas de musgo e escondidas sob uma cortina de hera, trepadeiras e galhos. Acima das rochas elevavam-se colinas cobertas de mata. Olhando para trás tinha-se uma vista espetacular sobre um oceano verde. Não havia sinal algum de vida humana, nem sequer aldeias indígenas. Embora a temperatura fosse levemente inferior à da planície, o calor era sufocante; nuvens de borboletas flutuavam no ar pesado e úmido. A quietude não era silêncio; ouvia-se o curso dos riachos por entre o canto das cigarras e dos pássaros e o coaxar das rãs. Ouvia-se principalmente o arfar da respiração, o barulho dos passos e dos golpes de facão ao avançar.

Ao chegar a uma pequena esplanada, Tarzan abarcou a paisagem com um só olhar e percorreu com a vista os detalhes para checar sua impressão inicial. A seguir, deitou-se na margem do riacho e bebeu bastante. – Que fresca! – disse, contemplando as rochas enquanto secava a boca com a camiseta. Levantou-se e as estudou. Cavou um buraco na terra e pôs um punhado na bateia. Agachou-se segurando-a nas mãos e submergiu-a parcialmente na água. Fez uma lavagem delicada e observou a terra. Restou uma fina areia preta, como uma pincelada de tinta. No meio havia uma partícula dourada, maior que as anteriores. Jogou mais água, e depois de uma rápida sacudida que misturou os grãos de areia preta, viu um segundo grãozinho brilhante. Continuou fazendo uma lavagem finíssima. Examinava meticulosamente cada pequena porção. Encontrou outra partícula, e outra. Como um pastor com seu rebanho, reuniu tudo para que nenhuma se perdesse. Contou-as: – Treze – disse quase num sussurro. – Estamos em um bom lugar. – Continuou observando o maciço de rochas negras com um olhar penetrante, como se as estivesse estudando uma a uma. Caminhou para a direita

e repetiu a mesma operação. – Dez – contou dessa vez. Ordenou a Pernambuco que fizesse o mesmo do outro lado. Mas teve que repetir o trabalho, porque Pernambuco não acertava. Embora usar a bateia fosse fácil, levava-se algum tempo para aprender. Onde Pernambuco não conseguia mais de uma ou duas partículas, Tarzan tirava cinco ou seis. Como se estivesse em transe, totalmente concentrado, o velho reiniciou a investigação, partindo do ponto inicial. Seus grãozinhos de ouro foram aumentando.

Instalaram as redes em uma pequena clareira e durante vários dias se dedicaram febrilmente a cavar buracos e tirar areinha de ouro com suas bateias. À medida que subiam pela ladeira, extraíam mais partículas, e o velho Tarzan as guardava em um pote de vidro. Tão concentrados estavam no trabalho que mal notavam o tempo passar. Pernambuco esquecia a comida. Tarzan acendia a fogueira e preparava o arroz com feijão sem carne, porque não queriam perder tempo caçando. Só sentiam o cansaço quando caíam na rede no fim do dia, e seus músculos se contraíam após ficarem agachados desde o amanhecer. As costas estavam rígidas. – Por isso a chamam de febre do ouro – disse Tarzan –, porque até um velho como eu perde a razão. Para que tanta pressa? Ninguém vai levar as rochas embora. Estamos há três dias sem comer nada fresco. Amanhã temos que caçar alguma coisa, senão o beribéri nos pega.

Mas, no dia seguinte, levantaram-se com o sol e, sem tomar café da manhã, puseram-se a trabalhar. De novo se esqueceram de caçar e outra vez jantaram farinha de mandioca e arroz com feijão. A riqueza cada vez maior do que obtinham contribuía para mantê-los em um permanente estado de excitação. Pernambuco era incapaz de caminhar normalmente: enchia a bateia de terra e corria costa abaixo para pegar água, depois voltava correndo, tropeçando nos cipós e nos galhos. Cada vez tinham que cavar mais fundo para encontrar as partículas douradas. Logo tiveram que dividir o trabalho. Tarzan fazia a bateia, enquanto Pernambuco cavava. Com as costas doloridas de trabalhar encurvado, destruía a terra macia com a picareta e a pá. Subiam feito lagartas, mas tiveram que interromper o trabalho quando apareceram duas sombras na mata. Tarzan se assustou: “Fomos seguidos!”, disse, pensando que se tratava de dois garimpeiros. Mas ao ver que não respondiam a suas saudações, e que também não iam embora, deduziram que eram índios. Pernambuco disse algo em língua caiapó. A resposta foram umas risadas, e imediatamente dois índios apareceram. Era uma dupla de jovens que haviam saído para caçar. Farejaram o lugar, mas não encontraram nada apetecível para comer. Mostraram interesse por um facão,

mas Tarzan, precavido, não quis dá-lo, porque sabia que voltariam querendo mais. Limitou-se a lhes dar contas de plástico para seus colares. Os índios permaneceram um tempo vendo-os trabalhar, e, sem entender por que aqueles dois lunáticos se esforçavam com tanto afinco, partiram como haviam chegado, rindo.

Um minuto depois, Tarzan e Pernambuco esqueceram por completo aquela visita. O velho estava preocupado: – Está afundando, está afundando – dizia ao verificar que cada vez era preciso cavar mais fundo. Dois dias depois, estavam a um metro de profundidade. O valor se multiplicava por quatro. A noite os surpreendia com os olhos lutando contra a escuridão, enquanto lavavam mais e mais terra e depositavam mais pepitas e mais grãozinhos no pote de vidro, que já estava pela metade. – Um de nós vai ter que ir à cidade comprar alimentos e material – sugeriu Tarzan. – Isto aqui ainda demora. – A vala que haviam cavado parecia uma ferida na pele da ladeira. Sua cabeça ficava à altura da beira do buraco, a água cobria até o meio da panturrilha, e a enxada os salpicava de água lamacenta. A picareta, ao bater nas rochas, soltava faíscas. Tarzan examinava as pedras de perto: – É quartzo, bom sinal. Continue. – Pernambuco nunca se queixava, como se dispusesse de toda a energia acumulada durante os anos em que não havia feito nenhum esforço físico. Atacou o quartzo partido com grandes golpes, desintegrando-o. Tarzan afundou a pá várias vezes até que seu olho captou um brilho amarelo. – Pare! – ordenou a Pernambuco. Agacharam-se. Tarzan pegou um pedaço de quartzo e o limpou. Havia nele um pedaço de ouro do tamanho de uma ameixa. Lavou-o na bateia, e o metal foi adquirindo seu brilho característico. – E depois dizem que sou muito velho para encontrar ouro! – exclamou. – Veja bem, Pernambuco: ouro puro. Um veio de ouro puro, um bambúrrio! – Pernambuco estava impressionado. Pingando suor, as mãos fortemente crispadas no cabo da pá, sentiu uma tontura e cambaleou. – Um bambúrrio! – A palavra retumbava no alto do maciço. Pernambuco não podia acreditar que a sorte o houvesse agraciado tão depressa. Abraçou o velho Tarzan e juntos pularam na água lamacenta como duas crianças.

De volta ao acampamento, Tarzan pegou a balança e pesaram o pedregulho: 28 gramas. Não era um grande bambúrrio, mas bastava para recuperar todos os gastos feitos até então e, principalmente, para comprar material e continuar explorando a mina.

– Embora digam que o dinheiro do primeiro bambúrrio deve ser gasto com putas e cachaça, acho que é melhor investi-lo em maquinaria e alimentos –

propôs Tarzan, rompendo, assim, um velho costume garimpeiro. Pernambuco assentiu; já tivera tempo de se fartar de prostitutas e álcool no Aquarium. Tarzan se levantou e, com ar solene, anunciou. – Temos de pôr um nome neste lugar. Tem alguma ideia?

Pernambuco ficou pensativo, como sempre quando fazia um esforço sobre-humano para se concentrar, algo raríssimo nele. Por fim, seu rosto se iluminou e ele soltou sua brilhante ideia:

– Já sei! Garimpo do Tarzan – disse enfaticamente.

Tarzan não esperava menos do companheiro, e assentiu com a cabeça.

– Acho uma boa ideia – disse.

No dia seguinte, limparam e aprofundaram a mesma escavação. Encontraram mais uns grãozinhos. O pote de vidro resplandecia como se tivesse luz própria. Tarzan passou o dia falando de sua cidade na Itália e que entregaria parte de seu dinheiro à beneficência local. Em sua idade, dizia, tinha que pensar em garantir o descanso eterno. Poucas coisas restavam nesta vida que já não houvesse desfrutado, contava a Pernambuco. Conhecera o amor e se casara duas vezes com mulheres maravilhosas. Uma delas acabara lhe roubando todo o dinheiro e depois o abandonara, ao passo que a outra – um anjo, dizia – morrera de câncer aos 30 anos. Conhecera a fortuna inúmeras vezes, mas havia sido incapaz de conservá-la. – O dinheiro que se ganha com ouro não dura – costumava repetir. Havia gastado tudo em cassinos e outras excentricidades, como fretar um avião para convidar uns amigos garimpeiros a passar um fim de semana no Rio de Janeiro ou alugar um bordel inteiro para desfrutar, sozinho e sem limite de tempo, de todas as suas garotas. Agora só sonhava em viver em sua cidade natal os anos que lhe restavam, ao lado da velha mãe, se é que estava viva. Voltar à terra natal era o sonho mais comum em uma terra de imigrantes como a Amazônia.

******** Segundo cálculos do World Resources lnstitute de Washington. (N. A.)

25

– Amanhã vou a Redenção – disse Tarzan à noite. – Vou avisar Hitler.

Pernambuco olhou para ele com espanto. Em uma fração de segundo, pensou que o bambúrrio havia sido uma emoção muito forte para Tarzan e que o havia feito perder a razão.

– Hitler é um velho amigo meu – explicou Tarzan. – É o melhor piloto. Tenho que negociar com ele para que nos mande mercadorias a cada duas semanas. Levarei pelo menos quatro dias para chegar, se tudo correr bem. No total, ficarei fora uns dez dias.

Pernambuco não respondeu. Não gostava da ideia de ficar sozinho no garimpo.

– Não é melhor que eu vá? – sugeriu.

– Você não saberia o que trazer, nem o que vamos precisar. Além disso, os pilotos não trabalham para quem não conhecem sem ter certeza de que vão receber.

Pernambuco não insistiu.

Tarzan desceu à canoa e Pernambuco entrou no fosso e continuou cavando. Ao ficar sozinho, todo o seu ser se pôs em estado de alerta. Atribuiu isso a um vício da profissão, à paranoia inerente a qualquer pessoa que tenha vivido muito tempo à margem da lei. Além disso, estava mais fraco que nos dias anteriores, e imaginou que fosse pela falta de comida fresca. Na realidade, sentia o peso de todo o cansaço acumulado. Mas nem por isso parou de cavar.

Depois de várias horas, sentiu uma sombra fugaz passar por cima de sua cabeça enquanto ele dava fortes golpes no quartzo podre. Teve uma intuição de perigo que o deixou tenso e lhe arrepiou os pelos do corpo. Sentiu um nó no estômago e ficou algum tempo sem conseguir engolir. Pouco a pouco, acalmou-se: “Índios de novo”, pensou. Continuou como se nada fosse, agachado e dando com a picareta na rocha. Até que de novo a sombra passou. Gritou em caiapó, mas não obteve resposta alguma. Fez deduções rápidas, tentando adivinhar a natureza daquela presença. Havia passado tempo demais perseguido pelas pessoas que queriam matá-lo para não pressentir uma ameaça. Seu instinto o

incitava a sair do buraco e enfrentar o perigo, mas teve o sangue-frio de permanecer no fosso. Precisava pensar, organizar seus medos.

“E se for um animal, e não um homem?”, perguntou-se enquanto retirava quartzo moído com a pá e se agachava para observá-lo. Podia ser uma onça-pintada. Ele sabia que as onças-pintadas e os gatos selvagens abundam na mata fechada. “Mas então”, perguntou-se, “por que não me ataca?” Talvez não estivesse com fome. Ouvira dizer que a onça-pintada só ataca quando está faminta. Ou talvez fosse uma capivara. Era possível. Nesse caso, não havia perigo. Foi se acalmando.

Depois de algum tempo, chegou a esquecer o medo. “A fome e o cansaço me fazem delirar”, pensou. Prosseguiu com o trabalho, e depois parou para descansar. Apoiado no cabo da pá, passou a suja camiseta pela testa encharcada. De repente, ouviu um estalo a pouca distância e se agachou. Pôs lentamente a cabeça para fora para olhar em volta. Não viu nada de anormal. Ficou um bom tempo à espreita. Tinha certeza de que não havia sido vítima de alucinações. Ainda havia a possibilidade de que fosse um animal, mas sentira algo humano naquele estalo. Gritou novamente em caiapó. A fugaz sombra que havia passado por cima de sua cabeça só podia ser de um índio. Talvez estivesse assustado e tivesse ido avisar os outros. Essa ideia o tranquilizou. Sabia tratar com os índios. Não fora em vão que vivera um ano em uma frente de contato com Possuelo.

Passaram-se os minutos, e depois as horas, e Pernambuco começou a pensar que não podia continuar naquele buraco. Depositou as ferramentas na beira do fosso e, apoiando-se nos braços, saiu à superfície. Olhou à sua volta. Aguçou o ouvido. Tudo parecia normal.

Pegou o caminho rumo ao acampamento. Verificou o solo e não teve mais dúvidas: havia pegadas de homem, e não eram as suas. Também não eram de índio; eram de sapato de homem branco. Seu sangue gelou. Havia alguém nos arredores com intenção de matá-lo. Tinha certeza disso. Restava saber quantos eram.

No acampamento, situado na mata, a alguns metros do fosso, comprovou que alguém andara revirando suas coisas. Não se aproximou do esconderijo onde guardava o pote. “Querem roubar o ouro, pois não vão encontrar nada!”, pensou. Desfez as redes e guardou todas as suas coisas enquanto seus olhos vigiavam como um pássaro. Fugir parecia o mais sensato, mas a ideia lhe repugnava. Abandonar sem mais nem menos o fruto do seu esforço para os abutres que

rondavam por ali não era seu estilo. Ficar nos arredores podia significar a morte. Era uma escolha difícil. Como não tinha muito tempo para pensar, decidiu levar tudo para o fosso. Ali se entrincheirou, protegendo-se das aves de rapina que com certeza queriam roubá-lo. “Se me matarem aqui, vai ser muito fácil me enterrar”, pensou no fundo da vala. Colocou os alimentos em volta do fosso, jogou umas pás de terra para absorver a água e fincou dois paus de cada lado, entre os quais pendurou a rede. Deitado assim poderia vigiar a selva que o circundava. Com a espingarda na mão, preparou-se para passar uma noite de sentinela.

Várias vezes acordou assustado, mas não sentiu nenhuma presença estranha. Um pássaro emitia uma espécie de gemido que parecia surpreendentemente humano. Com a luz do dia, foram se dissipando os temores da noite. De repente, teve uma ideia, e se amaldiçoou por não ter pensado nela antes: “Mas é claro!”, exclamou em voz alta. Encontrara a chave do enigma. Aquela sombra ameaçadora era o próprio Tarzan. Todas as peças se encaixavam de repente: a insistência do italiano em viajar sozinho para Redenção, sua loucura provavelmente fingida, as recomendações de não se afastar da mina... Agora entendia tudo. O velho italiano o havia usado para encontrar a mina e agora queria eliminá-lo. Fingira uma viagem à cidade, mas, na realidade, voltara para matá-lo, assim não teria que dividir nada. Os pensamentos se sucediam na cabeça de Pernambuco como um rio de águas caudalosas, uma ideia tropeçando na outra, reunindo evidência após evidência. Havia acordado no meio da noite com uma pergunta que o obcecava: e se houvesse mais de um nos arredores? Só havia notado as pegadas de um indivíduo. Por outro lado, perguntava-se por que já não haviam atacado. Podiam ter atirado nele em plena noite, ou na véspera, enquanto estava cavando. Havia duas razões para não fazerem isso, pensou. Uma, que não quisessem matá-lo ainda porque não haviam encontrado o ouro, caso fossem ladrões. Outra, que só houvesse uma pessoa espreitando e que estivesse à espera do melhor momento para atacar. Mas se fosse Tarzan, e agora tinha certeza disso, tudo se explicava. Tarzan esperaria que ele cavasse mais e mais antes de atirar nele pelas costas, porque o velho estava muito fraco para fazer o trabalho sozinho. Quando tivesse cavado metade da ladeira, então o velho assumiria o comando. “Por isso me ofereceu metade da primeira vez!”, pensou Pernambuco. “Porque não tinha intenção de dividir nada! Maldito velho!” Tendo adivinhado a origem do perigo, tramou seu plano. “Deve estar esperando que eu cave como um condenado”, pensou, “mas não vou me mexer. Vamos ver o que ele faz. Vai ficar nervoso e tentar me matar. Aí, estarei

esperando.”

Pernambuco colocou umas coisas na rede para que parecesse que estava deitado nela, e depois se colocou embaixo, com os pés no fosso. Permaneceu dois dias e duas noites à espreita, vigiando cada centímetro de selva que o cercava, esperando que o adversário desse o primeiro passo. Nesses dois dias não comeu, e quando a água do fosso refletiu a imagem de seu rosto, não se reconheceu. Sua barba estava enorme, os pômulos salientes e os olhos fundos. Prometeu a si mesmo que, se saísse dessa, se alimentaria melhor e cuidaria mais de si. Não deixava de ser paradoxal estar cercado de tanto espaço vazio e viver em um cubículo, em estado de sítio, sem poder se esticar. Até dormia no fosso, encostado na parede de terra úmida e fria. A situação não podia se prolongar por muito tempo, mas ele também não podia fugir, porque tinha certeza de que era isso que seu inimigo esperava.

Na segunda noite, estava tão cansado e sujo que pensou em ir ao riacho se lavar. Saiu do buraco e imediatamente sentiu-se invadido pela sensação de estar sendo observado. Mudou de ideia. Pegou a água da chuva na bateia e bebeu como um cachorro, com a língua. Depois, em vez de descer de novo ao fosso, sentiu a irresistível tentação de se deitar na rede. Nunca havia desfrutado tanto de seu suave balanço, do conforto que ela proporcionava, suspensa, longe dos insetos e da umidade. Não queria adormecer nela porque seria um alvo fácil, mas lutar contra o sono foi impossível. Sentia as pálpebras se fecharem, enquanto pensava que tinha que descer ao fosso. Continuava lutando mentalmente, mas seu corpo já se havia rendido. A letargia penetrava suas articulações inchadas, seus músculos contraídos, seus ossos doloridos. A certa altura, nada mais lhe importava. O cansaço ganhou a batalha, e Pernambuco adormeceu.

O pássaro que emitia um gemido quase humano o acordou uma hora depois. O permanente estado de vigília em que vivera nos últimos dias o impedia de descansar por muito tempo. O sono voltou a atacá-lo imediatamente, mas Pernambuco conseguiu reunir todas as forças que lhe restavam para se arrastar para fora da rede. Tomou a precaução de deixar uma manta para parecer que continuava deitado nela e depois desceu ao fosso. Ali se deitou no barro, meio acocorado, e se entregou aos braços de Morfeu.

Nunca esqueceria o modo como acordou daquele sonho. Era como se fogos de artifício houvessem explodido por sobre sua cabeça, na rede onde se supunha que estava deitado. Com que sanha haviam atirado nele! O assassino havia

descarregado a espingarda e o revólver à queima-roupa. A rede ficou reduzida a uns farrapos de pano dos quais se elevava uma fumaça preta. O cheiro de pólvora fazia seu nariz coçar. Pernambuco não se mexeu durante o tiroteio, ao qual se seguiu um silêncio sepulcral. A seguir, pôs a cabeça para fora. À beira do fosso havia um homem, mas a luz da lua só permitia ver as pernas enfiadas em botas. “De onde esse velho nojento tirou essas botas?”, perguntou-se. Rapidamente, antes que o assassino percebesse que havia atirado em uma rede vazia, Pernambuco estendeu o braço e, com um brusco safanão, derrubou-o. Na queda, o rifle ainda fumegante acertou seu rosto. Pernambuco sentiu o cano queimar-lhe as faces macilentas. Mas continuou segurando firmemente sua presa e a arrastou para o fosso, golpeando-a diversas vezes como fazia com a carne muito dura em seus tempos de açougueiro. Assim que caiu, o homem tentou se levantar, mas não conseguiu. A escuridão era total. Pernambuco dispunha da vantagem de conhecer esse buraco como a palma da mão. Então, podia colher os frutos de sua estratégia. Podia ter atirado no homem, mas sua raiva era tanta que preferia continuar batendo. – Velho filho da puta! Achou que ia me enganar fácil assim? – dizia enquanto o moía de pancada. O homem conseguiu lhe dar dois pontapés. – Está forte para sua idade, mas vou acabar com você de qualquer jeito! – Pernambuco pegou a enxada com que havia cavado o buraco e deu-lhe um golpe mortal. O homem soltou um grito rouco e desabou no chão encharcado, salpicando tudo de lodo e sangue.

Arfante, Pernambuco contemplou aquele corpo que dava os últimos espasmos. Puxou o revólver da cintura dele e tirou as balas que restavam no tambor. A seguir, o silêncio voltou a reinar no lugar. – Velho nojento! Você me traz até aqui para me fazer trabalhar e depois me matar! – Fragilizado pela raiva, a fome e a tensão, teve vontade de chorar. Mas sua respiração foi recuperando o ritmo normal. Saiu do fosso e se arrastou para os farrapos de pano queimado: – E, ainda por cima, me deixou sem rede! – disse ao morto. – Amanhã vou jogar umas pás de terra em cima de você para que fique com todo o ouro do seu último bambúrrio!

Começou a rir, com uma gargalhada que retumbava na escuridão da noite. Era um riso infernal, um riso nervoso que dava medo. Deitou-se no chão e em poucos minutos emitia fortes roncos.

Acordou ao entardecer do dia seguinte. Mal podia se mexer por conta das contusões. Repassou rapidamente os acontecimentos da véspera e de repente sentiu uma onda de felicidade. Era a alegria de sentir-se vivo. Permaneceu por

muito tempo na mesma posição, meio acordado, desfrutando esse momento único, como se nascesse pela segunda vez. Até os habituais ruídos da selva lhe pareciam uma canção da natureza. Sentia fome, mas como era agradável saber que tinha a vida inteira pela frente para comer. O sentimento de raiva e ódio por seu assassino havia desaparecido. – Então, queria me passar a perna, hein?! – disse, voltando a cabeça para o fosso. De repente, ficou imóvel, petrificado. Ali embaixo, na poça escura, estava o corpo retorcido de um homem que não era Tarzan. Pernambuco esfregou os olhos para se certificar. Era um homem de meia-idade, e vestia uma camiseta preta. Desceu ao fosso e com a ponta da bota o fez girar a cabeça. Suas feições estavam desfiguradas e inchadas. Não o reconheceu. Pernambuco revistou seus bolsos ensopados. Tirou um maço de cruzeiros desbotados, a foto de uma mulher com uma criança no colo, vários tíquetes de compra e uma carteira de identidade emitida em Santarém, uma cidade próxima a Altamira, às margens do Amazonas. Contemplou longamente a foto da carteira de identidade; o rosto lhe era familiar. Concentrou-se e tentou recordar. Comparou aquele rosto com algum dos posseiros que lhe coubera matar, mas não se encaixava. Comparou-o com alguns clientes do açougue, mas também não lhe era familiar. Porém, quanto mais observava, mais certeza tinha de conhecer aquele homem. Saiu do fosso e deu uma olhada ao redor para se certificar de que estava sozinho. Não sentiu nenhuma presença estranha. “Deve ser um desses garimpeiros ambiciosos, desses que Tarzan temia”, pensou. A seguir, deu uma última olhada no corpo contorcido e jogou-lhe uma pá de terra. De repente, reparou nas botas do homem, e em uma fração de segundo lembrou-se delas. Ele as havia visto na fazenda do dentista, afundando no barro. Eram daquele couro de que ele gostava. O empregado que puxava o Fiat as estava usando.

Aquela revelação o deixou desconcertado. Era o mundo de ponta-cabeça. O homem que havia tentado matá-lo era um dos empregados do dentista, provavelmente um dos seus jagunços. Do seu “amigo” dentista. Pernambuco preferiu pensar que o homem ouvira falar da viagem com Tarzan e que decidira, por conta própria, segui-los para roubar o ouro. Mas essa hipótese não se sustentava. A seu pesar, teve que se render à evidência: o dentista havia mandado matá-lo. Era um caso típico de queima de arquivo. Pernambuco sabia demais; tinha executado incontáveis crimes para o dentista, e não só havia tido a imprudência de lhe dizer que ia abandonar o ofício e que ia embora, como também havia se negado a livrar suas terras dos índios. Recordou claramente as últimas palavras do dentista: “Tem certeza de que não quer ficar? Ainda está em

tempo...”. Tudo se encaixava, então, com uma sórdida nitidez: a insistência para que fosse se despedir, o passeio até o Fiat, quando o pistoleiro encarregado de matá-lo o identificou. A frase “Ainda está em tempo” havia sido o anúncio de sua morte iminente. Mas tinha sido sutil demais para o entendimento de Pernambuco.

Em breves instantes, passou da surpresa e da consternação à cólera. Estava furioso por ter acreditado na amizade do dentista, por não ter entendido a fina linguagem da morte orquestrada. Furioso por ter desconfiado do velho e louco Tarzan, a única pessoa que lhe havia ensinado um ofício que não passava pelo cano de um 38. Furioso por sua ingenuidade. Pela primeira vez na vida, sentiu vergonha de si mesmo.

26

Pernambuco não estava acostumado a pensar. Muito a seu pesar, os últimos acontecimentos o forçaram a isso. Estava claro que nem mesmo na recôndita selva conseguia se livrar do peso dos crimes que havia cometido. Quando não eram os posseiros buscando vingança, eram seus próprios amigos querendo varrê-lo do mapa – uma insultante prova de desconfiança para alguém que se jactava de ser leal e sério nos negócios. Ao deixar de se sentir protegido por sua própria gente, ao não fazer parte daquela que julgava ser sua comunidade, todo o seu mundo ruiu como um castelo de cartas. Já não podia contar com ninguém. A região de Altamira estava vetada para ele. Não mais poderia se embebedar à luz negra do Aquarium, nem passear pela rua dos bordéis, nem convidar suas amigas prostitutas para beber uma pinga ou um uísque nos bares da margem do rio. Estava "marcado para morrer". A violência que havia ajudado a propagar voltava-se contra ele.

Como sempre em sua vida, só lhe restava olhar em frente. Ficava para trás um deserto semeado de cadáveres, o resultado de sua dedicação e profissionalismo. E no fosso descansavam os restos de seu pretenso assassino: "Matar queima", concluíra ao acabar de enterrá-lo. Aquele pensamento representava, sem dúvida, uma evolução em relação à noção que tinha de seu trabalho alguns anos antes, quando precisava de dinheiro e nem sequer pensava em suas vítimas como pessoas, e sim como "serviços". A traição do dentista o havia feito ver que a razão nem sempre estava do lado dos "mandantes". O mito do poder, a força e o progresso encarnado nos poderosos veio abaixo. Até então, sempre havia pensado que os posseiros assassinados friamente por seu 38 haviam merecido aquela sorte. Agora, todas essas certezas balançavam. Para Pernambuco, a vida deixava de ser o que era. Sentia-se sozinho, com um sabor amargo na boca.

Não se atreveu a contar a verdade a Tarzan. Arrependia-se de ter duvidado da lealdade do velho. Além disso, não queria que soubesse que o morto do fosso havia ido até ali para matá-lo; deixava-o em uma posição desagradável.

– Um desses ambiciosos que queria nos roubar – disse ao italiano quando este voltou da cidade de Redenção, exausto e carregado de alimentos.

O velho estava indignado.

– Eu sabia – disse dando uma palmada em suas coxas. – Sabia que alguém ia nos seguir! Aonde vamos parar com tanto ladrão?

– Odeio ladrão – disse Pernambuco, como sempre dizia quando o tema vinha à baila.

Tarzan havia passado alguns dias em Redenção, uma pequena cidade de ruas enlameadas e bares de quinta categoria, povoada de pistoleiros, mineiros e índios e visitada pelos ricos fazendeiros da região. No início e em meados dos anos 1980 tinha fama de ser uma das cidades mais violentas da Amazônia. O missionário local calculou uma média de um assassinato por dia, a maioria por causa de brigas de rua, e outros por causa do crime organizado. Era uma região de grandes fazendas, como a de João Lanari, que media 100 quilômetros de comprimento por 50 quilômetros de largura e que precisava ser "limpa" constantemente de invasores.

A cidade tinha a peculiaridade de estar lotada de barbearias, aonde iam garimpeiros, vaqueiros e camponeses desejosos de obter uma aparência humana ao voltar das longas estadias na selva. Depois de uma visita de praxe, em que não faltou manicure, pedicure nem todo tipo de loção, Tarzan passou as primeiras 24 horas dormindo sob o ventilador de seu quarto no Hotel Guimarães. Comeu todo o churrasco que coube em sua barriga e bebeu cerveja até dar com o nariz no prato. Por sua atitude esbanjadora, sua cara de felicidade e pelas gorjetas que deixava, o barbeiro, o dono do hotel e o garçom do restaurante souberam que Tarzan havia bamburrado.

O velho entrou em contato com os comerciantes da cidade especializados em material de garimpo. Comprou ferramentas, sacos de feijão e de farinha de mandioca, latas de sardinha, botijões de gás e uma substância muito apreciada por todo garimpeiro: mercúrio. O líquido cor de prata serve para a amálgama, um procedimento no qual basicamente se borrifa mercúrio no barro e nos pedregulhos que possam conter ouro. O mercúrio adere ao ouro, formando uma massa mais pesada que o resto. A seguir ela é queimada, fazendo evaporar o mercúrio em uma nuvenzinha altamente tóxica. Fica o ouro, que, avermelhado pelo calor, logo adquire sua cor familiar. Ao comprar mercúrio, o círculo dos que sabiam que Tarzan havia bamburrado ampliou-se notavelmente. No dia seguinte, quando o viram falar com Hitler, o piloto, já não havia dúvida alguma. Por toda a cidade começaram a circular histórias alucinantes sobre o garimpo de Tarzan. O boato, que ia do tempo em que se descobria ouro em um garimpo e as pessoas

chegavam como moscas até o momento em que o garimpo parava de produzir, começou naquele dia. Uma descoberta nunca conseguia permanecer no anonimato.

HITLER NÃO ERA UM APELIDO, e sim seu nome verdadeiro, herdado do pai alemão. Era meio calvo, e usava os poucos cabelos cuidadosamente penteados de lado a lado, mas ali acabava a similaridade com o ditador. Hitler, na realidade, era uma excelente pessoa, conhecida nos assentamentos pioneiros da região como um homem de bom coração, sempre disposto a se arriscar pelos outros. Fazia parte dessa raça de homens – os pilotos da selva – para quem a aventura é a única razão de viver. Esses loucos do ar cumprem um papel essencial na busca do ouro, visto que os garimpeiros não poderiam sobreviver isolados na selva. São eles que abastecem – principalmente de alimentos, mas também de material, custe o que custar, apesar de condições meteorológicas adversas e do estado às vezes deplorável das pistas – os milhares de garimpeiros espalhados por toda a Amazônia. Se ignoram as normas mais elementares da segurança aérea, não é por amor ao risco, e sim porque seguem as regras da rentabilidade, como qualquer outro comerciante. Manter um garimpo é caro, e o custo mais elevado é o do transporte. Para reduzi-lo, os pilotos carregam os aviões ao máximo. Hitler havia retirado de seu Cessna, cuja carga útil era de 500 quilos, todo o equipamento dispensável, até os bancos dos passageiros, para que coubessem de 800 a 850 quilos de mercadoria. Enchendo o tanque com uma quantidade mínima de combustível, pode-se carregar ainda mais peso. Por essa razão, eram frequentes, e ainda são, os pousos de emergência nas avenidas das cidades ou na praça, a qualquer hora do dia ou da noite, porque o piloto não consegue chegar até o aeroporto. Sem combustível, é forçado a aterrissar mesmo que chova a cântaros ou a visibilidade seja nula. Os acidentes fatais são frequentes; em regiões de garimpo, chegam a dois por semana. “Quando um de nós morre”, contava Hitler, “os outros se trancam em casa. É nossa maneira de encarar o luto. Cada um pensa que podia ter sido ele, e que cedo ou tarde será nossa vez. Nesse dia, dizemos que é melhor abandonar esse trabalho enquanto é tempo, e então pensamos em abrir uma loja de ferragens, um armazém ou um bar. Mas os que tentaram largar voltaram em pouco tempo. Ficavam muito entediados.” Só quem é muito velho para continuar pilotando abandona. Mas só vendo-os pelos bares e ouvindo-os falar com os colegas para entender que em sua cabeça ainda não esqueceram o trabalho.

O ouro e o gosto pela aventura compensam os riscos mais absurdos. Se os

pilotos padecem a mesma febre dos garimpeiros, é porque estão associados ao negócio. Existe um acordo tácito pelo qual o piloto fica com vinte por cento do ouro encontrado em troca de um abastecimento semanal. É o trato costumeiro, raras vezes negociado, nunca transgredido, apesar das dificuldades de acesso ou da distância. Foi esse o trato que Tarzan fez com Hitler.

Quando Pernambuco soube que sua parte havia diminuído, não escondeu sua raiva:

– Você devia ter me avisado, para isso somos sócios – grunhiu.

Tarzan se irritou. Existia um código de honra entre os garimpeiros e demais associados no negócio do ouro: havia tratos que não se discutiam, uma maneira de se comportar – solidária e amistosa – que era o maior estímulo para os que se dedicavam a esse negócio, mais ainda que a própria vontade de enriquecer. Mas isso, um mercenário, um pistoleiro "a dólar", não podia entender. Pernambuco, ferido em seu orgulho pelos insultos que teve de ouvir, ameaçou não pagar sua porcentagem ao piloto, o que enfureceu Tarzan ainda mais:

– Ainda não sei de um garimpeiro que não tenha jogado limpo. E se você quiser ser o primeiro, vai encontrar isto no meio das costelas – disse mostrando-lhe a faca com que abria uma lata.

Pernambuco teve vontade de rir – o velho lhe parecia enternecedor quando se fazia de durão –, mas conteve-se. Houve um longo silêncio. Tarzan foi se acalmando, e depois continuou:

– Você já está há tempo suficiente nesta selva para saber como é grande. Mas vou lhe dizer uma coisa, embora pareça incrível: ela é muito pequena, porque na Amazônia tudo se sabe. Os que tentaram fazer armadilhas e enganar pagaram muito caro. Nenhum piloto aceitou servi-los. Alguns tiveram a sorte de só perder a chance de fazer prospecção de ouro. Outros, a maioria, acabaram sendo vítimas de "acidentes", como esse que descansa ali embaixo – disse, apontando para o barranco onde estava enterrado o frustrado assassino de Pernambuco. – Mas, geralmente, são esquecidos. Se quiser se tornar um profissional, enfie isto na cabeça: aqui não há lugar para sacanagem. Aqui, ganhamos a vida honradamente.

Pernambuco percebeu que sua paranoia estava prestes a lhe passar a perna, e se acalmou. "O que seria de mim sem o velho?", pensou. Mas, por causa de qualquer bobagem, oscilava como um pêndulo, e em momentos fugazes

acreditava que o velho o estava usando para depois enganá-lo: “Ele me manda cortar essas árvores enquanto fica fazendo uma bateia para ficar com tudo o que encontrar”, ruminava de cenho franzido enquanto dava contundentes machadadas nos troncos. Mas não era assim: cada vez que o velho encontrava partículas douradas, dava um grito de satisfação tão grande que até os pássaros emudeciam. Em outros momentos, Pernambuco era capaz de interpretar um “não tenho fogo” como um ato de aberta hostilidade, quando, na realidade, o velho havia deixado os fósforos na mochila. Pernambuco vivia nessa oscilação permanente, fruto da insegurança que sentia por nunca ter ganhado dinheiro honradamente. O cansaço também tinha seu papel. Trabalhavam de sol a sol para abrir uma clareira na selva, para que Hitler pudesse localizá-los e jogar-lhes os pacotes. A dificuldade de abastecimento era enorme, não porque carecessem de pista de pouso, mas porque encontrá-los do ar era difícil. Embora Tarzan tivesse um rádio e Hitler houvesse combinado passar a certa hora de um determinado dia, costumava acontecer de o piloto não encontrar os garimpeiros. Às vezes se perdia e acabava aterrissando em um rio ou na copa das árvores – chamavam isso de “arborizar”.

Mas no dia da primeira entrega tiveram sorte. Tarzan e Pernambuco haviam acendido uma fogueira para fazer uma fumaça densa que pudesse ser vista à distância. Às 3 horas da tarde ouviram o barulho do Cessna. Cinco minutos depois, o avião capenga sobrevoava o maciço de rochas negras. Hitler havia retirado as portas do avião para facilitar a descarga. Deu uma passada, depois subiu, girou e voltou para a fumaça, dessa vez voando muito baixo. À altura da clareira jogou caixas de comida, de ferramentas, uma “cobra fumando”********* e três botijões de gás, sem paraquedas. Dois botijões caíram no lugar certo, mas o terceiro caiu na selva. Pernambuco procurou pelos arredores durante dois dias, mas não o encontrou. O normal era perder uma média de vinte por cento da carga em cada operação. Quando Hitler terminou, deu uma última passada e, do chão, viram-no acenar com o braço. A seguir, o avião iniciou a subida acima das colinas. Contornou umas grossas nuvens negras – as tempestades tropicais eram a obsessão de todos os pilotos – e voltou para Redenção.

Menos de duas semanas depois, o primeiro garimpeiro chegou caminhando à clareira onde Tarzan e Pernambuco haviam montado seu acampamento. O rapaz quase perdeu a vida. Como Pernambuco achou que era outro homem do dentista, recebeu-o com uma salva de tiros. O homem se jogou de bruços no riacho. A paranoia de Pernambuco teria culminado em outra morte se Tarzan não houvesse

reagido a tempo, soltando a bateia e correndo até a cobra fumando, onde encontrou o sócio mandando o intruso se render. O homem, encharcado, saiu com as mãos para cima. Estava tremendo, certo de que seriam seus últimos minutos de vida. Tarzan se aproximou:

– O que veio fazer aqui? – perguntou.

– Garimpar – respondeu hesitante o intruso.

– Quem lhe disse que estávamos aqui?

– Todo mundo em Redenção sabe do seu bambúrrio, seu Tarzan. O senhor sabe, a rádio peão – disse o homem, aludindo ao rumor que corria de boca em boca, cada vez mais exagerado. O velho se surpreendeu.

– Como sabe meu nome?

– Eu estava no barbeiro com o senhor. O senhor disse que estava seguindo uma boa pista.

Pernambuco lançou um olhar furioso a Tarzan:

– Ah, é?

Tarzan preferiu ignorá-lo. Dirigiu-se ao intruso:

– Eu disse isso? As emanações de mercúrio estão me fazendo perder a memória.

– Claro que disse, velho tagarela! – exclamou Pernambuco.

– E daí? – gritou Tarzan. – Desde quando a gente esconde os bambúrrios?

– Tem mais gente chegando – contou o garimpeiro. – Sei de mais três que estão do outro lado das montanhas, a caminho daqui.

– Pois vou recebê-los com isto! – disse Pernambuco, e atirou para cima.

Tarzan, assustado com a detonação, fulminou-o com o olhar. A seguir, partiu pra cima dele.

– Dê aqui essa espingarda, seu jagunço de merda! – disse com os olhos fora das órbitas. Arrancou-lhe a espingarda das mãos e o acertou com a culatra, enquanto Pernambuco retrocedia, tentando se proteger. – Onde você pensa que está, em um desses bordéis fedidos onde pode assustar as garotas? Aqui você não vai assustar ninguém! Aqui quem manda sou eu, e quem recebe as pessoas

sou eu, e ninguém mais! Capisce?

Pernambuco nunca o vira assim. Teve até medo que o velho atirasse "acidentalmente". Mas ele se limitou a xingar em italiano, português e castelhano durante um longo tempo. Pernambuco não entendia por que tanta cólera. Só via que vinha gente de fora roubar seu ouro. Não compreendia que, com sua atitude violenta, havia transgredido o espírito de cooperação e de ajuda mútua, norma fundamental para que a vida seja tolerável em um garimpo.

– O senhor é o dono do pedaço? – perguntou o recém-chegado em voz baixa, depois que Tarzan recuperou o fôlego.

O velho, ainda arfando, assentiu com a cabeça. O costume mandava que os recém-chegados perguntassem pelo dono, o primeiro a ter descoberto ouro, para pedir que lhes designasse um pedaço de terra, chamado barranco, para trabalhar. Em lugares como Serra Pelada, os barrancos não mediam mais de 1 metro quadrado. Nesse novo garimpo, onde havia muito espaço, Tarzan delimitou um primeiro barranco de 10 metros quadrados, não muito longe daquele em que trabalhavam. Pernambuco achou que o velho estava maluco: "Claro, por isso nunca fez fortuna!", ruminava com seus botões. Mas Tarzan só cumpria a rotina segundo a qual um dono nunca nega um pedido de barranco, algo inconcebível para a mentalidade de seu sócio. Tarzan lhe explicou mais tarde:

– O dono não é proprietário dos arredores de seu barranco porque é uma área que ele não trabalha. Só se é dono do que se trabalha. Uma vez designado, um barranco não pode ser desapropriado de jeito nenhum. É propriedade exclusiva e inviolável de seu dono.

Pernambuco olhava para ele com olhos de quem não entende nada.

– Então, quem descobre ouro é obrigado a dividir sua descoberta com os outros? – perguntou timidamente.

– Não, porque o dono fica com uma porcentagem dos barrancos distribuídos: dez por cento. Se vierem centenas de garimpeiros, serão muitos dez por cento. Entende agora, cabeça oca?

Pernambuco, muito concentrado, assentiu. Tarzan deu-lhe uma palmada no ombro:

– Existe uma regra que se respeita sempre: o garimpo está aberto a todos. Não esqueça.

AQUELA REGRA FOI COMO UMA premonição que logo se tornou realidade. Poucos dias depois apareceram os três garimpeiros anunciados. Tarzan lhes atribuiu seus respectivos barrancos. A seguir chegaram mais sete. Com a área trabalhada em expansão, houve novos bambúrrios. Em um dos barrancos recém-atribuídos a produção aumentou de 10 gramas para 37 gramas. Dois dias depois, um barranco vizinho passou a 200 gramas. Nos caminhos da selva, nos bares e nos bordéis, em ônibus, aviões e barcos, os trabalhadores que saíam de um garimpo encontravam os que chegavam e contavam as novidades sobre a situação nas minas que haviam deixado e em outras das quais ouviam falar. Até os próprios garimpeiros se espantavam com a rapidez com que essa rede informal de informação funcionava, a famosa Rádio Peão, que no início de 1980 anunciava numerosos bambúrrios na serra dos Gradaús.

Um mês depois da chegada do primeiro garimpeiro, havia pelo menos cinquenta trabalhando na colina, que havia sido parcialmente desmatada para quadriculá-la e dividi-la em barrancos.

Quando um homem encontrou uma pepita enorme em um lugar bastante afastado do garimpo de Tarzan, houve mudanças radicais com uma rapidez assombrosa. Ele não pôde conter sua alegria e a mostrou a todos. Abriu todas as garrafas de rum e cachaça que tinha e ofereceu aos colegas. A seguir, chamou seus dois sócios, lavaram a pepita com ácido para livrá-la de impurezas e a pesaram em uma balança de carne: 1,2 quilos. Aquele bambúrrio marcou o nascimento de um novo garimpo, batizado de Maria Bonita, em alusão à mulher de Lampião, o mítico jagunço do sertão. Logo toda a região, incluído o garimpo de Tarzan, seria conhecida como Maria Bonita. Para os garimpeiros profissionais, o fato de um vizinho ter bamburrado significava que isso também podia acontecer com eles a qualquer momento. Mas Pernambuco sentia inveja: “Eu sabia que esse barranco era bom! Devia ter ficado com ele!”, pensava, torturado e cheio de má vontade para com o sócio, que havia dividido o bolo sem consultá-lo. Mas não se atrevia a lhe dizer nada: havia aprendido a não questionar as decisões do velho. Podia enfrentar qualquer ameaça, qualquer perigo, mas sabia que não podia com Tarzan: “Prefiro levar uma bala a ouvi-lo xingar em italiano”, confessou a um amigo garimpeiro.

Aquele pedregulho serviu para que milhares de garimpeiros da bacia do Amazonas chegassem ali em massa. Começaram a chegar tantos garimpeiros que eles mesmos delimitavam seus próprios barrancos. Outros pararam de pagar a porcentagem. Então, Pernambuco, no fim da jornada de trabalho, transformou-

se em cobrador. Com aquela barba hirsuta, a corpulência e a prática em amedrontar e intimidar, poucos lhe negavam o pagamento. Mas, ainda assim, percebia que a administração do garimpo estava fugindo do seu controle. Isso era um fenômeno normal: com a crescente afluência de gente, o dono original perdia a autoridade. O prestígio de Tarzan evitou muitas das tradicionais disputas pelos limites dos barrancos. Mas sua autoridade se limitava aos arredores de seu garimpo, o Tarzan, não o Maria Bonita. As explosões de violência se tornaram cada vez mais frequentes, mais por conta das duras condições de vida e do abuso do álcool que por problemas de direito. “Ser bom de briga não é o mais importante aqui no garimpo”, dizia Tarzan a Pernambuco. “Você pode perder uma briga, mas, no fim, acabar ganhando, se for esperto. Mas se for realmente esperto, nunca vai se meter numa briga.” Mesmo em casos em que o dono perdia rapidamente a autoridade, a violência nos garimpos era mais proverbial que real. Havia mais ameaça que briga. Desde que não houvesse mulher no meio.

Pernambuco aprendeu a viver nessa sociedade transplantada à selva e que contava com leis próprias, regras e códigos de atuação e conduta. Mudou de aparência, fazendo um colar com o ouro de seu primeiro bambúrrio. Havia reparado que todos usavam pulseiras e correntes feitas com o ouro que eles mesmos haviam extraído. Era o distintivo do garimpeiro. Com o segundo bambúrrio mandou fazer dentes de ouro, mas não chegou a extrair toda a dentição saudável para substituí-la por uma fileira de dentes de ouro, como fez a mulher de um famoso garimpeiro a quem gostaria de ter imitado. Se fisicamente logo adquiriu a aparência de um garimpeiro, levou mais tempo para adquirir sua peculiar mentalidade. Tudo no garimpo se baseava no princípio de solidariedade, “porque quando você estiver com um problema ou precisar de conselho”, dissera Tarzan, “sempre pode recorrer a quem ajudou no passado. E a vida de um garimpeiro dá muitas voltas: um dia você é rico, e no dia seguinte precisa pedir um punhado de feijão para encher o estômago”. Em muitos aspectos, o código de conduta dos garimpeiros era semelhante ao dos pistoleiros. O básico era respeitar as normas, manter a palavra dada, ater-se ao combinado. Pernambuco aprendeu com os garimpeiros a confiar nos outros e a aceitar a ajuda mútua, a dar uma mão a quem tivesse problemas. “Um verdadeiro garimpeiro”, dizia Tarzan, “se empenha ao máximo para que um companheiro ferido ou doente consiga tratamento médico, mesmo que signifique ter que pagar por isso sem ter certeza de recuperar o dinheiro.” Pernambuco nem sempre entendia o que lhe diziam, mas sabia ouvir. Pouco a pouco, como as finíssimas partículas de ouro que dão à madeira sua pátina amarela, foi se impregnando dos ensinamentos de

Tarzan e se transformou em mais um membro daquela comunidade.

******** Instrumento rudimentar, composto de uma série de caixotes retangulares de madeira colocados em diferentes níveis – como um sistema de diques – para que a água arraste o barro e seja possível lavar e analisar a areinha. (N. A.)

27

Da noite para o dia a área do Maria Bonita se transformou por completo. Os caiapós, ancestrais proprietários daquelas terras, estavam atônitos. Tinham uma temida reputação de ferocidade por terem acabado com todos os pioneiros que haviam tentado se instalar em seu território desde 1930, ano em que ocorreu o primeiro contato com eles. Depois de sucumbirem quase totalmente às doenças, agora ressurgiam com força. Alguns líderes haviam passado uma temporada em Belém, falavam português e conheciam o valor do dinheiro para sobreviver no mundo dos brancos. Por isso, pediram uma porcentagem da produção de ouro e exigiram também o reconhecimento oficial de seu território. Muitos garimpeiros discordaram categoricamente, e alguns advogaram, inclusive, uma anexação pura e simples da região. Os índios, dessa vez, mostraram uma paciência e uma moderação inesperadas. Não mataram nenhum garimpeiro. Mas nem por isso esmoreceram. Apesar de sua inferioridade numérica, estavam decididos a fazer valer seus direitos.

Em uma área de 2 quilômetros viam grupos de homens trabalhando em seus fossos como ratos devorando um queijo. Os ruídos da selva haviam sido substituídos por uma cacofonia de bombas-d'água, tornos, trituradoras e geradores, gritos e programas de rádio. A ladeira da colina parecia ter sofrido um bombardeio; não era mais que uma mistura heterogênea de buracos amarelos no barro. No meio havia uma rua de bares e lojas em barracos que a duras penas resistiam à intensidade das chuvas. A rua era o único espaço liso, e também servia de pista de pouso. Por conta da intensidade do tráfego aéreo, um bêbado corria mais risco de ser atropelado por um monomotor que por uma caminhonete. Os aviões aterrissavam regularmente e descarregavam compradores itinerantes de ouro, comida, redes, camisas, pás, bombas-d'água, carregadores e mulheres. Por todo lado se viam homens que subiam e desciam a ladeira com sacos de pedras às costas, garimpeiros trabalhando as rochas com picaretas e pás, mandris e molinetes arrancando pedras e triturando-as para extrair ouro. Na lanchonete formavam-se filas, e na choupana de uma prostituta chamada "Corajosa", Pernambuco contou um dia 53 clientes esperando a vez sob o calor tórrido.

O centro da vida do garimpo era a lanchonete, uma das poucas choupanas que

não se dedicava à prostituição. Depois do trabalho, Pernambuco e os demais garimpeiros se reuniam ali e ouviam rádio, discutiam os preços altos do dono, que se justificava aludindo ao custo do transporte, e nos fins de semana se embebedavam até desmaiar. A pequena cidade em formação não tinha zona de prostituição: toda ela havia se transformado em uma sucessão de bordéis. Rudimentares placas pintadas à mão e penduradas nas fachadas encardidas anunciavam pomposamente: “Hotel Grand Palace”; “Clube Cavalo Branco”; “Boate do Xingu”, etc., mas homens e mulheres se deitavam em qualquer lugar, principalmente nos sábados à noite, quando não havia quase nenhum lugar desocupado. Então, as prostitutas penduravam suas redes, cobertas de um pedaço de plástico preto, na selva ou entre duas escavadeiras. Corria tanto álcool que as confusões e as brigas se tornaram cada vez mais numerosas. Aos domingos de manhã, enquanto garimpeiros como Tarzan ouviam missa pelo rádio, outros curtiam a cachaça da véspera deitados na rua principal. Alguns, porém, já eram corpos inertes, mortos por causa de uma briga de bêbados da qual ninguém se lembrava, ou porque suas veias haviam explodido de tanto álcool e calor.

Nem todos encontravam ouro regularmente, e depois de certo tempo alguns estavam arruinados. Tarzan nunca errava quando ouvia certo tipo de discussão, que costumava acabar em briga e tiros. “Mais uma ruína”, dizia olhando para o céu, rogando para que aquilo não acontecesse com ele. A maioria dos garimpeiros saldava as dívidas pendentes antes de partir; outros fugiam, dizendo que iam para Cumaru ou Redenção buscar mercadorias, e nunca mais voltavam. Credores e empregados tentavam ficar com o que podiam, principalmente se houvesse maquinaria sofisticada no meio. Não era raro que a situação se descontrolasse e terminasse em um banho de sangue. O dono da lanchonete, que abastecia os garimpeiros de material e de comida, estava a par das venturas e desventuras de cada um. Sua função não se limitava a manter o bar; era também o agiota do lugar. Por isso, cada ruína repercutia nele de uma maneira especial. Ele já estava começando a ter uma coleção significativa de máquinas, deixada por vários garimpeiros para saldar dívidas que não podiam pagar. Revendia o material, ou arrendava-o a alguém de confiança. À medida que enriqueciam – quem bamburrava se mandava –, chegava a concorrência: O Império das Máquinas e A Casa do Garimpeiro abriram filiais em Maria Bonita. Aqueles comerciantes se deixaram levar pelo clima de euforia dos barrancos e não previram os riscos de instalar-se naquele garimpo em terra de índios. Alguns anos depois, ao enfrentar um dos episódios mais insólitos da Amazônia, encontrar-se-iam à beira da ruína.

Felizmente existia outro tipo de tumulto, com tiros que soavam de outra forma porque eram tiros de alegria. Então Tarzan, Pernambuco e os outros garimpeiros abandonavam o trabalho por alguns instantes e iam até a lanchonete. Saíam dos fossos sujos e cheios de barro, com rádios japoneses estridentes, muitos deles levando no punho luxuosos relógios de ouro em um lugar onde a hora exata não importava. Alguém havia descoberto um bom pedregulho, e, segundo a tradição, todos estavam convidados para um trago. À noite, excitados pelo achado, os velhos como Tarzan se entregavam à sua paixão, compartilhada por todos os garimpeiros: contar histórias de famosos bambúrrios. Tarzan sabia de um amigo seu que havia alugado dois táxis, um para si mesmo e o outro para transportar seu chapéu de palha. Quanto mais extravagantes, mais interesse despertavam. Uma de suas histórias favoritas era a do garimpeiro que lambuzou seu cachorro com mel e o cobriu de notas de dinheiro. A seguir, saiu para passear, e quando lhe perguntavam por que havia feito isso, respondia: “Toda a minha vida corri atrás do dinheiro, já é hora de o dinheiro correr atrás de mim”. As histórias de que Tarzan mais gostava eram as de espetacular generosidade, como a do sortudo que entrou em um bar, fechou as portas e disse a todo o mundo que podia continuar bebendo até morrer. Ou a sua própria, quando alugara um jatinho para levar os amigos ao Rio de Janeiro para passar uma noite louca em Copacabana. À luz dessas histórias, Pernambuco chegou a entender Tarzan perfeitamente; sua visão do garimpeiro ideal – a que quase todos aspiravam – não era só de uma pessoa habilidosa em encontrar e extrair ouro, e sim a de alguém que podia se permitir ser misticamente generoso para garantir um lugar de honra no panteão dos garimpeiros.

*

Aos sábados, Hitler esvaziava seu Cessna de um carregamento de cachaça e rum, e depois se embebedava em volta do fogo, contando piadas picantes que faziam morrer de rir os pobres-diabos que haviam chegado até ali. No início dos anos 1980, na zona rural do Norte e do Nordeste brasileiros, garimpar havia se transformado na única esperança de sair da miséria. O que a borracha havia representado um século antes para os pobres do Brasil era então representado pelo ouro. Tarzan, Pernambuco e Hitler eram a prova viva disso. Haviam enriquecido o suficiente para expandir suas atividades. Conservavam o controle de uma parte do garimpo, o que lhes permitira comprar maquinaria de segunda mão do dono da lanchonete para trabalhar o filão. Era uma decisão arriscada, porque, além do investimento – uns 5 mil dólares –, requeria a contratação de

mão de obra e um abastecimento regular de ferramentas e peças. Tarzan se opusera a isso; já se via de novo como em Serra Pelada. Preferia a prospecção manual e a liberdade de ação, e não acreditava nas operações que requeriam muito capital. Mas era influenciável por conta da idade avançada, e como Hitler e Pernambuco haviam insistido tanto, o velho no fim acabou cedendo. O garimpo era muito novo para pensarem em abandoná-lo, disseram. Enquanto houvesse gente em todo o Brasil sonhando em ir até ali, era um pecado não aproveitar as circunstâncias favoráveis para fazer uma grande exploração. Para Tarzan, esses argumentos não interessavam; deixou-se levar para manter as boas relações com seus sócios e amigos e, acima de tudo, para não ficar sozinho.

Haviam contratado meia dúzia de boias-frias, na maioria rapazes do Maranhão que ganhavam um salário (além de comida e alojamento) independentemente do ouro extraído. Representavam o estrato mais baixo na hierarquia social do garimpo. Realizavam as tarefas mais ingratas, como carregar sacos de pedra dos fossos (em muitos garimpos, eram pagos por sacos transportados) e quebrar a rocha com a picareta. Mas eram os únicos a não correr risco, de modo que nunca abandonavam o garimpo em bancarrota, ao contrário dos donos. Quando juntavam dinheiro suficiente, voltavam para casa, a maioria de camponeses pobres, e quando gastavam tudo iam para outra mina.

Tarzan organizou o trabalho pondo um dos seus empregados a cargo de uma mangueira de alta pressão que, aplicada às paredes de terra, fazia desmoronar o barro como se fosse um bolo. A terra se dissolvia na água que outra bomba (uma chupadeira) aspirava para um recipiente chamado caixão, onde se lavava a mistura. Pernambuco se encarregava de cuidar que os pedregulhos não obstruíssem o circuito. O velho, depois de organizar o processo das máquinas, decidiu continuar trabalhando manualmente o ouro de aluvião. Não só gostava mais disso, como também era uma maneira de encontrar filões novos. Assim dividiram o trabalho, e assim prosperaram, alheios ao que ia acontecer.

PRIMEIRO FOI A INTERVENÇÃO FEDERAL. Tarzan já tivera de se desfazer de seus barrancos em Serra Pelada, e agora temia que acontecesse o mesmo. As razões que levaram os federais a ocupar Maria Bonita eram parecidas com as de Serra Pelada, mas havia diferenças importantes. Na segunda metade de 1980 haviam ocorrido vários bambúrrios entre Cumaru e Maria Bonita, em regiões que não eram de domínio público, acirrando-se os conflitos entre os proprietários das terras e os garimpeiros. As frequentes críticas e queixas sobre os maus-tratos e abusos dos latifundiários aos garimpeiros haviam chegado até os políticos da

oposição, líderes da Igreja e sindicalistas da região, que estavam envolvidos em uma intensa batalha política contra a oligarquia rural.

Outra razão importante eram os índios. A maciça afluência de gente havia feito da área uma bomba-relógio, a cujo tique-taque as autoridades federais não podiam permanecer surdas. Os caiapós haviam deixado claro que não continuariam vendo de braços cruzados essa invasão indiscriminada. Por sua vez, muitos garimpeiros queriam expulsar os índios de suas terras. A tensão ficou tão forte que, diante da iminência de um enfrentamento entre índios e garimpeiros, as autoridades, em março de 1981, ocuparam a área como haviam feito um ano antes em Serra Pelada.

Mas Tarzan sabia que a razão de peso era a vontade de controlar a produção de ouro para cobrar os impostos e as taxas correspondentes. Os militares instalaram postos de controle nos caminhos, distribuíram carteirinhas de trabalho sem as quais, teoricamente, não se podia entrar na área e instalaram alguns serviços básicos, como um ambulatório e um centro de prevenção da malária. Também abriram uma agência da Caixa Econômica Federal, onde era obrigatório vender o ouro. Embora pagassem um pouco menos que nas cidades, o preço era suficientemente condizente com a realidade e era rentável.

A Caixa, de acordo com as autoridades federais, comprometeu-se a entregar 0,1 por cento da produção de ouro aos caiapós, evitando, assim, um conflito imediato. A tensão social em toda a região se dissipou. Os índios desistiram da reivindicação principal, que era a delimitação de suas terras, em troca de um dinheiro pelo qual ansiavam para satisfazer sua paixão por adquirir as bugigangas dos brancos. No início, os índios que conheciam o valor do dinheiro se negaram a aceitar um trato que lhes parecia humilhante, mas tiveram que ceder às pressões da maioria dos membros da tribo, que só queriam paz, facões e relógios de pulso. No fundo, pouco havia mudado desde que os primeiros colonizadores haviam trocado quinquilharias por ouro com os indígenas. A história continuava sendo fiel a si mesma.

Tarzan, que de início havia temido o pior, acalmou-se quando conseguiu medir o alcance da intervenção. Maria Bonita, garimpo grande e na maior parte de ouro de aluvião, era muito diferente de Serra Pelada, uma verdadeira cratera onde se exploravam filões. Como havia suficiente espaço, os federais não impuseram restrições quanto ao número de barrancos que um único dono podia explorar. Além disso, como era tão extensa, a vigilância policial para controlar a

saída do ouro não podia ser eficaz. O contrabando florescia.

A convivência melhorou. Paradoxalmente, a medida mais bem recebida pelos garimpeiros foi a expulsão das prostitutas e a proibição de consumir álcool. As brigas cessaram por completo, assim como as mortes violentas. Aqueles que, como Pernambuco, tinham saudade do passado precisavam se deslocar aos fins de semana até os arredores de Cumaru, onde a vida fácil havia se aglutinado, no lugar que chamavam de Cidade Nova – apenas duas ruas de bordéis e bares no meio da selva. Ali os garimpeiros da região se encontravam para beber, divertir-se e vender o ouro que haviam conseguido passar de contrabando a compradores de São Paulo. Mas o florescente negócio de Cidade Nova não era nem os hotéis nem as pensões, e sim as farmácias. Cedo ou tarde, todos os garimpeiros acabavam comprando antibióticos para curar a incipiente gonorreia, consequência inevitável das farras noturnas. Os donos e seus empregados levavam caixas inteiras para distribuir durante a semana a seus boias-frias – rapazes de 12 a 17 anos, na maioria –, e não perder, assim, as horas de trabalho que a coceira lhes teria arrebatado.

Oferecer dinheiro aos índios acalmou a situação durante algum tempo, mas as raízes do conflito continuaram crescendo. Um ano depois da intervenção federal, a menos de quatro horas de Maria Bonita, rio abaixo, no povoado de Gorotire, um grupo de caiapós começou a notar que as águas cristalinas onde se banhavam, pescavam e suas crianças brincavam desde sempre haviam adquirido uma coloração marrom e oleosa. Era a primeira vez que se tinha conhecimento de um fenômeno como esse na memória coletiva da tribo. Os xamãs atribuíram o fato a uma luta de espíritos no rio Fresco e não lhe deram muita importância. Não faltava pesca, e embora a cor houvesse mudado, as águas continuavam sendo navegáveis.

Mais tarde, surgiu uma epidemia de diarreia nas crianças. Ninguém fez relação entre a doença e as águas do rio, até que o doutor Rogério da Silva e seus colegas de Belém iniciaram um estudo nas comunidades próximas aos garimpos, analisando o sangue, a urina e o cabelo das pessoas. O resultado foi perturbador: 25 por cento dos índios examinados tinham quantidades excessivas de mercúrio no organismo. Uma análise posterior encontrou nas crianças caiapós níveis de mercúrio levemente inferiores aos dos garimpeiros. Os índios de Gorotire não podiam conceber o significado do que os laboratórios de Rogério haviam descoberto. Estavam longe de imaginar que a diarreia, a surdez, a insônia, a febre, a depressão, a perda de memória e a irritabilidade são os primeiros

sintomas da contaminação por mercúrio. Também ignoravam que, a longo prazo, os efeitos acumulativos levam à loucura e a horríveis malformações dos fetos. Triste destino para aqueles homens livres da selva, que pararam de adorar os espíritos do rio porque haviam se transformado em demônios.

Nem Tarzan, nem Pernambuco, nem garimpeiro algum, mesmo dos mais especializados, suspeitavam que sua rotina diária seria a causa de uma tragédia silenciosa cuja magnitude, por conta do número crescente de garimpeiros no Brasil, ultrapassaria as mais pessimistas previsões e cujas consequências sofreriam diretamente na carne. Em meados dos anos 1980, o Departamento de Minas e Energia reconheceu que pelo 1,5 milhão de brasileiros – ou seja, um por cento da população do país – viviam da busca do ouro. E todos esses garimpeiros estavam espalhados pelos quatro cantos da Amazônia brasileira. A primeira consequência dessa invasão silenciosa havia sido a propagação da malária em regiões onde a doença era totalmente desconhecida. A segunda, muito mais grave, estava sendo incubada no ventre da selva e seria conhecida como Síndrome de Minamata:******** a contaminação por mercúrio.

No fim das extenuantes jornadas e para recuperar o maior número possível de partículas de ouro, 1,5 milhão de garimpeiros (considerando só a Amazônia brasileira) vertiam na natureza o tóxico metal líquido, que, ao ser queimado para separar o ouro da amálgama, liberava emanações altamente venenosas. Para cada grama de pó de ouro amalgamado utilizava-se 1 grama de mercúrio. Para cada tonelada de ouro extraído vertia-se 1 tonelada de metal líquido no ecossistema. Tendo em conta que em meados dos anos 1980 a Amazônia brasileira havia se transformado em um dos maiores produtores de ouro do mundo,******** é compreensível que o cataclismo tenha sido considerado pelos especialistas como o maior desastre ambiental do Terceiro Mundo. Pouco a pouco, insidiosamente, o metal líquido corria pelos riachos até se misturar com as águas dos rios, onde os peixes, base da alimentação dos habitantes da selva, e os pássaros aquáticos carnívoros o absorviam. A quantidade de mercúrio encontrada em todos os peixes examinados pelo Departamento Brasileiro de Produção Mineral ultrapassava o limite tolerável, e o mesmo acontecia com oitenta por cento das amostras de água próximas aos garimpos. Em 1985, em águas do Pará e do Mato Grosso apareceram imensos bancos de peixes mortos, e muitos consideraram que isso se devia ao mercúrio. Se o desmatamento intensivo era a face visível da destruição da Amazônia, o mercúrio representava sua face oculta. E os índios e demais povoadores da selva, as vítimas.

******** Minamata é o nome de uma localidade no Japão onde quatrocentas pessoas se intoxicaram com mercúrio no início dos anos 1970. (N. A.)

******** Como a maior parte da produção brasileira de ouro era de contrabando, não há estatísticas confiáveis sobre a produção total. (N. A.)

28

Acre – Amazônia ocidental, 1981-1983

Depois dos acontecimentos que se seguiram ao assassinato de Wilson Pinheiro (julho de 1980), o líder baleado enquanto via televisão, Chico Mendes passou três meses vagando pela selva, fugindo do assédio policial e de um possível atentado. Estava desorientado e arruinado. Dependia da generosidade dos seringueiros e passava fome. Os recursos do sindicato haviam se esgotado. Precisava se estabelecer em um lugar fixo, pelo menos por algum tempo, e decidiu ir ao seringal onde seu irmão Zuza trabalhava. Ao passar pela cidade, foi até um convento das freiras na periferia de Xapuri. "Nunca se atrevia a se convidar, era muito tímido para isso", contaria a irmã Carmen, "mas, daquela vez, vermelho de vergonha, confessou que não havia comido nada nos últimos três dias. Acima de tudo, detestava que se soubesse do estado dele. Não queria ser motivo de deboche dos seus adversários políticos."

Passava pela cidade o mínimo possível, geralmente para coletar informações sobre os companheiros. Naquela época, estava à espera do julgamento que tramitava contra ele, Lula e João Maia por conta dos discursos pronunciados no funeral do líder assassinado. Sabia que a acusação de ter atentado contra a Lei de Segurança Nacional bastava para mandá-los para a prisão durante uma longa temporada. O promotor não havia hesitado em tratá-los como terroristas. Por outro lado, e por conta da radicalização das posições em toda a região, as ameaças contra os seringueiros haviam se tornado muito mais frequentes. E Chico Mendes estava com medo.

Como sempre, encontrou refúgio seguro no coração da selva, em uma colocação vizinha à de seu irmão Zuza. O seringal havia sido abandonado por seus proprietários, e os seringueiros trabalhavam por conta própria. Não tendo que pagar aluguel pelos caminhos margeados de seringueiras e podendo cultivar uma horta e criar alguns animais de curral, uma família inteira subsistia com a venda da borracha, apesar de seu baixo preço. No final de 1980, à espera de poder reorganizar o sindicato, Chico Mendes voltou à velha rotina de seringueiro, origem de sua luta e razão de ser de sua existência. Com a poronga na cabeça, o punhal na mão e a carabina no ombro, percorreu de novo os úmidos caminhos da selva escura, arabescos tão invisíveis quanto as rotas de seu próprio

destino. Mantendo-se em contato com o resto do mundo exclusivamente graças a um pequeno rádio, a vida de seringueiro o devolveu aos sons e perfumes da selva, e também às emoções do coração.

Seu irmão Zuza pretendia se casar com a filha de um seringueiro chamado José Moacyr, com quem Chico havia trabalhado durante dois anos. Não que precisasse da autorização do irmão mais velho, mas as decisões importantes, desde a morte dos pais, eram consultadas com os irmãos. Chico se alegrou com essa boa notícia. José Moacyr era seu amigo, como havia sido de seu pai. As famílias se conheciam desde sempre, e, se bem lembrava, Chico havia ensinado as filhas de Moacyr a ler.

Zuza organizou uma festa na casa de um vizinho para comemorar o noivado. Havia cachaça, cerveja, comida, e de um velho toca-discos de pilha saía música do Nordeste. Dançava-se ao ritmo alegre do forró. Quando Chico Mendes chegou, depois de ter passado a tarde defumando borracha em seu galpão, não reparou na silhueta espigada de uma garota que o observava na penumbra. Ela o reconheceu. Aproximou-se dele e se apresentou. Chamava-se Ilzamar, e ia ser sua cunhada. Então, Chico se lembrou. Fora uma de suas alunas nas aulas de alfabetização que dera anos atrás. Havia se transformado em uma bela mulher, cujo corpo disfarçava sua verdadeira idade. Tinha 17 anos. Era doce e alegre como seu riso cristalino. Longos cabelos pretos realçavam suas feições regulares. Chico Mendes não parou de persegui-la com o olhar. Enquanto Zuza anunciava seu noivado com a mais velha, que tinha 20 anos, Chico lutava dentro de si contra os sentimentos que a irmãzinha despertava nele. Mas era uma luta inútil. Sentia-se irremediavelmente atraído por essa mulher, seringueira como ele. E sentia que a atração era mútua. Aquela noite não dormiu, como confessou a Zuza. De repente, era como se o mundo que o cercava estivesse em perfeita harmonia com as profundezas do seu ser. Os ruídos haviam se transformado em sons, os cheiros em perfumes, as cores em luz. Dali em diante, em seus momentos de medo, de angústia ou solidão, ele se refugiaria na recordação do resplandecente sorriso de sua ex-aluna. Quanto a Ilzamar, começou a pensar nele dia e noite. Ia procurar Zuza com o único objetivo de se aproximar de Chico. A novidade de um sentimento até então desconhecido para ela a embriagava. Ele era o herói dos habitantes da selva, e ela o via como uma lenda de carne e osso. Quanto mais o conhecia, mais percebia como era diferente dos outros. “Era uma pessoa boa, tranquila, que me fazia rir com suas histórias de seringueiros, tão vagabundos que acabavam acreditando que realmente os espíritos da selva os

impediam de trabalhar", recordaria Ilzamar.

Durante março de 1981, enquanto a frequência dos aguaceiros diminuía com a chegada da estação seca, Chico Mendes recebeu ordem de se apresentar diante do Tribunal de Justiça Militar de Manaus. Sua primeira reação foi pensar em não comparecer. Tinha certeza de que seria preso; não confiava nas autoridades nem na justiça. Via aquele julgamento como a prolongação da estratégia dos latifundiários de acabar com o movimento de resistência dos seringueiros, e pensava que fazer o jogo da justiça era fazer o jogo do adversário. Mas os advogados do Partido dos Trabalhadores não concordavam. Aconselharam-no a não fugir da convocação porque isso daria base para uma perseguição policial. Para eles, o processo não era mais que uma tentativa de intimidação por parte dos militares. Agora que apregoavam a democratização, não condenariam três líderes populares por discursos pronunciados em circunstâncias especiais. Seria politicamente absurdo. Os advogados do PT garantiram que conseguiriam a absolvição por falta de provas.

Chico ficou inquieto por alguns dias, sem conseguir se concentrar. Obrigava-se a abrir livros do PT, ou de estudos sobre a Amazônia, mas não assimilava a leitura. Havia vislumbrado o que podia ser uma vida "normal", a doçura de viver ao lado da mulher que lhe tirava o sono. Era algo simples para a maioria dos homens, mas para ele parecia inalcançável e distante. Como pensar em ter uma vida estável se mal conseguia sobreviver? Se estava prestes a ser preso? Por um lado, a felicidade estava ao alcance da mão; por outro, sabia que aquela vida seria incompatível com as exigências de sua luta. Compreendia que estava alcançando um ponto do qual não havia retorno, e a ideia o atormentava. Por fim, quando assumiu que sua permanência na selva não era mais que um parêntese – e não uma nova etapa de vida, como gostava de pensar –, preparou-se para ir a Manaus.

Ilzamar ficou desconsolada ao vê-lo partir. Temia que não voltasse por muito tempo. As pessoas amadureciam rápido nos seringais; se uma mulher envelhecia aos 40 anos, era lógico que aos 15 fosse considerada casadoura. Por isso, a tenra idade não era um impedimento para seu relacionamento amoroso com Chico.

Como todos os seringueiros do Acre, Ilzamar viveu durante alguns dias colada ao rádio à espera de notícias sobre o processo. Tal como os advogados do PT haviam previsto, nenhum acusado foi condenado. Também não foram absolvidos; teriam que esperar três anos até que a justiça militar encerrasse o

caso definitivamente. Mas todos foram deixados em liberdade. Ao saber da volta de Chico, os vizinhos do seringal organizaram uma viagem a Xapuri para lhe dar as boas-vindas. Quando ele desceu na estação de ônibus, uma multidão de seringueiros o aguardava para abraçá-lo e felicitá-lo. Mas nada lhe causou maior alegria que a presença de Ilzamar, afastada da confusão, cumprimentando-o com a mão.

A partir desse momento, os acusados puderam retomar suas atividades. Chico tinha uma ideia clara do próximo passo: não depender economicamente dos seringais e instaurar escolas e postos de saúde na selva. Nos anos 1980, o governo ainda não havia feito nenhum esforço para tornar a educação acessível aos filhos de seringueiros. Essa era a obsessão de Chico Mendes desde os tempos em que Euclides Távora lhe abrira os olhos para o mundo. Ninguém como ele conhecia o valor da palavra escrita nem a facilidade com que se podiam manipular os números. Mas, para realizar o velho sonho, precisava de recursos, e as contas do sindicato estavam zeradas. Depositava as esperanças em uma pessoa de fora, uma mulher que vinha do extremo oposto da sociedade brasileira: era do Sul e de uma família abastada. Profundamente emocionada ao descobrir o abandono a que os seringueiros estavam condenados, havia decidido dedicar a vida a tirá-los do esquecimento.

MARY HELENA ALLEGRETTI ERA ORIGINÁRIA da cidade de Curitiba, no Paraná. Bisneta de imigrantes italianos, filha de um industrial de peças de veículos, Mary – como se apresentava – era atraente, de grandes olhos verdes, baixinha, enérgica e capaz de suportar as mais duras condições de vida. Em 1968 havia entrado na Universidade do Paraná, onde começara a Faculdade de Ciências Sociais. O Brasil vivia o mesmo fervor revolucionário que o resto do mundo, exacerbado por conta da ditadura militar. Em Curitiba, bastião da classe média brasileira, os estudantes tomaram a reitoria. “Minha geração foi criada com um projeto revolucionário na cabeça”, diria Mary Allegretti. “Mas eu questionei desde muito cedo o fato de intelectuais e estudantes terem que se integrar à classe trabalhadora para conscientizar os ‘oprimidos’ e promover a mudança [...] Foi o que se tentou em 1968. Mas, na hora da verdade, quando chegava a repressão, os estudantes tinham outras alternativas – por exemplo, exilar-se –, enquanto os trabalhadores ficavam com a pior parte. Em 1968, compreendi que tudo isso era muito artificial, que não se muda o mundo com palavras. Eu queria entrar em contato com a realidade, não passar o tempo falando em nome de setores da sociedade que eu desconhecia. Por isso me interessei por

antropologia; era uma maneira de sair dessa discussão teórica.” Em 1971, Mary Allegretti concluiu os estudos e passou no concurso para professora na Universidade Federal do Paraná. Em 1976, radicou-se em Brasília para fazer um curso de especialização em antropologia. Levava o filho consigo; tinha casa, salário, uma vida estável e uma carreira acadêmica que prometia ser longa e frutífera. Possuía tudo que uma mulher como ela podia desejar. Pelo menos era o que se acreditava, então.

Naquela época, Brasília era um polo de atração para pessoas de todo o continente. No meio do caminho entre o litoral e as terras desconhecidas da Amazônia, a cidade, construída em apenas quatro anos, simbolizava a vontade de corrigir os desequilíbrios do Brasil, onde a faixa próspera do litoral dava as costas ao subdesenvolvimento do interior. Quatro anos antes da inauguração, no lugar onde foi erguida não havia absolutamente nada. Os primeiros elementos da futura capital foram levados por ar, e então começou a construção de uma rede de estradas que, como os brilhos de uma estrela, deviam chegar até os últimos cantos do Brasil, conectando-se com as estradas da selva que ainda faltava construir. Inaugurada em 1960 e prevista para ser a capital de uma das grandes potências do século XXI, essa cidade ideal, como foi definida por seus arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, acabou sendo mais um símbolo da prepotência dos homens, convencidos de que é possível transformar a natureza e a sociedade com uma ideia e a tecnologia apropriada. Seu planejamento stalinista – todos os cinemas estão na “zona de diversões Sul ou Norte”; os hotéis (segundo a categoria), na “zona hoteleira Sul ou Norte”, os funcionários de cada ministério moram em seus edifícios correspondentes, etc. – e sua monumentalidade transformaram-na, porém, em uma cidade-fantasma, uma espécie de estilizada Berlim Leste sob o sol do sertão. Ninguém passeia pelas extensas avenidas, ninguém vai a pé à praça dos Três Poderes para contemplar a maravilhosa arquitetura vanguardista dos palácios do Congresso e do Senado, maravilhas contrapostas de cúpulas côncava e convexa. Seus planejadores não pensaram que as grandes massas de pedreiros que haviam se mobilizado de todo o país para a sua construção iriam querer participar daquela riqueza. Assim surgiram as primeiras favelas. Eram como uma lembrança de que, por mais que se tente, é impossível fugir da realidade do país. Mas as autoridades não estavam dispostas a permitir que hordas de miseráveis fossem ofuscar o sonho faraônico. Então, deslocaram o cordão de pobreza para um lugar a 20 quilômetros do centro, fazendo da capital a única cidade brasileira sem favelas, pelo menos visíveis. Isso tinha suas vantagens para muitos brasileiros como Mary Allegretti, porque

representava uma rara oportunidade de viver em uma cidade limpa, organizada e sem o caos e a insegurança reinantes na maioria das cidades do país. Mas Brasília era também algo mais. Para alguém que vinha de uma realidade muito estruturada, organizada, tradicional, a realidade do Sul do Brasil, Brasília era uma cidade cosmopolita, com gente de todos os lugares, não só do Brasil, mas também do exterior. E a universidade era o ponto de encontro de toda essa gente.

Ali Mary Allegretti conheceu um britânico chamado Tony Gross, formado em ciências políticas e professor de inglês. Com seu longo cabelo louro e seu perfeito domínio do português, Tony Gross conhecia todo mundo no Departamento de Antropologia, onde passava a maior parte do tempo livre. Estava cansado de ensinar inglês aos filhos da classe média brasileira, e havia se interessado pela situação dos índios da Amazônia, particularmente por suas relações com o sistema político, e estava à espera de que a Universidade de Oxford aprovasse seu projeto de tese de doutorado. Tinha intenção de fazer sua pesquisa no Acre. O interesse por aquelas remotas terras lhe havia sido transmitido por um jovem antropólogo chamado Terry Vale de Aquino, que estava em Brasília terminando sua tese sobre os índios caxinauás, do Acre. Aquino era uma pessoa excepcional: obcecado por seu trabalho, apaixonado e pragmático. Ninguém escapava do magnetismo de sua personalidade.

Nem Mary Allegretti – e aquele encontro no início de sua estadia na capital acabaria influenciando profundamente sua vida. Aquino, oriundo do Acre, era um dos poucos estudantes procedentes do interior do Norte; a maioria era do Sul industrializado. Por sua origem, por ser conhecedor do terreno, tinha uma visão prática da antropologia, contrária à óptica acadêmica tradicional, que advogava manter distância dos sujeitos estudados para ser o mais objetivo possível. Aquino não concordava com essa teoria: “Se não ajudarmos as culturas que estamos estudando, logo não restará nenhuma para estudar”, costumava dizer a seus detratores.

“Para mim, como para todos no Sul, a Amazônia não existia”, contaria Mary. “Só sabíamos o que os meios de comunicação diziam a respeito, sempre em termos do Sul colonizando a Amazônia, como se fosse uma terra vazia.” Aquino abriu diante dela um mapa da região e lhe explicou que a falta de aldeias não se devia a que a área estivesse desabitada, mas ao fato de a maioria das pessoas viver dispersa na selva. Falou dos índios, dos rios, dos seringais, e começou a lhe abrir os olhos para esse universo tão distante em sua mente, mas que se encontrava tão perto fisicamente. Brasília, a cidade mais futurista do mundo,

estava a poucos minutos de voo de comunidades indígenas cujo nível tecnológico pertencia ao Neolítico. Era uma metáfora que ilustrava a grandiosidade do Brasil, um país imenso tanto por sua geografia quanto pelos exacerbados contrastes. E isso fascinava Mary Allegretti.

"Aquino estava fazendo uma tese sobre os índios, mas disse que havia uma comunidade de moradores da selva, chamados seringueiros, que ninguém estudava nem conhecia. As pessoas os associavam aos tempos do boom da borracha do século passado. Como eu precisava encontrar um tema para minha tese de antropologia, decidi ir dar uma olhada. Eu não sabia muito bem o que queria. Disse aos meus professores que pretendia fazer algo sobre as fazendas agropecuárias recém-instaladas no Acre."

Se para Mary Allegretti Brasília havia sido a válvula de escape de um mundo provinciano e estreito, o Acre seria a libertação total. Chegou a Rio Branco em fevereiro de 1978; acabava de completar 27 anos. Hospedou-se na casa de uns indianistas à margem do rio Acre, onde moravam aqueles que não tinham dinheiro para ir para o Hotel Chuí. "Eu me apaixonei por um indianista chamado Meirelles, e ele por mim", confessaria Mary Allegretti anos depois, tentando recompor as vivências e os acontecimentos que, de alguma maneira, transformariam para sempre a selva Amazônica. "Essa paixão durou dois anos, e foi muito, muito especial. Meirelles era de São Paulo, louro, magro, alto, de olhos azuis, e havia abandonado os estudos de engenharia para seguir o 'chamado da selva'. Desde então, como funcionário da Funai, dedicava-se de corpo e alma às comunidades indígenas. Ele me ensinou muitas coisas da Amazônia. Ensinou-me a olhar a selva, a entender os seringueiros, a observar o rio, a cheirar a vegetação, a prestar atenção nos animais. Antes de penetrar na selva, Aquino havia despertado minha sensibilidade política e minha curiosidade. Meirelles tocou minha sensibilidade de pessoa. Eu me apaixonei por ele, e por meio dele me apaixonei pela selva."

Aquino propôs a Mary que o acompanhasse em uma viagem pelo rio Tarauacá, na fronteira com o Peru. Embarcaram em um batelão que subia o rio com uma lentidão que de início Mary achou exasperante. Mas logo se acostumou e entendeu que o tempo e as distâncias na Amazônia não eram os mesmos do resto do Brasil. Nada se media em milhas ou em quilômetros, e sim em dias ou semanas de viagem, ou em praias de areia. Ribeirinhos falavam do próximo seringal que ficava três praias acima. Pouco a pouco, recordando o que Meirelles lhe havia dito sobre a vida nos rios amazônicos, deixou-se cativar pelo

ritmo hipnotizante da viagem. Os golfinhos brancos que pulavam perto da margem arrastavam muitos peixes, que saíam do leito do rio e cintilavam ao sol na areia da praia. De vez em quando, um ponto negro em uma rocha indicava a presença de uma tarântula, peluda e do tamanho de um punho, que pulava na água com a aproximação do barco. Havia uma infinidade de espécies raras de borboletas, diferentes em suas cores, em seu jeito de voar, nos desenhos das asas; uma delas tinha as asas transparentes como vidro, com uma única mancha violeta no centro, e parecia uma pétala de flor à deriva!********* Outra, a morfo azul, era tão grande que se via o resplendor azulado de suas asas a meio quilômetro de distância no rio. Depois vinha o clima, com a alternância regular de chuvas que aliviavam o ar abafado e davam lugar a uns arco-íris que coroavam a selva fumegante de vapor.

Depois de cinco dias de viagem, finalmente chegaram ao Seringal Alagoas, no extremo oeste do Acre.

– Você fica aqui – disse Aquino a Mary.

– Como? – perguntou ela.

– Daqui a um mês estarei de volta – prosseguiu Aquino.

– Você vai me deixar aqui sozinha durante um mês?

– Você não queria fazer sua tese? – disse Aquino com um toque de ironia. – Não se preocupe, conheço o dono do seringal, e ele a tratará bem.

Mary não queria mostrar o medo que sentia, e também não tinha escolha.

– Tem certeza de que quer ficar? – perguntou-lhe um velho seringueiro. Mary assentiu com a cabeça.

Aquino voltou ao barco e seguiu viagem até o povoado dos índios caxinauás.

O que Mary Allegretti descobriu naquele lugar afastado do mundo a fez mudar não apenas o tema de sua tese, mas também sua vida inteira. Foi como uma viagem no túnel do tempo, uma viagem pelo passado que a houvesse levado à Primeira Guerra Mundial. Aquela era uma comunidade de seringueiros escravos, submetida ao regime de exploração dos antigos seringais. Alguns tinham dívidas de 2 toneladas de borracha, o que representava dois anos de trabalho. Viviam no isolamento mais absoluto, sem comunicação alguma com o exterior. “Apesar da exploração, estavam orgulhosos de sua atividade”, diria Mary. “Os velhos me diziam que não queriam sair dali, que queriam morrer no

seringal. Mas todos pediam justiça.”

Os seringueiros, que nunca tinham visto uma mulher de fora da região, desconfiaram dela no início. Só depois de ter falado com todos, de tê-los seguido durante horas e horas pela selva, de ter cuidado das crianças doentes de malária, começaram a aceitá-la. Alguns se deram conta de que falar com alguém que não fosse vizinho, parente nem patrão era uma oportunidade única na vida. Mas só se entregaram abertamente quando a viram fazer anotações e entenderam que sabia decifrar as letras e os números no papel. Um seringueiro lhe mostrou uma carta que havia recebido seis meses antes. Em todo esse tempo não havia conseguido encontrar alguém que a lesse para ele. Logo chegaram outros, com os livros de contas do patrão debaixo do braço. Durante noites inteiras Mary copiou números à luz de uma lamparina de querosene. Logo uma fila de seringueiros foi se formando a cada entardecer em frente de sua choupana. Iam pedir ajuda para uma professora universitária que fazia uma tese sobre gente cujo analfabetismo era fruto da escravidão; mas ela não conseguia entender essa situação porque não se encaixava na teoria. “Se não há mais mercado para a borracha, por que essas pessoas são mantidas como escravos?”, perguntava-se. Não conseguia entender as relações de trabalho nem a sociedade dos seringueiros. “Eu era uma professora universitária acostumada a dar aulas para alunos que não sabiam nada de nada e que tinham tudo. De repente, estava em um lugar onde saber ler e escrever era tudo!”

Depois de um mês, quando Aquino voltou para buscá-la, Mary não era a mesma. Seus valores haviam mudado; suas prioridades haviam se modificado. Os seringueiros não só a haviam feito sentir-se útil e necessária como nunca na vida, como também a haviam comovido com sua ingenuidade e sua sensibilidade tão especial. Ela tinha descoberto que o pilar da dominação exercida sobre os seringueiros era o analfabetismo. Propôs-se a ensiná-los a ler e a escrever. “Vou voltar e construir uma escola”, prometeu quando embarcou para fazer a viagem de volta.

SUA MONOGRAFIA FOI UMA RUDIMENTAR tentativa de explicar a realidade de um seringal. Em um mês, descreveu amplamente as dívidas, as doenças, o analfabetismo, e acrescentou entrevistas com seringueiros. Seus professores ficaram um pouco perplexos; disseram-lhe que era muito descritiva, que teria que pesquisar mais. Mas tinha o valor do insólito, e no fim a aprovaram. De qualquer maneira, a tese havia se transformado em algo secundário para ela. O que havia descoberto era um mundo com o qual ela queria contribuir. A

Amazônia a havia mudado; então, ela tinha que mudar sua vida. Encontrou-se com o filho de 8 anos e o ex-marido e lhes disse que teriam que se arranjar sem ela por um tempo. Estava apaixonada por Meirelles e queria montar escolas na selva; precisava das mãos livres. “Ainda bem que meu ex-marido e eu éramos bons amigos. Ele começou cuidando do menino e acabou pagando minhas contas de telefone no Acre!”, diria mais tarde. “Restava o problema do meu emprego, mas na época eu achava que conseguiria uma transferência para dar aulas na Universidade Federal do Acre.”

Foi quando conheceu, em Rio Branco, no escritório do jornal *Varadouro*, um jovem seringueiro de cabelo preto meio cacheado, sorriso franco e barriga incipiente, que ia lá regularmente informar sobre novos empates e sobre a guerra contra os desmatadores da zona rural. Naquela época (1978), ele era vereador por um partido de oposição moderada na pequena cidade de Xapuri. Chamava-se Chico Mendes, e desse encontro nasceria uma longa amizade baseada na ação e no compromisso de tirar os habitantes da selva da escuridão. Mary Allegretti gravou mais de duas horas de sua primeira conversa. “Assim que ele abriu a boca, senti que era feito da madeira dos líderes. Sabia o que queria e sabia expressar o que pensava.” Esse encontro permitiu a Mary entender tudo o que não havia conseguido discernir até aquele momento. Chico lhe contou a longa história de resistência dos seringueiros contra os patrões e depois contra os latifundiários paulistas. Mary compreendeu que o Seringal Alagoas, onde havia passado um mês, estava tão atrasado e isolado que nem sequer conseguira fazer germinar uma mínima consciência para começar a resistir. Quando Chico disse que queria criar escolas na selva, Mary se ofereceu para ajudá-lo. Queria redimir sua ignorância e a frustração de ter feito uma tese fraca, e para isso transformou seu material de pesquisa em uma cartilha de alfabetização. Era um caderno que explicava, em termos simples e acessíveis para um seringueiro, o abecedário e a aritmética. Chamaram-na de Cartilha Poronga, em alusão à lanterna que os seringueiros punham na cabeça para se iluminar na escuridão da selva. Tinham a esperança de que aquela cartilha iluminasse sua vida com um saber que lhes havia sido negado até então.

Em Curitiba, Mary retomou seu trabalho de professora. “Mas eu não conseguia dar aula. Cada vez que entrava na sala, tinha a impressão de que aqueles jovens eram uns idiotas que não queriam saber de nada. Comecei a sentir que aquele não era meu lugar.” Nem mesmo seus amigos acreditavam que Mary havia descoberto uma comunidade de escravos, e que havia muitas outras na

selva. Tudo o que contava era muito aberrante para ser verdade. Mary achou que estava enlouquecendo, e, para se certificar do contrário, voltou ao Acre. Durante dois anos – o tempo que durou sua relação com Meirelles –, viveu dividida entre os dois lugares. Ela chegava a Rio Branco e Meirelles abandonava sua zona indígena – da qual só se podia sair de avião ou caminhando dois dias – e pegava um ônibus que o levava à casa dela. E tudo isso para passarem só três ou quatro dias juntos. Outras vezes, Mary ia à zona indígena do rio Iaco, na fronteira com o Peru, onde Meirelles estava trabalhando. “Ele estava realizando um projeto econômico. Era um grande desafio, porque, como os índios não tinham borracha nem castanha e seu território havia sido demarcado, não tinham muitas alternativas. Então, Meirelles e eu pensamos que podiam plantar e comercializar café. Eu trouxe sementes do Paraná e fomos plantá-las. Fiquei ali duas semanas, em lugares onde uma mulher branca nunca havia entrado. Os pés de café ainda estão lá.”

Um dia, em Rio Branco, ela recebeu um telegrama da universidade convocando-a a retomar as aulas, ou perderia o cargo definitivamente. Tinha que escolher: ou pedia demissão ou acabaria sendo despedida por abandono de emprego. Restava uma terceira solução: voltar para Curitiba, e foi o que fez, com a intenção de arranjar fundos para montar a escola na selva com Chico Mendes. Meirelles a acompanhou.

“Mas não funcionou; nossa paixão era amazônica, não podia ser levada para outros lugares. Não havia maneira de acoplar nossos estilos de vida. A dele estava com os índios, e a minha, naquele momento, mergulhada no conflito de abandonar a universidade.” Ela pediu dois anos de licença, mas lhe foram negados. Então, Meirelles voltou para o rio Iaco com seus índios. As visitas foram se fazendo poucas, e as cartas também. Pouco a pouco, a relação foi se desvanecendo. Mas não a história de amor que ambos mantinham com a selva Amazônica.

********* *Hetaera esmeralda*. Existem mais de setecentas espécies de borboletas a uma hora da cidade de Belém. Em toda a Europa, há apenas umas trezentas espécies. (N. A.)

29

Quando Mary Allegretti chegou a Xapuri, em 1981, a vida havia recuperado o aspecto de normalidade. Chico Mendes, assim que voltara do julgamento em Manaus, foi eleito presidente do sindicato local e estava ocupado com a criação de uma federação que acabaria sendo conhecida como CUT (Central Única dos Trabalhadores). Pela primeira vez desde o golpe de Estado, os sindicatos tentavam se organizar em escala nacional. Nessa ocasião, Mary não estava indo fazer uma visita qualquer. Estava voltando para cumprir sua palavra. Havia conseguido dinheiro para que o velho sonho de Chico Mendes se tornasse realidade. O Projeto Seringueiro de Educação Popular, que haviam preparado juntos, contemplava a criação de escolas simultaneamente à criação de uma cooperativa.

Mary Allegretti conseguiu o dinheiro graças a Tony Gross, o professor de inglês de Brasília que havia concluído sua tese e que então trabalhava para a organização humanitária internacional Oxfam, com sede em Oxford, Inglaterra. Chico Mendes e os outros membros do sindicato decidiram estabelecer a primeira escola no Seringal Nazaré, situado a dois dias de caminhada de Xapuri. Ali vinha acontecendo uma batalha entre o novo proprietário, Geraldo Bordon, dono da maior indústria de carne do Brasil, e os seringueiros ameaçados de expulsão. Chico Mendes, seu primo Raimundo de Barros, Mary Allegretti, um indigenista chamado Ronaldo de Oliveira e mais alguns tornavam a passar pelos caminhos do Seringal Nazaré, sob as barbas dos capatazes, que os observavam com receio. O grupo solicitava a ajuda dos seringueiros para construir a escola, mas também queriam recrutá-los como estudantes. A construção acabou sendo uma casa típica de seringueiro, feita de madeira de paxiuba-mirim, sobre palafitas, e dentro foi colocada a primeira lousa, coisa jamais vista na selva. “Foi uma experiência muito intensa, uma grande alegria”, diria Mary. “Finalmente eu havia feito algo concreto. Finalmente tinha a oportunidade de devolver parte do saber e do conhecimento que havia acumulado. Dessa vez, estava disposta a não deixar que nenhum obstáculo atrapalhasse meu caminho.” Até então, ela havia tentado todas as combinações e artimanhas para se livrar de suas obrigações na universidade de Curitiba. Consultou a família sobre uma possível demissão. Alarmados, recordaram-lhe que estava prestes a conseguir a cátedra. Não entendiam como lhe podia ocorrer jogar fora uma brilhante carreira acadêmica e

a segurança de um emprego vitalício. Até seu irmão ligou para ela para suplicar, em nome da família, que não se demitisse.

Mas Mary tinha um compromisso inevitável consigo mesma: “No fim, preferi me demitir a ser mandada embora por abandono de emprego”, diria mais tarde, ciente de que, ficando sem trabalho, ficava sem salário, sem carreira e sem dinheiro para viver. Depois de assinar os papéis de sua demissão na reitoria, foi para o aeroporto e embarcou no voo da Varig com destino a Rio Branco. Três dias depois, chegou à casa de folhas de palma que servia de escola e de residência. Não havia água corrente ali, nem eletricidade, nem conforto. Sua cama era uma rede coberta por um mosquiteiro. Mas ela se sentia em paz consigo. Trocara a estabilidade de uma das universidades mais tradicionais do Brasil por uma clareira na selva onde homens, mulheres e crianças a esperariam todas as semanas para aprender os rudimentos do alfabeto. Havia sido capaz de mudar sua vida para se entregar a uma causa que merecia uma dedicação urgente e imediata. E isso a fazia sentir-se feliz.

As consequências da construção da escola e da cooperativa não tardaram a se manifestar. Os burros comprados para transportar a borracha diretamente aos pontos de venda na cidade eram algo insólito naquela região. Os latifundiários e seus capatazes estavam espantados com toda essa gente com mochilas nas costas, que entrava e saía, atravessando o rio Xapuri com mercadorias. Não entendiam de onde os seringueiros haviam tirado dinheiro para comprar tanta coisa. A única explicação plausível era que Moscou os estava financiando. Espalharam o rumor de que os burros transportavam armas; daí a dizer que a escola era uma fachada para um centro de treinamento de guerrilheiros, era só um passo. As autoridades estavam convencidas de que o Acre, por sua situação fronteiriça, seu atraso e sua pobreza, tinha todas as condições para se tornar uma zona de guerrilha. Assim, um grupo de policiais armados até os dentes irrompeu naquela choupana enquanto Mary dava aula. Revistaram tudo, procurando alguma prova – armas ou literatura subversiva – para incriminar os responsáveis. Mas só encontraram uma espingarda de caça. A cena se repetiu várias vezes durante os anos de 1981 e 1982. Alguns sindicalistas recordam que a polícia os seguia até Nazaré para tentar pegá-los em flagrante em ato de subversão. Esse nervosismo das forças de segurança tinha o efeito contrário do desejado. Se abrir uma escola bastava para inquietar tanto o adversário, para os seringueiros era a confirmação de que estavam no caminho certo.

Chico Mendes, como claro líder do movimento, foi convocado pela Polícia

Federal a prestar declarações sobre a escola. Fazê-lo ir até a cidade era também uma maneira de recordar-lhe que estava na mira das autoridades. Paradoxalmente, essa viagem não conseguiria dissuadir Chico Mendes de prosseguir com suas atividades, ao contrário. Acabaria cimentando o programa das escolas graças a um incrível acaso. Depois de repetir pela enésima vez que o dinheiro não vinha de Havana nem de Moscou, e sim da Inglaterra, e que não se destinava a treinar terroristas, e sim a ensinar crianças a ler, o interrogatório acabou e o deixaram ir. Enquanto Chico se dirigia para a casa da tia, onde se hospedava cada vez que ia a Rio Branco, percebeu que estava sendo seguido. No ato, surgiu em sua memória o sequestro ocorrido alguns anos antes nas mesmas ruas daquela cidade, e as torturas, e pensou que dessa vez tentariam intimidá-lo da mesma maneira. As janelas do carro que avançava lentamente se abriram e seus ocupantes começaram a provocá-lo. Chico acelerou o passo. O carro o seguiu. Então, Chico saiu correndo e, de repente, pulou para o meio da rua e parou em frente a um automóvel que vinha em direção contrária. O carro parou em seco para não o atropelar. – Pelo amor de Deus, deixe-me entrar! – suplicou. – Estão me perseguindo. Não tem ônibus aqui, e eu não tenho dinheiro para pegar um táxi – dizia, ofegante. A porta de trás se abriu e Chico entrou no automóvel. Ele não reconheceu de imediato a pessoa que estava confortavelmente sentada no banco de trás. “Nunca havia visto Chico tão assustado como nesse dia”, diria o homem. “O motorista e eu o acalmamos. Ele tinha certeza de que queriam matá-lo, e eu achei que estava exagerando.” Chico, quando se acalmou, ficou olhando para ele e, de repente, soltou uma gargalhada. “Josué!”, exclamou enquanto o abraçava. Havia entrado no carro de seu amigo de infância, que havia acabado de voltar ao Acre depois de mais de vinte anos de ausência. Chico tinha uma recordação muito nítida de sua partida, visto que havia coincidido com a partida de Euclides Távora. “Passamos a noite juntos, e Chico me falou do Projeto Seringueiro, dos problemas que tinha com a Polícia Federal. Ele me fazia lembrar seu pai, o velho Francisco, que passava o tempo todo dizendo que devia haver escolas nos seringais.” Aquele reencontro daria lugar a uma estreita colaboração, visto que Josué, pouco tempo depois, assumiria a direção da Secretaria da Educação do Acre. Tendo aprendido a ler e escrever aos 14 anos e sem ter esquecido suas raízes, Josué conhecia tão bem quanto Chico as necessidades dos seringueiros. Em seu cargo na Secretaria da Educação, e retomando a velha amizade com o companheiro de brincadeiras, dedicou-se a obter o apoio do governo federal para abrir mais seis escolas na região de Xapuri e duas dúzias no Acre.

Com parte do dinheiro obtido graças à cooperativa pagava-se a manutenção das escolas, a comida dos alunos e um pequeno salário aos professores. A escola de Nazaré começou a formar seus próprios mestres, e em 1983 várias mulheres dos seringais foram dar aulas. Naquela época, Mary Allegretti tivera que renunciar a seu cargo. A experiência que tanta satisfação havia lhe proporcionado no início foi se azedando, até se tornar um verdadeiro calvário.

"O problema surgiu", contaria Mary, "porque eu não tinha nenhum vínculo político, nem com um partido, nem com o sindicato, nem com a Igreja, nem com a universidade. Então, não tinha apoio real." Além da polícia, os partidos de esquerda também quiseram conhecer o projeto de educação. Queriam saber que tipo de experiência era aquela que ia contra a concepção clássica de que qualquer movimento social tem que fortalecer um partido político. "Foi quando começaram as conjecturas e as calúnias. Diziam que eu queria usar a ignorância dos seringueiros para me projetar e fazer carreira. E isso, depois de tudo o que eu havia arriscado, doía muito e me desesperava. Na realidade, eles tinham raiva por não dominar completamente o processo das escolas, por não terem sido eles os organizadores. Chico sempre me entendeu e sempre me deu seu apoio incondicional. Mas foi o único. Os outros só faziam críticas veladas, espalhavam rumores e intrigas. Reconheço que era difícil entender minha perspectiva, uma mulher do Sul que estava ali desinteressadamente. Mas meu compromisso era fazer que os seringueiros fossem reconhecidos como pessoas, como cidadãos, como parte da sociedade. Eu não conseguia esquecer o rosto daqueles pobres homens com quem havia convivido às margens do rio Tarauacá."

Ela tentou dialogar, mas, salvo Chico, só conseguiu evasivas. Deduziu que não era uma questão de comunicação, e sim de algo mais profundo. A mesma diferença que separava os dois mundos que compõem o Brasil havia se transferido para esse recanto da Amazônia. Mary Allegretti, embora brasileira, não era uma deles. Era uma forasteira. Associavam-na com uma classe social antagonista, e o fato de estar tão envolvida com a escola e a cooperativa ofuscava a relevância da iniciativa do próprio movimento de resistência. Apesar de ter arranjado o dinheiro, as diferentes facções não aceitavam que uma mulher sem filiação determinada fosse lá organizar algo politicamente tão importante como era o programa de educação dos seringueiros. "Mary era uma forasteira e queria definir as linhas de atuação", diria um de seus detratores.

Mary viveu uma crise profunda e acabou tomando uma decisão lógica: partir. O prefeito de Rio Branco, um jovem engenheiro chamado Flaviano Melo, que

acabaria sendo governador do estado, convidou-a para coordenar um projeto de planejamento urbano financiado pelo Banco Mundial. Foi quando Mary soube que estava fichada no SNI (Serviço Nacional de Informações) e que o Ministério do Interior a havia vetado para qualquer cargo oficial porque era considerada “uma ameaça para a segurança nacional”. Sua única recompensa por tanta dedicação havia sido uma ficha na polícia. Renunciara a tudo, mas o mais doloroso era ter perdido a confiança das pessoas a quem queria ajudar. Pensou em voltar para Curitiba, mas não queria chegar sem algo concreto. Brasília? Também não tinha nada para fazer ali. Esperou algum tempo, até que surgiu a primeira oportunidade. Finalmente, graças a um amigo, soube que estavam abrindo vagas de professor assistente na Universidade Federal de Mato Grosso. Mary concorreu na categoria 1, a mais elementar. Havia abandonado a Universidade Federal do Paraná na categoria 4, anterior à cátedra. Então, estava retrocedendo três níveis, depois de uma experiência extenuante. Deixou as profundezas do Acre com um misto de perplexidade e tristeza. Estabeleceu-se em Cuiabá, capital do Mato Grosso, em uma casa alugada às margens do rio, cercada de árvores. Passou a dar aulas, a classificar seu material de campo e a organizar suas anotações. Começou a sonhar em ter sua própria instituição autônoma, competente e eficaz, um sonho que tardaria apenas alguns anos para se tornar realidade. Mais que tudo, escrevia e refletia. Buscava ansiosamente resposta para uma pergunta que a obcecava: Onde havia errado?

30

Depois de sua vitória sindical – tendo sido eleito presidente do sindicato de Xapuri –, Chico Mendes se preparou para uma vitória política lançando-se como candidato pelo PT às eleições para deputado estadual. Acreditava que podia advogar a causa dos seringueiros nas câmaras que tinham acesso ao poder. Sua experiência como vereador lhe havia permitido compreender o inextricável emaranhado de interesses políticos e como era importante sair do isolamento para conseguir o apoio de outros setores da sociedade brasileira. Tinha confiança em seu bom senso e nas qualidades de conciliador que havia herdado do pai. Buscava sempre a unanimidade, e era suficientemente aberto para assumir seus erros. Mas ainda ignorava que a honradez e a flexibilidade eram mais um obstáculo que uma vantagem no mundo da política local brasileira.

Sua antiga simpatia pelo Partido Comunista do Brasil foi usada contra ele. Um dos seus rivais, um militante das comunidades de base da igreja chamado Ivan Melo, fez circular por Xapuri o número 1 da revista Tribuna Operária (1979), que mostrava uma entrevista com Chico Mendes. Ivan Melo o combateu com todos os meios a seu alcance, incluindo a mentira e a calúnia. Ia de casa em casa pedindo que não votassem nele, dizendo que era comunista, até que, em uma ocasião, enquanto estava caluniando, Chico apareceu no fundo do corredor. Estava hospedado ali provisoriamente e ouviu tudo. Indignado, voou para cima de seu rival. Rolaram pelo chão enquanto os outros tentavam separá-los. Foi a única vez em que se viu Chico brigar com as mãos.

Na realidade, Chico Mendes não se encaixava em nenhum molde, por isso nunca teve a plena confiança do PT, da CUT ou da Igreja, apesar de sua amizade com os padres de Xapuri. Para a ala esquerda do PT, ele era muito mole e não radical o bastante; para a ala direita, assim como para a Igreja, muito revolucionário. Por não ser dogmático, chocava-se sempre com os limites impostos pelas diferentes ideologias. Na realidade, sempre fazia o que achava certo. Tinha uma autoridade mais moral que política, algo que levaria muito tempo para assimilar. Seria uma dura lição, porque, naqueles anos, tinha certeza de que a política era o instrumento adequado para reforçar sua luta. Outros, porém, usavam a luta como instrumento para fazer política; e esses eram os que costumavam ganhar.

Algo em sua vida, porém, havia se tornado mais importante que todas as eleições do mundo, e era sua relação com Ilzamar. Estavam saindo havia mais de dois anos, e chegara a hora de regularizar a situação. A crescente liberalização do sistema político, a perspectiva de ganhar as eleições, o sucesso das cooperativas e das escolas o haviam feito sentir-se mais otimista em relação ao futuro. Todos os anos em que se dedicara ao sindicato sem salário acalentara a esperança de ser, um dia, eleito prefeito ou deputado. Então, essa possibilidade estava ao alcance da mão, e isso significava que ganharia um salário – do qual entregaria metade ao PT e com o resto poderia viver dignamente.

Uma noite, depois de um comício eleitoral no qual denunciou o desmatamento ilegal, as expulsões violentas e as prisões arbitrárias, desceu do palanque e foi até Ilzamar, que não perdia nenhum comício.

– Quer se casar comigo? – perguntou. Quarenta anos antes, no mesmo lugar, seu pai havia feito a mesma pergunta a uma seringueira por quem havia se apaixonado.

Ilzamar ficou confusa. Levantou os olhos e, tímida, assentiu com a cabeça. Então, Chico a pegou pelo ombro e foram para onde estavam seus pais.

– Vim pedir seu consentimento para me casar com sua filha. Não tenho casa, não tenho nada exceto a roupa do corpo – disse a José Moacyr.

O velho seringueiro, que o conhecia tanto quanto a seus próprios filhos, sorriu.

– Eu também não tenho fortuna – respondeu. – Só tenho minhas filhas. Mas se é o que você e ela querem, eu dou minha bênção.

Seus planos de alugar uma casa para começar a vida de casados foram por água abaixo quando perdeu as eleições por uma diferença de 54 votos. Ainda mais difícil foi aceitar que as pessoas lhe haviam negado a confiança que ele julgava merecer. Como sempre acontecia após seus fracassos políticos, voltou-se para as atividades sindicais. Em 28 de abril de 1983 foi convidado a ir a São Paulo, para um Congresso da CUT. Não queria ir porque no dia 26 era seu casamento com Ilzamar, no civil, na pequena cidade de Brasileia. Mas seus companheiros insistiram tanto que Chico decidiu aproveitar e ir de lua de mel. Foi uma das raras ocasiões em que pôde conjugar a vida pública e a vida privada. Dali em diante, os compromissos ineludíveis se tornariam a espada de Dâmocles do casamento. Depois de seis anos, Ilzamar calculou que não haviam

passado mais de seis meses juntos.

No primeiro ano de casados, estabeleceram-se em Xapuri, em uma casa emprestada por um parente. Essa foi, talvez, a época mais feliz do casamento. Ali nasceu sua filha, batizada Elenira em memória a uma guerrilheira morta nas escaramuças do rio Araguaia no início dos anos 1970.

Tudo ficou mais difícil a partir do momento em que tiveram que abandonar a casa emprestada, porque o parente precisava vendê-la. Como Chico não podia pagar aluguel, mudaram-se para a sede do sindicato, um barraco situado ao lado da igreja. Mas ali não havia intimidade; era como viver em uma comuna. Ilzamar, quando não limpava a casa ou dava o peito a Elenira, passava longas horas cozinhando para um monte de gente. Um dia, não aguentou mais e falou com o marido a respeito, quando o pegou entre duas viagens. Ele baixou a cabeça e a abraçou: “Eu sei, eu sei... Você queria que tivéssemos uma casa própria, mas o trabalho político não dá dinheiro. Porém, preciso fazer isso, é nossa única possibilidade de melhorar”.

Naquela mesma tarde se mudaram para o seringal do pai de Ilzamar. “Meu pai era muito pobre”, recordaria Ilzamar. “Tão pobre que não tinha nem uma rede para minha filha. Era uma família numerosa, e havia dificuldade para arranjar comida para todos. Eu ficava angustiada de pensar que a menina poderia passar fome quando eu não a amamentasse mais.” Chico Mendes ficou na sede do sindicato, e, quando suas obrigações lhe permitiam, ia ver a mulher e a filha. Levava com ele o que podia: remédios, leite em pó, óleo, às vezes um pouco de dinheiro.

Os primeiros dias eram de grande alegria. Mas ele nunca ficava muito tempo; o máximo foi um mês. Ilzamar explodia em soluços quando sentia que logo ficaria sozinha de novo. Na realidade, sua vida não havia mudado com o casamento. Continuava na selva com os pais, com a diferença de que agora tinha uma filha para criar.

– Você precisa ter fé – dizia Chico. – Nossa vida vai mudar, você vai ver.

– Não quero ficar aqui sozinha, passando necessidade.

– Nossa luta é para que isso acabe – respondia ele.

– As outras mulheres vivem com seus maridos. Por que você não fica comigo? – insistia ela.

– Eu também gostaria de ver Elenira crescer e de levar uma vida normal. Mas a gente não pode sempre fazer o que quer.

Aquela situação afetava Chico profundamente. Ele confessou a um amigo que não se sentia digno de ser pai de família porque não podia dar aos seus a atenção necessária. A única alternativa possível – abandonar tudo, emigrar, arranjar um emprego qualquer e começar de novo –, porém, era inconcebível. Para Chico, equivalia a renegar sua própria identidade, era como morrer antes da hora. Estava preso nas garras de uma luta à qual havia dedicado a vida. “Não posso abandonar isto”, acabava dizendo a Ilzamar, e ela entendia, enxugava as lágrimas e começava a sonhar com a próxima visita. E Chico viajava pelos caminhos da selva para participar de alguma reunião sindical, ou de algum empate, ou para se reunir com os companheiros a fim de tentar encontrar uma solução definitiva para os problema dos seringueiros, empenhados em defender a selva de um adversário cada vez mais obcecado em arrasá-la.

Naquela época, os grandes bancos e empresas de investimento haviam ido somar-se aos ricos paulistas do início dos anos 1970. Os seringueiros não sabiam que em círculos próximos ao governo urdia-se um novo plano de desenvolvimento, chamado Polonoroeste, que contemplava o asfaltamento da estrada que ligava Acre e Rondônia ao Sul do país. Isso havia bastado para que se desencadeasse um novo e forte movimento especulativo. O preço da terra subiu e ela mudou de donos. Embora ainda se usasse o velho método de contratar peões para desmatar, as grandes companhias utilizavam o moderno correntão, que havia se tornado muito popular em toda a Amazônia. Tratava-se de uma corrente de uns 100 metros de comprimento (geralmente uma velha corrente de âncora) jogada por dois enormes tratores Komatsu. Graças a esse sistema, o que duzentos homens levavam um mês para cortar se fazia em apenas alguns dias. Também ensaiaram experiências com desfolhantes químicos, particularmente o chamado Tordon, que continha o conhecido “agente laranja” e era vendido pela multinacional norte-americana Dow Chemical, que se livrava, assim, dos restos não utilizados na Guerra do Vietnã. O Tordon era tão forte que os peões que o espalhavam se queixavam de tonturas e diarreias. A Dow Chemical acabou retirando-o do mercado, substituindo-o por uma substância mais suave, sem dioxina, que se mostrou ineficaz.

Contra a incontrolável espiral de destruição, os seringueiros só contavam com os empates como meio de luta. Só conseguiam deter metade do desmatamento e dos incêndios (a cada ano, no município de Xapuri ardiam 10 mil hectares de

mata), e no Acre estabeleceu-se um clima de verdadeira guerra civil. Os seringueiros, mais uma das espécies ameaçadas de extinção, defendiam a selva porque era a única maneira de defenderem a si mesmos. Mas faziam isso desesperadamente, sem nenhum tipo de ajuda externa. Chico Mendes sabia que, enquanto no Brasil não se questionasse a política de ocupação da Amazônia, tudo continuaria igual, até o desaparecimento da última árvore, do último seringueiro. Era uma luta sem quartel, e os seringueiros que haviam comprometido a vida nela não conseguiam ver saída alguma. Exceto a morte, na qual Chico Mendes pensava constantemente desde o assassinato de Wilson Pinheiro. Mas isso ele não podia dizer a Ilzamar.

31

Washington – 1981-1985

Depois do fracasso da Transamazônica e do caos provocado pelas outras estradas, depois de haver transformado parte da selva em um deserto, parecia lógico pensar que a política de colonização da Amazônia acabaria, ou, pelo menos, mudaria substancialmente. Mas, no final dos anos 1970, o governo militar preparou o ambicioso plano chamado Polonoroeste para tornar produtivos 25 milhões de hectares ao longo da fronteira com a Bolívia. O plano previa o asfaltamento de 1.200 quilômetros da BR-364 em seu trajeto de Cuiabá (capital do Mato Grosso) a Porto Velho (capital de Rondônia). Em uma segunda fase, estava previsto o asfaltamento até a fronteira com o Peru, passando por Rio Branco. Era a mesma estrada que havia precipitado a chegada dos paulistas, o genocídio dos seringueiros, a especulação descontrolada em Rondônia, os conflitos de terra, o aumento da violência e praticamente a extinção dos nhambiquaras, dos suruís, dos gaviões e de outras tribos indígenas. O próprio governo, em seu informe ao Banco Mundial, reconheceu que a estrada havia criado um monstro em Rondônia e no norte do Mato Grosso, territórios que atravessava. O novo plano, garantia o informe, serviria para controlar o fluxo de emigrantes. Para isso, previa-se mandar colonos para terras qualificadas como férteis, bem como promover cultivos seguros, como o cacau ou o milho. Também estava prevista uma melhora substancial dos serviços sanitários e sociais, bem como a adoção de uma série de medidas para proteger a população local. O orçamento era de 1,6 bilhão de dólares, do qual a maioria foi solicitada ao Banco Mundial e ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, duas instituições com sede na capital norte-americana que haviam financiado muitos dos grandes projetos da Amazônia.

Outra vez, como uma sinistra repetição do que ocorrera dez anos antes, exagerando a quantidade de terra roxa disponível – uma terra fértil de origem vulcânica –, a televisão do Brasil lançou uma campanha para incentivar os camponeses a ir para o oeste. Em Washington, o único ecologista entre os 6 mil funcionários do Banco Mundial, um indivíduo alto, sem graça, de óculos, chamado Robert Goodland, havia se oposto energicamente a que o banco financiasse esse projeto. Dentre outras coisas, sabia que apenas dez por cento de

Rondônia era de terra roxa, e que já estava ocupada pelas grandes fazendas. Especializado na selva Amazônica, Goodland havia empreendido uma batalha solitária durante anos para conscientizar os colegas acerca do impacto negativo de muitos projetos que financiavam no Terceiro Mundo. Foi um dos primeiros a advertir que a degradação ambiental, como era o caso da desertificação da Amazônia, levava à deterioração geral da economia, e que ambos os processos se alimentavam mutuamente em uma espiral incontrolável. Mas havia sido como pregar no deserto. Em seu informe sobre o Polonoroeste, apontou com incrível precisão o que aconteceria em Rondônia: aniquilamento das populações indígenas, devastação da selva, degradação dos solos. Apesar de suas recomendações desfavoráveis, assim como as dos especialistas em agronomia e dos antropólogos, em 15 de dezembro de 1981 o banco realizou o primeiro pagamento de 457 milhões de dólares ao governo do Brasil. As condições do empréstimo exigiam que o governo garantisse reservas para os índios e seringueiros e tomasse medidas protetoras do meio ambiente ao longo da estrada. Mas não existia nenhum mecanismo para verificar se essas diretrizes seriam cumpridas. Como se não bastasse, os superiores de Robert Goodland o proibiram de ir a Rondônia durante quatro anos. Assim se deu o paradoxo de que um ecologista pago pelo Banco Mundial para evitar desastres ambientais foi proibido de impedir que o banco se envolvesse em um gravíssimo desastre ecológico.

*

“Talvez porque seja um produto da geração dos anos 1960, sempre quis fazer algo da vida que não fosse exclusivamente ganhar dinheiro”, diria Bruce Rich, o homem que fez balançar as sólidas paredes do Banco Mundial onde burocratas, em confortáveis escritórios, decidem a sorte de milhões de pobres. Bruce Rich era um indivíduo loquaz, vivo, com uma inesgotável curiosidade intelectual e muita inteligência. De cabelo prematuramente grisalho, baixo, magro e atlético, olhos de um azul intenso que nunca piscavam, leitor ávido e apaixonado por montanhismo, dedicara sete anos de sua vida, após concluir os estudos na Universidade de Yale, a viajar pelo mundo. “Naquele tempo, eu queria sair dos Estados Unidos. Como muitos outros colegas de minha geração – marcada pelo assassinato de Kennedy e pela luta pelos direitos civis –, eu estava desiludido com o sistema político e questionava profundamente a natureza da civilização norte-americana.” Seus anos de nomadismo pela Europa e pela América do Sul fizeram-no refletir sobre o funcionamento do mundo. “Quando voltei ao meu

país, em 1978, sabia que queria trabalhar em algo público. Queria dar minha contribuição, mesmo que minúscula, à sociedade. Para isso, precisava continuar estudando. Diante das opções que cogitava, escolhi a menos repulsiva: um doutorado em Direito, embora nunca houvesse tido intenção de me tornar um advogado tradicional."

Dois anos depois, enquanto estava concluindo sua tese, caiu-lhe nas mãos um documento publicado pelo governo norte-americano que, de alguma maneira, daria uma orientação definitiva a sua vida. Sua leitura o impressionou tanto quanto a milhares de pessoas em todo o mundo, particularmente no Japão, na Alemanha e nos Estados Unidos, onde seu forte impacto fez que se publicasse uma edição de bolso, algo raríssimo para um documento oficial. Tratava-se do relatório intitulado Global 2000, e era o resultado da encomenda que o presidente Carter havia feito a todas as agências do governo norte-americano para avaliar as tendências mundiais dos recursos ambientais até o ano 2000. "Era um relatório científico, mas, ao mesmo tempo, perfeitamente compreensível. E era muito pessimista, principalmente ao examinar as tendências no Terceiro Mundo. O desmatamento aparecia como o processo mais grave e importante em termos de extinção de espécies. Não havia dúvida de que se tratava do maior problema desse final de século." O relatório apontava a eliminação, no limiar da revolução genética, dos maiores e mais ricos depósitos de recursos genéticos do planeta, a extinção de um estoque diversificado de matéria-prima útil às inovações da medicina e da indústria. Sem ele, a vida dos homens e de seus descendentes corre o risco de empobrecer de maneira irreversível.********* O relatório recordava que milhões de espécies estão desaparecendo em um período de tempo muito mais curto que os cataclismos conhecidos desde o início da vida celular.********* "Observando a história da vida neste planeta", contaria Bruce Rich, "vemos que ocorreram algumas extinções em massa, a mais recente no final do Cretáceo (há 65 milhões de anos), quando a maioria dos grandes animais terrestres desapareceu. Mas, ainda assim, esse espasmo durou milhares de anos. Desde então, não houve maior destruição de vida que a que está ocorrendo agora, no final deste século. E é um crime praticado mediante a destruição da floresta equatorial, onde habita mais da metade das espécies que evoluíram e sobreviveram até nossos dias. Quase todos os problemas ambientais, como a poluição do ar ou dos mares, a desertificação crescente, etc., podem ser interrompidos com os meios e o esforço necessários. Mas a extinção de espécies é coisa diferente. Quando uma espécie desaparece, desaparece para sempre. E quando milhares de espécies desaparecem, estamos diante de um cataclismo em

massa. Isso é muito mais importante – em termos de história natural – que a própria espécie humana. Algo está ocorrendo neste planeta que o está levando à exterminação de seus seres vivos. Com uma diferença desta vez: o causador não é um meteorito ou um cataclismo, como na Pré-história, e sim o próprio ser humano."

Depois de ler o documento, não conseguiu tirá-lo da cabeça. "O que me preocupou", diria Bruce Rich, "foi que ninguém estava fazendo nada a respeito." Quando concluiu sua tese, voltou a Washington e arranjou um emprego no Natural Resources Defense Council, uma organização de defesa do meio ambiente que dispunha de um incipiente departamento internacional.

Era a oportunidade desejada para se aprofundar no tema que passara a encantá-lo. Mas foram tempos ruins. Ronald Reagan havia acabado de subir ao poder. "A nova administração tentou suprimir o Global 2000. Até então, o governo norte-americano, de certo modo, havia se antecipado a muitos cientistas; em 1978, havia organizado uma conferência para desenvolver uma estratégia global com vistas a deter o desmatamento. Carter tentou realmente fazer dos direitos humanos e do meio ambiente internacional os pilares de sua política. Mas, no início dos anos 1980, houve uma volta ao conservadorismo que foi difícil de combater."

Uma das "vítimas" da mudança de governo havia sido uma jovem advogada chamada Barbara Bramble, que trabalhava havia mais de dez anos em assuntos ecológicos numa agência do governo, o Council for Environmental Quality, que assessorava o presidente Carter. Barbara era a própria imagem da ecologista americana: loura, esportista e vegetariana. Ia trabalhar de bicicleta, indiferente às inclemências do tempo. "Quando Reagan iniciou seu mandato, demitiu todo mundo, o que era incrível, porque, em geral, costuma-se demitir dois ou três responsáveis, mas mantêm-se os tecnocratas. Nesse caso, fecharam a agência inteira. Acreditavam que, a partir do momento em que se pensava em termos de ecologia, esgrimia-se um argumento político. E não é verdade. Sempre lutamos para que o desenvolvimento fosse compatível com a preservação dos recursos do planeta."

Barbara começou a procurar emprego revirando as listas de antigos clientes. "Estava procurando uma organização suficientemente grande para ter um programa internacional, mas que ainda não o tivesse. Queria trabalhar em assuntos que fossem além dos Estados Unidos. Queria viajar, aproveitar a

experiência do tempo que passara na América Latina, quando morava com meus pais, que eram diplomatas.” Barbara Bramble entrou em contato com a National Wildlife Federation, a maior organização de defesa da natureza do mundo, com mais de 5 milhões de afiliados, e os convenceu a iniciar um programa internacional. Foi naquela época que conheceu Bruce Rich, e ambos começaram a pensar no que poderiam fazer de novo e diferente. “Tínhamos que tentar alguma coisa. Eu estava à frente de um novo programa e precisava encontrar seu foco, e Bruce precisava de um aliado para levar a cabo sua estratégia.”

“Só dois países, Brasil e Indonésia, abrigam 43 por cento das florestas equatoriais do mundo”, Bruce Rich começou a raciocinar. “Estudar esses dois países era uma maneira de começar a discernir o problema. Então, nós nos perguntamos: qual é a dinâmica social, política e econômica do desmatamento no Brasil? Os estudos diziam que o desaparecimento das florestas não se devia ao desmatamento para obter madeira; 75 por cento do desmatamento era para a ‘conversão agrícola’, e isso inclui a transformação da selva em pastos para o gado e a colonização espontânea de camponeses pobres. Outro dado interessante é que há mais terra agrícola per capita no Brasil que nos Estados Unidos (onde se encontram as montanhas Rochosas e um grande deserto), o que indica má distribuição, ou seja, um problema de reforma agrária. A pergunta que nos fizemos então foi: como influenciar o desenvolvimento agrícola nesses países?”

Para aqueles dois jovens que teriam podido ganhar grande quantidade de dinheiro em uma firma tradicional de advogados, mas que preferiram investir suas energias em mudar o mundo, a resposta que buscavam encontrava-se em seis blocos de edifícios cinzentos e mastodônticos. A pouca distância de seu escritório, na esquina da Pennsylvania Avenue com a H Street. Era a sede da mais importante instituição internacional de ajuda ao Terceiro Mundo, responsável por seu desenvolvimento agrícola e industrial: o Banco Mundial. Em frente encontra-se a sede de um de seus “irmãos menores”, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (o Banco Asiático de Desenvolvimento fica em Manila, e o Banco Africano de Desenvolvimento, em Abidjan). “Ainda mais importante que suas contribuições financeiras é o poder de influência que esses bancos têm sobre as políticas ou os governos nos países onde atuam”, diria Bruce Rich. “Seu poder fica ainda maior por conta das contribuições complementares que faziam aos fundos dos países receptores, ao que se acrescenta o dinheiro de agências de desenvolvimento e de bancos privados. Assim, para cada dólar emprestado pelo Banco Mundial para um projeto

determinado, um governo de um país em via de desenvolvimento consegue 2 dólares adicionais. Daí seu imenso poder."

Criado depois da Segunda Guerra Mundial para ajudar na reconstrução da Europa e promover o comércio internacional, o Banco Mundial modificou suas prioridades nos anos 1950 para se dedicar ao Terceiro Mundo. Em sentido amplo, a missão do banco é melhorar as condições de vida de 1 bilhão de pessoas consideradas "pobres estritos". Mas, nos colossais projetos que financia, raras vezes ouve esses pobres que pretende ajudar; ouve seus governos, que com frequência não representam as populações, e sim outros interesses, como os das grandes empresas nacionais e estrangeiras.

Como se fazer ouvir por essas instituições?, perguntaram-se, então, Bruce Rich e Barbara Bramble. Não queriam cometer o mesmo erro que os primeiros cientistas e ecologistas, que partiam do princípio – muito ingênuo – de que bastava apresentar os fatos de uma maneira científica e moral para obter algum impacto nos detentores do poder. Era necessário algo mais. Se os 6 mil burocratas do Banco Mundial eram capazes de repelir ataques ferozes da parte de poderosíssimos grupos de interesse, e se as isoladas vozes de protesto – incluídas as internas, como a do ecologista Robert Goodland – eram silenciadas eficazmente, não fazia sentido algum atacar de frente. "Vamos seguir o dinheiro", decidiram então, parafraseando a célebre expressão do escândalo Watergate. Os bancos públicos internacionais são financiados pelos países mais industrializados do mundo, representados em seus respectivos conselhos de administração, mas – e essa era a chave – os Estados Unidos são o país que mais contribui: 1,2 bilhão de dólares ao ano, três vezes mais que o segundo país. O número de votos é proporcional à contribuição, e os diretores executivos norte-americanos do banco dispõem de vinte por cento do total, ou seja, de todo o poder. (Em comparação, França, Alemanha e Reino Unido têm partes que vão de quatro por cento a nove por cento.) Mas os fundos utilizados – e era aí que Bruce e Barbara podiam agir – precisam ser aprovados pelo Congresso. E o Congresso é composto por homens e mulheres eleitos pelo povo. Esse era o botão que tinham que apertar. "Certamente, sabíamos que a solução para o problema do desmatamento não era simplesmente reformar o Banco Mundial, mas, para começar em algum lugar, esse era um bom lugar."

Começaram a investigar em 1983, junto com um amigo chamado Brent Blackwelder, que acabaria sendo presidente da associação ecologista Amigos da Terra. Mais adiante, mais gente, pertencente a meia dúzia de organizações, uniu-

se àquela que acabaria sendo uma campanha histórica. “Durante minhas investigações para as audiências, descobri que a situação era muito pior do que havia imaginado de início”, diria Bruce Rich. “O Banco Mundial estava financiando projetos de proporções gigantescas que aceleravam o desmatamento de maneira alarmante.” Eram verdadeiros escândalos que raras vezes repercutiam nos meios de comunicação porque não afetavam os países desenvolvidos. Na Costa do Marfim, grandes áreas de selva haviam sido substituídas por plantações de borracha de duvidosa produtividade. Na Índia, os bancos financiavam minas de carvão a céu aberto, que acabavam cobrindo o campo de um pó preto, deixando milhares de camponeses sem trabalho. No Brasil, a gigantesca represa de Tucuruí acabava de fechar. Tratava-se da quarta maior represa hidrelétrica do mundo, cujo arco de cimento media 16 quilômetros de lado a lado do rio Tocantins, um afluente do Amazonas. Assim que entrou em funcionamento, começou a emitir milhares de toneladas de metano, fruto da putrefação de 50 milhões de toneladas de biomassa selvagem. Por conta da corrupção na empresa construtora criada pelo governo, 2 mil quilômetros de selva haviam sido inundados antes de levar a cabo o plano inicial de limpar a área. Aquele desastre propiciaria a invenção de um brasileiro: a hidrosserra, uma motosserra aquática. Para aproveitar a madeira inundada, um grupo de aventureiros começou a trabalhar debaixo d’água. A imagem de homens-rãs emergindo do pântano podre com aquela máquina ensurdecedora na mão causaria uma forte impressão nos membros do Congresso que viram um documentário e algumas fotos. Brent Blackwelder as havia entregado, junto com toda a documentação, a um congressista que conhecia, o republicano Michael Lowry. Impressionado pelas revelações do informe, ele decidiu propor uma legislação para obrigar os Estados Unidos a votar contra os projetos que não fossem acompanhados de um estudo de impacto ambiental. “Não achávamos que era algo muito eficaz, visto que é fácil manipular esses estudos”, diria Barbara Bramble. “Mas era um bom começo, porque havíamos feito alguém que estava dentro do sistema reagir.”

******** Por exemplo, se a produção agrícola aumentou uma média de cem por cento de 1930 a 1975, isso se deveu principalmente aos cruzamento de espécies e à melhora genética. (N. A.)

********* Vários cientistas calculam que cerca de cinquenta espécies se extinguem diariamente por conta do desmatamento indiscriminado. (N. A.)

32

Os congressistas consultados pelo republicano Lowry não aceitaram propor a legislação. A maioria deles eram democratas, que naqueles anos iniciais da administração Reagan não queriam ser cúmplices dos republicanos, para quem o Banco Mundial sempre havia sido algo questionável e atacável porque canalizava recursos financeiros para países cujos governos frequentemente eram hostis para com os Estados Unidos (como a Índia, por exemplo). De qualquer maneira, propuseram pesquisar a fundo o assunto e, como prova de que o estavam levando a sério, mostraram-se dispostos a ouvir os ecologistas em uma série de conferências e audiências no Senado. Também contrataram um assessor, que teve que examinar centenas de páginas elaboradas por Bruce Rich, Barbara Bramble e um número crescente de colaboradores. Um dos mais valiosos era um jovem antropólogo chamado Steve Schwartzman, que também trabalhava como voluntário para a organização Survival lnternational, dedicada aos povos em risco de extinção. Em seu tempo livre, Schwartzman tocava guitarra em uma banda de *rock*. Tivera que interromper sua tese de doutorado na Universidade de Chicago para se recuperar de uma hepatite que pegara na Amazônia. O tema de sua tese era a tribo dos krenakore, que estava sendo dizimada por inúmeras doenças contraídas depois da invasão de suas terras pela construção da BR-163. Justamente por ter sido uma testemunha privilegiada do impacto dos grandes projetos sobre os índios, ele se dedicava àquela singular cruzada contra o Banco Mundial.

Para preservar a floresta equatorial, Steve Schwartzman destacou a necessidade de proteger as pessoas que vivem nela – e dela – em nível local. Teoricamente, isso fazia parte da doutrina do Banco Mundial (ajudar os milhares de pessoas “rigorosamente pobres”, como dizia o prospecto do Banco, era a própria razão de sua existência), mas, na realidade, por trás dessas boas intenções escondia-se um jogo de pura cobiça. Os banqueiros e corretores financeiros são julgados – e pagos – segundo a quantidade de dinheiro que outorgam (eles têm uma cota para distribuir), e consideram as diretrizes ambientais um impedimento a seu trabalho, que é o de emprestar dinheiro. É bem sabido que os políticos de Brasília, por exemplo, ficavam normalmente com dez por cento de cada acordo assinado.******** A cada nível de execução do acordo, os intermediários ganhavam sua parte. Na Argentina e no Paraguai, o

dinheiro acabava sendo desviado para contas suíças. No Brasil, acabava em projetos faraônicos que, longe de beneficiar a população local, favorecia as grandes companhias que exerciam uma considerável pressão econômica e política sobre o governo e que tinham muito a ganhar cada vez que se iniciava um megaprojeto na selva, independentemente de seu resultado. Os testemunhos apresentados no comitê do Senado e o fato de Bruce depor também em nome da organização de 5 milhões de afiliados na qual Barbara Bramble trabalhava impressionou os políticos de tal maneira que eles pediram explicações ao Departamento do Tesouro. “No início estávamos céticos”, contaria um representante do Tesouro que compareceu às audiências, “mas, ao descobrir a gravidade e o alcance dos problemas, decidimos trabalhar junto com o Congresso em uma base bipartidária.” Em plena era Reagan, aquilo representava a primeira vitória importante para Bruce Rich e seus aliados.

O Departamento do Tesouro mandou uma carta aos diretores executivos norte-americanos dos bancos públicos internacionais para que respondessem a essas gravíssimas acusações. Pela primeira vez em sua história cobravam-se responsabilidades ao Banco Mundial. Como era verão, alguns executivos tiveram que interromper as férias e voltar a Washington. Preencheram mais de mil páginas de respostas, justificando suas decisões, e as mandaram ao comitê no início de 1984. Os senadores tiveram que contratar pessoal suplementar para estudar os papéis enviados pelo banco, e, para preparar a resposta definitiva, uma lista de dezenove recomendações que o Banco Mundial teria que acatar. “Parecia que estávamos progredindo”, diria Bruce Rich, “mas não era verdade, porque as recomendações não eram vinculativas. Então, pensei que só com projetos concretos conseguiríamos resultados concretos. Por minha condição de advogado, eu me sentia capaz de investigar um desses desastres financiados pelo banco, dissecá-lo e transformá-lo em um escândalo internacional. Pensei que poderíamos usar essa munição em nossos esforços para promover reformas ambientais. Os mais catastróficos eram o projeto de Transmigração, da Indonésia, que contemplava deslocar milhões de camponeses de suas terras, e o Polonoroeste, do Brasil.”

Para coletar a informação necessária, Bruce e seus aliados decidiram entrar em contato com os cientistas que o Banco Mundial havia contratado como assessores. Assim, conheceram um antropólogo chamado David Price, cujo relatório sobre o Polonoroeste, no qual vaticinava um genocídio para os índios e as populações autóctones de Rondônia, havia sido suprimido. O outro foi Robert

Goodland, especialista do Banco Mundial em assuntos da Amazônia cujo relatório também havia sido ignorado. Goodland estava em uma posição delicada, dividido entre a lealdade ao banco e suas convicções pessoais. Via o tempo passar e suas previsões se realizarem, sem que o Banco Mundial fizesse nenhum esforço para que o governo brasileiro cumprisse os compromissos acerca das diretrizes ambientais. Tinha informações de famílias de colonos que haviam recebido de 100 a 200 hectares em Rondônia e que abandonavam seus lares na terceira colheita, quando o milho era tão fino que não dava nem fruto. Aqueles que não embarcavam na aventura de buscar ouro estabeleciam-se mais longe, e tornavam a desmatar e a plantar. O resultado é que a selva de Rondônia estava diminuindo a um ritmo de três por cento anuais. Segundo uma estimativa do próprio Banco Mundial, um quinto da mata desapareceria no fim da década.******** Tratava-se de um verdadeiro holocausto ambiental, e o indivíduo supostamente encarregado de impedi-lo estava de braços cruzados por ordens de seus superiores. O encontro com Goodland fez que Bruce Rich concentrasse todos os seus esforços no Polonoroeste. Goodland, que naquela época estava procurando algum aliado fora para fazer o que ele não podia fazer de dentro, colocou-o em contato com Adrian Cowell, um cineasta britânico que havia mais de dez anos filmava para a tevê as grandes crises da Amazônia, em uma série de treze horas intitulada A década da destruição. Estava terminando Banking on Disaster, um episódio sobre as consequências do asfaltamento da BR-364; mostrava incêndios espetaculares e imagens impressionantes da devastação. Na primavera de 1984, durante os testemunhos que Bruce Rich e Barbara Bramble prestaram perante senadores e congressistas, exibiram uma versão do episódio, que causou uma verdadeira comoção – apesar de muitos políticos não se sensibilizarem com os problemas ambientais.********

Em vez de sair de férias, Bruce Rich e Steve Schwartzman, o antropólogo roqueiro amador, passaram todo o verão de 1984 preparando um extenso relatório sobre o Polonoroeste. Em uma carta que resumia os pontos básicos, pediam ao Banco Mundial que cancelasse todos os desembolsos previstos – uns 250 milhões de dólares em seis anos – até que o governo brasileiro cumprisse as medidas de proteção às comunidades indígenas com as quais havia se comprometido. Além disso, pediam que o banco exigisse do governo brasileiro um programa de emergência ambiental para proteger a selva em territórios indígenas. Para dar mais peso ao documento, anexaram a assinatura de 35 grupos, desde organizações de defesa da natureza até membros do Bundestag alemão, bem como de prestigiosos cientistas internacionais. Acima de tudo,

empenharam-se para obter assinaturas de associações e instituições brasileiras, como a OAB, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio e a Associação Brasileira de Antropologia.

"Um mês depois, em 7 de novembro de 1984, recebemos do banco uma carta de um parágrafo agradecendo o interesse que mostrávamos pelo assunto! Após toda a energia que havíamos aplicado nas audiências, após termos sensibilizado o Congresso e o Senado e termos ficado sem férias (verdade seja dita), havíamos entrado em choque com a burocracia mais fechada do mundo. Estavam nos mandando passear. Eu fiquei desesperado porque não havíamos conseguido nada de concreto. E pensei que nunca conseguiríamos", contaria Bruce Rich.

Mas Bruce, cuja capacidade de concentração em um assunto era assombrosa, não se deu por vencido. Lembrou-se de um senador conservador chamado Robert Kasten, que havia mostrado muito interesse quando ele testemunhara em nome de um grupo de organizações ecologistas na primavera de 1984. Por ser presidente do Comitê de Apropriações (comitê que aprova os fundos usados pelo governo) e por ser republicano, o poder de Kasten era enorme. Contrariamente ao sistema parlamentar europeu, nos Estados Unidos o Congresso dispõe de controle total sobre os fundos do governo, e a cada ano tem que aprovar uma lei para conceder esse dinheiro, do contrário, o governo se veria paralisado. Kasten, um reconhecido político da direita mais conservadora, estava interessado em economizar dinheiro para os Estados Unidos argumentando que os bancos públicos eram um mau investimento. Bruce Rich não tinha certeza de que Kasten não o usaria exclusivamente para seus fins políticos. Mais de um republicano sonhava em acabar com uma instituição tão ligada aos democratas como o Banco Mundial. Bruce e seus aliados não queriam ir tão longe; não queriam ser acusados de manobrar contra o desenvolvimento do Terceiro Mundo. Só queriam pôr um freio nos projetos devastadores do meio ambiente.

Quando Bruce lhe mostrou a resposta do banco, Kasten ficou francamente indignado. Depois de estudar todo o dossiê, escreveu uma carta para A. W. Clausen, presidente do Banco Mundial, anexando de novo o relatório de Bruce: "As questões suscitadas por certo número de pessoas e de grupos interessados nas repercussões ambientais dos projetos do Banco Mundial são legítimas e merecem uma resposta crível e responsável", escreveu Kasten, "e a que receberam do Banco Mundial pode ser descrita como insultante". O mais importante daquela carta era a ameaça velada que continha: "Como o senhor sabe melhor que ninguém, garantir o apoio das contribuições norte-americanas a

instituições de desenvolvimento multilaterais é cada vez mais difícil". Kasten mandou cópia de todos os documentos a Don Regan, secretário do Departamento do Tesouro, e outra a James Baker, que estava prestes a assumir o cargo: "Querido Jim: mando este assunto porque acho que é absolutamente prioritário", dizia a nota. Kasten, como se soube mais tarde, não estava apenas interessado em economizar o dinheiro dos contribuintes. Com o tempo, demonstrou ser mais que um político envolvido em uma causa cada vez mais popular. Estava genuinamente afetado pelo fato de no Brasil se repetirem as mesmas práticas que no século XIX haviam conseguido devastar um dos maiores bosques de pinheiro-branco do mundo, em seu estado natal, Wisconsin.

Quarenta e oito horas depois, Bruce recebeu uma ligação do diretor executivo norte-americano do Banco Mundial, alguém que sempre se havia negado a recebê-lo. Um dos diretores do Banco Interamericano de Desenvolvimento também lhe ligou. Bruce reuniu-se com eles no banco. Esteve diante de dois indivíduos bastante complacentes, que pareciam dispostos a qualquer coisa para que as águas voltassem ao leito. "Estavam preocupados porque contávamos com Kasten, alguém que não podiam controlar e que estava ameaçando algo muito importante por causa de insignificantes problemas ambientais, segundo eles. Então, ao ouvi-los falar, ao vê-los realmente inquietos, percebi que estávamos pisando terra firme, que havíamos chegado ao nível da realidade", diria Bruce Rich. E acrescentou: "Nesse dia, descobri que o que mais altera a mente de um banqueiro é afastá-lo do dinheiro".

"Fui direto ao assunto. Disse a eles que o Polonoroeste era um escândalo e que a credibilidade do banco seria afetada se não mostrasse que era capaz de fazer cumprir suas próprias condições ambientais. 'O Banco Mundial é liberal', disseram eles, sugerindo que 'Somos bons'. A seguir, advertiram-me que estávamos fazendo o jogo conservador de Kasten, que só queria um pretexto para cortar os fundos do banco. Eu respondi que tínhamos trabalhado com os democratas, que havíamos tido mais de sete audiências no Congresso e que não tínhamos conseguido nada com eles. Disse com acidez que eles tinham um problema sério no Banco Mundial agora que Kasten havia descoberto os esquemas ambientais. E ele está adorando, repeti várias vezes. A única coisa que podem fazer para satisfazê-lo é adotar sérias medidas que mostrem a vontade do banco de que se respeitem as diretrizes de proteção ecológica."

A ideia de que Kasten estava, na realidade, procurando um pretexto para torpedear o Banco Mundial foi politicamente uma arma muito efetiva. Embora

Kasten tivesse poder para retirar vinte por cento dos investimentos do banco, nunca teria feito isso, dado o altíssimo custo político de uma medida dessas. Mas como era considerado a besta-fera da direita mais conservadora, um "incontrolável homem das cavernas", a ameaça era crível o suficiente para ser eficaz. E Bruce Rich e sua equipe a usaram sem contemplações. Haviam aprendido que a única maneira de controlar uma burocracia é com a cenoura e a vara. Os democratas não quiseram usar essa técnica. Kasten sim.

"Voltei ao assunto que me preocupava e disse-lhes muito claramente que se não mostrassem boa-fé no caso do Polonoroeste, podiam estar certos de que nós e as organizações que representávamos faríamos o máximo de publicidade negativa para o banco. Pedi a eles um gesto, e o mais rapidamente possível." No dia seguinte, o diretor executivo norte-americano do Banco Mundial ligou para Bruce para lhe dizer que iam congelar os fundos para o Polonoroeste. Além disso, comprometiam-se a mandar uma carta para o governo brasileiro para que implementassem um plano de proteção das terras indígenas e das selvas de Rondônia. "Isso foi um sinal concreto", diria Bruce Rich, "sem precedentes na história do Banco Mundial."

O BANCO TENTOU MANTER O assunto em segredo. A versão oficial era que o governo brasileiro havia lhes pedido que não desembolsassem mais dinheiro. O aliado que Bruce, Barbara e Steve tinham no Departamento do Tesouro ligou várias vezes para insistir que não se fizesse publicidade do assunto. "Nós continuávamos pensando que todo o efeito estava em mostrar como a pressão internacional havia forçado o Banco Mundial, pela primeira vez na história, a reter um quarto de milhão de dólares por razões ambientais", diria Bruce Rich. Para divulgar a notícia, pediram a um congressista que perguntasse sobre o tema ao então secretário do Tesouro, James Baker, que tinha que depor em uma sessão do Congresso. "Achamos que se nessa sessão um congressista lhe fizesse a pergunta com naturalidade, ele não poderia fazer outra coisa a não ser anunciar o congelamento de fundos. Combinamos com o congressista que a faria. Assim, não envolvíamos ninguém. Avisamos um jornalista do Financial Times, e, no fim, conseguimos que a notícia saísse no jornal."

Trabalhando arduamente em uma série de organizações ecologistas, meia dúzia de pessoas haviam conseguido forçar o Banco Mundial, o braço financeiro do mundo desenvolvido, a lhes prestar atenção. Foi uma conquista histórica, imediatamente reconhecida pelas demais organizações do mundo inteiro, que havia tempos denunciavam em vão os abusos cometidos na Amazônia. Mas isso

era só o primeiro passo. Depois que o governo brasileiro cumpriu a condição do Banco Mundial de demarcar um território para os índios uru-eu-uau-uaus – coisa que foi feita antes do final de 1985 –, os fundos foram desbloqueados, e o asfaltamento da BR-364 seguiu seu curso.

Apesar de tudo, Bruce e seus aliados foram alvo de duras críticas por parte de democratas liberais, que os acusaram de brincar com fogo. “Eu e Kasten havíamos posto em xeque sua visão do mundo, segundo a qual só os democratas fazem coisas eficazes para o meio ambiente e os direitos humanos”, diria Bruce Rich. “E muita gente não nos perdoou.” Foram acusados do que mais temiam: de fazer o jogo dos conservadores para deter o desenvolvimento no Terceiro Mundo. “Já estou vendo o Grupo dos 77, com Fidel Castro à frente, dizendo que estamos impondo nossos critérios para deter o desenvolvimento em seus países”, declarou o congressista Bereuter. “Dirão que temos motivações protecionistas. Vão nos acusar de imperialismo ecológico.” Para refutar essas críticas, Bruce Rich e seus aliados tinham que mostrar que representavam grupos de interesse do Terceiro Mundo que eram contra o atual modelo de desenvolvimento. “Sem isso, carecíamos de legitimidade moral e política”, diria Bruce. Mas era preciso localizar os representantes desses grupos de interesse. Justamente por serem grupos isolados, pobres e carentes da mínima organização representativa, não era tarefa simples.

Até que, num dia de 1985, Steve Schwartzman recebeu a ligação de um inglês que havia conhecido na América do Sul, e que agora era diretor dos programas do Oxfam. Tony Gross, intrigado, como também o estavam, no Brasil, os meios vinculados às universidades e às finanças por causa da campanha dos ecologistas norte-americanos contra o Banco Mundial, anunciava sua próxima visita para coletar mais informações e ampliar contatos. Disse que chegaria a Washington acompanhado de Mary Allegretti, uma antropóloga brasileira que tinha contatos com grupos indígenas e até com uma comunidade de seringueiros que havia quinze anos lutava para preservar a selva da destruição.

******** Segundo um banqueiro norte-americano especializado em reprogramar a dívida do Terceiro Mundo, citado no livro de Alex Shoumatoff, *The World Is Burning* (Nova York: Little & Brown, 1990). (N. A.)

********* A realidade confirmou o informe: 17,1 por cento da selva de Rondônia haviam desaparecido em 1988; sessenta por cento da terra desmatada eram inutilizáveis. O governador de Rondônia da época, que em 1982 havia feito um apelo a todos os brasileiros para emigrar para o seu estado, declarava em 1986: “O maior problema que Rondônia enfrenta é a devastação da terra”. (N. A.)

******** A série teve tamanho impacto que se transformou, de fato, em um agente de mudança, algo notável para um simples documentário de televisão. (N. A.)

33

Brasília – janeiro a março de 1985

Depois de passar um ano dando aulas na universidade em Cuiabá, Mary Allegretti havia voltado para Brasília contratada pelo Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (Inesc), uma organização recém-fundada que se dedicava a pesquisar e a assessorar o Congresso brasileiro acerca da nova legislação. A missão da jovem antropóloga consistia em criar a área de direitos indígenas.

Naqueles dias, a capital do Brasil era um caldeirão de atividade graças ao processo de abertura política que os militares haviam acelerado para amenizar o desastroso estado da economia. Depois de duas décadas de endividamento, o Fundo Monetário Internacional acabara impondo severas restrições ao crescimento. Houve uma forte recessão, seguida de um aumento da inflação – que chegou a duzentos por cento. Nas cidades industriais do Sul, milhões de brasileiros saíram às ruas para exigir reformas drásticas na economia e o retorno à democracia com um presidente eleito pelo povo. Os militares, incapazes de controlar a derrocada econômica que eles mesmos haviam criado, foram obrigados a ceder terreno. Em janeiro de 1985, convocaram eleições presidenciais. Tancredo Neves, homem de grande carisma, candidato de um partido da oposição moderada, obteve uma surpreendente vitória. À pergunta sobre quais eram os principais males do país, respondeu: “A fome, o desemprego, a saúde, a moradia e a violência, nessa ordem”. E a solução? “A democratização e a reforma agrária.”

Os números herdados dos militares falavam por si só: um por cento dos latifundiários eram donos de 43 por cento das terras cultiváveis. No outro extremo, cinquenta por cento dos camponeses eram proprietários de três por cento da terra. Uma pesquisa havia mostrado que 1.158.000 quilômetros quadrados de terra fértil – mais que o dobro da Espanha – estavam nas mãos de alguns milhares de especuladores, ao passo que 30 milhões de camponeses careciam de um simples lote. E a tendência não dava sinal de que se reverteria, ao contrário: a cada ano, durante a década de 1980, os latifundiários se apossavam de cerca de 150.000 quilômetros quadrados, uma superfície do tamanho da Grécia.

O presidente Tancredo Neves, como parte de seu plano de reforma agrária,

havia pedido ao Inesc assessoria sobre a Amazônia. Naquela época, os índios de todo o Brasil reagiam a duas décadas de colonização selvagem. Os carajás da ilha do Bananal protestavam pela invasão de gado em suas terras, bem como os do Rio Grande do Sul e os da Bahia. Os caiapós estavam exasperados pela contaminação de mercúrio. Em abril de 1984, os índios txucarramães do Parque do Xingu sequestraram três sertanistas e ameaçaram matá-los se o governo não nomeasse um novo presidente da Funai e se não aceitasse delimitar suas terras. Depois de vários dias de tensas negociações, o governo teve que ceder às demandas dos índios, que imediatamente libertaram os reféns. Um deles era Sydney Possuelo, o especialista em primeiros contatos. Com lágrimas nos olhos, ele declarou no aeroporto que, apesar do medo que havia sentido, estava “muito feliz por ter participado da primeira vitória política dos índios no Brasil”.

Ao estudar os planos do novo governo, Mary Allegretti estranhou que as únicas populações mencionadas fossem os índios. As centenas de milhares de seringueiros, coletores de castanhas e demais produtores que viviam discretamente nas selvas eram totalmente ignorados. Também não existia nenhuma previsão em relação aos velhos soldados da borracha, a quem se deviam pensões de aposentadoria e indenizações. Ao voltar de Manaus, onde os deputados da Amazônia haviam se reunido para discutir o porvir da região, Mary Allegretti lhes perguntou quais haviam sido suas conclusões sobre os seringueiros. Eles ficaram olhando para ela, perplexos, e ergueram os ombros: ninguém os havia mencionado. Haviam sido esquecidos por completo. Mary rememorou imagens daqueles seres que havia descoberto na fronteira com o Peru, agoniados pelas dívidas e pela ignorância; recordou o rosto sempre sorridente de seus alunos na escola do Seringal Nazaré, apesar de viverem sob a ameaça constante de o fogo dos latifundiários destruir seus campos e suas casas. E tornou a sentir aquela sensação familiar de impotência e rebeldia diante da injustiça.

Então, escreveu para Chico Mendes: “O Brasil todo está discutindo a democratização. Tudo está sendo reavaliado, até a Amazônia. Fala-se dos índios, mas não de vocês”. A seguir, propunha organizar um encontro nacional de seringueiros em Brasília para recordar ao país que eles também existiam. Foi uma ideia compartilhada com seu amigo Tony Gross: “Naquele tempo, sabíamos que a extração (ou coleta) era uma rota economicamente viável para os habitantes da selva. As cooperativas haviam mostrado que com a eliminação dos intermediários, com o fim do monopólio do patrão, as famílias podiam dispor de

um dinheiro suplementar no fim do ano, algo que nunca haviam tido antes. A questão era garantir o acesso à terra e ensinar grupos de seringueiros a trabalharem juntos. Foi quando nos ocorreu difundir essa ideia aos outros e ao resto do mundo", diria Tony Gross.

Em Xapuri, os líderes do movimento sabiam que os empates não bastavam para se defenderem. Precisavam propor algo construtivo e duradouro: uma reforma agrária para o seringueiro. Para os trabalhadores agrícolas, o Incra (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) havia estabelecido uma medida padrão de 48 a 100 hectares por família. Era uma dimensão adequada para agricultores em solos férteis. Mas para os que viviam da coleta, era claramente insuficiente. Chico, então, havia feito uma proposta, baseada em um "módulo rural especial" de 280 hectares por família, que havia sido rejeitada por ser revolucionária. Bloqueados, os seringueiros estavam procurando qualquer oportunidade para se fazer ouvir fora do Acre, quando a carta de Mary Allegretti chegou.

Chico ligou para a velha amiga, e alguns dias depois se reencontraram em Brasília. O tempo não havia apagado o afeto que ambos tinham um pelo outro, e juntos entraram em campanha para arranjar dinheiro para organizar o encontro, visto que a contribuição de Tony Gross, por intermédio do Oxfam, era insuficiente. O vanguardismo e a assepsia da capital eram o extremo oposto dos barracões perdidos na vegetação caótica e febril da selva, mas Chico não se deixou impressionar. Nos escritórios envidraçados do Ministério da Educação, descreveu com detalhes a vida dos habitantes da selva e pediu apoio para organizar uma reunião que serviria para mostrar sua cultura e reivindicar sua existência. Os tecnocratas, surpresos e até emocionados, comprometeram-se a fazer o ministério assumir todas as despesas de transporte.

Era um bom começo. Chico voltou para o Acre. A estação seca – a época dos grandes incêndios – estava próxima, e ele precisava coordenar os vários empates previstos. Em Brasília, Mary entrou em contato com o reitor da universidade, que sem hesitar ofereceu comida e lugar para alojar os participantes e fazer as palestras. A data do Encontro Nacional de Seringueiros foi finalmente marcada para outubro do mesmo ano. Estavam em março. Foi quando Tony Gross propôs a Mary acompanhá-lo a Washington para contatar organizações ecologistas e de defesa dos direitos humanos nos Estados Unidos. O encontro era um bom pretexto para ampliar relações. Ambos queriam um contato que difundisse as informações do Brasil no exterior e que, ao mesmo tempo, lhes permitisse

conseguir os dados de que precisavam de fora. Além disso, lá sempre poderiam conseguir mais apoio – e mais dinheiro. Na capital norte-americana, havia organizações como a National Wildlife Federation, com orçamentos de mais de centenas de milhões de dólares anuais e um forte movimento ecologista que havia conseguido interromper o Polonoroeste. Mary achou que deveria ir. Depois de obter a aprovação de seus superiores e com todo o entusiasmo de uma primeira viagem ao exterior, pôs-se a fazer as malas.

Mas, de última hora, um acontecimento inesperado a obrigou a cancelar a viagem. A euforia que havia percorrido o país com a eleição de Tancredo Neves como presidente se transformou em uma paralisante angústia quando, na véspera da posse, ele adoeceu e passou por uma operação de urgência. O diagnóstico foi uma septicemia causada por uma infecção intestinal mal curada. O prognóstico era muito grave. Todo o Brasil ficou traumatizado com a notícia. Fizeram-se macumbas e candomblés para a saúde do presidente; curandeiros, bruxos e xamãs dos quatro cantos deste país continente propuseram suas poções e seus tratamentos na imprensa. Os pobres organizaram procissões, acenderam milhões de velas nas igrejas, rezaram seus rosários. Esperavam um milagre. O drama pessoal de Tancredo Neves representava o de um imenso país que lutava pela liberdade e por um pouco de justiça. E a doença estava prestes a lhes roubar o único homem respeitado por todos, o único que podia levar a bom porto as reformas necessárias. A incerteza política era enorme. Ninguém sabia o que ia acontecer. Mary não sabia se o Inesc continuaria existindo na semana seguinte, e, nessas circunstâncias, optou por adiar a viagem a Washington indefinidamente.

34

Amazônia Oriental – abril de 1985

Dois mil quilômetros ao norte de Brasília, no garimpo de Maria Bonita, o dono da lanchonete pregou na parede de seu estabelecimento uma fotografia de Tancredo Neves recortada do jornal, porque também naquele lugar afastado do mundo os homens se compadeciam da sorte de um doente desenganado. Andando de barranco em barranco era possível acompanhar as notícias ouvindo os rádios dos garimpeiros. Em suas orações diárias, Tarzan elevava seus votos mais sinceros de recuperação. Eram orações cada vez mais longas, segundo os problemas cada vez maiores que ameaçavam a exploração de seus barrancos. Os três sócios, ou seja, Tarzan, Pernambuco e Hitler, endividaram-se fortemente para trabalhar dois novos barrancos que, porém, não produziam o esperado. Investiram tudo na compra de um material sofisticado, mas a sorte não os acompanhava no nível de suas expectativas. Em crise de liquidez constante, viviam, como a maioria dos donos de barrancos, do crédito e da imaginação. Pernambuco havia se especializado em desmontar máquinas abandonadas para economizar o gasto de ter que mandar alguém à cidade cada vez que uma chupadeira estragava. Diante da importância da operação – tinham mais de trinta boias-frias contratados –, tiveram que recorrer a dinheiro de fora. Graças ao dono da lanchonete, que era um de seus credores, haviam feito contato com Zé Rosaldo, em uma de suas visitas a Maria Bonita. Zé, personagem conhecido em todos os garimpos da Amazônia, era um rico empresário regional, dono de várias empresas de transporte aéreo, joalherias, uma rede de bordéis e imensas fazendas. Havia começado com um bambúrrio fabuloso em Serra Pelada e desde então se dedicara a grilar terras, até se tornar um homem riquíssimo. Morava em Marabá, uma cidade onde a maioria das casas ostentosas pertencia aos grandes bamburrados. Eram mais que simples residências, eram o símbolo do que a riqueza pode dar a um pequeno grupo de escolhidos. Por isso, muitos garimpeiros de passagem pela cidade andavam por suas ruas esburacadas, mal pavimentadas, acompanhados de uma espécie de guia turístico que citava o proprietário de cada mansão. Ele contava como e onde haviam bamburrado e quanto pesava cada pedregulho. Era algo parecido com os turistas que visitam os bairros luxuosos onde moram as estrelas de Hollywood. Não veem nada, mas esperam secretamente contagiar-se com um pouco da glória de seus moradores.

Os negócios de Zé se espalhavam como os tentáculos de um polvo. Ele não perdia nenhuma oportunidade, e por meio de seus "gerentes", estava a par de tudo o que acontecia na região. Mantinha excelentes relações com os donos das lanchonetes, por conta de seus conhecimentos privilegiados sobre os garimpos. Eles sabem quem produz e quem não, quem é esperto e quem não, que barrancos merecem ser explorados e quais não. Pernambuco estava por acaso na loja quando Zé entrou para tomar um guaraná gelado.

– Pode-se dizer que sou meio sócio deles – disse o dono da lanchonete a Zé. – Tarzan faz parte da operação.

O nome de Tarzan era o melhor aval para uma empresa desse calibre. O entusiasmo de Pernambuco fez o resto. Tirou do bolso um pedregulho que tinha a intenção de trocar por comida para os empregados.

– Este é de ontem – disse Pernambuco. – Não há dia em que não tiremos alguma coisa.

Era verdade; mas absteve-se de explicar que a maior parte do que extraíam não dava nem para as despesas mínimas. Zé nem sequer olhou a pepita. Estava mais interessado em Pernambuco, de modo que conversou um pouco com ele e depois quis dar uma olhada nos barrancos. Comprovou seu impecável funcionamento – Tarzan estava de guarda – e disse apenas:

– Podem contar comigo.

A seguir, entrou no Toyota e pegou a avenida principal que servia de pista de pouso. Nunca mais tornaram a vê-lo. Poucos dias depois, um indivíduo de camisa aberta e barriga para fora da calça, corrente e relógio de ouro, cabelo crespo e ar de trapaceiro se apresentou como "gerente" de Zé. Queria fechar o trato e levava dinheiro. Tarzan se opôs à entrada desse novo sócio:

– Esses sujeitos não são de confiança – repetia.

Mas Pernambuco o fez recordar a roda-viva em que estavam metidos, as dívidas cada vez maiores que os impediam de fechar a exploração e ir embora.

– Minha vida inteira ralando para acabar nas garras de um mafioso! – repetia Tarzan com verdadeira exasperação.

Mas, apesar do dinheiro fresco de Zé, que serviu para comprar uma trituradora e pagar algumas dívidas, a produção dos barrancos não aumentou, e pouco tempo depois viram-se de novo ameaçados pelo fantasma da falência.

Para os comerciantes dos garimpos, que também eram agiotas, era sempre delicado fechar a torneira, mas parte da esperteza consistia em saber sair a tempo. No mesmo dia em que decidiram cortar o crédito de Tarzan por acharem que o tamanho da operação era desproporcional aos resultados, Pernambuco extraiu uma pepita de 200 gramas de ouro, que se somava a uma pedra que bem podia conter mais 80 gramas, conseguida na véspera. Em dois dias, a sorte havia dado uma guinada completa. A pepita foi destinada integralmente ao pagamento de parte das dívidas, o que fez os credores reavaliarem a ideia de abandonar a exploração. Em outras circunstâncias, tamanho bambúrrio teria acabado em uma grande farra, mas, na situação em que se encontravam, foi só um alívio. Tarzan e Hitler sentiram uma necessária dose de esperança, e Pernambuco teve uma vontade irreprimível de se divertir. Guardou uma parte do dinheiro conseguido com a venda da pedra menor e foi fazer o que todos os garimpeiros costumam fazer quando bamburram.

Foi para Belém e quis se hospedar no Hilton, recém-construído na praça da República, em frente ao antigo Teatro da Paz, mas sentiu-se constrangido e observado ao cruzar o vestíbulo, de modo que optou pelo mais discreto Hotel Equatorial. Durante três dias dedicou-se à bebida e ao sexo com verdadeiro frenesi. Dormia de dia e à noite pegava um táxi para ir à Lapinha, uma boate ao ar livre que atraía gente até da Guiana Francesa, por conta de seu ambiente e pela variedade e beleza de suas garotas. Era um grande clube noturno, aberto ao calor úmido do delta do Amazonas, e ali a caipirinha e a cerveja corriam como água. Mulheres de todas as classes confluíam nessa meca da diversão noturna – desde prostitutas de rua e estudantes que queriam se divertir e, de quebra, ganhar um vestido, uma viagem ou uma joia, até gente da sociedade de Belém que ia dançar lambada ou samba. A orquestra ficava debaixo de um telhadinho de palha sustentado por grossas colunas que também serviam de pedestal e onde as garotas se contorciam e iam tirando a roupa até ficarem totalmente nuas. Era um lugar divertido, amoral e sem perigo, exceto pelas doenças venéreas que os homens se arriscavam a contrair ao levar uma estudante para a cama. Em toda a região oriental da Amazônia, a Lapinha era a obsessão de moças e senhoras, de solteiros e casados, o sonho de quem estava entediado com a solidão da selva ou de suas confortáveis casas na cidade. Aconteceu uma coisa insólita com Pernambuco ali: ele se apaixonou pela primeira vez na vida. Pelo menos, era o que achava – porque a aventura não podia ter sido mais breve. Poucas horas depois de conhecê-la, quando já estava sem dinheiro, e apesar da bebedeira, lembrou que seu avião saía ao amanhecer. Jamais havia sentido por uma mulher

algo que não fosse o mero desejo de fazê-la tremer de prazer. Mas naquele dia teria gostado de algo mais, teria gostado de levá-la consigo. – Sonho de bêbado! – exclamou o velho e cético taxista que o levava diretamente da Lapinha ao aeroporto em seu Fusca caindo aos pedaços.

Foram suas últimas férias em muito tempo. No Bandeirante turbo da companhia aérea Brasil Central que o levou a Redenção, sentia-se tão cansado que ficou esparramado no banco, e seus roncos rivalizavam com o rugido dos motores. Não reparou na discreta presença de um passageiro que ia para perto do garimpo Maria Bonita, para o povoado indígena de Gorotire. Usava jeans e uma camisa de algodão, e só reparando em seus olhos puxados e em seu cabelo preto e brilhante se podia ver que se tratava de um índio. Era um caiapó de uns 30 anos, chamava-se Paiakan e morava em Belém, onde trabalhava para a Funai. No dia anterior, 30 de março de 1985, havia recebido uma mensagem pelo rádio dos caciques de Gorotire: “Venha. Precisamos de você aqui”. Pelo tom e pela secura, Paiakan sabia que se tratava de algo grave.

*

Assim que chegou a Maria Bonita, Pernambuco soube que Tarzan estava no ambulatório. O velho italiano estava deitado em uma rede dentro de um barraco cheio de garimpeiros palúdicos. Pernambuco o achou muito fraco. Estava pálido como cera, e as profundas olheiras desenhavam em seu rosto inquietantes círculos pretos. Batia os dentes de febre, e os calafrios lhe sacudiam o corpo. As epidemias de malária eram habituais nos garimpos. Com o desmatamento, os insetos que normalmente vivem nas copas das árvores descem, e ao revirar tanta terra criam-se poças, verdadeiros criadouros de mosquitos. Por volta das 6 da tarde, hora em que os garimpeiros e demais povoadores da Amazônia se lavam nos rios, as temidas fêmeas do mosquito *Anopheles* saem em busca do alimento preferido: glóbulos vermelhos. Picam qualquer animal de sangue quente que cruze seu caminho. Os primeiros sintomas aparecem entre o terceiro e o oitavo dia depois. Pernambuco havia sofrido mais de doze malárias desde que chegara à Amazônia, e não se inquietou com o estado de Tarzan. Era algo considerado tão normal quanto um resfriado, exceto por deixar sequelas. Tarzan tinha parasitas no fígado, e por isso não fumava nem bebia. Alguns casos acabavam em anemia, pois, ao picar, o parasita transmitido pelo mosquito ataca os glóbulos vermelhos. Foi o que aconteceu com o organismo cansado e desgastado de Tarzan, segundo o enfermeiro. Por isso, aos sintomas habituais se somava aquela palidez marmórea.

A 16 quilômetros do garimpo Maria Bonita, na aldeia de Gorotire, o jovem passageiro do voo da Brasil Central estava acabando de se vestir à luz de uma lamparina de óleo. Paiakan havia se despojado dos jeans e da camisa e vestira uma tanga. Com um pincel, uma prima dele – sua mulher havia ficado em Belém – desenhava figuras geométricas em seu corpo com o preto do jenipapo e o vermelho do urucum, polpa da fruta cujos arbustos cresciam em volta da choupana. A troca de vestuário era um rito habitual para esse caiapó que vivia entre dois mundos e que se preparava para comparecer a uma reunião importante na Casa dos Homens de sua aldeia. Quando a prima acabou o paciente trabalho, o homem colocou um cocar de tucano cor de fogo na cabeça, como cabia a um filho e sobrinho de cacique. A seguir, amarrou o colar de guerreiro, cujas conchinhas de rio resplandeciam na penumbra, e acrescentou duas guarnições de contas de plástico roxas, ornamentação que os caiapós haviam adotado em tempos recentes e que importavam da Tchecoslováquia por intermédio de uma loja em Belém. Não se esqueceu do relógio, nem dos tênis Adidas que evitariam que tivesse que pisar nos excrementos de animais e nas mangas caídas e esmagadas na rua principal.

Paiakan nunca havia sido um índio como os outros. Talvez devido ao trauma que para ele representou, aos 7 anos de idade, ir à cidade e descobrir que o mundo não se limitava à sossegada vida na aldeia: “Passei uma semana chorando porque queria voltar”, contaria Paiakan. “Tanta gente vestida de maneira tão estranha, tanto barulho e, principalmente, o fato de não conhecer ninguém e ninguém me conhecer. Tudo isso me impressionou tanto que me neguei a sair da casa da Funai onde meu pai e eu nos hospedávamos.” O choque que essa selva humana representava para uma criança indígena se transformou em pura fascinação alguns anos depois, quando, já adolescente, saiu de novo da aldeia. Dessa vez estava acompanhado por dois missionários que haviam notado a inteligência do rapaz e acharam que devia aprender português. Ele conheceu Belém, a cidade grande: “As pessoas pareciam todas iguais para mim. Era a mesma impressão que tem um branco quando vê a selva pela primeira vez: todas as árvores lhe parecem iguais, mas todas são diferentes”. O medo infantil se transformou em curiosidade de adulto: “Aonde vão todos com tanta pressa? O que há dentro dessas casas tão grandes? Por que há tantos carros? Não conseguia parar de fazer perguntas”. Sentia uma vontade incontrolável de conhecer a fundo esse mundo, e quando os missionários lhe propuseram ir estudar em Altamira, não perdeu a oportunidade. Passou dois anos lá, aprendeu a gostar de futebol, como todo brasileiro, e entendeu muitas coisas desse universo novo e

confortável. A tecnologia o fascinava: familiarizou-se com marcas de carros, aprendeu a usar gravadores e aparelhos de som e muitos outros objetos que pareciam ter uma vida própria e mágica. No início, julgava-se dono de tudo, mas logo foi percebendo que no mundo dos brancos, ao contrário da aldeia, nada se compartilhava.

Mais tarde, quando começaram as obras da Transamazônica e o convidaram a trabalhar em uma frente de contato para pacificar os araras – antes de Sydney Possuelo ser chamado para concluir a tarefa pelo então presidente da Funai –, descobriu a face oculta do mundo dos brancos, o outro lado da fascinação. Viu máquinas imensas derrubando a selva, viu ondas de gente invadindo um território que havia sido usurpado dos araras, sentiu o mesmo que em sua primeira viagem, quando era criança e fora com o pai à cidade: aquele não era o seu mundo. Por que estão fazendo a estrada por aqui?, perguntou-se. Por que tenho que facilitar o contato com outros índios? "Eu perguntava sem parar", diria Paiakan ao recordar sua juventude, "mas ninguém sabia me explicar nada."

Então, ele decidiu voltar a sua aldeia. Escreveu um livro sobre suas experiências na Transamazônica, o primeiro livro escrito por um caiapó, que foi publicado pelos missionários. "Eu queria informar aos outros índios o que estava acontecendo em Altamira, que o homem branco estava plantando pasto e criando gado. Eu dizia que criar gado era uma solução para uma família, mas não para um povo inteiro." Pouco a pouco, seu conhecimento do português e do mundo dos brancos o fez representar um papel de intermediário nos inúmeros conflitos que sua tribo enfrentava. Os caiapós, que tinham visto seu território – de uma extensão original do tamanho da França – se reduzir progressivamente nos últimos cem anos, organizavam-se em grupos e lutavam para expulsar os incontáveis intrusos que continuavam invadindo suas terras: madeireiros, fazendeiros e garimpeiros. Em 1980, a expulsão de uma família de pioneiros que se negava a abandonar um pedaço de terra indígena ocupada ilegalmente acabou em um horrível massacre que, ao sair na primeira página dos jornais, valeu aos caiapós a reputação de selvagens indomáveis e sanguinários.

Mas Paiakan não era partidário da violência. Tinha visto de perto o poder dos brancos e sabia que nem com tacapes nem com flechas os índios conseguiriam impor sua opinião. A palavra e a astúcia eram armas mais eficazes, e ele pudera provar isso quando organizara um protesto em Brasília para que o governo não enterrasse resíduos radiativos em território caiapó, um fato que demonstrava, mais que nenhum outro, o desprezo que o poder central sentia pelos mais antigos

habitantes do Brasil. Ele e um grupo de índios de sua aldeia, usando penachos multicoloridos, ocuparam a sede da Funai em Brasília e depois foram até o Palácio do Planalto, em fila e soltando gritos de guerra. As silhuetas guerreiras se refletiam nos vidros polidos dos edifícios ultramodernos, deixando boquiabertos transeuntes e policiais. Os funcionários, desconcertados, conseguiram que o presidente não tivesse que receber os índios, como exigia Paiakan, e em troca o governo se comprometeu a não usar seu território como lixeira nuclear.

Nesse momento, porém, enquanto Paiakan se dirigia à Casa dos Homens, o problema era mais complicado. Não se devia a uma ameaça, e sim a um fato consumado: o território caiapó estava ocupado por milhares de garimpeiros. Não só haviam contaminado o rio com mercúrio, não só haviam feito aumentar os casos de malária, como também haviam parado de pagar 0,1 por cento da venda de ouro que lhes cabia, conforme o acordo selado com o governo quando da intervenção federal. Os índios haviam se acomodado com essa solução que lhes permitia comprar as bugigangas que tanto os fascinavam. Das choupanas de palha de Gorotire erguiam-se sofisticadas antenas de televisão, e algumas tinham refrigeradores alimentados a gás. Dentro delas se podia encontrar desde uma sucuri até pés de macaco ao lado de garrafas de Pepsi. De repente, com a falta de dinheiro, a relação com os brancos deixava de fazer sentido. Os caiapós se sentiram explorados e enganados, e acharam que o pagamento da porcentagem não havia sido mais que uma artimanha para distrair a atenção dos índios sobre a ocupação de suas terras. No povoado, os nervos estavam à flor da pele. As velhas índias, batendo com a borda dos facões na testa, exortavam os homens a matar brancos: “Covardes, covardes! Se meu pai estivesse vivo, mataria todos esses brancos!”. No galpão que servia de ponto de encontro, onde os homens se reuniam para ver Falcon Crest na televisão pendurada no teto, ou para ver um vídeo realizado por um deles, um chefe dizia solenemente:

– É melhor morrer lutando que nos deixarmos morrer de doença. Essa mina nos envenenou. Vamos matar o maior número possível.

– Você não viu o que eu vi – disse Kanhok, o cacique mais respeitado. – Há tantos brancos quanto formigas.

Paiakan se sentou no chão, perto de Kanhok. Todos esperavam sua intervenção:

– Meu avô não entendia como podia haver tantos brancos – começou. – Cada

vez que matava um, brotava outro como por encanto. Chegou a pensar que voltavam à vida depois de mortos. Então, começou a cortar a cabeça deles. Mas, como veem, continua havendo muitos. – Os outros emitiram um “uuuhh” de aprovação. – Por isso, não poderemos vencer se começarmos a matá-los. São muitos, que depois vão querer vingança.

Fez-se um silêncio constrangedor. Eles esperavam mais de Paiakan que um simples apelo à prudência.

– O que diz a Funai? – perguntou então Paiakan, quebrando o silêncio.

– Para esperarmos – respondeu um.

– O que diz a Polícia Federal?

– Para termos paciência – respondeu outro.

– Faz mais de um ano que dizem a mesma coisa – pontuou Kanhok.

O que havia acontecido, na realidade, era que o contrato havia expirado, o que automaticamente havia acarretado a suspensão dos pagamentos. Mas, no emaranhado da burocracia governamental, ainda mais confusa por conta da incerteza política causada pela doença do presidente, ninguém havia se preocupado em renová-lo. O descumprimento do compromisso dos brancos havia deixado exposta a verdadeira raiz do problema: o território dos caiapós continuava sem a demarcação oficial. Paiakan lhes recordou que ali estava a causa de todos os seus males. Já não bastava tirar proveito de Maria Bonita, era preciso acabar com ela de uma vez e para sempre. Era necessário obter a delimitação definitiva das fronteiras de suas terras para evitar conflitos similares no futuro, e, principalmente, para dar um futuro à tribo.

– Um índio, sem sua terra, é menos que um animal – recordou Paiakan, corroborando a preocupação de caciques e antropólogos diante da grande queda de natalidade dos caiapós.

O processo de autodestruição era uma reação típica das tribos indígenas perante a incerteza do futuro: “Não tínhamos outra solução senão ocupar o garimpo. Era uma questão de sobrevivência. Kanhok sabia, e por isso havia mandado me chamar. Para acalmar os ânimos, eu disse a eles que os garimpeiros não tinham culpa do que estava acontecendo, que era culpa do governo por não renovar o contrato, e por não ter feito a demarcação que tantas vezes havia prometido”.

Nessa mesma noite, depois da reunião, Paiakan foi conversar com seu amigo, o antropólogo norte-americano Darrell Posey, que estava morando na aldeia. Posey havia desenvolvido, doze anos antes, possivelmente o maior estudo sobre manipulação de recursos naturais pelas populações nativas da Amazônia. Andando com os velhos pajés pelos caminhos da selva, verificara que o grau de conhecimento dos índios sobre cada pedaço daquele vasto jardim era muito mais sofisticado do que sempre se havia pensado. Como muitos cientistas na Amazônia, ele se sentia impotente diante das mudanças brutais dos últimos anos e temia que, desaparecendo a selva, o conhecimento dos caiapós desaparecesse também, antes de ser compilado e estudado.

Com o anúncio da invasão do garimpo, Posey achou que o aniquilamento dos caiapós seria iminente. Sabia que os garimpeiros estavam armados e temia que o negócio acabasse em um banho de sangue, como tantas vezes havia ocorrido com os índios no passado. “Mas eles já haviam tomado a decisão, e ninguém no mundo os teria convencido do contrário”, recordaria Posey. Para evitar o pior em caso de represálias, sugeriu a Paiakan alertar a imprensa de Belém e a internacional, os únicos possíveis aliados que dariam o alarme caso o negócio degringolasse. Paiakan assentiu, e os dois foram até o posto da Funai para comunicar pelo rádio a alguns jornalistas a tomada do garimpo.

Posey ficou no povoado acalmando os velhos e as mulheres, que estavam se preparando para a evacuação em caso de contra-ataque. “Estavam muito desanimados. Haviam apostado tudo em uma carta e sabiam que podiam perder. Era como uma atitude de suicídio coletivo.” Menos de 24 horas depois de chegar a Gorotire, Paiakan, vestido de guerreiro, com o tradicional tacape na mão, encabeçou a marcha de uma centena de índios rumo a Maria Bonita. Depois de várias horas sob uma chuva torrencial, chegaram aos arredores do garimpo. Paiakan não podia acreditar no que seus olhos viam. Muitos índios que haviam advogado a invasão da mina pensando que bastava chegar pintado para assustar os garimpeiros deram para trás ao descobrir que havia milhares deles, alguns armados de metralhadoras e rifles automáticos: “Pareciam cupins”, recordaria Paiakan. A maioria dos índios quis voltar; pouco restava da bravura da véspera. Mas os tradicionais guerreiros caiapós não estavam dispostos a se submeter a tamanha humilhação. Não queriam voltar sem antes distribuir algumas bordunadas. Consultaram o líder.

– Se formos até lá, vão acabar conosco – murmurou Paiakan, e acrescentou: – Mas é pior voltar ao povoado e dizer que não fizemos nada.

– Uuuhhh... – responderam em coro os outros.

Sentaram-se no chão e cogitaram a possibilidade de ocupar o garimpo sem matar ninguém. Paiakan teve uma ideia tão brilhante quanto simples. Sugeriu que os índios se colocassem em volta do monte para que parecesse que havia muitos mais atrás. Enquanto isso, ele se aproximaria para falar com a Polícia Federal.

A simulação funcionou. Quando Pernambuco levantou a cabeça para enxugar o suor e viu todos aqueles índios na colina, achou que estava sonhando. Fechou os olhos, abriu-os novamente e eles continuavam ali, como em um filme de caubói. Apesar da advertência de Paiakan ao jornalista de que não publicasse nada antes de confirmada a invasão, a notícia havia saído no jornal nesse mesmo dia. Na lanchonete, haviam rido do assunto porque era 1º de abril, e no garimpo ninguém havia acreditado. Por isso a surpresa foi dupla. Enquanto Pernambuco e os demais garimpeiros soltavam as ferramentas e olhavam, atônitos, para os caiapós, os policiais federais – havia só cinco e não estavam armados – estavam de olho naquele índio que descia a colina, escoltado por dois guerreiros. Achavam que ia acontecer uma desgraça, e estavam paralisados de medo. Paiakan, com metade do rosto pintado de preto, um impressionante cocar e um tacape – ainda mais imponente que uma espingarda – na mão, aproximou-se do comandante. Em seu impecável português, enquanto apontava com o braço para a colina, disse:

– Vim lhe pedir ajuda. – O comandante suspirou, aliviado. Paiakan prosseguiu em tom conciliador: – Veja, há milhares de guerreiros lá em cima. Vamos invadir este garimpo porque estamos cansados de ser enganados. Ajude-nos a impedir que a violência exploda. Eu não posso controlar meus homens. Está vendo lá em cima? – O comandante assentia com a cabeça. – Somos milhares, de todas as aldeias caiapós – mentiu Paiakan –, e se não fizermos algo rapidamente, haverá um massacre. Ajude-nos a tirar os garimpeiros daqui antes que o sangue corra.

Os policiais, aliviados por saber que os índios não atacariam imediatamente, foram primeiro buscar suas armas, antes que algum garimpeiro tomasse a lei por sua conta. Paiakan e sua escolta os acompanharam. Como não encontravam a chave, pediram aos índios que derrubassem a porta, diante dos olhares de um pequeno grupo de garimpeiros que, atônitos, não entendiam o que aqueles índios faziam derrubando a casinha dos federais. Depois de pegar as armas automáticas, o comandante, com um megafone, ordenou a todos os garimpeiros

que abandonassem as ferramentas, desligassem os motores das bombas-d'água, se aproximassem e entregassem as armas. Quando conseguiu reuni-los, anunciou que milhares de índios estavam prestes a atacar, que era melhor pegar o que pudessem e sair dali antes que fossem exterminados. Pernambuco ergueu o olhar para o céu; era um verdadeiro desastre.

– Vamos falar com os índios! – sugeriu. – Temos armas, podemos nos defender.

Paiakan não reconheceu seu colega do voo da Brasil Central, mas as palavras dele lhe gelaram o sangue nas veias. Temeu que o apelo de Pernambuco tivesse um efeito incendiário.

– Eu não saio daqui! – gritaram alguns.

– Vamos lutar para defender nossos barrancos! – gritaram outros.

Mas o comandante cortou de imediato qualquer veleidade de combater os índios.

– Eu sou a autoridade, e aquele que tocar em um índio vai se ver comigo! – exclamou pelo megafone. – Todos os que estão aqui sabem que esta terra é dos índios! – recordou. – É melhor sair agora para poder voltar do que ter que sair mais tarde para não voltar nunca mais!

Os garimpeiros, que respeitavam a Polícia Federal acima de tudo (ela lhes concedia as licenças e os protegia dos abusos e da desordem), começaram a se dispersar. Pernambuco e um grupo de garimpeiros tentaram durante o dia todo dialogar com os índios, mas eles recusaram sua oferta de 300 mil cruzeiros por mês em troca da permissão de prosseguir com as atividades normais do garimpo. Paiakan exigiu ainda o pagamento de uma "taxa de indenização" exorbitante para retirar as 1.500 chupadeiras de Maria Bonita. Para Pernambuco e os outros donos, aquilo era a ruína total; mas ainda acalentavam a esperança de chegar a uma solução de última hora.

Mas, à medida que um número cada vez maior de guerreiros ia se aproximando do garimpo e a tensão ia subindo, a única solução parecia ser afastar-se. Várias vezes o comandante pegou o megafone para pedir aos garimpeiros que não se aproximassem dos índios. Hitler, que vinha de Redenção em seu voo diário, ouvira pelo rádio que os caiapós haviam invadido o garimpo, mas não percebeu a gravidade do assunto até que tentou aterrissar em Maria Bonita. De repente, viu alguns índios colocando máquinas na pista. Acionou o

acelerador bem a tempo, mas como o pequeno Cessna estava carregado, quase não conseguiu retomar altitude. Sobrevoou a pista voando muito baixo, enquanto subia o trem de pouso com medo que as rodas se chocassem com os obstáculos. Passou por cima do telhado do posto de saúde e sobre a copa das palmeiras, antes de conseguir se elevar a duras penas e retomar o rumo de Cumaru, a pista mais próxima. Ele não sabia ainda, mas tivera sorte de não conseguir aterrissar. Os índios teriam confiscado as chaves do avião, como estavam fazendo com os demais monomotores. Com essa medida imposta pelos caciques, as esperanças de qualquer acerto rápido desapareciam por completo.

Depois de uma noite de extrema tensão, na qual muitos garimpeiros decidiram permanecer em Maria Bonita, Paiakan pediu aos comerciantes que não abrissem as lojas e mandou interromper os trabalhos. A lanchonete já havia esgotado os últimos restos de comida. Algumas horas depois, após uma interminável reunião entre caciques, Paiakan voltou ao comandante e especificou o alcance de suas reivindicações: a demarcação oficial de seu território e o pagamento da porcentagem, previamente negociados com as autoridades de Brasília. A seguir, resumiu a exigência que mais suor e lágrimas provocaria nos desesperados garimpeiros: “Os caiapós não querem mais garimpeiros aqui. Todos devem ir embora”.

35

Muitos boias-frias, assim que viram os índios, fugiram a pé pelo enlameado caminho da selva. Afinal de contas, eles eram só empregados, e não fazia sentido arriscar a vida para defender algumas máquinas que não lhes pertenciam. Os que ficaram por simples solidariedade não eram suficientes para fazer funcionar as instalações altamente mecanizadas. O conjunto de bombas e chupadeiras se transformou em um monte de ferro-velho inútil. Sem barulho de máquinas nem de aviões pousando e decolando, o garimpo foi invadido por um silêncio sepulcral, enquanto os índios olhavam e tocavam tudo.

Pernambuco continuou trabalhando manualmente, como muitos outros garimpeiros que confiavam que o tempo jogaria a seu favor. “Não abandone as máquinas”, dissera Tarzan. “Os índios já vão se cansar de ficar aqui.” Não havia memória de que os índios tivessem ganhado algum enfrentamento com os brancos, e o de Maria Bonita não seria o primeiro, pensavam todos. Qualquer garimpeiro sabia que as autoridades estavam do seu lado; eles tinham sido os pioneiros a formar a frente na batalha para conquistar novos espaços na selva. Por isso, sempre haviam contado com o beneplácito das autoridades, e por isso continuavam acreditando que o governo forçaria os índios a aceitar o reinício da extração de ouro. Mas não contavam com o fato de os caiapós terem mudado; já não eram aquelas criaturas inocentes que trinta anos antes haviam sido vítimas de um primeiro contato que quase os dizimara e os apagara do mapa. Já sabiam usar as armas dos brancos. Paiakan, que havia aprendido a valorizar o poder da imprensa, conseguiu a simpatia da opinião pública ao permitir o acesso a um grande grupo de jornalistas: “Uma centena de índios obrigam 5 mil garimpeiros a bater em retirada”, publicou o *Jornal do Brasil*, um dos de maior tiragem no país. A notícia foi se infiltrando em todos os jornais nacionais, abrindo espaço entre as numerosas matérias sobre a doença do presidente Tancredo Neves. Depois, para exercer maior pressão e forçar o governo a negociar, Paiakan, sempre por meio da Polícia Federal, ameaçou aprisionar os garimpeiros que continuassem trabalhando. A perspectiva de cair nas mãos desses “selvagens sanguinários” assustou os mais cautelosos, que saíram de seus barrancos blasfemando e amaldiçoando. Pernambuco pensou em se entrincheirar com sua espingarda, mas a polícia o fez desistir. “O importante”, diria o comandante, “era manter a tensão sob controle.”

A partir desse momento, o pequeno incidente provocado por um punhado de índios foi tomando proporções de verdadeira tragédia. Os doentes eram o problema maior. Paiakan defendia que fossem evacuados nos aviões, mas outros caciques se opunham.

– Eles trouxeram a doença, que morram por isso – sentenciaram.

– Se tiverem que morrer – argumentou Paiakan –, é melhor que morram em suas casas ou em um hospital. Não é bom que morram garimpeiros em terra de índios.

A tese de Paiakan prevaleceu, e no quarto dia de ocupação, depois de longas discussões, autorizaram a decolagem de monomotores apenas para o transporte de doentes. Pernambuco foi correndo buscar Tarzan. O ambulatório estava abarrotado, com mais de duzentos garimpeiros, dezesseis deles em coma. Como o velho estava muito fraco para se mexer, Pernambuco o carregou nos ombros e o levou até o final da pista, onde estavam os aviões. Tarzan parecia um boneco desarticulado. Seus braços e pernas balançavam como se estivesse morto.

– Coragem, velho – dizia Pernambuco. – Você vai sair deste inferno.

– Eu não quero ir embora – dizia Tarzan com voz quase inaudível.

Chegaram ao monomotor.

– Não há mais lugar, lamento – disse o piloto, que tentava fechar a porta.

Pernambuco a abriu e empurrou Tarzan.

– Um lugarzinho para o velho Tarzan, pessoal – pediu aos passageiros amontoados no chão, visto que o monomotor, como todos na Amazônia, não tinha bancos.

Os doentes estavam muito fracos para reagir, mas o piloto, furioso, soltou o cinto de segurança, levantou-se e parou em frente a Pernambuco, apontando-lhe o revólver. Os índios que cercavam o avião se aproximaram, curiosos.

– Tire esse sujeito daí – ordenou o piloto.

– É o Tarzan, amigo – disse Pernambuco. – Pergunte por aí. Todos o conhecem, é o grande Tarzan. Ele descobriu este garimpo. Não vai deixar que ele morra aqui agora, não é?

– Tire-o daí.

– Vamos, atire – disse Pernambuco. – Atreva-se, porque esse vai ser o único jeito de você vencer. Enquanto eu estiver vivo, Tarzan fica no avião.

Houve um silêncio; talvez tenha sido a silhueta de um dos policiais, ou talvez a determinação de Pernambuco, mas o caso é que o piloto hesitou, guardou a arma, rosnou um “filho da puta” e entrou de novo no avião. Pernambuco empurrou a porta, fazendo pressão para fechá-la. Pela janela trincada e manchada de barro, Tarzan piscou para ele e levantou o polegar em sinal de vitória. Pernambuco sorriu e acenou. Protegendo os olhos do pó, ficou olhando o monomotor rodar, ganhando velocidade. Em certo momento, temeu que não conseguisse decolar por causa do peso, mas perto do final da pista o avião levantou o nariz e se ergueu como uma ave barriguda.

Era a vez de Pernambuco abandonar aquele que havia sido seu lar durante os últimos anos. Os policiais estavam cada vez mais nervosos, e as tentativas de resistência eram solucionadas violentamente. Um garimpeiro de 30 anos que se negava a ir embora levou um tiro na espinha. “Paralítico para o resto da vida”, foi a manchete de um jornal local. Os índios não hesitavam em atirar nos pés dos retardatários. De modo que Pernambuco, fiel a seu instinto de sobrevivência, acabou se juntando ao êxodo de 5 mil garimpeiros que, tendo perdido tudo, sem meios para subsistir, sem dinheiro, sem comida, sem água, sem nem mesmo sonhos pelos quais lutar, pegaram o caminho de Cumaru, na esperança de arranjar transporte até Redenção. Durante a marcha, a maioria tinha que se livrar dos poucos pertences por conta do calor e da fadiga. Outros tinham sido saqueados antes de sair por índios que haviam se encantado com seus rádios, sua roupa ou suas ferramentas. Alguns penetravam na selva para caçar e não voltavam mais. A imprensa falou de dezenove mortos, mas no caos da caminhada ninguém pôde confirmar esse número.

O dono da lanchonete de Cumaru recordaria por toda a vida a chegada dos expulsos de Maria Bonita, muitos dos quais caíam no chão suplicando alguma coisa para comer: “Fome... Estou com fome”, diziam com um fio de voz, desidratados e sem energia. Os mineradores de Cumaru se desdobraram para socorrer os colegas. Dividiram a comida, cederam redes, ofereceram transporte em suas caminhonetes até Redenção enquanto pediam socorro às autoridades. O exército mandou um avião Búfalo das Forças Armadas carregado de alimentos e remédios, mas o azar foi tanto que saiu da pista de pouso: uma das asas bateu no chão e um motor explodiu. A tripulação se salvou, mas o Búfalo ficou noventa dias obstruindo a pista, até que finalmente os mecânicos do exército chegaram.

Algumas pessoas, como Pernambuco, não haviam perdido a esperança de recuperar seus barrancos mais ou menos intactos. Não sabiam que, enquanto se arrastavam para a cidade, os índios estavam fazendo brincos com a borracha das chupadeiras, colares com as bolas de ferro e pulseiras com as correntes de engrenagem. Depois de saquear os estabelecimentos comerciais como crianças soltas em uma loja de brinquedos, haviam organizado uma verdadeira ponte aérea entre Maria Bonita e a aldeia de Gorotire. O antropólogo Darrell Posey, que não conseguia entender como os caiapós haviam saído ilesos da tomada do garimpo, espantava-se de ver o intenso tráfego de monomotores. “A cada dez minutos chegava um e descarregava motores elétricos, bombas-d’água, roupa, conservas, rodas, combustível, peças de reposição, sacos de farinha, de feijão, tecidos... e assim durante dois dias.” Enquanto isso, Paiakan anunciava na imprensa que os índios ficariam com todo o material tomado dos garimpeiros como forma de compensar os prejuízos sofridos pela extração de ouro dos últimos cinco anos. Advertiu os garimpeiros que tivessem intenção de voltar: – Vai ter briga. Em Maria Bonita há uns 150 índios que estão começando a construir uma aldeia – avisou ele. – A ocupação é coisa definitiva.

Em 1985, dez anos depois de sua fundação, Redenção contava com 50 mil habitantes, cuja rotina matutina consistia em se informar sobre a cotação do ouro, visto que a cidade vivia dos muitos garimpos dos arredores. Além de cinco bancos, um cinema e o clube recreativo com piscina, Redenção contava com uma estação de rádio AM, a Rádio Oriente, e com 970 estabelecimentos comerciais, a maioria dedicada ao material de mineração. Esses comerciantes estavam associados a seus clientes nas inúmeras explorações da área e eram, junto com os garimpeiros, os mais prejudicados pela ação dos índios e os mais interessados em encontrar uma solução rápida.

Com a chegada dos 5 mil náufragos de Maria Bonita, os cinquenta policiais militares e o pessoal da Prefeitura viram-se totalmente vencidos. Gerou-se um clima de agitação como nunca a cidade havia conhecido antes. Centenas de garimpeiros invadiram lojas e supermercados, quebraram vitrines, levaram bebidas, cigarros, comida e roupa. A população estava aterrorizada. Os colégios fecharam e as famílias se entrincheiraram em suas casas. A polícia fez o que pôde, mas a pilhagem continuou até que Arcelide Veronezze, o jovem e enérgico prefeito, e alguns comerciantes da cidade organizaram refeições para os refugiados: 160 quilos de carne, 1.500 pães, 150 quilos de arroz e 240 quilos de feijão por dia era o preço a pagar para que os garimpeiros parassem de espalhar

pânico.

Era uma solução tão precária, tão frágil, que o próprio prefeito foi até Brasília com os representantes dos garimpeiros para acelerar as negociações com os índios, representados por Paiakan. Mas ninguém os recebeu no Ministério do Interior. Ninguém se importava com esse conflito distante enquanto o presidente da República agonizava no hospital. O representante dos garimpeiros anunciou que estavam dispostos a aumentar a porcentagem paga aos índios de 0,1 por cento para três por cento. Um tecnocrata do Ministério do Interior propôs a Paiakan iniciar discussões sobre a demarcação depois de autorizar a volta dos garimpeiros a Maria Bonita. Paiakan se opôs: exigiu que as reivindicações dos índios fossem atendidas primeiro, e depois – talvez – permitiriam a volta. Então, as ameaças subiram de tom. A comissão de garimpeiros informou que os quinhentos índios de Gorotire corriam o risco de ser exterminados pelos milhares de garimpeiros dispostos a tomar o garimpo de volta. “Os garimpeiros são homens; nós também somos homens”, replicou Paiakan. “Eles têm armas, nós também. Além disso, nós estamos treinados para a guerra e conhecemos a selva. Eles não.”

Diante do bloqueio das negociações, os garimpeiros deram uma semana de prazo ao governo para solucionar o problema. Do contrário, tomariam o garimpo à força. Mas foram se passando os dias e não chegava notícia alguma de Brasília. Era como se a capital tivesse deixado de existir; a doença de Tancredo Neves havia paralisado a cidade. Diante do iminente vencimento do prazo, o prefeito de Redenção pediu reforços policiais ao ministro do Interior. Todo mundo temia o pior, e as pessoas não saíam de casa para evitar se envolver nos constantes surtos de violência que ocorriam na cidade. Em Gorotire, os índios estavam em pé de guerra, e os missionários protestantes optaram por abandonar o local. O antropólogo Darrell Posey permaneceu; os caiapós o consideravam da família, e não teriam entendido que os deixasse sozinhos nessa situação. Ficou fazendo anotações, observando como “a sociedade nativa se prepara para a guerra”.

Assim que chegou a Redenção, Pernambuco percorreu os sete hospitais da cidade em busca de Tarzan. A caminhada entre Maria Bonita e Cumaru o havia deixado nos ossos. Estava tão magro que muitos dos colegas que acampavam nas calçadas não o reconheciam. Dirigiu-se ao velho aeroporto, onde lhe disseram que a saúde pública havia instalado ali um serviço de atendimento de urgência. Os hangares estavam vazios de aviões, mas lotados de redes. Fazia um calor impressionante, aumentado pela estrutura metálica do hangar. Tarzan

estava deitado numa rede, olhando para o teto. Estava amarelo, e parecia tão fraco quanto antes.

– Tarzan! – gritou Pernambuco. O velho o olhou como se não o reconhecesse. Mas quando Pernambuco se aproximou, seu rosto se iluminou.

– Eu sabia que você viria me ver.

– Como está? – perguntou Pernambuco.

– Muito bem, graças a Deus – respondeu Tarzan com um fio de voz. – Todas as tardes minha mãe vem me ver e me leva à igreja. – Pernambuco fingiu achar engraçada a brincadeira. – Ela disse que você viria.

– Sua mãe disse que eu viria?

– Claro, por isso eu o estava esperando. – Tarzan se sentou na rede e prosseguiu: – Venha, Silvestre, me leve para casa; já estou pronto.

– Eu não sou Silvestre, sou Pernambuco. E não estamos na Itália com sua mãe, estamos nesta merda de lugar. E nesse estado, você não deveria sair dessa rede – disse Pernambuco.

O velho ficou pensativo, olhando para ele como se fosse um estranho:

– Pernambuco? Nunca conheci ninguém com esse nome.

Pernambuco levantou os olhos para o céu. “Era só o que faltava! Ficou maluco!”, pensou, enquanto uma sensação de desesperança invadia sua alma.

– Desculpe ter me confundido – continuou Tarzan. – Estou esperando meu irmão Silvestre para que me leve para casa, na via Gaspare Gozzi, capisce?

Pernambuco sabia perfeitamente o que estava acontecendo: a malária crônica derrubara seu velho amigo. Depois da amnésia, costuma vir a demência, depois o coma e depois a morte.

– Entendo. Eu não sou Silvestre, sinto muito – balbuciou Pernambuco.

– Se quiser ficar um pouco comigo enquanto Silvestre não chega, vou lhe contar histórias da selva e lhe direi como ficar rico da noite para o dia – prosseguiu Tarzan.

Pernambuco ficou ao lado do amigo, ouvindo as histórias de sempre, mas com variações incoerentes. Riu sem vontade, só para lhe agradar. Fez perguntas para tentar guiá-lo pelos meandros da memória e fazê-lo voltar à realidade, mas

Tarzan ignorava as leis da recordação. Havia inventado uma realidade sob medida. Estava realmente na Itália com a mãe, que era onde queria estar; mas essa cidade italiana também estava na selva, porque ele falava dela com paixão:

– Os olhos mais bonitos da selva, amigo Ossobuco.

– Pernambuco! – corrigia o pistoleiro, exasperado.

– Perdão, amigo Pernambuco. Os olhos mais bonitos da selva são uns que não veem. Estão desenhados na parte interna das asas de uma mariposa gigante. A parte externa é como a casca de uma árvore, mas quando o animal, assustado, bate as asas, aparecem esses olhos, grandes, azuis e brilhantes, parecidos com os de uma coruja, e seus atacantes saem assustados. Não acha maravilhoso, senhor...?

– Pernambuco.

– Isso, Pernambuco. Vou lhe contar um segredo que ninguém sabe, mas prometa que não vai sair repetindo por aí.

– Prometo – disse Pernambuco.

Pondo o dedo na boca e olhando em volta para se certificar de que ninguém estava ouvindo, disse ao ouvido de Pernambuco:

– Todas essas maravilhas da selva são presentes de Deus, mas, sssshhh, não conte para ninguém, porque vão tentar roubá-las d'Ele.

"Doidinho", pensou Pernambuco. "Doidinho da silva." Sentia profunda tristeza e compaixão pelo amigo. Não quis deixá-lo sozinho, à mercê dos fantasmas da mente. Aquele velho garimpeiro que sempre lhe havia demonstrado amizade merecia mais que um hangar abafado, ou que um hospital lotado de doentes. Uma atmosfera de loucura só podia deixá-lo mais louco, pensou. O que Tarzan necessitava era um ambiente normal. Então, perguntou por Hitler, e lhe indicaram uma casinha branca, cercada por um pequeno jardim cheio de plantas, com uma trepadeira emoldurando a porta principal. Pareceu-lhe um pedaço de paraíso no inferno daquela cidade. Hitler estava voando, mas sua mulher o atendeu. Era uma mestiça encantadora, ex-prostituta resgatada pelo amor do piloto. "São as melhores esposas", dissera Hitler em uma ocasião. "Você devia arranjar uma bem rodada, porque, quanto mais rodadas, mais fartas da vida estão e mais fiéis e agradecidas são." Aquelas palavras haviam ficado gravadas na mente de Pernambuco. Ele também desejava sua cota de felicidade;

mas, cada vez que parecia alcançá-la, a fatalidade a tirava de suas mãos. “É que eu não mereço”, dizia então com seus botões, enquanto tentava afastar da memória, como se fossem moscas, o rosto dos camponeses que havia mandado para o outro mundo e que revoavam em sua consciência.

A esposa de Hitler acomodou Tarzan em um dos quartos e pendurou uma rede na varanda para que ele pudesse aproveitar o frescor do entardecer. Tarzan reclamou da mudança; em sua imaginação doentia, temia que Silvestre não pudesse localizá-lo.

– Silvestre não é bobo, vão lhe dizer que você está aqui – acalmou-o Pernambuco, a quem a mulher também havia oferecido hospedagem. Mas Pernambuco não aceitou; seu lugar era com os colegas.

– Venho vê-lo todos os dias – disse a Tarzan.

– Não esqueça de dizer a minha mãe e a Silvestre que estou aqui – recordou o velho.

Pernambuco levantou os olhos para o céu e, com o coração apertado, saiu. Estranhou o silêncio sepulcral que de repente havia se apoderado da cidade. A caminho do velho aeroporto, onde os demais garimpeiros acampavam, só cruzou com um cachorro, sendo que o normal teria sido encontrar uma multidão de garimpeiros deitados nas calçadas ou sentados debaixo de uma árvore. Ao se aproximar dos hangares, reparou que a bandeira nacional, ao lado da biruta, estava hasteada a meio pau. A seguir, encontrou um garimpeiro, que disse que finalmente haviam chegado notícias de Brasília. Mas não eram relativas às negociações nem ao conflito entre índios e garimpeiros. O presidente Tancredo Neves acabava de falecer. Todos os garimpeiros haviam se reunido para expressar suas condolências. Por isso a calma havia voltado a Redenção – uma calma triste, que não parecia augurar nada de bom. À tarde, o prefeito transmitiu pela Rádio Oriente uma mensagem do secretário-geral do Ministério do Interior a todos os garimpeiros: pedia mais uns dias de paciência até que se restabelecesse “a normalidade funcional de Brasília”. Todos acharam que o governo estava pedindo demais. A situação havia chegado ao limite.

36

“Não havia jeito de chamar a atenção das autoridades para o problema”, recorda Eurípides, dono do Império das Máquinas, cuja sucursal mais importante ficava em Maria Bonita. “Nem mesmo depois da morte de Tancredo Neves. Nenhum de nós conseguia dormir. Como comerciantes, devíamos dinheiro; para pagar, tínhamos que receber dos garimpeiros. Ficaríamos sem crédito no Brasil todo se as águas não voltassem ao leito.” O prefeito não podia esconder que a crise o estava afetando pessoalmente: havia emagrecido 7 quilos desde a invasão, e como já era um homem magro, parecia uma sombra de si mesmo. “Estou deprimido”, disse à imprensa, “porque nenhuma autoridade quer colaborar. Nem mesmo o governador do Pará mostrou o mínimo interesse em encontrar uma solução. Não sei o que está acontecendo.” Os cofres da Prefeitura estavam se esvaziando, e ninguém em Redenção queria pensar no que poderia acontecer quando os garimpeiros não tivessem nem a ração diária de comida. Um número cada vez mais numeroso advogava a guerra com os índios, a volta e a tomada do garimpo à força. “Se chegarmos a esse ponto, adeus indiada”, pontuou o prefeito à imprensa de Belém.

“Então, tivemos a ideia de fazer o mesmo que os garimpeiros de Serra Pelada quando forçaram a reabertura do garimpo depois da intervenção militar: bloquear a estrada Belém-Brasília”, contaria Eurípides. Em 28 de abril de 1985, uma verdadeira divisão de ônibus, seguidos de uma frota de caminhões, caminhonetes, carros particulares, motos e até carroças, pegaram o caminho da estrada Belém-Brasília. Mais de 2 mil garimpeiros, com uma organização admirável que teria sido a inveja de qualquer sindicato metalúrgico, partiram em caravana até Guaraí, a uma distância de 350 quilômetros. Pernambuco pensou em ficar na cidade, mas no fim decidiu se juntar ao cortejo, para se distrair um pouco da preocupação em que o estado de Tarzan o havia mergulhado. “Do mesmo jeito que perdeu o juízo, pode encontrá-lo de novo”, disseram os colegas. Pernambuco se agarrava a essa esperança, não só pela amizade que sentia pelo velho, mas também porque sabia que Maria Bonita havia sido construída com base em sua reputação. Sem Tarzan, sabia que os credores fechariam imediatamente a torneira.

Depois de 24 horas de viagem, colocaram os ônibus e caminhões bloqueando

a estrada, e para que a polícia não os obrigasse a tirá-los, furaram os pneus. Anunciaram que a passagem de veículos estava proibida e quem tentasse desobedecer teria o seu incendiado. No meio da tarde havia mais de trezentos veículos imobilizados. Os caminhoneiros protestaram energicamente, e durante parte do dia temeu-se um enfrentamento entre os dois grupos. Mas os garimpeiros, sempre hábeis em negociar, conseguiram transformar os adversários em aliados. Chegaram a um pacto de ajuda mútua enquanto durasse a ocupação. Isso, em outras palavras, significava que os caminhoneiros beberiam e comeriam por conta dos garimpeiros. Pernambuco foi muito eficaz para solucionar o problema do abastecimento. Teve a ideia de usar sua velha experiência de açougueiro. Reuniu um grupo de colegas e sacrificaram quatro vacas de uma fazenda próxima, enquanto outros saqueavam um caminhão de cerveja Antarctica.

No dia seguinte, a fila de caminhões e veículos alcançava 15 quilômetros, e seus ocupantes viviam um calvário. Quem tinha dinheiro invadiu as poucas lanchonetes coladas aos postos de combustível da estrada. A maioria não teve outro remédio a não ser aguentar o calor, o cheiro podre que emanava dos caminhões de alimentos perecíveis, a falta de água e de comida. Para as crianças e os doentes, a situação era uma tragédia. Um grupo de viajantes, desesperados, ameaçou matar garimpeiros se não reabrissem a estrada. O escândalo não tardou a repercutir no gabinete do governador do estado, que se viu obrigado a reagir. Logo mandou um emissário com uma proposta: comprometia-se a ir pessoalmente ao Palácio do Planalto, em Brasília, e ao Ministério do Interior se os garimpeiros se retirassem da estrada imediatamente. Do contrário, estava disposto a mandar dois batalhões do exército para tirá-los na marra. Houve acalorados debates entre os garimpeiros que queriam uma solução pacífica e os que queriam enfrentar o exército. Por fim, os moderados se impuseram. O governador anunciou que iria pessoalmente, em um avião oficial, pegar os representantes dos garimpeiros para irem juntos a Brasília. No fim do segundo dia, quando a fila de veículos já chegava a 25 quilômetros, os garimpeiros liberaram a estrada.

Assim que voltou a Redenção, Pernambuco foi à casa de Hitler. Era hora do crepúsculo, hora em que Tarzan se deitava na rede da varanda e contemplava as estrelas. Mas nesse dia a varanda estava vazia. Pernambuco se inquietou. Sem lhe dar tempo de bater à porta, a mulher de Hitler se precipitou a recebê-lo. Pela expressão de seu rosto Pernambuco soube que havia acontecido alguma coisa

grave. – Tarzan sumiu – disse ela antes que ele tivesse tempo de perguntar. Segundo lhe contou, ao voltar nessa mesma tarde da cidade, encontrara a criada chorando porque o velho, farto de esperar um tal de Silvestre, dissera que ia para "sua casa". – Hitler não estava, e a empregada não conseguiu segurá-lo – gemeu a mulher com lágrimas nos olhos. Hitler ficara sabendo quando ligara do aeroporto, e foi diretamente à delegacia de polícia pedir ajuda. – Mas quem se importa com um velho louco, com a quantidade de problemas que eles têm? – dizia a mulher, desconcertada. – Espero que volte. Ele saiu só de calça.

"Não morreu, já é alguma coisa", pensou Pernambuco enquanto investigava pelas ruas poeirentas de Redenção. Um frentista recordava ter visto a frágil silhueta de um homem velho sem camisa. Ia para a periferia. O dono de uma barraca de sorvete também o tinha visto, e pensou que se tratava de um "louco garimpeiro, desses que invadiram tudo aqui", como disse a Pernambuco, sem saber que tinha razão. Uma prostituta do bairro boêmio que estava pintando as unhas sentada à porta de um bar também reparou em um velho que a cumprimentou gentilmente e parecia ir muito decidido para algum lugar. À saída da cidade, Pernambuco encontrou Hitler, que vinha da periferia, onde havia passado a tarde procurando Tarzan. Estava encharcado de suor, manchado de barro, lívido. – Parece que a terra o engoliu – disse entristecido, enquanto abria os braços em um gesto de desconcerto. Contou que umas crianças tinham visto Tarzan abandonar o caminho que saía da cidade e penetrar na selva. Ninguém sabia de mais nada. Tarzan havia desaparecido. Pernambuco e Hitler pediram ajuda a uns garimpeiros e organizaram uma batida, pensando que o velho estava muito fraco para chegar muito longe. Durante um dia e meio procuraram na direção indicada, mas não encontraram rastro algum. Quando voltaram, desidratados e famintos, e quando a angústia da busca deu lugar à desolação da realidade, Pernambuco e Hitler contemplaram o oceano de vegetação que se estendia além dos limites da cidade e tiveram certeza de que, envolta em névoa, cortada pelos gritos dos macacos na apertada rede de sua ramagem, a selva imóvel, com sua tranquila respiração, não devolveria seu velho amigo. Chegaram à conclusão de que, se aquela havia sido sua última vontade, era melhor respeitá-la. No fundo, o velho sempre havia feito o que queria. Talvez então tivesse encontrado a felicidade perdendo-se na selva. E talvez estivesse renascendo como uma mariposa gigante, ou uma borboleta, ou uma onça-pintada, para assim não ter que abandonar nunca mais as profundezas de sua bem-amada selva.

Pernambuco tinha sentimentos contraditórios de angústia, tristeza e rebeldia. Eram sentimentos compartilhados com muitos outros garimpeiros, para quem a perda desse mítico colega era um símbolo do desamparo em que se encontravam naquela primavera de 1985. Em um pequeno grupo de desesperados, o infortúnio de Tarzan se somava a latentes desejos de vingança. Imperava a necessidade de arranjar um bode expiatório para acalmar a sensação de injustiça da qual se julgavam vítimas.

Convencidos de que a delegação em Brasília não conseguiria a reabertura da mina, uma centena de garimpeiros decidiu pegar as armas e invadir Gorotire. Diante do fracasso das negociações, a guerra.

Pernambuco, cego de dor, também pensou que a culpa de tudo era dos índios. Eles haviam causado sua ruína, precipitado a doença de Tarzan e provocado todas as calamidades que em menos de um mês se abateram sobre sua vida. Hitler tentou dissuadi-lo, mas Pernambuco precisava desabafar, e com esse ânimo se juntou à centena de garimpeiros que, fortemente armados, decidiram "acabar com os índios", como declararam à imprensa.

Em Gorotire se soube da notícia pela Rádio Oriente, e Darrell Posey recorda que os índios organizaram a evacuação das mulheres e crianças da aldeia, enquanto os adultos pegavam em armas. "Os caiapós urdiram um plano de batalha bastante sofisticado, baseado em atrair os garimpeiros para um canavial sem saída, onde os atacariam sem piedade. Estava tudo bem planejado, e só esperávamos o momento fatídico", diria Posey. "Sabíamos que os garimpeiros tinham armas automáticas que haviam entrado de contrabando do Uruguai, mas ninguém podia fazer nada contra isso, nem mesmo a polícia."

A perspectiva de um massacre de índios que causaria um escândalo nacional e internacional serviu de pressão para que as negociações em Brasília se acelerassem. O governador do estado conseguiu cumprir seu compromisso de sentar todas as partes em volta de uma mesa de negociação. Trinta e dois dias depois da invasão, na sexta-feira, 3 de maio de 1985, depois de cinco horas de reunião, o governo decidiu finalmente demarcar os 3,3 milhões de hectares reivindicados pelos índios caiapós. Só depois de o documento estar preparado para ser rubricado pelo presidente José Sarney, Paiakan concordou em discutir a porcentagem sobre a extração de ouro. Não era fácil impor condições sabendo que um grupo de enfurecidos garimpeiros estava marchando para sua aldeia. Mas Paiakan manteve o sangue-frio até o final. Exigiu dez por cento. O governo

e os garimpeiros negaram.

"Então, baixamos para oito por cento", recordaria Paiakan, "depois para sete por cento e finalmente fechamos em cinco por cento, que sempre era melhor que os três por cento inicialmente oferecidos. Tive que dizer ao ministro que não admitiríamos menos de cinco por cento. Que o garimpo continuaria fechado. Então, aceitaram."

Depois do calor do momento, era a vez do cansaço e do medo nos garimpeiros que se aproximavam de Gorotire. Nem Pernambuco nem os outros sabiam com que armamentos os índios contavam. No fundo, todos desejavam que alguma coisa surgisse para impedir a inevitável confrontação. Principalmente Pernambuco, que no longo trajeto não havia parado de pensar em Tarzan, de reviver na mente os bons momentos passados juntos, de recordar seu caráter de homem compassivo. O que ele estaria pensando nesse momento, ao vê-lo disposto a usar a automática contra índios indefesos? O que estaria pensando Sydney Possuelo? Pernambuco, no impulso inicial, não havia percebido que se dispunha a aniquilar índios que talvez fossem os mesmos que um dia o tinham salvado às margens do Xingu, quando, exausto e à beira da morte, se esvaía em sangue. Que tipo de homem era? O que merecia alguém que esquecia aqueles que o haviam ajudado?, perguntava-se enquanto pensava em como se safar. Nas profundezas de sua alma, suplicou que algo surgisse para interromper essa marcha louca. Até pensou em beber água podre para ficar doente e não ter que passar por covarde perante os colegas. Mas, para isso, precisava de um mínimo de tempo, do qual já não dispunha. No limite das forças físicas, atormentado pelos pensamentos mais sombrios, graças à única ligação que os garimpeiros tinham com o resto do mundo – seus rádios de pilha –, soube do final das negociações em Brasília. Ouviram que, "graças aos esforços das autoridades, haviam chegado a um acordo entre índios e garimpeiros". Então, a coluna deteve a marcha. Pernambuco ergueu os braços aos céus e deu um grito que muitos tomaram por um grito de guerra, mas era um grito de alegria. Pela terceira vez em menos de um mês, o derramamento de sangue havia sido evitado.

O antropólogo Darrell Posey foi testemunha da cerimônia oficial de demarcação do território caiapó, poucos dias depois da conclusão das negociações. Um general chegou à pista de pouso de Gorotire em um avião militar. Com sua boina e uma pequena bengala, ia seguido de um grupo de oficiais prontos a atender a qualquer necessidade, enquanto um cinegrafista filmava a cena e uma banda de músicos afinava os instrumentos. O general não

gostou de ver um gringo na multidão e mandou um dos oficiais falar com Darrell Posey: “Estamos fazendo isso só para os índios. Por favor, afaste-se”, pediu.

A seguir, montaram uma tenda de campanha, içaram a bandeira do Brasil e começaram a tocar e cantar o hino nacional e a dar salvas de tiros. Obviamente, a cerimônia havia sido concebida para impressionar os índios e mostrar ao pessoal da região – havia uma delegação de garimpeiros e outra de personalidades de Redenção – que reinava a paz no sul do Pará. Mas a encenação não pareceu emocionar os caiapós. Não mostraram nenhum entusiasmo, talvez por serem pouco expressivos por natureza. Com sua vestimenta de guerreiros, contemplavam, sérios e desconfiados, uma cerimônia feita por brancos para comemorar uma vitória de índios.

No meio da solene cerimônia, uma velha pintada de vermelho e com os seios caídos aproximou-se do general com um facão de meio metro na mão. Era uma tia de Paiakan chamada Eê. Ela interrompeu o discurso do militar soltando uma diatribe furiosa em caiapó enquanto o ameaçava brandindo o facão a poucos centímetros de seu rosto. O homem não mexeu nem um fio de cabelo e aguentou estoicamente a bronca. Não tinha outro remédio. Prender a velha índia naquele momento teria equivalido a uma declaração de guerra.

Mais tarde, o general quis saber o que Eê lhe havia dito, e um dos oficiais pediu a Darrell Posey que traduzisse as palavras da velha. Posey, contrariado por ter sido afastado da cerimônia, vingou-se: “Essa gente são garimpeiros, estão em nossa terra, contaminam nossas águas, matam nossas crianças, trazem malária. Não gostamos deles, e também não gostamos que você não faça nada a respeito. De modo que é melhor ir embora daqui, ou vamos matá-lo!”, disse ao general, que o olhava espantado. “Ele fez uma cara estranha, mas eu cumpri meu dever, que era fazer uma tradução fiel”, contaria Posey.

A seguir, índios e militares se sentaram na tenda de campanha para discutir os planos da demarcação. Para Paiakan, aquilo representava sua consagração como líder dos caiapós e como embaixador de seu povo na sociedade dos brancos. Graças à firmeza de seus propósitos e a sua habilidade de manobra, conseguira obter a assinatura do presidente da República em um documento que lhes garantia uma extensão do tamanho da Holanda. Mas o mais notável é que havia conseguido tudo isso sem um único tiro nem uma bordunada.

O reverso da medalha é que os índios tiveram que reabrir o garimpo, algo a que Paiakan se opunha. Mas teve que ceder diante da insistência de sua própria

gente. Os mais jovens queriam esse dinheiro para continuar comprando gadgets inúteis sem necessidade de trabalhar, mesmo que tivessem que suportar por muitos anos a contaminação do rio. Haviam ganhado uma importante batalha política, mas acabaram perdendo um pouco da própria identidade. Tal como Paiakan havia previsto, o dinheiro fácil de Maria Bonita serviu para que a corrupção chegasse ao seu povo. Logo havia ricos e pobres em uma sociedade que sempre fora igualitária, desde o princípio dos tempos. O filho de um cacique de Gorotire mandou construir uma casa de dez quartos com uma varanda em volta. Com as primeiras coletas, mandaram instalar na aldeia uma gigantesca antena de tevê para não perder nenhuma novela da Rede Globo e para captar programas por meio de satélite. Contra isso, nem os índios mais apegados às tradições podiam. O próprio Paiakan começou a gostar de bebida. O dilema se resumia a aculturar-se – e perder parte da própria identidade – ou deixar-se morrer, como tantos milhões de índios sul-americanos nos cinco séculos anteriores. Nem Paiakan nem qualquer outro líder podiam fugir do vento da história.

Em 16 de junho de 1985, os donos das máquinas voltaram a Maria Bonita. Eurípides encontrou o estoque de sua loja totalmente vazio, e os documentos dos fornecedores desaparecidos. Os índios haviam distribuído entre si todos os facões utilizados pelos garimpeiros para cortar raízes. As índias apropriaram-se de todas as bermudas e camisetas. “De calçados, roupa e coisas de comer, não restou nada”, contaria Eurípides. “Quanto a peças de reposição, mangueiras, motores e bombas, roubaram uma parte e outra misturaram com as de outras lojas, de modo que foi impossível saber o que era de quem.” O dono da Casa do Garimpeiro abriu o tempo necessário para tornar a fechar: “Nunca mais vão me ver em terra de índios”, declarou antes de partir.

*

Pernambuco havia perdido absolutamente tudo. Suas máquinas estavam enferrujadas, as mangueiras quebradas, o barraco totalmente saqueado. Perambulou durante alguns dias sem saber o que fazer dos barrancos nem da vida, enquanto Maria Bonita voltava lentamente ao ritmo normal. Mas, embora tudo recuperasse o aspecto anterior à ocupação, nada mais era como antes. Sem Tarzan, aquilo era um lugar inóspito onde um novato como Pernambuco estava à mercê dos urubus que iam tomar o lugar de quem havia perdido tudo. Chegou muita gente de fora, mais do que havia antes da ocupação. Um negro do Maranhão interessou-se pelos barrancos de Tarzan e lhe ofereceu certa quantia.

Pernambuco tentou se associar a ele, mas o negro não quis. Então, consultou Hitler, porque sempre restava a dúvida de o velho estar ou não morto. No fundo, teria sido melhor para os dois vê-lo morto que sabê-lo desaparecido. Sem verificar com os próprios olhos ou sem ir ao enterro, um morto não é um morto, e é difícil tomar decisões em nome de um enigma. Viviam com a remota esperança de que o velho reaparecesse no dia menos esperado, com a mãe ao lado e perguntando por seus barrancos. Era um sonho louco, sem fundamento, quando paravam para pensar, e que acabava sendo nocivo, por ser obsessivo. Perseguia-os dia e noite porque era agradável pensar que Tarzan reapareceria, mas, no fim, só restava a frustração de manter uma esperança vã.

Precisavam tomar uma decisão. Pernambuco saldou as dívidas pendentes com o dono da lanchonete entregando-lhe todas as máquinas. Como não havia arranjado dinheiro nem sócios para reabrir o garimpo, ambos concordaram em aceitar a oferta do negro e, com isso, pagar parte das outras dívidas. Pernambuco compreendeu que era o mais razoável e concordou, mas foi uma decisão difícil, porque desfazer-se dos barrancos era como matar o velho definitivamente. Negociou a quantia com o negro e pagou os diversos credores do garimpo, guardando uma parte para Zé Rosaldo, o empresário milionário que os havia tirado da bancarrota. O resto cabia a Hitler, que havia custeado de seu bolso incontáveis viagens e compras de alimentos enquanto o garimpo não produzia. Mas Hitler não aceitou: “Fique você com isso. Eu sempre posso voar para os outros e continuar ganhando”. Nesse momento, Pernambuco pensou que Hitler era tão boa pessoa quanto o velho, e aquilo o fez sentir no coração, com uma intensidade mais dolorosa que nunca, a dor da separação.

Pernambuco não sabia aonde ir nem o que fazer. Rondava-lhe a cabeça a ideia de explorar, como Tarzan lhe havia ensinado, as terras de Rondônia. Mas era difícil pensar em fazer essa vida sozinho não tendo no sangue o talento do velho italiano. Precisava de um sócio, ou um amigo, ou talvez uma mulher. O que tinha visto da vida de Hitler o deixara maravilhado. Uma mulher como Deus manda era o que precisava nessa época da vida, mesmo que fosse só para consolá-lo pela perda do único amigo. Claro que Hitler era um piloto, e os pilotos sempre conseguem sobreviver, e quando se consegue ganhar a vida se arranja mulheres decentes, mesmo que sejam putas. Mas Pernambuco não era mais que um pistoleiro que por acaso havia tido o privilégio de viver a grande aventura de um garimpo ao lado do melhor mestre, e que agora não tinha mais nada.

Pouco a pouco foi colocando as esperanças em Zé Rosaldo. O que

Pernambuco podia lhe devolver era ridículo. Mas sabia que alguém tão rico não podia ser afetado por essa dívida. Porém, ele apreciaria o gesto de lhe devolverem uma parte do dinheiro, por mais ínfima que fosse. E talvez Pernambuco conseguisse ajuda para montar um pequeno negócio, como outro açougue, por que não? Ou uma loja de comestíveis. Sempre era bom ter um padrinho poderoso. Assim que chegou a Redenção, entrou em contato com o gerente de Zé Rosaldo, aquele indivíduo seboso e suado.

– Vim saldar minhas dívidas – anunciou Pernambuco.

– Ah é? – respondeu o outro, erguendo a sobrancelha. – E quanto vai nos devolver?

– Vinte mil cruzeiros – respondeu Pernambuco muito sério. O gerente começou a rir.

– Acho que o Zé vai querer mais dinheiro.

– É o que tenho. Vendi tudo, e isso é o que me resta.

– O Zé não é uma freira da caridade – disse o gerente. – Ele é um homem de negócios e não gosta de perder dinheiro. É a coisa que ele menos gosta no mundo.

– Entendo, mas a invasão dos índios era imprevisível.

– O Zé não se importa com essas coisas. Ele só quer sua grana.

– Vou devolver. Há outras maneiras de pagar o dinheiro que se deve.

– Ah é? – inquiriu o outro. – Quais?

– Estou pensando em montar uma loja, um pequeno negócio.

– Com que grana? – interrompeu o gerente.

– É justamente disso que eu queria falar com o Zé.

– Estou entendendo. Mas pode tirar isso da cabeça. Já lhe disse que o Zé não é uma freirinha caridosa, nem banqueiro.

“Merda!”, pensou Pernambuco. “Mil vezes merda!”, repetiu com seus botões, pensando em como havia sido estúpido por não ter caído fora com o dinheiro que Hitler lhe havia deixado. Estava furioso consigo mesmo por sua ingenuidade. Fizera o que Tarzan teria feito, mas esquecera que ele não podia se permitir ser generoso e cavalheiro como um garimpeiro qualquer. Sem Tarzan,

ele não era garimpeiro; não era nada, só um sujeito endividado. Mas já era tarde demais para voltar atrás; caíra na própria armadilha.

– Estamos acostumados a que os garimpeiros acabem falindo – disse o homem em tom mais conciliador. – Ter dívidas não é pecado. O pecado é não querer pagar.

– Nisso estamos de acordo.

– Você reconhece que o Zé lhe deu muito dinheiro, não é?

– Sim.

– Então temos que chegar a um acordo, porque o Zé precisa de gente como você. O que sabe fazer, além de cortar carne e cavar em busca de ouro?

Com aquela pergunta, o gerente começou a tecer uma invisível teia em volta de Pernambuco, uma teia da qual lhe seria impossível fugir. Só quando foram ao boteco beber umas doses de pinga e quando o gerente começou a falar das fazendas de Zé, dos numerosos posseiros que as invadiam, dos inimigos – pura inveja, dizia – que haviam jurado de morte seu patrão, de como os latifundiários estavam se organizando para não permitir uma reforma agrária propiciada pelos "comunistas" que haviam tomado o poder em Brasília, só então Pernambuco soube que seu tempo de homem livre havia acabado. Havia passado de depender da proteção de Tarzan a depender da proteção de um empresário latifundiário que se chamava Zé Rosaldo e a quem mal conhecia. Como na Idade Média, seu senhor feudal perdoaria suas dívidas e lhe pagaria em troca de sua devoção e lealdade, ou seja, em troca de seus serviços de pistoleiro, tão necessários nessa nova época de incerteza política. Essa foi a proposta que lhe fez o gerente antes de partir. Que longínqua pareceu a Pernambuco, de repente, sua vida de garimpeiro, protegido das desventuras e dos perigos do mundo pela sabedoria e amizade do velho Tarzan! Como sentiu que ele não estivesse ali para poder ir embora com ele para o coração da selva e poder fugir, assim, das garras do próprio destino! Como sentiu sua falta naquele boteco da poeirenta cidade de Redenção, enquanto esvaziava garrafa atrás de garrafa de pinga até cair de bruços no chão, dormindo um sono de bêbado do qual gostaria de não acordar nunca mais! Porque Pernambuco sabia que sob a aparência da proposta escondia-se uma ordem à qual era melhor obedecer, porque senão a lei do mais forte, a única que impera na Amazônia, se abateria desapiedada sobre ele.

37

Washington/Brasília – abril a outubro de 1985

Mary Allegretti esperou o final do funeral de Tancredo Neves para ir a Washington. Apesar de o presidente ter falecido antes de tomar posse, seu governo havia assumido o poder, o que significou um passo fundamental no processo de liberalização política. Embora o sucessor de Tancredo Neves, José Sarney, fosse um homem que havia apoiado o governo militar, sem o carisma e o apoio popular de seu predecessor, reconheceu que sem reformas políticas urgentes o país estava fadado ao caos.

Aquela viagem aos Estados Unidos serviu a Mary para estreitar laços com os ecologistas norte-americanos, especialmente com Steve Schwartzman. Apesar de ter passado bastante tempo na Amazônia reunindo dados para sua tese, o norte-americano nunca ouvira falar dos seringueiros, nem sabia que podia haver tantos. Também não sabia nada sobre a Batalha da Borracha, que custara a vida a mais de 50 mil seringueiros em um programa financiado e concebido pelos Estados Unidos. O que Schwartzman, Bruce Rich e Barbara Bramble vislumbraram ao ouvir Mary e Tony Gross foi a peça que faltava para sua estratégia: gente que havia anos protegia a selva porque era a única maneira de proteger a si mesmos do extermínio. Uma gente pela qual era preciso lutar. Era um argumento mais poderoso para a proteção das selvas tropicais que a sorte de pássaros e plantas. Ou até dos índios, membros de culturas distantes e anacrônicas. Pensaram que a possibilidade de juntar as duas iniciativas – a luta dos seringueiros e a campanha contra os bancos – faria que ambas se fortalecessem.

Desse modo, as diferentes motivações de um grupo de americanos, de um inglês e uma brasileira uniram-se em uma direção comum. O momento era oportuno, não só por conta do encontro de seringueiros que estava perto de ocorrer, mas porque uma nova ameaça surgia no horizonte: o Banco Interamericano de Desenvolvimento acabava de anunciar o asfaltamento da estrada entre Porto Velho e Rio Branco, capital do Acre. Um projeto que, se não incluísse medidas eficazes para proteger os seringueiros e os índios, acabaria de uma vez por todas com essas populações “contrárias ao progresso”, como eram chamadas pelos latifundiários do Brasil.

Quando Mary Allegretti voltou de Washington, fez correr a notícia por toda a bacia do Amazonas, por meio do sindicato e da Igreja, de que seria celebrado um encontro em Brasília. A primeira reação de Alfredo Eustáquio em sua favela de Rio Branco foi ir ao sindicato se inscrever. Com seus 62 anos, estava cansado, cheio de dores e sacudido pelos espasmos de uma tosse seca e persistente, típica dos seringueiros que haviam passado horas demais defumando látex. Mas não estava disposto a perder a única oportunidade que surgia em sua vida de reivindicar seus direitos como soldado da borracha. Além disso, a reunião tinha uma vantagem inegável: todos os gastos corriam por conta dos organizadores. De modo que Alfredo Eustáquio tirou de uma caixa de sapatos umas folhas amarelas e amassadas – seu contrato de soldado da borracha, que havia sobrevivido milagrosamente à umidade e às vicissitudes de tantos anos na selva –, colocou-as no bolso e saiu da choupana, caminhando devagar para não se cansar.

Ao mesmo tempo, nos lugares mais recônditos da selva, outros seringueiros iam de canoa e a pé até onde houvesse um escritório do sindicato ou, na falta de um, um telefone ou uma emissora de rádio. Mary não conseguia dormir por conta da quantidade de ligações que recebia durante o dia e a noite. A maioria era de soldados da borracha que saíam das trevas da história para perguntar onde, como e quando se daria o encontro. Mary estava estupefata. Depois de cem anos de esquecimento, eles começavam a sair das sombras.

Dez dias antes do início do encontro, enquanto estava freneticamente solucionando uma série de problemas imprevistos, recebeu uma ligação que despertou nela um interesse especial. Não era de nenhum seringueiro, e sim de um diretor de documentários chamado Adrian Cowell, que lhe havia sido apresentado em Washington por Steve Schwartzman. Homem de visão, de grandes estratégias, para Adrian Cowell o trabalho de cineasta não era mais que um meio para mexer com a consciência dos homens acerca dos danos irreversíveis que infligiam à natureza e a si mesmos. Queria mostrar como a destruição da selva reflete o absurdo do mundo “civilizado”. Um dos episódios de sua série A década da destruição havia sido determinante para influenciar os políticos de Washington, em particular Robert Kasten, o senador conservador que mais tarde não fez rodeios para se aliar à campanha de Bruce Rich contra o projeto Polonoroeste.

Mary Allegretti havia sucumbido ao magnetismo daquele inglês alto, de barba branca e bem cuidada, observador e introvertido, que emanava uma

inconfundível autoridade e uma sábia calma. Adrian, que estava na metade da realização de sua série, buscava algo esperançoso no meio do holocausto, porque sabia que não bastava mostrar a destruição para conquistar o interesse do público. Precisava do lado positivo. Steve lhe falara dos seringueiros e o havia aconselhado a conversar com a pessoa que melhor os conhecia. Ao passar por Brasília alguns meses antes, convidara Mary Allegretti para almoçar, e ela havia lhe contado a sanguinária luta dos seringueiros e como estavam concebendo a ideia de criar reservas para a extração e a coleta. O inglês havia mostrado um grande interesse, porque aquilo parecia uma resposta a tudo que o havia preocupado durante os últimos trinta anos de sua vida. Também se entusiasmara com os olhos verdes de Mary Allegretti, com sua vitalidade e encanto. Ambos compartilhavam o mesmo sentimento de impotência diante do que estava acontecendo na selva e ambos queriam encontrar uma solução. De resto, eram diferentes em tudo. Ela, nervosa, impaciente e ativa. Ele, reflexivo, fleumático, enigmático. Mas os dois se apaixonaram, e, nos três anos que durou o relacionamento, fizeram mais para salvar a selva da destruição que muitas ações grandiloquentes de organizações ambientais, de governos ou de instituições.

Adrian ligou de novo de Rondônia, onde estava filmando as grandes queimadas da estação seca. Queria se certificar de que o encontro ia acontecer. Mary lhe garantiu que uma grande representação compareceria, e que seria um acontecimento único. Adrian disse que chegaria a Brasília com toda a sua equipe. Mas, assim que desligou, Mary percebeu o despropósito daquilo. Faltavam dez dias para a abertura, e ainda não tinha nem ideia de como fazer toda aquela gente chegar. Nenhuma das organizações que haviam se comprometido a colaborar tinha enviado ainda sua contribuição, e tinham que pagar os ônibus e a comida. Desesperada, ligou para o irmão, um homem de negócios que lamentou não dispor da soma necessária. Ligou também para seu ex-marido, que respondeu a mesma coisa: “Quarenta mil cruzeiros em uma noite?! Sinto muito, mas é impossível”. “Eu havia organizado tudo e não tinha meios de fazer ninguém chegar”, recordaria Mary Allegretti. “Estava arrasada, e fiz a única coisa que podia, dadas as circunstâncias: chorei.”

Sem a confirmação da data da viagem, mais de um seringueiro pensou que o encontro não aconteceria. Estavam acostumados a ver planos grandiosos desmoronarem antes de ver a luz. Sua própria história de vida os havia feito desenvolver uma forte consciência do fracasso. Por isso eram fatalistas e desconfiados. Mas Mary Allegretti era o oposto. Lutava sempre até o fim, e no

caminho aguentava estoicamente golpes e percalços. Sua desesperada solicitação à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil permitiu salvar o encontro. No último momento, aceitaram antecipar uma soma por conta.

Antes da viagem, disseram a Alfredo Eustáquio e aos outros seringueiros que havia gente no mundo preocupada com a Amazônia, e que essas pessoas chegariam a Brasília provenientes de lugares muitos distantes, como Washington. Isso bastou para lhes devolver o entusiasmo de outrora, para que voltassem a se sentir participantes de uma missão histórica. Era o mesmo sentimento que haviam experimentado ao abandonar o sertão e embarcar em navios abarrotados para lutar contra os nazistas coletando látex. Um sentimento de plenitude, alimentado pela segurança de que sua causa era justa.

Em 8 de outubro de 1985, Alfredo Eustáquio embarcou junto com os outros em um ônibus da empresa Colibri. Depois de tanto tempo passado na favela, a companhia de seringueiros recém-chegados da mata lhe devolveu a vontade de viver. Estava com os seus, e ouvindo suas histórias entrava de novo em contato com a saudosa floresta: porque um raio havia derrubado uma castanheira, porque fulana havia se casado, e sicrano estava ameaçado... Alguns tinham levado violões, acordeões e violas, e passavam as horas nos ônibus cantando hinos e baladas dos dias gloriosos da Batalha da Borracha: “A origem da minha viagem/a esta santa terra/é porque em 1943/o mundo estava em guerra...”.

Atravessaram Rondônia pela BR-364, cheia de buracos. A alegria do início deu lugar à angústia. Em outubro acabava a estação seca, e o ar estava impregnado da cinza dos grandes incêndios provocados por camponeses e latifundiários. Grandes chamas se erguiam no céu, e uma névoa preta cobria os campos cheios de poças e tocos de árvores. Não muito longe, por outra estrada recém-aberta circulava apressadamente o jipe de Adrian Cowell, cheio de material de filmagem. Durante três dias e três noites, Adrian e seu cinegrafista Vicente Rios viveram um verdadeiro inferno atravessando o túnel de fumaça e fogo em que a estrada do vale do Guaporé havia se transformado. O espetacular recrudescer do desmatamento e os incêndios em toda a Amazônia eram consequência do anúncio de reforma agrária do novo governo democrático. Com o compromisso de assentar meio milhão de famílias sobre 12 milhões de hectares, os fazendeiros – temerosos de perder seus privilégios e parte das terras das quais se haviam apossado – passaram a cortar e queimar freneticamente para exigir seus direitos sobre a máxima superfície, antes que a terra fosse redistribuída. Diante da insegurança de uma reforma agrária, optaram pela

segurança que a destruição proporcionava. Absurdo assim era o sistema.

Ao sul de Rondônia, quando já não restava mais nada para queimar porque tudo havia sido arrasado na primeira onda dos anos 1970, a paisagem foi mudando. Já não havia fumaça nem cinza que se colasse à roupa e ardesse nos olhos.

Durante horas e horas desfilava uma paisagem fantasmagórica de campos cinzentos onde nada crescia e terras abandonadas e abrasadas por um sol implacável. Era como uma imagem do futuro para os seringueiros que contemplavam a paisagem da janela do ônibus. Impressionados com a desolação do deserto, com as proporções gigantescas da devastação, não encontravam palavras para expressar o que sentiam. Já não cantavam nem faziam piadas. Mergulhavam em uma meditação melancólica. Às margens da estrada, a imagem de viajantes sentados sobre as malas tipicamente enroladas em um plástico para evitar que o pó contaminasse o interior era como uma lembrança do desarraigamento ao qual os pobres do Brasil pareciam estar condenados. Nos povoados que a caravana atravessava, sobre os tetos de zinco dos casebres de madeira erguia-se uma multidão de antenas de televisão, e quando os ônibus paravam, crianças andrajosas se aproximavam das janelas para vender empadinhas, docinhos de coco ou croquetes de galinha para aqueles passageiros do fim do mundo. Então, de barriga cheia, sentiam renovada vontade de cantar. Fechavam as cortininhas para se proteger do sol quente e, acima de tudo, para se afastar daquela paisagem premonitória.

Ao deixar a Amazônia, os ônibus subiram para as terras altas e secas de Mato Grosso. A estrada já estava asfaltada. As chuvas pararam, e a brisa noturna ficou mais fresca. A seguir, atravessaram o Planalto – a meseta varrida pelo vento e pelo sol onde fica Brasília. De muito longe divisaram as esbeltas silhuetas dos edifícios de aço e vidro do Congresso, símbolo do poder que havia se obstinado em ignorá-los durante mais de um século.

A IMAGEM DESSES NÁUFRAGOS DA história, vestidos como três décadas antes e perambulando pelos arredores do edifício futurista da Faculdade de Tecnologia, não podia deixar de impressionar. De longe, pareciam mais favelados que participantes de um congresso, mas, ao ouvi-los falar, com seu jeito antigo e direto, e ao observar seus suaves modos, era impossível classificá-los.

No primeiro dia, um dos organizadores pediu que o encontro fosse aberto com um poema. Um seringueiro magro e seco, de grandes olhos pretos, ergueu a mão.

Ninguém o conhecia. Chamava-se Jaime da Silva Araújo e provinha do interior do estado do Amazonas; ouvira falar do encontro de última hora por um missionário, e havia aproveitado umas das passagens de avião disponíveis. Dirigiu-se aos presentes e, com voz grave, pediu silêncio. Tirou do bolso um papel amassado e recitou:

Seringueira que estais na selva,

Multiplicados sejam teus dias.

Venha a nós teu leite.

Seja feita nossa borracha

Assim na gráfica como na caixa.

O sustento de nossas famílias nos dai hoje, e todos os dias.

Perdoai a nossa ingratidão

Assim como nós perdoamos as maldades do patrão.

E ajudai-nos a nos defendermos

Das garras do ambulante.

Amém.

Entre risos e aplausos, Jaime recordaria por toda a vida com orgulho ter sido "o primeiro seringueiro que falou para o Brasil". Os tecnocratas, políticos e professores que Mary Allegretti havia convidado estavam pasmos. "Era incrível", diria o reitor. "Éramos o que se diz 'gente culta' e não sabíamos nada sobre eles." Quando viu Jaime Araújo puxar sua faca de seringa, o reitor se dirigiu à audiência, na qual havia deputados, senadores e ministros. Confessou que havia passado toda a vida ensinando a história da borracha e nunca tinha visto uma faca dessas de perto. "Percebi quão longe da realidade estamos nas universidades", diria mais tarde, "e devo confessar que me sentia um pouco envergonhado."

Graças à força de sua personalidade, Jaime acabou sendo o mestre de cerimônias do encontro. "Nas horas de chuva na selva", contava em suas entrevistas, "começam a se ouvir vozes, como de mulheres, que vêm de todo lado. Você olha em volta e ouve aquela música, aquela sonoridade tão bonita que

enfeitiça, e então você fica ali quieto, sorrindo, e a partir daí o sofrimento do seringueiro se transforma em alegria. E o seringueiro canta, dança, compõe poesias sem saber, de coração, e um dia as recita em um casamento, em uma partida de futebol, em uma reunião religiosa ou no encontro aqui em Brasília. Mas o normal é que se percam, que os versos fiquem sepultados no seio da selva, sem que a grande civilização chegue a conhecê-los." Alfredo Eustáquio não conseguia ouvir essas palavras sem sentir uma profunda saudade. Quanto teria dado para voltar a sua colocação, para voltar a sentir a emoção de um aguaceiro, o secreto prazer do látex correndo pelas ranhuras da casca, o cheiro de presunto da borracha defumada!

No terceiro dia Chico Mendes apareceu. Por sua câmera, Adrian Cowell foi testemunha de como sua personalidade se impôs às numerosas reivindicações e à desordem reinante. Se Jaime era o poeta e Mary a organizadora, Chico Mendes foi o líder que soube unir as diferenças políticas em uma postura comum, enfrentando um sem-fim de problemas. Quando voltaram dos Estados Unidos, Mary Allegretti e Tony Gross haviam lhe contado do interesse das organizações ecologistas em encontrar aliados locais, e de como essa aliança constituía uma esperança real de fortalecer o movimento dos seringueiros. Explicaram-lhe que o resto do mundo não se importava que um punhado de gente eliminasse a ferro e fogo uns indivíduos que eram considerados peso morto. Mas que se emocionavam quando ouviam dizer que a selva estava desaparecendo, que milhares de animais e milhões de espécies de plantas estavam se extinguindo. Essa era a realidade. Até no Brasil, e graças à democratização, erguiam-se as primeiras vozes exigindo uma mudança em relação à Amazônia. Chico Mendes, embora no início não entendesse bem a relação profunda que existe entre a injustiça social e a destruição da natureza, sabia que todo movimento precisava de um novo enfoque para sair do estancamento.

Primeiro, era urgente tirar os seringueiros do torpor, do sono em que ainda estavam imersos. Para isso, ele e Mary Allegretti convidaram Roberto Santos, prestigioso catedrático de Economia da Universidade Federal do Pará, para dar uma palestra sobre o mercado da borracha. Então, os seringueiros ouviram pela primeira vez falar da existência das plantações asiáticas (que existiam desde 1911!), cujos preços competitivos haviam precipitado o final do boom no Brasil. Roberto Santos disse que 1 quilo de borracha natural importada da Malásia ao porto de São Paulo saía mais barato que 1 quilo de borracha amazônica, por problemas de distribuição e de qualidade. Também disse que a borracha

amazônica tinha mercado só porque existia uma política de proteção do governo, algo que muito poucos conheciam. Em outras palavras, informou que o mundo havia mudado, que já não eram necessários e que aí estava a origem de sua miséria. Foi uma verdadeira comoção. Furiosos e indignados, os seringueiros interromperam Santos com uma forte vaia, e Osmarino Amâncio, um dos líderes radicais, arrancou-lhe o microfone das mãos. Perdido no meio da multidão, um velho soldado da borracha começou a chorar porque acabava de descobrir a existência da borracha sintética. "Em 1985 eles ainda tinham na cabeça a ideia de que trabalhavam para a nação", diria Mary Allegretti, "de que haviam ajudado a conquistar a paz mundial produzindo borracha para as forças aliadas. Abrigavam a esperança de que o país os reconhecesse, um dia, como heróis por haverem salvado o mundo da dominação nazista." E esse catedrático fora jogar neles um balde de água gelada. Era muito duro reconhecer que o ideal ao qual haviam entregado a vida deixara de existir fazia tempo. Nem mesmo Jaime, o poeta, pôde com isso. Uniu-se à forte vaia que obrigou Roberto Santos a abandonar o palanque.

Era difícil mudar o foco das reivindicações, passar de um discurso exclusivamente voltado aos velhos conceitos de justiça social, direitos dos trabalhadores e reforma agrária, a um discurso ecologista. Chico teve que enfrentar os sindicalistas puros e duros, os mais radicais, que viam na preocupação ecológica um passatempo para a classe média. Os mesmos que haviam sabotado a intromissão de Mary Allegretti nas escolas tacharam de "burguesa" a proposta de transformar os seringueiros em defensores do meio ambiente. "Que importam os motivos, se juntos podemos nos ajudar?", perguntava Chico Mendes, sempre pragmático.

Então, no final do encontro, Steve Schwartzman, o antropólogo roqueiro, apresentou-se com seus jeans puídos, sua camiseta amassada e seu ar de eterno estudante. "Eu me sentei ao seu lado", recorda Steve, falando de Chico Mendes. "Não era uma presença imponente, não era alguém que se destacasse por seu carisma. Era mais um sujeito simpático, e me pareceu interessante que um líder popular fosse tão tímido e humilde. Precisei de longas conversas com ele e com outros seringueiros para recompor a história do que havia acontecido no Acre e para me dar conta do incrível valor e coragem que Chico representava. E o mais notável é que ele dispunha de uma alternativa positiva: a ideia de reservas 'extrativistas'." O nome havia surgido em uma reunião, antes do encontro, na qual haviam sido citadas as reservas indígenas como exemplo do que os

seringueiros deveriam exigir para si. “Não somos índios, somos extrativistas”, objetou um deles. Daí saíra o termo.

“Um grupo, a própria base, exigia um papel nos projetos capazes de alterar seu ambiente e de modificar sua vida, e era exatamente disso que necessitávamos para dar continuidade à campanha contra os bancos”, contaria Steve. “O primeiro passo era dizer: essa gente existe, vive na selva, a Amazônia não é um vazio demográfico. Depois, tínhamos que encontrar algo que pudéssemos fazer juntos. Havia o negócio da estrada. O asfaltamento estava provocando uma nova escalada dos preços da terra e atraindo uma nuvem de especuladores dispostos a arrasar tudo. A melhor maneira de preservar áreas para seringueiros e índios era justificando as reservas extrativistas. Se a borracha estava em decadência, era preciso enfatizar novos usos, novos produtos. Para isso, era necessário pesquisar.”

Tentou explicar-lhes a relação entre a luta dos seringueiros contra os latifundiários e sua própria luta em Washington contra os bancos. Ambas enfrentavam um modelo de desenvolvimento imposto de cima, que não levava em conta nem as populações locais nem o irreversível dano ecológico. Os seringueiros não captavam os matizes, mas entendiam o básico, porque nos últimos anos haviam se empenhado em buscar resposta para uma pergunta que não paravam de fazer a si mesmos: Como se pode chamar de desenvolvimento aquilo que se baseia em tanta destruição?

Destruição, entre outras coisas, do maior reservatório medicinal do mundo, como recordaram outros oradores. Depois da surpresa de saber que se fabricava borracha do petróleo, e não das árvores, ouvir a importância da selva para os homens devolveu aos seringueiros a esperança de que não a destruiriam totalmente. Souberam que um de cada quatro medicamentos das farmácias deve a existência a substâncias obtidas nas florestas equatoriais e tropicais, que 1.400 plantas silvestres contêm princípios ativos contra o câncer. Que quatro de cada cinco crianças sobrevivem à leucemia graças aos produtos de quimioterapia vinblastina e vincristina, extraídos da pervinca. Que até o relaxante muscular usado nos centros cirúrgicos é extraído de uma planta amazônica, o Chondodendron tomentosum. E não havia apenas produtos medicinais: em desodorantes, loção após barba, batom, celofane, dinamite, verniz de móveis ou esmalte, discos, raquetes de tênis, revistas ou cartas utiliza-se algum ingrediente cuja origem está na selva, como borrachas, colas, resinas, ceras, tinturas, taninos, óleos essenciais, apenas para citar alguns mais comuns. Ainda havia muito a

pesquisar, explicava Steve Schwartzman, muito a explorar de uma maneira não destrutiva para o meio ambiente. Por aí era possível vislumbrar um porvir digno para os moradores da selva, que não dependeriam, assim, dos caprichos de um único produto, como a borracha.

A aliança entre ecologistas que em grande parte representavam a comunidade científica e alguns seringueiros foi selada, apesar da oposição e da incompreensão de muitos. O que parecia algo inviável tornou-se possível graças à flexibilidade e à inteligência de Chico Mendes e à determinação do homem que estava sendo testemunha privilegiada de tão insólita reunião. Adrian Cowell se surpreendeu com a rapidez com que o seringueiro entendia conceitos novos, com seu jeito de falar, equiparando seu amor inato pela selva e a ecologia. Pensou que promover esse indivíduo barrigudo e tranquilo contribuiria para que o movimento tivesse mais eco. “Assim como as formigas defendem as árvores das quais se alimentam, a sobrevivência da selva do Amazonas depende das espécies humanas que a defendem – os seringueiros, os pescadores dos rios, os caboclos e os índios”, escreveu Adrian Cowell em seu diário. Ele havia entendido que promover a causa dos seringueiros podia ser um fator decisivo para deter a devastação. – O que você tem ali – disse a Mary – é um movimento social de defesa da selva, algo único no mundo. Aonde vocês forem, eu os seguirei.

Alfredo Eustáquio voltou ao Acre com uma esperança renovada. Quando um jornalista da televisão local lhe perguntou se tinha vontade de viver de novo na selva, ele respondeu: “Tenho a maior vontade, porque sou filho da mata como qualquer uma dessas árvores, qualquer inseto, qualquer animal”. No fim do encontro, vira o manifesto dos seringueiros******** – que exigia do governo um sistema de saúde eficaz, um sistema educacional e as pensões e indenizações adequadas – ser entregue ao presidente do Congresso, que, por sua vez, prometeu encaminhá-lo ao presidente Sarney. Ver o documento nas mãos de alguém tão importante o fez acreditar que logo se faria justiça com os soldados da borracha como ele. Uma pequena pensão era tudo o que precisava para que alguns filhos seus pudessem estudar e para tirar a família da indigência. Assim, recuperaria sua dignidade de pai de família. Era uma tênue luz no caminho, mas, para alguém que havia perdido tudo, era mais que suficiente para seguir em frente.

******** Nele se falava, também, da criação do Conselho Nacional de Seringueiros, o primeiro órgão de representação dos seringueiros. O presidente escolhido foi Jaime da Silva Araújo, o seringueiro poeta. (N.

A.)

QUARTA PARTE

A ÓPERA SELVAGEM

(1985-1990)

38

O mês de julho marcava o início das queimadas na região de Xapuri. No Seringal Nazaré, propriedade da companhia de carne Bordon,******** começava o ciclo anual de desmatamento, e, com isso, o recrudescimento dos conflitos com os seringueiros que lutavam havia mais de dez anos para evitar serem expulsos. Nazaré era também o lugar onde Mary Allegretti havia fundado a primeira escola. Dois meses antes, em maio de 1986, o proprietário Geraldo Bordon havia recebido permissão do Instituto Florestal para arrasar 690 hectares de selva. Os seringueiros suspeitaram de mais um caso de corrupção administrativa (a licença ia contra a lei florestal que proíbe o corte de castanheiras e de áreas ricas em seringueiras, como era aquele seringal), e imediatamente organizaram uma série de empates – com Chico à frente – nos quais acabaram dissuadindo os peões de continuar cortando.

Embora nesse ano as mulheres e as crianças houvessem começado a participar dos empates, Ilzamar Mendes permaneceu no seringal de seu pai. Estava grávida pela segunda vez. Tivera de se acostumar à vida solitária de esposa de um seringueiro sindicalista, mas em 2 de agosto de 1986 teria gostado que o marido estivesse por perto. Fazia bastante tempo que sofria febres intermitentes e hemorragias fracas, mas constantes. Ainda faltava um mês para o parto, mas nessa mesma tarde, depois de sentir fortes contrações, havia desmaiado. Ao cair da noite, as dores ficaram tão insuportáveis que os irmãos tiveram que levá-la até a pequena cidade de Brasileia. Chico estava com Adrian no Seringal Nazaré, a 60 quilômetros de distância. O cineasta estava filmando o episódio sobre os seringueiros para sua série A década de destruição. Ilzamar, atendida por uma parteira, teve um parto prematuro. Deu à luz dois gêmeos, e, no dia seguinte, voltou ao seringal, tão fraca e magra que parecia um milagre que se mantivesse em pé. Poucas horas depois, sentiu dores violentas. Seus irmãos e seu pai a deitaram em uma rede e a levaram de novo para a cidade. Apesar do estado em que se encontrava, não a atenderam no hospital: os pacientes pobres eram atendidos no ambulatório ao lado. Ali, no meio de pessoas que se esvaíam em sangue por conta de ferimentos provocados por uma motosserra, de crianças desidratadas pela disenteria, do cheiro de éter e de urina e de um calor pegajoso, abriram seu ventre para descobrir a origem do mal. A parteira havia esquecido de retirar metade da placenta, o que havia provocado infecção e hemorragia interna.

Um de seus irmãos, ao vê-la tão esquálida e se retorcendo de dor em um canto do ambulatório, achou que não sobreviveria.

No seringal onde estava com Adrian, Chico soube pelo rádio que sua mulher estava à beira da morte. O seringueiro pensou em um acidente; mas quando lhe disseram que se tratava de um parto prematuro, lembrou-se da mãe. O destino das seringueiras parecia se repetir com uma sórdida monotonia, comentou com Adrian enquanto este dirigia o jipe apressadamente por um caminho da selva; mães mortas no parto davam à luz filhas que morreriam de parto. O seringueiro e o cineasta se chocaram ao ver, no meio das moscas revoando pelo ambulatório, Ilzamar com aspecto cadavérico, cercada de alguns pacientes, homens na maioria. Haviam feito três curetagens nela, e um dos gêmeos havia morrido. “O mais insólito dos vínculos nos unia”, escreveria Adrian em seu diário, referindo-se à morte do próprio filho, que havia ocorrido meses antes em um acidente de canoagem.

Enquanto Ilzamar se debatia entre a vida e a morte e Chico lutava para não mergulhar no desespero, Adrian tomou as rédeas do assunto. Talvez para fugir do espectro de outra tragédia tão próxima à sua, ou simplesmente por pura humanidade, o caso é que o inglês alugou um avião particular para levar Ilzamar ao hospital de Rio Branco. Ali, arranjou o melhor médico, certificou-se de que ela seria perfeitamente atendida, comprou os medicamentos necessários e não saiu do seu lado até ver que estava fora de perigo. “Nunca poderei pagar a Adrian o que fez comigo”, contaria Ilzamar anos depois, ao rememorar aquele momento que quase lhe custara a vida.

Chico abandonou os assuntos do sindicato para tentar salvar o outro filho de uma provável morte. Batizou-o com o nome de Sandino, em homenagem ao revolucionário nicaraguense. A irmã Zélia, que trabalhava no hospital de Xapuri fazia dois anos e que simpatizava com esse personagem tão desprendido e afetuoso, fornecia-lhe tudo o que tinha a seu alcance: “Chico passava regularmente pela clínica para pegar remédios que depois distribuía nos postos de saúde da selva. Mas, ultimamente, estava cuidando do filho Sandino, e só falava da tristeza que sentia por ter perdido o outro. Estava muito atormentado. Contou-me que tinha um sonho recorrente que o obcecava: passava por uma ponte muito frágil e corria o risco de cair e morrer. O que o intrigava era que nunca conseguia atravessá-la, sempre acordava antes. Eu acho que essa ponte era uma metáfora de sua própria vida: ele nunca conseguia o que queria”.

Naquele ano, porém, Chico Mendes não só conseguiu que seu filho sobrevivesse, como também obteve a primeira vitória sobre os latifundiários. O desgaste de sua vida pessoal era só uma parte do preço que tinha que pagar por levar o movimento adiante, contra tudo e contra todos. Geraldo Bordon havia denunciado os empates do Seringal Nazaré e conseguira que o juiz mandasse um destacamento da Polícia Militar para proteger os desmatadores da ação dos seringueiros. Mas os policiais, desconcertados com a multidão cada vez mais numerosa, já que crianças e mulheres participavam dos empates, acabaram cedendo à pressão dos seringueiros. De maneira que Bordon teve que desistir de cortar as árvores. Como a sobrevivência de seu crescente rebanho o obrigava a criar cada vez mais pastos, decidiu pôr a fazenda à venda. Depois de dez anos de uma luta encarniçada, depois de ter arrasado quase toda a área (a um preço muito superior ao que teria custado sem a oposição dos seringueiros), depois de haver expulsado centenas de famílias e queimado dezenas de colocações, o maior latifundiário anunciava sua retirada. Alguns meses depois, vendeu a fazenda a vários compradores. Desejou-lhes boa sorte na continuação do trabalho pioneiro que havia iniciado, passou-lhes a tocha da destruição e foi embora para sempre. Para os seringueiros, foi o primeiro sinal de que sua luta podia dobrar os poderosos. Para os proprietários, criava um perigoso precedente que corria o risco de afetar outros fazendeiros, bem como potenciais compradores, que poderiam reconsiderar a ideia de se estabelecer no Acre.

A vitória contra Bordon fez Chico pensar que teria possibilidades de se eleger deputado estadual, mesmo que recentemente houvesse perdido a eleição municipal. Ganhar representaria o reforço do papel de líder e uma boa dose de estabilidade na vida privada, duas coisas de que necessitava com urgência. Durante a campanha, que consistia em estar onde houvesse festas ou jogos de futebol para depois fazer um discurso, Adrian notou que, apesar de todo mundo o apreciar, poucos iam ouvi-lo. Na realidade, ninguém pensava que Chico venceria na política. Ele era muito honrado e muito pobre para mudar algo na viciada sociedade acriana, na qual as eleições se ganhavam comprando votos. – Preciso de 40 mil cruzeiros – pediu uma mulher durante a campanha, enquanto a câmera invisível de Adrian gravava a cena. – Eu não posso lhe dar nada – respondeu Chico. – Você sabe que é proibido aos candidatos dar presentes. – A seguir, aproximou-se um garoto de uns 10 anos: – Por mil cruzeiros eu garanto o voto de minha mãe. – Depois, a criança foi se juntar à mãe, a mesma que havia pedido 40 mil.

Diante desse estado de coisas e duvidando da vitória de Chico, Adrian começou a lhe falar de suas motivações, dos meios para conseguir chegar à meta final. Como Euclides em sua juventude, Adrian lhe abriu os olhos para o mundo além do Brasil, além do universo claustrofóbico do Acre, além da rigidez das ideologias políticas.

Em Washington, disse o inglês, os ecologistas estavam fazendo campanha contra os bancos. Junto com um número crescente de aliados, estavam denunciando uma longa lista de desastres como a represa do Equador (invadida por lama), a de Togo (infestada do transmissor da esquistossomose), o programa de pesticidas nas Filipinas (que havia feito aumentar as doenças graves entre seus manipuladores), a represa do vale de Narmada, na Índia (que previa desalojar mais de 100 mil camponeses), e, acima de tudo, o programa de estradas do Plano de Integração Nacional do Brasil, que acabara custando ao Estado brasileiro 39 mil dólares por colono assentado! Era urgente deter o caos e a violência que o asfaltamento da BR-364 estava provocando, algo que Chico havia denunciado durante a campanha. Em um bar da pequena cidade fronteiriça de Plácido Castro, Adrian e Mary lhe sugeriram levar sua luta aos Estados Unidos. Dentro de poucos meses ia ser celebrada em Miami a reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento, e ali ele poderia falar diretamente com os executivos do banco, e talvez com algum congressista. Poderia descrever as consequências do asfaltamento para as populações locais e para a selva, o ciclo infernal de especulação e a espiral de destruição que a perspectiva de uma reforma agrária havia desencadeado. Para Bruce Rich e Steve Schwartzman, que agora trabalhavam juntos no Fundo de Defesa do Meio Ambiente (EDF, na sigla em inglês),******** Chico Mendes era o porta-voz mais idôneo desses povos ignorados pelos planos de desenvolvimento.

Mas naquele dia, diante de uma mesa cheia de garrafas de cerveja vazias, o seringueiro não se sentia em condições de assumir tamanho desafio. Sua mente estava no Acre, nas eleições que tinha certeza de ganhar. Depois, como deputado, consideraria a ideia de ampliar o campo de batalha até a América do Norte.

Mas perdeu, e com essa derrota suas esperanças de obter uma cadeira de parlamentar se desvaneceram para sempre. Obteve menos de dez por cento dos votos. Menos votos ainda que nas eleições municipais do ano anterior. Foi um verdadeiro desastre. No dia das eleições, Mary Allegretti havia acabado de chegar de Curitiba, onde, estimulada por Adrian e financiada por seu velho

amigo de universidade, o sempre fiel Tony Gross, que lhe arranjara 5 mil dólares para começar, havia fundado o Instituto de Estudos Amazônicos (lEA), dedicado no início a complementar o esforço dos seringueiros para estabelecer reservas extrativistas. Ela cuidava da legislação, da documentação e da briga com os burocratas de Brasília. À tarde, encontrou-se com Chico em uma rua de Xapuri. Da segurança e entusiasmo habituais dele não restava nada. Os sonhos de ser alguém na sociedade haviam desmoronado estrepitosamente. Não tinha futuro, ou pelo menos assim pensava. – Meus amigos, minha própria gente votou contra mim – disse a Mary, que nunca o vira em tal estado. “Chico estava quase chorando, e eu me assustei, porque seria horrível ver uma pessoa como ele chorar”, diria sua amiga. Adrian não conseguia entender como alguém tão popular e querido por sua própria gente nunca ganhava. “Para mim, para uma brasileira, era normal; um seringueiro está acostumado à derrota. Chico e eu não conseguíamos romper a barreira do fracasso.”

ADRIAN, PORÉM, ESTAVA DECIDIDO A lutar contra o que parecia uma fatalidade do destino: – O que você vai fazer agora ? – perguntou ao seringueiro alguns dias depois. – Está chegando a temporada das castanhas-do-pará – respondeu Chico com uma tranquilidade impressionante. – Vou fazer colheita para ganhar um pouco de dinheiro. – Sua depressão também tinha a ver com a desastrosa situação financeira. A última possibilidade de ele ter um salário havia desaparecido com a derrota nas urnas.

Então, para livrá-lo do sabor amargo da derrota, Adrian pensou que era o momento oportuno de preparar a viagem aos Estados Unidos. Se Chico não conseguia se fazer ouvir na sociedade brasileira, por que não se dirigir à opinião pública mundial? De Washington, o centro do poder mundial, poderia chegar a influenciar os planos de ajuda internacional para os projetos de desenvolvimento oficiais que acabavam em destruição da selva.

Chico estava muito desanimado e desenganado para entender que aquela viagem poderia mudar sua vida. Mary também não podia imaginar isso na época. Só Adrian começou a pensar nas consequências de Chico assumir uma atividade internacional: quem cuidaria do trabalho de base, da ingrata tarefa de montar escolas, cooperativas, postos de saúde? Depois de pensar no assunto, chegaram à conclusão de que as poderosas ramificações de levar a luta a um cenário internacional repercutiriam favoravelmente no trabalho cotidiano. Chico também entendeu assim, e aceitou ir para Miami.

– Você precisa saber que haverá muita gente da imprensa – disseram. – Se mantiver uma postura muito intransigente, vão usar isso contra você. Dirão que está tentando deter o progresso do Brasil. Dirão que está interferindo nas relações soberanas do Brasil com as instituições internacionais. É um grande risco que você vai assumir.

– Estamos em uma guerra declarada contra os criadores de gado – respondeu Chico. – Para nós, as coisas não podem piorar, só melhorar.

CHICO SABIA DO QUE ESTAVA falando. Recentemente havia sido ameaçado duas vezes: primeiro pelo gerente da Fazenda Bordon, depois por uns desconhecidos durante a campanha. Não só índios e seringueiros haviam se organizado e reunido em 1985 em Brasília para defender seu território. Também os latifundiários, por meio de uma organização cuja sigla semeava o terror por toda a bacia amazônica: a UDR (União Democrática Ruralista). Inicialmente constituída pelos 2 mil proprietários de mais de 93 milhões de cabeças de gado, a organização cresceu até contar com 70 mil membros que enalteciam a mitologia do vaqueiro brasileiro e do fazendeiro que levava a civilização a uma terra selvagem. Os membros da UDR viam a transição política e a perspectiva de uma reforma agrária como uma sinistra iniciativa socialista.

O recrudescimento de atentados contra sindicalistas, advogados e ativistas da Igreja foi aumentando em proporção ao crescimento da UDR. Essa organização era financiada por leilões de gado cujos fundos supostamente serviam para custear campanhas de relações públicas e de lobby contra a reforma agrária. Os latifundiários chegariam até as últimas consequências para não perder um milímetro de seus privilégios. No Acre, todos sabiam que Chico não escaparia da crescente onda de violência que se espalhava com renovada sanha por toda a Amazônia. Expondo-o na imprensa e fazendo dele uma figura reconhecida, Mary e Adrian acharam que seria mais difícil eliminá-lo como a qualquer outro líder rural. Foi um argumento decisivo na hora de preparar a viagem que faria do obscuro seringueiro uma personalidade internacional.

******** Em 1985, a Companhia Bordon exportou de sua fábrica de São Paulo 140 milhões de dólares de carne bovina para o Iraque, a Inglaterra, os Estados Unidos e a Alemanha. (N. A.)

******** Organização fundada em 1967 (com sede em Washington) por um grupo de advogados e cientistas, com o fim de intensificar a proteção ao meio ambiente nos tribunais do país, combinando os resultados da pesquisa científica com a defesa legal. (N. A.)

39

Juntos, o heterogêneo grupo de homens e mulheres que haviam comparecido ao Encontro de Seringueiros em Brasília começou a trabalhar para salvar o que pudessem da selva e de seus moradores tradicionais. Era como uma orquestra internacional cujos membros estivessem espalhados pelo mundo, mas trabalhando em harmonia. Adrian conseguiu que seu amigo Robert Lamb, do Television Trust for the Environment (produtora que financiava parte de seus filmes), que ao mesmo tempo era consultor do Programa Ambiental das Nações Unidas (Unep), visitasse Xapuri. Lamb compareceu a uma reunião de mais de duas centenas de seringueiros que pareciam viver felizes na selva e ouviu as explicações de Chico sobre as reservas extrativistas, que estavam sendo concebidas como terra de domínio público cujo exclusivo usufruto seria dos seringueiros – um conceito revolucionário que Mary se encarregaria de fazer valer na capital. Lamb voltou a Londres fascinado e com a firme intenção de chamar a atenção da Unep para o que tinha visto.

Nos Estados Unidos, Steve Schwartzman não havia perdido um minuto sequer desde o encontro de Brasília. Havia publicado vários artigos sobre os desconhecidos povoadores das selvas. Quando soube da viagem do seringueiro a Miami, decidiu ir com Barbara Bramble primeiro a Xapuri. Era importante que Chico estudasse e assimilasse bem os resultados das pesquisas que estavam sendo feitas. Graças a uma bolsa de estudos da World Wildlife Fund (Adena), Steve e Mary haviam feito um estudo comparativo do potencial econômico das reservas extrativistas e da criação de gado. Além do fato de que, no Acre, 1 hectare de terra transformado em pasto para gado produzia bem menos que mantendo-o como selva para extrair borracha, castanha-do-pará e demais resinas e frutos, as reservas extrativistas permitiam uma melhor redistribuição da riqueza, bem como a preservação da mata. Chico decorou um denso emaranhado de números a fim de mostrar nos Estados Unidos a viabilidade econômica das reservas, peça fundamental para defender um novo modelo de desenvolvimento baseado na proteção da selva. Teve que repetir a lição como um estudante antes de uma prova. E realmente era disso que se tratava: Chico Mendes estava prestes a fazer um exame decisivo para sua vida e para o futuro dos povos que representava.

À medida que se aproximava a data da viagem, Chico tinha mais dificuldade de esconder o nervosismo. Não era o fato de se misturarem em sua cabeça dados, datas e explicações, nem de não gostar do novo vigário de Xapuri, nem de que sua mulher mal falava com ele. O que mais o preocupava, quando parou para pensar, era que lhe faltava algo imprescindível no mundo fora da selva: um paletó. Em uma de suas habituais visitas ao hospital, depois de comentar o assunto com a irmã Zélia, a freira lembrou que haviam acabado de receber um pequeno carregamento de roupa usada da Itália. Foram ao convento e fuçaram no monte de peças até encontrarem um paletó cinza que, apesar de as mangas serem um pouco compridas, caía bem em sua barriga proeminente.

O HOMENZINHO DAS SELVAS EMBARCOU em um Boeing 747 com destino a Miami. Esperançoso e desesperado ao mesmo tempo, mal havia se despedido da mulher. Desde o nascimento de Sandino, as relações vinham piorando a ponto de quase se romperem. A tensão dos últimos meses, as constantes dificuldades financeiras, a morte de um de seus filhos e o fracasso nas urnas eram tragos muito amargos para o combativo e cansado seringueiro, cuja saúde se ressentiu. A irmã Zélia o viu chegar um dia carregado por um funcionário da Saúde Pública que o havia socorrido após perder a consciência. “Ele estava melancólico e desmemoriado”, recordaria a irmã Zélia. “O médico diagnosticou problemas emocionais e o manteve três dias na cama.” Amigos comuns conseguiram aplacar os ânimos e, pouco a pouco, reconciliar o casal, aproveitando qualquer oportunidade – celebrações, aniversários, etc. – para aproximá-los. Mas continuava sendo uma união precária, e Chico sabia que continuaria sendo enquanto não pudesse oferecer aos seus uma verdadeira vida familiar. Nos últimos tempos, a viagem havia monopolizado toda a sua atenção. Afinal de contas, tratava-se de um empate que se preparava para realizar sozinho contra as autoridades do capitalismo mundial.

Depois de pegá-lo no aeroporto, Steve o conduziu ao espetacular Hotel Intercontinental de Miami, uma série de grandes edifícios onde, no centro de convenções, celebrava-se o grande show dos bancos, a reunião do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). A vantagem de uma reunião desse tipo era que todos os interessados estavam presentes, desde banqueiros públicos e privados até ministros das finanças dos países devedores e presidentes dos bancos centrais. Bandeiras das nações latino-americanas, bem como dos Estados Unidos e de alguns países europeus, ondulavam na entrada. A via de acesso estava engarrafada por limusines de 10 metros de comprimento, e um

impressionante serviço de segurança controlava o acesso. Não permitiram que Chico entrasse. Steve teve que se virar, e graças a seus contatos com a imprensa, conseguiu convencer um jornalista a ceder sua credencial ao brasileiro. Uma vez lá dentro, encontraram Adrian e seu cinegrafista, e juntos foram abrindo caminho entre o enxame de pessoas que mantinham negociações sobre as dívidas de seus países e corriam freneticamente pelos corredores. Esse ano era a primeira vez que representantes de algumas organizações ecologistas haviam sido autorizados a comparecer. Podiam ser identificados com facilidade porque não usavam gravata nem cabelo curto, nem se vestiam bem, e movimentavam-se sem parar em volta da câmera de Adrian.

– A criação de gado só serve para que exista maior concentração de terra em menos mãos e para que se expulsem milhares de seringueiros. Tenho a esperança de que os governos dos povos que dão dinheiro ao BID ouçam nossa voz. Do contrário, logo não restará mais selva – disse Chico Mendes ao representante japonês do banco, que ficou a olhá-lo, perplexo, como se ele fosse um marciano. Steve, que fazia o papel de tradutor, tentou explicar três vezes seguidas o que era um seringueiro. “Não consegui. Foi um exercício de total e mútua incompreensão.” Para Chico, embaixador dos seringueiros no vasto mundo, o início não poderia ter sido mais difícil. Segundo Adrian, no fim do primeiro dia, em um coquetel de gala para 2 mil pessoas, Chico dava a imagem do que era: um homem da selva perdido em uma reunião de financistas.

Mas como nem sempre há alguém tão exótico nessas convenções, no segundo dia acabou se fazendo notar em várias delegações: a europeia e principalmente a norte-americana, de maior peso. – Não somos contra a estrada – começou dizendo. – Queremos evitar o que aconteceu em Rondônia, e para isso é necessário que aqueles que vivem na Amazônia participem do planejamento da região. – Em sua bem tramada argumentação para defender outro modelo de desenvolvimento, Steve apontava os resultados de um estudo realizado junto com Mary Allegretti, que mostravam que uma família de seringueiros livres dispunha de uma renda modesta, mas constante, igual à de uma família de colonos ou de camponeses.

Além disso, o valor do hectare de selva dedicado à extração aumenta (são recursos renováveis), enquanto o valor do hectare de terra colonizada, por conta da erosão e da má qualidade do solo, decresce rapidamente. Isso sem mencionar que a utilização extrativa da selva não exige financiamento estatal e preserva o ambiente. O diretor executivo norte-americano do Banco se interessou muito por

esses argumentos e se comprometeu a apoiar a ideia das reservas extrativistas; seu colega do Banco Mundial reagiu da mesma maneira. O primeiro passo estava dado. Haviam conseguido chamar a atenção para uma ideia nova cujas implicações punham em questão todos os planos de desenvolvimento regionais. Graças a outro homem, deram o passo definitivo, o que acabaria mudando as coisas. Impressionado com a clareza e a coerência do seringueiro, Jim Bond, assessor de Robert Kasten, sugeriu mandar Chico à capital norte-americana para se reunir com o senador. Era a oportunidade de levar sua mensagem ao aliado dos ecologistas na campanha contra os bancos. O seringueiro das selvas ia finalmente se fazer ouvir nas mais altas instâncias do poder e do dinheiro.

Mas nem todos os presentes à convenção do BID compartilhavam o mesmo entusiasmo por aquele indivíduo cercado de “verdes”. O representante brasileiro entrou imediatamente em contato com Brasília para perguntar de onde havia saído esse desmancha-prazeres que pedia ao banco que cortasse os fundos para o asfaltamento da estrada. “Não sabemos nada sobre esse tal de Chico Mendes”, responderam, apesar de que ele e Mary haviam visitado o Ministério de Reforma Agrária para se apresentar antes da viagem.

Em 27 de março de 1987 foram para Washington. Chico estava satisfeito. Havia comprovado que os ouvidos se aguçavam quando se falava da destruição da selva e de modelos alternativos de desenvolvimento. Com seu discurso anterior, baseado na luta de explorados contra exploradores, na necessidade de se mobilizar, não conseguia nem a atenção dos próprios seringueiros. Pela primeira vez, ao levar a luta ao fórum ecologista, vira a possibilidade real de ganhar.

Porém, mesmo a milhares de quilômetros do Brasil, a violenta realidade de seu próprio país o perseguia. Nessa mesma manhã havia recebido notícias de Mary. Jaime da Silva Araújo, o seringueiro poeta que havia sido eleito presidente do Conselho Nacional de Seringueiros depois do Encontro de Brasília, se salvara por pouco de um atentado e tivera que se esconder na selva.********* Mary também disse que em Brasília, no Senado, estavam furiosos porque um seringueiro brasileiro resolvera interferir nos assuntos do governo com os bancos estrangeiros. Se na capital reagiam assim, Chico preferiu não pensar em como seria no Acre.

Nesse dia, Washington, banhada por um sol maravilhoso de primavera, merecia a reputação de ser uma das cidades mais belas dos Estados Unidos. Seus habitantes não usavam casacos, mas Barbara Bramble foi previdente e encheu o

Toyota de jaquetas que havia pedido a seus amigos, para que Chico não passasse frio com o paletó da irmã Zélia. Ao sair do aeroporto e antes de ir para a casa de Steve, onde se hospedaria, mostraram-lhe a cidade. Deram uma volta pelos jardins públicos, com seus tanques onde se refletem os monumentos que simbolizam a história dos Estados Unidos. Chico quis visitar o Mausoléu de Lincoln, interessado nessa figura histórica que havia lutado contra a escravidão. Passaram pela Pennsylvania Avenue, onde o presidente Reagan e seus assessores, na Casa Branca, preparavam a próxima cúpula com Gorbatchov. Em sua casa de dois andares no limpo e organizado bairro de Mount Pleasant, a mulher de Steve os recebeu com uma travessa de arroz e feijão, porque lhe haviam dito que seu hóspede estava farto da comida norte-americana. O brasileiro não entendia como as pessoas podiam comer algo tão insosso como pizza ou salada de couve e se sentirem satisfeitas. Secretamente, sonhava com uma boa coxa de anta com leite de coco.

Barbara Bramble havia preparado uma extenuante sessão de entrevistas, e embora Chico não entendesse bem quem era quem, saiu-se bem em todas elas. Porém, não conseguiu que nenhum correspondente brasileiro em Washington lhe prestasse atenção, um fato que denunciaria até que acabassem reconhecendo no Brasil as barbaridades cometidas na Amazônia. O encontro com o senador Kasten era a única coisa que perturbava sua aparente tranquilidade. Sabia que era fundamental, e isso o deixava nervoso. Achava que estava vivendo um sonho: ele, um revolucionário que lutava contra os latifundiários criadores de gado, ia falar com um senador conservador, representante de um estado de criadores de gado e latifundiários. Decididamente, o mundo havia dado muitas voltas desde as aulas de Euclides Távora em sua choupana na selva.

Junto com Steve e seguido de Adrian e seu cinegrafista, atravessaram o imponente átrio da entrada do Senado, decorado com um móbile gigantesco de Alexander Calder. Percorreram os corredores até chegar a um amplo gabinete de onde se divisava a cúpula branca do Capitólio. De cada lado de uma imponente mesa, o senador e o seringueiro apertaram as mãos um do outro, selando assim a mais insólita aliança. Steve traduziu as explicações de Chico sobre seus temores diante do impacto do asfaltamento da BR-364 até o Acre. Kasten o ouviu com extrema atenção. Recentemente, o noticiário semanal 60 minutes, um dos de maior audiência nos Estados Unidos, havia passado uma reportagem sobre o desastre que representara o Polonoroeste, algo que Kasten havia lutado para evitar. As previsões de Robert Goodland, assessor para assuntos ambientais do

Banco Mundial, haviam se cumprido com horripilante precisão. Com o desmatamento efetuado pelos colonos, o solo, já por si pobre, acabou por se tornar totalmente estéril. Além disso, o governo brasileiro havia ignorado as cláusulas de proteção ecológicas com as quais havia se comprometido ao aceitar o empréstimo. Como resultado, quase um quarto da selva em Rondônia havia sido destruído, e tanto o Banco Mundial quanto o BID estavam prestes a reconhecer sua responsabilidade no assunto. Como se não bastasse, um mês antes, o governo brasileiro havia tomado a decisão de suspender os pagamentos dos juros de sua dívida com os bancos comerciais, o que provocara um escândalo nos Estados Unidos e entre os demais credores.

Kasten, presidente do Comitê de Apropriações do Senado, tinha diante si um brasileiro que ia pedir ajuda contra os abusos de seu próprio governo. A visita não podia chegar em melhor momento, e o senador o fez saber disso, garantindo que seu comitê pressionaria até cortar os fundos do banco se o governo brasileiro não se mostrasse mais solidário com as populações afetadas pela construção da estrada. Kasten era homem de palavra, e alguns dias depois mandou uma carta de advertência ao presidente do BID: “Não vamos permitir que se repita no Acre a devastação de Rondônia”.

Em poucos dias Chico Mendes fez o movimento dos seringueiros avançar mais que durante anos de encarniçada luta. Ao voltar ao Brasil, teve que enfrentar, como das vezes anteriores, a tarefa de informar sua gente sobre o significado da viagem. Explicou que não lutavam só pelas seringueiras e pela Amazônia. – Agora estamos lutando pela humanidade inteira! – disse, rindo, para sua tia Cecília, seus primos e os amigos do Seringal Cachoeira, aonde foi descansar por alguns dias. Fazia tempo que não o viam tão contente, apesar de ele ter sido alvo de ferozes ataques na imprensa, tal como Adrian e Mary tinham previsto.

Ele foi descrito como um anti-herói. “Chico Mendes, o homem que não quer o progresso da Amazônia”, publicou um jornal local. Foi tachado de falso líder, irresponsável, vendido. Na Assembleia do Acre, um dos advogados de Geraldo Bordon, o também criador de gado João Tezza, acusou-o de fazer o jogo dos norte-americanos, “interessados em deter o desenvolvimento da Amazônia para monopolizar todos os direitos de exploração mineral”, uma velha paranoia dos militares. Chico Mendes se defendeu: – Em nossas reuniões nos Estados Unidos, destacamos que todos os acrianos querem o progresso, mas levando em conta a participação coletiva de todos os setores da sociedade, incluindo os habitantes da selva e da cidade. – Em Xapuri, o prefeito e os vereadores, representantes da

elite local que mais seria afetada por um atraso do asfaltamento da estrada, caluniaram-no publicamente. Novamente Chico Mendes recebeu ameaças de morte e de novo tomou as precauções necessárias, mudando de itinerário, não avisando seus deslocamentos, passando maior tempo no lugar em que se sentia mais seguro, no seringal, com a mulher e os filhos.

A 6 MIL QUILÔMETROS A sudeste de Xapuri, na cidade industrial de São José dos Campos, situada a uma hora de carro de São Paulo, outro jovem brasileiro lutava à sua maneira para preservar a selva Amazônica, que ardia, na estação seca de 1987, com mais força que nunca. O cientista Alberto Setzer trabalhava na sede do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), um discreto edifício em um complexo de empresas de alta tecnologia, sede de grandes multinacionais e fábricas de microeletrônica, aviônica, biotecnologia e armamento.******** Sentado em frente à tela de um analisador multiespectral de imagens, Setzer havia três anos punha em prática uma ideia sua que consistia em identificar os grandes incêndios da Amazônia por meio dos sensores eletrônicos do satélite meteorológico norte-americano NOAA-9.

Um dia, em julho de 1987, Setzer pensou que havia um erro na transmissão de dados. Viu milhares e milhares de pontinhos brancos, cada um representando um incêndio. No dia seguinte, a imagem era praticamente a mesma, e durante os três meses seguintes foi mudando, imperceptível mas constantemente, até que os pontinhos brancos se transformaram em manchas brancas. O recorde ocorreu quando o NOAA-9 tornou a passar sobre a Amazônia, em 9 de setembro de 1987: nesse dia, Setzer contou 7.603 incêndios. Em seu laboratório, nunca tinha visto nada parecido: era o recorde de um único dia. No gráfico que Setzer criou sobrepondo imagens de toda a estação seca, descobriu que ao longo da BR-364 a área aparecia em branco, mostrando imensos trechos queimados, principalmente na parte oeste em direção ao Acre, onde os colonos prosseguiam as obras de asfaltamento. O fogo se concentrava em volta do eixo da estrada e depois entrava na selva; a imagem resultante assemelhava-se a espinhas de um peixe. Setzer calculou que estavam sendo provocados uns 200 mil incêndios na Amazônia durante esse verão, mas o mais grave foi descobrir que a área incendiada havia duplicado desde 1985. Em 1987, ano recorde, 80 mil quilômetros quadrados (duas vezes a Suíça) estavam ardendo em chamas. As imagens do NOAA-9 mostravam que a Amazônia ia desaparecendo duas vezes mais rapidamente que o previsto em estudos anteriores. (No estudo mais confiável realizado até a data, o cientista norte-americano Philip Fearnside

calculou que o desmatamento total na Amazônia até agosto de 1989 havia sido de 396.688 quilômetros quadrados, uma área maior que a Alemanha inteira).*********

Alarmado e indignado (“Isso é um crime contra o planeta e um crime contra os recursos do Brasil”, diria mais tarde), Setzer mostrou seu informe a Fabio Feldmann, um dos primeiros políticos brasileiros a fazer carreira com o ecologismo: “Quando vi a documentação, quando me dei conta de que um pedaço de terra grande como o Estado de São Paulo havia desaparecido em fumaça e cinzas, pensei que era um engano”.

Mas não era. Fabio Feldmann apresentou o informe na Câmara dos Deputados, alegando que os latifundiários, temerosos por conta da nova Constituição, estavam queimando a selva freneticamente. A elite pecuarista e agrícola reagiu negando a veracidade dos dados. Segundo eles, Setzer estava sendo usado pelos comunistas brasileiros, ou pelos capitalistas norte-americanos, dava na mesma; mas aquela evidência só podia estar adulterada. Um deles garantiu que as fotos do NOAA-9 eram falsas e que ele provaria isso. Não alcançou seu propósito, mas conseguiu que cortassem o orçamento do instituto onde Setzer trabalhava, obrigando-o a cancelar vários projetos importantes.

Não obstante, Setzer e seus colegas deram continuidade às pesquisas e investigações. Calcularam que os incêndios de 1987 haviam jogado na atmosfera mais de 500 milhões de toneladas de carbono, 44 milhões de toneladas de monóxido de carbono, quase 5 milhões de toneladas de metano, 2,5 milhões de toneladas de ozônio, mais de 1 milhão de toneladas de óxidos e outras substâncias “capazes de circular globalmente e de influenciar a radiação e o clima”. Os cientistas tinham, finalmente, a prova de que necessitavam para atrair a atenção do mundo. Os incêndios da Amazônia já não eram um problema nacional; passavam a ser um problema geral. Segundo Setzer, era como um vulcão que entrasse em erupção todos os anos e que contribuísse com um décimo do CO2 emitido pelo homem, “aumentando, assim, o aquecimento da terra por conta do efeito estufa”.

Não se tratava só da maior extinção de espécies vivas do planeta desde o fim do Cretáceo. A destruição da Amazônia carregava a atmosfera de substâncias nocivas que ameaçavam a saúde de toda a Terra, unindo-se, assim, à da legião de países industrializados, Estados Unidos à frente, que consomem dois terços dos recursos do planeta para manter o estilo de vida de uma população globalmente

minoritária. Não deixava de ser paradoxal que a Amazônia, uma das regiões menos industrializadas do mundo, emitisse mais substâncias poluentes que a França e a Espanha juntas. Logo viria à luz outra consequência do desmatamento, que alguns cientistas vinham vaticinando havia vários anos, ao observar uma diminuição de vinte por cento das chuvas nas áreas de maior desmatamento: a mudança de clima, com repercussões irreversíveis em escala mundial. Não porque a selva Amazônica fosse o pulmão do planeta, um gigantesco agente purificador da atmosfera, como os ecologistas dos anos 1970 fizeram falsamente acreditar, mas porque se trata de um regulador essencial da umidade. Tendo em conta que três quartos da chuva que cai na selva evapora antes de chegar ao solo, é fácil entender que, ao desmatar, a evaporação se reduz, e, portanto, diminuem as precipitações. Traduzindo isso para a bacia do Amazonas, cuja selva recicla o maior volume de água doce do planeta, alimentada pelos 6.720 quilômetros do rio Amazonas, que esvazia no oceano um quinto de todo o volume descarregado pelos outros rios do mundo – ou seja, a mesma quantidade em um dia que o Tâmisa em um ano inteiro –, é fácil ter uma ideia da magnitude do problema. Com seus 10 mil afluentes, que, alinhados, mediriam 80 mil quilômetros (duas vezes a volta à Terra pelo Equador), as ramificações do rio Amazonas, por conta de seu poder sobre o clima, chegam a todos os seres vivos do planeta. Para os cientistas que compartilhavam essas descobertas, era desconcertante que no final do século XX se conhecessem melhor certas partes da superfície da Lua que da selva. O problema, segundo apontou um conhecido botânico americano, é que a Lua existirá, imperturbável, durante milhões de anos, enquanto as florestas equatoriais, durante os anos de fim de século, estavam desaparecendo à velocidade de 20 hectares por minuto.

******** Jaime da Silva Araújo havia descoberto uma trama de corrupção que afetava a merenda escolar e que envolvia até o prefeito de Manaus. (N. A.)

******** O Brasil, na época, era o quinto país produtor de armas do mundo, o sétimo produtor de aço e o nono produtor de automóveis. Com um PIB de 313 bilhões de dólares, o país era a oitava economia do mundo ocidental. (N. A.)

******** Esse número inclui 97.643 quilômetros quadrados de desmatamento antigo (realizado antes de 1968) e 5.445 quilômetros quadrados de áreas inundadas por barragens hidrelétricas. Cf. P. Fearnside; A. T. Tardin; L. G. Meira Filho. “Deforestation Rate in Brazilian Amazonia”, Inpe/Inpa, São José dos Campos/Manaus,1990. (N. A.)

40

Diante da pressão dos latifundiários, que contratavam pistoleiros de outros lugares do Brasil para fazer reinar o terror, Adrian Cowell ligou para seu colega Robert Lamb para propor o seringueiro como candidato ao Prêmio Global 500 das Nações Unidas. Lamb, que desde sua visita a Xapuri estava querendo fazer algo pelos habitantes da selva, não só aceitou a proposta como também sugeriu a Adrian que escrevesse uma carta para indicá-lo também ao prêmio da Better World Society (Sociedade para um Mundo Melhor), uma organização dedicada a promover na tevê informação sobre os problemas globais do meio ambiente, que havia sido criada pelo magnata americano Ted Turner, dono da cadeia CNN.

Chico Mendes ganhou o Global 500 “em reconhecimento por seu sucesso na proteção e na melhora do meio ambiente”. Ao passar a fazer parte de uma lista que incluía personalidades distintas como Jacques Cousteau, conquistava a credibilidade necessária para ter mais acesso aos círculos de poder. Os seringueiros não entendiam muito bem todo esse vaivém internacional, tendo em conta que no Brasil Chico Mendes continuava sendo ignorado. De fato, o governo rejeitou a solicitação da ONU de mandá-lo a Nairóbi para receber o prêmio. Então, Adrian organizou uma pequena cerimônia em Londres. Em julho de 1987, enquanto Alberto Setzer contava incêndios em seu analisador multiespectral, Chico viajou pela segunda vez para o exterior, e dessa vez voltou com um diploma e 5 milhões de cruzados que a organização beneficente britânica Christian Aid lhe entregou para fazer uma cooperativa em Xapuri. Foi quando os seringueiros começaram a ver os frutos da “conexão americana” de seu líder.

A reação do poder local não se fez esperar: certa noite de agosto, na sede do sindicato, Chico e seus companheiros acordaram assustados com o barulho que alguém fez ao escorregar no telhado. Ao sair precipitadamente, um dos seringueiros conseguiu ver um homem fugindo com uma arma na mão. A confusão acordou os vizinhos. O padre Gilson Pescador, novo vigário de Xapuri, que dormia a poucos metros dali, ficou indignado por terem violado o recinto da igreja com tanta ousadia e descaramento. Aquele incidente abriu seus olhos para o significado das atividades de Chico Mendes na região. Até então, fiel às recomendações de seus superiores, havia se mantido à margem dos

acontecimentos.

Esse jovem vigário, barbudo e arrogante, chegara a Xapuri em 1º de agosto de 1986. Ao saber que se tratava de um primo do bispo dom Moacyr, houve alegria no sindicato. Mas foi uma alegria breve, porque o novo padre não parecia se interessar pelas atividades do sindicato e menos ainda compreender a maré que rugia no oceano verde dos arredores da cidade. Mal cumprimentara Chico, que chegou a pensar que se tratava de um policial federal disfarçado de religioso. Fazia tempo que o sindicato não tinha o apoio da paróquia local. Destro e Claudio haviam partido em 1983. Depois passara por ali Luciano, "um bom padre", como todos o recordavam, mas não um lutador. Chico suspeitava que a ordem sofria pressões da hierarquia eclesiástica para enviar para Xapuri padres menos comprometidos com a causa dos pobres. Afinal de contas, o Vaticano havia se distanciado do Concílio Vaticano II e passara a punir os adeptos da Teologia da Libertação.

Após a partida de Luciano, a paróquia ficou abandonada durante longo tempo. A ordem tinha dificuldades para encontrar um substituto com vontade de morar nesse lugar sempre em polvorosa, à margem do mundo. Certamente Xapuri era um lugar difícil para os enviados da Igreja. Virava sua vida e valores de cabeça para baixo. Até o padre Claudio, um italiano místico e intelectual, havia acabado caindo nos braços de uma mulher, e o conflito em que mergulhou o fez adoecer. Começou a sofrer crises de epilepsia. Às vezes, em seringais remotos, ao vê-lo contorcer-se no chão, vítima de tremores, de olhos virados e babando espuma, os seringueiros, em vez de socorrê-lo, corriam para se esconder, certos de que o demônio havia se apoderado de seu corpo e alma. Por fim, Claudio teve que voltar à Itália, de onde mandava notícias esporádicas. Sentia saudades da selva e não havia se casado. Quem acabou se casando foi o padre Destro, que vivia em São Paulo com Cida, com quem tinha um filho. "O conflito entre minha vida religiosa, de que eu gostava, e minha vida afetiva tornou-se insuportável. Depois de 25 anos como missionário, chegou um momento em que tive que abandonar minha missão." Passou a trabalhar como vendedor em uma empresa e morava em uma casinha acolhedora em São Caetano, no ABC Paulista. Todos os dias pegava o metrô para ir ao trabalho. Transformara-se em uma criatura urbana, mas sentia falta da "liberdade de andar pela selva com os seringueiros".

*

Depois de sete anos de seminário, um ano de noviciado, sete anos de estudos

de Filosofia e Teologia no Rio de Janeiro, Gilson Pescador seguira os passos de seu primo, dom Moacyr Grechi, na Ordem dos Servos de Maria, que no início de 1986 o haviam levado a assumir a Catedral de Rio Branco antes de ir para Xapuri. Gilson era um homem grandalhão, de nariz aquilino, olhos castanhos e olhar intenso; ele emanava uma incrível energia vital. Era uma mistura de homem de ação e de intelectual, de religioso e de organizador. Sua vocação pelos pobres o havia levado a trabalhar nas favelas do Rio de Janeiro, onde em 1984 viviam apinhadas 3,6 milhões de pessoas. Instalado na Paróquia de Nossa Senhora das Dores, no coração do Rio, havia se iniciado na Teologia da Libertação graças a Clodovis Boff,******** com quem subiu pela primeira vez à favela 117. “Vivi o momento mais angustiante de minha vida”, confessaria Gilson Pescador. “Havíamos subido depois de uma chuva para evacuar barracos ameaçados por deslizamento de terra. Entramos em um deles, que ficava à beira do precipício. Havia um homem e uma mulher na miséria mais absoluta, que sorriram para nós. Então vi, em cima de um colchão podre, uma criança paraplégica. Estavam todos preparados para morrer naquela casa pendurada em uma rocha. Naquele momento, eu me rebelei contra Deus: Por que permites isso? Se tu existes, resolva este problema!” Eu disse: “Não é possível que uma família pobre e miserável tenha que sofrer tanto”. Nas alturas da favela, o Corcovado, com a estátua de Jesus Cristo de braços abertos, símbolo de uma nação unificada sem distinção de credo, raça ou classe, pareceu-lhe mais despropositado que nunca. Ao olhar para baixo, o jovem seminarista viu a fila de edifícios luxuosos à beira da praia, contornando a magnífica baía. “A culpa não é de Deus, e sim dos homens”, pensou então. “O sofrimento e a dificuldade vêm dessa imensa desigualdade que os olhos abarcam da altura da favela. As razões de tanta miséria estavam na estrutura social.”

Durante os cinco anos seguintes incentivou os favelados a se reunirem em comunidades de base e trabalhou com assistentes sociais para formar monitores. Fundou ambulatórios médicos, creches, capelas e escolas, e ainda hoje os habitantes da Favela 117 recordam a época do padre Gilson com especial emoção. Mas os acontecimentos da distante Amazônia o levaram a viver seu sonho de criança: tornar-se missionário. Gilson sempre disse a seus superiores que estava disposto a trabalhar com os pobres do Acre, com os seringueiros, os índios e os leprosos que havia visto durante uma viagem realizada dois anos antes. Já que a pequena cidade de Xapuri estava sem vigário porque o padre Luciano precisara ir embora para cuidar dos pais idosos, perguntaram-lhe se queria assumir a paróquia. Antes de aceitar, conversou com seu primo, o bispo.

Dom Moacyr reiterou a proposta. Era uma região de conflitos, que requeria uma pessoa que se entendesse com todos os setores da sociedade. Xapuri precisava de tranquilidade. Não se tratava de modificar o compromisso da Igreja, mas de não exacerbar os ânimos e dar continuidade ao trabalho de evangelização de que os seringueiros tanto necessitavam. Também era preciso estar atento ao trabalho de um líder local chamado Chico Mendes, um trabalho que ameaçava a estabilidade de toda a região. Gilson recordava tê-lo conhecido quando passara uma noite na paróquia de Xapuri, dois anos antes. Tivera a impressão de que era um professor, mais que um líder popular.

Embora o dom de conciliação não fosse uma de suas qualidades, Gilson acabou aceitando essa paróquia que ninguém queria. Depois de ter percorrido as selvas do Acre, chegou à conclusão de que a pobreza no campo é mais suportável que a miséria das cidades, onde o contraste com a riqueza, a promiscuidade e o desarraigamento provocam desolação e desesperança. Na selva, pensava Gilson, sempre há uma fruta para colher ou um animal para caçar. Por isso não conseguia se compadecer dos seringueiros nem entendia o significado da luta que o sindicato havia empreendido quinze anos antes. Levado por sua insaciável curiosidade, dedicou os três primeiros meses de estadia em Xapuri a avaliar a situação. Observou que as comunidades de base não tinham vigor e que um bom número delas estavam em processo de dissolução. Isso podia ser atribuído à falta de interesse de seu predecessor, o padre Luciano, mas o que mais contribuía para a apatia geral era o terror que os latifundiários impunham à população. “Eu sabia que o coração da Teologia da Libertação é a comunidade de base”, diria Gilson mais tarde. “Era preciso organizar em comunidades esse povo disperso. À luz do Evangelho, à luz da teologia, à luz da fé, era preciso que todos tentassem compreender sua realidade e as causas da opressão que padeciam.” Sabia toda a teoria; só faltava pô-la em prática. E fez isso com a energia que só uma fé intensa pode gerar em um pastor visionário. Fiel a seu nome evangélico, pescaria nas águas turbulentas da região uma equipe de monitores e líderes para reagrupar seu rebanho disperso.

*

De novo Chico Mendes surgiu no cenário internacional ao receber o prêmio da Better World Society. De início, não quis ir recebê-lo por medo das consequências. Não desejava a repetição da campanha da imprensa da qual havia sido vítima ao voltar da primeira viagem. Mas Mary o aconselhou a ir, acompanhado de um jornalista brasileiro, alguém que seria testemunha de seu

sucesso, alguém que pudesse contar no Acre o que estava ocorrendo nos Estados Unidos.

Chico não se impressionou muito com Nova York, exceto com as torneiras do banheiro de sua suíte do Hotel Waldorf Astoria, que levou vinte minutos para dominar, e contando com a ajuda de Steve Schwartzman, que o acompanhava e lhe servia de intérprete. O menu também era impressionante, mas por outras razões: Chico calculou que com o custo de um café da manhã uma família de seringueiros poderia viver quatro meses na selva. É que sua mente continuava no Acre. Antes de sair, ouvira rumores de que a UDR estava se organizando em Rio Branco, liderada pelo advogado e latifundiário João Branco, um quarentão carismático e bom orador. Corria o rumor de que atentariam contra Ilzamar ou contra seus filhos. Talvez por isso, quando Barbara Bramble lhe perguntou como se sentia em sua luxuosa suíte com vista para a selva de edifícios do centro de Manhattan, respondeu que sentia falta da família e que gostaria de voltar o quanto antes.

A cerimônia de gala da entrega de prêmios, realizada nos maravilhosos salões do hotel, foi transmitida ao vivo pela CNN. Chico recebeu uma medalha por sua "coragem de defender a Amazônia brasileira do desmatamento e do desenvolvimento comercial não recuperável". Ele fez um discurso enérgico, agradecendo ao público de smokings e vestidos longos – dentre os quais se encontravam o Aga Khan, Ted Turner, a cantora Roberta Flack e o ator Marvin Hamlick – pelo reconhecimento. Um ano depois, declararia a um jornalista brasileiro: "Como bom seringueiro, como homem da selva, descobri uma coisa: na luta para salvar a Amazônia, o grande desafio era conquistar os corações da metrópole, enfrentar o inimigo em seu próprio terreno. Porque, curiosamente, na pátria dos grandes capitalistas respira-se muita liberdade. Nova York e Londres são lugares cheios de gente sensível, preocupada com a defesa da vida, da selva. Nós, membros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, temos consciência de que é preciso conquistar os corações na pátria do Tio Sam".

E foi o que ele conseguiu ao longo de 1987, ano em que fez a transição de obscuro sindicalista rural a baluarte internacional da defesa ecológica. Ao voltar de Nova York, fez escala em Washington com sua medalha no bolso. O jornalista brasileiro foi testemunha da calorosa recepção que o comitê do meio ambiente do BID lhe dispensou; estavam considerando a suspensão dos fundos para a estrada depois de terem recebido a carta do senador Kasten. Então, aconteceu algo que seria de grande importância no futuro. A seção principal do New York

Times, um dos jornais mais influentes do mundo, publicou um artigo descrevendo as ameaças de morte que Chico havia recebido recentemente por conta de sua luta para implantar um modelo racional de exploração da selva conhecido como reservas extrativistas. O BID e o Banco Mundial, que celebravam naquela data sua reunião anual, anunciaram que as reservas seriam incluídas nos futuros créditos à região amazônica, o que representou o aval mais importante que Chico poderia jamais ter recebido. Mas o artigo conseguiria algo ainda mais difícil: que se começasse a prestar atenção nele no Brasil e se considerasse seriamente a proposta dos seringueiros.

*

"As coisas começaram a mudar", diria Mary Allegretti. "Um seringueiro reconhecido e condecorado, isso pesa!" No Rio de Janeiro, onde Chico permaneceu alguns dias ao voltar, foi convidado a dar uma palestra na Pontifícia Universidade Católica para umas trinta pessoas, entre elas o então deputado do Partido Verde Carlos Minc, o influente jornalista da Folha de S.Paulo Fernando Gabeira, professores universitários e políticos da Assembleia do Rio. Aquele grupo se encarregaria de promovê-lo no país, e desse núcleo acabaria surgindo uma consciência ecológica em todo o Brasil. "O pessoal do Rio", como dizia o seringueiro, representaria sua grande esperança. Porque o panorama em Xapuri não podia ser mais desolador. Ao voltar, e como prova de que santo de casa não faz milagre, o prefeito lhe deu a boas-vindas no rádio: "Não é uma medalha", disse ele acerca do prêmio que Chico acabava de receber. "É um sininho em volta do pescoço de um burro." Outros o chamaram de agente da CIA, de antibrasileiro, antiprogresso, etc. Mas os seus lhe deram as mais calorosas boas-vindas.

Chico estava feliz porque havia recebido uma doação da Fundação Gaia e outra da Fundação Ashoka, o que lhe permitia realizar seu sonho de alugar uma casa em Xapuri e finalmente viver com a mulher e os filhos debaixo do próprio teto. Quando, alguns meses depois, o dono quis recuperar a casa para vendê-la, Mary, Adrian e Steve coletaram mil dólares e a compraram para ele como presente de Natal. Ficava na rua Batista de Morais, perto da casa de seu irmão Zuza, em frente à delegacia de polícia. Era uma modesta construção de tábuas de madeira de palma sobre palafitas que Ilzamar pintou de azul-claro. As paredes eram simples painéis de madeira a meia altura. Tinha uma cozinha rudimentar cuja porta dava para um jardim onde ficava o banheiro. Ao fundo, as árvores cobriam a vista do rio. Em uma cidade grande, teria sido a inveja da favela. Em

Xapuri, era uma casa normal. Para Ilzamar Mendes constituía o sonho mais desejado, um remanso de paz e segurança em meio à luta que também a ela coube viver. Para Chico Mendes, era o refúgio que lhe permitiria desfrutar do repouso do guerreiro.

NÃO POR MUITO TEMPO, PORQUE as forças que havia desencadeado durante suas viagens seguiam um rumo incontrolável, e ninguém teria conseguido detê-las. O ministro do Mirad (Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário), que tinha recebido Chico e Mary antes de sua viagem a Miami, assinou uma série de autorizações para constituir reservas extrativistas em áreas expropriadas. Como a maior parte do território do Acre tinha escrituras de duvidoso valor legal, o potencial de expropriações em massa era, então, algo mais que um sonho de seringueiro iluminado. Os poderosos não tardaram a reagir. Duas semanas depois de as novas leis entrarem em vigor, o ministro responsável morreu em um suspeito acidente de avião quando sobrevoava o leste da Amazônia.

No front dos Estados Unidos, depois de várias audiências nas quais Steve Schwartzman e Barbara Bramble recomendaram suspender a contribuição norte-americana ao BID diante da falta de resposta das autoridades brasileiras, o Comitê de Apropriações do Senado, presidido por Robert Kasten, congelou a entrega de 200 milhões de dólares em dezembro de 1987. Algumas semanas depois, o BID suspendia os pagamentos ao governo do Brasil para o programa do Acre. Os trabalhos de asfaltamento da estrada foram interrompidos. Chico Mendes, o homem que não havia ganhado nenhuma eleição em sua terra, conseguiu fazer valer a causa dos seringueiros. Aquele que era considerado honrado demais para sobreviver na política local soubera congregar à sua volta forças tão díspares quanto o Partido dos Trabalhadores, o sindicato, a Igreja, as organizações ecologistas, um congressista norte-americano e agora os grandes bancos internacionais. Os latifundiários começaram a vê-lo com outros olhos. Ele não era mais uma pedra no sapato. Havia se transformado em uma verdadeira ameaça, um verdadeiro perigo. Com a suspensão do asfaltamento, os preços da terra estacionaram e depois começaram a cair. Cresceu a fama do Acre como lugar arriscado para grandes investimentos e problemático para a colonização. Alguns colonos e latifundiários começaram a vender suas posses, seguindo o exemplo de Geraldo Bordon.

Uma só voz se ergueu para defender Chico da chuva de críticas que caiu sobre ele. Era a voz que se levantava quando se tratava de defender os mais desfavorecidos, os perseguidos, os que não tinham voz. O bispo dom Moacyr

Grechi declarou valentemente à imprensa: “Não posso conceber que alguém seja contra a estrada. Tantas vezes me vi bloqueado, tantas vezes vi doentes em situações difíceis que não posso dizer que esteja contra. Ninguém está contra, mas ela precisa ser construída com as mínimas condições para garantir a riqueza e a segurança dos povos da Amazônia, porque até agora só trouxe desastre e calamidade”. Nas fazendas do Acre, nos gabinetes de Rio Branco, na mente de todos os que haviam apostado em enriquecer destruindo a selva, que haviam comprado grandes extensões acreditando que a estrada passaria por suas terras, aquelas palavras constituíram uma verdadeira afronta, ainda maior que a de Chico Mendes, porque vinha de uma instituição tradicionalmente relacionada com os círculos do poder.

******** Irmão de Leonardo Boff, eminente teólogo, um dos teóricos da Teologia da Libertação na América Latina afastados pelo Vaticano. (N. A.)

41

Gilson Pescador também não podia permanecer indiferente diante dos antagonismos que a projeção internacional de Chico Mendes havia suscitado e que estavam abalando profundamente a vida da pequena cidade. O vigário de Xapuri teve tempo de perceber o mal-estar que se vivia na região. De início, não havia suspeitado que a guerra velada pudesse ter raízes tão profundas. Mas, ao conversar com os seringueiros expulsos, ao verificar a extrema miséria a que estavam reduzidos, Gilson se sentiu tão indignado como quando visitou a favela 117 do Rio de Janeiro. Além disso, no Acre era possível personificar a causa da violência, porque os jagunços estavam sempre presentes, ostentando uma arrogância destinada a provocar. A crescente afluência de pistoleiros e a impunidade com que amedrontavam a camponeses e seringueiros o escandalizavam.

Gilson havia se dedicado plenamente a incentivar as comunidades de base, e estava se tornando muito popular. Havia dado início a um programa para formar monitores que periodicamente se reuniam na igreja para um cursinho de três ou quatro dias. O mero fato de ressuscitar as comunidades de base havia revigorado o movimento sindical e o Partido dos Trabalhadores. Um novo sopro de vida, pelo qual Gilson era responsável, percorria as organizações. Isso não era nenhuma novidade, mas, ocorrendo depois de um longo período de apatia e na atmosfera pesada dos últimos tempos, a renovada atividade da Igreja foi interpretada pelos poderosos como uma nova provocação. Gilson ouviu rumores de que era melhor manter sua igreja afastada da causa dos mais desfavorecidos. “Esta é a casa dos pobres”, declarou o vigário então. Ele entendeu que não poderia seguir as indicações de seu primo bispo de se manter afastado dos conflitos porque isso equivalia a apoiar os latifundiários. Naquele lugar e naquele tempo, era impossível manter a neutralidade, e Gilson estava com os pobres. Chegou à conclusão de que para defendê-los melhor era imprescindível reforçar e apoiar suas organizações. Por isso, convocou à igreja os diretores do sindicato e do PT, sem saber que aquela reunião o levaria ao centro da ação. Propôs criarem um programa comum. A ideia básica era que todos soubessem o que os outros faziam, e, assim, se coordenassem as ações. Para selar esse novo acordo, decidiram que a festa de Nossa Senhora de Nazaré, que aconteceria em 12 de outubro, fosse também o “Dia Nacional do Seringueiro”. A partir desse

momento, a desconfiança de Chico em relação ao novo vigário desapareceu.

A PROJEÇÃO INTERNACIONAL DE CHICO, que tanto havia inquietado o poder local, fez que no final de setembro de 1987 dois advogados relacionados com a UDR se estabelecessem em Xapuri. Respaldados pela total impunidade que lhes propiciava sua proximidade ao poder, não hesitaram em ameaçá-lo publicamente com a mesma sorte que havia cabido a Wilson Pinheiro oito anos antes. Dessa vez, Chico não era o único cabeça de lista. O padre Gilson compartilhava as honras do anúncio macabro. Chico foi à igreja e interrompeu um curso de formação de monitores. "Ele disse que tinha uma mensagem para os seringueiros", recorda Gilson. "Então, eu lhe dei a palavra. 'Companheiros!', disse Chico. 'A UDR se estabeleceu em Xapuri para nos desmobilizar, para acabar definitivamente com nossa resistência. Estão trazendo dezenas de pistoleiros do Pará, de Goiás, do Maranhão e do Sul do Brasil. Eu soube que estão construindo aeroportos clandestinos nas fazendas por aqui. E os dois advogados da UDR que vieram de Rio Branco não tardaram a revelar seu propósito. Disseram que, para acabar com o movimento, duas cabeças precisam rolar: a minha, como presidente do sindicato, e a do padre Gilson, como autoridade moral e religiosa!'"

O padre Gilson respondeu a essa provocação alinhando totalmente a postura da Igreja com a do sindicato. Ofereceu apoio financeiro e o espaço físico necessário para reuniões e assembleias. Denunciou sistematicamente todos os abusos perpetrados na zona rural. E para que não restassem dúvidas sobre seu compromisso, em 12 de outubro, Dia Nacional do Seringueiro, vestindo sua batina branca, debaixo de um sol infernal, subiu ao palanque da praça da igreja. Pela primeira vez na história de Xapuri, um missionário fez um discurso público. Enalteceu a atividade do sindicato, estimulou as afiliações e disse à multidão, com sua voz estentórea, que a luta de Chico era uma luta justa. – E garanto que eu, como autoridade religiosa, como vigário da paróquia de vocês, durante todo o tempo que estiver à frente da igreja de Xapuri, vou apoiar sem hesitação o movimento dos seringueiros e o trabalho de Chico Mendes! – Acrescentou que não temia nem a UDR, nem os fazendeiros, nem o partido que estava no poder: – Não temos medo nem da perseguição nem da morte! – Foi um discurso incendiário, que, unido à incessante atividade para reforçar as comunidades, catalisou todo o povo de Xapuri. Até o funcionário do Banco da Amazônia, um tal de Argamemnon, se emocionou. Como muitos outros, a partir desse dia começou a frequentar a igreja do padre Gilson e a participar de suas atividades.

“A vida deixou de ser monótona”, recordaria poucos anos depois.

A reação dos poderes públicos foi imediata. O prefeito, Vanderley Viana, na melhor tradição dos westerns, ligou para Gilson e lhe deu trinta dias para ir embora. Ao mesmo tempo, a imprensa local, a rádio e a televisão municipais desencadearam uma campanha difamatória contra Chico e contra o padre, acusando-o de subversivo, comunista e agitador, entre outras coisas. A segunda ameaça ocorreu depois de expirado o prazo de trinta dias. Alguns seringueiros avisaram Gilson, enquanto descia o rio Acre em direção ao Seringal Filipinas para oficiar uns batismos, que tinham ouvido dois pistoleiros dizerem na estação de ônibus que a convocação ao seringal era uma armadilha para matá-lo. Mas Gilson não alterou seus planos e voltou são e salvo do Seringal Filipinas. A terceira ameaça, uns dias depois, aconteceu no bairro de Laranjal, nos arredores de Xapuri, onde fazia uma visita pastoral. Ali foi prevenido de que três indivíduos armados de espingardas o esperariam no caminho de volta. Deu uma grande volta ao retornar. Estava tranquilo, porque sabia que tinha a melhor proteção: a gente que o estimava. Seu rebanho era seu escudo.

Em Xapuri, as ameaças e a violência velada que ameaçavam fazer explodir uma tragédia de um momento para outro conseguiram fazer a cidade cerrar fileiras em torno de seu vigário, cuja energia havia se tornado lendária. Até temidos pistoleiros e criadores de gado como Darly Alves e seu pai, o velho Sebastião, que no jardim de sua casa pregava uma religião inventada, cumprimentavam-no ao encontrá-lo na rua. Seu prestígio havia crescido porque nada parecia detê-lo. Percorria incansável os caminhos da selva levando nas costas mochilas de 30 quilos e cobrindo distâncias de mais de 40 quilômetros de barro sem parar, para visitar as clareiras mais distantes ou para celebrar missa no meio do nada. Havia observado que os mais pobres da cidade, aqueles que moravam do outro lado do rio, tinham dificuldade de ir à igreja ou de comparecer a um acontecimento qualquer porque o barro das margens com frequência impedia a travessia. Então, decidiu construir uma igreja do outro lado. Durante dois meses e meio, dirigiu um exército de voluntários para carregar as pirogas de madeira, tijolos, telhas, cimento, sacos de areia, etc. Ele mesmo levava sacos de 50 quilos de cimento até a margem, enfiado no barro, sob o calor úmido ou debaixo de chuvas torrenciais. Três meses depois, o edifício estava pronto. Mas não parou por aí. Conseguiu fundos de organizações vinculadas à Igreja e continuou edificando para os pobres. De modo que, um ano e meio depois de se estabelecer em Xapuri e graças à febre de ação com que soube contagiar os fiéis, havia construído três

igrejas e onze centros comunitários.

A credibilidade de Chico e o trabalho de Gilson criaram uma nova corrente de simpatia para a causa. Em troca de uma entrega total, Chico e Gilson recebiam o apoio das pessoas. Se antes o normal era dar de ombros dizendo: “Isso é assunto de seringueiros”, agora pessoas de todas as camadas sociais se interessavam e faziam perguntas sobre o que estava ocorrendo à sua volta. Gilson e Chico ficaram amigos. O missionário acabou apreciando o espírito desprendido e generoso do seringueiro, mas era sua capacidade de líder o que o fascinava: “Ele tinha a inteligência dos autodidatas, algo que não se aprende no colégio nem na universidade”. Quanto a Chico, encontrou em Gilson o instrumento perfeito para ampliar as bases e reforçar a luta, já que suas atividades internacionais o absorviam cada vez mais. Gilson lhe dava a confiança de que necessitava e uma valiosa solidariedade no momento difícil, mas crucial, que o movimento atravessava. O líder dos seringueiros sabia que com Gilson de um lado e Mary e Adrian do outro, tinha as duas asas que lhe permitiam voar.

A HIERARQUIA DA ORDEM DOS Servos de Maria não estava disposta a deixar que a Igreja liderasse uma revolução na selva. No início de 1988, o superior provincial convocou Gilson Pescador à Catedral de Rio Branco. A explosiva situação de Xapuri ameaçava mais que nunca as sempre frágeis relações da ordem com o poder local. Sessenta anos de trabalho ininterrupto estavam sendo comprometidos. Gilson pensou que a ordem estava sofrendo pressão do governo ou das instituições do Estado, influenciados pelos latifundiários. Qualquer que fosse a razão, o caso é que o superior provincial pediu ao vigoroso padre que se afastasse do sindicato, do movimento de luta dos seringueiros e do Partido dos Trabalhadores.

– A orientação da Igreja é que nenhum sacerdote, nenhum religioso se manifeste por um partido. E você está sendo acusado de oferecer muito apoio ao PT.

– Não apoio o PT em si – respondeu Gilson. – O que acontece é que todos os líderes, os monitores da cidade e da selva são do PT. Isso é um fato, é assim.

– Não podemos permitir que partidos políticos se sirvam de grupos de evangelização e de organizações eclesiásticas para fazer propaganda.

Gilson respondeu que ele mesmo havia preconizado a união de todas as forças visando defender-se mutuamente da crescente pressão dos fazendeiros.

– É verdade que organizavam assembleias políticas e sindicais na igreja?

– E onde mais? – replicou Gilson.

– E que o Toyota da paróquia foi utilizado indistintamente por membros do sindicato e militantes do PT?

– Está à disposição de quem precisar – pontuou Gilson. E acrescentou que a situação em Xapuri era muito violenta e obrigava a tomar partido.

Mas o superior insistiu sobre os limites do compromisso da Igreja. Gilson lhe recordou que sempre havia agido segundo os documentos de Puebla e segundo o documento Pastoral da Igreja Latino-americana. Para ele, não havia distinção no compromisso: era preciso ir até o fim.

– Sua missão era apaziguar os ânimos – recordou o superior –, e agora você se transformou em líder de um movimento revolucionário. Isso não é papel do vigário.

Gilson foi ver seu primo, dom Moacyr. O bispo nunca havia esmorecido em seu compromisso com os desfavorecidos; recentemente, certas declarações públicas a favor de um controle do asfaltamento da estrada lhe haviam valido várias ameaças anônimas e o renovado rancor de certos setores da sociedade local. Diferentemente do superior, o bispo o compreendia porque conhecia o ambiente da zona rural, mas nem por isso aprovava a promiscuidade entre partidos políticos e a Igreja. Tornou a lhe pedir moderação para lidar com os assuntos da paróquia:

– Se a situação sair do controle, os adversários dos pobres terão uma justificativa para acabar com toda a resistência, e também com o apoio da Igreja.

Além disso, ele era o bispo, a suprema autoridade da Igreja sobre um território imenso, e seu primo devia respeitar sua hierarquia, e a ele também. Então, Gilson disse que era tarde demais para modificar seu compromisso – o da igreja de Xapuri –, mesmo que quisesse. Havia feito uma escolha total, da qual não podia fugir.

– São Sebastião foi assassinado diante do imperador porque denunciou as injustiças com coragem. Jesus Cristo morreu por uma causa política e religiosa. Nossa Senhora das Dores, de quem os Servos de Maria se dizem seguidores, sofreu as mesmas perseguições que Jesus Cristo. Por que tenho que me afastar agora? Por que sacrificar minha vocação de servir aos pobres? – perguntou

Gilson.

Dom Moacyr não insistiu, mas pensou que, se seu primo estava começando a se considerar um messias, era porque o fervor revolucionário o estava deixando transtornado.

Nesse dia, de volta à estrada poeirenta, Gilson Pescador se sentiu mais sozinho que nunca.

42

Das poucas grandes extensões de selva virgem que restavam no município de Xapuri em 1987, uma delas ficava na área fronteiriça com a Bolívia, e seu nome logo se tornaria símbolo daquela desesperada guerra entre os homens da selva e os criadores de gado. O Seringal Cachoeira abrigava 353 seringueiros que, amparados pela lei que lhes garantia o direito de posse, haviam oferecido uma feroz resistência às tentativas de desmatamento por parte dos quatro paulistas que haviam comprado a propriedade – por uma quantia ínfima – do seringalista original. Em julho de 1987, um dos proprietários mandou de novo uma equipe de desmatadores. Mas os seringueiros se reuniram no fim da única estrada de acesso e impediram a passagem dos peões, que de novo foram obrigados a dar meia-volta. Havia uma explicação para essa tenacidade e combatividade: Chico Mendes havia sido criado no Seringal Cachoeira, e metade dos que ali viviam eram parentes dele. A distração favorita do líder seringueiro era passar temporadas ali com o irmão de seu pai, o tio Joaquim, e sua mulher, a carinhosa tia Cecília, a quem amava como à própria mãe.

Diante da impossibilidade de cortar as árvores, os proprietários entraram em contato com um personagem tão conhecido quanto temido na região: Darly Alves, bandido transformado em latifundiário por sua demonstrada eficácia em "limpar" terras. Durante suas mortíferas incursões, ele e seu irmão Alvarino haviam sido reconhecidos por várias testemunhas – Alfredo Eustáquio entre elas. Sabendo que os Alves sempre se interessavam por terras baratas, os proprietários do Seringal Cachoeira ofereceram aos irmãos (grátis, segundo o rumor; a um preço baixíssimo, segundo o próprio Darly) uma extensão de 7 mil hectares em troca de que a limpassem definitivamente de seringueiros. Era uma magnífica oportunidade, porque o comércio de gado só dava para os Alves cobrirem os gastos de suas fazendas. Ganhavam dinheiro de verdade com a especulação de terras. Antes de mostrar a mão de aço, os Alves mostravam sempre uma luva de pelica. A primeira coisa que Darly fez foi visitar os seringueiros de Cachoeira. "Ele veio como amigo", recordaria tia Cecília. "Falou com meu filho Miguel e insistiu para que ele lhe vendesse sua clareira. Disse que daria a cada família 200 hectares de terra, que não pretendia expulsar nenhum seringueiro e que ia construir uma capela, porque sabia que éramos todos católicos. Falava como um camarada, como um amigo. Mas só Deus sabe o que ele escondia no coração."

Os seringueiros se opuseram unanimemente a vender para Darly. “Ele vai começar a arrasar e depois vai nos expulsar”, disseram todos. Além disso, existia um pacto sagrado entre seringueiros que dizia que só podiam vender suas colocações a outros seringueiros. Tiveram que tomar essa medida para se proteger da agressividade dos compradores.

Darly não se deu por vencido e foi sondar do outro lado do seringal. Seu plano, como se soube mais tarde, era comprar uma colocação para construir um caminho de acesso independente da entrada principal, controlada por seringueiros, o que lhe permitiria cortar as árvores e levar a madeira. Localizou um seringueiro chamado José Brito, que vivia a quatro horas de caminhada da casa de tia Cecília. Darly soubera que ele queria se mudar por conta de um conflito com um vizinho.

– Brito, amigo – disse Darly com sua voz rouca e afável. – Acabei de comprar um quarto deste seringal. Quero que meus filhos se familiarizem com os produtos da região, principalmente com a borracha e a castanha-do-pará, porque minha outra fazenda vai ser só para gado. Sei que você quer ir embora da sua colocação, e estou disposto a pagar bem.

– Seu Darly, o senhor sabe que não posso fazer isso – respondeu Brito, aludindo ao pacto entre seringueiros que só permitia aceitar uma oferta com a aprovação do sindicato.

Então, Darly lhe falou de uma espingarda nova, de dinheiro e da possibilidade de mudar de vida. Tudo muito tentador para que um homem atormentado e pobre como José Brito rejeitasse de cara. Que melhor maneira de se vingar de seu vizinho que colocando Darly na área?, pensou o seringueiro.

– Que idade você tem? – perguntou Darly.

– Trinta anos – respondeu Brito.

Darly fez uma expressão depreciativa.

– E o que você tem com 30 anos? Nada, nem mesmo o direito de vender sua casa, porque seus colegas não deixam. Não acha que está na hora de conseguir alguma coisa na vida, de ser alguém por si mesmo, e não um animal em um rebanho? Responda logo – instou antes de pegar o caminho de volta para a Fazenda Paraná.

José Brito conhecia o destino dos que se opunham à vontade dos irmãos

Alves. Recentemente, o corpo do seringueiro José Ceará havia aparecido crivado de balas no acostamento da estrada. Todos sabiam que havia sido abatido por Zezão, um pistoleiro pago pelos Alves, porque se negara a vender sua colocação a Alvarino, irmão de Darly, que queria ampliar sua propriedade. E Brito tinha medo de acabar da mesma maneira.

Poucos dias depois recebeu a visita de uns colegas que tentaram reconciliá-lo com seu vizinho e aproveitaram para lhe recordar o pacto entre seringueiros. Ofereceram-lhe a mesma quantia que Darly havia oferecido, mas José Brito não quis aceitar. Garantiu que acataria as regras do sindicato e que não venderia seu direito de posse. De jeito nenhum. – Vivi aqui a vida toda, e aqui vou ficar – concluiu.

*

Quando, da janela da sede do sindicato, Chico Mendes viu uma velha seringueira chegar, toda enrugada, angulosa e com sua eterna bituca colada nos lábios, teve a intuição de que algo grave havia acontecido. Conhecia bem Dona Nazaré; era vizinha de seus tios, e quando criança brincara com os filhos dela. E sabia, pela expressão compungida e seu andar veloz, que estava com problemas. O que ainda não sabia era que aquele problema desencadearia uma espiral de violência da qual ele mesmo não poderia escapar. – Ai, Chiquinho – disse Dona Nazaré. – Meu filho José vendeu a colocação para esse bandido Darly e foi embora. Abandonou o irmão e eu. – Era difícil acreditar que José Brito houvesse fechado trato com Darly pela mesma quantia que o sindicato lhe havia oferecido: o equivalente a 100 dólares. Por essa quantia, Brito havia optado por trair o pacto de solidariedade entre seringueiros. Por 100 dólares, havia deixado sua família sem lar e seus colegas indefesos. Mas conseguira se vingar do vizinho – e uma espingarda nova. “Eu não sei por que Brito vendeu. É uma das coisas que vão me intrigar a vida toda”, diria Raimundo de Barros, primo de Chico. “Quando o conheci, ele era uma boa pessoa. Participava do sindicato, até organizei várias reuniões na casa dele, e ele preparou comida para todo mundo. É muito fácil mudar a cabeça de nossa gente quando alguém oferece alguma coisa, porque eles não têm nada. Nada de nada. Foi justamente isso que os Alves fizeram.”

Chico foi rapidamente a Cachoeira, acompanhado de um jornalista local. Era urgente acalmar os ânimos daqueles que queriam matar José Brito.

– Brito é um trabalhador como qualquer um de nós – disse Chico. – Não é ele

o inimigo.

Dona Nazaré tomou a palavra naquela clareira da selva onde uma centena de seringueiros indignados haviam se reunido:

– Agora que meu filho José foi embora – disse solenemente a velha –, a colocação é só minha. E eu não tenho intenção de ir embora. Nunca!

Depois, um a um, os seringueiros de Cachoeira declararam que manteriam a resistência, que lutariam contra Darly Alves até o fim, se fosse necessário. E fizeram a solene promessa de não permitir a derrubada de uma só árvore na região de Xapuri. Na firmeza de sua voz estava a recordação de todos os recentes assassinatos, dos colegas exilados na Bolívia enquanto suas barracas queimavam, dos que haviam se transformado em favelados em Rio Branco, das estratégias organizadas por Chico Mendes para salvar o que pudessem.

Como muitos outros, Mary Allegretti tinha certeza de que os fazendeiros usavam Darly Alves para provocar uma confrontação com Chico Mendes. Ligou para ele assim que soube desse novo conflito. “Ele respondeu que meus conselhos eram bem-vindos, mas que, acima de tudo, ele era seringueiro, e que agiria de acordo com sua cabeça de seringueiro. Eu entendi que não era uma luta do líder político que se anunciava, e sim uma luta de seringueiro contra patrão. Nessas circunstâncias, a única coisa que eu podia fazer era acelerar no Mirad o procedimento de expropriação do Seringal Cachoeira para transformá-lo em uma reserva extrativista antes que Darly Alves começasse a cortar as árvores para reclamá-lo como seu. Não podíamos deixar que Darly legitimasse a propriedade.” Um camponês amigo de Chico também o avisou para não cair na armadilha: “Darly Alves é um dos homens mais perigosos que já passaram por aqui. Ele enfrenta quem for, e tem o apoio da UDR. Você precisa saber disso antes de começar a brigar com ele”. Para muitos seringueiros familiarizados com as mortes anunciadas cujo fim é semear o terror entre os pobres desvalidos, Darly era só um simples executor manipulado pelos latifundiários. Para estes últimos, era um herói, um verdadeiro desbravador que não tinha medo de nada nem de ninguém – e menos ainda do dirigente do sindicato dos trabalhadores rurais de Xapuri.

Chico não poderia ter voltado atrás, não poderia de jeito nenhum se safar daquela batalha. O líder dos seringueiros sentiu que tudo o que já havia passado na vida fora apenas um ensaio do combate que se avizinhava. O Seringal Cachoeira não era só o cenário de suas melhores recordações da infância;

simbolizava também o amor pela selva, que seu pai lhe havia transmitido pacientemente. Ali havia aprendido a sangrar as grandes seringueiras brancas, a imitar o canto dos pássaros, a temer os espíritos da floresta e os patrões. No Seringal Cachoeira havia se transformado no que era, e se fosse necessário lutar até o fim para continuar sendo fiel a si mesmo, se era chegada a hora de pôr seus ideais e suas crenças acima da própria vida, não existia melhor lugar que esse pedaço de selva para travar a batalha decisiva de uma vida de privações e de luta.

*

Gilson não havia lhe contado os problemas que tinha com a hierarquia da ordem para não o chatear ainda mais. A esses problemas somara-se um novo, que parecia ser a maldição dos missionários de Xapuri. Gilson foi surpreendido nas dependências da igreja abraçando uma jovem, filha de um farmacêutico local. O isolamento, a dureza da vida em um lugar tão afastado, a violência, a sensação de perigo e principalmente a solidão eram muito para homens que tinham que ser religiosos, psicólogos, juízes de paz, construtores, empresários e médicos ao mesmo tempo. Ao cair nos braços de uma mulher, Gilson não fizera mais que seguir os passos de seus predecessores. Mas eram tempos diferentes, e aquilo foi um presente para seus adversários, que se deleitaram com todo tipo de calúnias. “Em toda esta região há muito mais mulheres que homens”, explicaria dom Moacyr. “E o casamento é, para elas, uma maneira de aspirar a certa libertação, a um mínimo de autonomia. Nas famílias, reina um clima de muita dominação, muito abuso, principalmente quando o chefe de família não é o pai de todas as filhas. Elas veem o missionário como um ideal, como um homem sério e fiel que não vai maltratá-las.”

Mas se Destro e Claudio tiveram permissão para continuar exercendo sua vocação, por que agora não permitiam o mesmo a ele? Pelo menos durante mais algum tempo?, perguntou Gilson ao superior provincial que foi destituí-lo do cargo. O superior lhe ofereceu, em troca, a possibilidade de escolher seu próximo destino, no Brasil ou no exterior. Ofereceu-lhe até a paróquia de Turvo, sua cidade natal. O que fosse, desde que abandonasse esse barril de pólvora que, nesse momento mais que nunca, ameaçava a estabilidade e o bom nome da ordem em centenas de quilômetros ao redor. Mas Gilson não podia partir. Não por conta de sua incipiente relação afetiva, à qual estava disposto a renunciar, mas por seu compromisso com a luta. “Quando Chico soube”, recordaria Gilson mais tarde, “começou a dizer em voz alta o que pensava. Mobilizou o povo de

Xapuri. Fez entrevistas em vários jornais, falou na rádio. Não podia permitir que lhe cortassem uma asa bem quando começava a batalha pelo Seringal Cachoeira."

Chico também escreveu uma carta a dom Moacyr em termos que o próprio bispo definiria mais tarde como "bastante duros". Apesar de reconhecer a importante contribuição da Igreja desde o início da luta, queixava-se de que ela dava para trás no momento crucial. Suplicava ao bispo que não cortasse seu apoio, porque isso teria consequências dramáticas. Rogou-lhe que fizesse o impossível para manter o padre Gilson em Xapuri.

Mas Gilson sabia que seus dias nessa pequena cidade estavam contados, e isso o angustiava. Era como obrigar um ator a abandonar seu papel no momento do desenlace. Havia passado muito tempo na ordem e conhecia todos os detalhes de seu funcionamento. A decisão de mandá-lo para outro lugar havia sido tomada, e assim seria. Ele, porém, ainda acalentava uma tênue esperança. Logo se realizaria o Congresso Trienal da ordem, a fim de eleger a nova direção no Brasil, e ele achava que poderia granjear o apoio de seus amigos. Mesmo que não conseguisse mudar a decisão, pelo menos ganharia tempo. Gilson pegou um avião para Turvo, em Santa Catarina, com um nó no estômago e um desgosto que não o abandonariam nos meses seguintes.

Enquanto isso, Chico e Raimundo começavam a coletar assinaturas para pedir a permanência do padre Gilson em Xapuri. Encaminharam o pedido na véspera do encerramento do congresso da ordem. O superior provincial franziu o cenho: "Outra manobra de Gilson", pensou. Outros presentes ao congresso também pensaram que o jovem padre estava por trás daquela manifestação popular. Analisaram o pedido e observaram que os conceitos teológicos e políticos estavam muito bem empregados para que um grupo de seringueiros analfabetos pudesse tê-los escrito. Em vez de ajudar Gilson a não ser transferido, o pedido, assinado por milhares de pessoas, teve o efeito contrário. Disseram-lhe que não podia voltar ao Acre. A tensão reinante podia desembocar em uma tragédia, e sua segurança estava em perigo. Era um argumento irrefutável, e Gilson sabia disso. Havia sido "anunciado". No Acre, o anúncio da morte próxima era mais um fato que uma simples ameaça.

Quando finalmente percebeu que não voltaria, quando se viu afastado da grande batalha na qual vinha sendo um dos protagonistas, pela primeira vez considerou a possibilidade de romper com a ordem e com a Igreja. – Pelo menos,

deixem-me voltar para a festa de São Sebastião – suplicou. Deixaram-no ir, mas só para que fizesse as malas e preparasse a volta definitiva.

Em 25 de janeiro de 1988 aconteceu a maior festa de São Sebastião que a cidade de Xapuri jamais conheceu. Quarenta e quatro anos depois de Francisco Mendes ter pedido a mão de uma bela acriana, o filho primogênito daquela união era o centro das atenções de toda a cidade, que para a ocasião recebia mais de 6 mil seringueiros saídos das profundezas da selva para demonstrar sua devoção. As festividades começavam com a banda percorrendo as ruas às 6 horas da manhã. Às 8, antes de o calor se tornar tórrido, o padre Gilson oficiou uma missa solene na praça, visto que não cabiam todos os presentes na igreja. Fez um sermão, misto de discurso político e de alusões ao Evangelho, que entusiasmou os fiéis. Adrian Cowell filmou um grupo de jovens apoiados na parede de uma ruazinha adjacente à praça. – São pistoleiros – disseram-lhe baixinho. Mais tarde, em sua sala de montagem, Adrian descobriria que havia filmado os filhos de Darly Alves ao lado de pistoleiros profissionais.

Às 4 horas da tarde, a procissão saiu da igreja. Passou em frente à estátua de São Sebastião, que desde o início estava voltada para o rio, porque o abastecimento da cidade sempre dependera do rio. O novo prefeito, um acérrimo inimigo de Chico Mendes, havia mandado virar a estátua para a estrada, argumentando que o futuro da localidade não estava no rio, e sim na estrada, e que São Sebastião deveria abençoar os caminhões, e não os barcos. Mas logo depois começou a chover de tal maneira que houve uma inundação terrível. Ninguém em Xapuri acreditou no acaso, e todo mundo teve certeza de que a proteção do mártir havia acabado.

Em 28 de janeiro, seguindo as instruções do superior provincial, que desejava que lhe fosse entregue pessoalmente, o padre Humberto chegou com a ordem de transferência do padre Gilson. O vigário fez uma desesperada tentativa de mudar o rumo dos acontecimentos. Garantiu-lhe que sua aventura amorosa havia sido apenas um deslize, e que não se repetiria. As pessoas podiam atestar que essa relação havia acabado. Também disse que havia consultado o pessoal da cidade, as organizações e as entidades de Rio Branco, e que todos haviam manifestado o desejo de que ficasse. – É impossível – respondeu o padre Humberto. – A congregação está firme em sua decisão de transferi-lo. Se insistir em permanecer aqui, vai ter que pensar em abandonar a congregação. – Gilson sentiu um calafrio subir-lhe pelas costas. Embora tivesse pensado nisso, a ideia lhe repugnava. Sua vocação estava intacta. A congregação era sua família.

Questionou o fato de deixarem indivíduos sozinhos durante tanto tempo em lugares afastados como Xapuri. Sugeriu que mandassem outro padre, se não confiavam nele. Era tarde demais, disse o padre Humberto. Sua saída de Xapuri havia se transformado em um objetivo prioritário para a ordem.

No dia seguinte, a notícia de sua transferência, filtrada pela hierarquia da congregação, saiu na capa do jornal local. Não havia mais como ganhar tempo. O momento de Gilson tomar uma decisão havia chegado. Voltou-se para os fiéis e decidiu ouvi-los. “Quando a Igreja diz que o povo tem que participar, que a comunidade sempre deve decidir, não sei o que quer dizer, porque faz justamente o contrário”, declararia Gilson. “Afirma-se que o Espírito Santo fala por meio da mitra do bispo. Eu acho que o Espírito Santo também fala por meio do clamor do povo. Naquela época, eu queria ficar porque tinha uma missão, porque as pessoas precisavam de mim. Então, em vez de dar ouvidos à mitra do bispo, decidi ouvir o clamor do povo.” O povo queria que ele ficasse. Ele também queria isso. “Tomei a decisão de ir até o fim com meu compromisso, quaisquer que fossem as consequências. Decidi ficar em Xapuri. Ir até o fim. Isso não era também uma lição de Cristo?”

Dom Moacyr, que estava em uma posição delicada, pediu ao primo que pensasse bem em sua decisão. Ofereceu-lhe viajar a qualquer lugar se isso lhe servisse para refletir melhor. Gilson, atormentado e confuso, foi para o Rio de Janeiro, a cidade que tanto amava e em cujos bairros mais míseros tantos gostavam dele. “Eu sempre sonhei, desde criança, em ser missionário. E então me perguntava se esse sonho não teria mudado. Se, no fundo, eu não desejava, acima de tudo, contribuir com o ser humano, ajudar o pobre, contribuir para a transformação social. Essa era minha verdadeira vocação. O tempo de reconhecer isso havia chegado. Por outro lado, como conhecia bem a Igreja, cheguei à conclusão de que isso era incoerente com os princípios evangélicos. De modo que escolhi, firme e irrevogavelmente, abandonar a Congregação dos Servos de Maria.” Para alguém que vinha de uma família tradicional, católica, que tinha um primo bispo e uma irmã freira, essa decisão foi vivida como um verdadeiro desgarro. “Renunciar à Igreja foi como um divórcio”, recordaria mais tarde.

Então, Gilson fez a última viagem de religioso até Turvo, sua cidade natal. Na manhã de 14 de março de 1988, dirigiu-se ao edifício que tantas vezes havia frequentado e onde havia alimentado a maior parte dos seus sonhos de criança. Foi assinar os papéis que o afastariam definitivamente de sua ordem como

religioso e da Igreja como sacerdote. Ao sair da sede da congregação, pensou no futuro na distante Xapuri. Dali em diante, não teria a aura sagrada do padre, não seria uma autoridade religiosa, não teria o apoio da ordem. Não seria mais o padre Gilson. Seria simplesmente Gilson Pescador.

43

Antes do conflito de Cachoeira, a família Alves era bem fechada, e não se sabia de discussões pessoais entre eles. Eram respeitados na cidade. Darly tinha fama de cumpridor nos negócios – comprava gado a trinta dias e sempre pagava, segundo aqueles que o conheciam –, e se orgulhava de manter relações de boa vizinhança com todo mundo. Tudo que ganhava investia em sua fazenda, que em 1987 contava com 3 mil cabeças de zebus. Conseguira a fazenda um ano depois de sua chegada ao Acre, em troca de seus "serviços". Originalmente, era um terreno de 2 mil hectares pertencente à Fazenda Bordon. Para grandes latifundiários como a Companhia Bordon, ter os Alves como vizinhos era uma garantia de paz; era como dispor de um serviço de ordem ao alcance da mão. Para os irmãos Alves, o fato de esse terreno fazer limite com a Fazenda Perseverança, propriedade do velho patriarca Sebastião, permitia que o ampliassem mantendo a família unida. Era a maior fazenda que jamais haviam tido, e ficava a apenas 13 quilômetros da praça de Xapuri. No dia em que foi registrá-la no cartório, Darly teve a ideia de chamá-la de Paraná, em homenagem a seu antigo lar, de onde tivera que fugir depois de cometer vários crimes. No Acre estava a salvo da justiça, por conta da excelente relação que mantinha com os latifundiários da região. Aqueles que sabiam se colocar do lado dos poderosos tinham garantia de impunidade. Cegamente confiantes nessa segurança, nunca se preocupavam em apagar as marcas do passado nem em disfarçar seu peculiar estilo de vida.

NÃO SÓ O AMOR PELA violência era transmitido de pais para filhos naquela família singular. Também se herdava o gosto pelas mulheres. "Meu único defeito é que gosto de mulheres", dizia Darly. "Resta saber se existe no mundo inteiro alguém tão macho quanto eu. Posso fornicar quatro vezes por noite com a maior normalidade, e isso porque estou perto dos 60", e acrescentava: "O que atrai as mulheres não é a beleza, não é o dinheiro, é ser macho na cama. E é isso que eu sou". Darly Alves tinha cinco mulheres e trinta filhos.

Como o velho Sebastião em seus bons tempos, Darly vivia com seu harém na fazenda: cada mulher em sua casa, e a esposa oficial na casa principal. Havia deixado a sexta mulher no Paraná, e o jovem Darci (primogênito de Darly), obrigado pelas circunstâncias a seguir o pai e abandonar a mãe, havia sido criado

por Natalina, uma mulata que estava se tornando uma mulher amarga à medida que, com a idade, ia perdendo os encantos. Tinha uns 40 anos, era a esposa oficial, e tivera cinco filhos. Havia reinado nas preferências sexuais de Darly durante muitos anos. Queixando-se da "menopausa que está chegando", detestava Margarida e Francisca, mais jovens e bonitas. Mas ela se vingava mostrando os documentos que comprovavam a união: "Eu sou a única esposa de Darly, casada no civil! Essas duas só são aventuras de meu marido".

Pequeno, magro, ossudo, Darly parecia não ter nenhum atrativo físico capaz de seduzir o coração de uma mulher. À primeira vista, era o oposto de um dom-juan. Seu único encanto era sua incrível atividade sexual. "Darly é um touro selvagem", contava Natalina. "Ele parece fracote, mas na cama é como um jovem de 15 anos. Faz amor quatro, cinco vezes seguidas. Não há mulher que possa resistir a ele." Deposta das preferências amorosas de Darly pelas carnes mais tenras de Margarida e de Francisca, Natalina se queixava, saudosa, de que seu sultão-pistoleiro já não a procurava: "Não é mais a mesma coisa. Só faz entrar e sair. Não me faz os mesmos carinhos de antes". Decidida a não deixar que lhe tomassem terreno, arranjou a receita de uma poção à base de cominho, açafrão, guaraná e outras ervas da selva para elaborar um poderoso afrodisíaco. Com um copinho à volta do trabalho, o apetite sexual de Darly redobrava. "Fazia ele fornicar como louco, como nos bons tempos", suspirava Natalina, que chamou sua beberagem de "cimento", porque endurecia depois de certo tempo.

Outra de suas mulheres, Francisca da Silva, era oriunda do Acre, filha de humildes camponeses. Havia sido empregada de uma fazenda dos arredores de Xapuri aos 12 anos. Darly, que frequentava os churrascos de fins de semana na casa dos amigos, reparou nela e a seduziu quando havia acabado de completar 15 anos. Uns meses depois, chamou-a para morar com ele. "O afeto e a ternura que me dava fizeram eu me apaixonar loucamente por ele. Como meus pais se opuseram a esse relacionamento, decidi fugir", contaria Francisca. Quando chegou à Fazenda Paraná e descobriu que ficaria em um barracão adjacente à casa principal e que Darly vivia em concubinato com mais duas, a jovem viu seus sonhos de ter sido raptada por um príncipe encantado ruírem. "Sofri muito ao saber que eu não era a única mulher na vida dele, mas na cama esquecia minha desgraça." Francisca transformou a dor de ter que dividir seu homem em ódio por Margarida, a preferida, a ponto de tentar envenená-la. Darly teve que intervir para apaziguar os ânimos. A inveja entre suas mulheres era o preço que tinha que pagar por mantê-las todas juntas. Então, reuniu as três e, em tom

severo e glacial, recordou as regras do jogo: – Não quero que nenhuma de vocês se meta na casa da outra. Há bastante espaço aqui para que isso não aconteça. E estou avisando: se uma de vocês matar a outra em um ataque de ciúme, vai morrer, seja de bala ou de veneno. – Depois dessa advertência, não houve mais tentativa de homicídio, mas a rivalidade continuava existindo, e às vezes ocorriam explosões. A situação se manteve graças à indiferença que as mulheres, que moravam em casas a menos de 50 metros de distância umas das outras, dispensavam umas às outras. Ignorando-se, a tensão não ia além da guerra fria. Enquanto Darly criava seu gado, cada uma de suas fêmeas criava os próprios filhos. Francisca teve três filhas com Darly, e sempre falou do afeto que o pai sentia pelas meninas e que nunca lhes havia faltado nada.

Touro para uma, cavalo para outra, para Margarida – a princesa do harém, a mais nova – Darly era o mais doce dos sultões. “Nunca conheci um homem tão carinhoso, tão doce e tão bom de cama. É para comer de beijos”, disse à imprensa em uma ocasião. Teve dois filhos com Darly, e – paradoxalmente, já que era a preferida – foi a única de suas mulheres que acabaria delatando os crimes do amante.

A descendência era tão numerosa que ele construiu um casarão na fazenda para que servisse de escola. Uma professora ia todos os dias de Xapuri para dar aula à prole. Não muito longe, o patriarca Sebastião havia mandado construir uma capela para pregar sua religião. Muitos dos que compareciam a suas celebrações eram membros das dez famílias de vaqueiros e jagunços que moravam em várias casinhas pintadas de rosa nos arredores da casa principal da Fazenda Paraná. “Meus queridos irmãos”, dizia Sebastião, “eu os convido a fazer um exame de consciência e a meditar sobre sua vida. Estamos realmente preparados para encontrar Jesus Cristo? Amamos nossos inimigos? Rezamos pelos que nos insultam?” O eco de seus sermões chegava até a casa de Darly, que gostava de se esconder sob a fachada de respeitabilidade que a religião do pai lhe proporcionava. Mas Darly, que matava seres humanos – que considerava como animais – sem piedade, dedicava-se principalmente a fazer filhos, como se uma força inconsciente o obrigasse a repor de um lado o que arrancava de outro. Alimentá-los, criá-los e cuidar de suas mulheres o eximia de seus pecados, ou pelo menos era o que achava. Bom pai de família, ouvia os sermões do velho Sebastião sem se dar por achado.

“Mulheres, muitas mulheres, mas dos homens quero distância”, repetia Darly Alves com frequência. Mas justamente uma de suas aventuras amorosas é que

causaria o maior prejuízo a sua carreira de pistoleiro profissional e de fazendeiro, e o precipitaria à ruína. Em 1981, iniciou um relacionamento que durou vários anos com uma mulher de Brasileia. Porque ela era pobre, e porque Darly também tinha coração, aceitou assumir o filho dessa mulher, chamado Genésio, e educá-lo na Fazenda Paraná. Foi um gesto de generosidade da parte de alguém que podia ser desapiedado e cruel com os inimigos, mas que era leal e cavalheiro com os amigos. Um gesto que se voltaria contra ele no momento mais delicado de sua vida. O pequeno Genésio tinha 7 anos quando foi viver na fazenda de Darly, deixando a choupana onde morava com a mãe. Criado por todas as mulheres de Darly, mas sem pertencer a nenhuma, nunca se sentiu um membro da família. Crescendo na Fazenda Paraná, foi testemunha silenciosa das atrocidades cometidas pelo pai adotivo e por seus filhos preferidos, Darci e Oloci (este último acabou vivendo com a irmã mais velha do rapaz), que haviam herdado do pai o gosto por sangue. Um dia, o pequeno Genésio se vingaria de ter sido filho de ninguém e contaria com detalhes aos policiais os anos passados na fazenda dos Alves. Também lhes contou que Darly o usava como espião. Durante o conflito do Seringal Cachoeira, mandou-o passar longas temporadas no Hotel de Xapuri para vigiar os movimentos dos seringueiros e colher o máximo de informação.

Foi assim que Darly soube que os seringueiros estavam se reunindo para bloquear o acesso à colocação que havia comprado de José Brito. Ligou para a Polícia Civil, onde trabalhava José Mendes, filho de Joaquim e Cecília: – Diga a seus irmãos e amigos que não obstruam a passagem, porque estou decidido a entrar, e vou passar por cima de quem for. – José ficou com medo e ligou para o sindicato. Chico Mendes não estava lá. Estava em Brasília entregando às autoridades um volumoso relatório, elaborado quase totalmente pelo instituto de Mary Allegretti, que pedia a expropriação imediata do Seringal Cachoeira, bem como de outros 23 seringais em uma primeira fase e de 31 depois. – É melhor que abandonem o local agora, pacificamente – disse José às pessoas que estavam de plantão no sindicato. – Porque, se ficarem, esse homem vai armar uma confusão tremenda, e muitos vão morrer.

Na manhã de 18 de março de 1988, Darly, junto com um pequeno grupo de pistoleiros e peões, pegou o rumo do Seringal Cachoeira para tomar posse de sua clareira. Queria derrubar as árvores o quanto antes para evitar a expropriação. Além disso, quanto mais rápido o fizesse, mais cedo ganharia com a venda da madeira. Mas Darly era muito arrogante e sentia-se muito seguro de si para

reparar em um fato importante: muitas famílias que viviam no seringal já haviam sido expulsas anteriormente de outras clareiras, e dessa vez estavam firmemente dispostas a resistir.

– Seu Darly, sinto muito, mas não podemos deixar que passe – disse o organizador daquele empate. – O Seringal Cachoeira está em processo de expropriação. – Darly, que estava acompanhado de vinte peões e pistoleiros, ficou olhando através de seus grossos óculos. Tinha os lábios apertados, e os dois revólveres que carregava na cintura lhe conferiam um aspecto de bandido de outros tempos. Era a primeira vez que enfrentava um grupo organizado, e a primeira vez que alguém ousava interceptar seu caminho. Agitou a escritura de compra do seringal e o contrato de José Brito, mas os seringueiros negaram a validade dos dois documentos argumentando que essa terra era de seringueiros por direito de posse. Humilhado e enfurecido, Darly não teve outro remédio a não ser dar meia-volta. Na cidade, anunciou publicamente que entraria em sua propriedade mesmo que fosse passando por cima dos cadáveres dos seringueiros.

Darly entrou em contato com João Tezza, aquele advogado da Fazenda Bordon que tão contundentemente havia atacado Chico Mendes na volta de suas viagens aos Estados Unidos. Tezza sentia um profundo desprezo pelos seringueiros, cuja inteligência comparava à dos animais da selva. Apresentou uma denúncia do ocorrido ao juiz de Xapuri, que lhe entregou uma permissão para desmatar, ignorando, assim, a Lei nº 7.511 de 30 de julho de 1986, que proibia cortar as árvores em áreas ricas em castanheiras e seringueiras, bem como arrasar encostas. A ordem ilegal emitida enfureceu os seringueiros, que decidiram não deixar ninguém entrar, nem mesmo a polícia, e renovaram sua solene promessa de impedir a derrubada de uma árvore que fosse na região de Xapuri.

Os seringueiros sabiam que não podiam esperar nada daquele juiz, casado com a viúva de Nilo Sérgio, capataz morto a tiros depois do assassinato de Wilson Pinheiro, e cuja aversão pelos seringueiros era notória. E se nem o diálogo nem a resistência pacífica adiantassem, só restava o uso da força, pensavam os mais radicais. Quando Chico voltou de Brasília e foi a Cachoeira, encontrou uma assembleia muito agitada.

“Alguns companheiros haviam decidido que tinha chegado o momento da confrontação armada com a polícia e com os capangas, que se devia lutar corpo a corpo. Defendi a postura de manter o caráter pacífico de nosso movimento,

pelo menos nesse momento. Tentei explicar que, se radicalizássemos, perderíamos o apoio do exterior e o princípio de apoio político que estávamos começando a ter no Brasil.” Chico propôs submeter a decisão a uma votação geral. Dos quatrocentos seringueiros presentes, 85 votaram a favor da ação armada, e o resto pela continuidade do movimento pacífico. “Não sei qual teria sido nosso destino se a gente, naquele dia, não houvesse mantido a firmeza das convicções”, declararia Chico.

Como sabia que cedo ou tarde os homens da polícia voltariam, Chico passou a mobilizar o maior número de seringueiros, e fez isso caminhando dias inteiros pelos arredores de Xapuri, de casa em casa, pedindo às famílias que fossem acampar em Cachoeira enquanto durasse o empate. Mas Chico intuía que, da mesma maneira que pedia a solidariedade dos seus, Darly estaria reunindo seus amigos em torno da UDR.

Em Cachoeira, uma multidão de famílias se preparou para passar uma longa temporada sob as estrelas. Penduraram as redes nas casinhas, na escola e entre as árvores do limite da selva, mas a maioria dormia no chão. As pessoas estavam assustadas, principalmente as mães com seus filhos. Havia uma média de duzentas pessoas acampando, mas houve dias em que foi possível contar quatrocentos seringueiros reunidos no meio da mata. Tia Cecília passava o dia todo em frente a uma bateria de imensas panelas cheias de arroz e feijão, cozinhando para todos, enquanto Chico levava alimentos e mercadorias no Toyota do sindicato, presente do governo canadense. “Não precisávamos de armas; nossa munição era a comida”, diria tia Cecília. Na sede de Xapuri, um seringueiro chamado Saba permaneceu 52 dias à espera de uma ligação anunciando a expropriação de Cachoeira: “Às vezes eu ficava três ou quatro dias totalmente sozinho aqui na cidade. Em frente, eu via uns seis pistoleiros que passavam o dia na praça”. Alguns dias, os irmãos Darly e Alvarino se sentavam nos bancos da estação de ônibus, em frente ao sindicato, sabendo que sua simples presença era um meio de pressão e intimidação. A oportunidade de provocar surgiu em 26 de abril de 1988, enquanto caminhavam pela rua Batista de Morais. Ilzamar, de sua casa, viu-os aproximar-se enquanto Chico, acompanhado de seis companheiros – dentre os quais estavam Gilson, seu irmão Zuza e seu primo Raimundo –, saía de um beco. Assustada, foi até a varanda de sua casa, pronta para dar o alarme. Dali pôde ver Chico cumprimentar Darly: “Oi”. Depois de se cruzarem, Alvarino puxou um revólver e resvalou o olhar de seu irmão para Chico, como se perguntando se devia atirar. Então, os seis

colegas cercaram o seringueiro, formando um muro de proteção. “Eu quis gritar”, diria Ilzamar, “mas foi tudo muito rápido, e Alvarino, vendo que os outros protegiam Chico, guardou a arma de novo. Se ele estivesse sozinho, talvez o tivessem matado nesse momento.”

Segundo informações reunidas pelo sindicato, o empate de Cachoeira fez um grande grupo de latifundiários se reunir em Rio Branco sob os auspícios da UDR para discutir a possibilidade de eliminar Chico Mendes e outros líderes – incluindo o bispo dom Moacyr Grechi. Para eles, o conflito de Cachoeira era a gota d’água. Uma testemunha da reunião contou que o ideólogo da UDR no Acre fez a pergunta-chave: – Vamos acabar com Chico ou vamos desgastá-lo? – Segundo ele, o mais importante era aumentar a provocação aos seringueiros até justificar o uso da violência. Afinal de contas, os latifundiários tinham certeza de que a força estava do lado deles, e sempre poderiam usá-la. Cortar as árvores na região de Xapuri havia se tornado uma questão de honra para os latifundiários. E a maneira mais fácil de continuar provocando.

44

Cento e doze seringueiros, 34 mulheres com crianças no colo e outras agarradas às suas saias abandonaram o Seringal Cachoeira às 4 horas da manhã da segunda-feira, 23 maio de 1988, e foram para o Seringal Equador, onde não havia posseiros nem seringueiros. O proprietário havia mandado derrubar 300 hectares, quando por lei só se permitia a derrubada de 50 hectares. Sua ação estava respaldada por outra ordem do juiz de Xapuri, que, além disso, havia estabelecido uma multa em caso de empate, o que deixava poucas dúvidas acerca do caráter provocativo da operação. Às 5h30 da manhã, os seringueiros encontraram-se diante de policiais militares fortemente armados. Como sempre, houve um longo momento de silêncio; o ambiente do empate dependia da primeira reação das forças da ordem. Quando Chico chegou perto do sargento, estendeu-lhe a mão. O calor era imenso, apesar da hora, e só se ouvia o barulho dos pássaros, das rãs e o choro de alguma criança. O sargento não se mexeu; esperou que Chico estivesse mais próximo e então apertou-lhe a mão. Houve suspiros de alívio na multidão. Chico lhe explicou que só estavam ali para defender seu direito à terra. O sargento respondeu que a missão de seus soldados não era defender os proprietários, e sim fazer respeitar a lei, e a lei autorizava aquele desmatamento. – Também há filhos de seringueiros entre meus homens – acrescentou o militar. Chico não quis entrar em uma discussão sobre a ordem do juiz. Propôs um compromisso: suspender o desmatamento durante o dia. Estava à espera da chegada de um advogado especialista em questões de terra, que Mary Allegretti havia contratado no Paraná. Apesar de o sistema ser corrupto e de o juiz não demonstrar qualquer sombra de imparcialidade, acreditava que o advogado poderia obrigar a que a lei fosse cumprida. O sargento aceitou a proposta, sob a condição de que os seringueiros voltassem pelo mesmo caminho por onde haviam chegado. Chico deliberou com os seus, e a seguir aceitou.

Ao voltar a Xapuri, Chico soube que o advogado só chegaria vários dias depois. Então, ligou para o Conselho de Segurança Nacional, e um coronel lhe prometeu mandar um telex denunciando a autorização de cortar as árvores ao Instituto Florestal e dando a ordem de suspensão definitiva. Mas, apesar do telex do coronel, o Instituto Florestal não interrompeu o desmatamento e, no dia seguinte, Saba, que assumia o papel de porta-voz do sindicato, anunciou oficialmente à imprensa local que oitenta seringueiros fariam um protesto em

frente à sede do Instituto em Xapuri por conta do que consideravam uma autorização ilegal. Chico ligou para seus amigos do Rio para lhes pedir um gesto de solidariedade. Eles decidiram fazer um protesto equivalente diante da sede central do Instituto Florestal no Rio de Janeiro.

COM SEU AR DE ESTUDANTE e seu sorriso afável, a barba rala, uma bolsa debaixo do braço e uma sacola ao ombro, o advogado Genésio Natividade desceu do ônibus que o havia levado de Rio Branco a Xapuri na tarde de 25 de maio de 1988. Cansado dessa viagem tão longa, sonhava com uma noite de descanso. Décimo de uma família de catorze filhos, seus pais eram camponeses. Sua infância havia sido marcada pela recordação das injustiças flagrantes cometidas contra posseiros como seu pai. Já adulto, chegou à conclusão de que só havia duas maneiras de defender-se desses abusos. Ou ingressando em um dos três corpos de polícia do Brasil – a Polícia Civil, a Polícia Militar ou a Polícia Federal – ou tornando-se advogado. De certa maneira, ao dedicar-se a proteger gente como seu pai, queria mostrar seu reconhecimento pelo sacrifício que a família havia feito para bancar seus estudos. Aos 28 anos, desfrutava de uma sólida reputação de eficácia em todo o estado do Paraná, reputação que havia chegado aos ouvidos de Mary Allegretti. Ela conseguiu convencê-lo a se unir a uma causa que desconhecia por completo.

“Chico parecia muito contente ao me ver chegar”, contaria Natividade. “Lembro que seu rosto se iluminou. Levantou os braços para o céu e exclamou: – Pronto, nosso advogado chegou! Agora tudo vai dar certo, temos um advogado! – Ele me pôs a par de tudo, do conflito de Cachoeira e do protesto no instituto, mas seu tom de voz era tão tranquilo e eu estava tão cansado, que não percebi de cara a gravidade da situação.” O Hotel Veneza era um pequeno edifício cuja fachada é coberta de azulejos e cujo único chuveiro é um cano em cima do vaso sanitário de onde sai um fio de água gelada. Sendo o único hotel de Xapuri, estava sempre lotado, e aquele dia não era nenhuma exceção. O advogado teve que dividir o quarto com um inglês que estava fazendo um trabalho de pesquisa para o Oxfam. Ele não gostou da ideia, mas o cansaço era tanto que não teve energia para procurar outra solução.

No meio da noite, acordaram-no violentamente. – Venha rápido! Chico está chamando! – O advogado vestiu as calças, pegou uma camisa e saiu na noite quente. Dezenas de seringueiros corriam por todos os lados; a cidade inteira vivia uma noite de medo e pânico. Segundo testemunhas, Darci e Oloci (filhos de Darly) haviam passado de moto em frente à sede do Instituto Florestal e

haviam atirado em pessoas adormecidas na calçada. Um seringueiro de 15 anos havia levado sete tiros calibre 7,65, e outro, de 17 anos, dois tiros de calibre 38. Os feridos haviam sido levados ao hospital. Um rápido exame mostrou que os órgãos vitais não haviam sido atingidos. Incrivelmente, sobreviveram. “Então, compreendi que a situação era realmente grave”, confessaria Natividade.

Quando o advogado ligou para o juiz para denunciar o atentado, soube que ele havia acabado de mandar a polícia retirar à força o pessoal que estava fazendo o protesto pacífico, sob a acusação de invadir um bem público de propriedade do Estado. O advogado correu até a praça e viu a polícia se dirigir aos seringueiros. Parou em frente ao comandante:

– Se quiserem expulsá-los, tudo bem, mas se acontecer alguma coisa, se alguém morrer, vou fazê-lo diretamente responsável!

O comandante parou. Estava intimidado por aquele forasteiro que falava com aprumo e que parecia conhecer a lei. Ninguém estava acostumado a que o sindicato usasse os serviços de um advogado. Natividade prosseguiu:

– Tem a ordem do juiz?

– O juiz pediu que expulsássemos todo mundo – respondeu o comandante.

– Tem a ordem escrita?

– Não.

– Então vá pedi-la.

O comandante hesitou. Parecia ponderar entre prendê-lo, matá-lo ou obedecer àquele indivíduo com cara de criança que dava ordens imperiosas. Mas havia algo em Natividade, uma firmeza, uma profunda convicção, que acabou se impondo. Depois de uma breve deliberação com seus subalternos, o comandante disse que esperassem enquanto ia ver o juiz. Este se negou a emitir a ordem por escrito. Quando voltou, o policial disse a seus homens que podiam se retirar.

Natividade percebeu que precisaria de mais tempo que o previsto em Xapuri. Primeiro, precisava acalmar os ânimos, visto que uma parte dos seringueiros queria invadir o tribunal da cidade. Em uma reunião na igreja, clamaram por vingança; todos sabiam quem estava pilotando a moto. Aqueles que haviam defendido a opção da violência durante a assembleia em Cachoeira voltavam-se contra os líderes do sindicato para fazer valer seu ponto de vista. Os fatos, segundo eles, davam-lhes a razão. Só com violência conseguiriam se fazer

respeitar. Chico se manteve firme em sua posição, rejeitando qualquer alusão a vingança: “Não vamos esquecer que nossos adversários são muito mais fortes que nós, muito mais fortes”, repetia.

Enquanto isso, o advogado foi conversar com o juiz: “Tentei convencê-lo durante duas horas de que ele não tinha razão, que o Mirad estava prestes a declarar a área reserva extrativista, que a autorização de desmatamento era só uma provocação inútil que excitava os ânimos dos seringueiros, mas não houve nada a fazer. Ele argumentou que os seringueiros estavam impedindo a ação da justiça e deu, por escrito, uma autorização de desmatamento de 50 hectares, exatamente o que a lei autorizava. Então, apresentei uma segunda denúncia, e lhe pedi que reconsiderasse a autorização que havia dado. Ele respondeu que a partir desse momento era um assunto que cabia à justiça federal de Rio Branco”.

Uma semana depois, um telex da sede central do Instituto Florestal ordenou suspender qualquer desmatamento em zonas de conflito. O governo estava reagindo à crescente pressão e publicidade que o caso estava levantando no Acre e no Rio de Janeiro, onde o Partido Verde e o instituto de Mary Allegretti haviam organizado uma manifestação pública e vários atos de apoio. “A única explicação possível para entender a atitude do juiz de Xapuri”, diria o advogado Natividade, “é que ele era pago pelos latifundiários.”

Em junho, Chico e Raimundo se afastaram da violência do Acre durante alguns dias. Raimundo foi para a Alemanha a fim de participar de um encontro de organizações ecologistas. Na mala levava as camisas manchadas de sangue dos dois jovens baleados na sede do Instituto Florestal. Chico foi ao Rio de Janeiro, onde os meios de comunicação fizeram várias entrevistas e ele deu uma palestra na Associação Brasileira de Imprensa. A Prefeitura do Rio lhe entregou as chaves da cidade em uma cerimônia solene. Era a primeira vez que uma instituição brasileira reconhecia seu trabalho.

Mas essa atenção que recebia em seu próprio país chegava tarde demais. Em Xapuri, os acontecimentos seguiam seu curso, alheios ao que pudesse acontecer no resto do Brasil e do mundo. Os capangas de Darly e Alvarino iam de caminhonete à cidade todos os dias, com o único fim de semear o pânico. O pessoal do sindicato chegou a contar trinta pistoleiros ao lado da F-1000 da Fazenda Paraná. Os homens passeavam pelas ruas procurando qualquer provocação, apontando o revólver para um seringueiro ou um membro do sindicato. Ilzamar praticamente não saía de casa, nem deixava as crianças

brincarem fora. Vivia com as janelas fechadas desde o dia em que, enquanto Chico estava viajando, uns jagunços ficaram parados em frente a sua casa. Entre eles estavam os filhos de Darly, que não haviam sido presos, apesar de muitas testemunhas os terem reconhecido quando atiraram da moto. Um deles levantou a camisa para mostrar o revólver. Ilzamar fechou as janelas e a porta. – Quem manda nesta cidade? – ouviu o pessoal de fora dizer. – O pessoal do sindicato ou nós? Um dos dois grupos vai ter que ficar; o outro vai ter que ir, não é? – Ilzamar começou a tremer, morrendo de medo, apoiada na porta. Quando os ouviu ir embora, sentiu que as forças a abandonavam e se deixou cair no chão, devagar, como se suas pernas fossem de pano. Sentada atrás da porta de sua própria casa, caiu no pranto.

Para Chico, Raimundo e Gilson – que cuidava agora da área de educação –, a atmosfera havia se tornado mais pesada do que podiam suportar. Pediram ao advogado Natividade que preparasse um documento para entregar ao governador do Acre. Era uma carta assinada por representantes de várias associações de direitos humanos. Continha uma descrição da escalada da violência e pedia que se iniciasse uma investigação séria no caso do Instituto Florestal. A carta pretendia, ainda, que o governador tomasse uma série de medidas para que o sangue não voltasse a correr. O documento ficou pronto em 14 de junho, e nesse mesmo dia foi encaminhado ao governador. Em 18 de junho foi publicado na Gazeta do Acre. Mas, antes que o jornal saísse à venda, um novo crime tingia de sangue a terra do Acre.

Chamava-se Ivair Higínio, tinha 26 anos, era do quadro sindical, monitor de uma comunidade da igreja formada por Gilson, muito amigo de Chico e candidato a vereador. Era casado com uma mulher muito bonita, chamada Neuza, e tinha uma filha de 1 mês. Ivair não estava envolvido em conflitos de terra com seus vizinhos, e ninguém sabia que tivesse inimigos. “Muito pobre, muito religioso, muito tranquilo”, descreveu Gilson. “Chico o apreciava muito e tinha esperança de que se tornasse um líder importante.” Às 5 horas da manhã de 18 de junho, ao sair de casa para ordenhar sua vaca, levou oito tiros e caiu de joelhos. Tentou se levantar e deixou atrás de si um fio de sangue, mas levou o tiro de misericórdia. Seus parentes, acordando com os tiros, saíram correndo da choupana e viram uma massa sanguinolenta e deformada caída na rua. Não muito longe, havia uma garrafa de água vazia e tocos de cigarro, os únicos vestígios que os pistoleiros haviam deixado em sua tocaia. Segundo o pequeno Genésio, filho adotivo de Darly, foram Darci e Oloci que mataram Ivair,

mandados por seu pai. Saíram à noite de carro para pegar uma dupla de pistoleiros que vivia na Fazenda Paraná e, juntos, haviam feito a emboscada ao pobre camponês. O pequeno Genésio os ouviu comentar, na volta, que haviam feito um bom trabalho.

Para cúmulo da provocação, ao entardecer, os irmãos Alves entraram na sala da igreja onde estava exposto o corpo de Ivair. “Nosso luto é nossa luta”, dizia um cartaz colocado ao lado do féretro. Os pais e irmãos do camponês assassinado levantaram-se e fez-se um silêncio total. Os Alves estavam com a mão no revólver. Tiraram as armas do coldre para fazê-las brilhar na penumbra do velório. Aproximaram-se do corpo e, com o cano do revólver, levantaram o sudário. – Só queremos contar os tiros – disse um deles. A seguir, abandonaram a sala devagar, fazendo ecoar os passos, e ao sair começaram a rir. Um irmão da vítima teve um ataque de nervos e quis correr atrás dos filhos de Darly, mas seus amigos o seguraram e tamparam sua boca.

Os seringueiros fizeram novos apelos à violência. Queriam reagir. Chico estava muito nervoso. Cada vez era mais difícil encontrar argumentos para manter a calma, e ele começou a pensar se não seria conveniente montar uma milícia. Porém, exortou os seus a não morder a isca da provocação: – Nossa luta sempre foi pacífica e continuará sendo. Sou o primeiro da lista, seguido por Raimundo, Gilson, Gumercindo e Osmarino. Vamos redobrar a atenção e não facilitar o trabalho dos bandidos – disse. A família de Ivair o ajudou a pedir calma: – Não queremos vingança – declarou a mãe do camponês assassinado. – Só queremos que se faça a justiça divina e a terrestre, só isso. – Só saiu um parágrafo no jornal local, vários dias depois do atentado. Sem fotos, escondido. “Aquele assassinato não repercutiu na imprensa”, contaria um amigo de Gilson. “Também não houve investigação policial, porque não havia testemunhas nem provas. Foi um atentado direto contra Chico e Gilson, porque os latifundiários sabiam que Ivair era muito próximo deles.”

Aquele assassinato, unido à moderação dos seringueiros, foi contraproducente para os mandantes. O governo federal assumiu as rédeas do assunto, e o próprio ministro da Reforma Agrária pegou um avião para Rio Branco para conversar com o governador do estado. Em uma reunião, à qual Chico levou os pais e a viúva de Ivair, o ministro assinou um decreto declarando os seringais Cachoeira, São Luís do Remanso e mais dois as primeiras reservas extrativistas do Brasil. O governador reconheceu que a decisão foi tomada para afastar o espectro da violência. O Ministério da Reforma Agrária, ao reconhecer o Seringal Cachoeira

como ocupado por seringueiros, teve que indenizar Darly. Ele receberia uma quantidade equivalente a 5 mil dólares por seus 6 mil hectares expropriados, pagáveis em vinte anos em bônus do Estado. O latifundiário declarou publicamente que o conflito estava resolvido e que estava satisfeito com o arranjo. Em particular, jurou vingança.

Chico quis anunciar a boa notícia àqueles que haviam lutado de corpo e alma para consegui-la; queria ser o primeiro a contar a sua família. Depois de tantos sacrifícios e privações, finalmente podia mostrar o resultado de uma vida inteira de dedicação aos seus. – Pode ficar tranquila, tia – disse a Cecília. – Agora Cachoeira é nossa. – Em seu coração contava a notícia também ao pai, à mãe, àquele soldado da borracha que quando era criança vira ser queimado vivo às margens do rio, a seu primeiro mestre, Euclides, e a tantos outros a quem dedicava essa vitória só possível graças a eles. – Vou dizer uma coisa – disse à tia –, Cachoeira vai custar mais sangue ainda. – Cecília não acreditou. Pensou, como muitos outros, que a espiral de violência havia acabado. Mas quando os acontecimentos deram a razão ao sobrinho, aquelas palavras lhe voltaram à memória. E ela não as esqueceria jamais.

Para os seringueiros, a expropriação de Cachoeira, inaugurando a implantação das reservas extrativistas, era o resultado de décadas de humilhações, lutas, violência e esperança. Era o resultado de uma longa evolução que havia começado com os primeiros empates e culminado em um revolucionário conceito da propriedade, com o Estado assumindo a nua propriedade da terra e os seringueiros o usufruto exclusivo. Os habitantes da selva acabavam de ganhar 37 mil hectares de terra. Diante deles abria-se um futuro no qual finalmente poderiam controlar o próprio destino. Comemoraram a vitória reunindo-se na colocação de Joaquim e Cecília, no palco do mais longo e tenso empate que jamais se conheceu na região. Uma vaca, 45 galinhas e uma dúzia de patos foram sacrificados para a ocasião. O novo vigário de Xapuri, o padre Luis Ceppi, oficiou missa debaixo de uma mangueira centenária: – Jesus Cristo foi crucificado. Deu até sua última gota de sangue – disse o vigário. – Da mesma maneira, o sangue derramado nestes dias deve ser o fermento de uma nova liberdade. Ninguém gosta da ideia de morrer, mas, se houver de acontecer, tem que ser para criar mais vida. – Chico passeava entre as pessoas com o filho Sandino no colo, enquanto Ilzamar levava Elenira pela mão. – Mesmo sabendo que haverá mais assassinatos, porque a UDR não está contente com nossa primeira vitória – disse Chico –, não temos medo. – Mas sua expressão de

profunda preocupação, registrada pela câmera de Adrian Cowell, delatava-o. Estava lívido, sério e tenso, e havia adquirido o costume de olhar em volta como um pássaro acuado.

Não muito longe do Seringal Cachoeira, no casarão central da Fazenda Paraná, em frente a umas garrafas de uísque, Darly conversava com alguns amigos íntimos, entre os quais se encontravam membros da UDR do Acre e policiais poderosos, sobre o futuro de Chico Mendes e, principalmente, de dom Moacyr.

Sabiam perfeitamente quem sem a proteção da Igreja, a rebelião dos pobres não teria chegado tão longe. Sem o bispo não teria existido Chico Mendes, pensavam. Eliminá-lo era muito mais importante que suprimir um líder rural como Chico, do qual Darly poderia se encarregar de forma eficaz, como havia feito com tantos outros seringueiros. Porém, assassinar o bispo exigia um talento implacável, porque era um trabalho que não admitia erros. Era um golpe definitivo, o único que restabeleceria a ordem na abalada vida acriana. Deviam esperar o momento adequado, mas combinaram que, antes do fim do ano, nem Chico Mendes nem Moacyr Grechi fariam mais parte deste mundo.

45

Em 1987, diante do recrudescimento da violência rural na Amazônia, um estudo do Ministério da Reforma Agrária reconheceu que a maioria dos crimes era ordenada por especuladores, companhias de exploração mineral, empresas imobiliárias e latifundiários. Considerando que um policial no Brasil ganhava o salário mínimo, o setor privado não tinha dificuldade em suprir a crescente demanda de pistoleiros profissionais recrutando-os nas delegacias. Essa nova seiva deu maior sofisticação aos crimes; chegou-se até a bombardear casas de posseiros. As cidades também não ficaram imunes a esse aumento da violência. Rio Branco vira seus problemas crescerem na mesma proporção que sua população, que, de 40 mil habitantes em 1960, passou a 250 mil em 1988. A miséria de suas grandes favelas e a proximidade com a Bolívia eram um perfeito caldo de cultura para o contrabando e a delinquência. Se na zona rural a UDR aterrorizava a população, as cidades viveram o auge de uma polícia paralela conhecida como Esquadrão da Morte. Seu instigador em Rio Branco foi Enoch Pessoa, que havia sido delegado em Xapuri de 1978 a 1983. Os testemunhos de seringueiros e camponeses sobre as brutalidades cometidas em seus calabouços falavam de surras fatais (como aconteceu com o boia-fria Francisco Abdias da Silva, acusado de roubar uma vaca), de torturas com pau de arara para conseguir delações, de sabão nos olhos, choques elétricos nos testículos e incontáveis violações. Bastava que uma empregada doméstica, detida sob suspeita de roubo, fosse denunciada para que a polícia a submetesse a todo tipo de vexações. Sua fama de crueldade havia feito um deputado, ainda sob o regime militar, chamá-lo publicamente de sádico, por conta de seu costume de obrigar os presos a baterem uns nos outros.

Nascido em Sena Madureira, no Acre, filho de um pastor pentecostal que era presidente da Assembleia de Deus desse estado, Enoch Pessoa havia herdado da mentalidade protestante uma tendência à austeridade e um acentuado gosto pelo trabalho. Seu sonho não era ficar rico, e sim acumular poder e controlar os mais recônditos aspectos da vida de seus concidadãos. Aos 18 anos ingressou na Guarda Territorial, e quando o corpo foi dissolvido, pediu transferência para a Polícia Civil, onde subiu na hierarquia até se tornar responsável pela Delegacia de Roubos e Furtos em Rio Branco. Casado, pai de seis filhos, só parava de trabalhar para desfrutar de seu sítio nos fins de semana. Mas, com a idade, foi

mudando de hobby. Aos sábados e domingos, preferia percorrer Rio Branco em seu táxi. Não fazia isso por necessidade de dinheiro, mas porque ao volante de seu automóvel, ouvindo as conversas, ficava a par de tudo. Seus numerosos informantes, ao reconhecer ao volante seu rosto marcado de varíola, o cabelo engomado e o nariz de boxeador, faziam sinal ao táxi quando tinham alguma novidade. Entravam no carro e, enquanto davam umas voltas no quarteirão, recebiam novas ordens. Muita gente o apreciava porque pensava que sem ele não existiria ordem nem segurança pública. Seus colegas reconheciam que ele vivia para o trabalho e que nunca abandonava uma investigação no meio. Enoch Pessoa sempre ia fundo. Uma grande obsessão motivava sua vida: limpar a cidade de delinquentes. E estava decidido a fazê-lo, mesmo que tivesse que se tornar ele próprio o maior delinquente de todos.

Os padres e os missionários haviam sido os únicos a denunciar seus abusos. Dom Moacyr fazia isso sistematicamente, cobrando corpos desaparecidos, fazendo declarações à imprensa junto com testemunhas, pedindo justiça e exigindo o acatamento da lei. O dedicado policial se exasperava e se vingava caluniando o bispo. De todas as autoridades, Enoch Pessoa era o único que não o cumprimentava por ocasião de algum ato oficial ou simplesmente quando se cruzavam na rua. Sentia um ódio profundo e aberto pelo bispo. Para o policial, o religioso era um comunista, um agitador que protegia os inimigos do progresso, um delinquente como outros. Estava convencido de que as coisas não mudariam no Acre até que a influência dessa Igreja subversiva – que, ainda por cima, não era a sua – fosse reduzida drasticamente. Contava com o apoio dos grandes latifundiários de Brasileia e Xapuri, cujos investimentos haviam sido seriamente prejudicados pela suspensão do asfaltamento da estrada.

Em 1988, o Brasil estava ainda em plena transição política. As eleições presidenciais estavam previstas para 1990, e o poder central se debatia entre as reivindicações daqueles que continuavam exigindo uma reforma agrária total e a radicalização dos proprietários. A convulsão política havia criado um vazio de poder e a consequente perda de controle das instituições do Estado. No Acre, em seu cargo na Polícia Civil, Enoch Pessoa viu no início de 1988 a oportunidade de preencher esse vazio organizando seus próprios Esquadrões da Morte. Eram grupos das polícias Civil e Militar, logo engordados por pistoleiros profissionais, cuja missão era acabar com a delinquência sem detenções nem julgamentos prévios. Agiam na impunidade mais absoluta, amparados pelos políticos locais e pela UDR, os outros dois pilares sobre os quais descansava o poder na

Amazônia.

Enoch conseguiu reunir no Departamento de Roubos e Furtos um grupo eficaz formado por policiais (Bolinha e Miranda), ex-policiais e simples delinquentes (Sear, Carlos Goiano e Luís Garimpeiro). Mas precisava de mais gente; tinha que aproveitar o momento. Em 1º de março convocou um policial distrital chamado Ayala – confiava nele; era duro e tinha sangue-frio – e lhe propôs juntar-se ao grupo recém-criado. Ayala aceitou. Dois dias depois, assassinava um ladrãozinho de bairro na praça Epaminondas Jácome, em pleno centro de Rio Branco, às 2 horas da tarde. Saiu como havia chegado: andando tranquilamente. Assim, Enoch prosseguiu seu trabalho de recrutamento, até que lhe indicaram um bom elemento recentemente chegado ao Acre – um sujeito do Nordeste que havia trabalhado no Pará. Precisava de dinheiro com urgência e estava disposto a fazer qualquer tipo de serviço. Segundo suas informações, era um verdadeiro "gatilho de ouro" que havia sido obrigado a deixar o leste da Amazônia por razões "profissionais". Chamava-se José Alcimar Ribeiro dos Santos, mas era conhecido como Pernambuco.

Depois de sua fracassada experiência de garimpeiro, Pernambuco havia voltado à labuta com mais força que nunca, levado por um obscuro desejo de vingança contra a vida, que parecia lhe negar outro papel que não fosse o de matador. Chegara a considerar a experiência com Tarzan como um agradável parêntese na vida, não como uma possibilidade de levá-la por outro caminho. Não podendo evitar as propostas do capataz de Zé Rosaldo, o empresário latifundiário, passara a fazer parte da equipe de pistoleiros de uma de suas fazendas no sul do Pará. Quinze anos depois de ter fugido de uma fazenda, viu-se de novo em outra, onde também imperava o trabalho escravo. Dessa vez, porém, estava no lugar dos vigilantes, apontando o fuzil a uns pobres rapazes que haviam sido cruelmente enganados. Tinha ordens estritas de atirar em quem tentasse fugir.

Como não tinha intenção de fazer isso, pensou em ir embora, mas logo se lembrou do dentista de Altamira que tinha mandado matá-lo, e teve medo de que o novo patrão fizesse o mesmo. Além disso, não tinha onde cair morto. Finalmente encontrou uma maneira de se safar daquela desagradável tarefa. Comentando com o capataz o fato bem conhecido de que a maioria dos capangas da fazenda atirava mal, teve a ideia de se oferecer para treiná-los com a condição de ser dispensado das tarefas de vigilância, uma perda de tempo para um pistoleiro de seu calibre. Havia categorias entre os capangas, e Pernambuco, graças a sua experiência e pontaria, considerava-se parte da nata da profissão. O

capataz concordou e lhe deu todas as facilidades, inclusive um quarto particular na fazenda. Respeitava Pernambuco porque, além de ser um pistoleiro que acertava uma cápsula de bala a 10 metros de distância, havia sido garimpeiro, como o grande patrão Zé Rosaldo, e isso lhe conferia uma aura especial. Era escória, mas pelo menos havia tentado deixar de ser.

Aproveitando uma denúncia feita por um escravo fugido que paralisou durante algum tempo os trabalhos de desmatamento, Pernambuco viu a oportunidade de ir embora da cidade. O capataz lhe recomendou uma empresa de segurança de Imperatriz, chamada A Solução, propriedade também do grupo de empresas do grande patrão Zé Rosaldo, e que na realidade escondia um negócio de aluguel de pistoleiros. Imperatriz era a capital do sindicato do crime que se havia organizado em todo o Brasil e que operava em escritórios, firmas de advocacia ou cafés, dependendo do tamanho da população. Se alguém a 4 mil quilômetros de distância, por exemplo, precisasse de um "serviço", bastava entrar em contato com alguma dessas "lojas" especializadas: "Mande-me um rosto que nunca tenha estado por aqui e que seja de total confiança". A Solução dispunha de uma tabela de preços para os "serviços". O assassinato de um sindicalista rural custava algumas centenas de dólares. Os mais caros eram os juízes e bispos (mais de 20 mil dólares). Em todo o Brasil, o assassinato havia se transformado em um simples negócio, com sua rede especializada. Algo assim como uma floricultura. Era tão possível enviar assassinos à outra ponta do Brasil quanto mandar buquês de rosas a uma noiva ou ao enterro de uma vítima.

Pernambuco se dedicou de corpo e alma ao trabalho. Já não o fazia para ganhar mais dinheiro, como na juventude, mas para preencher o vazio que sentia. Considerava-se um bom profissional, e isso o ajudava a não questionar o trabalho. Gostava das tarefas difíceis, e quando pegava alguma, ficava feliz ao planejar meticulosamente os atentados. Dava sua carteira de identidade para um aprendiz e o mandava a algum lugar distante, com instruções para trazer recibos e contas de hotéis e restaurantes, e aquela prova era seu principal álibi caso a coisa ficasse preta. Procurava chegar à cidade do atentado vários dias antes para identificar a vítima, observar seus movimentos rotineiros e escolher criteriosamente o lugar e o momento da emboscada. Gostava de limpeza e rapidez no assassinato. "Matar", dizia em suas bebedeiras, "é uma arte."

Viajou por todo o Brasil e aceitou uma tarefa em Recife, porque podia aproveitar para visitar a família. Todos os seus irmãos haviam emigrado; um deles para São Paulo, onde trabalhava em uma fábrica; os outros para várias

cidades do litoral. Quase não reconheceu o lugar onde havia passado a infância e se iniciara no uso do revólver. Pareceu-lhe um lugar sujo, miserável, e não entendeu como podia tê-lo idealizado tanto na memória. Sua mãe, encurvada como uma velha ave, obrigou-o a deixar flores no túmulo do pai, falecido vários anos antes. Tantas vezes havia censurado o pai por tê-lo mandado à Fazenda Junqueira, que ficara com uma amarga lembrança do velho. Agora, porém, era agradecido a ele por tê-lo tirado daquele lugar imundo, onde a vida continuava sendo dominada pelo tédio, pelo calor e pelas moscas. Havia menos seca por conta de algumas obras de irrigação e algumas represas construídas pelo governo, mas o pessoal continuava tão pobre como sempre, e seus primos e tios não eram nenhuma exceção. Mentiu à mãe dizendo que vivia bem com o garimpo de ouro, que pretendia formar uma família assim que ganhasse dinheiro suficiente, mas a boa mulher só queria saber se o filho comungava aos domingos e se confessava com assiduidade. O resto parecia não lhe importar, talvez porque já estava com um pé no outro mundo.

Apesar da impunidade e da proteção de que desfrutavam, a vida de pistoleiro não era um trabalho sem riscos. No final de março de 1988, na Solução entregaram a Pernambuco uma foto em preto e branco de um indivíduo corpulento, alto, de óculos, que morava em Marabá (Marabala, como era conhecida).********* Pernambuco não teve muita dificuldade em encontrar sua vítima, e começar a segui-la. Era um indivíduo diferente da típica vítima, pois dirigia um bom carro, frequentava restaurantes caros e morava em um hotel.Farejando algo estranho no negócio, Pernambuco voltou à empresa para se certificar de que não se tratava de um ajuste de contas entre poderosos da região. Sempre evitava esses casos, porque costumavam acabar em vendetas, nas quais os capangas dos dois lados acabavam travando uma guerra sem quartel. Reiteraram que se tratava de um advogado trabalhista, e embora também estranhassem o carro bom e os costumes caros, confirmaram que não era raro que ele morasse em um hotel por questões de segurança. De modo que Pernambuco voltou a Marabá, e uma noite, à saída de um bar, esvaziou o carregador em sua vítima e fugiu correndo, mas várias testemunhas o viram e o descreveram: “Um sujeito grande, de barba farta, botas de couro e olhos pretos muito juntos”, dizia o jornal no dia seguinte, junto com um retrato falado do rosto de Pernambuco, bastante preciso. Em outra página, ao lado da manchete “Este homem está vivo por engano”, saía a foto do advogado trabalhista, um indivíduo assustadoramente parecido com o homem de negócios morto. Pernambuco havia atirado no dono de vários restaurantes e do hotel onde morava, amigo de todos os manda-chuvas da região. Amaldiçoou-se pelo erro e

ao pessoal da Solução por não o ter informado melhor. “São ossos do ofício”, responderam. Começou a ter medo de possíveis represálias, mas o pessoal da Solução era profissional demais para deixar de valorizar um pistoleiro como Pernambuco só por causa de um erro. Decidiram mandá-lo para longe, onde não pudessem localizá-lo. Deram-lhe dinheiro, levaram-no à rodoviária e o enfiaram em um ônibus para Goiânia. Ali, teria que se enfiar em outro ônibus durante três dias e quatro noites até chegar ao lugar mais remoto do Brasil, Rio Branco, no Estado do Acre, onde ninguém o reconheceria e onde teria trabalho garantido.

******** Considerada uma das cidades mais violentas do país, com altas taxas de homicídio e também de violência no campo – em razão do garimpo e do desmatamento ilegal, da pressão dos grandes latifundiários por mais terras para o agronegócio e da grilagem de terras, aliados a uma grande incidência de trabalho escravo –, a cidade de Marabá foi apelidada de “Marabala”. (N. E.)

46

Chegou a Rio Branco no final de abril de 1988. Hospedou-se no bairro Quinze, do outro lado do rio, num hotel xexelento, o Successor. Nos primeiros dias não saiu do quarto. Tudo havia sido tão rápido e ele se sentia tão desorientado que precisava se isolar do mundo. Deprimido, sem vontade de viver, não queria conhecer ninguém nem começar uma nova vida, que, a seu ver, não lhe ofereceria nada de novo. O erro de Marabá lhe abalara o espírito e o fizera repensar na vida. Não entrava em considerações morais acerca da morte de um inocente, porque isso não fazia parte de seu esquema mental. A ideia de se tornar novamente açougueiro voltou a lhe passar pela cabeça, mas faltava-lhe o estímulo que tivera em outras épocas. Sentia-se invadido por um misto de sufocação e cansaço. Ficou quatro dias deitado na cama de barriga para cima, evitando o menor movimento por causa do calor, olhando para as teias de aranha do teto e brincando com as argolas de fumaça do cigarro, que desapareciam ao contato com o ar do ventilador. Havia chegado do Pará com a roupa do corpo e uma pequena soma em dinheiro, e até que a vontade de cravar os dentes em um bom pedaço de carne se tornasse desesperadora, não enfrentou o fato de que tinha que ganhar a vida. Como sempre, a inércia e o costume acabaram se impondo à fraca vontade de se regenerar. Quando o buraco no estômago e a ânsia por uma cerveja gelada levaram a melhor sobre o profundo desprezo que sentia por si mesmo, decidiu sair do quarto.

Foi diretamente ao escritório de um advogado recomendado pela Solução, que lhe deu uma série de nomes – Gastão Mota e Enoch Pessoa entre outros. A seguir, percorreu Rio Branco, familiarizando-se com as ruas, as churrascarias, as barracas de refrigerantes, o rosto dos homens e a silhueta das mulheres. Era uma cidade caótica, como todas as cidades amazônicas, mas havia algo indefinível no ambiente que não lhe agradou. Não era a violência que se palpava como nas outras cidades pioneiras, mas uma sensação opressiva. Achou que era porque Rio Branco ficava longe de tudo. Era uma ilha cercada por um mar de vegetação. Nessa parte da Amazônia não existiam grandes cidades que ficassem a uma distância razoável, como Belém ou Marabá. Para se perder no anonimato, mudar de ares ou se distrair durante alguns dias, era preciso pegar um avião e voar durante horas para o Sul, o que era caro e complicado.

Foi difícil ir à Delegacia de Roubos e Furtos, porque desconfiava dos policiais. Uma coisa era se apresentar em um escritório de advogados ou numa empresa de segurança como A Solução; outra, entrar diretamente na boca do lobo. E se fosse uma armadilha?, perguntava-se inquieto enquanto atravessava a praça da República em direção aos escuros edifícios da Polícia Civil. Acalmou-se quando viu a confusão reinante; ninguém o estava esperando para prendê-lo. Conheceu primeiro Ayala, um indivíduo com cara de índio e compleição forte que lhe deu as boas-vindas no lugar de Enoch Pessoa, ausente. Os demais membros do esquadrão andavam por várias salas mal-iluminadas e sem janelas, esperando ordens do chefe ou tramando seus próprios atentados. Mas disso Pernambuco ainda não sabia. Estavam lá dois jagunços, Carlos Goiano e Luís Garimpeiro, que gostaram da nova aquisição: o advogado que havia recomendado Pernambuco mencionara sua excelente pontaria. Disseram-lhe que o Acre era o lugar do futuro, que tivera muita sorte de chegar em um momento tão bom, quando se abriam oportunidades infinitas de prosperar. Além disso, acertara no alvo ao ir direto ao escritório do delegado Enoch, porque ali teria impunidade garantida, e o trabalho era limpo. Quando Enoch chegou, mais tarde, Pernambuco soltou sua frase habitual: – Eu também não gosto de ladrão.

O núcleo formado no escritório de Enoch tinha ambições de ser poderoso e exclusivo. Pernambuco se incomodou um pouco por tentarem convencê-lo de que, por pertencer ao grupo, era como se fosse um escolhido dos deuses, mas atribuiu o caso à tradicional fanfarronice dos pistoleiros. Carlos Goiano e Luís Garimpeiro eram megalomaníacos como todo matador, e mostravam um entusiasmo pueril que Pernambuco achou imbecil. “Não sabem nada da vida”, pensou. Pernambuco havia percorrido caminhos demais para não entender que conquistar um lugar na sociedade requeria mais que boa pontaria e um 38. No fundo, desprezava esses seres que acreditavam no que faziam, como ele em outros tempos. “Precisam se dar importância”, pensou. “Mas são uns vagabundos que passam o dia urdindo assassinatos, caluniando, bebendo e humilhando mulher. Pura bazófia.”

No início, nem Pernambuco nem Ayala souberam onde estavam metidos realmente. Os primeiros atentados foram rotineiros: um tiro em um conhecido delinquente, uma emboscada mortal a um suposto estuprador, uma facada em um ladrão, etc. Nada a que pudessem objetar. Ao contrário, achavam que estavam fazendo um importante trabalho social, independentemente de talvez o estuprador nunca ter forçado uma mulher nem de terem sido provados os delitos

do delinquente ou do ladrão. A justiça era considerada um impedimento ao curso normal da vida. Mas, pouco a pouco, Pernambuco e Ayala começaram a notar mudanças no comportamento dos colegas. Surpreenderam-nos várias vezes em conciliábulos secretos que interrompiam quando alguém se aproximava da sala. Circulavam rumores de que os próprios membros do esquadrão roubavam carros e depois os revendiam na Bolívia. Também se dizia que não assassinavam só delinquentes, mas também rivais de profissão, para controlar o pujante negócio do tráfico de cocaína. Pernambuco não acreditou nessas histórias, mas tinha certeza de que faziam trabalhos por conta própria, aproveitando a cobertura de Enoch. Tinha a desagradável sensação de se sentir manipulado por esses malandros, e isso o incomodava, justamente agora que trabalhava na polícia. Um dia, comentou suas impressões com Ayala, tendo muito cuidado para não despertar desconfianças, por via das dúvidas, caso o policial também fizesse parte do grupo. Mas Ayala estava indignado: – Esta é a única delegacia de polícia no mundo que funciona ao contrário das outras: aqui são os pistoleiros e delinquentes que dão as ordens – disse amargamente. A partir desse momento, tornaram-se amigos. Ayala era o único com opinião própria, e, além disso, era valente, porque não hesitava em discutir as ordens de Enoch e em questionar os planos de Goiano e Garimpeiro. No início, Pernambuco pensou que as discussões no seio do grupo eram aceitas de bom grado, mas pouco a pouco foi captando fragmentos de conversa que indicavam certa má vontade, além de uma profunda diferença de valores entre os capangas e Ayala. Então, absteve-se de dar sua opinião e alertou Ayala a fazer o mesmo. Mas Ayala não o ouviu.

Rio Branco não era um lugar que facilitasse as relações de amizade, e Pernambuco se sentia sozinho. Tinha tempo livre e dinheiro para gastar, e passou a percorrer os bares e prostíbulos, sem imaginar que uma dessas incursões noturnas mudaria sua vida. O Acre era conhecido por importar pistoleiros e exportar prostitutas. Havia tantas que as casas de prostituição de Rio Branco se negavam a aceitar mais mulheres. Como a oferta era muito superior à demanda, só as mais bonitas arranjavam trabalho; as outras acabavam indo embora. A maioria das garotas era menor de idade, segundo um cafetão de Rio Branco chamado Machado e amigo dos capangas do esquadrão. Em seu imundo bordel do bairro de Papoco, todas eram praticamente meninas de 14, 13 e até 12 anos. – Se eu tivesse que atender a todas que vêm pedindo um lugar para morar enquanto ganham alguma coisa entregando o corpo – queixava-se Machado –, todos os quartos que tenho não seriam suficientes. – Em cada menina prostituta de Rio Branco escondia-se a mesma história de miséria, fome, falta de educação,

fuga das garras de um homem que a explorava (irmão, pai ou namorado), problemas familiares, etc. A avalanche de prostitutas, na maioria filhas de seringueiros expulsos, havia sido consequência da desarticulação dos seringais dos anos 1970. Até então, a região sofria uma falta crônica de mulheres que levava os seringueiros a abandonar as clareiras da selva.

Pernambuco não gostava das meninas. Em várias ocasiões deixava que fossem embora antes de desabotoarem a blusa. Os corpinhos esquálidos ainda malformados, somados a uma timidez paralisante, provocavam-lhe mais pena que excitação.

Ayala era mais refinado e gostava de se relacionar com a elite. Foi ele quem levou Pernambuco a um local onde se encontravam as melhores garotas e que era frequentado pela alta sociedade de Rio Branco. No Anjo Mau não havia preço fixo para levar uma mulher para a cama; as negociações eram segredo de alcova. Também não eram prostitutas baratas; eram as mais bonitas da cidade, e deviam ser muito bem tratadas – convidadas para beber uísque e para um bom jantar, seguido de um passeio de carro que costumava acabar no motel Drink & Love, situado a 2 quilômetros do centro.

Pernambuco nunca esqueceria o Anjo Mau porque foi ali que se apaixonou pela primeira e única vez na vida. Viu-a assim que chegou. Sentiu como se ela o esperasse a vida inteira, sentada no balcão com uma taça, olhando para a entrada com aqueles olhos lânguidos amendoados, com um sorriso que parecia sair da alma, o cabelo preto caindo em cachos sobre os ombros nus e a saia justa mostrando umas pernas perfeitamente desenhadas. Pernambuco dirigiu-se diretamente para ela.

– Posso? – perguntou apontando para o banco.

Ela assentiu com a cabeça, e ele se sentou. Pediu dois uísques e ficou olhando para ela por um longo tempo antes de falar. Tinha vontade de abraçá-la porque parecia que a conhecia, mas era impossível. Aquela garota nunca havia saído do Acre e era muito nova para que a houvesse conhecido. Deduziu que a havia sonhado.

Não encontrava palavras para expressar o intenso prazer que sentia ao olhar para ela, nem assunto de conversa para quebrar o gelo – a loquacidade não era uma de suas qualidades. De modo que foi diretamente ao assunto:

– Quero casar com você – disse.

Ela riu. Não era todo dia que entravam clientes que, antes mesmo de se apresentar, faziam propostas como a desse grandalhão, que tinha algo de rude no jeito, mas um brilho nos olhos e um olhar altivo que lhe conferiam dignidade de senhor. Ela o observou atentamente, e sua primeira frase o desarmou:

– Não gosto de jagunços – disse, sempre sorridente.

Pernambuco abriu os olhos. “Como adivinhou?”, perguntou-se desconcertado.

– Trabalho na Delegacia de Roubos e Furtos – balbuciou.

– É policial?

– Sim.

– Ainda bem, porque, se fosse um matador, eu ia mudar de lugar. Odeio jagunço; cada dia há mais deles em Rio Branco – prosseguiu ela e bebeu seu uísque, enquanto Pernambuco engolia em seco e tentava mudar de conversa.

– Qual é seu nome?

– Marina.

– Mora sozinha?

– Com meus pais. Mas tenho uma filha.

– Tem marido?

– Não – disse ela rindo.

Naquela primeira noite conversaram muito. Pernambuco lhe inspirava confiança, e na terceira dose ela começou a abrir seu coração. Havia sido seringueira, como todas as putas de Rio Branco. Morava havia dez anos na cidade. Trabalhara como empregada, garçonete, camponesa, lavadeira e cozinheira. Mas, no fim, acabara na vida.

– Trabalhar para quê? Para aguentar abuso de madame e beliscão do patrão? Viver por aí pedindo moradia, ralando feito mula em troca de comida? Não, para isso, prefiro viver como um cachorro – contou a Pernambuco, que raras vezes ouvia as mulheres, e quando ouvia, era só para saber onde, como e quando iriam para a cama. Com Marina era diferente. Talvez fosse sua mistura de juventude e maturidade, de beleza e desamparo. Talvez fosse porque o fazia lembrar-se de si mesmo. Talvez porque simplesmente precisava de alguém em quem confiar.

Saíram do Anjo Mau meio bêbados e foram jantar em uma churrascaria de um

bairro popular que ela apreciava mais que os restaurantes caros frequentados por advogados, homens de negócios e o que considerava os libidinosos da cidade. Tratava Pernambuco como um amigo porque, por trás de sua fachada de homem duro e forte, havia adivinhado uma alma de cachorro de rua como a dela. Sua experiência com os homens a havia feito aguçar um sexto sentido, e raras vezes errava, e no caso de Pernambuco não se convencia de que fosse policial. Mas o que tinham em comum ia além de suas respectivas situações na vida. No fundo, ambos se deixavam levar como balsas em um rio porque não encontravam motivação para mudar o curso do que parecia ser o destino. Nenhum dos dois tinha medo de nada nem esperava grande coisa do futuro.

– Para mim não quero nada – confessou Marina. – Só penso em minha filha, e peço a Deus que ela tenha a sorte de poder estudar, se casar e ser feliz. Não como a mãe dela.

Mas, à medida que a noite avançava, e com a ajuda do álcool, foram sendo invadidos pela euforia e afloraram à superfície velhos desejos que pareciam enterrados para sempre. Acabaram dançando até de madrugada no Kaxinawá, onde uma orquestra ao ar livre alternava lambada com samba. Ébrios e abraçados, pareciam um casal de namorados, em vez de uma prostituta com seu cliente.

– Meu sonho – disse Marina em certo momento da noite – é me juntar com um homem sério e viver uma vida tranquila em uma casinha, ter filhos e visitar meus pais. Se eles soubessem como ganho a vida, morreriam de tristeza.

Aquelas palavras comoveram Pernambuco, que compreendeu que compartilhava o mesmo desejo de uma vida normal. Eram dois marginalizados com o coração inchado de tristeza. Queriam ser como todo o mundo, mas a vida lhes havia negado esse privilégio. Ele era um vulgar matador que pela primeira vez desde a infância havia passado quatro horas com uma mulher sem ter uma relação sexual. Com aquela garota que apoiava a cabeça em seu peito sentia-se o homem mais feliz do mundo. Só em uma ocasião havia sentido o mesmo, mas com muito menos intensidade: na boate Lapinha de Belém, quando pensava que ficaria rico extraindo ouro e que a vida lhe reservava felicidade e honra. Pouco depois, começara a derrocada que o havia levado de novo aos becos do crime. Agora, um sentimento de insegurança e de perigo o corroía. Sentia pânico de pensar que essa felicidade ao alcance da mão fosse como uma miragem, que desaparecia ao tentar pegá-la. Quando a música do Kaxinawá acabou e Marina

viu a hora, teve pressa de voltar para casa. Nunca voltava depois da uma, hora em que fechavam os bares dos hotéis onde seus pais achavam que ela trabalhava como garçonete. Pernambuco lhe deu dinheiro para o táxi, mas ela não aceitou.

– Só aceito dinheiro de meus clientes, nunca de meus amigos – disse sorrindo. Pernambuco ficou no meio da rua olhando o táxi desaparecer e sonhando vê-la de novo.

Durante quinze minutos o táxi percorreu as ruas vazias e cheias de buracos até chegar ao bairro da Estação Experimental.

– Pare aqui – disse ela ao chegar a uma favela na entrada do bairro.

A garota desceu do táxi e entrou por uma ruela até chegar a um barraco que tinha a pomposa placa de lanchonete. Cumprimentou a dona e, atrás de uma divisória de madeira, tirou a roupa justa e vestiu uma calça e uma blusa simples. Depois, seguiu caminhando por um labirinto de ruelas estreitas que formavam aquele miserável bairro. Parou diante da porta de um barraco. Abriu-a devagar e viu a silhueta do pai, sentado ao lado da janela, fumando. O velho já quase não conseguia dormir e passava as noites na mesma posição, perdido em suas recordações e esperando a chegada da filha.

– Rosa? – perguntou o homem.

– Sim, papai, sou eu.

– Estava preocupado, você demorou.

– É que não achava táxi para voltar – disse dando-lhe um beijo. Na ponta dos pés, afastou o pano que servia de divisória e se deitou na cama junto da filha e dos irmãos.

Alfredo Eustáquio acendeu um cigarro e se preparou para passar outra noite velando o sono dos outros, porque o seu não chegava. A volta de Rosa, entretanto, lhe permitiu relaxar e descansar um pouco. Não gostava muito do novo trabalho que a filha amada havia arranjado em um bar, mas, ainda assim, estava contente porque nesses tempos um emprego fixo era tão raro quanto um mapinguari na selva. Preferia que ela continuasse na casa do engenheiro de São Paulo onde havia sido tão feliz, pois haviam acabado lhe ensinando a ler e escrever. Mas o engenheiro e sua família tiveram que voltar para o Sul, e a pobre Rosa havia se empregado na casa de uma família cujo filho mais velho a perseguia pelos corredores. Foi quando ela resolveu ser garçonete em um dos

novos hotéis de Rio Branco. Ganhava um bom salário, e isso, pensava Alfredo, era sinal de que apreciavam seu trabalho.

47

Naquela mesma madrugada, Chico Mendes se preparava para ir a Curitiba, onde sua amiga Mary Allegretti havia organizado uma conferência sobre as reservas extrativistas à qual compareceriam políticos e cientistas. O que mais lhe interessava não era a conferência, e sim encontrar Genésio Natividade, o advogado do sindicato. Diante da inércia das autoridades, que cinco meses depois do assassinato de Ivair e dos tiros aos jovens na sede do Instituto Florestal não haviam dado início a investigação alguma, Chico decidiu fuçar por sua conta o passado dos irmãos Alves. O fio que lhe permitiu desenrolar a meada foi o nome da fazenda de Darly: Fazenda Paraná, nome do estado onde morara com o irmão. Curitiba era a capital, e ali estavam os arquivos criminais. Como todo mundo sabia que haviam chegado ao Acre fugindo da justiça, o seringueiro achou que poderia usar o sistema judicial para devolvê-los à prisão.

"Eu sabia que a vitória final da batalha que se travava no Acre – assim como a vida de Chico, Gilson, Raimundo e de todos os que estavam ameaçados – dependia do resultado de minhas investigações", contaria Natividade, que, durante a conferência, foi até o Gabinete de Expedientes Penais para procurar o rastro da sanguinária família. Lá encontrou uma lista interminável. Como o computador não fazia referência a nenhum caso que envolvesse os Alves, penetrou nas entranhas dos imensos arquivos. Mas não encontrou nada, até que decidiu consultar o arquivo geral. Uma a uma, foi verificando as fichas de todos os crimes cometidos nos últimos quarenta anos. Quando já se dava por vencido, encontrou uma ficha de Alvarino, com uma foto de perfil e de frente de quando era jovem. Espantado, leu que em 1962 Alvarino havia resistido sozinho, durante dez horas, a um ataque da polícia, que ia prendê-lo pelo assassinato de um camponês. O arquivo completo estava na cidade de Umuarama, onde os Alves moravam antes de se mudarem para o Acre. Quando Natividade voltou à casa de Mary e contou o que havia descoberto, Chico pulou de alegria: – Agora sim o pegamos!

Em 19 de setembro de 1988, Natividade percorreu os 600 quilômetros que separavam Curitiba de Umuarama, ao noroeste do Paraná. Vinte e cinco anos antes, Alvarino Alves havia feito o mesmo trajeto em sentido contrário, dentro de uma viatura, após ter se rendido à polícia com garantias de não ser maltratado

– garantia que nunca se cumpriu. Em Umuarama, as pessoas ainda recordavam os Alves como um pesadelo distante. Natividade teve um golpe de sorte: o promotor havia sido seu colega de universidade, e o ajudou a encontrar o arquivo completo – mais de quatrocentas páginas de valiosa informação sobre o passado criminal da família. Também lhe apresentou o juiz da comarca, um indivíduo que não havia esquecido as proezas criminais dos Alves: “Ele pediu que eu lhe entregasse os documentos pertinentes, e no dia seguinte emitiu uma ordem de prisão e me entregou duas cartas pedindo ao juiz de Xapuri a detenção imediata dos irmãos”.

Voltou a Curitiba, onde se reuniu com Chico, Mary e outros para discutir a estratégia a adotar. Chico estava eufórico; achava que sua disputa com os Alves estava prestes a acabar. Os outros eram mais céticos. Havia o problema de conseguir que fossem presos antes que se soubesse da ordem do juiz, porque senão os amigos de Chico tinham certeza de que Darly o mataria imediatamente. Natividade sabia que um dos filhos de Darly saía com uma das secretárias do tribunal de Xapuri, onde a corrupção reinava de maneira absoluta. Não podiam usar esse canal para entregar a ordem, e também não podiam usar a polícia de Xapuri, cujo chefe era amigo dos Alves e onde trabalhava outro dos muitos filhos de Darly, Odilon Alves. A decisão foi deixada nas mãos de Chico, que insistiu em apresentar os documentos à Polícia Federal de Rio Branco. Em 25 de setembro, Mary e Natividade pegaram o avião para encontrar Chico no Acre. Receosos de que a Polícia Federal não cumprisse as ordens imediatamente, decidiram pedir ao bispo dom Moacyr sua intervenção no assunto, para dar-lhe um ar de formalidade. “Eu lhes disse que tinha uma boa relação com Mauro Sposito, chefe da Polícia Federal, e que podiam contar comigo”, recordaria dom Moacyr. O bispo imediatamente entrou em contato com Mauro Sposito. Chico se lembrava muito bem dos longos interrogatórios a que o havia submetido esse policial, que havia dirigido a repressão dos seringueiros depois do assassinato de Wilson Pinheiro. Às 2 horas da tarde de 27 de setembro, ele os recebeu no quartel da Polícia Federal, um edifício branco com um pequeno jardim. Estava com o cabelo engomado e, como sempre, impecavelmente vestido. “Conversamos cordialmente durante mais de uma hora”, recordaria Natividade. “Ele parecia preocupado com a tensão em Xapuri e prometeu mandar cumprir logo a ordem de prisão.”

Chico e o advogado saíram dali descontraídos e contentes, certos de que haviam conseguido mandar os Alves para a cadeia. Mas, assim que atravessaram

a rua, seu sorriso se congelou: – Genésio, veja! – disse Chico apontando para a calçada da frente. Apoiado no balcão do Bar Gregório, Darly, com seus grossos óculos e o chapéu de vaqueiro, bebia uma cerveja. Nervoso, Chico quis ir avisar Sposito, mas o advogado, temendo que Darly o visse, sugeriu irem até o hotel onde Mary estava hospedada. Ao chegar ao quarto, Chico correu para o telefone. Sposito estava supostamente em reunião; foi atendido por um subordinado. Chico rogou que não perdesse tempo, que prendesse Darly no bar da frente. Mas o policial se limitou a garantir que "tomariam as medidas adequadas sem demora", o que significava que não o prenderiam nesse momento. Quando Chico desligou, olhou para Mary e Genésio com olhos de desamparo. A partir desse momento, soube que teria que pagar um preço muito alto por ter confiado na justiça.

No início de outubro, Gastão Mota encontrou seu velho amigo Darly Alves na saída do Banco Bradesco, em Rio Branco: "Ele disse que estava muito preocupado por conta de uma ordem de prisão que havia chegado do Paraná contra ele e seu irmão. – Que vai fazer agora, compadre? – perguntei. Ele disse que não tinha certeza, que estava esperando notícias de seu advogado". Darly disse que havia sido avisado por seu cunhado do Paraná, que soubera da ordem de prisão por um artigo escrito justamente por uma amiga de Chico e de Mary Allegretti, a jornalista Malu Maranhão. Outros acharam que seu filho Odilon, funcionário da delegacia de Xapuri, tivera tempo de dar o alarme. Mas Chico tinha certeza de que Mauro Sposito havia facilitado a fuga dos bandidos; como descobriu mais tarde, o chefe de polícia era amigo pessoal de Alvarino.

Em 13 de outubro, mais de quinze dias depois da visita a Mauro Sposito, a ordem de prisão foi entregue ao novo juiz de Xapuri, Adair Longhini. Menos de uma hora depois de recebê-la, o jovem juiz escreveu de próprio punho uma nova ordem, para evitar que um parente dos Alves que trabalhava no tribunal alertasse Darly ou Alvarino. Mas era tarde demais. Os policiais que o juiz enviou à Fazenda Paraná não encontraram nenhum dos irmãos. Segundo se soube depois, haviam se escondido na Bolívia, de onde fizeram o macabro anúncio de que não voltariam enquanto Chico não estivesse no túmulo.

Em fins de outubro, os Alves ainda não haviam aparecido, e a polícia tinha parado de persegui-los. A Polícia Federal mal dispunha de efetivos, e a Militar limitou-se a deixar alguns guardas na fazenda. A imensidão da selva, que havia sido o melhor refúgio para os seringueiros perseguidos, o era também agora para seus assassinos. Sabia-se que os Alves faziam breves incursões a suas fazendas,

geralmente à noite, para visitar suas mulheres. Darly pôs o filho Oloci a cargo da fazenda, e Darci ficou encarregado de levar-lhe alimentos e de mantê-lo a par do que acontecia na cidade, enquanto ele e seu irmão planejavam a vingança, escondidos na densa vegetação.

– CHICO, VAMOS EMBORA DAQUI por um tempo – dizia sua mulher, que vivia atenta a cada ruído, a cada sombra, a cada movimento. O perigo constante havia relegado ao esquecimento as passadas discussões matrimoniais. Ilzamar entendera o alcance da luta do marido e se dividia entre participar mais ativamente ou persuadi-lo a desistir, pelo menos até que o problema com os Alves se resolvesse.

– Prometo que depois das eleições ou no início de ano, o mais tardar, vamos para um seringal para passar vários meses. Quero coletar borracha e castanhas de novo. Preciso ficar na selva – disse Chico a sua mulher. – Mas entenda que agora preciso ficar aqui. Que tipo de homem seria se me deixasse amedrontar por esses bandidos?

Aos outros, dizia invariavelmente que só um covarde abandonaria a luta nesse momento.

– Não posso fugir. Algo dentro de mim me impede de ir embora – confessou à irmã Zélia.

– Vá embora, nem que seja só até que as coisas se acalmem um pouco – insistiu ela.

– Cedo ou tarde vão me achar – cortou Chico –, e não estou disposto a cair sem lutar.

A crescente atenção nacional e internacional o fazia sentir-se protegido. Em 20 de outubro foi para o Rio de Janeiro, para uma cerimônia na qual seria nomeado cidadão honorário da cidade. Mary o ajudou a redigir o discurso. – Quero ler – disse a sua amiga. – Nessas ocasiões solenes, as pessoas leem.

Seus amigos lhe fizeram uma grande homenagem. O prefeito da cidade e diversas personalidades corrigiam, assim, o atraso do Brasil em reconhecer um de seus personagens mais significativos. Chico estava emocionado, e seu discurso recebeu uma forte ovação. Quando terminou, foi até Mary para lhe agradecer. Como sempre, queria dividir sua felicidade com aquela mulher valente que havia consagrado seus melhores anos à causa dos seringueiros. Ela lhe pediu que não voltasse ao Acre, como pretendia. Mas Chico lhe recordou que

haveria eleições em 15 de novembro e que precisava fazer campanha para a candidatura de seu amigo Gilson Pescador. O ex-padre havia construído, com a ajuda de Josué, amigo de infância de Chico – aquele que encontrara por acaso quando o perseguiam pelas ruas de Rio Branco –, catorze escolas em menos de um ano. Gilson estava pronto para capitalizar sua popularidade, que não havia parado de crescer desde sua ruptura com a Igreja, sendo candidato a prefeito pelo PT. – Se perdermos – disse Chico a Mary –, talvez eu vá para Rondônia por dois anos para organizar lá o movimento dos seringueiros. – Mas Mary achou que ele dizia isso mais para acalmá-la que por convicção própria. Ao se despedir, a mulher sentiu uma indefinível sensação de angústia. Temia que fosse a última vez que o veria.

Chico sabia que não ganharia a batalha definitiva enquanto não se sentisse livre e seguro em sua própria casa, como se sentia nas ruas do Rio de Janeiro ou de São Paulo. A esperança dessa última conquista lhe dava ânimo, mas desanimava quando voltava a se sentir como um animal acossado. Como todos os condenados à morte ou os doentes desenganados, passava de um otimismo exagerado a um profundo desespero. Seu humor oscilava entre esses dois polos, e quando parecia serenar por completo, um novo e inesperado acontecimento o devolvia às trevas do terror. Ao entrar no carro de um companheiro que fora buscá-lo no aeroporto de Rio Branco, percebeu que dois homens – um deles alto e barbudo – o seguiam em um Volkswagen preto. Deram várias voltas pela cidade, e o carro preto continuou atrás deles, até que, por fim, abandonou a perseguição. Chico decidiu se refugiar na casa de seu amigo, o enfermeiro Paulo Klein, e aguardar a noite para fazer contato com os companheiros. Eles organizaram um verdadeiro sistema de segurança para levar seu líder até Xapuri. Chico tinha pressa de chegar. Queria dividir com a família e os companheiros a alegria da homenagem recebida antes que um tiro o impedisse de fazê-lo.

Um dos indivíduos sentados no Volkswagen preto era Pernambuco. Não o havia perseguido para atirar em Chico, apenas para reconhecer a vítima, pois mal tivera tempo de vê-lo quando ele saíra do terminal. A cabeça de dom Moacyr Grechi e de Chico Mendes foram postas a prêmio, e todos os pistoleiros do Acre sabiam que os dois trabalhos seriam bem pagos. Na Delegacia de Roubos e Furtos falava-se abertamente de atentar contra o bispo colocando uma bomba debaixo de seu carro. Segundo os membros do esquadrão, era a maneira mais segura de acabar com o prelado.

Quanto a Chico Mendes, as elites sociais e policiais do Acre, que nunca

souberam medir sua crescente projeção nacional e internacional, continuavam achando que sua morte não merecia muita complicação. O importante, por ora, era manter a pressão e a intimidação, para aterrorizá-lo. Era só uma questão de tempo até que Darly Alves ou outro pistoleiro apagasse do mapa esse indivíduo barrigudo, de olhos um pouco esbugalhados e bigode farto, cujas feições Pernambuco mal pudera reter na memória. Queria se antecipar à concorrência, porque sabia que pelo menos cinco equipes de pistoleiros haviam sido contatadas por Luís Garimpeiro e um empregado da Fazenda Paraná chamado Mineirinho. Estava aberta a temporada de caça, e aquele que conseguisse pegar qualquer um dos dois garantiria um lugar de honra entre os pistoleiros do Acre.

Pernambuco não desejava honras de pistoleiro. Para ele, era uma oportunidade única de começar uma nova vida, longe daquela terra, com aquela filha de seringueiro por quem havia se apaixonado. Queria tirá-la a todo custo daquela vida. Sentia-se torturado pela ideia de que Marina estivesse divertindo outros homens enquanto ele fazia suas rondas noturnas por Rio Branco. Várias vezes havia tentado fazê-la desistir, a última depois de ter descoberto que ela sabia ler e escrever. Se isso já era uma qualidade que admirava nos homens, em uma mulher lhe parecia ainda mais digno de mérito. Pernambuco chegou a lhe oferecer todo o dinheiro que ganhava e lhe pedira que fossem morar juntos, mas Marina sempre rejeitava suas propostas. Suspeitava das atividades de Pernambuco. Rio Branco é um lugar pequeno, e várias amigas do bairro lhe haviam dito: “Ele é um pistoleiro, trabalha para Enoch. Um canalha do Esquadrão da Morte que anda matando inocentes”. Não que as putas tivessem preconceitos em relação a seus clientes, mas Marina era seringueira antes de prostituta, e nunca teria se permitido apaixonar-se por um matador como aqueles que tinham arrasado a colocação de sua família e posto fogo em seus sonhos de menina. Ela havia contado tudo isso a Pernambuco, que pela primeira vez notara o imenso abismo que os separava nesse distante canto da Amazônia. – Sou um policial civil da Delegacia de Roubos e Furtos – respondera rapidamente, pensando que era melhor que não morassem juntos na cidade, porque senão ela saberia de tudo. A única solução era ir embora para o mais longe possível dessa terra de ódios e rancores que ameaçava sepultar todo mundo. – Vamos para o Sul – Pernambuco propôs um dia, enquanto passeavam às margens do rio Acre. – Vamos para alguma cidade pequena, morar em uma casinha tranquila. – A garota olhou para ele com olhos agradecidos e luminosos, e então Pernambuco soube que aquela seria a única maneira de tê-la. Logo planejou tudo. Abririam um açougue. Não teve dificuldade em convencê-la de suas habilidades de

açougueiro. Contou-lhe sua experiência em Altamira com profusão de detalhes sobre as partes de um boi. Explicou-lhe o negócio, a porcentagem de lucro, a carne mais rentável, o abastecimento, a conservação. Poderia ter proposto algo mais romântico, como a busca de ouro, mas, lembrando-se de suas andanças pelos bordéis, pensou que aquilo não era vida para uma mulher decente nem para uma família respeitável. Além disso, Marina não queria apostar no desconhecido. Queria segurança, como todas as mulheres, por isso havia se entusiasmado com a ideia do açougue, um negócio estável que lhes proporcionaria renda regular. A partir daí, tudo era possível.

Juntos alimentaram um sonho que se transformou em uma meta em comum. Pouco a pouco, foram centrando todas as suas conversas no futuro de felicidade que os esperava em algum lugar do Sul, onde as pessoas não se odiavam nem se matavam como na Amazônia, onde havia inverno e verão, cidades com parques e praias. Ambos se sentiam fortes para empreender aquela viagem rumo à normalidade. O matador e a prostituta haviam criado um porvir sob medida. Alcançá-lo antes que uma bala vingativa estourasse seus miolos, ou antes que Marina soubesse de suas atividades, foi se tornando uma prioridade para Pernambuco.

Por isso tinha pressa. Embora estivesse decidido a lhe dizer a verdade sobre seu passado quando tivessem normalizado a vida, por enquanto não podia fazer isso; o sonho de felicidade comum era tão frágil que precisava ser materializado antes que ruísse. Precisava ganhar dinheiro, o que o obrigava a avaliar atentamente todas as oportunidades, até mesmo os atentados contra Chico Mendes e o bispo. Havia chegado a hora de dar o golpe definitivo que seria sua despedida do mundo do crime. O amor de Marina era a motivação que lhe havia faltado na vida para se livrar do jugo da violência. Nesse momento, enfrentava o paradoxo de ter que matar para deixar de matar.

*

A situação na Delegacia de Enoch deteriorava-se rapidamente. A espiral de violência que o Esquadrão da Morte havia desencadeado chegou a alarmar profundamente a opinião pública. Segundo a imprensa, mais de vinte assassinatos e um sem-fim de detenções arbitrárias, sessões de tortura e estupros ocorreram no verão de 1988.

A natureza dos assassinatos foi mudando paulatinamente. A Gazeta do Acre parou de publicar notícias como: “Outro corpo baleado: era assaltante,

estuprador e traficante de drogas", e passou a divulgar: "Os policiais Miranda e Bolinha, por ordens de Enoch Pessoa, submeteram durante mais de uma hora Ronaldo Andrade, 18 anos, a uma sessão de pau de arara. Os padres da Diocese de Rio Branco pediram punição aos responsáveis". Logo foram publicados casos de desaparecidos, de corpos que não tinham nada a ver com o mundo do crime e sobre os quais Ayala e Pernambuco nada sabiam. Tanta impunidade acabou fazendo o pessoal do esquadrão perder as estribeiras e e agir ainda com mais selvageria.

Amparados pela certeza de que nunca aconteceria nada com eles, os pistoleiros e jagunços tornaram-se incontroláveis. "Quando você se acostuma a matar, chega uma hora em que sente falta", reconheceu Pernambuco em uma ocasião. "Há dias em que a gente acorda com vontade de matar alguém, assim, na boa." Mas uma coisa era matar de um modo limpo um bandido conhecido, e outra bem diferente era regozijar-se com a morte. Os membros mais violentos do esquadrão passaram a preencher o vazio deixado pelos bandidos depois que o objetivo inicial de limpar a cidade foi cumprido. Goiano e Garimpeiro voltaram a sua especialidade de roubar carros para revendê-los na Bolívia. Em uma ocasião, venderam um carro roubado a um jovem de Rio Branco, que pagou um pequeno adiantamento e assinou uma promissória. A seguir, Goiano pediu a Sear Jazub que matasse o jovem para recuperar o carro e vendê-lo de novo. Sear fez esse favor, e dividiram o dinheiro da venda do automóvel. Só Ayala e Pernambuco permaneciam à margem desses rolos. Estavam furiosos e preocupados por terem sido manipulados e encurralados na perigosa posição de saber demais. Além disso, sentiam-se traídos em sua dignidade. Pernambuco não se considerava um bandido vulgar: ao contrário, a motivação de sua vida de matador havia sido "o ódio pelo ladrão". E agora estava associado à pior gentalha. Não só tinha pavor de que Marina soubesse antes que pudesse lhe contar tudo, mas também temia – como Ayala – acabar sendo vítima daquela violência. Tanto ele quanto Ayala eram testemunhas de como Goiano e Garimpeiro começaram a tramar golpes de maior audácia contra pessoas de quem pudessem roubar algo mais valioso do que aquilo que os simples bandidos possuíam. Em sua ambição desenfreada, cometeram o erro de atentar contra empresários e latifundiários, ignorando a regra básica de não roubar de quem o alimenta. Assim, fizeram que aumentasse ainda mais a tensão na atmosfera de loucura sanguinária que reinava no Acre, em meio à qual a sorte de Chico Mendes era só mais uma trama.

48

Em 22 de outubro de 1988, sem a participação de Ayala ou Pernambuco, o esquadrão sequestrou um caminhão com mais de 10 toneladas de borracha e o desviou para Porto Velho, capital de Rondônia, situada a mais de 600 quilômetros. Carlos Goiano e Luís Garimpeiro combinaram com o caminhoneiro de dividir o butim. Quando o dono do caminhão, um empresário e latifundiário chamado Jorge Moura, soube do roubo, mandou seus próprios homens investigarem. Encontraram o caminhão, mas não recuperaram a borracha. Pegaram o caminhoneiro e o entregaram a Enoch, que garantiu ao latifundiário que conseguiria recuperar toda a mercadoria. O caminhoneiro não revelou quem haviam sido seus cúmplices porque sabia que isso lhe custaria a vida. No dia seguinte, para sua grande surpresa, o latifundiário soube que o caminhoneiro havia sido libertado; então, começou a suspeitar que Enoch estava envolvido no caso. Decidido a ir fundo no assunto, entrou em contato com Ayala, em quem confiava. Ayala lhe contou suas inquietudes acerca dos homens de Enoch e disse que eles deviam ter livrado a cara do caminhoneiro.

O caminhoneiro ligou para Ayala no dia 25 de outubro e deixou um recado: queria falar com ele. Mas quando Ayala foi ao encontro, encontrou o caminhoneiro morto e desfigurado. Era um típico caso de queima de arquivo; o caminhoneiro sabia demais", diria Ayala. Foi à sala de Enoch e contou-lhe o que havia acontecido, mas Enoch não demonstrou nenhum interesse em ouvi-lo. Então, Ayala não se conteve:

– Eu não quero participar das barbaridades que estão fazendo aqui – disse.

Enoch ergueu os olhos e o fitou por cima dos óculos.

– Você tem provas do que está dizendo? – perguntou impassível, sabendo que Ayala não tinha provas suficientes para levar o caso à justiça, a única coisa que realmente lhe teria importado.

– Não, mas você sabe do que estou falando.

– Eu não sei de nada – disse Enoch dando de ombros e encerrando o assunto.

Enoch Pessoa pôs um honrado policial de 27 anos chamado Nilson de Oliveira, professor de judô nas horas vagas, a cargo do caso do caminhão, para

não atrair para seu departamento a inimizade de nenhum latifundiário. Em suas investigações, o detetive Nilson falou com Ayala e com Pernambuco, que lhe contaram o que sabiam sobre o contrabando de veículos para a Bolívia e as atrocidades cometidas por aqueles bandidos. Nilson acabou recuperando grande parte da borracha roubada. Enoch Pessoa pensou, então, que o latifundiário ficaria satisfeito. Mas ele queria recuperar tudo, e, além disso, estava empenhado em descobrir os autores do roubo. Vazou à imprensa o rumor de que Enoch estava encobrindo um perigoso grupo de criminosos e que tinha problemas para controlar seus próprios homens. A imprensa divulgou o escândalo e acusou Enoch de ser responsável pelos Esquadrões da Morte, termo que havia se tornado familiar nos jornais locais. Enoch foi pressionado por Castelo Branco, chefe da Segurança Pública.

Jorge Moura, dono do caminhão roubado, sabia do risco que corria ao fazer aquelas declarações e enfrentar Enoch Pessoa. Decidiu se trancar em casa, cercado de um forte serviço de segurança, no mais puro estilo dos westerns, só que no final do século XX, e não em 1850. Em 13 de novembro de 1988, à 1 hora da madrugada, o Esquadrão da Morte de Enoch foi à fazenda de Moura para acabar com ele. Esperavam encontrar algum tipo de resistência, mas a surpresa foi total ao dar de cara com um pequeno exército de pistoleiros contratados pelo latifundiário. Travou-se uma batalha que durou mais de duas horas, e no fim os atacantes tiveram que recuar. Ninguém nunca mais viu Goiano vivo, nem seu corpo foi encontrado. Segundo Ayala e o detetive Nilson, ele fora gravemente ferido, e como não podiam carregá-lo nem deixá-lo ali, Garimpeiro deu-lhe um tiro de misericórdia para guardar o segredo e manter a impunidade. A seguir, sumiu com o corpo.

Alguns dias depois, Pernambuco pegou uma conversa que falava de acabar com o Índio – como Ayala era conhecido. Achavam que era perigoso ter no esquadrão alguém tão abertamente contrário ao que estavam fazendo. Pernambuco viu-se diante de um dilema. Se avisasse seu amigo Ayala, corria o risco de ser morto. Tinha medo de que a situação acabasse em uma batalha entre jagunços que o impedisse de fazer dois “bons serviços” e se mandar. Por outro lado, se não dissesse nada a Ayala, sabia que se arrependeria pelo resto da vida. Uma coisa era matar desconhecidos; outra muito diferente, e bem mais grave em seu código particular, era ser desleal com os amigos. No fim, contou a Ayala, que não se surpreendeu, porque já havia notado que estava sendo seguido.

– Se não controlar as coisas, se deixar que me persigam para me matar – disse

Ayala a Enoch na última conversa que tiveram –, eu também vou criar um grupo de assassinos.

Enoch, imperturbável, fitou-o novamente por cima dos óculos, como sempre fazia.

– Então, vai morrer muita gente – respondeu cinicamente.

Nesse dia, Ayala saiu do escritório batendo a porta. Sabia que estava condenado. Não criou nenhum grupo de pistoleiros porque não tinha dinheiro, poder ou vontade de fazê-lo. Limitou-se a sobreviver como um rato até que teve oportunidade de falar.

Pernambuco ficou sozinho no meio de bandidos enlouquecidos que começaram a brigar entre si à medida que tramavam vinganças e ajustes de contas. Em 30 de novembro, a Gazeta do Acre informou o desaparecimento de um policial militar: “Suspeita-se que policiais civis estão envolvidos em seu desaparecimento”. Em 1º de dezembro, a imprensa publicou na primeira página: “Policiais civis e militares em guerra pela morte de um soldado”. No dia 7 de dezembro, a Gazeta dizia: “Os policiais civis e militares integrantes do Esquadrão da Morte estão se matando entre si. O clima é cada vez mais tenso”. Crentes de que a impunidade logo ia acabar, matavam todos os que sabiam demais.

Então, Ayala fez a única coisa que podia fazer para se proteger: contou, perante o juiz, tudo que sabia, tudo que vira durante os dez meses em que trabalhara na Delegacia de Roubos e Furtos. “O juiz me ofereceu proteção, mas eu disse que não queria, que só queria o direito de andar armado, porque, se eles sabem matar, eu também sei”, diria Ayala. Também mostrou ao juiz uma cópia de um documento que circulava entre os jagunços do esquadrão, uma lista negra impressa. O primeiro nome era o de dom Moacyr Grechi. O juiz avisou o bispo, que não pareceu surpreso. Seu nome havia encabeçado todas as listas negras do Acre dos últimos vinte anos. Havia sobrevivido a diversas ameaças, três delas consideradas tão sérias que o próprio ministro do Interior do governo Geisel o havia aconselhado a deixar o cargo por um tempo; mas dom Moacyr se recusara firmemente a fazê-lo.

*

A 150 quilômetros dali, dois dias depois das eleições em que Gilson perdeu a prefeitura pela pequena margem de cinquenta votos, Chico Mendes, exasperado

pelo mau funcionamento da justiça, que não havia sido capaz de prender aqueles que o ameaçavam e que semeavam o pânico na cidade, escreveu uma carta para Mauro Sposito, chefe da Polícia Federal: “Para minha surpresa e dos meus companheiros, fomos informados de que o senhor alertou os Alves de que havia uma ordem de prisão expedida contra eles. Essas informações provêm dos próprios pistoleiros e de seus filhos, que se vangloriam dizendo que seus pais têm muitos amigos bem colocados, inclusive na Polícia Federal. Os jagunços dos Alves passeiam livremente pela cidade, e quando a Polícia Militar detém um deles e o entrega à Polícia Federal, esta os solta rapidamente. Toda essa irresponsabilidade me assusta e me leva a crer que a Polícia Federal está interessada em que eu desapareça de uma vez por todas, assim como alguns dos meus companheiros de luta. Tenho a suspeita de que existe um complô entre os pistoleiros de Darly Alves, o Esquadrão da Morte e a Polícia Federal para eliminar os líderes do movimento seringueiro”.

Uma companheira do PT que leu a carta suplicou a Chico que não a mandasse. Embora estivesse seguro de suas fontes, acusar a máxima autoridade da Polícia Federal de cúmplice dos Alves era muito grave, coisa que se voltaria contra ele. Era uma declaração de guerra, uma provocação cujas consequências Chico não poderia controlar. Mas o seringueiro não quis ouvir os conselhos da amiga. Aquela não era mais uma luta de políticos, nem sequer de patrão contra seringueiro; era a luta de um homem sozinho contra um mundo que lhe negava o mínimo de justiça indispensável para sobreviver. Não só mandou a carta a Mauro Sposito, como também entregou uma cópia a seu amigo Sílvio Martinello, fundador do Varadouro, que então trabalhava na Gazeta do Acre, o único jornal que não pertencia aos latifundiários.

“Polícia Federal facilita fuga de pistoleiro”, publicou a Gazeta na primeira página, em 2 de dezembro. Dessa vez, a reação de Sposito não se fez esperar. Contra-atacou no jornal O Rio Branco. Declarou que a Polícia Federal havia decidido revogar a licença de porte de armas de Chico Mendes depois dos acontecimentos “belicosos” do Seringal Cachoeira e após ter recebido um documento que provava que uma “entidade multinacional estrangeira” o financiava, como se o seringueiro fosse um espião da CIA. O documento que o chefe da polícia apresentou não era mais que uma carta da Fundação Ford (organismo de ajuda à pesquisa que havia tempos trabalhava com os seringueiros em outras áreas do Brasil). A ira de Mauro Sposito era tanta que, no noticiário da tevê, declarou: “Esse Chico Mendes é um psicopata! Um paranoico que vive

anunciando a própria morte!”.

Chico sabia que as mortes anunciadas sempre eram precedidas de insultos, calúnias e difamações. Fazia parte do ritual. Seu drama era que, ao que parecia, era o único – exceto sua família e os amigos mais próximos – que acreditava nas ameaças que lhe dirigiam. Chico conhecia os detalhes da trama para matá-lo e a identidade dos jagunços, e várias vezes denunciou publicamente o complô. Mas ninguém fez nada para impedir. As autoridades se mantiveram em absoluta passividade. O mais doloroso é que os amigos também não acreditavam nele: “Eu achava”, diria Josué, seu amigo de infância, “que todos os que tinham um cargo de responsabilidade no sindicato corriam mais risco que ele. Sempre achei que o respeito que inspirava tornaria muito difícil seu assassinato. Mas Chico tinha certeza do contrário”. Chico estava tão obcecado que seus amigos, Mary inclusive, queriam que parasse de dizer que estava marcado para morrer enquanto não tivesse provas contundentes disso. O assunto chegou a virar motivo de deboche.

Incompreendido, sozinho na certeza de sua morte anunciada, Chico Mendes viveu aqueles dias de dezembro na solidão, isolado do mundo, ainda que cercado de gente. Dom Moacyr também não acreditava nele, achava que a popularidade e a relevância de Chico o protegeriam, como haviam protegido a ele próprio até então. Em sua peregrinação pelos gabinetes dos amigos influentes para chamar a atenção para seu caso, Chico quis conversar com o bispo no dia em que soube que Sposito havia facilitado a fuga dos irmãos Alves. Foi até seu gabinete, mas dom Moacyr não pôde atendê-lo nesse momento; não achava que a visita do seringueiro precisava de atenção urgente, e, além disso, estava ocupado. As histórias de ameaças eram tão normais e atingiam tanta gente que haviam se banalizado. Ele mesmo estava na lista negra e havia muito tempo vivia com a sombra da morte. O fato de as autoridades serem coniventes com os assassinos também não era novidade. Lá estava o Esquadrão da Morte, que semeava de corpos as noites de Rio Branco e lhe dava todo tipo de dor de cabeça: mães que exigiam os corpos dos filhos, religiosos ameaçados por saber demais, delinquentes que pediam refúgio na catedral, etc. Disseram a Chico que esperasse ou que voltasse em um momento mais propício. Mas o seringueiro estava com os nervos à flor da pele, e tomou isso como uma afronta pessoal. Abandonou a prelazia desamparado e desesperado. Como é que seus aliados não levavam a sério as ameaças de morte que ele recebia? Como podiam pensar que havia se tornado tão importante a ponto de estar imunizado? Todas essas

perguntas se atropelavam em sua cabeça enquanto caminhava cabisbaixo rumo à sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Como estava decidido a lutar até o fim, fez diversas sedes do sindicato na região mandarem telex e telegramas a várias autoridades do aparato policial e judicial do estado, e também a José Sarney, presidente da República. Essas mensagens de socorro denunciavam as numerosas ameaças de assassinatos a trabalhadores rurais da região. Mas nunca receberam resposta.

49

Em 6 de dezembro, Chico foi até Piracicaba para participar de um seminário sobre a Amazônia organizado pela Universidade de São Paulo. Seu discurso superou amplamente os vinte minutos estabelecidos pelos organizadores. Durou uma 1h45 e terminou com estas palavras: “Não quero flores em meu túmulo porque sei que irão arrancá-las da selva. Só quero que minha morte sirva para acabar com a impunidade dos jagunços que contam com a proteção da polícia do Acre e que desde 1975 mataram na zona rural mais de cinquenta pessoas como eu, líderes seringueiros empenhados em salvar a selva Amazônica e em mostrar que o progresso sem destruição é possível. Adeus, foi um prazer. Volto a Xapuri ao encontro da morte, porque dela ninguém me livra, tenho certeza. Denunciei aqueles que querem me matar, mas ninguém tomou medidas a respeito. Não sou fatalista, só realista”.

Ninguém se emocionou mais com essas palavras que um antropólogo norte-americano convidado para o simpósio. Ele compartilhava os mesmos temores, porque também constava da lista negra. Darrel Posey estava à espera de julgamento sob a acusação de ter denegrido a imagem do Brasil. Seu crime consistia em ter acompanhado o índio Paiakan – que tão habilmente comandara a campanha contra os garimpeiros e as negociações para a demarcação do território – a Washington, seguindo os passos de Chico Mendes. Ele fora denunciar uma nova ameaça que recaía sobre os caiapós: o projeto do governo de construir mais de treze usinas hidrelétricas em suas terras, o que representava a inundação de praticamente todo o território. Os políticos de Washington e os executivos do Banco Mundial, surpresos no início de ver Paiakan com seu cocar colorido e seu colar de guerreiro, reconheceram, depois de ouvi-lo, a validade de suas reivindicações. O índio os advertiu de que estavam prestes a embarcar em outro desastre ambiental de proporções gigantescas: Steve Schwartzman e Barbara Bramble forneceram dados em seu apoio. O mais significativo foi, sem dúvida, o da recém-inaugurada Usina de Balbina, concebida para fornecer eletricidade para a Zona Franca de Manaus. Por não ter sido limpa a tempo, a vegetação e o lodo acabaram obstruindo suas barragens. Milhões de peixes haviam morrido, e os habitantes que bebiam água da represa adoeciam. Enquanto isso, dois grupos de índios vaimiris que haviam sido retirados estavam abandonados à morte. Para evitar que os caiapós tivessem o mesmo destino,

Paiakan e Posey haviam feito aquela viagem pelos corredores do Congresso e do Banco Mundial, e finalmente conseguiram a suspensão de um empréstimo de 500 milhões de dólares destinado aos estudos preliminares das barragens do Xingu. Assim que voltaram, ambos foram processados com base em uma lei do regime militar, a “lei dos estrangeiros”. Acusar um índio de estrangeiro era tão absurdo e ridículo que o processo só serviu para demonstrar a ineficácia da justiça. Em 14 de outubro, dia da audiência, quinhentos caiapós em trajes de guerra, nus e pintados, foram a Belém; diante do olhar atônito dos transeuntes, em frente às câmaras de televisão, declararam guerra ao governo de Brasília. As imagens foram transmitidas no Brasil e em algumas tevês do mundo, o que provocou uma corrente de simpatia pelos índios. Também provocaram o mal-estar de certos setores da sociedade cujos interesses estavam ligados à construção das barragens. Darrell Posey começou a receber ligações anônimas no meio da noite ou nos momentos mais inesperados, avisando que tomasse cuidado. Passou a considerar a ideia de se cercar de guarda-costas e aproveitou a oportunidade para conversar com um especialista no assunto para pedir sua opinião. “Chico achava que os guarda-costas eram inúteis, que quando querem matar, matam”, recordava Posey de sua conversa com o líder seringueiro. “A desenvoltura com que falava de sua morte me arrepiava. Para mim, criado em um sítio de Kentucky, a violência pertencia à televisão e ao cinema, não à vida real. Mas, para Chico, era a coisa mais normal do mundo. Ele sabia que morreria vítima do mesmo ambiente de violência em que havia crescido.”

Ao chegar ao Rio de Janeiro depois do seminário, Chico viu uma oportunidade de alterar a fatalidade de seu iminente destino. Depois de participar de uma manifestação pública sob o slogan “Salvar a Amazônia”, voltou ao local onde se hospedava, a casa de uma jovem imigrante espanhola chamada Rosa Roldán. A mulher havia se entregado à causa dos seringueiros para amenizar o que ela chamava de “vazio de sua vida de secretária divorciada”. Organizou uma entrevista para o Jornal do Brasil, um dos jornais de maior prestígio do país na época. Chico sabia que esse jornal era lido por toda a gente influente, e achava que talvez alguém fizesse alguma coisa por ele. Como todos os desenganados, agarrava-se a qualquer luz no caminho. Em 9 de dezembro, a entrevista – que para o seringueiro representava a última tábua de salvação e pela qual ele esperava como um condenado espera a graça real – foi feita no apartamento de Rosa Roldán. O jornalista não imaginava que seu artigo daria a volta ao mundo, especialmente a última frase de Chico: “Se um enviado do céu descesse e me garantisse que minha morte servirá para reforçar nossa luta, então valeria a pena.

Mas a experiência nos ensina o contrário. Eu quero viver. As manifestações públicas e as multidões nos enterros não vão salvar a Amazônia. Quero viver".

Às 7 horas da noite de sábado, 10 de dezembro, véspera do dia em que Chico teria que voltar, tocou o telefone no apartamento de Rosa Roldán. Era uma ligação do advogado Genésio Natividade, de Xapuri, dizendo que o centro de informação da Polícia Militar do Estado do Acre acabava de comunicar ao sindicato que, durante uma reunião sob os auspícios da UDR, haviam tomado a decisão de assassiná-lo antes do fim do mês, e que vários pistoleiros haviam sido encarregados da tarefa. Para Chico, aquilo não era nenhuma novidade. Mas Natividade tinha mais notícias: o jornal O Rio Branco acabava de publicar uma nota anunciando que durante o mês em curso uma bomba de 200 megatons explodiria no Acre e que teria uma repercussão nacional. Aquilo parecia a confirmação de sua condenação à morte. Natividade o aconselhou a adiar sua volta, pelo menos por uma semana ou dez dias.

Chico desligou, lívido: – Meu Deus, que país! – suspirou. – Quando tudo isso vai acabar?

Poucos minutos depois Mary Allegretti ligou de Los Angeles. Ela já sabia das últimas e inquietantes notícias.

– Você vai perder tudo o que conseguiu na vida por causa de uns bandidos, por gente que não vale a pena – disse a Chico. – Você não pode deixar sua vida nas mãos de um criminoso comum.

– Não espere de mim uma reação diferente da de um seringueiro – respondeu Chico antes de se despedir.

Rosa Roldán lhe ofereceu sua casa pelo tempo necessário. Chico respondeu que já tinha reserva para o dia seguinte, que queria voltar para casa, que sentia saudade da família. "Tive a impressão", recordaria a espanhola, "de que ele sabia que era uma questão de dias, que permanecer no Rio de Janeiro mais uma semana não mudaria nada, porque, de qualquer maneira, em algum momento teria que voltar para casa, e então o matariam. Não estava disposto a se separar da mulher e dos filhos para salvar a vida."

Na manhã seguinte, 11 de dezembro, Rosa o acompanhou ao aeroporto. Sabia que o aniversário de Chico era dia 15 e o abraçou ao se despedir: "Quero lhe dar um forte abraço porque sei que no dia do seu aniversário não vou poder". Ela o viu desaparecer na multidão e, de volta à cidade, enquanto dirigia pela estrada,

surpreendeu-se com lágrimas nos olhos. Não contou a Chico que seu amigo jornalista lhe havia dito que o redator-chefe do Jornal do Brasil achara que a entrevista não era uma história relevante o suficiente para ser publicada. Só teria valor, acrescentara o redator, se o entrevistado fosse assassinado.

Chico quis comprar presentes de Natal em Rio Branco antes de voltar para casa. Acompanhado dos guarda-costas, percorreu as lojas do centro. Estar ameaçado de morte no Natal era algo tão incongruente quanto ver as vitrines com neve artificial no calor pegajoso do trópico. Comprou uma árvore de Natal e dois pares de sapatos para llzamar. Comprou uma bicicleta para a filha e um carro de corrida para o pequeno Sandino.

Nesse dia, a primeira página dos jornais dava a notícia de que Enoch Pessoa havia sido exonerado de suas funções por conta do escândalo originado pelas revelações de Ayala. Chico não acreditou que aquela demissão representasse um sincero desejo de mudar as coisas, mas só a vontade política de abafar um escândalo que poderia se voltar contra aqueles que o haviam permitido. Ninguém duvidava de que Enoch logo voltaria à superfície; ele tinha contatos e boas relações demais para não sobreviver a uma tempestade passageira. Seu poder transcendia seu próprio cargo. Alguns, porém, acharam que Enoch havia sido afastado para evitar um escândalo maior que estava prestes a explodir: o assassinato do líder seringueiro e do prelado.

*

Pernambuco havia ido até Xapuri várias vezes. Esperava o anoitecer para vigiar os arredores da casa de Chico. Estranhava que a vegetação do jardim, que obstruía a vista do rio, não tivesse sido podada. Era um esconderijo perfeito para quem quisesse atentar contra a vida do seringueiro. De qualquer maneira, teria preferido fazer esse serviço em um aeroporto, como era habitual tratando-se de líderes populares, porque a fuga sempre era mais fácil. Como o aeroporto de Rio Branco não lhe parecia seguro, Pernambuco cogitou a possibilidade de uma emboscada na estrada. Mas os deslocamentos do seringueiro eram tão irregulares que acabou descartando a ideia.

Na noite de 15 de dezembro, Pernambuco estava escondido na mata atrás da casa de Chico Mendes. Esperava a rotina habitual: a mulher levar as crianças para o chuveiro (que ficava no jardim) e depois para jantar – via-os pela janela da cozinha. Era um espetáculo que lhe agradava e que ao mesmo tempo o perturbava quando parava para pensar que estava ali para destruir aquela

harmonia familiar.

Mas naquele dia, em vez da rotina cotidiana, começou a ouvir uma confusão distante, que foi aumentando. “Pronto, voltou”, pensou Pernambuco, aguçando os cinco sentidos e pronto para gravar na memória todos os movimentos e detalhes que pudessem ser úteis. Da porta da cozinha viu um indivíduo sair, mas não o reconheceu. “Deve ser um dos guarda-costas”, pensou. Depois, para sua surpresa, viu mais gente se aproximando do jardim. Chegavam de todos os lados. Ouviu-se o som de uma música estridente. De seu esconderijo, viu aterrorizado que a casa estava lotada. Por fragmentos de conversa, entendeu que a mulher de sua vítima e seus amigos haviam preparado uma festa de aniversário para Chico. Nesse dia ele completava 44 anos, e llzamar queria surpreendê-lo.

Mas o mais surpreso foi o homem que os vigiava no jardim. Não teve tempo de reagir quando alguns convidados passaram conversando a poucos metros de seu esconderijo. Até os ouviu mencionar que deviam podar a vegetação por questões de segurança! Encolhido, Pernambuco ficou imóvel, controlando cada respiração, cada movimento do corpo, numa espera que foi uma verdadeira tortura. Em certo momento teve a impressão de ter sido descoberto. Um homem parecia estar olhando fixamente para ele. Então, reconheceu sua vítima. Sim, era ele, Chico Mendes, aquele gordinho de cara simpática que vira no aeroporto. Lá estava o pesadelo dos poderosos do Acre. Pernambuco pegou o revólver, disposto a atirar. Sabia que era arriscado, mas era sua única possibilidade de fugir. Aquele método já havia dado bom resultado uma vez. Depois de um atentado, as pessoas correm para o morto com gestos e gritos de desespero, mas raras vezes correm para o criminoso, por medo de serem baleadas. Dessa vez não havia por que ser diferente, pensou. Naquele instante que lhe pareceu uma eternidade, enquanto não sabia se Chico o havia descoberto ou se simplesmente estava olhando para a escuridão da mata, Pernambuco, dedo no gatilho, pensou de repente em Marina. Recordou, de uma maneira muito nítida, que a primeira vez que ouvira mencionar o nome de Chico Mendes fora quando ela lhe contara que havia aprendido a ler e escrever nas aulas de alfabetização que o seringueiro dava na selva. Também julgou recordar que Marina lhe havia dito que toda a sua família o considerava um verdadeiro herói. O medo de Pernambuco de ser descoberto, de morrer fugindo e baleado deu lugar a uma profunda vergonha de si mesmo. “O que Marina vai pensar quando souber que eu menti e a traí dessa maneira?”, perguntou-se angustiado. Em sua cabeça confundiram-se o rosto de Tarzan, de Sydney Possuelo e de Marina, de todos os que haviam confiado nele

como amigo e como pessoa, e sentiu nojo de si mesmo como nunca havia sentido na vida. Odiou-se profundamente. A ponto de jurar entrar para sempre na lei dos crentes se saísse vivo daquela situação. “Que se dane o dinheiro!”, decidiu. Finalmente compreendeu, no fulgor de um instante de medo, que de nada adiantava querer ser limpo e eficaz em um trabalho que não o fazia uma pessoa melhor.

Nesse mesmo momento, Darci Alves percorria os 13 quilômetros que separam Xapuri da Fazenda Paraná para informar seu pai da volta de Chico. O rapaz também havia ido até a casa, mas não ficara escondido no jardim, e sim na parte da frente; e também ele se surpreendera com a festa. Foi embora como chegou, sem dizer nada, mas deixando uma sensação de inquietude. Como o pai sabia que estava prestes a ser detido, liquidar Chico Mendes antes que um pistoleiro anônimo, alguém como Pernambuco, fizesse o trabalho transformara-se em uma questão de honra. Por isso Darci tinha pressa. Além disso, toda a comunidade de poderosos latifundiários que admirava e a quem queria imitar também o pressionava. Cinco dias antes, o Coronel Chicão – em cujo seringal havia sido organizado o primeiro empate – se reunira na selva com Darly: – Não entendo como o serviço não foi feito ainda – disse este, desculpando-se pelo atraso. A seguir foi para sua fazenda******** e mandou o filho preparar a emboscada. Darci, de início, recusou, mas o pai não admitia que se questionasse uma ordem sua: – Você não vale as calças que veste – disse. Aos 21 anos, Darci era um jovem taciturno e analfabeto, que nunca havia se destacado em nada. Não atirava bem, não era um bom cavaleiro, não tinha atrativo especial para as mulheres. Darly não entendia como o filho desprezava a oportunidade de se fazer valer, de ser alguém naquela sociedade de vaqueiros e criadores de gado. O rapaz vivia assolado por sentimentos contraditórios em relação ao pai: por um lado, nunca o havia perdoado por ter abandonado sua mãe no Paraná; por outro, tinha uma admiração sem limites por ele. Acabar com o inimigo do pai não só era um dever de filho – dissera Darly para convencê-lo –, como também uma maneira de garantir um lugar de honra entre seus semelhantes. Como Darly não confiava muito na pontaria do filho, ordenou que Mineirinho – um vaqueiro pistoleiro que vivia na Fazenda Paraná – o acompanhasse. Seu outro filho, Oloci, prestaria apoio com o carro. Quanto aos outros detalhes do atentado, ninguém se preocupou em estudá-los atentamente, apesar das objeções de Gastão Mota, que advogava uma preparação melhor. Queria adiar a coisa até depois do atentado ao bispo, porque assim passaria ainda mais despercebido. Foi o único, no círculo próximo a Darly, a temer as consequências de um trabalho malfeito. Mota

morava em uma cidade e conhecia melhor que os vaqueiros a reputação do líder seringueiro. Mas os Alves não podiam perder mais tempo: todos tinham uma razão muito específica para agir, e Darly deu o prazo de uma semana para que Chico fosse liquidado.

******** Segundo o testemunho de um peão chamado Alício. (N. A.)

50

– Quais são as novidades? – perguntou Luís Garimpeiro, que o estava esperando desde o amanhecer em um boteco ao lado do Hotel Successor.

– Nada, impossível – respondeu Pernambuco, que acabava de voltar de Xapuri. – É uma loucura fazer isso em um beco sem saída. Só existe uma estrada de acesso lá. Além disso, esse homem vive cercado de gente, noite e dia.

Luís Garimpeiro fez uma cara contrariada:

– Vão chegar na nossa frente. Vamos perder muito dinheiro.

– Para fazer direito, temos que esperar – pontuou Pernambuco, para dar, assim, a impressão de que era zelo profissional, e não vontade de cair fora.

Ninguém tinha visto Pernambuco no jardim da casa. Contrariamente a seus temores, Chico não o vira no esconderijo, e ninguém notara sua presença. Quando as pessoas foram entrando na casa para dançar e aproveitar a festa, Pernambuco conseguiu ir até uma trilha perto do rio e voltou para Xapuri. Nunca havia se sentido tão feliz por não ter conseguido fazer um serviço, apesar de que ainda restava o mais difícil. Tinha que cumprir a promessa que havia feito a si mesmo: parar de matar e entrar definitivamente na lei dos crentes. Para isso, tinha que ter muito cuidado, especialmente com seu interlocutor.

Luís Garimpeiro despachava os contratos com mais pressa que nunca porque, desde a destituição de Enoch, todos intuíam que a orgia de crimes estava prestes a acabar. Não só precisavam resolver os assuntos pendentes com urgência para obter o máximo de dinheiro, como também tinham que queimar arquivo, ou seja, eliminar os que pudessem dar com a língua nos dentes. E Pernambuco sabia disso muito bem.

Depois de um longo silêncio, Luís Garimpeiro voltou-se para ele e olhou-o nos olhos:

– São dois milhões e meio de cruzeiros pelo bispo. Podemos contar com você?

Pernambuco sentiu um frio percorrer sua espinha. “Está louco”, pensou, enquanto se arrepiava. Sentia um medo visceral. Sabia que recusar equivalia a assinar a própria sentença de morte. Aceitar também. Tinha experiência

suficiente com esse tipo de gente para saber que o matariam depois de fazer um trabalho desses. Além de sua amizade com Ayala, considerado um traidor, era muito arriscado deixar em liberdade o assassino de alguém tão influente e popular como dom Moacyr. Pernambuco tornou a sentir a desagradável sensação de estar preso em um jogo mortal, a mesma que sentira ao se ver preso na Fazenda Junqueira, a mesma que sentira ao ser vigiado na serra dos Gradaús por um matador pau-mandado do dentista de Altamira. Fez um esforço para controlar o tremor das pernas, para disfarçar o suor frio que lhe escorria em grossas gotas sobre os tímpanos e se perdia na barba preta e fechada. Decidiu que o melhor era fazer o jogo até o fim:

– Não é muito dinheiro para um alvo tão importante – disse, impassível. – Sei que Goiano tinha uma oferta de um milhão e meio para matar Emílio Armar.*********

– Eu teria conseguido mais se você tivesse cuidado do seringueiro de Xapuri.

Houve um silêncio tenso, e a seguir Garimpeiro lhe estendeu um recorte de jornal:

– Soube do lance do jornal?

Pernambuco não se atreveu a dizer que não sabia ler. De modo que negou com a cabeça. Garimpeiro leu uma nota perdida no meio do jornal:

– “Uma bomba de 200 megatons vai cair sobre o Acre, com repercussões nacionais.” – Ergueu os olhos para Pernambuco. – É o anúncio da morte do bispo. Há muito dinheiro no meio, e não quero que ninguém se adiante a nós nesse negócio; preciso que me diga com certeza se vai cuidar do caso. Preciso saber agora mesmo. Podemos contar com você?

Pernambuco observou o rosto de seu interlocutor, depois o anel de ouro, a camisa de seda, a corrente com uma cruz e uma medalha da Virgem, e olhou-o fixamente.

– Você sabe que eu preciso desse dinheiro – respondeu com uma firmeza que não dava lugar a dúvidas.

– Tem ideia de como vai fazer?

– Quando levar o cachorro para passear. Ele não sai com o bicho todas as tardes às seis?

Garimpeiro assentiu com a cabeça e apertou a mão de Pernambuco:

– Quando estiver com tudo bem planejado, diga-me o que precisa. Mas tem que ser depressa.

A seguir, foi embora, fincando o salto das botas no barro. Pernambuco subiu para seu quarto e deitou-se na cama, fazendo força para relaxar. Dissera que sim para ganhar tempo, para ganhar umas horas de vida cruciais para seu futuro.

Pensou em Ayala, seu único amigo naquela cidade, que tivera a coragem de falar e que devia estar escondido como um rato. Então, sentiu uma necessidade urgente de falar com Marina. Pela primeira vez na vida precisava contar a alguém a verdade sobre si mesmo. Foi ao Anjo Mau, mas lhe disseram que ela não aparecia havia dias. Rondou pelos bares e demais prostíbulos como um cão em busca do dono, em vão. Quando perguntou onde Marina morava, encontrou um muro de silêncio. Voltou no dia seguinte, e foram só evasivas. Só conseguiu saber que não havia acontecido nada com Marina e que estava bem. Então, deduziu que ela não o queria ver e sentiu o pânico de tê-la perdido. Percebeu que estava totalmente sozinho em um túnel do qual não sabia como sair.

*

Em 17 de dezembro, um grupo de latifundiários se reuniu no Clube de Futebol Rio Branco para sua partida de baralho semanal. Um médico chamado Efraim Mendonça, que estava em uma mesa próxima, ouviu fragmentos da conversa. Segundo declarou, Gastão Mota chegou no meio do jogo e ficou conversando com um dos guarda-costas de um jogador, que foi para a mesa e transmitiu a mensagem de que Chico Mendes morreria “dentro de cinco dias”. Outra testemunha afirmou ter visto, no mesmo dia, o fazendeiro Benedito Rosas comprar armas em Cobija, a cidade boliviana mais próxima do Brasil. Não eram armas para os atentados, mas para distribuir aos latifundiários e políticos. A lembrança do capataz Nilo Sérgio, executado por seringueiros enfurecidos pelo assassinato de seu líder, havia ficado gravada na memória deles.

Em 20 de dezembro, Chico voltou muito contente de uma reunião de seringueiros em Sena Madureira, uma localidade no centro do Acre, à qual haviam comparecido mais de quinhentos seringueiros. Haviam feito planos para uma grande reunião em janeiro de 1989, coisa que Chico via como o auge de sua carreira. “Vai ser um acontecimento internacional. Virá gente do mundo inteiro. Vai ser a primeira vez que índios e seringueiros organizam algo juntos”, dizia

acerca daquele que seria o Primeiro Encontro dos Povos da Selva. Mas embora as perspectivas para o ano seguinte fossem melhores, assim como sua cotação política, a situação em sua casa estava chegando ao limite. Em seu esforço por levar uma vida normal, o casal Mendes evitava falar das ameaças e fazer comentários sobre a surda violência que os cercava. O silêncio chegou a pesar tanto para a jovem Ilzamar que, esgotada pela tensão acumulada, no dia 21 de dezembro desabou. Havia acordado com um nó na garganta e pouco depois caíra em pranto. Estava tão agitada que Chico achou que se tratava do coração. Levou-a à clínica imediatamente. A irmã Zélia a auscultou: – Não é o coração – disse a Chico. – São os nervos. – Ele baixou os olhos, envergonhado de si mesmo: – Está sempre com medo – murmurou. Segundo a irmã Zélia, Ilzamar contara ao médico que na noite anterior Chico, em um momento de desespero, havia dito que era uma pena que não pudesse viver para ver os filhos crescerem. "Ilzamar deve ter ficado com essa frase na cabeça durante a noite toda, até que não aguentou mais e liberou a angústia", contaria a irmã Zélia. "Ou talvez fosse só um pressentimento."

*

Nesse mesmo dia, Pernambuco encontrou Marina no mercado da ponte, não muito longe de um escuro boteco onde jogava roleta clandestina, a única coisa que o distraía naqueles dias infernais. Parecia um encontro casual, mas, na realidade, Pernambuco havia subornado uma das garotas do Anjo Mau, vizinha de Marina, que por algumas moedas lhe informara dos costumes da colega e dos lugares onde podia encontrá-la, pois fazia tempo que não aparecia na boate. Marina tentou evitá-lo, mas Pernambuco a seguiu pelo mercado de peixe, depois pelos corredores escuros cercados de barracas de verduras, e quando saíram ao sol da rua e a viu correr para o ônibus, gritou:

– Marina, por favor!

– Não quero falar com você – exclamou a garota.

– Não pode ser – replicou ele, enquanto pegava os pacotes dela com uma das mãos e com a outra a levava para o outro lado da praça.

– Não é que eu não queira, é que não posso falar com você – insistiu ela.

Mas já estavam no labirinto de estreitas ruelas à margem do rio, protegidos dos olhares indiscretos e da multidão.

– Só um momento – suplicou Pernambuco. – Explique o que aconteceu. Diga alguma coisa.

Entraram em um sombrio café e se sentaram à varanda, de onde se via a ponte de ferro que une as duas partes da cidade. A dona lhes serviu um refrigerante, e ambos se olharam desconfiados antes que Marina quebrasse o silêncio.

Então, Pernambuco soube que alguns membros do sindicato o haviam identificado como pistoleiro do esquadrão e haviam avisado a Alfredo Eustáquio que sua filha estava saindo com um matador, o que provocara a primeira e única discussão entre pai e filha. Aquele incidente a fez temer que os pais descobrissem que trabalhava como puta nos bares da cidade. Não tinha certeza de que a mãe já não soubesse; o mais provável é que não quisesse saber ou que fingisse ignorar o fato, como as outras mães nas mesmas circunstâncias. Para acalmar o vendaval, e principalmente porque estava chateada por ter sido enganada, tomara a decisão de não tornar a ver Pernambuco. Mas agora que estava diante dele, com aquele ar de criança grande que dava pena, com aquele jeito de pássaro ferido, suplicante e vulnerável apesar da força que emanava de sua corpulência, Marina sentiu o coração se apertar. Como podia sentir compaixão por um homem que havia participado dos horrores do esquadrão, um ser frio e desapiedado que ganhava a vida semeando viúvas e órfãos pela cidade? Não conseguia entender, e desprezava-se por isso. Pernambuco pensou que a havia contagiado com o desprezo que sempre havia sentido por si mesmo e que agora os engolia como areia movediça.

Era chegado o momento de limpar aquele pântano em que sua alma havia se transformado, de se abrir para essa mulher a quem havia mentido, de vomitar a verdade sobre sua vida de matador, de assassino, de ladrão de vidas alheias, lacaio de poderosos e verdugo de inocentes. Contou-lhe suas façanhas vergonhosas sem poupar nenhum detalhe, falou da fascinação de matar, do horror da morte, da queima de arquivo, de sua primeira facada, do calor do ferro ao esvaziar o carregador, do cheiro de pólvora, do silêncio depois dos tiros, da segurança proporcionada por um 38 no bolso, dinheiro no banco, respeito, uma profissão, um emprego. – Sempre ouvi dizer que o destino da gente está escrito no céu e que não pode ser mudado, mas eu não acredito nisso. Tentei mudar e vou tentar de novo. – Contou-lhe como havia decidido abandonar essa vida ao sair de Altamira, sua amizade com Tarzan, a emoção do ouro, a ruína provocada pelos índios, o fracasso, o desaparecimento do amigo, como havia voltado à rotina do crime porque “sou leve de pensamento e de gatilho”. Depois, passou a

relatar as atrocidades do esquadrão, das quais não havia participado. – Acredite em mim – rogou. E ela acreditou, porque, depois de tudo que ele lhe havia contado, por que não acreditaria? Por fim lhe contou sobre a noite em Xapuri e que havia jurado abandonar a bandidagem para sempre se saísse daquela. Falou da delicada situação em que se encontrava, que os bandidos do esquadrão o estavam quase obrigando a dar um tiro no bispo. – Depois, vão acabar comigo; eles ficam com o dinheiro e sem testemunhas. – Ela se assustou. Houve um longo silêncio, até que Pernambuco suplicou: – Vamos embora daqui já. Vamos para o Sul começar uma nova vida longe de tudo isso. Vamos, antes que seja tarde demais.

Marina ainda tinha um pouco da pureza e da indulgência dos seringueiros, e a confissão de Pernambuco a comoveu. Entendia esse pedido de socorro porque ela também tivera que ultrapassar os limites que a fé e a educação lhe haviam imposto, e tivera que fazer isso para sobreviver. No apaixonado *mea culpa* de Pernambuco vira um reflexo da própria miséria. Afinal de contas, ela também havia mentido sobre seu verdadeiro nome. De modo que lhe disse que se chamava Rosa, e não Marina, e em seu foro íntimo o perdoou, não só porque era crente e o perdão era uma virtude, mas porque o sentimento que a atraía para esse homem desamparado ia além da razão ou do dever. Era uma atração total, uma força impressionante da qual não podia fugir estando a seu lado, principalmente depois daquela sinceridade que só podia ser uma prova de amor.

Para ela, teria sido impossível relatar sua vida com a mesma franqueza com que Pernambuco lhe havia contado suas vergonhas de pistoleiro, e por isso estava ainda mais agradecida a ele. Não teria encontrado palavras para descrever como o dono da casa onde trabalhava como empregada a violentara, como o filho dele continuara a humilhá-la, como tivera que fugir à noite pulando uma janela; a miséria na favela, seu primeiro cliente, as perversões que os indivíduos cujas fotografias saíam no jornal lhe propunham regularmente; como aprendera a negociar certos favores inconfessáveis, as visitas ao médico e o monte de antibióticos para curar as doenças venéreas, etc. Estava tão tomada pela intensidade dos sentimentos e emoções que passavam como corrente elétrica entre ambos, tinha tanta vontade de se apegar a essa sensação de bem-estar, de fixá-la no tempo como uma relíquia, que não hesitou em abraçar a oportunidade de ser feliz que Pernambuco lhe oferecia essa tarde. Percebeu-a nitidamente, tão ao alcance da mão que não se atreveu a deixá-la escapar. De repente, o conflito com sua família e com o pessoal do sindicato lhe pareceu fútil. Pernambuco

havia sido um matador como aqueles que um dia tinham incendiado a casa de seus pais, mas estava arrependido, e isso é que contava. Eram feitos um para o outro, dois náufragos à deriva, e que importava o passado se tinham um futuro pela frente?, pensava ao anoitecer, depois de ter passado o dia todo com Pernambuco tentando recompor aquele sonho de felicidade que por pouco não se desfizera como um castelo de areia.

Combinaram de se encontrar no dia seguinte para tratar dos detalhes da viagem para o Sul. Ela havia dito que sim, clara e inequivocamente sim, que iria com ele para longe dessa terra que estavam destruindo a ferro e fogo e que os estava destruindo também. Pernambuco soube que a partir de então não seria mais o mesmo. Dentro de alguns dias estariam juntos em uma cidade desconhecida, em um lugar novo e promissor, para começar uma vida digna, sem matar nem ter que vender o invendável. Pernambuco gostaria de pular a barreira do tempo e já estar lá, nesse paraíso que devia ser a vida com Rosa. Mas, depois de deixá-la no limite do bairro da Estação Experimental, ao voltar ao Hotel Successor encontrou Garimpeiro, que disse que tinham que antecipar o negócio do bispo. Então, a realidade desabou sobre ele com toda a sua brutalidade. Seu tempo estava esgotado.

*

O de Chico Mendes também. O dia 22 de dezembro de 1988, uma quinta-feira, amanheceu nublado, e em Xapuri se pensou que haveria tempestade, como todos os dias. Era inverno, a estação das chuvas, quando a Amazônia inteira se transforma em um lodaçal. Odilon Alves, um dos filhos de Darly, havia duas semanas ia pontualmente ao trabalho na delegacia, a poucos metros da casa de Chico, o que mais de um morador do bairro estranhou, porque era bem sabido que só trabalhava de vez em quando. Nessa manhã, cedinho, viu o seringueiro sair de casa escoltado pelos dois guarda-costas. Depois de tomar um café na vendinha de uma velha vizinha, pegaram o caminho da cooperativa. O pequeno Genésio o viu passar da varanda do Hotel Veneza, aonde Darly o havia mandado para espiar as idas e vindas dos Mendes.

Os guarda-costas lembram que ele estava feliz naquele dia. Chico quis dar uma volta no novo caminhão, última aquisição do sindicato, que ia facilitar os deslocamentos dos seringueiros. Era um velho sonho, realizado graças a empréstimos especiais para cooperativas. Ele quis dividir a alegria com o filho Sandino, que tinha 3 anos, e com Elenira, de 7, e juntos deram uma volta pela

cidade, visitando os amigos, sem saber que na realidade Chico estava se despedindo deles. Fez algumas compras e passou pela clínica para pegar remédios e distribuí-los nos postos de saúde da selva. A irmã Zélia abraçou as crianças e depois conversou alguns minutos com Chico: “Ele disse que sabia que ia morrer logo, mas não tinha intenção de abandonar sua vida diária, porque era valente. Disse isso sem medo, sem angústia, como se estivesse dizendo ‘até logo’”, recorda a irmã Zélia. “Estava sendo ameaçado havia tanto tempo que nem eu acreditava mais nisso.”

Voltaram para casa e almoçaram juntos no chão, costume favorito de Chico. À tarde, ele passou pela sede do sindicato para conversar com Gilson, que tinha um assunto muito importante a tratar. O ex-padre estava prestes a formalizar o relacionamento que havia causado tanto escândalo quando descoberto por seus superiores e que depois tivera que romper. Mas, livre e sem batina, sozinho e sem família em Xapuri, voltara a sair com a filha do farmacêutico, que havia se apaixonado perdidamente por ele em seus tempos de vigário. Agora, queriam que Chico e llzamar fossem padrinhos de seu casamento, previsto para o dia 24, um acontecimento que todos comentavam na pequena cidade. “O casamento, o Natal, o auge do movimento, o caminhão do sindicato... tudo contribuía para uma atmosfera de júbilo”, recorda Gilson sobre aquele dia especial, em que também ficaram preparando as reuniões sindicais de fim de ano.

Às 5 horas da tarde, despediram-se. Chico voltou para casa. Grossas nuvens desfilavam no céu, e a atmosfera era abafada, porque não havia chovido ainda. Enquanto llzamar via a novela Vale tudo na televisão, Chico ficou jogando dominó com os guarda-costas e com Gumercindo, um companheiro do sindicato que lhe servia de escolta particular. Depois de uma hora, Gumercindo saiu da casa para dar uma volta pela cidade. Passou pela rua dos bares, geralmente lotada de pistoleiros, e achou estranho não ver ninguém. Tudo estava muito tranquilo, pensou Gumercindo, “e achei muito suspeito”.

Às 6h30, Ilzamar desligou a tevê e pediu aos jogadores que acabassem a partida em outro lugar enquanto ela punha a mesa. – Ficam para jantar? – disse Chico aos guarda-costas enquanto iam para o outro lado da casa. – Comprei um dourado que Ilza vai fritar. – Os rapazes aceitaram de bom grado; qualquer coisa era melhor que a gororoba que os aguardava no quartel da Polícia Militar. Chico logo ganhou a partida. Guardaram o dominó e voltaram para a cozinha. O jantar estava pronto. Enquanto os jovens se acomodavam em banquinhos em frente a um prato de peixe frito com arroz e feijão, Ilzamar levou o jantar dos filhos para

outro quarto.

– Vão comendo – disse Chico. – Vou tomar um banho rápido. – Pegou uma toalha azul que havia ganhado de aniversário e abriu a porta que dava para a parte de trás da casa, onde ficava a casinha do banheiro e o chuveiro. Uma cacofonia de insetos e pássaros invadia a noite equatorial. – Não dá para ver nada – disse, antes de lamentar não ter comprado uma lâmpada para o chuveiro. Foi até seu quarto e voltou com uma pequena lanterna preta, um presente que Mary havia trazido da última viagem aos Estados Unidos. Empurrou de novo a porta do jardim com a mão direita enquanto com a esquerda apontava a lanterna para os degraus. Eram dez para as sete. A partir desse momento, nada mais seria igual na pequena cidade de Xapuri, nem na vasta Amazônia. Antes que Chico acabasse de abrir a porta, uma detonação rasgou a escuridão. Talvez tivesse tido tempo de ver dois indivíduos parados ao lado da parede da casinha enquanto levava as mãos à cabeça. – Me acertaram! – gritou. Cambaleando, sob o efeito do tiro, deu um passo para trás e atravessou a cozinha, diante do olhar atônito dos guarda-costas, paralisados e boquiabertos em seus banquinhos. Procurando pela mulher, foi para o quarto do fundo, apoiando as mãos nas paredes do corredor e deixando um rastro de sangue. Um dos guarda-costas tentou segurá-lo, mas à altura do quarto dos filhos Chico Mendes caiu para não levantar mais. Sessenta estilhaços de um rifle calibre 20 haviam se incrustado em seu peito e no ombro direito. O sangue foi jorrando das feridas até formar uma poça no chão de madeira, por cujas fendas escorria. Ilzamar gritou o nome de Chico enquanto se inclinava sobre o corpo dele, que ainda respirava. Ele tentou balbuciar alguma coisa, mas só saiu um estertor incompreensível. Sua agonia foi curta; em três minutos, exalou o último sopro de vida na noite amazônica.

UMA DEZENA DE TESTEMUNHAS GARANTIU ter visto dois homens correndo, afastando-se do local do crime. Um deles era branco, alto, usava um capacete e uma espingarda. O outro era baixo, moreno, e cobria o rosto com uma camiseta. Depois de tempo suficiente para que os assassinos fugissem, um dos guarda-costas de Chico saiu ao jardim e atirou uma rajada para o ar. Mais tarde, confessaria que não fora atrás por medo que o matassem, o que não surpreendeu ninguém, porque na Amazônia essa era a reação normal. Mais suspeito foi que ninguém mexesse um dedo no quartel da Polícia Civil, situado a menos de 50 metros da casa, nem na Polícia Militar, apesar de Gumercindo, ao voltar do passeio, ter questionado: – Por Deus, por que não fazem alguma coisa? – enquanto Ilzamar gritava: – Atiraram no Chico! Atiraram no Chico! – A

confusão fez Gilson sair de casa. Duas meninas lhe perguntaram se era verdade que Chico Mendes havia acabado de ser baleado. “Eu estivera com ele fazia tão pouco tempo que aquilo me pareceu incrível”, diria; mas um pouco depois cruzou com dois policiais que confirmaram a notícia. A seguir, viu Ilzamar soluçando na porta da casa, e então soube que o inevitável havia acontecido.

Transportaram o corpo no Toyota do sindicato até a clínica. “– Gilson, jure que ele está vivo! – dizia Ilzamar. Eu dizia que sim porque ainda tinha esperança. Mas, mais tarde, quando entrei na sala e vi o corpo de meu amigo enrolado em um sudário, não tive mais remédio senão enfrentar a realidade.” Para alguém que havia abandonado tudo para seguir os passos de Chico, aquele foi um momento de grande desamparo: “Foi o momento mais doloroso de minha vida, depois de minha ruptura com a Igreja”, admitiria. Quando saiu da sala, foi até Ilzamar e a abraçou. Não foram necessárias palavras. Na porta da clínica já estava se juntando um grupo cada vez maior de gente, alguns clamando vingança, a maioria sem poder acreditar. Gilson conseguiu reunir toda a sua experiência de padre e de organizador para pôr um pouco de serenidade naquela confusão. Combinou com alguns companheiros para que fizessem guarda no sindicato enquanto ele permanecia na clínica. A irmã Zélia havia chegado rapidamente e custava a acreditar no que estava vivendo, assim como custara a acreditar que existisse gente no mundo capaz de matar Chico. Mas lá estava seu corpo baleado, deitado em uma maca, a pele suja de pólvora e sangue, o cabelo alvoroçado, os olhos sem vida. Enquanto o asseava pela última vez, lutava para conter as lágrimas que caíam sobre o corpo do amigo. Lembrava-se do sonho recorrente que ele lhe contara um dia, aquele do qual acordava quando estava prestes a atravessar uma ponte. Agora sabia que aquilo havia sido a premonição de sua última viagem.

Nem todo mundo chorava sua perda. A 150 quilômetros de Xapuri, o telefone tocou no escritório do jornal O Rio Branco. Uma mulher atendeu, e depois de ouvir a notícia da boca de um membro do sindicato de Xapuri, exclamou: – Muito bem, já estava na hora! – Era a viúva de Nilo Sérgio, capataz morto oito anos antes pelos seringueiros em vingança pelo assassinato de um de seus líderes.

*

Não muito longe dali, dom Moacyr se dirigia ao edifício da rádio para transmitir a novena de Natal quando um militante de base chegou com a notícia

de que Gumercindo havia ligado. Dom Moacyr teve que fazer um esforço para assimilar a notícia e para não se deixar levar pelas emoções. Abatido e desconcertado, subiu aos estúdios da rádio onde o esperava uma ligação do padre Luis Ceppi, o italiano que estava à frente da paróquia de Xapuri, que lhe confirmou a notícia. Então, o bispo, cercado de jornalistas, fez sua primeira declaração sobre o assunto: “Vou fazer penitência o resto de minha vida por não ter acreditado que meu amigo Chico Mendes corria risco de morte. Nunca poderia imaginar que os fazendeiros fossem tão brutos e tão perversos a ponto de fazer o que fizeram”. A seguir, falou pela rádio e pediu uma oração pela alma de Chico aos milhares de seringueiros que o estavam ouvindo nas clareiras da selva imensa.

Enquanto a prelazia convocava uma missa na catedral, um caminhão com quarenta policiais militares se dirigia a Xapuri com a missão de manter a ordem. Na noite escura, cruzou com o Toyota do sindicato que levava ao departamento de medicina legal do hospital de Rio Branco os restos mortais do líder assassinado, acompanhados de Gilson e da irmã Zélia. Às 3 horas da manhã da sexta-feira, 23 de dezembro, oito horas depois do assassinato, quando o bisturi do legista estava pronto para fazer a autópsia, o primo Raimundo acordou na rede de sua casa, nas profundezas da selva. Sentiu uma angústia no peito, como se tivesse despertado de um desses sonhos ruins que os seringueiros costumavam ter antes dos “mal-acontecidos”. A conversa que dois colegas mantinham no quarto ao lado fizeram-no aguçar o ouvido. Levantou-se, foi até o quarto e disse:

– Aconteceu alguma coisa.

Olharam para ele e responderam com um silêncio, conforme o ritmo pausado das conversas na selva.

– Aconteceu – disse um deles.

– Chico... – murmurou Raimundo. A confirmação demorou a chegar:

– Mataram ele – disse finalmente o outro.

“Eu estava tão aturdido, tão confuso”, contaria Raimundo, “que fui caminhar pela selva sem falar com ninguém, só recordando a quantidade de vezes que Chico e eu havíamos falado sobre isso. Se um morresse primeiro, o outro devia continuar o trabalho, porque estávamos juntos na luta. Eu me sentia tão perdido que só depois de seis horas comecei a me preparar para ir a Xapuri.” Como Raimundo, muitos outros se preparavam para dar o último adeus ao companheiro

assassinado, que também havia sido o farol que iluminara a escuridão da selva, mostrando-lhes o caminho da liberdade e da dignidade. As trevas tornaram a cair nos quatro cantos da Amazônia. Só restava chorar, rezar e se rebelar.

******** Emílio Armar era um homem de negócios acriano. (N. A.)

51

Aproveitando a volta de uma viagem ao Japão, onde havia participado de um congresso sobre madeiras tropicais, Mary Allegretti decidira passar as festas com seu irmão em Nova York. Às 6 horas da manhã de 22 de dezembro, uma ligação a acordou. Era Adrian Cowell, de Londres. Mantinham o contato e a amizade, apesar de terem rompido o relacionamento afetivo. – Já sabe do que aconteceu em Xapuri?

Mary interrompeu as férias e decidiu voltar ao Brasil para o enterro. No balcão da Varig, suplicou que a deixassem embarcar em um voo que estava lotado. Uma vez dentro, a duras penas conseguiu se acalmar. À tristeza da perda de Chico somava-se um forte sentimento de culpa. "Eu estava furiosa comigo mesma, furiosa por ter sido tão ingênua, por pensar que pelo simples fato de tê-lo transformado em uma personalidade ele não sofreria mais ameaças." Na escala em Miami, ligou de novo para Adrian: "Eu disse que estava muito mal, muito mal por causa de minha ineficácia. Eu me sentia inútil e incapaz. Estava arrasada. Tinha a sensação de que havíamos sido incapazes de fazer o mais importante: protegê-lo".

– Eu acho – respondeu Adrian com voz entrecortada – que ele fez uma escolha clara. Acho que ele sabia que só com sua morte conseguiria algumas das mudanças que tanto queria.

*

Depois da autópsia, dom Moacyr oficiou uma missa de corpo presente na Catedral de Rio Branco, às 8 horas da manhã do dia 23. Foi um funeral abarrotado, como Chico havia previsto. Chegaram mais de 2 mil pessoas, muitas delas usando faixas pretas nos braços: – Bem-aventurados os que lutam pela justiça, porque deles é o reino dos céus! – exclamou do púlpito dom Moacyr, mas não faltaram alusões mais diretas: – Aqueles que votaram contra a reforma agrária não merecem o voto de nenhum cristão. Aqueles que votaram contra são cúmplices de assassinatos como o de Chico Mendes. – No final, fizeram-se alguns momentos de silêncio, e uma mulher depositou sobre o altar as camisetas e as sandálias de Chico e de Ivair Higínio. Só se ouvia o crepitar da chuva e os gritos de "Morte à UDR!", "Justiça, justiça!" e "Queremos vingança!",

proferidos pelos que não haviam conseguido entrar. O féretro foi carregado nos ombros sob uma chuva torrencial e levado ao aeroporto. O governador do estado pôs o bimotor oficial à disposição da comitiva para transportar os restos a Xapuri. Uma vez ali, o corpo foi transferido para o Toyota do sindicato, que o levou pelas ruas desertas até a Igreja de São Sebastião. As pessoas, assustadas, afastavam um pouco as cortinas para lançar olhares furtivos ao veículo. O medo corria solto. Em cada esquina havia um policial militar, de metralhadora na mão, revistando os seringueiros que chegavam da selva.

Gilson Pescador colocou sobre o féretro os diplomas da ONU e da Better World Society. Os alto-falantes da igreja tocavam canções do compositor cubano Pablo Milanés. O enterro havia sido marcado para o dia 25, de modo que os seringueiros tiveram tempo de fazer o longo percurso a pé e de canoa. Os primeiros a chegar foram as pessoas do Sul, em um jatinho fretado para a ocasião pelo presidente do Partido dos Trabalhadores e amigo de Chico, o ex-metalúrgico Lula, que não havia voltado a Xapuri desde o funesto dia em que assassinaram Wilson Pinheiro. A história se repetia com uma sinistra cadência.

Às 2 horas da tarde, Lula fez um discurso na praça em frente à igreja: – Chico Mendes, em suas andanças pela selva, conseguiu unir sob uma mesma bandeira a luta ecológica, a luta sindical e a luta política, porque sabia que são indissociáveis, que uma se alimenta da outra em um ciclo parecido com o da vida na selva. – Houve mais discursos, mas não foram as frases incendiárias que tocaram a alma dos que foram dar o último adeus ao companheiro assassinado, e sim a imagem de Ilzamar, sentada no chão ao lado do féretro, lívida, mergulhada em recordações, imóvel durante os três dias do velório.

*

Enquanto isso, Pernambuco cruzava nervosamente a ponte sobre o rio Acre em direção ao boteco da margem do rio onde ia se encontrar com Rosa. Ao chegar à altura do Barulho do Acre, o que havia de mais parecido a um grande armazém na cidade, cruzou com a única pessoa que não desejava ver nesse momento. Tentou escapar, mas era tarde demais. Luís Garimpeiro o interceptou:

– Oi, estava indo falar com você. – O esbirro de Enoch estava justamente indo ao Hotel Successor. – Que mancada! – disse, referindo-se ao assassinato de Chico. – Chegaram na nossa frente, e agora tudo vai ser mais difícil.

Pernambuco alegou que era necessário que o ambiente se acalmasse um

pouco. Mas Garimpeiro negou com firmeza. Não queria perder nem mais um minuto; temia que outros chegassem na frente de novo, temia ficar sem o privilégio de orquestrar a morte do bispo e sem o dinheiro do serviço. Mandou Pernambuco fazer o serviço durante o enterro do seringueiro, pois com certeza o prelado compareceria. Não haveria melhor oportunidade, disse, e estava disposto a acompanhá-lo nesse mesmo instante a Xapuri para preparar a cobertura. Pernambuco sentiu o sangue gelar nas veias. Nunca ouvira tamanha estupidez; mas, pensando melhor, não era uma ideia tão ruim se tinham a intenção de eliminá-lo depois como queima de arquivo e ficar com todo o dinheiro. De modo que não deu sua opinião nem mostrou reticência alguma, para não levantar suspeitas.

– Daqui a uma hora no hotel – limitou-se a dizer, impávido –, e dali vamos para Xapuri. Vamos preparar tudo direitinho, não como esses aí – acrescentou, referindo-se aos autores do assassinato de Chico. A seguir, pediu-lhe um adiantamento, mais para dar credibilidade a sua participação que por necessidade.

– Você sabe que no Acre não se acostuma pagar adiantado.

– Mas esse não é um serviço qualquer.

– Vou ver o que posso fazer. Até mais.

Pernambuco o viu afastar-se. Teve vontade de sacar seu 38 e atirar naquele que o obrigava a ir para Xapuri. Mal teria tempo de ficar com Rosa. Nem poderia voltar ao hotel, por medo de que Garimpeiro o estivesse esperando antes da hora prevista, o que significava que não poderia pegar o dinheiro de suas economias, que havia escondido no quarto. Não tinha escapatória: ou ia para Xapuri com Garimpeiro, ou desaparecia do mapa para sempre.

Encontrou-se com Rosa na mesma varanda do mesmo boteco da véspera. Chovia intensamente, e o vapor de água não permitia distinguir a outra margem. O calor era esmagador. Rosa chegou ensopada. Nada restava da descontração e da felicidade da véspera. Estava triste. A notícia do assassinato do seringueiro havia abalado a favela da Estação Experimental. Seu pai estava muito afetado, disse ela. O velho Alfredo havia ido à missa de corpo presente na catedral, apesar da chuva e de mal poder caminhar. Rosa e a mãe esperavam fazê-lo desistir de ir ao enterro em Xapuri.

– Todo mundo sabia, e ninguém fez nada para impedir – disse ela dando de

ombros, com uma expressão de profundo desconcerto no olhar, a mesma de todos os pobres do Acre. Pernambuco ficou calado. Depois de um longo silêncio, disse:

– Mandaram que eu vá a Xapuri para fazer o serviço do bispo durante o enterro.

Rosa olhou-o espantada.

– Vamos para o Sul agora mesmo – pediu ele. – Mesmo que nunca nos tenham visto juntos, tenho medo de que esses canalhas a localizem e façam alguma coisa contra você quando souberem que eu sumi.

– Eu não posso ir. Tenho minha filha, meus pais. Não posso ir de repente, e menos ainda depois do que aconteceu.

– Quando vai poder sair?

– Depois do enterro. Antes não posso sair daqui, entenda.

– Vou te esperar em Rondônia, em Porto Velho, no Hotel Ouro Fino. Vai se lembrar do nome? – Ela assentiu com a cabeça. – E dali iremos para o Sul.

– Sim – disse Rosa.

Pernambuco tirou do bolso todo o dinheiro que lhe restava e o colocou em cima da mesa:

– Isto aqui é para a viagem.

Rosa não quis pegar o dinheiro, mas Pernambuco insistiu e acabou enfiando-o na bolsa dela, ficando só com o suficiente para sua viagem.

– Quero que você vá à prelazia. Vou avisar o bispo para que não vá a Xapuri. Vou pedir que te ajude, que te tire de Rio Branco. Ele vai ajudar, tenho certeza. E, principalmente, não vá à rodoviária sozinha.

A seguir, falaram de coisas triviais, como querendo dar uma aparência de normalidade a sua vida conturbada. Mas Pernambuco estava inquieto; temia que Garimpeiro o tivesse seguido. Não podia permanecer mais tempo na cidade sem pôr em risco sua vida, e, o que era mais grave, a de Rosa. Levantou-se e a abraçou:

– Vou te esperar no Ouro Fino semana que vem.

Enquanto saíam do boteco e pegavam as ruelas inundadas, Rosa ficou com o

rosto encharcado de lágrimas – ou de gotas de chuva, Pernambuco não saberia dizer. Logo se despediram, e cada um seguiu seu caminho.

Às 23h45 da sexta-feira, 23 de dezembro de 1988, algumas horas depois de Pernambuco e Rosa terem se despedido, o telefone tocou no dormitório de dom Moacyr Grechi, no segundo andar da Prelazia do Acre e Purus. Uma ligação àquela hora intempestiva não podia indicar nada de bom, pensou o bispo, que acordou assustado de um profundo sono depois daquele dia extenuante. Seu interlocutor se identificou como Carlos Goiano, disse que ligava do município de Presidente Médici, em Rondônia, e alegou que havia sido contratado, junto com Luís Garimpeiro, pelo delegado Enoch Pessoa para matar o sindicalista Chico Mendes e o próprio bispo.

– Não fiz o serviço porque meu negócio não é mais matar – acrescentou. – Não tive coragem de fazer. Por isso estou ligando, para pedir desculpas e para que tome precauções. O senhor é o próximo.

A seguir, disse que uma mulher chamada Rosa entraria em contato com ele para lhe pedir proteção, e pediu-lhe que a atendesse, em um tom de súplica que revelou a profunda angústia que sentia.

– Pode ter certeza de que vou ajudá-la em tudo que necessitar. Recebemos todos os que vêm a esta casa – disse o bispo.

– Eu agradeço, senhor. Também queria lhe dizer que não vá a Xapuri para o enterro de Chico Mendes. É quando planejam matá-lo. Tome cuidado, senhor, ou não chegará a 1989.

Dom Moacyr desligou o aparelho com uma sensação estranha. Sua experiência nos confessionários o fazia pensar que aquela ligação era sincera. O que não fazia sentido era a qualidade da ligação, muito nítida para que fosse de Rondônia. Parecia mais uma ligação urbana. Muitas perguntas se atropelaram em sua cabeça depois daquele telefonema, e mal conseguiu dormir o resto da noite; Maria, sua fiel empregada, também não conseguiu, e declarou à imprensa que desde a morte de Chico Mendes “ninguém mais dorme a noite toda nesta casa”.

A 200 quilômetros dali, Pernambuco tirou as fichas que haviam sobrado do telefone do bar de estrada onde o ônibus-leito especial que fazia o trajeto noturno Rio Branco-Porto Velho havia parado. Estava satisfeito por ter falado com o bispo. Tinha a impressão de ter tirado um peso das costas, de ter feito algo

positivo na vida, e pensou que sua mãe se sentiria orgulhosa dele, talvez pela primeira vez. Era como se com esse telefonema tivesse pago todos os crimes anteriores. Mas corroía-o o medo de que Rosa não se atrevesse a fazer a viagem, agora que estava sozinha.

Deixou umas notas no balcão e saiu. Subiu os degraus do ônibus, cujo motor ronronava suavemente, e sentiu o alívio do ar condicionado. Era um desses ônibus só com vinte bancos reclináveis, para tornar mais suportáveis as distâncias. Deitou-se, cobriu-se com o lençol até o nariz, para manter os olhos atentos, e esperou que os passageiros entrassem no veículo com suas latas de refrigerante ou seus biscoitos murchos por conta da umidade. A seguir, apagou a luz. Ao se virar, o volume da pistola o incomodou, e por um momento pensou em jogá-la pela janela. Mas logo mudou de ideia. Ainda podia precisar dela. Rememorou a conversa com o bispo. Pensou se não teria sido melhor se identificar; o fato de ter dado o nome de uma pessoa morta como Goiano poderia ter comprometido a credibilidade de sua ligação. Mas, afinal, dava no mesmo. O importante era tê-lo avisado, ter ajudado a não romper o fio de uma vida e ter preparado o terreno para Rosa. Não revelar sua identidade nem o local de onde ligava fazia parte de seu instinto de sobrevivência, seu amigo e companheiro fiel a quem não estava disposto a trair.

Às 10 HORAS DA MANHÃ do dia seguinte, dom Moacyr foi à sede da Gazeta do Acre para relatar o ocorrido durante a noite. – Enoch Pessoa tem motivos para querer me prejudicar. Nunca gostou das denúncias que a Igreja fez contra ele – disse ao jornalista Sílvio Martinello depois de ter lhe contado os detalhes de sua conversa. Acrescentou, brincando: – Não tenho medo, mas também não quero morrer. Com minha estatura, sou um alvo fácil. – A notícia percorreu todos os jornais do país. Garimpeiro soube pelo rádio, e compreendeu que Pernambuco havia fugido. Ficara esperando por ele no Successor e depois percorrera a cidade procurando-o, até que percebeu que havia fugido. “Um tombo!”, pensou, o que, na linguagem dos jagunços, significa um homem sem palavra. Aquele grandalhão amigo de Ayala o havia feito perder uma fortuna. Ossos do ofício.

Furioso, entrou em contato com outro colega para tentar fazer o serviço. Enoch Pessoa estava em evidência, mas nunca ninguém o incomodara, e as investigações feitas pela Secretaria de Segurança Pública com relação aos Esquadrões da Morte estavam em ponto morto. “No Acre, um escândalo não significa nada. Aqui, estamos longe de tudo”, diria dom Moacyr.

O bispo não pediu proteção policial. Limitou-se a andar sempre acompanhado e a não sair com seus cachorros. No dia 24, ficou na prelazia esperando a chegada da tal Rosa. À noite, ela ainda não havia aparecido. Dom Moacyr deu instruções precisas de que o avisassem se a misteriosa garota chegasse. No dia 25 pela manhã, domingo de Natal, o bispo foi de carro até Xapuri, apesar das advertências de Pernambuco. Alguns padres e agentes da pastoral o seguiam de perto em uma caminhonete, por via das dúvidas. A estrada estava impraticável por conta das chuvas. Um dos caminhões que transportava gente de Rio Branco teve um eixo partido. Os viajantes, pingando, cobertos de barro, pediam carona no acostamento. A caminhonete dos padres parou, e alguns entraram na parte de trás. Entre esses passageiros estava um ancião que tinha dificuldade para andar e uma tosse persistente. Era um ex-seringueiro chamado Alfredo Eustáquio, que por nada do mundo teria perdido o enterro de Chiquinho, como o chamavam afetuosamente. Estava acompanhado da filha, uma bela garota chamada Rosa, que o ajudou a subir e a se instalar, e que o tempo todo ficou atenta ao pai.

Todos os que haviam estado perto de Chico Mendes em vida – os homens da selva, os do outro Brasil e os estrangeiros – estavam nesse dia em Xapuri para lhe dar o último adeus. Na igreja não cabia nem um alfinete. Dom Moacyr e o padre Luis Ceppi oficiaram missa antes do enterro. O bispo viu na multidão da primeira fila seu primo Gilson Pescador, que, com Raimundo e outros amigos íntimos, estavam colocando o féretro diante do altar. Os dois parentes trocaram um olhar carregado de perplexidade, mas não chegaram a dizer nada um ao outro.

– Espero que não passemos outro Natal como este – disse dom Moacyr aos presentes, entre cujos olhares tentava adivinhar qual seria o do assassino. – Mas, infelizmente, tenho minhas dúvidas de que não haverá novos mártires. É uma situação que durará enquanto nossos governos não representarem o povo, mas uma minoria interessada em manter seus privilégios.

No final da missa, depois de Raimundo depositar umas calças de pano de saco, uma camisa de algodão, uma poronga e as sandálias do primo sobre o ataúde – símbolo de todos os seringueiros ultrajados por aquela morte prematura –, Gilson e os demais levantaram o féretro e seguiram o padre Ceppi, que parecia a imagem de Jesus Cristo com sua batina branca e sua barba, carregando uma cruz de madeira com um retrato de Chico cravado nela, abrindo o cortejo fúnebre. Dom Moacyr, por óbvias questões de segurança, não pôde ir ao cemitério, e o levaram de volta a Rio Branco.

Alfredo Eustáquio se persignou ao ver passar tão perto o corpo sem vida do filho de seu amigo Francisco. Rosa quis que se sentasse, mas Alfredo recusou, e, apoiando-se nela, juntou-se ao grupo que saía da igreja. O céu também parecia estar de luto. Uma forte chuva se abateu sobre Xapuri. As mil pessoas que acompanhavam a última viagem de seu líder em um clima de emoção e de rebelião não desanimaram. Pés no barro, ensopados até os ossos, caminharam em um silêncio só interrompido por um ou outro grito pedindo o castigo dos assassinos e pelo barulho da tempestade. – É a natureza que chora a morte de Chico! – gritou alguém com voz rouca e profunda. O cortejo chegou até o Cemitério de São José, na periferia. O muro sobre o qual se apinhavam os fotógrafos quase caiu. Quando o ataúde foi colocado em uma cripta de tijolo ao lado do recentemente assassinado Ivair Higínio, enquanto um homem selava a lápide com cimento, o padre Ceppi pegou um punhado de terra: – Olhem bem! – disse, levantando a mão por cujos dedos o barro escorria. – A terra é nossa mãe, pela qual Chico deu a vida! A terra é de todos! – Rosa percebeu lágrimas no rosto do pai. Alfredo Eustáquio, cuja vida nos últimos anos havia girado em torno da perda de seu bem-amado pedaço de selva, estremeceu com aquelas palavras. Encolhido e enrugado, apoiado na filha, baixou os olhos e se juntou ao pai-nosso que Luis Ceppi entoava, mas murmurava aquele outro que havia aprendido durante a viagem a Brasília: “Seringueira que estás na selva, multiplicados sejam teus dias...”. Outros discursos se seguiram, promessas de que mais nenhuma árvore seria cortada em Xapuri, slogans clamando vingança enquanto as pessoas aplaudiam. Se a revolta não explodiu naquele dia, foi principalmente pelo trabalho do pessoal do sindicato, de gente como Gilson e Raimundo, que se esforçou para acalmar os mais radicais, exatamente como Chico teria feito. Fiéis à memória do amigo falecido, souberam canalizar a sede de vingança exigindo que se fizesse justiça, um sonho impossível na Amazônia da impunidade.

E Chico, do túmulo, ajudou-os na tarefa. Ganhou a última batalha contra seus assassinos graças à melhor arma – a imprensa –, que ofereceu a história de sua vida e a notícia de sua morte ao mundo como um presente de Natal póstumo. Ninguém havia calculado, nem os latifundiários, nem as autoridades, nem mesmo Mary Allegretti – convencida de que havia sido “o final de uma bela história” –, a repercussão desse assassinato no mundo inteiro.

A notícia demorou mais para chegar aos recônditos locais da Amazônia que à América do Norte e à Europa. Steve Schwartzman a recebeu na manhã seguinte,

graças a uma ligação de seu amigo Peter May, da Fundação Ford, no Rio de Janeiro. O antropólogo roqueiro ficou alguns instantes sem saber o que fazer, rememorando os bons momentos passados junto a seu amigo brasileiro, até que a dor se tornou ira e indignação. Esperou uma hora mais prudente para ligar para sua amiga Barbara Brambel e mobilizar os meios de comunicação. Uma hora depois de saber, Barbara mandava uma nota de imprensa em nome dos 6 milhões de membros de sua organização, a National Wildlife Federation, pedindo a todos os que a lessem que mandassem cartas educadamente redigidas ao presidente da República do Brasil e ao ministro de Justiça, exigindo uma investigação imediata e pedindo justiça e punição para os responsáveis pelo crime. A seguir, ligou para seu amigo Shabokoff, aquele jornalista que havia entrevistado Chico em 1987 durante uma de suas viagens a Washington. A entrevista havia sido publicada na seção principal do *New York Times*. Shabokoff se lembrava perfeitamente de como Chico havia descrito as ameaças de morte; não era algo fácil de esquecer. Quando foi ao jornal, pegou a matéria sobre Chico e foi à sala do redator-chefe: – Isto vale a pena – disse. – Se nossa correspondente no Brasil não cobrir, cubro eu.

No Rio de Janeiro, na sede do Jornal do Brasil, o jornalista que havia feito a última entrevista com Chico insistiu também para que fosse publicada, mas sem sucesso. Continuava sendo uma história banal e sem grande interesse, na opinião da redação, mesmo depois de morto Chico Mendes. Então, sem saber que era verdade, disse que havia falado com a correspondente Marlise Simons e que a matéria ia sair no New York Times. O redator do Jornal do Brasil mudou de ideia: eles haviam sido os primeiros a fazer uma entrevista com Chico, pensou, e seria uma história internacional. De modo que decidiu publicá-la em 24 de dezembro de 1988 na primeira página, e usou uma frase de Chico como manchete: “Quero continuar vivo para salvar a Amazônia”. No mesmo dia saía a notícia na primeira página do New York Times, para surpresa daqueles que no Rio haviam publicado sem acreditar: “Brasileiro que lutou para salvar a Amazônia é assassinado”. A partir desse momento, houve uma reação em cadeia, e pela primeira vez o assassinato de um seringueiro ocupou a primeira página dos jornais e das televisões do mundo. Foi a maneira peculiar que Chico Mendes encontrou para responder aos tiros que o haviam matado.

*

O interesse da opinião pública mundial estava voltado para um verão pródigo em catástrofes naturais. Uma imensa e incomum onda de calor havia se abatido

sobre os Estados Unidos, grande parte da Europa e do centro da China. Enquanto o dia 21 de setembro de 1988 havia sido o dia recorde de incêndios na Amazônia (nesse dia, Alberto Setzer, do Inpe, contou 8.438 pontinhos brancos em seu analisador multiespectral), um verdadeiro exército de bombeiros continuava lutando para controlar as chamas do Parque Nacional de Yellowstone, cujo incêndio abarcava uma área do tamanho de Mônaco. Vinte estados norte-americanos haviam sido declarados área de seca; milhares de cabeças de gado pereceram, e a colheita de cereais sofreu uma redução de 31 por cento. No final do verão, o Caribe foi vítima de furacões de uma violência excepcional. Na Ásia, grande parte de Bangladesh sofreu inundações. Na Europa, os incêndios florestais na França e na Espanha redobraram de intensidade. Rumores sobre a situação do meio ambiente de trás da cortina de ferro davam conta de que não havia água potável na Tchecoslováquia, que todos os rios da Polônia estavam mortos, que o leite do Norte da Itália e as renas da Lapônia eram vítimas da contaminação de Tchernobil. Em Moscou ninguém se recordava de um verão tão quente como o de 1988. Mikhail Gorbatchov, em um discurso nas Nações Unidas, mencionou várias vezes a situação do meio ambiente, comparando-a com desastres como a fome, a guerra ou a doença. O toque final dessa cadeia de cataclismos foi a aparição, em diversas praias, de resíduos químicos e industriais, bem como de vários golfinhos mortos por causa de uma misteriosa doença. Ares de fim do mundo percorreram o planeta. “Foi o ano em que a natureza falou”, disse George Bush durante sua campanha presidencial. Para além do pânico e das histórias de terror ecológico estava se desenhando uma nova visão do planeta, de um ecossistema global que transcendia os interesses nacionais. No mundo todo, a situação do meio ambiente começava a ser percebida como o grande desafio do século XXI. Nesse clima de apocalipse, alimentado pelos meios de comunicação, a opinião pública dos países ricos começou a sentir um forte complexo de culpa, principalmente na América do Norte, onde 250 milhões de habitantes consumiam, à época, 66 por cento dos recursos mundiais para manter seu estilo de vida. Como em todos os momentos de crise, o mundo moderno precisava de líderes para redimir seus pecados e inspirar uma nova cruzada universal que salvasse o planeta. Chico Mendes era uma dessas fontes de inspiração. Morto em combate por ter defendido sua floresta, havia se transformado no símbolo de uma preocupação crescente. Naquele mártir da Amazônia o mundo encontrou um herói sob medida.

52

Foi mais a pressão internacional que a vontade de aplacar a sede de vingança dos seringueiros – alguns, inclusive, ameaçaram executar todos os membros da família Alves – que levou as autoridades a agir. O ministro da Justiça, seguindo instruções do presidente da República, incomodado com a avalanche de perguntas que chegavam de todas as embaixadas (que nunca haviam ouvido falar de Chico Mendes), com a onda de protestos que Barbara Brambel havia desencadeado e pelo barulho dos meios de comunicação, nomeou Romeu Tuma, o mais alto tecnocrata da Polícia Federal, responsável especial pela investigação, algo insólito na Amazônia. Sua primeira medida foi anunciar a transferência do chefe da Polícia Federal, Mauro Sposito, para o Mato Grosso, pondo-o a cargo do controle de passaportes, um trabalho anônimo para o suspeito de ter passado a informação da ordem de prisão contra os Alves. A seguir, supervisionou de perto o trabalho do policial civil Nilson de Oliveira, que até então estava a cargo do caso do roubo do caminhão de borracha e a quem foi atribuído esse novo assunto porque, segundo todos os indícios, estava começando a saber demais sobre as atividades dos policiais de Enoch.

Em 25 de dezembro, enquanto Chico era enterrado, o detetive Nilson e um grupo de policiais fortemente armados foram até a Fazenda Paraná, onde vários membros do clã dos Alves estavam assando um novilho para o churrasco dominical. Ao vê-los chegar, três deles fugiram para a selva, atirando em seus perseguidores. Eram Oloci e os irmãos Mineirinho, que conseguiram fugir depois de um breve tiroteio.

“Achamos que íamos ser invadidos pelos seringueiros”, declarou a mulher de um pistoleiro, justificando assim os tiros dos fugitivos. Os policiais revistaram as dependências daquela fazenda nos confins do mundo e encontraram um arsenal de revólveres, espingardas, fuzis e revistas pornográficas. Surpreenderam-se ao descobrir que o velho Darly, tão caquético, era polígamo e reinava em sua tribo à base de sexo e violência. Tudo era insólito naquele lugar, começando pelos buracos de bala na geladeira da casa principal, que Nilson examinou cuidadosamente. – Foi uma briga entre Darci e o pai – explicou Natalina, a esposa oficial –, mas nenhum dos dois saiu ferido. – Qual foi o motivo da briga? – perguntou Nilson. – Não lembro – foi a única resposta que obteve.

Nesse dia, o policial não conseguiu extrair mais informação das mulheres de Darly, que mostravam uma curiosa mistura de adoração e medo por seu macho fugido. Mas Nilson sabia que o tempo e a adequada pressão lhe proporcionariam o resto. Para começar, reuniu-as na casa principal e comunicou que dali em diante seriam vigiadas noite e dia por um soldado que acamparia na fazenda para impedir qualquer comunicação entre os fugitivos e suas famílias.

Pouco a pouco, as línguas foram se soltando. A mulher de um pistoleiro contou ter visto Darci chegar às 11 horas da noite no dia do crime, acompanhado de um pistoleiro chamado Mineirinho. – A partir de agora, não vai haver mais confusão em Xapuri – ouviu Darci dizer, o que não deixava muitas dúvidas sobre a participação do rapaz no atentado. Confessou que mais de uma vez o havia surpreendido planejando o serviço. – Eu avisei que se cometessem esse crime, não teriam nem um momento de paz e que viveriam o resto dos seus dias entre a vida e a morte. – A mesma mulher confirmou à imprensa que a Fazenda Paraná era “um paraíso de matadores profissionais”. Francisca, a mulher mais nova, declarou que ouvira Darly dizer, na noite do dia 21, que a morte de Chico Mendes era urgente.

Mas o mais revelador não saiu da boca das mulheres, e sim de um adolescente de 14 anos com cara de criança, mas adulto de mente, que andava pela fazenda e havia sido testemunha privilegiada da vida dos Alves. O jovem Genésio Barbosa tinha voltado na véspera do hotel de Xapuri, aonde Darly o havia mandado espiar os movimentos na casa de Chico. Nilson o interrogou, mas só conseguiu grunhidos. Genésio era desconfiado e, acima de tudo, tinha medo das represálias do clã. Nilson soube pressioná-lo adequadamente e pouco a pouco foi ganhando sua confiança, oferecendo-lhe proteção e fazendo-o ver que seu silêncio podia ser interpretado como cumplicidade. Então, o medo que ele tinha de Darly se transformou em medo de ser preso, e Genésio começou a contar sua vida na Fazenda Paraná. Ele não sabia que, desse modo, burlava o destino de pistoleiro que, por convívio e pelo exemplo que via à sua volta, o futuro lhe reservava.

O que aquele adolescente precoce, parco de palavras e de olhar duro, contou acerca do que viu foi considerado um exemplo de como a realidade às vezes supera a ficção mais escabrosa. Ele relatou atrocidades com uma naturalidade impressionante. Contou ter ouvido Darly dar a ordem aos filhos Darci e Oloci de matar Ivair Higínio, e que depois haviam se felicitado pelo trabalho. Disse que João Branco, presidente da UDR, havia visitado a fazenda pelo menos cinco vezes na época anterior à morte de Chico. Disse também que batiam nele para

amedrontá-lo e para que não ousasse contar o que sabia. Além disso, o rapaz estava a par de uma série de crimes que nunca haviam sido solucionados. Um deles implicava Gastão Mota, que teria oferecido a dois estudantes bolivianos uma caminhonete em troca de cocaína que os dois jovens trariam de seu país. Os dois bolivianos cruzaram a fronteira a pé e chegaram à propriedade de Darly, e este ordenou aos filhos que os matassem depois de receber a cocaína. Os estudantes foram assassinados à queima-roupa, e seus corpos dispostos em cruz e queimados para evitar a identificação. Genésio também esclareceu a morte de um tal de Ferreira, que havia pedido a mão da filha de Darly. Depois de uma discussão com Oloci, ele foi assassinado, e o corpo foi abandonado em uma plantação de bananas e devorado pelos urubus. O corpo do peão Walcir, por conta de uma disputa sem importância, foi pasto de chamas depois que os irmãos lhe deram um tiro. – Quando eu os surpreendia em alguma coisa, colocavam um facão na minha barriga e me faziam jurar que não contaria a ninguém o que tinha visto – explicava Genésio. Contou mais casos, deu nomes e revelou os segredos daquela família que impunha sua própria lei a ferro e fogo.

– Quem matou Chico Mendes? – perguntou Nilson.

– Darci e Mineirinho. Não sei quem atirou, mas acho que foi o Mineirinho. Oloci estava esperando no carro.

– Qual dos dois mandava?

– Eu ouvi várias vezes Darly dizer que ia matar Chico Mendes, que não lhe restava nem um ano de vida.

A PRESSÃO QUE A POLÍCIA exerceu sobre o clã foi eficaz até certo ponto. No dia 26 de dezembro, desconcertados pelo escândalo sem precedentes que havia se criado e para aplacar a animosidade da polícia, os fugitivos obrigaram Darci a se entregar, não sem antes ter obtido a certeza de que ficaria sob proteção do exército. Ao entardecer, acompanhado de seu advogado, o jovem apareceu na sede da Polícia Federal de Rio Branco usando calça, camisa listrada e botas. Estava tão tranquilo que parecia ter passado a noite em uma danceteria, em vez de na selva. Confessou ser o autor do crime e descreveu a cena sem economizar nenhum detalhe, insistindo em dizer que havia feito o serviço sozinho: – Fiz porque sentia falta de meu pai, que teve que fugir por causa de uma ordem de prisão. Fazia dois meses que não o via – declarou quando lhe perguntaram as razões que o haviam levado a isso. Também contou que morava sozinho em um barraco na Fazenda Paraná, que não bebia e que estava doente: – Vivo sozinho

porque não gosto de me cercar de muita gente. Há cinco anos tenho uma úlcera que me faz sofrer quando fico nervoso. – Aquele filho que queria imitar o pai dava pena. Parecia incrível que um rapaz de boa aparência, sossegado e afável como Darci pudesse ter cometido tantos crimes. Mas ninguém fugia do culto à violência na Fazenda Paraná; menos ainda um moleque sem caráter, praticamente analfabeto e que havia crescido no ódio ao seringueiro e no medo de seu pai. Darci foi trancafiado no quartel do IV Batalhão de Fronteiras, escoltado por cinquenta soldados armados de rifles automáticos, à espera de ser transferido à Colônia Penal. Recebeu a visita do detetive Nilson, que não acreditava que ele havia agido sozinho. O policial pegou um maço de cigarros Charm e lhe ofereceu um. Darci disse que não fumava. Com essa resposta, ficava provado que o jovem Darci não havia sido coautor do crime e que se tratava de um complô familiar. A polícia havia encontrado bitucas de Charm no mato da parte de trás da casa de Chico (a mesma marca das bitucas que encontraram no acostamento da estrada quando Ivair foi assassinado). Charm era a marca que Oloci Alves e o matador Mineirinho fumavam.

Oloci não tardou a cair nas redes da justiça, e não foi pelo zelo da polícia, e sim graças à determinação e à coragem da atriz Lucélia Santos, membro do Partido Verde e simpatizante do movimento dos seringueiros. No dia 27, enquanto voltava a Rio Branco no Toyota do sindicato, o motorista reconheceu Oloci em uma das caminhonetes que vinham de frente, e ao passar apontou para ele. – Esse é o mais perigoso e o pior de todos os filhos de Darly – disse o motorista a Lucélia, que, indignada por vê-lo em liberdade, assim que chegou à cidade forneceu os dados à polícia. A caminhonete foi localizada perto de Xapuri por um destacamento da polícia local. Sabendo-se cercado, Oloci tentou usar a pistola enquanto tentava fugir. Mas dessa vez não conseguiu. No tiroteio, foi ferido no ombro. Foi capturado e levado para o hospital, escoltado por trinta policiais que vigiavam todos os acessos.

COMO NÃO BASTAVA O FATO de os executores estarem atrás das grades para aplacar a opinião pública, as autoridades policiais decidiram montar a Operação Varredura, a maior de que se tinha notícia na Amazônia, para deter dois homens a pé, suspeitos de ser os mandantes do crime: Darly e Alvarino. Cem policiais civis, militares e federais armados de metralhadoras, fuzis, granadas e bombas de gás cercaram a propriedade de um tal de Pereira, que confessou ter recebido, dois dias antes, a visita dos irmãos Alves acompanhados de três empregados – pistoleiros da fazenda. “Estavam famintos e tinham uma aparência terrível”,

declarou. Então, os policiais souberam que Oloci era o encarregado de lhes levar comida, e que desde sua detenção os fugitivos estavam sem provisões. Dois dias depois, Rubem Torres, advogado de Darly e conhecido membro da UDR, começou a negociar a rendição de seu cliente em troca de uma garantia de proteção.

Em 7 de janeiro de 1989, Darly saiu da mata em um lugar previamente combinado e avançou para a estrada, onde era esperado pelas forças policiais e por seu advogado. Estava lívido, ainda mais magro que de costume. Aqueles dias na selva o haviam deixado esgotado; parecia um ancião. Entregou o revólver calibre 38 e as balas ao oficial. – Eu me entreguei para evitar sofrimentos para minha família – declarou à imprensa. – E para livrar as autoridades da pressão internacional. – Foi levado ao centro penitenciário, onde se encontrou cara a cara com os filhos. Fingiu não os reconhecer. – Ah, são meus filhos! – disse depois de um momento. – Estão diferentes. – Depois, atribuindo sua indiferença inicial à miopia, apertou-lhes a mão, evitando toda conversa desnecessária na frente dos policiais.

Alvarino, fiel a sua promessa de nunca mais cair nas garras das autoridades, havia optado pela fuga. O delegado da Polícia Federal prometeu que o deteria em 24 horas, coisa que não teria feito se conhecesse o feroz temperamento do indomável foragido. Darly o advertiu da prisão: – Meu irmão Alvarino só se renderá morto, não sem antes levar alguns policiais junto consigo. – O delegado se esforçou para não fazer papel ridículo diante dos colegas nem diante dos jornalistas nacionais e estrangeiros, que, abarrotando o Hotel Veneza, cobriam a maior perseguição jamais organizada no Brasil contra um homem e seu comparsa. Mas a centena de soldados que cobriu a área da Fazenda Paraná não aguentou as duríssimas condições da selva em temporada de chuvas. Cinco veículos ficaram inutilizados, um homem quebrou o braço e vários outros sofreram diarreias agudas. Devorados pelos mosquitos, cobertos de barro, derretendo debaixo do calor úmido e do peso do equipamento, os outros desanimaram e perderam a pista dos fugitivos. O delegado pediu o apoio de um helicóptero do exército, mas quando ele chegou, uma semana depois, seus homens já estavam fora de combate; não tiveram forças contra a selva. O delegado teve que aceitar a derrota.

As mulheres da Fazenda Paraná, a partir do momento em que souberam que Darly estava preso, falaram com mais desenvoltura. Contaram sua vida na propriedade, as proezas sexuais de Darly e até alguns crimes, com uma

ingenuidade que surpreendeu policiais e jornalistas. Sua vida cotidiana podia parecer exótica para as pessoas de fora, mas elas tinham vivido tanto tempo nessa atmosfera amoral e autoritária que haviam se acostumado a isso. Natalina, a “oficial”, recebeu cartas de todo o Brasil para que revelasse a receita exata da poção afrodisíaca que dava para o marido. Margarida, a mais nova e preferida, declarou que em 22 de dezembro, dia do assassinato, Darly, depois de ter passado a tarde na fazenda, foi se despedir dela. – Com lágrimas nos olhos, disse que ia sentir saudade das crianças, mas que tinha que sumir por um tempo. – A seguir, confirmou o assassinato dos estudantes bolivianos e revelou outro, de um vendedor de cavalos cujo desaparecimento havia sido um mistério. – Em uma ocasião, Darly me disse que não cavaria mais buracos para ninguém. Era mais prático e mais seguro jogar gasolina nos corpos e tocar fogo – declarou. Também contou ter visto Darci, vários dias antes do crime, treinar com um fuzil calibre 20, o mesmo calibre que matou Chico.

A Fazenda Paraná, desde o fatídico dia do assassinato, vivia uma atmosfera que já não era deste mundo. Sem seu amo, dono e senhor, o harém entrou em uma espiral de loucura, como se a tragédia se negasse a abandonar aquele lugar onde havia deitado raízes tão profundas. Sem Darly, o rebanho de mulheres que ele havia reunido através dos anos já não tinha razão de ser. Francisca, a empregada doméstica que aos 15 anos havia fugido da casa paterna para seguir Darly e que descobrira com horror não ser a única mulher da vida dele, começou a desenvolver uma espécie de paranoia destrutiva no meio de todos aqueles policiais abandonados na fazenda, que se entediavam até a morte porque haviam terminado a investigação e não recebiam novas instruções. – Os norte-americanos vão jogar uma bomba atômica na fazenda para matar toda a gente e todo o gado – dizia aterrorizada, olhando para o céu, inspirando-se nos fragmentos de conversa que ouvira de Darly quando este estava preocupado com seus dissabores com Chico Mendes e com os ecologistas norte-americanos, que, segundo ele, queriam sua fazenda. Francisca havia convidado Margarida para fugirem juntas e encontrarem o amo. Mas Margarida recusou. Tinha medo dela; em uma ocasião quisera envenená-la de ciúme. Além disso, sabia que três anos antes Francisca havia tentado se suicidar bebendo detergente e que delirava com frequência. Desde a invasão da fazenda havia parado de se alimentar, apesar de estar grávida de três meses. Em 8 de janeiro, quando soube que Darly havia se rendido, sua angústia aumentou. “Se botarem Darly na prisão, o que vai acontecer com meus filhos?”, perguntava, alucinada. Aquela mulher desesperada porque seu mundo estava ruindo entregou um pequeno porta-joias a um dos

policiais: – Guarde isso, por favor. Se acontecer alguma coisa, venda-o e compre comida para meus filhos. – Ao amanhecer do dia 9, catorze horas depois de Darly ser preso, Francisca saiu de casa com uma faca longa e afiada escondida na saia, e, debaixo de uma mangueira do jardim, cravou-a na garganta, cortando a jugular. Um jorro de sangue salpicou as folhas da árvore e a mulher desabou, morrendo no ato. Deixava órfãs três crianças, de 4, 3 e 2 anos.

Além de seus filhos, houve duas pessoas que sentiram a perda de Francisca de uma maneira muito especial. Um, o jovem Genésio, encarcerado na delegacia de Xapuri, misterioso, insondável, olhando para não se sabe que horizonte: – Margarida era ruim e me batia bastante – declarou –, mas Francisca era carinhosa e gostava muito de mim. – O outro, Darly. Quando soube da notícia em sua cela, caiu em pranto e levou as mãos à cabeça: – Meu Deus! – exclamou. – Quanta desgraça!

As outras mulheres de Darly foram levadas para Xapuri. Pouco a pouco, a Fazenda Paraná foi abandonada. Muito gado foi vendido, em parte para pagar os advogados. O mato começou a crescer entre as tábuas da varanda, testemunha muda dos churrascos onde, bebendo uísque, se conspirava contra os rebeldes da selva. Darly, o menor dos poderosos da região, passou por um período de profunda depressão: “Estou preocupado porque minha fazenda está abandonada. Estou desesperado, quero morrer”, declarou à Gazeta. Enquanto o país e o mundo viviam as trepidantes façanhas da Operação Varredura (mais tarde se soube que os policiais voltavam para dormir no quartel de Xapuri ao cair da noite, deixando o terreno livre para os fugitivos), ele voltou a dizer que a polícia nunca pegaria Alvarino e Mineirinho. O tempo lhe deu razão. Eles nunca foram capturados.

Pouco a pouco Darly foi serenando, porque sabia que depois da tempestade vem a bonança. Saiu da prisão pela primeira vez em 10 de janeiro, conduzido ao tribunal de Xapuri para uma audiência com o juiz Longhini. O comboio, composto de dois caminhões e nove policiais, levou dez horas para percorrer os 160 quilômetros de distância entre Rio Branco e Xapuri. Ao chegar à periferia, Darly pediu que o comboio parasse um instante. Seu pai, o velho Sebastião, havia feito um sinal com a bengala. Aos 86 anos, estava em plena forma e parecia mais novo que Darly. Aproximou-se do furgão blindado e deu umas batidinhas no vidro, feliz por ver o filho preferido. Foi um curto momento de ternura entre dois homens que não mais podiam escapar da violência que eles mesmos haviam desencadeado.

Darly se limitou a negar sua participação no crime e fez uma declaração cheia de contradições. Tratava-se de ganhar tempo com a justiça, cuja proverbial lentidão favorecia sempre os acusados. Tinha certeza de que seus compadres, amigos e protetores esperariam o momento adequado para lhe dar uma mão. O tempo acabaria lhe dando razão.

*

Enquanto isso, em Porto Velho, capital de Rondônia, Pernambuco esperava no Hotel Ouro Fino. Nem a fome passada na infância, nem os sofrimentos físicos de sua fuga pela selva da Fazenda Junqueira, nem a tensa espera no forte do indianista Possuelo, nem as ameaças das famílias de posseiros que havia assassinado eram comparáveis à angústia de esperar a chegada de Rosa dia após dia, hora após hora, minuto a minuto. No início, pensou que ela havia sido vítima da vingança de seus colegas do Esquadrão da Morte, mas acalmou-se ao saber pela rádio que Luís Garimpeiro fora detido pelo detetive Nilson por conta da "ligação ao bispo da parte de Carlos Goiano" e posto sob prisão domiciliar. "Está tudo muito quente no Acre para que esses aí mexam um dedo", pensou.

Vivia atento aos meios de comunicação, a única maneira que tinha de saber se Rosa tinha ido à prelazia. Mas não havia notícias dela, e a cada dia que passava era mais improvável que as tivesse. Logo enfrentou a evidência de que a garota não o seguiria e se amaldiçoou pela ingenuidade de ter acreditado nesse conto de fadas que inventara durante as tardes quentes do verão em Rio Branco. Cogitou a ideia de voltar ao Acre para buscá-la, e em um momento de desespero quase pegou um ônibus, mas compreendeu que era como entrar na boca do leão, e desistiu. Ligou para o Anjo Mau e lhe disseram que Rosa não aparecia havia dias, que tinha ido com o pai para Xapuri e que não sabiam quando voltaria.

Percebeu que Rosa não iria, e então caiu em uma melancolia depressiva e se trancou no quarto, como sempre que não sabia o que fazer da vida. Recordou as horas passadas com ela; fechava os olhos e a imaginava deitada a seu lado, seu cheiro de malva e os seios brancos, enquanto aproveitavam o silêncio dos apaixonados. Imaginava ter vencido o último obstáculo ao confessar e enterrar definitivamente o passado, mas imediatamente ficara sem futuro. Sem o carinho de Rosa, que seria dele? Por ora, não tinha forças para se vestir ou sair à rua. A cada segundo que passava sentia que a vida lhe fugia do corpo por todos os poros. Queria morrer, mas não podia. Queria viver, mas não sabia como. Então, decidiu dormir.

Trancado no quarto, a noite e o dia se misturavam ao ritmo desordenado de seu sono turbulento. Absorto no lento movimento das pás do ventilador pendurado no teto, durante aqueles dias eternos limitou-se a prestar atenção a todos os ruídos, a imaginar que Rosa desceria dos carros que paravam em frente à entrada, que os fragmentos de conversa que lhe chegavam da recepção eram para recebê-la, que os passos na escada anunciavam sua chegada. Mesmo tendo perdido a esperança, não podia impedir que seu coração pulasse ao ver uma sombra passar pelas paredes do quarto ou sentir o cheiro de sabonete ou de colônia que entrava pela fresta da porta quando algum hóspede voltava do banho.

Teve a sensação de morrer, e parte dele deve ter morrido, porque quando acordou daquela letargia de amor era outro homem. Dessa vez não foi a fome, nem a sede, nem o tédio de jazer em uma cama que o levou a se levantar. Foi por decisão própria de não se deixar vencer. Estava claro que Rosa não chegaria, mas guardava a certeza de não a ter perdido. Percebeu que ela havia cedido às pressões da família e que ele havia sido muito inocente pensando que a arrancaria de uma vida sórdida, mas segura, sem lhe propor nada concreto, exceto uma viagem de ônibus até alguma cidade do Sul. Havia exigido muito sem oferecer mais que promessas vagas a uma mulher que sustentava toda a família com seu trabalho, e só quando compreendeu isso começou a se sentir aliviado. Não havia sido abandonado. A vida os havia separado, e só dependia dele tornar a encontrá-la. Agora, mais que nunca, sentia necessidade de ganhar seu sustento honradamente, de se firmar para sempre em uma vida nova, de mostrar a si mesmo que podia sobreviver sem matar. Então, entraria em contato com ela por qualquer meio, até voltaria para o Acre para lhe propor algo mais que sonhos de adolescente. Não precisaria do prelado para ajudá-la a sair, não seria preciso fugirem como bandidos na noite. Faria as coisas como Deus manda. Nessa renovada esperança, Pernambuco encontrou forças para sair daquele quarto. Ao fechar a porta, sentiu que deixava nas dobras dos lençóis, nas rachaduras das paredes e nas tábuas do chão tudo o que havia sido até então.

Pagou com o dinheiro que lhe restava, caminhou até a estação e, enquanto esperava a saída do ônibus para São Paulo, ligou a cobrar para uma das poucas pessoas que o haviam ajudado até então. Mantinha-o na reserva como um jogador que guarda um ás na manga. Sempre havia pensado nele em caso de extrema necessidade, como nesse momento em que suas finanças se reduziam a alguns cruzeiros amassados no bolso e uma passagem de ida para o Sul. Por

sorte, o bondoso Hitler estava em casa, recuperando-se de uma aterrissagem forçada por causa de uma pane no motor. O piloto se mostrou gentil como sempre e surpreso porque achava que Pernambuco estava trabalhando para Zé Rosaldo.

– Vou para São Paulo – disse Pernambuco. – Entrei definitivamente na lei dos crentes.

– Parabéns – disse Hitler. – Eu sempre soube que você valia mais do que um simples pistoleiro.

– Preciso de um pouco de grana para aguentar até arranjar emprego – prosseguiu. Disse que tinha a intenção de começar trabalhando em um açougue, nem que fosse como ajudante, para depois abrir um negócio próprio.

– Vou mandar uma grana para você – respondeu Hitler. – E mande seu endereço, porque vou visitá-lo.

– Muito obrigado, amigo.

– A propósito, os restos de Tarzan apareceram – disse o piloto, e à simples menção desse nome Pernambuco se emocionou. – Foi levado pelo riacho que passa atrás da colina, e seus ossos apareceram a 2 quilômetros de distância. Não teve forças para atravessar.

– Aonde estaria indo?

– Para a Itália, para encontrar a mãe. Estava obcecado com isso, e mandamos seus restos para lá.

– Tanta malária e tanto mercúrio o fizeram perder a cabeça, não é?

– Perdeu o juízo, mas não o senso de orientação, porque o rumo estava certo. Ia direto para Turim. Só que calculou mal a distância! – brincou Hitler.

Pernambuco riu com vontade. “Esse velho...”, pensou ao desligar, sem ter certeza de que não o encontraria sentado a seu lado no ônibus, porque de um ser tão sobrenatural e maluco como Tarzan se podia esperar qualquer coisa, até que aparecesse na forma de um fantasma com um bambúrrio no sudário. Depois, já acomodado para a longa viagem, foi sendo invadido por uma doce serenidade. A ajuda de Hitler, a aparição dos ossos de Tarzan, a explicação coerente para a ausência de Rosa eram mais que um alívio; eram a confirmação de que havia encontrado um fio condutor em sua vida e de que as peças começavam a se

encaixar.

*

Alfredo Eustáquio insistiu em aproveitar a estadia em Xapuri por ocasião do enterro de Chico para ir passar uns dias em um seringal, apesar de os caminhos estarem inundados e de a viagem ser difícil nessa época do ano. Sentia-se tão velho e acabado a ponto de acreditar que nunca mais teria a oportunidade de ver a selva, e para ele aquilo era tão imprescindível quanto receber a extrema-unção antes de morrer. De modo que Rosa teve que concordar em acompanhá-lo, apesar de temer pela saúde do pai e apesar de sua mente estar a mil quilômetros dali, no Hotel Ouro Fino de Porto Velho, onde Pernambuco havia sofrido a decepção de sua ausência.

Havia sido sincera ao se encontrar com ele em Rondônia. Queria mudar de vida ainda mais que ele, porque se Pernambuco havia ganhado seu sustento destruindo os outros, ela fazia coisa pior: destruía a si mesma ao vender seu corpo pelo melhor preço. Em cada quarto de cada motel deixava um pouco de sua dignidade de mulher. Agora, a vida havia aprontado com eles – ou melhor, a morte, porque o assassinato de Chico Mendes se interpusera a seus planos com a arrogância da fatalidade. Aquela desgraça anunciada havia atiçado as paixões no Acre, e ela nunca teria se atrevido a dizer em casa que estava indo embora com aquele matador do Esquadrão da Morte. O desgosto teria deixado seu pai e toda a sua família arrasados nesses momentos de forte emotividade. Pelas mesmas razões pelas quais havia deixado de vê-lo antes, agora tinha que esquecê-lo, e nada melhor que a distância para isso. Além disso, temia que a relacionassem com a “Rosa” da ligação feita ao bispo, mas com tanta confusão ninguém pensou nisso. A última coisa que teria feito na vida teria sido pedir ajuda a dom Moacyr para fugir justamente com aquele que havia sido contratado para matá-lo. Eram coisas que Pernambuco não podia entender, porque não faziam parte de seu mundo. Só esperava que ele fosse maduro o suficiente para não tomar sua deserção como uma traição. Para Rosa, a única realidade era a necessidade que sua família tinha do dinheiro que ela levava para casa todas as manhãs. Acalentava a esperança de que Pernambuco entendesse. Depois de passar dois dias na selva em uma comunidade de seringueiros, voltou à rotina de sua vida em Rio Branco. Esperava secretamente alguma notícia de Pernambuco, e quando lhe disseram no Anjo Mau que ele havia ligado, sentiu vontade de pular de alegria. Preferiu pensar que cedo ou tarde aquele homem tornaria a aparecer em sua vida, e acalentando esse sonho improvável, terminou de se maquiar, ajeitou a

saia e foi para o bar para encarar o primeiro cliente, um jornalista que tinha ido cobrir as investigações do crime que abalara o Acre e o mundo.

53

Um mês depois da morte de Chico, enquanto os seringueiros, os ecologistas, a imprensa e a Igreja pediam mais eficácia à polícia, o primo Raimundo ia para Washington para uma cerimônia que Steve Schwartzman e Barbara Bramble haviam organizado em memória do seringueiro. Tratava-se de uma homenagem oferecida por 250 ecologistas, jornalistas, congressistas e senadores reunidos naquele 25 de janeiro de 1989 na Igreja de St. Peter. O testemunho vivo de Chico Mendes havia permitido dar início ao que passou a ser uma campanha mundial de acompanhamento de vinte megaprojetos nos países do Terceiro Mundo. Também tinha servido para que o Banco Mundial reconhecesse seus fracassos: – O Polonoroeste nos ensinou muitas lições – disse Barber Conable, presidente do Banco Mundial, em seu discurso inaugural de 5 de maio de 1987. – Foi um claro exemplo de um esforço para realizar um projeto ecologicamente saudável que fracassou. O banco não calculou bem as realidades humanas, institucionais e físicas da selva e da fronteira – prosseguiu Conable. – Uma estrada que devia beneficiar os pequenos agricultores estava se transformando em uma autovia para as companhias madeireiras. As medidas de proteção dos povos tribais não foram executadas com o vigor necessário.******** – A seguir, o novo presidente anunciou uma série de medidas para evitar que o banco se envolvesse em outro Polonoroeste, incluindo uma notável ampliação do Departamento de Estudos Ambientais. Mas o mais importante de toda a campanha com a qual o seringueiro assassinado havia contribuído, segundo Bruce Rich, era o precedente aberto de controle público sobre aquelas instituições cujo poder de influência é tão grande que se consideram imunes a qualquer crítica ou controle alheio. Depois de Chico, do índio Paiakan e do antropólogo Darrell Posey, as viagens a Washington de representantes das populações afetadas tornaram-se frequentes, e o eco daquelas viagens estava repercutindo em outras partes do mundo: os japoneses começaram a se preocupar com o impacto de seus projetos de ajuda internacional, como a represa do vale de Narmada, na Índia, cofinanciada pelo Banco Mundial, e ouviram testemunhos de representantes das populações locais convidados a falar na Dieta Nacional de Tóquio.******** Os índios do Equador também foram para a Dinamarca, sede das companhias petroleiras que abriam em suas terras estradas pelas quais entravam hordas de colonos, e expuseram o problema à imprensa e

aos parlamentares.

Raimundo não suspeitava que a luta encabeçada pelo primo havia tido essas repercussões mundiais. Para ele, o importante continuava sendo a intransigência dos latifundiários e a desmoralização dos seringueiros. Com seus olhos mansos, o corpo seco e a pele acobreada, vestido como se estivesse em Xapuri, apesar dos 10 graus abaixo de zero que assolavam a capital norte-americana, subiu ao púlpito e tomou a palavra: – Possivelmente vão matar mais gente, inclusive a mim mesmo, ao bispo dom Moacyr, Gumercindo, Osmarino, etc., mas a luta dos povos da selva não morrerá – disse, antes de acusar o governo brasileiro de favorecer os massacres "protegendo os homens de fortuna". Seu discurso foi se inflamando até chegar a pôr o embaixador do Brasil em uma saia-justa. Em plena época de desmoronamento dos regimes comunistas e diante de um grupo de congressistas do país mais capitalista do mundo, aquele desconhecido seringueiro das selvas sul-americanas disse com o coração apertado que o capitalismo selvagem não garantia o desenvolvimento e a justiça em todos os países nem em todas as épocas, e certamente não no seu e no tempo que lhe havia cabido viver. – A ambição, a criação de gado e o capital mataram Chico – concluiu. Steve, que era o tradutor, optou nesse momento por omitir a palavra "capital". Quem entendeu sorriu ironicamente, à exceção do embaixador do Brasil, que foi embora depois do discurso, sem assistir à cerimônia no Capitólio. A luta pela qual Chico havia morrido era também a luta contra o consumismo desenfreado do American way of life, e mais de um americano presente naquele dia na Igreja de St. Peter sabia que aquela era uma causa justa e, acima de tudo, necessária para o porvir de todas as espécies, inclusive a humana. Por isso aquele público, no qual havia cinco senadores e oito membros do Congresso, levantou-se e aplaudiu durante cinco longos minutos o discurso de Raimundo.

Ao deixar a igreja, o mesmo grupo de gente subiu pelos degraus do Capitólio onde na semana anterior Ronald Reagan havia transferido os poderes a seu sucessor, George Bush. "Como o mundo parece diferente desta escadaria!", pensava Raimundo, que foi conduzido a uma sala onde projetaram o vídeo da intervenção de Chico em Piracicaba, quando anunciara seu assassinato com uma admirável tranquilidade. Aquela imagem familiar, aquele rosto tão querido que nunca mais falaria aos seus comoveu Raimundo de tal maneira que ele teve que sair da sala para controlar as emoções.

No mundo todo, a popularidade do herói assassinado aumentava de forma paralela à preocupação pelo futuro da Amazônia. O ex-Beatle Paul McCartney e

o brasileiro Luís Gonzaga compuseram canções em sua homenagem. Madonna fez um show na Academia de Música do Brooklyn sob o lema “Don’t Bungle the Jungle” (Não estrague a selva), do qual participaram os B-52, Kenny Scharf, Grateful Dead e os Del Fuego. A Itália foi o país europeu onde a figura de Chico Mendes se tornou mais popular, talvez pela tradição das ordens religiosas italianas na Amazônia. Dom Moacyr, viajando por seu país de origem em 1989, pôde verificar que muitas cidades haviam erigido um monumento ou nomeado um parque em memória do líder seringueiro. A imprensa brasileira e internacional se dedicou ao caso, e a batalha dos produtores de Hollywood para comprar de Ilzamar os direitos da vida de seu marido a fim de rodar uma superprodução aumentaram ainda mais o interesse por aquela parte esquecida do mundo até a trágica noite de 22 de dezembro de 1988.

*

– Nem quando Jesus Cristo morreu houve tanta publicidade! – dizia furioso o velho Sebastião, patriarca dos Alves. Seu filho e seus netos presos também não entendiam as reações que aquele simples e quase rotineiro serviço havia provocado. Esperavam uma repercussão um pouco mais forte que a do assassinato de Ivair, mas em nenhum momento teriam imaginado o que estava acontecendo. Jornalistas norte-americanos, europeus e brasileiros desfilavam pelo Hotel Veneza, faziam fila na Colônia Penal para solicitar uma entrevista com Darly ou seus filhos, fustigavam Sebastião com perguntas indiscretas sobre as mulheres do clã e sobre os incontáveis filhos, netos e capangas. A incomum afluência de gringos foi usada pelo advogado de Darci (“Xapuri está cheia de agentes estrangeiros”, escreveu num documento em que defendia seu cliente), que acusou os “amigos de Chico” pelo crime, alegando que só a CIA podia ter planejado um assassinato com tanta premeditação. “Os culpados são aqueles que se beneficiaram desse crime, ou seja, os interesses estrangeiros e todos os que se opõem ao desenvolvimento da Amazônia”, concluiu. Os demais latifundiários esgrimiam em público os mesmos argumentos. Mas, no fundo, todos sabiam que os Alves acabariam sendo libertados. “Nada prova que Darly tenha matado Chico”, diria João Branco, visto que Darci voltara atrás em sua confissão por instrução de seu advogado.

De todos os objetos confiscados na Fazenda Paraná, houve um que chamou poderosamente a atenção do detetive Nilson, homem sobre cujos ombros recaía todo o peso da pressão nacional e internacional. No álbum de fotos de Darly apareciam reiteradamente os mesmos personagens: Gastão Mota, João Branco,

Enoch Pessoa e alguns criadores de gado da região, o que fez o detetive pensar que os seringueiros e tantos outros tinham razão ao dizer que o caso era mais complicado que uma simples vendeta familiar. Outro detalhe confirmou sua suspeita de que a eliminação do líder seringueiro havia sido resultado de uma ampla conspiração: na noite do crime, dois jornalistas do jornal O Rio Branco fizeram o trajeto da capital até Xapuri em uma hora e meia, jactando-se de ter tido tempo até de trocar um pneu e de beber alguma coisa em um bar da estrada. Estava claro que os repórteres tinham sido advertidos do que ia acontecer, porque nessa mesma noite o próprio Nilson levou seis horas para fazer o mesmo trajeto. No dia seguinte, O Rio Branco, conhecido por ser a voz dos latifundiários e da UDR, publicava em primeira mão a reportagem completa da morte de Chico, com riqueza de detalhes. Aquilo fez Nilson se perguntar até que ponto os irmãos Alves haviam sido instrumentos manipulados pelos latifundiários do Acre, até que ponto os líderes mais radicais da UDR tinham se aproveitado do conflito entre Chico e Darly. Ele sabia que para pegar os líderes precisava de documentos ou testemunhos, e que isso seria difícil de conseguir.

Porém, fiel a seu dever de bom profissional, fez de tudo para obtê-los. Convencido de que Gastão Mota era o arquiteto dos crimes de Darly e de que traficava drogas e armas, mandou que o detivessem à saída de um banco em Brasileia, aonde tinha ido receber um depósito de 10,4 milhões de cruzeiros. Nilson o interrogou durante três horas porque tinha certeza de que esse dinheiro era parte de um pagamento da UDR pelos serviços. – Sou um homem de bem e sempre segui os mandamentos de Deus – declarou Mota, pálido, queixando-se de problemas cardíacos. – Há vinte anos, dei emprego ao pai de Chico e a seus filhos em meu seringal. Eu era amigo da família – acrescentou cinicamente. Não havia provas suficientes para mantê-lo detido, e Nilson, muito a seu pesar, teve que soltá-lo 24 horas depois. O conhecido agente de pistoleiros instalou-se no Hotel Kador de Brasileia, cercado de guarda-costas armados até os dentes. Como não pôde ser acusado de envolvimento no Caso Chico Mendes porque o médico Efraim Mendonça, que ouvira as frases trocadas no Clube de Futebol Rio Branco, negou-se a ratificar sua declaração prévia, Nilson desenterrou outro caso, o assassinato em 1987 de um empregado de Gastão Mota, com cuja mulher o ex-seringalista havia mantido relações. Pretendia conseguir uma ordem de prisão com o testemunho do latifundiário Luiz Assem, muito temeroso da polícia. Mas, de última hora, Assem também se negou a colaborar. Depois, cada vez que o detetive tentava arrancar a confissão de alguma testemunha, dava de cara com o mesmo muro de silêncio, uma verdadeira omertà. Abriu

investigações sobre uma dezena de latifundiários, incluindo o Coronel Chicão e Benedito Rosas, um assíduo frequentador dos churrascos de Darly que vendeu seu rancho e foi para Goiânia nos dias imediatamente anteriores ao atentado. Mas, com seu zelo profissional, Nilson só conseguiu angariar ameaças: “Disseram-me que dois homens iriam atrás de mim. Ainda os estou esperando”, diria mais tarde.

Em seu afã de encontrar os mandantes, o detetive convocou João Branco para prestar depoimento, mas o carismático líder da UDR negou que os repórteres do seu jornal, O Rio Branco, soubessem do assassinato com antecedência. Referindo-se ao anúncio de que uma bomba explodiria no Acre, Branco disse que se tratava de um carregamento de 200 quilos de cocaína que estava para chegar de Cruzeiro do Sul. Mas Nilson não encontrou referência alguma a esse caso nos arquivos da polícia. Branco sustentou sua versão. De toda essa investigação, o empenhado policial não conseguiria nada de concreto, exceto os testemunhos que comprometiam os quatro acusados: Darly, Alvarino, Darci e Mineirinho. A cabeça de Darci e Darly era o preço que o sindicato do crime pagava para sair incólume daquele caso. Assim a imprensa e a opinião pública se acalmariam. Eles seriam os bois de piranha.

Chico Mendes teria rido no túmulo se soubesse que sua humilde morte desencadearia tamanha confusão e até um escândalo que chegou a provocar uma intervenção do presidente dos Estados Unidos. Tudo começou com umas declarações do senador Kasten em um de seus discursos em homenagem ao falecido seringueiro: “O fato é que precisamos delas e as utilizamos. Nesse sentido, as florestas tropicais também são nossas”, declarou em uma desafortunada frase que lhe valeu o apelido de “imperialista verde” na Embaixada do Brasil em Washington. A isso somaram-se as ainda mais desafortunadas declarações do presidente francês Mitterrand, sugerindo que o destino da Amazônia, herança global de toda a humanidade, fosse administrado por um organismo internacional, levando, assim, as relações franco-brasileiras ao nível mais baixo da história. No Brasil, todas essas declarações tocaram o delicado nervo do nacionalismo e causaram um furor generalizado: “O Brasil não vai se transformar em um jardim botânico para o resto da humanidade”, replicou o ministro de Assuntos Exteriores do governo Sarney, irritado com essa rude interferência em seus assuntos internos. Recordou que as nações do Primeiro Mundo haviam destruído, ao longo da história, boa parte de suas matas e meio ambiente, e que atualmente eram responsáveis pela maior parte da

poluição mundial. Se se tratasse de discutir o estado do meio ambiente, não deviam se limitar à Amazônia, mas analisar todo o modelo industrial do qual o Brasil também faz parte. Então, Sarney foi convidado para uma conferência em Haia. Mas na última hora negou-se a participar, alegando que era inadmissível que um assunto nacional como a Amazônia fosse discutido por outros países.

A visita de uma delegação do Senado norte-americano ao Brasil pôs mais lenha na fogueira. Era encabeçada por Thomas Lovejoy, um biólogo que havia denunciado durante anos a extinção maciça de espécies e a mudança de clima devido ao desmatamento, e que compreendera que as nações oprimidas pela dívida externa não tinham meios de resolver o problema. A missão consistia em pesquisar e discutir com o governo a possibilidade de converter parte da dívida externa brasileira em projetos de proteção da Amazônia, o que em meios especializados era conhecido como debt-for-nature (dívida pela natureza). Foi uma brilhante ideia de Lovejoy, e consistia em que as organizações ambientais arrecadassem fundos para comprar dos bancos parte da dívida. A nação devedora pagaria a seus novos credores – organizações ecologistas – com bônus em sua própria moeda. Os juros desses bônus financiariam a compra de áreas de selva ameaçadas, um jeito de matar dois coelhos com uma cajadada só: aliviar o peso da dívida do Terceiro Mundo e preservar a mata. A ideia vinha avalizada por sua aplicação na Costa Rica e no Equador. No início, o ministro de Assuntos Exteriores pareceu entusiasmado, mas o presidente Sarney a rejeitou, repetindo que era uma intromissão nos assuntos internos do país. O assunto teria morrido aí se uma parte da delegação norte-americana não tivesse decidido ir para o Acre. Os políticos visitaram os seringueiros. “Admiramos seu movimento e esperamos que continue”, disseram a eles. Deram os pêsames a Ilzamar e discutiram o problema que constituía a raiz de todos os acontecimentos sangrentos que se haviam produzido: o asfaltamento da BR-364. A seguir, houve uma reunião com o governador do estado, Flaviano Melo, que lhes disse que estava voltando do Japão, onde haviam lhe oferecido 600 milhões de dólares para asfaltar a estrada até o Peru. Os japoneses, explicou, consomem quarenta por cento do mercado mundial de madeiras tropicais, e estão interessados em facilitar a exportação ao Pacífico. Isso bastou para que, de volta a Washington, os senadores informassem à Câmara as intenções nipo-brasileiras em relação à Amazônia, o que motivou uma alusão do presidente Bush ao primeiro-ministro japonês, que se apressou a desmentir o acordo sobre o asfaltamento. No Brasil, poucos acreditaram que a oposição à estrada fosse estritamente motivada por questões ecológicas. Viram mais razões de hegemonia e concorrência

econômica, alimentadas pelo fato de que a balança da economia mundial inclinava-se cada vez mais a favor do Japão. Sarney, furioso ao saber que Bush havia sabotado o acordo, declarou que a BR-364 seria concluída, com ou sem financiamento estrangeiro. Ao mesmo tempo, em um gesto simbólico de coragem, o governador do Amazonas, Amazonino Mendes, prometeu distribuir 5 mil motosserras para "dar tecnologia aos pobres, para que cortem árvores e fiquem ricos". Por toda a Amazônia imprimiram-se camisetas com o slogan: "A Amazônia é nossa". Embora as intenções dos senadores tenham sido de caráter estritamente ambientalista, o escândalo internacional ameaçava prejudicar ainda mais o coração da selva.

O surgimento de uma consciência ecológica no Brasil, fortalecida pela morte de Chico, devolveu as águas a leitos mais razoáveis. Já não eram os ricos do Primeiro Mundo que pediam respeito pelo patrimônio comum da selva, mas vozes dos setores mais progressistas da sociedade brasileira, para quem as alusões nacionalistas de Sarney não eram mais que uma maneira de conseguir respaldo para seu governo. O fato de os países industrializados terem devastado seus recursos não significava que o Brasil devia seguir pelo mesmo caminho. Se havia algo a aprender com os erros alheios, a Amazônia devia se favorecer disso. A geração de brasileiros que crescera com a ditadura militar estava cansada de uma política de desenvolvimento a qualquer custo, que não apenas havia devastado a Amazônia, como também levara o país a acumular a maior dívida externa do mundo no início da década de 1990. Porém, simpatizava com esse herói inesperado que o país havia produzido e que fascinava o mundo inteiro.

No rastro de Chico Mendes foi crescendo uma onda de simpatia pela causa dos indígenas e por valores autóctones desprezados secularmente. Foi como uma redescoberta do Brasil pelos brasileiros, mais uma consequência da transição à democracia. A solidariedade da opinião pública para com os organizadores do Primeiro Encontro dos Povos do Xingu, em março de 1989, foi um exemplo dessa mudança de atitude. A cidade de Altamira saiu brevemente da letargia em que o fracasso da Transamazônica a havia mergulhado e deu as boas-vindas à multidão que foi participar de um encontro que visava impedir a construção de barragens em território de índios caiapós. Jornalistas, parlamentares, ecologistas, advogados especializados em direitos humanos do Brasil e do mundo inteiro e até o cantor Sting (que estava em turnê com o cacique Raoni para arrecadar 3,4 milhões de dólares para comprar e delimitar uma grande porção de território para os índios) foram apoiar a iniciativa dos organizadores, o índio Paiakan e o

antropólogo Darrell Posey. Em uma cena que correu mundo através das redes de televisão, uma prima de Paiakan chamada Tuíra fez com o engenheiro da companhia hidrelétrica Eletronorte o mesmo que sua tia havia feito com o general que tão pomposamente presidira a cerimônia de delimitação do território, depois dos acontecimentos de Maria Bonita. Em um estádio lotado de índios em vestimentas de guerra, a jovem puxou seu longo facão e bateu com a lâmina de lado em seus ombros e rosto, gritando frases incompreensíveis, que depois foram traduzidas: “Não precisamos de energia. A única coisa que vocês querem é roubar a terra do índio!”.

O país certamente tinha prioridades mais urgentes que inundar 30 mil quilômetros quadrados de terras indígenas e provocar um novo escândalo internacional. Sensível às pressões da opinião pública brasileira, no fim do encontro o governo anunciou a suspensão indefinida do projeto hidrelétrico do Xingu. Por sua vez, o Ministério de Justiça anulou o julgamento previsto contra Paiakan e Posey e retirou as acusações de terem denegrido a imagem do Brasil. Foi uma nova vitória de Paiakan, transformado em um especialista em tratar com os meios de comunicação e em táticas não violentas de pressão. Darrell Posey, para fugir das ameaças e do clima denso que seu compromisso total com a causa dos índios criou no resto da comunidade científica da Amazônia, aceitou uma proposta da Universidade de Munique para terminar seu Projeto Caiapó, um titânico esforço para conservar todo o conhecimento da tribo (agrícola, medicinal, tecnológico, etc.) compilado em seus doze anos de convívio com a aldeia.

Paiakan, depois de Altamira, não voltou a Belém; penetrou ainda mais na selva. Foi morar na aldeia de seu pai, no mais profundo território caiapó, para estudar práticas de pajelança a fim de poder transmiti-las a seus filhos, em um esforço – paralelo ao de seu amigo Posey – de recuperar o conhecimento e os valores tão ameaçados de extinção como o resto da selva. Mas Paiakan havia passado tempo demais no mundo dos brancos para voltar à vida tribal. Sua existência era como um fio esticado entre o Neolítico e o século XXI, um fio que acabaria se partindo.

Pouco tempo depois, do outro lado da Amazônia, realizou-se o velho sonho de Chico Mendes: o Encontro dos Povos da Selva, que reuniu pela primeira vez índios e seringueiros para reforçar suas reivindicações comuns. O evento teve uma importante cobertura nacional, e a partir desse momento começaram a se notar mudanças positivas. O governo anunciou a suspensão das subvenções que

até então haviam tornado o desmatamento rentável. O Departamento de Tecnologia Agrícola da Universidade do Acre recebeu 1 milhão de dólares para pesquisar cultivos alternativos nas reservas extrativistas, como pimenta, café e cacau. Várias universidades receberam fundos para iniciar estudos sobre a utilização de plantas e a agricultura indígena. As doações das organizações ambientais aumentaram, e os seringueiros receberam fundos da Embaixada da Holanda, da Fundação Ford e do Canadá. O governo prometeu uma pensão a Ilzamar. E, acima de tudo, diminuiu o número de assassinatos de líderes rurais. Os números do ano seguinte ao da morte de Chico foram cinquenta por cento mais baixos, mas todo mundo sabia que os latifundiários não estavam dispostos a jogar a toalha. Não em vão o número de cabeças de gado na Amazônia era vinte vezes superior ao de habitantes.

O INTERESSE INTERNACIONAL TROUXE UM perigo insuspeitado para o movimento dos seringueiros, quase tão insidioso quanto a ameaça dos fazendeiros: o dinheiro de Hollywood. Chico Mendes havia morrido tão pobre como vivera. Suas posses se limitavam a uns pares de sandálias, dois pares de sapatos e alguma roupa. Sua casa, transformada em um museu que se visita em meio minuto, de tão vazia, tinha os móveis imprescindíveis para um mínimo conforto. Até o fato de o banheiro ficar fora da casa havia facilitado o atentado. De repente, depois que os jornalistas foram embora de Xapuri, começou o desfile de produtores de cinema, desejosos de levar a história do “mártir ecologista” à telona. Enroscados em uma concorrência feroz pelo interesse mundial da imprensa, os produtores fizeram o preço dos direitos subir até a astronômica quantia de 1,5 milhão de dólares, batendo o recorde da história de Hollywood. Mas, infelizmente, a maior parte desse dinheiro foi parar nas mãos de uma companhia cinematográfica brasileira que atuou como agente, e não nas mãos dos seringueiros. Fiéis a sua desgraça, os seringueiros continuavam sendo vítimas dos intermediários.

Com parte do dinheiro dos direitos, Ilzamar se mudou para uma casa melhor, na mesma rua, comprou uma caminhonete e abriu um restaurante popular, despertando a inveja dos vizinhos e transformando-se no alvo das fofocas mais variadas. Pouco a pouco, foi assumindo o que havia sido sua vida e não teve receio de falar publicamente disso: “Chico foi um bom marido, um bom pai, mas não me deixava nenhum espaço. Eu só servia para cuidar da casa e das crianças e para dar comida aos companheiros. Porém, quero continuar na luta. Será minha resposta a todo mundo, até aos que mataram meu marido”. A qualidade da mudança de Ilzamar só se comparava a outra ocorrida doze anos antes, quando

um seringueiro a ensinara a ler e a escrever e a fizera descobrir um pouco do mundo. Depois de ter se casado com ele e de ter enxugado o sangue que corria pelo canto de seus lábios após ser baleado, Ilzamar nunca mais seria a mesma. A dócil esposa de Chico também havia morrido naquele dia, e em seu lugar estava nascendo outra mulher que teria que caminhar sozinha.

Da mesma maneira, a selva não voltaria a ser a mesma depois do assassinato de Chico. Embora sua morte não tenha bastado para salvar a maior massa florestal do planeta, serviu para deter momentaneamente o processo de devastação. Serviu para que no Brasil e no mundo se tomasse consciência de que a destruição significa o suicídio de todos e a perda de milhões de anos de investimento que o planeta realizou em sua própria evolução. A morte de Chico Mendes mostrou ao mundo uma nova face da selva, a de um universo habitado por seres humanos em harmonia com as demais espécies, uma visão que revela a impressionante necessidade que os homens têm desse grande depósito de vida, dessa imensa fábrica de fotossíntese, dessa estufa da evolução. O conceito da selva como um território que só espera ser transformado em pasto para gado desapareceu para sempre com o tiro que matou o líder seringueiro. Talvez ele soubesse que só sua morte conseguiria esse mínimo de justiça que ele pedia para si e para os seus, e talvez por isso tenha optado por voltar a Xapuri em vez de se refugiar em algum lugar seguro. Talvez soubesse que só sua morte serviria para que o coração da selva continuasse batendo.

Los Angeles, novembro de 1988

Finestrat, março de 1992

******** Barber Conable não mencionou, porém, que tudo o que havia fracassado naquele projeto fora previsto por um funcionário de sua instituição, o especialista em assuntos ambientais Robert Goodland, que, cansado de pregar no deserto, passara a colaborar com Bruce e Barbara. Ele estava na extremidade da mesa enquanto o presidente fazia seu discurso. (N. A.)

******** A campanha foi orquestrada por Lori Udall, do Fundo de Defesa do Meio Ambiente. A pressão culminou com a retirada do governo japonês de Narmada, um fato sem precedentes. (N. A.)

EPÍLOGO

A partir de 1989, o nome de Chico Mendes foi relegado ao esquecimento pelos meios de comunicação. Apenas cinco pessoas compareceram à pequena igreja de Washington onde se celebrou uma missa pelo primeiro aniversário de sua morte. Nem a imprensa, nem os fotógrafos, nem os políticos, nem os diplomatas estiveram presentes. Mas Steve, Bruce e Barbara viram o senador Kasten chegar, sozinho e vestido de preto. O senador permaneceu em pé até o final da cerimônia, apesar de não haver ali nada politicamente interessante para ele. Foi seu jeito de agradecer ao seringueiro que lhe havia mostrado "a face humana da devastação ambiental", segundo suas próprias palavras.

Três dias antes do final de seu mandato, o presidente Sarney havia assinado o decreto-lei que criava a *reserva extrativista* como espaço territorial especialmente protegido para uso sustentável dos recursos e benefício das populações locais. Pela primeira vez, uma decisão tomada pelo homem permitiria em certas áreas que a grande selva primitiva, resultado da evolução e da concorrência ilimitada de suas espécies durante milhões de anos, continuasse existindo em sua forma essencial. Os seringueiros comemoraram a inauguração da Reserva Extrativista Chico Mendes, uma extensão de quase 1 milhão de hectares, com forró e lambada, assado de porco-do-mato e macacos ao molho, com a certeza de que Chico Mendes continuava velando por eles em algum canto sideral.

Em seu instituto, Mary Allegretti empenhou-se por criar o maior número possível de reservas. Porém, dedicou-se a uma delas com afinco especial. Queria cumprir a promessa que havia feito a si mesma doze anos antes, quando seu amigo Terry Vale de Aquino a havia largado no meio daquela gente tão abandonada do Seringal Alagoas, a quem decidiu dedicar a vida. Agora, pensou Mary, havia chegado a vez de seus amigos do fim do mundo. Afinal de contas, eles haviam sido a inspiração que guiara seus passos. Devolver-lhes a dignidade seria sua maior satisfação.

*

Em dezembro de 1990, os seringueiros e camponeses do Acre e de outras partes da Amazônia arrumaram a trouxa e rumaram para a fronteira com a

Bolívia. Foram se reunindo nas margens dos rios, nos acostamentos das estradas, nas estações de ônibus; caminhavam em uma densa poeira avermelhada ou meio afundados no lodo; alguns iam a cavalo ou em mulas, outros pediam carona, e havia tanto trânsito que não era difícil encontrar transporte, porque todos iam para o mesmo lugar e tinham pressa de chegar. Tinham muito a perder ou muito a ganhar com o que ia ser celebrado na cidade de Xapuri. A maioria não havia feito esse percurso desde o dia do enterro de Chico Mendes, dois anos antes. Agora, voltavam porque havia chegado a hora de fazer justiça. Na Amazônia, chamavam-no de "o julgamento do século", e embora alguns observadores achassem que a expressão era exagerada, outros pensavam que era acertada, porque refletia a mais estrita realidade: era o julgamento do século por ser o único conhecido no Brasil contra latifundiários. Aos seringueiros e camponeses foram se juntando políticos, cidadãos brasileiros e observadores internacionais que literalmente invadiram a pequena cidade, sacudindo-a de seu ritmo sonolento. Era o ritmo marcado pela fatalidade, a regular cadência de tragédias à qual Xapuri não parecia poder escapar. Nem mesmo durante a última grande celebração antes do julgamento, as festas de São Sebastião de janeiro de 1990, conseguiram evitar o derramamento de sangue, consequência de outros crimes anteriores que remontavam a outros ainda mais distantes, como um túnel de infâmia sem começo nem fim. Dessa vez, de uma moto em movimento haviam atirado em um seringueiro que traíra os seus para se tornar pistoleiro. Fazendo isso, desencadeara-se o vendaval de violência que culminara nesse julgamento público. José Brito, que havia vendido sua colocação do Seringal Cachoeira a Darly Alves e que acabara se tornando mais um matador pago pelo temido clã, havia sido detido e confessara ter comprado várias armas para Darly e seus filhos, inclusive o revólver 38 usado no atentado aos seringueiros que acampavam em frente ao Instituto Florestal. Segundo o detetive Nilson, a morte de Brito não foi uma vingança dos seringueiros pela traição, e sim uma vingança dos Alves pelas declarações dele. De fato, seu testemunho serviu para que Darci e Oloci fossem declarados culpados dos tiros disparados diante do Instituto Florestal e condenados a doze anos de prisão em um julgamento que só interessou aos habitantes de Xapuri.

Agora, a atenção suscitada não tinha precedentes na história da Amazônia. Nem mesmo o espanhol Luis Gálvez quando se proclamou imperador da selva ou os comerciantes mais visionários da época da borracha teriam podido imaginar que tamanha avalanche de gente chegaria para o julgamento dos assassinos de um seringueiro. Uma semana antes haviam começado a chegar

caminhonetes com telefones, unidades móveis de televisão e caminhões distribuidores de comida, diante do olhar atônito dos funcionários da prefeitura, que se esmeravam em cortar os cipós e tirar o mato da entrada e dos arredores do edifício do tribunal. No primeiro dia do julgamento, o jovem Darci Alves, já condenado a doze anos pelos tiros disparados diante do Instituto Florestal e que havia anulado sua confissão de culpa no assassinato de Chico, surpreendeu todos os presentes, inclusive seus advogados, ao se confessar de novo autor do atentado. Romeu Tuma, superintendente da Polícia Federal, declarou que podia ser uma tática do filho para conseguir a absolvição do pai. Quando o juiz perguntou ao velho e esquelético Darly, vestido com jeans e tênis, se estivera envolvido no crime, o homem respondeu: “Não, não é verdade. Eu não participei”. Mas o promotor e os advogados de acusação aniquilaram a defesa expondo provas irrefutáveis e apresentando testemunhos categóricos como o do jovem Genésio Barbosa. Implacável, a jovem testemunha declarou que o velho Darly havia ordenado o assassinato. O rapaz não baixou os olhos um momento sequer. Parecia outro; já não tinha aquele aspecto hermético nem o ar de pássaro acossado. Vencera o medo porque se sentia protegido; agora morava a milhares de quilômetros dali, em um ambiente totalmente diferente do da Fazenda Paraná. Havia sido apadrinhado pelo respeitado jornalista do Rio de Janeiro, Zuenir Ventura, o único entre todos os indivíduos e entidades nacionais e estrangeiras, religiosas e laicas, a sentir compaixão por esse rapaz que havia crescido tendo pistolas de verdade como únicos brinquedos. O jornalista assumiu as necessidades do rapaz, e junto com dom Moacyr se responsabilizou por sua educação, mandando-o a um colégio da ordem em algum lugar do Sul. Então, o rapaz voltara a Xapuri para soltar a verdade que faria história na região.

Na manhã seguinte, o júri deu a sentença. Pai e filho foram condenados a dezenove anos de prisão como autores do crime, com o agravante de tê-lo cometido por motivo trivial. Era a primeira vez que um latifundiário era condenado como mandante. “Existem outros criminosos que usaram Darly e Darci, mas continuam na sombra”, declarou o promotor Bastos. Esses não cairiam nas redes da justiça. Nem Alvarino e Mineirinho, escondidos, segundo todos os indícios, na fazenda de uns amigos no Paraguai.

*

Mas o eco de alegria dos que aplaudiram a sentença, pensando que finalmente havia chegado a hora da justiça na Amazônia, foi se transformando em murmúrio de inquietude. Pouco a pouco, começaram a vazar informações sobre

as condições de vida dos Alves na prisão. Darly saía da penitenciária de vez em quando, e havia sido visto várias vezes em companhia de uma de suas mulheres. Em um de seus arroubos, chegou a ameaçar de morte o diretor da prisão por se negar a permitir entrar em sua cela uma televisão colorida, presente de um amigo pecuarista. Foram apresentadas várias denúncias sobre a falta de segurança na penitenciária e a situação privilegiada em que os Alves viviam. Mas, da mesma maneira que os poderes públicos não deram ouvidos a Chico Mendes quando anunciava sua morte, também não fizeram nada para aumentar a vigilância na prisão. Tal como haviam anunciado um dia, os Alves fugiram em fevereiro de 1993, um mês antes de terem que se apresentar perante a justiça do Paraná. Com a fuga dos Alves, a impunidade voltava a reinar na Amazônia.

*

Os Alves se esconderam em um assentamento no interior do Pará, onde foram recapturados em junho de 1996 e de novo trancafiados na prisão de Rio Branco. Os problemas de saúde de Darly, que o levaram a passar por uma cirurgia, permitiram que se beneficiasse das saídas temporárias, e finalmente, em setembro de 2010, a justiça lhe concedeu o direito de cumprir o resto da pena em prisão domiciliar. De modo que, aos 75 anos, volta a morar na fazenda Paraná com seu filho Darci, uma humilhação ainda maior para a família de Chico.

Embora Ilzamar e seus filhos vivam em Rio Branco, vão com frequência a Xapuri para cuidar da fundação criada para preservar a memória de seu marido, cuja sede se encontra na casa onde moravam. Os encontros casuais entre os membros das duas famílias, seja na rua, em edifícios públicos e até nas agências bancárias, são comuns. “Temos que conviver com esses assassinos”, declarou amargamente Ilzamar à imprensa.

NOTA DO AUTOR, 20 ANOS DEPOIS

A herdeira de Chico Mendes

Ao morrer, Chico Mendes deixou uma herdeira política, Marina Silva. Quando a conheci em Rio Branco, enquanto fazia a pesquisa deste livro, ela estava sendo ameaçada pelo mesmo grupo de latifundiários que haviam conspirado para acabar com o líder seringueiro. Mas levava vida normal, estimulando os sindicatos de trabalhadores rurais a lutar por seus direitos, e os índios a ficar em suas terras, justamente para protegê-las. Filha da selva, nascida em uma família de onze irmãos em uma pequena comunidade de seringueiros do Acre, viveu na infância condições de privação inimagináveis até para os mais pobres. Três de seus irmãos morreram de caxumba, e sua mãe, de malária. Ela mesma foi vítima de uma hepatite muito grave, que a obrigou a sair da selva para buscar tratamento médico em Rio Branco. Depois de curada, trabalhou como empregada doméstica, fez um curso para adultos analfabetos e concluiu o ensino fundamental. Mais tarde conseguiu entrar na faculdade, formando-se em História aos 26 anos. Aí começou sua carreira política, sempre com uma ideia em mente: proteger a selva que a viu nascer.

Sua biografia é tão formidável quanto o resultado obtido nas últimas eleições presidenciais, quando conseguiu 19,3 por cento dos votos. Ou seja, um a cada cinco brasileiros votou nela. É um resultado que augura para ela e para sua causa um futuro promissor, e tenho certeza de que Chico Mendes a aplaudiu do limbo celestial onde quer que se encontre. De alguma maneira, a vitória de Marina dá sentido ao sacrifício de Chico Mendes. Ambos são feitos da mesma matéria, de uma honradez e uma integridade que são a marca dos que conheceram a pobreza e não a esqueceram. Marina sempre se manteve fiel ao seu compromisso, inalterável e incorruptível, a ponto de ter pedido exoneração do cargo de ministra do governo Lula em 2007 ao ver que o ambicioso plano que havia traçado para lutar contra o desmatamento e para criar uma grande reserva indígena era sistematicamente sabotado por outros membros do governo. Foi ainda mais longe: acabou deixando sua militância de três décadas no Partido dos Trabalhadores e se juntou ao Partido Verde.

Se conto tudo isso é porque a trajetória dessa mulher exemplar, elogiada no

mundo todo por seu trabalho à frente de seu ministério, diz muito sobre as dificuldades que existem para proteger o meio ambiente. Diz muito sobre o estado da Amazônia brasileira hoje em dia. Abandonou seu cargo por não receber o apoio necessário para manter seu programa. Havia conseguido que, pela primeira vez, fossem tomadas medidas drásticas, como a anulação dos incentivos fiscais à pecuária, a proibição do crédito a empresas ilegais e que fosse preso não só quem destruía a selva, mas também quem plantava para depois produzir e exportar. Mas, diante da tensão que aquelas medidas provocaram, o governo viu-se obrigado a revogá-las. Por isso Marina se demitiu, por coerência consigo mesma. Mas seu legado é importante: durante seu mandato, conseguiu que o desmatamento diminuísse em 57 por cento Em certo sentido, Marina foi vítima de seu sucesso. Como Chico Mendes, mas com resultados diferentes.

“Aqueles que não entendem que se deve lutar de frente tanto pelo meio ambiente quanto pelo desenvolvimento não entendem a equação deste século. Só veem no curto prazo, e eu tenho que velar pelo longo prazo” – declara Marina aos que a acusam de ser um freio para o desenvolvimento. Ela não quer que se repitam os erros que acabaram com a Mata Atlântica, acredita que ainda resta esperança em salvar a Amazônia.

A esperança é ela. Sua personalidade, sua história e seu forte senso ético da política são um capital de um valor extraordinário. Ao votar em Marina Silva, muitos jovens nesse país de gente jovem que é o Brasil colocaram a herdeira de Chico Mendes em um lugar estratégico. Aquilo que ela conseguir não será importante só para o Brasil, mas também para o resto do mundo. Porque a tomada de uma consciência ecológica em um país que está a caminho de se tornar a quinta potência mundial daqui a cinco anos abre perspectivas imprevistas de liderança mundial. Só nos resta esperar que Marina possa se livrar do destino que os poderosos da Amazônia têm reservado para aqueles que ousam lutar pela justiça, pelo desenvolvimento sustentável ou simplesmente por seus direitos.

Janeiro de 2011

BIBLIOGRAFIA

BARBÉ, Dominique. *La glâce et le pouvoir.* Paris: Éditions du Cerf, 1982.

BASTOS, Sebastião. *Ma forêt au bord du grand fleuve.* Paris: Laffont, 1976.

BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazon.* Londres/Nova York: Penguin, 1988.

BOFF, Clodovis. *Deus* e *homem no inferno verde.* Petrópolis: Vozes, 1978.

BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação.* Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANFORD, Sue & GLOCK, Oriel. *The Last Frontier: Fighting over Land in the Amazon.* Londres: Zed, 1985.

CLEARY, David. *Anatomy of the Amazon Cold Rush.* Londres: MacMillan, 1990.

COLLIER, Richard. *The River that God Forgot: the Story of the Amazon Rubber Boom.* Londres: Collins, 1968.

COWELL, Adrian. *The Decade of Destruction: the Crusade to Save the Amazon Rainforest.* Nova York: Henry Holt, 1991.

DUARTE, Elio G. *Conflitos pela terra no Acre: a resistência dos seringueiros de Xapuri.* Campinas: Unicamp, 1987.

DWYER, Augusta. *Into the Amazon: the Struggle for the Rainforest.* San Francisco: Sierra Club, 1990.

FEARNSIDE, Philip; TARDIN, A. T.; MEIRA FILHO, L. G. "Deforestation Rate in Brazilian Amazonia", Inpe/Inpa, São José dos Campos/Manaus,1990.

FERNÁNDEZ, Julio Luis. *Opción por los pobres en la Teología de la Liberación.* Madri: Universidad Pontificia de Salamanca, 1985.

FORSYTH, Adryan & MIYATA, Ken. *Tropical Nature: Life and Death in the Rain Forests of Central and South America.* Nova York: Scribner's, 1984.

FURNEAUX, Robin. *Story of a Great River.* Londres: Hamish Hamilton, 1969.

GROSS, Tony. *Fight for the Forest: Chico Mendes in His Own Words.* Nova

York: Monthly Review, 1989.

HECHT, Susanna & COCKBURN, Alexandre. *The Fate of the Forest: Developers, Destroyers and Defenders of the Amazon.* Londres: Verso, 1989.

HEMMING, John. *Amazon Frontier: the Defeat of the Brazilian Indians.* Londres: MacMillan, 1987.

MARTINELLO, Pedro. *A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial.* Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 1988.

MYERS, Norman. *The Primary Source: Tropical Forests and Our Future.* Nova York: Norton, 1985.

NUNES LEAL, Paulo. *O outro braço da cruz.* Porto Velho: Governo de Rondônia, 1984.

QUEIROZ, Rachel de. *Lampião.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

QUEIROZ, Rachel de. O *Quinze.* Rio de Janeiro: José OIympio, 1930.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas.* São Paulo: Record, 1986.

REVKIN, Andrew. *The Burning Season: the Murder of Chico Mendes and the Fight for the Amazon Rain Forest.* Boston: Houghton Mifflin, 1990.

RIVERA, José Eustasio. *La Vorágine.* Bogotá: Alianza, 1942.

SHOUMATOFF, Alex. *The World Is Burning: Murder in the Rain Forest.* Boston: Little & Brown, 1989.

STONE, Roger. *Dreams of Amazonia*. Nova York: Viking, 1985.

VAN NIEUWIENHOVE, Jacques. *Jésus et la Libération en Amérique Latine.* Paris: Desclée, 1986.



JAVIER MORO é autor de *O Sari Vermelho* (Planeta do Brasil, 2009) e *Paixão Índia* (Planeta do Brasil, 2006), ambos sucesso de crítica e de venda na Espanha, no Brasil e em vários países europeus, com sua tradução para 17 idiomas. *O império é você é* o seu último romance, e ganhou o Prêmio Planeta 2011.